



HAL
open science

Frase complexa em cabo-verdiano (variedade de Santiago) : um estudo da integração entre cláusulas)

Eliane Cristina Araújo Vieira Semedo

► To cite this version:

Eliane Cristina Araújo Vieira Semedo. Frase complexa em cabo-verdiano (variedade de Santiago) : um estudo da integração entre cláusulas). Linguistics. Institut National des Langues et Civilisations Orientales- INALCO PARIS - LANGUES O'; Universidade federal do Ceará, 2021. Portuguese. NNT : 2021INAL0017 . tel-03469603

HAL Id: tel-03469603

<https://theses.hal.science/tel-03469603v1>

Submitted on 7 Dec 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Institut National des Langues et Civilisations Orientales
École doctorale n°265 *Langues, littératures et sociétés du monde*
[LLACAN UMR 8135]

THÈSE EN COTUTELLE

avec

Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Análise e Descrição Linguística

présentée par Eliane Cristina ARAÚJO VIEIRA SEMEDO

soutenue le **05 juillet 2021**

pour obtenir le grade de **Docteur de l'INALCO**

en **Science du langage : linguistique et didactiques des langues**

**Une étude de l'intégration syntaxique des propositions dans la phrase
complexe en capverdien (variété de Santiago)**

**[Frase complexa em cabo-verdiano (variedade de Santiago) : um estudo
da integração entre cláusulas]**

THÈSE dirigée par :

M. Nicolas QUINT
Mme Márluce COAN

Directeur de recherche, INALCO
Professeure des universités, Université Fédérale du Ceará

RAPPORTEURS :

Hugo CARDOSO
Violeta Virgínia RODRIGUES

Maître de conférences, Université de Lisbonne
Professeure des universités, Université Fédérale de Rio de Janeiro

MEMBRES DU JURY :

Hugo CARDOSO
Adrián RODRÍGUEZ-RICCELLI
Violeta Virgínia RODRIGUES
Valdecy de OLIVEIRA PONTES
Nicolas QUINT
Márluce COAN

Maître de conférences, Université de Lisbonne
Maître de conférences, Université de l'État de New York à Buffalo
Professeure des Universités, Université Fédérale de Rio de Janeiro
Professeur des Universités, Université Fédérale du Ceará
Directeur de Recherche, LLACAN (UMR8135 – CNRS/INALCO/USPC)
Professeure des Universités, Université Fédérale du Ceará

ELIANE CRISTINA ARAÚJO VIEIRA SEMEDO

FRASE COMPLEXA EM CABO-VERDIANO (VARIÉDADE DE SANTIAGO): UM
ESTUDO DA INTEGRAÇÃO ENTRE CLÁUSULAS

Tese em cotutela internacional apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará e à *École Doctorale* nº 265 do *Institut National des Langues et Civilisations Orientales*, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.
Orientadores: Dr. Nicolas Quint e Profa. Dra. Márluce Coan.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S47f Semedo, Eliane Cristina Araújo Vieira.
Frase complexa em cabo-verdiano (variedade de Santiago) : um estudo da integração entre cláusulas /
Eliane Cristina Araújo Vieira Semedo. – 2021.
516 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em Linguística, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.
Coorientação: Prof. Dr. Nicolas Quint.
1. Articulação de cláusulas. 2. Coordenação. 3. Subordinação. 4. Crioulo de Cabo Verde. 5. Frase
complexa. I. Título.

CDD 410

ELIANE CRISTINA ARAÚJO VIEIRA SEMEDO

FRASE COMPLEXA EM CABO-VERDIANO (VARIEDADE DE SANTIAGO): UM
ESTUDO DA INTEGRAÇÃO ENTRE CLÁUSULAS

Tese em cotutela internacional apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará e à *École Doctorale* n° 265 do *Institut National des Langues et Civilisations Orientales*, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovado em: ___/___/____.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Nicolas Quint Orientador Institut National des Langues et Civilisations Orientales (INALCO)	Profa. Dra. Márluce Coan Orientadora Universidade Federal do Ceará (UFC)
Hugo Cardoso 1º Examinador Universidade de Lisboa	Adrián Rodríguez-Riccelli 2º Examinador State University of New York at Buffalo
Violeta Virgínia Rodrigues 3ª Examinadora Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Valdecy de Oliveira Pontes 4º Examinador Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Luiz e Etelvides, que desde muito cedo me mostraram o valor da educação e do esforço para alcançar meus objetivos.

À minha filha, Helena Smedo, que me motiva a cada minuto com seu sorriso, carinho e companhia e me faz acreditar que eu posso ir muito além do que imagino.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da Bíblia, que me deu uma nova vida. Sou grata por seu imenso amor e sustento diário. Sem sua capacitação não teria escrito nenhuma palavra deste trabalho. Ao Senhor, toda honra, glória e louvor!

Aos meus pais, Luiz e Etelvídes, que desde muito cedo me incentivaram a me esforçar pela busca do conhecimento. Sou imensamente grata pelo investimento que fizeram nos meus estudos, mas, principalmente, por orarem constantemente por mim e por se fazerem presentes na minha vida, mesmo fisicamente tão distantes.

Ao meu amado esposo, Aires Semedo, pelo seu apoio incondicional, por sua parceria, por ser meu informante incansável da língua cabo-verdiana, estando disposto a responder às minhas questões mesmo na madrugada. Sou imensamente grata por seu imenso trabalho de transcrição ortográfica do *corpus*, por sua compreensão com minhas ausências, por você não medir esforços para que eu tivesse tempo para me dedicar a esta pesquisa. Obrigada pelos lanches que você me trouxe, enquanto eu trabalhava madrugada adentro. Aqui não caberiam todos os meus motivos de gratidão a você. Sem você tudo seria tão difícil.

Aos meus filhos, Aimar e Helena, por alegrarem minha vida e motivarem-me a ir além dos meus limites.

Ao meu querido orientador, Dr. Nicolas Quint, por caminhar comigo de forma tão presente, mesmo a um continente de distância, por me ensinar tanto e de forma tão paciente e didática sobre a língua cabo-verdiana e sobre tantos outros temas. Sua forma de orientar, mostrando-se sempre incansável e empolgado com as descobertas da pesquisa, foi um verdadeiro bálsamo de ânimo para os momentos em que eu estava no limite das minhas forças. Minha gratidão a você é imensa.

À minha querida orientadora, Dra. Márluce Coan, por sua contribuição valiosa a esta pesquisa e por sua forma doce e amável de me orientar, pela sua compreensão em momentos adversos. Sinto-me privilegiada por tê-la comigo nesta jornada.

À minha irmã, Patrícia Vieira, por me apoiar em diversas situações, contribuindo com minha vida acadêmica, motivando-me em momentos adversos e representando-me em diversas situações burocráticas em que não pude me deslocar ao Brasil. Obrigada por suas sugestões e por sua parceria, principalmente, por vibrar com minhas conquistas e por me incentivar a não desanimar diante dos obstáculos.

À querida amiga Marilúcia Lima e à sua família por suas orações e apoio logístico durante minhas viagens ao Brasil. Marilúcia, sua amizade e seus conselhos me ajudaram a

ultrapassar tempos tão difíceis. Você é a verdadeira expressão de Provérbios 18:24 “[...] existe amigo mais apegado que um irmão”.

À querida amiga Karina Moreira, minha segunda informante do cabo-verdiano, por estar sempre disposta a refletir comigo sobre sua língua materna, por me acolher na sua casa em Paris e por compartilhar comigo momentos de tensão e de vitórias, sofrendo e sorrindo.

À minha filha do coração, Jéssica Correia, que muitas vezes me ajudou tanto nos afazeres domésticos e nos cuidados com meus filhos para que eu dispusesse de mais tempo para esta pesquisa. Querida “filha”, sua companhia foi preciosa durante esses anos.

Aos membros do laboratório LLACAN, que me acolheram com carinho. A Jeanne, Isabelle e Magali, sempre tão prestativas nas questões administrativas. Aos técnicos, Christian e Tahar, sempre prontos a me ajudar com o programa de análise de dados e outras questões técnicas.

Aos funcionários da *Ecole Doctorale 265 – INALCO*, especialmente, à secretária Cécile Corniquel, por sua prestatividade e por tratar-me com tanta gentileza quando precisei esclarecer questões administrativas.

Ao LLACAN e ao INALCO, por financiarem minha participação em diversos congressos e mobilidades para pesquisar no laboratório LLACAN; e à USPC, por financiar minha mobilidade de três meses no Brasil.

À diretora do PPGL-UFC, Dra. Rosemeire Plantin, e aos demais professores e funcionários do PPGL, sou grata pelo aprendizado e pela colaboração para que a cotutela de tese fosse estabelecida e levada a cabo com êxito.

Aos membros da banca, Dr. Hugo Cardoso, Dr. Andrián Rodríguez-Riccelli, Profa. Dra. Violeta Rodrigues e Prof. Dr. Valdecy Pontes, pelo tempo dedicado à leitura e apreciação deste trabalho. Agradeço à Profa. Dra. Violeta Rodrigues pelas orientações no Seminário de Pesquisa II. Sou também grata ao Prof. Dr. Valdecy por suas sugestões na qualificação do meu projeto de pesquisa e por suas intervenções no estabelecimento da cotutela.

Ao amigo Renato Costa, pela versão do resumo em inglês e por me aconselhar em momentos cruciais.

À amiga Astrid Santos, pela revisão do resumo estendido em francês e por me prestar diversas ajudas nas minhas estadias em Paris, demonstrando sempre sua carinhosa prestatividade.

À Ana Carla, por seu trabalho de revisão e formatação desta tese.

Aos participantes cabo-verdianos, que têm preservado a linda tradição da contação de histórias tradicionais orais.

À Guylaine Brun-Trigaud, do laboratório *Base, Corpus, Langage* (BCL – UMR7320 / Université Nice Sophia Antipolis), pela elaboração do mapa com as localidades de coleta do *corpus*.

Aos irmãos da Igreja Batista Manancial, em Fortaleza, pelas orações, apoio e parceria durante tantos anos.

Aos irmãos da Igreja da Bíblia, pela compreensão nas minhas ausências, pelas orações e motivação.

Enfim, agradeço imensamente ao povo cabo-verdiano, que me acolheu nesta bela terra e partilhou sua língua e cultura comigo, fazendo-me uma “brasileira-badia”.

RESUMO

O crioulo de Cabo Verde é a língua materna da maioria dos habitantes das ilhas que formam a República epônima, a qual tem por única língua oficial o português. É um crioulo de base lexical portuguesa, seu léxico oriundo do português quinhentista, sua língua lexificadora. No entanto, uma proporção considerável do seu sistema gramatical vem das suas línguas africanas de substrato, especialmente, uólofe, mandinka e timené (QUINT, 2000; 2006) e a sua origem deve-se também a fenômenos de reestruturação do material de origem do português. Apesar dos diversos estudos desenvolvidos sobre a variedade de Santiago, ao nível da frase complexa, há ainda poucas pesquisas com *corpora* válidos. Portanto, o estudo da integração entre cláusulas a partir de um *corpus* oral espontâneo da variedade mais basilectal da ilha de Santiago mostrou-se necessário por conta das especificidades dessa língua em contraste com a língua portuguesa. Assim, esta pesquisa teve por objetivo analisar a integração entre cláusulas na frase complexa em narrativas tradicionais orais, observando fatores linguísticos que operam para menor ou maior integração e tendo como aporte teórico a Linguística Funcional de vertente norte-americana (GIVÓN, 1979, 1995, 2001; HOPPER; THOMPSON, 1980; HOPPER; TRAUOT, 1993, 2003; LONGACRE, 1985, 2007; LEHMANN, 1988). Os dados para análise desta pesquisa fazem parte do *corpus Histórias Tradicionais de Cabo Verde* do laboratório LLACAN (*Langage, Langues et Cultures d'Afrique – UMR8135*). A amostra selecionada para este estudo foi constituída por doze narrativas tradicionais orais, coletadas entre os anos 2004 e 2015, em doze localidades distintas do interior da ilha de Santiago, e foi tratada no *software* ELAN para análise de dados. A partir da análise qualitativa e quantitativa dos dados, esta pesquisa propôs-se a responder à questão basilar: Como se estabelece o *continuum* de integração entre as cláusulas no santiaguense? A análise dos dados baseou-se nos estudos tipológicos translinguísticos de Cristofaro (2003) e Andrews (2007) para a subordinação, Haspelmath (2007) e Mauri (1981) para a coordenação e Evans (2007) e Cristofaro (2016) para a insubordinação. Para a análise da integração entre as cláusulas, baseamo-nos nos parâmetros propostos por Lehmann (1988): i) rebaixamento hierárquico da cláusula; ii) nível sintático da cláusula principal; iii) desfrasialização da cláusula subordinada; iv) gramaticalização do verbo principal; v) entrelaçamento; e vi) explicitude da vinculação. Os resultados mostram que, no santiaguense, o *continuum* de integração se estabelece da seguinte forma: completivas > relativas > adverbiais > insubordinadas > coordenadas. As cláusulas que se mostram menos integradas são as coordenadas combinativas justapostas, e as mais integradas são as completivas de fase movimento. Os resultados apontam-nos, ainda, um protótipo da integração entre

cláusulas no santiaguense, sendo as cláusulas menos integradas caracterizadas por: i) força ilocucionária; ii) justaposição; iii) predicado codificado por verbo finito; e iv) não entrelaçamento. Por outro lado, as cláusulas mais integradas são marcadas por: i) carência de força ilocucionária; ii) rebaixamento hierárquico; iii) predicado codificado por verbo não finito; iv) ausência de conector; e v) entrelaçamento.

Palavras-chave: Articulação de cláusulas. Coordenação. *Corpus* oral. Crioulo de Cabo Verde. Frase complexa. Integração de cláusulas. Sintaxe. Subordinação.

ABSTRACT

Cape Verdean Creole is the mother tongue of most inhabitants of the islands that constitute the Republic of Cape Verde, where Portuguese is the only official language. Cape Verdean is a Portuguese-based lexical creole, its lexicon mostly comes from 16th century Portuguese, its main lexifier. However, a considerable proportion of the Cape Verdean grammatical system derives from the African substrate, especially Wolof, Mandinka and Timené (QUINT, 2000; 2006), whereas many other Cape Verdean peculiar features are also due to the restructuring of Portuguese material. While there have been various studies on Santiago Cape Verdean, complex sentences have only rarely been investigated for this variety, and even more rarely using reliable *corpora*. Therefore, it has appeared relevant to undertake the study of the different levels of clause integration based on a spontaneous spoken *corpus* of basilectal Santiago Cape Verdean. The choice of a basilectal variety was linked with the concern to illustrate the specificities of Santiago Cape Verdean in contrast with Portuguese. The present research aims at analysing the various degrees of clause integration in complex sentences as attested in traditional Cape Verdean oral narratives, and at elucidating the linguistic factors that contribute to a lesser or greater clause integration. From a theoretical point of view, this study is based on the works of the North American school of Functional Linguistics (GIVÓN, 1979, 1995, 2001; HOPPER; THOMPSON, 1980; HOPPER; TRAUGOT, 1993, 2003; LONGACRE, 1985, 2007; LEHMANN, 1988). The data analysed within the scope of this research are part of the *Traditional Histories of Cape Verde corpus* administered by the research unit LLACAN (*Langage, Langues et Cultures d'Afrique* – UMR8135). The sample selected for this study comprises twelve traditional oral narratives, collected between 2004 and 2015, in twelve different locations in the interior of the island of Santiago. These data were treated using the software ELAN, specially designed for linguistic data analysis. Based on a qualitative and quantitative analysis of the data, this research endeavours to answer the following key question: How can we draw a continuum for clause integration in Santiago Cape Verdean? The data analysis is based on cross-linguistic typological studies such as Cristofaro (2003) and Andrews (2007) for subordination, Haspelmath (2007) and Mauri (1981) for coordination, and Evans (2007) and Cristofaro (2016) for insubordination. For the analysis of clause integration, this study is based on the parameters proposed by Lehmann (1988): i) *hierarchical downgrading*; ii) *syntactic level*; iii) *desententialization of the subordinate clause*; iv) *grammaticalization of the main verb*; v) *interlacing*; and vi) *explicitness of linking*. The results show that, in Santiago Cape Verdean, the continuum of clause integration is established as follows: complement >

relative > adverbial > insubordinate > coordinate. The least integrated clauses are juxtaposed additive coordinate clauses, whereas the most integrated are motion phasal complement clauses. The results also help us define a prototype of clause integration in Santiago Cape Verdean, whereby the least integrated clauses are characterized by: i) illocutionary force; ii) juxtaposition; iii) predicate encoded by a finite verb; and iv) lack of interlacing. On the other hand, the most integrated clauses are marked by: i) lack of illocutionary force; ii) hierarchical downgrading; iii) predicate encoded by a non-finite verb; iv) absence of a connective; and v) interlacing.

Keywords: Clause articulation. Clause integration. Coordination. Cape Verdean Creole. Complex sentence. Spoken *corpus*. Subordination. Syntax.

RÉSUMÉ

Le créole capverdien est la langue maternelle de la majorité des habitants des îles de la République du Cap-Vert, dont le portugais est la seule langue officielle. Le capverdien est un créole à base lexicale portugaise, qui s'est probablement formé vers le 16ème siècle. Cependant, son système grammatical comporte également de nombreux éléments provenant des langues africaines de substrat, notamment le mandingue, le wolof et le temné (QUINT, 2000 ; 2006) tandis que d'autres parties du système sont apparues suite à la restructuration de matériel d'origine portugaise. Bien que de nombreux travaux aient été consacrés au capverdien santiagoais, très peu de ces travaux se fondent sur des corpus constitués et cela est encore plus vrai en ce qui concerne la phrase complexe. Par conséquent, il m'est apparu pertinent d'étudier l'intégration syntaxique des propositions à partir d'un corpus oral spontané et j'ai choisi de constituer ce corpus à partir des variétés les plus basilectales, du fait du contraste qu'elles présentent par rapport à la langue portugaise. Cette étude vise donc à analyser l'intégration syntaxique des différentes propositions constituant les phrases complexes observées dans des récits oraux traditionnels, en prenant en compte les divers facteurs linguistiques qui contribuent à cette intégration. D'un point de vue théorique, cette étude se fonde sur la linguistique fonctionnelle nord-américaine (GIVÓN, 1979, 1995, 2001 ; HOPPER ; THOMPSON, 1980 ; HOPPER ; TRAUGOT, 1993, 2003 ; LONGACRE, 1985, 2007 ; LEHMANN, 1988). Les données analysées dans cette recherche font partie du corpus *Histoires traditionnelles du Cap-Vert* du laboratoire LLACAN (Langage, Langues et Cultures d'Afrique - UMR8135). L'échantillon sélectionné pour cette étude est constitué de douze récits oraux traditionnels, collectés entre les années 2004 et 2015 dans douze localités distinctes de l'intérieur de l'île de Santiago et il a été traité au moyen du logiciel ELAN. A partir de l'analyse qualitative et quantitative des données, ce travail se propose à comprendre comment s'établit le continuum d'intégration syntaxique entre les propositions en santiagoais. L'analyse des données se fonde sur les études typologiques translinguistiques de Cristofaro (2003) et d'Andrews (2007) pour la subordination, d'Haspelmath (2007) et de Mauri (1981) pour la coordination et d'Evans (2007) et de Cristofaro (2016) pour l'insubordination. Pour l'analyse d'intégration des propositions, j'ai retenu les paramètres proposés par Lehmann (1988) : i) rétrogradation hiérarchique de la proposition ; ii) niveau syntaxique de la proposition principale ; iii) perte du statut prédicatif de la proposition subordonnée ; iv) grammaticalisation du verbe principal ; v) mise en commun d'arguments ; et vi) usage de conjonctions (LEHMANN, 1988). Les résultats montrent que, en capverdien santiagoais, le continuum d'intégration s'établit comme suit : complétive > relative >

adverbiale > insubordonnée > coordonnée. Les propositions qui se révèlent être moins intégrées sont les coordonnées additives juxtaposées et les plus intégrées sont les complétives de phase à valeur de mouvement. Les résultats permettent également de définir un prototype d'intégration syntaxique des propositions en santiagoais, où les propositions les moins intégrées sont caractérisées par i) la force illocutoire ; ii) la juxtaposition ; iii) un prédicat avec un verbe fini et iv) l'absence d'arguments mis en commun. À l'inverse, les propositions les plus intégrées sur le plan syntaxique sont caractérisées par i) l'absence de force illocutoire ; ii) la rétrogradation hiérarchique ; iii) un prédicat avec un verbe non-fini ; iv) l'absence de conjonction et v) la mise en commun d'arguments.

Mots clés: Coordination. Corpus oral. Créole capverdien. Intégration syntaxique des propositions d'une phrase. Phrase complexe. Syntaxe. Subordination.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Especificação em termos de combinação de características das relações entre cláusulas	54
Quadro 2 – Combinação de traços na vinculação entre cláusulas	55
Quadro 3 – <i>Continuum</i> de dependência (‘semântica’) entre cláusulas	57
Quadro 4 – Margem e núcleo da frase complexa.....	58
Quadro 5 – <i>Corpus Histórias Tradicionais de Cabo Verde</i>	98
Quadro 6 – Amostra selecionada para a pesquisa.....	100
Quadro 7 – Sistema de notação para categorização da integração entre cláusulas no santiaguense.....	452

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de ativação da gramática	49
Figura 2 – Paralelismo dos <i>continua</i> da vinculação de cláusulas.....	53
Figura 3 – Tipos de articulação de cláusulas.....	59
Figura 4 – Foco da perspectiva na perfectividade e na imperfectividade.....	89
Figura 5 – Mapa das localidades dos participantes	101
Figura 6 – Transcrição ortográfica no ELAN	102
Figura 7 – Interlinearização.....	102
Figura 8 – Classificação dos sintagmas	103
Figura 9 – Delimitação das frases.....	104
Figura 10 – Categorização das cláusulas	104
Figura 11 – Tratamento dos dados no ELAN	105
Figura 12 – Lista de adverbiais exportada do ELAN, categorizada semanticamente e com remarcações linguísticas.....	106
Figura 13 – Rebaixamento hierárquico.....	418
Figura 14 – Rebaixamento hierárquico da cláusula no santiaguense	418
Figura 15 – <i>Continuum</i> do nível sintático.....	420
Figura 16 – <i>Continuum</i> do nível sintático das cláusulas em santiaguense	422
Figura 17 – <i>Continuum</i> do nível sintático das matrizes de relativas restritivas	423
Figura 18 – <i>Continuum</i> de nível sintático das matrizes de completivas.....	424
Figura 19 – <i>Continuum</i> de nível sintático das nucleares de adverbiais	426
Figura 20 – Desfrasalização da cláusula subordinada	428
Figura 21 – <i>Continuum</i> de desfrasalização das completivas no santiaguense	430
Figura 22 – <i>Continuum</i> de desfrasalização das adverbiais no santiaguense	435
Figura 23 – Gramaticalização do verbo principal	436
Figura 24 – <i>Continuum</i> de gramaticalização do verbo principal em santiaguense	436
Figura 25 – <i>Continuum</i> de entrelaçamento no santiaguense.....	440
Figura 26 – <i>Continuum</i> da explicitude da vinculação	441
Figura 27 – <i>Continuum</i> de explicitude da vinculação nas cláusulas coordenadas no santiaguense.....	443
Figura 28 – <i>Continuum</i> de explicitude da vinculação entre as adverbiais e suas nucleares no santiaguense.....	445

Figura 29 – <i>Continuum</i> de explicitude da vinculação entre as completivas e suas matrizes no santiaguense.....	447
Figura 30 – <i>Continuum</i> de explicitude da vinculação entre as relativas restritivas e suas matrizes no santiaguense.....	449
Figura 31 – <i>Continuum</i> de explicitude da vinculação entre cláusulas no santiaguense	449
Figura 32 – Paralelismo dos continua da vinculação de cláusulas em santiaguense.....	451
Figura 33 – <i>Continuum</i> de integração entre cláusulas no santiaguense.....	454

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo e ancoragem temporal	83
Gráfico 2 – Representação do tempo no sistema verbal do português e do cabo-verdiano ..	85
Gráfico 3 – Esquema do sistema voz-tempo do verbo cabo-verdiano (variedade de Santiago).....	86
Gráfico 4 – Conectores adverbiais temporais em N1 e N2.....	140
Gráfico 5 – Emprego dos conectores condicionais em discurso direto e não direto, em N1 e N2.....	153
Gráfico 6 – Emprego dos conectores de propósito em discurso direto e não direto, em N1, N2, N3, N4 e N5	168
Gráfico 7 – Frequência das adverbiais no <i>corpus</i>	191
Gráfico 8 – Distribuição das adverbiais em discurso direto e não direto	192
Gráfico 9 – Distribuição das adverbiais nos cinco níveis da estrutura sintática	192
Gráfico 10 – Correlação do aspecto e da polaridade nas adverbiais	193
Gráfico 11 – Posição das adverbiais em relação às suas nucleares.....	194
Gráfico 12 – Frequência do imperativo em completivas de elocução em DD	210
Gráfico 13 – Frequência de atos manipulação em discurso direto e indireto.....	211
Gráfico 14 – Frequência das completivas controladas por verbos.....	289
Gráfico 15 – Distribuição das completivas nos níveis sintáticos.....	292
Gráfico 16 – Características dos predicados das completivas	292
Gráfico 17 – Distribuição das relativas restritivas no <i>corpus</i>	342
Gráfico 18 – Distribuição das relativas de foco no <i>corpus</i>	345
Gráfico 19 – Resultado quantitativo das estruturas de focalização.....	345
Gráfico 20 – Distribuição do entrelaçamento entre as cláusulas coordenadas	393

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Posição das adverbiais de tempo em discurso não direto (DND) e direto (DD).....	137
Tabela 2 –	Emprego dos conectores adverbiais temporais em discurso não direto e discurso direto, nos níveis um (N1) e dois (N2).....	139
Tabela 3 –	Correlação entre os conectores, as marcas de aspecto e a polaridade, nas adverbiais temporais em discurso não direto (DND), em níveis um (N1) e dois (N2).....	141
Tabela 4 –	Correlação entre os conectores, as marcas de aspecto e a polaridade nas adverbiais temporais em discurso direto (DD), em níveis um (N1) e dois (N2).....	142
Tabela 5 –	Frequência de uso dos conectores condicionais em discurso não direto (DND) e discurso direto (DD), em N1 e N2	152
Tabela 6 –	Correlação do emprego dos conectores com as marcas aspectuais e a polaridade nas condicionais em discurso não direto (DND) e direto (DD)....	154
Tabela 7 –	Emprego dos conectores adverbiais de propósito em discurso não direto e direto, nos níveis um (N1), dois (N2), três (N3), quatro (N4) e cinco (N5) ...	167
Tabela 8 –	Posição e polaridade da adverbial de propósito em discurso não direto e direto, nos níveis um (N1), dois (N2), três (N3), quatro (N4) e cinco (N5) ...	169
Tabela 9 –	Correlação do emprego dos conectores, posição, aspecto e polaridade das adverbiais de causa em discurso não direto e direto, em nível um (N1) e dois (N2).....	174
Tabela 10 –	Correlação dos conectores, aspecto e polaridade das adverbiais consecutivas em discurso não direto e direto, em nível um (N1), dois (N2) e três (N3)	183
Tabela 11 –	Emprego dos conectores adverbiais comparativos nos níveis um (N1) e dois (N2).....	188
Tabela 12 –	Entrelaçamento nas adverbiais	194
Tabela 13 –	Completivas de elocução em discurso indireto	206
Tabela 14 –	Completivas de elocução em discurso direto	208
Tabela 15 –	Completivas de elocução em discurso direto com verbos no imperativo.....	209
Tabela 16 –	Predicados matrizes de elocução	212
Tabela 17 –	Ocorrência do verbo <i>fla</i> ‘dizer’	213
Tabela 18 –	Entrelaçamento entre predicados matrizes de elocução e suas completivas...213	

Tabela 19 –	Predicados matrizes de fase.....	222
Tabela 20 –	Completivas controladas pelo predicado de fase.....	223
Tabela 21 –	Predicado matriz de fase com verbo de movimento.....	235
Tabela 22 –	Completivas controladas pelo predicado de fase com verbo de movimento ..	236
Tabela 23 –	Predicados matrizes de manipulação	240
Tabela 24 –	Completivas controladas pelo predicado de manipulação	246
Tabela 25 –	Entrelaçamento entre o predicado de manipulação e a completiva nos níveis sintáticos.....	247
Tabela 26 –	Predicados matrizes de percepção	254
Tabela 27 –	Completivas controladas por predicado de percepção.....	255
Tabela 28 –	Entrelaçamento entre a completiva de percepção e sua matriz nos níveis sintáticos.....	256
Tabela 29 –	Predicado matriz de conhecimento	261
Tabela 30 –	Completivas controladas pelo predicado matriz de conhecimento	261
Tabela 31 –	Entrelaçamento entre a completiva de conhecimento e sua matriz nos níveis sintáticos.....	262
Tabela 32 –	Predicado matriz desiderativo (verbo <i>kre</i>).....	266
Tabela 33 –	Completivas controladas por predicado desiderativo	267
Tabela 34 –	Predicado matriz modal	274
Tabela 35 –	Completivas controladas por predicado modal	275
Tabela 36 –	Predicado matriz de atitude proposicional	277
Tabela 37 –	Completivas controladas por predicado de atitude proposicional	278
Tabela 38 –	Predicado matriz e completiva de pretensão	281
Tabela 39 –	Frequência dos predicados matrizes com nome/adjetivo controlando completiva	289
Tabela 40 –	Frequência de verbos que codificam predicados matrizes de completivas....	290
Tabela 41 –	Entrelaçamento das completivas	293
Tabela 42 –	Correlação entre as relativas A e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz....	303
Tabela 43 –	Cláusulas que encaixam relativas A	303
Tabela 44 –	Correlação entre as relativas S e o pronome relativo que as introduz.....	306
Tabela 45 –	Cláusulas que encaixam relativas S	307
Tabela 46 –	Correlação entre as relativas O e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz....	311
Tabela 47 –	Cláusulas que encaixam relativas O	312
Tabela 48 –	Correlação entre as relativas PS e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz ..	315

Tabela 49 –	Cláusulas matrizes que encaixam relativas PS.....	316
Tabela 50 –	Correlação entre as relativas G e o pronome relativo que as introduz	318
Tabela 51 –	Cláusulas matrizes que encaixam relativas G	318
Tabela 52 –	Correlação entre as relativas CC e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz	322
Tabela 53 –	Cláusulas matrizes que encaixam relativas CC	323
Tabela 54 –	Correlação entre as relativas exclamativas apredicativas e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz	327
Tabela 55 –	Cláusulas matrizes que encaixam relativas exclamativas apredicativas.....	328
Tabela 56 –	Cláusulas relativas de foco A.....	331
Tabela 57 –	Cláusulas em que as relativas de foco A ocorrem.....	332
Tabela 58 –	Cláusulas relativas de foco S.....	335
Tabela 59 –	Cláusulas em que as relativas de foco S ocorrem.....	335
Tabela 60 –	Cláusulas relativas de foco O	338
Tabela 61 –	Cláusulas em que as relativas de foco O ocorrem.....	338
Tabela 62 –	Cláusulas relativas de foco CC.....	340
Tabela 63 –	Cláusulas em que as relativas de foco CC ocorrem.....	341
Tabela 64 –	Características das cláusulas relativas	343
Tabela 65 –	Cláusulas com focalização	346
Tabela 66 –	Coordenada por justaposição em nível um (N1)	371
Tabela 67 –	Coordenada por justaposição em nível dois (N2).....	372
Tabela 68 –	Coordenada por justaposição em nível três (N3)	373
Tabela 69 –	Coordenada por justaposição em nível quatro (N4)	374
Tabela 70 –	Coordenada explicativa com marcador explícito.	382
Tabela 71 –	Coordenada contrastiva com marcador explícito	388
Tabela 72 –	Resultados quantitativos da coordenação	391
Tabela 73 –	Entrelaçamento entre as cláusulas coordenadas (N1).....	392
Tabela 74 –	Insubordinada pura	400
Tabela 75 –	Pseudoinsubordinada	405
Tabela 76 –	Correlação entre aspecto, modo e polaridade no <i>corpus</i>	409
Tabela 77 –	Correlação entre aspecto, modo e polaridade em cada tipo de cláusula.....	411
Tabela 78 –	Completivas de elocução em DD e DI.....	412
Tabela 79 –	Frequência relativa do aspecto imperfectivo no <i>corpus</i>	413
Tabela 80 –	Frequência relativa do aspecto progressivo no <i>corpus</i>	413
Tabela 81 –	Frequência relativa do modo imperativo no <i>corpus</i>	414

Tabela 82 –	Frequência relativa da polaridade negativa no <i>corpus</i>	415
Tabela 83 –	Polaridade em cada tipo de cláusula.....	415
Tabela 84 –	Frequência das completivas e adverbiais nos níveis sintáticos no santiaguense.....	421
Tabela 85 –	Distribuição das completivas por nível sintático.....	424
Tabela 86 –	Distribuição das adverbiais por nível sintático.....	426
Tabela 87 –	Formas expandidas e não expandidas nas completivas de elocução e percepção.....	430
Tabela 88 –	Formas expandidas e não expandidas nas completivas de fase e fase movimento.....	431
Tabela 89 –	Conectores das adverbiais.....	434
Tabela 90 –	Resultados quantitativos de adverbiais com conectores de preposições.....	435
Tabela 91 –	Resultados quantitativos do entrelaçamento entre as cláusulas coordenadas em nível um (N1).....	439
Tabela 92 –	Resultados quantitativos do entrelaçamento nas adverbiais.....	440
Tabela 93 –	Resultados quantitativos da coordenação em N1, N2, N3 e N4.....	442
Tabela 94 –	Coordenadas com marcadores explícitos.....	443
Tabela 95 –	Emprego dos conectores nas adverbiais.....	444
Tabela 96 –	Emprego de complementizadores nas completivas do santiaguense.....	447
Tabela 97 –	Emprego de pronomes relativos nas relativas restritivas do santiaguense.....	448
Tabela 98 –	Distribuição das cláusulas no <i>corpus</i>	456

LISTA DE ABREVIATURAS

A	Sujeito ver intransitivo
A.N	Antes da nuclear
ACT	Atualizador
ADV	Cláusula adverbial
AP	Cláusula completiva de atitude proposicional
APD	Apódase
APR	Cláusula relativa de cláusula exclamativa apredicativa
ASP	Aspecto
CAUSA	Cláusula adverbial causal
CC	Complemento circunstancial
COMB	Cláusula coordenada combinativa
COMP	Cláusula adverbial comparativa
COMPL	Cláusula completiva
CON	Cláusula completiva de conhecimento
CONC	Cláusula completiva concessiva
COND	Cláusula adverbial condicional
CONJ	Conjunção
CONQ	Cláusula completiva de conquista
CONSQ	Cláusula adverbial consecutiva
COP	Cópula
CREL	Cláusula relativa
CTR	Cláusula coordenada contrastiva
D.N	Depois da nuclear
DD	Discurso direto
DES	Cláusula completiva desiderativa
DND	Discurso não direto
DS	Sujeito diferente
EL	Cláusula completiva de elocução
EXC	Exclamativa
EXCL	Exclusivo
EXPL	Cláusula coordenada explicativa

FASE	Cláusula completiva de fase
FASE_M	Cláusula completiva de fase com verbo de movimento
FOC	Foco
HST	Hesitação
INDF	Artigo indefinido
INS	Insubordinada
INTJ	Interjeição
IPFV	Imperfectivo
JSP	Cláusula coordenada justaposta
LCV	Língua cabo-verdiana
MAN	Cláusula completiva de manipulação
MOD	Cláusula completiva modal
N1	Nível sintático 1
N2	Nível sintático 2
N3	Nível sintático 3
N4	Nível sintático 4
N5	Nível sintático 5
N	Polaridade negativa
NEG	Negação
NUC	Cláusula nuclear
O	Objeto
∅	zero
O1SG	Pronome objeto de primeira pessoa do singular
O2SG	Pronome objeto de segunda pessoa do singular
O3SG	Pronome objeto de terceira pessoa do singular
O1PL	Pronome objeto de primeira pessoa do plural
O2PL	Pronome objeto de segunda pessoa do plural
O3PL	Pronome objeto de terceira pessoa do plural
ONOM	Onomatopeia
P	Polaridade positiva
PASS	Passiva
PER	Cláusula completiva de percepção
PFV	Perfectivo

PL	Plural
POSS	Possessivo
PRE	Cláusula completiva de pretensão
PROG	Progressivo
PROP	Cláusula adverbial de propósito
PROPOR	Cláusula adverbial proporcional
PRS	Presente
PS	Predicativo do sujeito
PSEUDOINS	Pseudoinsubordinada
PST	Passado
PTS	Prótase
REL	Pronome relativo
REL.FOC	Pronome relativo de foco
Rt	Retomada
S	Sujeito de verbo transitivo
S1SG	Pronome sujeito de primeira pessoa do singular
S2SG	Pronome sujeito de segunda pessoa do singular
S3SG	Pronome sujeito de terceira pessoa do singular
S1PL	Pronome sujeito de primeira pessoa do plural
S2PL	Pronome sujeito de segunda pessoa do plural
S3PL	Pronome sujeito de terceira pessoa do plural
SEQ	Sequencial
SV	Sintagma verbal
T1SG	Pronome tônico de primeira pessoa do singular
T2SG	Pronome tônico de segunda pessoa do singular
T3SG	Pronome tônico de terceira pessoa do singular
T1PL	Pronome tônico de primeira pessoa do plural
T2PL	Pronome tônico de segunda pessoa do plural
T3PL	Pronome tônico de terceira pessoa do plural
TAM	Tempo, aspecto e modalidade
TEMP	Cláusula adverbial temporal
TOP	Tópico
TRAT	Pronome de tratamento

V	Verbo
VOC	Vocativo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	31
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	38
2.1	Funcionalismo linguístico	38
2.2	O estado da arte em articulação de cláusulas	50
2.3	Revisão bibliográfica sobre a articulação de cláusulas no santiaguense	61
2.4	Definição de termos	66
2.4.1	<i>A frase complexa</i>	<i>66</i>
2.4.2	<i>Coordenação.....</i>	<i>70</i>
2.4.3	<i>Subordinação</i>	<i>74</i>
2.4.4	<i>Insubordinação</i>	<i>79</i>
2.4.5	<i>Complexo TAM</i>	<i>82</i>
2.4.5.1	<i>Tempo</i>	<i>82</i>
2.4.5.2	<i>Aspecto.....</i>	<i>87</i>
2.4.5.3	<i>Modalidade</i>	<i>92</i>
2.5	Síntese da fundamentação teórica	94
3	METODOLOGIA	96
3.1	Método de abordagem	96
3.2	Método de procedimento	96
3.2.1	<i>Tipo de pesquisa</i>	<i>96</i>
3.2.2	<i>Contexto da pesquisa.....</i>	<i>97</i>
3.3	Corpus	97
3.3.1	<i>Seleção do corpus.....</i>	<i>99</i>
3.3.2	<i>Tratamento do corpus.....</i>	<i>101</i>
3.3.3	<i>Análise do corpus</i>	<i>105</i>
3.3.3.1	<i>Etiquetagem das adverbiais.....</i>	<i>106</i>
3.3.3.2	<i>Etiquetagem das completivas.....</i>	<i>109</i>
3.3.3.3	<i>Etiquetagem das relativas.....</i>	<i>112</i>
3.3.3.4	<i>Etiquetagem das insubordinadas</i>	<i>114</i>
3.3.3.5	<i>Etiquetagem das coordenadas</i>	<i>114</i>
3.3.3.6	<i>Apresentação dos exemplos na análise</i>	<i>115</i>
3.3.4	<i>Contabilização dos dados.....</i>	<i>116</i>
3.4	Questões e hipóteses.....	117

3.4.1	<i>Questão geral e hipótese básica</i>	117
3.4.2	<i>Questões específicas e hipóteses secundárias</i>	118
4	SUBORDINAÇÃO	122
4.1	Adverbiais	122
4.1.1	Temporais	123
4.1.1.1	<i>Análise qualitativa</i>	123
4.1.1.1.1	Temporais de posterioridade.....	124
4.1.1.1.2	Temporais de anterioridade	126
4.1.1.1.3	Temporal sobreposta	126
4.1.1.2	<i>Análise quantitativa</i>	136
4.1.2	Condicionais	143
4.1.2.1	<i>Análise qualitativa</i>	144
4.1.2.2	<i>Análise quantitativa</i>	152
4.1.3	Propósito	155
4.1.3.1	<i>Análise qualitativa</i>	155
4.1.3.2	<i>Análise quantitativa</i>	167
4.1.4	Causa	170
4.1.4.1	<i>Análise qualitativa</i>	170
4.1.4.2	<i>Análise quantitativa</i>	174
4.1.5	Consequência	175
4.1.5.1	<i>Análise qualitativa</i>	176
4.1.5.2	<i>Análise quantitativa</i>	182
4.1.6	Comparativas	184
4.1.6.1	<i>Análise qualitativa</i>	185
4.1.6.2	<i>Análise quantitativa</i>	188
4.1.7	Concessivas	188
4.1.8	Proporcionais	190
4.1.9	Síntese das adverbiais	191
4.2	Completivas	195
4.2.1	Completivas controladas por verbos	195
4.2.1.1	<i>Predicado de elocução</i>	196
4.2.1.1.1	<i>Análise qualitativa</i>	196
4.2.1.1.2	<i>Análise quantitativa</i>	205
4.2.1.2	<i>Predicado de fase</i>	214

4.2.1.2.1	Predicado com verbos que indicam fase.....	214
4.2.1.2.1.1	Análise qualitativa.....	214
4.2.1.2.1.2	Análise quantitativa.....	221
4.2.1.2.2	Predicado com verbos que indicam movimento.....	224
4.2.1.2.2.1	Análise qualitativa.....	225
4.2.1.2.2.2	Análise quantitativa.....	234
4.2.1.3	<i>Predicado de manipulação</i>	236
4.2.1.3.1	Análise qualitativa.....	237
4.2.1.3.1.1	Manipulação.....	237
4.2.1.3.1.2	Manipulação/Elocução.....	241
4.2.1.3.2	Análise quantitativa.....	246
4.2.1.4	<i>Predicado de percepção</i>	247
4.2.1.4.1	Análise qualitativa.....	247
4.2.1.4.2	Análise quantitativa.....	253
4.2.1.5	<i>Predicado de conhecimento</i>	256
4.2.1.5.1	Análise qualitativa.....	256
4.2.1.5.2	Análise quantitativa.....	260
4.2.1.6	<i>Predicado desiderativo</i>	262
4.2.1.6.1	Análise qualitativa.....	262
4.2.1.6.2	Análise quantitativa.....	266
4.2.1.7	<i>Predicado modal</i>	267
4.2.1.7.1	Análise qualitativa.....	268
4.2.1.7.2	Análise quantitativa.....	273
4.2.1.8	<i>Predicado de atitude proposicional</i>	275
4.2.1.8.1	Análise qualitativa.....	275
4.2.1.8.2	Análise quantitativa.....	277
4.2.1.9	<i>Predicado de pretensão</i>	278
4.2.1.9.1	Análise qualitativa.....	278
4.2.1.9.2	Análise quantitativa.....	280
4.2.1.10	<i>Predicado de conquista</i>	281
4.2.2	<i>Completivas controladas por nomes e/ou adjetivos</i>	283
4.2.2.1	<i>Predicado de comentário</i>	283
4.2.2.2	<i>Predicado de elocução</i>	285
4.2.2.3	<i>Predicado desiderativo</i>	286

4.2.2.4	<i>Predicado de medo</i>	286
4.2.2.5	<i>Predicado de hábito</i>	287
4.2.3	<i>Síntese das completivas</i>	288
4.3	Relativa	294
4.3.1	<i>Relativa restritiva</i>	295
4.3.1.1	<i>Relativa A (sujeito de verbo intransitivo)</i>	296
4.3.1.1.1	Análise qualitativa.....	296
4.3.1.1.2	Análise quantitativa.....	302
4.3.1.2	<i>Relativa S (sujeito de verbo transitivo)</i>	303
4.3.1.2.1	Análise qualitativa.....	303
4.3.1.2.2	Análise quantitativa.....	306
4.3.1.3	<i>Relativa O (complemento verbal)</i>	307
4.3.1.3.1	Análise qualitativa.....	307
4.3.1.3.2	Análise quantitativa.....	310
4.3.1.4	<i>Relativa PS (predicativo do sujeito)</i>	312
4.3.1.4.1	Análise qualitativa.....	312
4.3.1.4.2	Análise quantitativa.....	315
4.3.1.5	<i>Relativa G (modificadores de nomes – genitivos)</i>	316
4.3.1.5.1	Análise qualitativa.....	316
4.3.1.5.2	Análise quantitativa.....	318
4.3.1.6	<i>Relativa CC (complemento circunstancial)</i>	319
4.3.1.6.1	Análise qualitativa.....	319
4.3.1.6.2	Análise quantitativa.....	321
4.3.1.7	<i>Relativa TOP (tópico)</i>	323
4.3.1.8	<i>Relativas de cláusulas exclamativas apredicativas</i>	325
4.3.1.8.1	Análise qualitativa.....	325
4.3.1.8.2	Análise quantitativa.....	327
4.3.2	<i>Relativa de foco</i>	328
4.3.2.1	<i>Foco A (sujeito de verbo intransitivo)</i>	328
4.3.2.1.1	Análise qualitativa.....	328
4.3.2.1.2	Análise quantitativa.....	331
4.3.2.2	<i>Foco S (sujeito de verbo transitivo)</i>	332
4.3.2.2.1	Análise qualitativa.....	332
4.3.2.2.2	Análise quantitativa.....	334

4.3.2.3	<i>Foco O (complemento verbal)</i>	335
4.3.2.3.1	Análise qualitativa.....	335
4.3.2.3.2	Análise quantitativa.....	338
4.3.2.4	<i>Foco CC (complemento circunstancial)</i>	339
4.3.2.4.1	Análise qualitativa.....	339
4.3.2.4.2	Análise quantitativa.....	340
4.3.3	<i>Síntese das relativas</i>	341
4.3.3.1	<i>Síntese das relativas restritivas</i>	341
4.3.3.2	<i>Síntese das relativas de foco</i>	344
5	COORDENAÇÃO	348
5.1	Coordenada justaposta	348
5.1.1	<i>Análise qualitativa</i>	349
5.1.1.1	<i>Combinativa justaposta</i>	349
5.1.1.2	<i>Explicativa justaposta</i>	360
5.1.1.3	<i>Contrastiva justaposta</i>	362
5.1.1.4	<i>Coordenação justaposta entre subordinadas</i>	364
5.1.2	<i>Análise quantitativa</i>	370
5.2	Coordenada com marcador explícito	374
5.2.1	<i>Coordenada explicativa</i>	374
5.2.1.1	<i>Análise qualitativa do nível um (N1)</i>	374
5.2.1.2	<i>Análise qualitativa do nível dois (N2)</i>	376
5.2.1.3	<i>Análise quantitativa</i>	382
5.2.2	<i>Coordenada contrastiva</i>	382
5.2.2.1	<i>Análise qualitativa do nível um (N1)</i>	383
5.2.2.2	<i>Análise qualitativa dos níveis dois e três (N2 e N3)</i>	385
5.2.2.3	<i>Análise quantitativa</i>	387
5.2.3	<i>Coordenada alternativa</i>	388
5.3	Síntese das coordenadas	390
6	INSUBORDINAÇÃO	394
6.1	Insubordinada pura	394
6.1.1	<i>Análise qualitativa</i>	394
6.1.2	<i>Análise quantitativa</i>	400
6.2	Pseudoinsubordinada	401
6.2.1	<i>Análise qualitativa</i>	401

6.2.2	<i>Análise quantitativa</i>	405
6.3	Síntese das insubordinadas	406
7	ASPECTO, MODO E POLARIDADE NA VINCULAÇÃO ENTRE CLÁUSULAS NO SANTIAGUENSE	408
8	ANÁLISE DA INTEGRAÇÃO ENTRE CLÁUSULAS NO SANTIAGUENSE	416
8.1	Autonomia vs. integração	417
8.1.1	<i>Rebaixamento hierárquico</i>	417
8.1.2	<i>Nível sintático</i>	419
8.2	Expansão vs. Redução.....	427
8.2.1	<i>Desfrasalização da cláusula subordinada</i>	428
8.2.2	<i>Gramaticalização do verbo principal</i>	435
8.3	Isolamento vs. Vinculação	438
8.3.1	<i>Entrelaçamento</i>	438
8.3.2	<i>Explicitude da vinculação</i>	441
8.4	Correlação entre os <i>continua</i>	450
8.5	Síntese da análise da integração entre cláusulas no santiaguense	455
9	CONCLUSÕES	456
	REFERÊNCIAS	466
	APÊNDICES	477
	APÊNDICE A – INTERLINEARIZAÇÃO DA NARRATIVA 1 (KEA_EV_NARR_01).....	478
	APÊNDICE B – INTERLINEARIZAÇÃO DA NARRATIVA 4 (KEA_EV_NARR_04).....	503

1 INTRODUÇÃO

A língua cabo-verdiana (doravante LCV) é a língua materna da grande maioria dos habitantes da República de Cabo Verde. Entretanto, a língua oficial desse país é o português. Há alguns anos, têm-se feito esforços no sentido de elevar a LCV ao *status* de língua oficial, ao lado da língua portuguesa¹ (doravante LP). A exemplo disso, o artigo 9º da Constituição do país afirma:

1. É língua oficial o Português.
2. O Estado promove as condições para a oficialização da língua materna cabo-verdiana, em paridade com a língua portuguesa.
3. Todos os cidadãos nacionais têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2010).

Sendo um crioulo² de base lexical portuguesa, a LCV tem seu léxico oriundo do português quinhentista, a língua de superstrato, mas uma proporção considerável do seu sistema gramatical vem das suas línguas de substrato, especialmente uólofe, mandinka e timené (QUINT, 2000b, p. 32; 2006, p. 88)³ ou deve a sua origem a fenômenos de reestruturação do material de origem do português, como o uso das marcas de gênero, semântica dos adjetivos de cor etc. (QUINT, 2008). De fato, no âmbito da gramática, as dissemelhanças entre a LP e a LCV são claramente notadas, como Quint (2000a) descreve no tratamento do sistema verbal desta língua, em que se tem apenas três desinências, {-ba} para o passado, {-du} para a voz passiva e {-da} (< duba) para a voz passiva no passado. Não há morfemas para distinguir a pessoa verbal, como no português. Além disso, o sistema verbal cabo-verdiano centra-se, principalmente, na qualidade da ação verbal, ou seja, no aspecto.

Mesmo com a independência do arquipélago, em 1975, o português (variedade europeia) continua sendo a única língua oficial do país. Por essa razão, a LCV não é ensinada formalmente nas instituições de Ensino Fundamental e Médio, apesar da existência de um curso

¹ O português cabo-verdiano é uma variedade do português africano com especificidades linguísticas de uma língua não materna, as quais, segundo Alexandre (2011, p. 20), incluem uma variação linguística “tipicamente maior do que numa variedade materna e dependem de um vasto conjunto de variáveis sociolinguísticas”. Sobre a variedade do português usada em Cabo Verde, ver Lopes (2011); Mota (2015); Hagameijer (2016); Alexandre e Gonçalves (2018); Mouta (2019); Lopes e Oliveira (2019); Alexandre (2019); Alexandre e Oliveira (2019).

² O termo crioulo foi originalmente empregado para se referir às pessoas nascidas nas colônias europeias (WINFORD, 2003, p. 305). Posteriormente o termo foi empregado para designar as línguas resultantes do contato linguístico entre as línguas dos colonizadores e as línguas locais. Esse contato teria gerado primeiramente um *pidgin* (variedade de contato não utilizada por qualquer comunidade como língua materna), que se torna *crioulo* a partir de processos de reestruturação e reconstrução lexical e gramatical e passa a ser a língua materna de uma comunidade (WINFORD, 2003).

³ Sobre a influência do uólofe na formação do crioulo de Cabo Verde, ver Lang (2006, p. 53-62; 2009a; 2009b, p. 61-80).

superior, voltado para a formação docente, denominado “Licenciatura em Estudos Portugueses e Cabo-Verdianos”, na Universidade de Cabo Verde (universidade pública) e de um mestrado, nos anos de 2010 a 2013, em Crioulística e Língua Cabo-Verdiana, no qual fui aluna, realizado nessa mesma universidade. Há pouco material didático para o ensino dessa língua, o que dificulta, ainda mais, a introdução dela no ensino formal, diferentemente da LP, que dispõe de manuais didáticos para diversas séries da escola. Apesar da igualdade de *status* entre a LP e a LCV ser garantida pelo artigo 9º, alínea 2 (supracitado) da Constituição da República de Cabo Verde, a realidade que se faz presente na educação do país não corresponde ao descrito na Constituição. No entanto, alguns projetos de ensino bilíngue foram desenvolvidos, tanto na diáspora, precisamente em Portugal e nos Estados Unidos, quanto em Cabo Verde, através de cooperações internacionais ou de pesquisas de doutorado⁴, sendo apenas um deles oficialmente reconhecido pelo Ministério da Educação desse país.

Alguns esforços têm sido empreendidos para a aplicação da Constituição no que se refere à paridade das línguas do país. Dentre eles, destaca-se o *I Colóquio Linguístico sobre o Crioulo de Cabo Verde*, realizado em 1979, ou seja, quatro anos após a independência, na cidade de Mindelo, que teve por finalidade geral a valorização da língua materna dos cabo-verdianos e por finalidade específica, a convenção de um alfabeto para a escrita dessa língua (VEIGA, 2000, p. 10). O Colóquio trouxe como proposta um alfabeto de base fonológica. Contudo, esse alfabeto não foi devidamente adotado pela elite cultural, que o ignorou em seus escritos. Veiga (2000, p. 10-11) argumenta que isso se deu pelo fato de essa elite estar acostumada ao uso do alfabeto de base etimológica da LP.

Somando-se ao Colóquio de Mindelo, houve também a implementação de uma disciplina sobre a estrutura do crioulo na Escola de Formação de Professores para o Ensino Secundário (1980-1982) e a publicação de algumas obras nessa língua, como o romance *Odju d'Agú* (VEIGA, 1987), obras que se referem à tradição oral como *Finason di Nha Nasia Gomi* (VARELA, 1986) etc. Dentre os estudos descritivos, foram publicados *Introdução à Gramática do Crioulo* (VEIGA, 1995) e as teses de Baptista (1997), Quint (1998) e Veiga (1998).

Das medidas oficiais sobre a valorização do crioulo, Veiga (2000b, p. 19-20) destaca cinco: i) a Resolução nº 8/96 do Boletim Oficial de nº 12, de 30 de abril de 1996, em que o Governo se compromete a fixar metas para a oficialização do crioulo ao lado da LP; ii) a Resolução nº 8/98 do Boletim Oficial de nº 10, de 1998, que afirma que o crioulo será valorizado progressivamente como língua de ensino; iii) o Decreto-Lei nº 67/98, de 31 de

⁴ Sobre o ensino da língua materna em Cabo Verde, ver Moreira *et al.* (no prelo).

dezembro de 1998, que aprova o ALUPEC (Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-Verdiano) como alfabeto experimental; iv) a declaração do Primeiro Ministro, no ano de 1999, ao jornal *A Semana*, de que a escrita e o ensino do crioulo seriam implementados a qualquer custo; e v) a revisão constitucional por parte da Assembleia Nacional, de julho de 1999, na qual se determina a criação de condições para a oficialização da língua nacional em paridade com a LP.

Com o impulsionamento para a elevação da LCV ao estatuto de língua oficial ao lado da LP, vários estudos descritivos têm sido desenvolvidos, especialmente sobre as variedades da ilha de Santiago e da ilha de São Vicente. Estudos nas áreas de fonética, fonologia (BAPTISTA, 2013; LANG, 2001; 2018; MOREIRA, 2013; QUINT, 2000; RODRIGUES, 2007; ZANOLI, 2014), morfossintaxe (ALEXANDRE, 2009; BAPTISTA, 2002; BRITO, 2011; LANG, 2018; LOPES, 2012; PINA, 2006; PRATAS, 2007; QUINT, 2000; 2010) e sociolinguística (MELO LOPES, 2011) têm contribuído para compreendermos as estruturas, os fenômenos e as nuances que caracterizam o crioulo cabo-verdiano. No entanto, ainda não há uma descrição abrangente no nível da frase complexa com *corpora* válidos. A necessidade de se estudar a frase complexa baseando-se num *corpus* oral espontâneo de uma variedade mais basiletal⁵ se impõe por conta de suas especificidades em contraste com a LP. A LCV apresenta maior tendência ao emprego da justaposição em diversos tipos de relação entre as cláusulas, mesmo nas relações de dependência; o emprego das conjunções e as configurações do complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade) também se dão de forma muito peculiar na LCV, não seguindo os moldes da LP. Além disso, em perspectiva mais aplicada, reconhecer essas especificidades da frase complexa na LCV pode contribuir para demarcar com clareza as características sintáticas, dentro de estruturas complexas, dessa língua em contraste com as da LP, língua de maior contato com o cabo-verdiano.

Neste estudo, baseando-nos em Morley (2000, p. 70), entendemos frase complexa⁶ como um conjunto de proposição que se expressa na forma de cláusulas que se relacionam entre si e mantêm uma unidade sintática, apresentando um todo coerente. Por sua vez, a cláusula constitui-se de um predicado com seus devidos argumentos (DIXON, 2009, p. 132), sabendo que o predicado nem sempre apresenta um verbo como núcleo, como mostram os capítulos

⁵ Basiletal: refere-se à variedade do crioulo com menos influência das línguas de contato.

⁶ Tomamos aqui o termo “frase complexa” (do francês *phrase complexe*) como equivalente à oração complexa ou sentença complexa, mais usado nas gramáticas do português do Brasil. Escolhemos a expressão “frase complexa” em detrimento de outras por ser tradicionalmente usada no mundo lusófono (e nas demais áreas de línguas românicas). Em Cabo Verde, o termo “sentença” não é tão comum quanto “frase”. Além disso, essa expressão harmoniza-se ao grupo de pesquisa sobre a sintaxe da frase complexa nas línguas crioulas (operações de pesquisa GD2 e VC3 – LABEX-EFL), do qual a autora faz parte.

dedicados à descrição da frase complexa em LCV (capítulos 4, 5 e 6). Portanto, neste estudo sobre articulação de cláusulas no santiaguense, conceber-se-á a frase complexa como um conjunto de predicacões que se expressa por meio de cláusulas relacionadas entre si, mantendo uma unidade sintática, perceptível por marcas linguísticas e suprasegmentais (como entonação e pausa) para assegurar a coerência do discurso. Aqui, diferentemente de Dixon (2009), incluímos, também, as cláusulas encaixadas, reconhecendo que o encaixamento é caracterizado pela constituência em que mecanismos são acionados para relacionarem as cláusulas em constituição da frase complexa.

O país onde a LCV é língua materna da maioria dos habitantes, Cabo Verde, é um arquipélago formado por dez ilhas, sendo nove habitadas. Cada ilha habitada apresenta uma variedade própria da LCV. No entanto, essas variedades podem ser reagrupadas em dois grandes grupos: i) variedades de Sotavento, compostas pelas ilhas do sul do país (Brava, Fogo, Santiago e Maio); ii) variedades de Barlavento, compostas pelas ilhas do lado norte do arquipélago (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista). Além dessa variação diatópica, há, também, variações internas em cada ilha que resultam principalmente da influência da LP sobre o crioulo. Nessa perspectiva, podemos falar de variedades acroletais, com maior influência da LP, comuns nos falantes urbanos mais escolarizados, e variedades basiletais, que se mantêm com menos influência da LP, sendo praticadas por falantes rurais e menos escolarizados (QUINT, 2000a, 9-14; VIEIRA SEMEDO; MOREIRA, no prelo).

O crioulo cabo-verdiano resulta do contato de vários povos da costa africana (os quais eram trazidos ao arquipélago que funcionava como depósito de escravos) com os colonizadores europeus lusófonos. Segundo Lang (2011, p. 9), o crioulo de Cabo Verde formou-se muito rapidamente, a partir de uma intensa convivência (e até certo ponto íntima) entre esses povos e os colonizadores, que advinha da ausência de mulheres brancas no arquipélago (no início da colonização), do maior número de africanos em relação aos europeus e da dependência que os europeus tinham da mão de obra africana. Devido a esse intenso contato, o crioulo ter-se-ia formado a partir de um “falar dirigido para estrangeiros” (*foreigner talk*), que se tornou um jargão (ou *pidgin* instável). Para o estabelecimento desse *pidgin* como língua materna, foi necessário passar por processos de elaboração e unificação, já que sua formação envolvia diversas comunidades linguísticas num contexto de colonização. Assim, Vieira Semedo e Moreira (no prelo), ao analisarem a gênese das variedades do Fogo e de Santiago, mostram que o processo de criouliização se desenvolveu de forma autônoma em cada uma das ilhas e, por isso, levou ao aparecimento das variedades dialetais em cada ilha.

A motivação para desenvolver esta pesquisa surgiu durante o mestrado em Crioulística e Língua Cabo-Verdiana, na Universidade de Cabo Verde, em que estudamos a tradução português-crioulo na epístola bíblica do apóstolo Paulo aos efésios, um texto argumentativo com várias estruturas complexas. Ao traduzir tais estruturas, sentimos a carência de um estudo descritivo que analisasse a articulação de cláusulas em situações reais de uso, e não apenas no desempenho do próprio pesquisador enquanto falante nativo ou mesmo não nativo. Sem descrições assim, as traduções de textos formais argumentativos pareciam decalcar estruturas complexas da LP. Logo, empreender esta pesquisa sobre a integração entre cláusulas permitir-nos-á preencher essa lacuna, já que, para examinarmos os dispositivos linguísticos envolvidos na integração, percebemos como os falantes estruturam as cláusulas nos diversos tipos de relações que se estabelecem.

O estudo da integração entre cláusulas que constituem as frases complexas, considerando, nos termos de Hopper e Traugott (1993), as relações paratáticas, hipotáticas e de subordinação, tem sido o foco de alguns estudos tipológicos translinguísticos. Dentre eles, destacaremos, no capítulo dois, os mais proeminentes dentro da perspectiva funcionalista. Tais estudos têm mostrado como os falantes articulam as cláusulas em seus discursos espontâneos, destacando os dispositivos empregados para evidenciar maior ou menor grau de integração. A pesquisa sobre esse tema na LCV, variedade de Santiago (a que chamaremos aqui de santiaguense), contribui para a abrangência desses estudos tipológicos, trazendo luz para uma tipologia mais específica da articulação de cláusulas nas línguas crioulas, em especial, as de base lexical portuguesa. Além disso, os resultados desta pesquisa também fornecem subsídios descritivo-analíticos para a elaboração de gramáticas da LCV, o que pode contribuir para a padronização dessa língua.

Por conseguinte, a proposta desta pesquisa é estudar a articulação de cláusulas na LCV, mais especificamente na variedade mais basilectal da ilha de Santiago (a qual chamamos santiaguense), tendo como objetivo geral analisar, com base nos pressupostos teórico-metodológicos funcionalistas da marcação, frequência e prototipia, a integração entre as cláusulas na frase complexa em narrativas tradicionais orais da variedade supramencionada, observando os fatores linguísticos que operam para maior ou menor integração entre elas. Os objetivos específicos são, portanto:

1. descrever qualitativamente e quantitativamente todas as cláusulas que constam da amostra do *corpus* de *Contos Tradicionais Oraís do Santiaguense*, observando as características dos predicados envolvidos (complexo TAM), o emprego ou não de conector, a posição da cláusula dependente em relação à

cláusula com a qual se relaciona, o compartilhamento de participantes (sujeito e complementos), de cada cláusula que ocorre na amostra;

2. examinar as seguintes relações lógico-semânticas estabelecidas entre as cláusulas:
 - i. nas relações de vinculação: a) completivas – elocução, fase, manipulação, percepção, conhecimento, desiderato, modo, atitude proposicional, pretensão e conquista (CRISTOFARO, 2003; NOONAN, 2007); b) adverbiais – tempo, conclusão, propósito, causa, consequência, comparação, concessão e proporção (CRISTOFARO, 2003); c) relativa restritiva – especificação (ANDREWS, 2007; CRISTOFARO, 2003);
 - ii. relação de independência: coordenação – combinação, contraste, alternância e explicação (HASPELMATH, 2004; MAURI, 1981);
3. investigar os aspectos formais que contribuem para maior ou menor integração entre as cláusulas, seguindo os seis parâmetros propostos por Lehmann (1988): a) rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada; b) nível sintático; c) desfrasealização⁷; d) gramaticalização do verbo principal; e) entrelaçamento; f) explicitude da articulação;
4. organizar os tipos de cláusulas em um *continuum* de integração linguística prototípica que vai da compressão [+integrada] à elaboração [-integrada], a partir dos critérios analisados;
5. propor uma tipologia de articulação de cláusulas específica da LCV.

Esta tese apresenta nove capítulos. No primeiro, temos a introdução. O segundo trata dos fundamentos teórico-metodológicos do Funcionalismo, teoria de base desta pesquisa. No terceiro, expomos o percurso metodológico empreendido neste estudo, assim como descrevemos o *corpus* que serviu de base para a análise do fenômeno. Do quarto ao oitavo capítulo, tratamos da análise dos dados, sendo que no quarto, no quinto e no sexto apresentamos uma análise qualitativa e quantitativa, basicamente descritiva. O quarto capítulo trata das cláusulas que envolvem o traço [+ dependência], ou seja, as cláusulas subordinadas. Já no quinto, tratamos das cláusulas com o traço [- dependência], as coordenadas, e, no sexto, tratamos das cláusulas que também partilham o traço [- dependência], mas que apresentam alguma característica de cláusulas dependentes, as insubordinadas. Nessa descrição, observamos tanto os dispositivos linguísticos como a relação semântica estabelecida na

⁷ Traduzimos o termo *desententialization* como desfrasealização em consonância com a nossa adoção do termo frase, em lugar de sentença.

vinculação. Esses três capítulos justificam-se pelo fato de não haver, ainda, uma descrição, sob perspectiva funcionalista e baseada em *corpus* oral espontâneo, da frase complexa em cabo-verdiano. No sétimo capítulo, apresentamos uma análise dos resultados quantitativos de aspecto, modo e polaridade nas cláusulas do *corpus*. O oitavo capítulo trata da análise da integração entre as cláusulas no santiaguense, baseando-nos nos resultados descritivos expostos nos capítulos quatro a sete, bem como nos parâmetros propostos por Lehmann (1988). Por fim, o capítulo nove apresenta as conclusões desta pesquisa, retomando as principais discussões e os resultados obtidos nas análises dos dados em articulação com as questões e hipóteses expressas na metodologia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Serão expostos, neste capítulo, os fundamentos teóricos que orientam a análise dos dados desta pesquisa. Inicialmente, trataremos dos princípios teóricos que são bases para o Funcionalismo, de onde advêm os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam este estudo. Consecutivamente, faremos uma exposição do que se tem discutido, dentro do Funcionalismo, a respeito do tratamento da articulação de cláusulas, numa perspectiva translinguística. Em seguida, abordaremos alguns estudos que têm sido desenvolvidos sobre a frase complexa em LCV. Por fim, trataremos da definição de alguns termos caros para esta pesquisa, como as noções de frase complexa, subordinação, coordenação, insubordinação e complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade).

2.1 Funcionalismo linguístico

O Funcionalismo linguístico caracteriza-se por entender a linguagem como um instrumento de interação social, não tendo interesse apenas na estrutura gramatical, mas também na motivação para os fatos da língua, através do contexto discursivo. Essa abordagem preocupa-se, portanto, em “explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 21).

Neves (1997, p. 15) afirma que a gramática funcional considera a competência comunicativa, ou seja, a capacidade que os indivíduos têm de codificar, decodificar expressões, sendo capazes também de as interpretar e/ou as utilizarem satisfatoriamente na interação com outros indivíduos. Esse é um dos aspectos que caracterizam o Funcionalismo, o fato de não se conceber a linguagem como um fenômeno isolado, mas servindo a uma variedade de propósitos.

No âmbito do Funcionalismo, há algumas abordagens que se destacam. Dentre elas, estão o Funcionalismo do Círculo Linguístico de Praga, representado por Jakobson, Mathesius, Trubetzkoy etc.; o Funcionalismo inglês, com Halliday; o Funcionalismo norte-americano de Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón etc.; o Funcionalismo holandês de Dik e Hengeveld, entre outros. Apesar dos diversos enfoques nessas linhas de pensamento dentro do Funcionalismo, nas abordagens desses autores prevalece a perspectiva funcionalista do interesse nas funções a que servem as unidades linguísticas.

Para o Funcionalismo, a noção de função é essencial e está presente em todas as abordagens dessa teoria. Contudo, esse conceito é um tanto quanto problemático, visto que os autores o utilizam de formas distintas para caracterizar suas análises. Para Martelotta e Kenedy (2015, p. 12), os vários sentidos desse termo estão relacionados ou com o fato de elementos de outra ordem ou domínio dependerem de um elemento estrutural ou com o papel que um elemento estrutural desempenha no processo comunicativo, isto é, sua função comunicativa. Para esses autores, o que caracterizou o Funcionalismo, na análise da Escola Linguística de Praga, foi a noção teleológica⁸ de função, pois consideraram que a língua é um sistema funcional, sendo utilizada para um determinado fim.

Por causa da polissemia do termo *função* nos modelos teóricos do Funcionalismo, os estudiosos costumam dividi-lo em dois polos: i) polo formalista, que vê a língua como um objeto autônomo, ressaltando a forma em detrimento da sua função; ii) polo funcionalista, que concebe a língua como um instrumento de interação social, considerando a função da forma linguística em situação de comunicação como proeminente. Nogueira (2006, p. 25) frisa que “as propostas classificatórias das funções externas da linguagem (e não das unidades linguísticas)” concentraram a atenção dos linguistas praguenses. Neves (1997, p. 8) ressalta que Danes (1987 *apud* NEVES, 1997) considera que a maioria dos linguistas da Escola Linguística de Praga entendiam que o termo *função* se refere a tarefas da linguagem ou de seus componentes ou aos propósitos aos quais eles servem.

Danes (1987 *apud* NEVES, 1997, p. 10) destaca que a Escola Linguística de Praga se inspirou na Escola Formalista Russa para estabelecer as funções da linguagem, apresentando uma classificação de *línguas funcionais* “que traz oposições binárias, como interna/externa, intelectual/emocional, prática/teórica etc.” (NEVES, 1997, p. 10). Vale ressaltar que, no Círculo Linguístico de Praga, há diversas propostas de funções da linguagem.

Uma proposta bastante difundida foi a de Roman Jakobson (1969). O autor ampliou a proposta de Bühler, adicionando-lhe três outras funções, sendo que cada uma se refere a algum fator do ato de comunicação verbal:

- ao contexto: função referencial;
- ao remetente: função emotiva;
- ao destinatário: função conativa;
- ao código: função metalingüística [*sic*];
- à mensagem: função poética (NEVES, 1997, p. 11).

⁸ A noção teleológica refere-se à finalidade, ao propósito.

No Funcionalismo inglês, Halliday (1973) entende que o conceito de função está ligado ao papel que a linguagem desempenha no cotidiano dos falantes, ou seja, a função serve aos diversos requerimentos sociais que permeiam a vida dos indivíduos. Uma proposta das funções da linguagem que perpassa todas as outras dentro do Funcionalismo é a de Karl Bühler (NEVES, 1997, p. 9). Segundo Neves, Bühler propõe três funções da linguagem que se relacionam de forma hierárquica nos enunciados: “a de representação (*Darstellungsfunktion*), a de exteriorização psíquica (*Kundgabefunktion*) e a de apelo (*Appellfunktion*)” (NEVES, 1997, p. 9). Essas funções se manifestam na atividade humana que inclui três elementos: um indivíduo (que informa algo), o algo informado e o indivíduo para quem esse algo é informado. Neves (1997, p. 9) chama a atenção para o fato de que, nessa proposta, o aspecto comunicador da linguagem é condicionante para todo o complexo do evento de fala, por isso “comunicar” não seria uma função da linguagem.

Halliday (1973) segue a proposta de Bühler, mas com uma perspectiva distinta deste; segue uma teoria mais intrínseca das funções da linguagem. Para Halliday (1973), a organização interna da língua reflete as múltiplas funções da linguagem. Assim, esse autor propõe algumas metafunções da linguagem: i) função *ideacional*, em que os indivíduos inserem suas experiências dos fenômenos do mundo real na língua, incluindo também experiências internas de sua consciência; ii) função *interpessoal*, na qual a linguagem é usada como o meio para intermediar o evento de fala, função que se caracteriza por ser interacional e pessoal, já que ela engloba a organização e expressão do mundo interno e externo do indivíduo; iii) função *textual*, na qual as línguas tornam-se textos e, nessa perspectiva, a execução do discurso baseia-se no fato de que o emissor é capaz de produzi-lo e o receptor, de interpretá-lo.

No Funcionalismo holandês, destaca-se a proposta de Simon Dik (1997) de uma teoria funcional da gramática que se materializa num modelo formal de gramática, o qual é também um modelo de gramática baseado na competência comunicativa, em que os parâmetros e regras que norteiam a gramática são, na verdade, instrumentos da pragmática. De acordo com o autor:

A interação verbal, isto é, a interação social por meio da linguagem, é uma forma de atividade cooperativa estruturada. É uma atividade estruturada (e não aleatória) no sentido de que é governada por regras, normas e convenções. É uma atividade cooperativa no sentido óbvio de que precisa de pelo menos dois participantes para atingir seus objetivos. Na interação verbal, os participantes valem-se de instrumentos que, no sentido geral do termo, chamaremos de expressões linguísticas. Essas expressões são, por sua vez, novamente entidades estruturadas, ou seja, são

governadas por regras e princípios que determinam sua constituição (DIK, 1997, p. 3, tradução nossa)⁹.

Portanto, Dik (1997) postula que a expressão linguística é um instrumento mediador entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário, por isso é imprescindível, na descrição linguística, a referência ao falante e ao destinatário, bem como aos papéis e estatutos do contexto da interação verbal. Nogueira resume assim a Gramática Funcional de Dik:

A Gramática Funcional de Dik é uma teoria de componentes integrados que inclui a pragmática como um componente que irá garantir que as regras de uma língua sejam explicadas em termos de sua funcionalidade, isto é, da forma e dos objetivos relacionados ao uso das expressões linguísticas *[sic]* (NOGUEIRA, 2006, p. 34).

O Funcionalismo abriga estudiosos que seguem vertentes distintas dentro dessa perspectiva de análise linguística. Nichols (1984, p. 102-103) afirma que podemos encontrar, no meio funcionalista, uma abordagem conservadora (apenas indica a insuficiência do formalismo ou do estruturalismo), extremada (as regras estão baseadas na função, não há estrutura em seu sentido próprio) ou moderada (indica essa insuficiência e propõe uma análise com base nos pressupostos funcionalistas).

No Funcionalismo norte-americano, destaca-se a consideração de Givón sobre a não autonomia do sistema linguístico. Esse autor considera que nem a língua nem a gramática podem ser descritas de forma autônoma, já que para o entendimento da gramática é necessário recorrer a parâmetros naturais que a moldam, tais como: “cognição e comunicação, processamento do cérebro e da linguagem, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução” (GIVÓN, 1995, p. xv, tradução nossa)¹⁰. Givón destaca-se por propor uma abordagem tipológico-funcional da gramática, ou seja, por entender que os aspectos funcionais, tipológicos e diacrônicos da gramática se entrecruzam. Logo, sugere, como proposta de tipologia gramatical, a descrição das estruturas através das quais as línguas particulares codificam o mesmo *domínio funcional*¹¹. Segundo o autor, a *pancronia*¹² é

⁹ Original: “Verbal interaction, i.e. social interaction by means of language, is a form of structured cooperative activity. It is *structured* (rather than random) activity in the sense that it is governed by rules, norms, and conventions. It is *cooperative* activity in the obvious sense that it needs at least two participants to achieve its goals. Within verbal interaction, the participants avail themselves of instruments which, in a general sense of the term, we shall call *linguistic expressions*. These expressions themselves are again structured entities, i.e. they are governed by rules and principles which determine their build-up”.

¹⁰ Original: “cognition and communication, the brain and language processing, social interaction and culture, change and variation, acquisition and evolution”.

¹¹ Esse termo é empregado por Givón (1984) correspondendo às áreas funcionais que compõem a gramática, as quais podem se referir a áreas funcionais gerais (ou macrodônios), como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, ou a áreas estritas (microdomínios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis, a especificação nominal etc.

¹² A *pancronia* entrecruza explicações diacrônicas e sincrônicas para explicitar os processos de gramaticalização e os universais linguísticos.

necessária para explicar que os processos de gramaticalização e os universais linguísticos são antes graus ou tendências, visto que os subsistemas cognitivo, comunicativo e gramatical são complexos (GIVÓN, 2001, p. 23).

Nessa abordagem, Paul Hopper e Sandra Thompson (1980) deram destaque à transitividade em seu modelo de análise linguística, tratando-a como uma propriedade que perpassa a cláusula. Esses autores defendem que a transitividade é um *continuum* “ao longo do qual vários pontos se agrupam e tendem a co-ocorrer fortemente e que os pontos de alta transitividade e baixa transitividade se correlacionam com as noções independentes do discurso de figura e fundo, respectivamente” (HOPPER; THOMPSON, 1980, p. 294). Sobre isso, Nogueira escreve:

Célebre é o artigo de Hopper e Thompson (1980), em que a transitividade é tratada como propriedade escalar da frase, a partir da covariação entre parâmetros internos (número de participantes, cinese, aspecto, pontualidade, volição, afirmação, modo, agentividade, afetação e individuação do objeto) e o relevo discursivo (distinção figura e fundo). (NOGUEIRA, 2006, p. 28-29).

Como os parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980)¹³ estão, de algum modo, relacionados ao grau de transitividade de uma cláusula, os autores supõem que eles são condicionados por um princípio pragmático, a marcação do relevo discursivo. Cunha, Costa e Cezário (2015, p. 31) argumentam, partindo desse aspecto, baseados na psicologia gestáltica, que o texto narrativo distingue o que é central (figura) do que é periférico (fundo). Para esses autores, *figura* é “aquela porção do texto narrativo que apresenta

¹³ Parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980) para análise da transitividade:

	Transitividade alta	Transitividade baixa
A. Participantes	dois ou mais participantes: agente e objeto	um participante
B. Cinese	ação	não ação
C. Aspecto do verbo	perfectivo	não perfectivo
D. Punctualidade do verbo	punctual	não punctual
E. Intencionalidade do sujeito	volitivo	não volitivo
F. Polaridade da cláusula	afirmativa	negativa
G. Modalidade da cláusula	modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
H. Agentividade do sujeito	alta em potência	baixa em potência
I. Afetamento do objeto	totalmente afetado	não afetado
J. Individuação do objeto	individuído	não individuído

(HOPPER; THOMPSON, 1980, p. 252, tradução nossa).

sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, factuais, sob a responsabilidade de um agente”. Enquanto *fundo* se refere ao que se conhece por *background*, o cenário; são eventos ou ações periféricas em relação à figura. Logo, o emissor, usando estratégias de construção textual, conduz o interlocutor a interpretar alguns eventos como centrais e outros como periféricos. Por isso, como concluem Hopper e Thompson (1980, p. 294), há uma forte correlação entre a marcação gramatical dos parâmetros da transitividade e a distinção figura e fundo no plano discursivo, a qual é relevante, neste estudo principalmente, no que tange à relação entre as cláusulas coordenadas em textos de sequências narrativas.

Neste trabalho, seguiremos a abordagem do Funcionalismo norte-americano, que sustenta alguns pressupostos que são caros para esta pesquisa, como é o caso da refutação de Givón (1995; 2001) para os conceitos que fundamentam a linguística estrutural, a saber, a arbitrariedade do signo linguístico, a distinção idealizada entre língua (*langue*) e fala (*parole*) e entre diacronia e sincronia. A arbitrariedade do signo, ou seja, o fato de não haver relação motivadora entre o significante e o significado, não pode se sustentar, quando se estuda a língua em uso. Essa arbitrariedade é resultado da outra distinção, nomeadamente, entre língua (*langue*) e fala (*parole*), pois quando se toma a língua em uso, observa-se que a criação de novos rótulos para novos referentes não é arbitrária, mas resulta de mecanismos recorrentemente motivados. Pode-se falar, então, em *motivação semântica*, para os processos de formação de novas expressões a partir do material que já há na língua, apenas estendendo o seu significado (ex.: “criado-mudo”, “fim de semana” etc.); em *motivação morfológica*, para os processos morfológicos de derivação (ex. “ventilador”, “aguaceiro” etc.) e em *motivação fonética* no caso das onomatopeias (ex. “tic-tac”, “cocoricó” etc.) (MARTELOTTA; KENNEDY, 2015, p. 18).

No âmbito da sintaxe, também se observa motivação, por exemplo, quando, na narração de uma sequência de ações, a ordem em que narramos as ações reflete a ordem cronológica em que elas se deram. Assim, os funcionalistas chamam de *iconicidade* a não arbitrariedade entre os processos de construção do discurso e seus sentidos, ou seja, esses processos são de alguma forma motivados e não arbitrários. Givón (2001, p. 34, tradução nossa) postula que “uma abordagem funcional da gramática é fundamentada na pressuposição de que a gramática, como todo sistema de origem biológica, é motivada por fatores adaptativos e, portanto, em princípio, não é arbitrária”.¹⁴ O autor defende uma posição intermediária sobre a iconicidade da linguagem, diferentemente de alguns linguistas que entendem que a gramática é 100% isomórfica para a função comunicativa. Givón (2001) considera que a gramaticalização

¹⁴ Original: “The functional approach to grammar is founded on the assumption that grammar, like all biologically-based systems, is adaptively motivated and thus in principle non-arbitrary”.

acentua a arbitrariedade, já que regras convencionais se misturam e se combinam com os princípios icônicos da proto-gramática¹⁵. Isso pode ser percebido na gramaticalização dos conectores que atuam na articulação de cláusulas, como é o caso da passagem da expressão portuguesa antiga de valor temporal *em boa hora* para o conector *embora*. Esse processo, segundo Martelotta (2008, p. 45), parte do uso da expressão temporal, o qual advém de uma crença medieval de que o sucesso das nossas ações estava estritamente relacionado à hora em que as praticávamos. Martelotta (2008, p. 45-6) ilustra esse processo com os exemplos 1 a 4:

- (1) Que dissesse **em boa hora** o que lhe aprouvesse.
- (2) Vay-te **embora**, ou na má hora.
- (3) ... continuei no local... e eles quiseram ir **embora**...
- (4) **Embora** a noite tenha tido isso de engraçado, é triste saber que um garoto de dez anos estava às onze da noite vendendo rosas de mesa em mesa em um bar enquanto deveria estar dormindo, e pior, sem esperança nenhuma de alcançar sucesso na vida.

O autor mostra, a partir dos exemplos 1 e 2, que a expressão perde seu sentido original e assume dois valores distintos, primeiro como advérbio, depois como conector com valor concessivo. Nesse processo de gramaticalização, a perda semântica da expressão temporal resultou num elemento gramatical arbitrário. Neves também chama a atenção para o tipo de iconicidade que se adota no Funcionalismo:

Entretanto, tem de ficar descartado um isomorfismo, ou relação biunívoca, nas relações entre forma e significado, já que nada justifica defender que um signo seja a imagem de seu referente, concepção que levaria a que se deixasse de admitir sinonímia ou homonímia nas línguas. Também é fácil descartar uma ‘iconicidade imagética’, mas muitas evidências conduzem à admissão de uma ‘iconicidade diagramática’, ou seja, à admissão de que os arranjos estruturais refletem relações análogas existentes na estrutura semântica, afastada a noção de uma semelhança entre signos e seus referentes: assim, em princípio, mais material lingüístico [*sic*] corresponderia a maior afastamento conceptual entre eles, e assim por diante (NEVES, 2011, p. 23).

A *gramaticalização* é outro conceito base para o Funcionalismo. Esse conceito está ligado aos processos de variação e mudança linguística, o que demonstra o caráter não estático das línguas, que estão em constantes mudanças resultantes das pressões de uso. Segundo Hopper e Traugott (2003, p. 1), esse termo refere-se tanto às estruturas envolvidas na variação e mudança linguística quanto ao próprio fenômeno de variação e mudança. Portanto, esses autores destacam que a gramaticalização “faz parte do fenômeno linguístico mais amplo da

¹⁵ Givón (2001) propõe a existência de uma proto-gramática que seria uma forma preliminar no processo evolutivo da língua, uma forma de “comunicação pré-gramatical *pidgin*”, com regras icônicas, cognitivamente transparentes, não arbitrárias, expressas nos vários princípios e sub-princípios da iconicidade.

estruturação, através do qual algumas combinações de formas podem, com o tempo, ser atribuídas de forma fixa a determinadas funções”¹⁶ (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 2, tradução nossa). Assim, por gramática entende-se “o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões do uso” (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 42). Ao se tratar de gramaticalização, a questão que se põe imediatamente é: de qual perspectiva deve-se observar os fenômenos desse tipo, através da sincronia ou da diacronia? Hopper e Traugott (2003, p. 4) mostram as duas perspectivas através das quais a gramática foi estudada: i) “histórica”, que observa as fontes das formas gramaticais e os processos de mudança que sofrem; e ii) “mais sincrônica”, que analisa os fenômenos da gramática a partir dos padrões fluidos do uso da linguagem.

Neves (1997, p. 118) destaca que essa questão da perspectiva de análise dos fenômenos gramaticais se relaciona a outra questão, a do “caráter gradual” *versus* “caráter instantâneo” da gramaticalização. Segundo a autora, mesmo que se tenha, num dado momento, uma estrutura que tomou o lugar de outra, é fato que essas formas coexistiram por um tempo, consolidando um processo de variação, a qual reflete o caráter gradual do processo de mudança linguística. Dessa forma, as duas perspectivas são necessárias para se entender o processo por completo.

Cunha, Costa e Cezário (2015, p. 43) mencionam a gramaticalização *stricto sensu* (analisa as mudanças que acontecem partindo do léxico para a gramática) e a gramaticalização *lato sensu* (mudanças internas na gramática, incluem os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular). Os autores citam como exemplo de gramaticalização *stricto sensu* a trajetória do verbo *ir* na pesquisa de Silva (2000 *apud* CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015). Esse verbo acumula tanto as funções de verbo pleno como de verbo auxiliar, significando deslocamento espacial ou temporal. Para exemplificar a gramaticalização *lato sensu*, os autores citam o trabalho de Oliveira (2000 *apud* CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015) sobre o deslizamento do pronome relativo *onde*, o qual tinha primeiramente um sentido de espaço físico e ganha também o sentido de espaço de tempo, evoluindo para marcador do discurso sem significação lexical, servindo apenas como um recurso coesivo.

Givón (1979) descreve o ciclo dos processos diacrônicos de regularização do uso da língua, mostrando, assim, o caráter evolutivo dos processos de gramaticalização: *discurso* >

¹⁶ Original: “Grammaticalization in this sense is part of the wider linguistic phenomenon of structuration, through which combinations of forms may in time come to be fixed in certain functions” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 2).

sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero. Por isso, Givón (1971, p. 413) considera que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”. Esse ciclo evolutivo tem uma trajetória unidirecional, de forma que “uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida” (NEVES, 1997, p. 121). Nesse trajeto que o processo de mudança percorre, um item lexical passa a desempenhar determinada função gramatical em contextos definidos, mas ainda não de forma completamente estável. Com a frequência de uso, progressivamente essa mudança vai tornando-se mais previsível e regular para resultar, posteriormente, em uma nova estrutura sintática com características especiais, a qual ainda pode evoluir para uma forma mais dependente (um clítico ou um afixo). A frequência de uso também pode possibilitar que essa nova forma venha a sofrer um posterior desgaste formal e funcional, que poderá acarretar seu desaparecimento, desencadeando um novo ciclo de gramaticalização (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 43-44).

Ainda em relação à frequência de uso, Givón (2001, p. 37-42) a correlaciona à marcação e à complexidade estrutural. O autor destaca que a categoria mais marcada é menos frequente e a menos marcada é mais frequente. Quanto à associação entre a complexidade estrutural e a frequência, são necessários outros elementos mais substanciais para explicá-la, tais como aspectos cognitivos, comunicativos, socioculturais, neurobiológicos, desenvolvimentistas ou evolutivos. Segundo esse autor, a marcação depende do contexto de interação. Assim, numa comunicação oral em assuntos cotidianos, é mais frequente [em inglês] o emprego de cláusulas na voz ativa, como em 5a, enquanto a voz passiva 5b predomina no discurso acadêmico.

- (5) a. She wrote the book last year.
 b. The book was written last year. (GIVÓN, 2001, p. 39)¹⁷

Em relação à integração de componentes pragmáticos ao entendimento de gramática, Neves (1997, p. 28) mostra que essa incorporação da pragmática na gramática admite que a sintaxe também é determinada pelo discurso. A autora recorre a Du Bois (1993 *apud* NEVES, 1997, p. 29) para argumentar que tanto a gramática molda o discurso como este também é moldado por ela. Logo, não se pode desconsiderar a pragmática na análise da gramática, como é feito na proposta formalista. Citando, também, os estudos de Auwera (1989), a autora argumenta que há aspectos da pragmática externos à gramática, como “a visão do

¹⁷ a. Ela escreveu o livro no ano passado.

b. O livro foi escrito no ano passado. (GIVÓN, 2001, p. 39, tradução nossa)

planejamento da língua na perspectiva da sua adaptação ao meio ambiente” (NEVES, 1997, p. 31), e aspectos internos à gramática, como a centralização da “topicidade” na gramática. Neves (1997) cita, ainda, as noções pragmáticas de Tópico e Foco como componentes internos à gramática. A autora define Tópico como o “constituente acerca do qual se faz a oração” e Foco como o que “carrega a informação mais saliente” (NEVES, 1997, p. 29).

Outro conceito recorrente na perspectiva funcionalista é o de *prototipia*, o qual é resultado imediato da relação entre gramática e cognição. Neves define o protótipo como “o membro que ostenta o maior número das propriedades que bem caracterizam uma categoria” (NEVES, 2011, p. 22). Segundo essa autora, a partir do protótipo é que se classificam os membros de cada categoria, observando-se o grau de semelhança ao membro prototípico. As associações feitas entre referentes com propriedades comuns é que estabelecem o conjunto de protótipo. Contudo, não é necessário que seus membros apresentem traços em comum. Neves (2011, p. 22-23), recorrendo à proposta de prototipia ampliada de Kleiber (1988), afirma que os protótipos podem “pertencer a subcategorias diferentes, mas constituir uma mesma categoria, por meio de princípios de encadeamento e associação”, já que o protótipo é uma entidade abstrata e tem seus membros associados por grau de semelhança a ele.

Rosch (1973), ao tratar das estruturas internas das categorias perceptivas e semânticas, propõe que as categorias psicológicas têm uma estrutura interna, que se organiza em um significado central, no qual as instâncias de categorias se encaixam. Esse significado central seria o ponto de referência, o protótipo, em torno do qual as categorias se agrupam de forma gradativa. Assim, há instâncias de categorias que são “exemplos focais” dessa categoria e, por isso, são mais prototípicas que outras. A autora conclui que:

[...] as categorias psicológicas têm uma estrutura interna (isto é, as instâncias dessas categorias diferem no que diz respeito ao seu grau de similaridade com os ‘exemplos de referência’ [‘focais’] da categoria); a natureza da estrutura das categorias perceptuais que são a cor e a forma é determinada por ‘protótipos naturais’ perceptualmente salientes; e as categorias semânticas não-perceptivas também possuem uma estrutura interna que afeta a maneira como são processadas (ROSCH, 1973, p. 144, tradução nossa)¹⁸.

Baseando-se nos estudos das categorias de Rosch, Lakoff (1987) cria a Teoria Prototípica, associando a Psicologia Cognitiva à Linguística. Dessa forma, vinculou a semântica à natureza da categorização humana. A partir daí o autor constrói a teoria dos

¹⁸ Original: “[...] psychological categories have internal structure (that is, instances of categories differ in the degree to which they are like the ‘focal examples’ of the category); that the nature of the structure of the perceptual categories of color and form is determined by perceptually salient ‘natural prototypes’; and that nonperceptual semantic categories also have internal structure which affects the way they are processed”.

Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)¹⁹, na qual esse modelo idealizado é a fonte da constituição das categorias e, conseqüentemente, dos efeitos prototípicos. Os MCIs são, portanto, estruturas conceituais complexas através das quais organizamos o nosso conhecimento do mundo. Logo, estruturas de categorias e efeitos de protótipos são subprodutos dessa organização.

Givón (2001, p. 33), recorrendo à posição de Rosch (1973), observa que os membros mais prototípicos de uma categoria tendem a ser processados automaticamente, enquanto os membros que se afastam do protótipo, ou seja, os que ocupam um lugar intercategórico, são os que se processam mais lentamente, passando a depender do contexto. Logo, o membro mais prototípico de uma categoria é aquele que exhibe o maior número de propriedades ou características dessa categoria, e os demais são classificados a partir do grau de semelhança que mantêm com esse protótipo.

No Funcionalismo, alguns pressupostos são básicos para o estudo da gramática, como os alista Neves (2012, p. 51): (i) sendo a linguagem um fenômeno que serve a uma variedade de propósitos, há pressões internas e externas que tentam equilibrar a forma da gramática; (ii) a língua e sua gramática não podem ser estudadas de forma autônoma, já que há fatores externos que são ativadores do sistema linguístico; (iii) as formas e a gramática de uma língua não são um fim em si mesmo, mas meios para um fim. A autora relata, ainda, as propriedades existentes na organização gramatical:

- (i) caráter não-discreto [*sic*] das categorias;
- (ii) indeterminação semântica, com valorização do papel do contexto;
- (iii) gradualidade das mudanças e coexistência de etapas;
- (iv) regularização, idiomatização e convencionalização contínuas (NEVES, 2012, p. 52).

Como os funcionalistas entendem que a linguagem é resultado das motivações de uso e das necessidades comunicativas, o dinamismo da gramática aciona dois aspectos essenciais no uso da linguagem: a *informatividade* e a *economia*. A informatividade envolve o “aumento da forma fônica; aumento da complexidade; maior dispêndio de tempo no enunciado; relação (mais) direta entre forma linguística e estrutura da experiência” (NEVES, 2012, p. 55). Já na economia, há uma diminuição na forma fônica, perde-se a complexidade, tem-se menor tempo no enunciado e uma relação menos direta entre a forma linguística e a estrutura da

¹⁹ *Idealized Cognitive Models.*

experiência (NEVES, 2012, p. 55). Alguns fatores relacionados a essas características da informatividade e da economia podem dar diferentes resultados:

- a) a frequência de uso leva à: clareza, quanto à INFORMATIVIDADE, e à rotinização, quanto à ECONOMIA;
- b) a existência de marcas leva à: expressividade, quanto à INFORMATIVIDADE, e à regularização, quanto à ECONOMIA;
- c) a velocidade de processamento leva à: ampliação do contexto, quanto à INFORMATIVIDADE, à redução do contexto, quanto à ECONOMIA;
- d) a iconicidade leva a: maior transparência, quanto à INFORMATIVIDADE, e a maior opacidade, quanto à ECONOMIA (NEVES, 2012, p. 56).

Assim, Neves resume esse esquema do dinamismo da gramática na perspectiva funcionalista da seguinte forma:

Figura 1 – Esquema de ativação da gramática



Esses pressupostos funcionalistas nortearão a análise dos dados neste estudo, traçando os trilhos nos quais se darão os procedimentos metodológicos, bem como a interpretação dos fenômenos linguísticos constatados nos dados. Neste trabalho, a forma linguística não será de forma alguma analisada à parte do seu contexto de uso. Por isso, a consideração da combinação dos três grupos de componentes (emissor e receptor; forma e sentido; figura e fundo) da interação linguística é essencial para esta pesquisa.

Desses princípios/pressupostos formulados pela pesquisa de cunho funcionalista, empregaremos, na análise dos dados, os princípios da marcação, frequência e prototipia, entendendo que os elementos não marcados são, preferencialmente, os mais usados pelos falantes e que os elementos mais frequentes tendem a ser os prototípicos. Logo, a análise da atuação das marcas do complexo TAM (tempo, aspecto e modalidade), do emprego dos conectores, da posição da cláusula em relação à sua nuclear, do compartilhamento de argumentos, da relação semântica estabelecida entre as cláusulas, mostrar-nos-ão quais estruturas são mais frequentes no *corpus*, apontando, assim, as estruturas prototípicas na frase complexa do santiaguense, assim como as mais e menos marcadas. Portanto, com esses princípios, poderemos organizar uma proposta de tipologia da articulação de cláusulas em santiaguense.

2.2 O estado da arte em articulação de cláusulas

Diversos estudos de âmbito funcionalista sobre a articulação de cláusulas têm sido desenvolvidos, tanto aplicados a línguas específicas como estudos translinguísticos, os quais estabelecem tipologias mais gerais com base na análise de diversas línguas específicas.

Halliday (1985), opondo-se à dicotomia coordenação *versus* subordinação, propõe um *continuum* no tratamento das frases complexas, em que as relações são determinadas pela conjugação de dois sistemas: o tático e o lógico-semântico. O sistema tático refere-se à relação de interdependência entre os elementos. Inclui as relações de *parataxe* e de *hipotaxe*, em que há uma relação de continuação e de dominação, respectivamente. No sistema lógico-semântico, enfoca-se a relação entre os processos²⁰. Assim, podemos ter relação por ‘expansão’ ou por

²⁰ Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 170-175), o sistema gramatical da transitividade é responsável pela materialização da experiência humana, a qual é entendida como um fluxo e uma variação de eventos ou acontecimentos. Assim, a transitividade constrói essa experiência humana a partir de um conjunto gerenciável de tipos de processos (verbos). Nesse sistema, há seis tipos de processos: material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial. Os três primeiros tipos são principais e os demais inserem-se nas fronteiras destes. Os processos materiais referem-se às experiências do mundo externo, os mentais, às do mundo interior, da consciência, e os relacionais referem-se às experiências que vivemos em relação com os outros.

‘projeção’. Neves (2011) sintetiza a concepção de Halliday (1985) sobre o sistema lógico-semântico da seguinte forma:

a) A expansão se dá:

a1) por elaboração (uma oração elabora o significado de outra, especificando-a; o modelo de conjunção é ‘isto é’, e o sinal que identifica a relação é =);

a2) por extensão (uma oração amplia o significado de outra, acrescentando algo novo a ela; a conjunção típica desse processo é ‘e’, e o sinal que identifica a relação é +);

a3) por realce (uma oração realça o significado de outra, qualificando-a quanto a tempo, lugar, modo, causa ou condição; as conjunções típicas são ‘assim’ e ‘então’, e o sinal que identifica a relação é x);

b) na projeção uma oração se projeta sobre a outra, funcionando como representação da própria representação linguística: ou se expressa uma locução (identificada pelo sinal ‘..’) ou se expressa uma ‘idéia’ [*sic*] (identificada pelo sinal ‘..’). Ambas são representadas pelo discurso direto, se na parataxe, e pelo discurso indireto, se na hipotaxe (NEVES, 2011, p. 228).

Nesse modelo, na parataxe, evidencia-se uma relação de “continuação”; já na hipotaxe, uma relação de “dominação”. Quanto às cláusulas que funcionam como constituinte da estrutura de um sintagma que constitui a frase complexa, essas ficam de fora desse eixo tático, na proposta de Halliday (1985), por não se tratar de relação entre cláusulas, mas “mecanismo de ‘constituência’ de uma cláusula, a qual entra no eixo tático que vai formar a frase complexa” (NEVES, 2011, p. 228). Para Neves (2011), esse modelo evidencia uma visão sistêmica das diversas formas de relacionamento entre os elementos da frase, evitando possíveis adendos, como os das classificações tradicionais que categorizam sintaticamente uma frase complexa como “não vou à festa, não gosto de sair de casa”²¹ (NEVES, 2011, p. 229) como coordenada, porém com a ressalva de que se trata de uma subordinada lógica ou psicológica, ou seja, as cláusulas em coordenação estariam estabelecendo uma relação de subordinação adverbial²² não discreta, evidenciada apenas pelo contexto.

Matthiessen e Thompson (1988) concatenam a análise do grau de interdependência entre as cláusulas da frase complexa com as funções discursivas. Seguem Halliday e outros linguistas sistêmicos que assumem os dois graus de combinação de interdependência entre as cláusulas: a parataxe e a hipotaxe. Como Halliday, também colocam de fora o encaixamento, tratando-o não como relação entre cláusulas, mas como constituência de uma cláusula em relação a um constituinte de outra. Para os autores, não é possível caracterizar a cláusula subordinada estritamente no nível da frase, é necessário recorrer ao contexto discursivo para

²¹ Vale ressaltar que essa frase complexa é formada por duas cláusulas coordenadas, “não vou à festa” e “não gosto de sair de casa”, sendo que a segunda coordenada é constituída por uma matriz “não gosto” e sua completiva “de sair de casa”.

²² Possivelmente, Neves (2011) considera essa relação semântica como explicação. Neste trabalho, consideramos as cláusulas explicativas como cláusulas coordenadas.

diferenciar a cláusula subordinada da sua nuclear. A inovação dessa proposta funda-se na visão de que a estruturação da frase reflete a ordenação do discurso, quer seja em relações em que os membros têm igual estatuto, as quais os autores chamam de relações de listagem (parataxe), quer seja naquelas em que um membro é dependente do outro (hipotaxe), as quais o autor chama de relações núcleo-satélite. Assim, a gramaticalização da hipotaxe é motivada por alguma função discursiva (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988). Isso pode ser examinado no exemplo citado por Matthiessen e Thompson (1988, p. 277, tradução nossa): “*Antes de deixar Krishnapur para escoltar sua esposa para Calcutá, ..., o coletor tomou uma decisão estranha*²³”. Nesse exemplo, a cláusula *o coletor tomou uma decisão estranha* é a mais central no propósito do escritor ao criar esse texto. Sem ela, as demais cláusulas não existiriam. Assim, essa cláusula é o núcleo, e as demais são satélites ou adverbiais.

Mathiessen (2002, p. 237) remarca a contribuição de Thompson (1984) e Ford e Thompson (1986) sobre o estudo da articulação de cláusulas, em particular a localização de cláusulas dependentes, em relação ao que esses autores chamam de “fluxo de informação” no discurso. Portanto, esses estudos têm mostrado, além de outras contribuições, que a posição da cláusula dependente em relação à sua dominante, numa frase complexa, tem motivações temáticas. Por exemplo, quando a cláusula dependente é anteposta à sua dominante, ela serve para especificar um contexto local no qual o que se segue é interpretado.

A perspectiva de Lehmann (1988) distingue-se das demais pelo fato de ele propor uma tipologia para os graus de gramaticalização do vínculo oracional. O autor sugere seis parâmetros sintáticos que considera relevantes para o estudo da articulação de cláusulas nas línguas humanas, os quais ele agrupa em três pares. O primeiro par focaliza a autonomia *versus* a integração da cláusula subordinada à principal. Esse par inclui os parâmetros: i) rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada, em que se analisa se uma cláusula perde suas características para se tornar um constituinte particular e bem definido de uma cláusula matriz; ii) nível sintático em que a cláusula subordinada se realiza. O segundo par refere-se à expansão ou redução da cláusula e aborda os parâmetros: i) desfrasialização, em que se examina se a cláusula subordinada perde suas propriedades, adquirindo propriedades nominais; ii) gramaticalização do verbo principal. O terceiro par trata do isolamento ou vinculação e engloba os parâmetros: i) entrelaçamento, em que se verifica o compartilhamento de argumentos (ex. sujeito); ii) explicitude da vinculação, em que a vinculação se estabelece de forma explícita através de conectores. Todos esses parâmetros são analisados a partir de um *continuum* que vai

²³ Original: “Before leaving Krishnapur to escort his wife to Calcutta, ..., the Collector took a strange decision.” (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988, p. 277).

da máxima elaboração (polo da não dependência) à máxima compressão da informação lexical e gramatical. Essa escala de integração é analisada a partir da observação dos parâmetros listados que mostram o grau de autonomia da cláusula, ou seja, se a estrutura da cláusula permanece com as características morfossintáticas de frase, mais autônoma ela é; quanto mais desfrasalizada (cláusula caracterizada morfossintaticamente pela perda de características de uma frase autônoma), mais integrada ela é. Essa proposta pode ser resumida e aplicada nos *continua* propostos por Lehmann (1998).

Figura 2 – Paralelismo dos *continua* da vinculação de cláusulas



Fonte: Lehmann (1988, p. 217).

A proposta de Lehmann (1988) será retomada no capítulo 6, em que tratamos do grau de integração entre as cláusulas no santiagoense. Usamos essa proposta como paradigma, aplicando-a às especificidades sintáticas do crioulo de Cabo Verde (variedade de Santiago), já

²⁴ Isso se deve à gramaticalização na frase complexa, em que cláusulas vinculadas, por processos de gramaticalização, integraram-se de tal forma que não se constituem mais como cláusulas, mas como afixos do predicado principal, como ocorre em algumas línguas.

que o próprio Lehmann (1988) admite que esses parâmetros não são leis, mas indicadores que revelam tendências²⁵.

Hopper e Traugott (1993; 2003) estudam a articulação de cláusulas de uma perspectiva da gramaticalização, focalizando seus estudos na gramaticalização das frases complexas ao longo do tempo. Os autores empregam o termo gramaticalização como “as etapas pelas quais itens específicos se tornam mais gramaticais com o tempo” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 2). Assim, na gramaticalização²⁶, as formas linguísticas vão-se combinando no decorrer do tempo, o que pode resultar em mistura de funções dessas formas. Segundo esses autores, a mudança é tendenciosamente de menos para mais integrada. Dessa forma, o resultado esperado nesse processo de gramaticalização das cláusulas complexas é que cláusulas mais simples resultem da gramaticalização de estruturas complexas, como foi visto nos exemplos 1 a 4 com a expressão temporal *em boa hora* que resultou no conector com valor concessivo *embora*.

Hopper e Traugott (2003) seguem, como Lehmann (1988), a proposta de um *continuum* de integração entre as cláusulas que vai da parataxe (menor integração) à subordinação (maior integração), passando pela hipotaxe (grau intermediário de integração). Assim, a parataxe caracteriza-se pela não dependência e não encaixamento, a hipotaxe, pela dependência e não encaixamento, e a subordinação, pela dependência e encaixamento, como sintetizado pelos autores no Quadro 1:

Quadro 1 – Especificação em termos de combinação de características das relações entre cláusulas

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- dependência		+ dependência		+ dependência
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento

Fonte: Hopper e Traugott (2003, p. 178, tradução nossa).

Neves (2011, p. 230) ressalta que o modelo proposto por Hopper e Traugott (2003) não é apenas uma mudança dos modelos mais tradicionais com escalas bipartidas para um modelo tripartido:

²⁵ As adaptações na aplicação dos parâmetros propostos por Lehmann (1988) para a análise da integração entre cláusulas no santiaguense podem ser vistas no capítulo 6.

²⁶ Hopper e Traugott (2003) abordam a gramaticalização tanto da perspectiva histórica, examinando as fontes das formas gramaticais e as etapas envolvidas na mudança, como da perspectiva sincrônica, em que a gramaticalização é encarada como um fenômeno sintático e pragmático do discurso.

Essa organização que integra os componentes sintático e semântico, além das relações retóricas – cruza duas tradições, a primeira entre parataxe e hipotaxe, a partir do parâmetro ‘integração’. Dos dois pares em cruzamento obtém-se uma escala tripartida, que não é simples substituição das escalas bipartidas, já que o princípio que está na base é outro, e a escala não é resolvida em termos discretos. Sem a manutenção do princípio de não-discretização [*sic*] de categorias, simplesmente se sairia de uma partição em dois para uma partição em três ou mais blocos de fronteiras rígidas, o que viria a dar na mesma (NEVES, 2011, p. 230).

Entendemos, como Hopper e Traugott (2003), que a vinculação entre cláusulas tem caráter gradiente. Contudo, propomos uma marcação escalar bipartida que vai da coordenação [- dependência] à subordinação [+ dependência], sendo que as cláusulas que têm o traço [+ dependência] partilham também os traços [+ encaixamento] ou [- encaixamento]. O Quadro 2 mostra os traços compartilhados nas vinculações entre cláusulas.

Quadro 2 – Combinação de traços na vinculação entre cláusulas

Coordenação	>	Subordinação	
- dependência		+ dependência	
		- encaixamento	+ encaixamento

Fonte: Elaborado pela autora.

Decat (1999) toma a noção de “unidade informacional” – *idea unit*, postulada por Chafe (1980)²⁷ – como parâmetro para a análise da dependência entre as cláusulas. A autora destaca que Chafe (1980) afirma que é possível usar mecanismos para expandir a unidade informacional, e entre eles estão as cláusulas de complemento e as relativas restritivas. Assim, se uma cláusula não constitui por si só um enunciado é porque ela não é uma unidade de informação.

Para essa autora, a dependência não pode ser analisada apenas por aspectos formais e no nível da frase, mas precisa ampliar seu campo para o nível do discurso. Seguindo Lyons (1968), Van Valin (1984), Lakoff (1984), Mathiessen e Thompson (1988), Halliday e Hasan (1976) e Halliday (1985), Decat (1999) entende a necessidade de diferenciar cláusulas que são integradas estruturalmente a outras cláusulas, as encaixadas, das estruturas de hipotaxe, que não se integram sintaticamente à outra cláusula, mas se relacionam a ela por aspectos organizacionais do discurso.

²⁷ Chafe (*apud* DECAT, 1999, p. 27) define “unidade informacional” como “um jato de linguagem que contém toda a informação que pode ser ‘manipulada’ pelo falante num único foco de ‘consciousness’ (ou ‘estado de consciência’ (KATO, 1985, p. 35))”.

Em outras palavras, cumpre distinguir: a) cláusulas dependentes que têm a ver com os fatos da gramática da língua, isto é, aquelas cuja dependência é determinada pela escolha do item lexical, que desempenham um papel gramatical em constituição com um item lexical; b) cláusulas dependentes que representam opções organizacionais para o usuário da língua. No primeiro tipo englobam-se as cláusulas-complemento e as adjetivas restritivas; já no segundo enquadram-se, por exemplo, as cláusulas adverbiais, desde que não sejam argumento do verbo, e as apositivas. É justamente esse tipo que caracteriza, segundo Thompson (1984), as cláusulas independentes (DECAT, 1999, p. 26).

Givón (2001) também trabalha com a ideia de um *continuum* para a análise da integração entre cláusulas, porque considera que a distinção binária entre subordinadas (cláusulas dependentes) e coordenadas (cláusulas independentes) não dá conta de tudo que envolve o processo de articulação de cláusulas. Ao contrário, o autor entende que nenhuma cláusula conectada à outra, em um discurso coerente, pode ser completamente independente, de uma perspectiva funcional, pois ela depende de alguma forma do seu contexto “local” (‘linear’) e “global” (‘hierárquico’). Ainda enfatiza que essa percepção coincide com a definição de coerência, o que, conseqüentemente, traz implicações gramaticais: “A coerência discursiva sempre tem algumas conseqüências gramaticais que, por mais sutis que sejam, tendem a ser unidirecionais e, portanto, corretamente expressas em termos de dependência, regência ou controle”²⁸ (GIVÓN, 2001, p. 328, tradução nossa).

Assim, as relações entre as cláusulas que estão em articulação num discurso são melhor percebidas dentro de um *continuum* de integração com duas escalas isomórficas paralelas que evidenciam a dimensão funcional da integração entre os eventos e as dimensões sintáticas da integração entre as cláusulas:

Na mesma linha, uma distinção binária absoluta entre cláusulas subordinadas (‘dependentes’) e coordenadas (‘independentes’) é lamentavelmente insustentável. Conforme observado em nossa discussão anterior sobre complementos verbais (cap. 12), a dimensão funcional da integração dos eventos e as dimensões sintáticas da integração das cláusulas (‘união de cláusulas’) conformam duas escalas isomórficas paralelas. As cláusulas subordinadas/adverbiais e coordenadas/encadeadas são apenas a extensão natural dessas escalas. Ao longo do *continuum* funcional, as características proposicionais-semânticas da integração dos eventos confundem-se gradualmente com as características mais discursivo-pragmáticas da coerência entre eventos. Ao longo do contínuo sintático que segue em paralelo, as relações gramaticais de dependência entre as cláusulas tornam-se gradualmente mais frouxas²⁹ (GIVÓN, 2001, p. 328, tradução nossa).

²⁸ No original: “And discourse coherence always has some grammatical consequences that, however subtle, tend to be uni-directional, and thus rightly couched in terms of dependence, government, or control”.

²⁹ No original: “In the same vein, an absolute binary distinction between subordinate (‘dependent’) and coordinate (‘independent’) clauses is woefully untenable. As noted in our earlier discussion of verbal complements (Ch. 12), the functional dimension of event integration and the syntactic dimensions of clause integration (‘clause union’) formed two parallel isomorphic scales. Subordinate/adverbial and coordinate/chained clauses are but the natural extension of those scales. Along the functional continuum, the propositional-semantic features of event

O isomorfismo a que se refere Givón se dá na proporção de que “quanto mais forte for a conectividade entre os eventos/estados, mais forte será a dependência sintática entre as duas cláusulas que a codificam” (GIVÓN, 2001, p. 328). Então, tem-se o seguinte *continuum* de dependência entre cláusulas:

Quadro 3 – *Continuum* de dependência (‘semântica’)
entre cláusulas³⁰

semanticamente mais dependente

complementos verbais

cláusulas subordinadas/adverbiais

cláusulas coordenadas/encadeadas

pragmaticamente menos dependente

Fonte: Givón (2001, p. 328, tradução nossa).

Baseando-se no princípio da iconicidade, Givón (2001) estabelece o *continuum* funcional (Quadro 3), mostrando que as características semânticas da integração de eventos se transformam, gradualmente, em características pragmáticas do discurso, que evidenciam a coerência entre eventos. O *continuum* estabelece que cláusulas encaixadas, que funcionam como complemento verbal, são, portanto, mais integradas semanticamente e, conseqüentemente, sintaticamente, enquanto as coordenadas são menos integradas semanticamente e menos dependentes pragmaticamente.

Cristofaro (2003) alega que há dois parâmetros principais para avaliar o grau de diferença estrutural entre as cláusulas dependentes e as independentes, a saber: a forma verbal e a codificação dos participantes. Segundo essa tipologista da subordinação, verbos que codificam um evento dependente podem ser estruturalmente diferentes dos verbos que codificam um evento independente, pois eles podem não evidenciar todas as distinções de categoria verbal (como tempo, modo, aspecto e pessoa) nas línguas, bem como podem

integration shade gradually into the more discourse-pragmatic features of cross-event coherence. Along the parallel syntactic continuum, the grammatical bonds of inter-clausal dependence become gradually looser”.

³⁰ No original:

Continuum of inter-clausal dependency

most dependent ('semantic')

- verbal complements
 - subordinate/adverbial clauses
 - coordinate/chained clauses
-

least dependent ('pragmatic')

(GIVÓN, 2001, p. 328).

apresentar formas especiais, as quais não são encontradas em cláusulas declarativas independentes (como é o caso do subjuntivo em português). Em relação ao segundo parâmetro, a autora sugere que se observe se os participantes do evento dependente são ou não expressos da mesma maneira que o são nas cláusulas declarativas independentes.

Cristofaro (2003) ressalta, ainda, que os fenômenos relacionados a esses dois parâmetros resultam dos padrões de variação entre os diferentes tipos de relação de subordinação. Como Lehmann (1988), Cristofaro entende que há também uma relação hierárquica implicativa na relação de dependência entre as cláusulas:

Calha a distribuição translinguística dos vários fenômenos relacionados à forma verbal e a codificação dos participantes seguirem padrões ordenados de variação em diferentes tipos de relação de subordinação. Esses padrões de variação podem ser descritos por meio de uma série de hierarquias implicacionais³¹ (CRISTOFARO, 2003, p. 3, tradução nossa).

Longacre (2007, p. 373) usa três termos para distinguir as partes que compõem a frase complexa: *núcleo*, *base* e *margem*. O *núcleo* é a parte mais característica da frase complexa e é independente da parte que ele denomina margem. A *margem* pode realizar-se com uma variedade de *núcleos* e depende de seu *núcleo*. O autor usa também o termo *base* para a parte funcional do núcleo de uma frase complexa, já que uma frase complexa pode não ser necessariamente uma cláusula. Assim, o *núcleo* da frase complexa é composto pela *base* (a subparte funcional) e pelo conector (quando se trata de um núcleo complexo formado por cláusulas coordenadas).

Quadro 4 – Margem e núcleo da frase complexa³²

Parte (a)	Parte (b)
Quando eles ouviram as notícias	<ul style="list-style-type: none"> ┌ Maria ficou exaltada, mas João ficou triste e pensativo. ├ Maria ficou exaltada e João também. └ Maria ficou tão entusiasmada que dançou uma jiga.

Fonte: Longacre (2007, p. 373, tradução nossa).

³¹ Original: “The cross-linguistic distribution of the various phenomena related to verb form and participant coding turns out to obey ordered patterns of variation across different types of subordination relation. These patterns of variation can be described by means of a number of implicational hierarchies”.

³² Original:

Table 7.1 Sentence margins and sentence nuclei

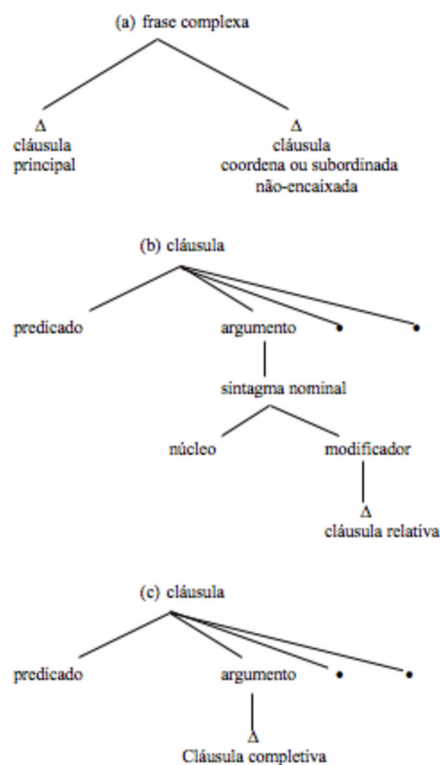
Part (a)	Part (b)
When they heard the news	<ul style="list-style-type: none"> Mary was elated but John was sad and thoughtful Mary was elated and so was John Mary was so elated that she danced a jig

No Quadro 4, a parte (a) refere-se à *margem* da frase complexa, e a parte (b), aos possíveis *núcleos* para essa frase, os quais são constituídos pela *base* e pelos conectores que compõem o estabelecimento da relação entre as cláusulas que formam o *núcleo*.

Longacre (2007, p. 374) caracteriza as cláusulas subordinadas como aquelas que funcionam como sintagmas nominais, modificadores de substantivos ou de sintagmas verbais ou até proposições. As cláusulas que são um tipo de expansão sentencial dos argumentos verbais sujeito e objeto são denominadas pelo autor de cláusulas complemento; as que funcionam como margens da frase, modificando verbos ou proposições, são as adverbiais, e as que modificam um sintagma nominal são as relativas. Assim, Longacre (2007) segue a divisão clássica entre subordinação e coordenação, mas não dá um tratamento tradicional a esses processos sintáticos.

Dixon (2006) também distingue as cláusulas subordinadas, tradicionalmente classificadas como adverbiais, das completivas, as quais chama de encaixadas, pois funcionam como complemento verbal. Para esse autor, há três formas básicas nas quais as cláusulas se articulam para formar frases complexas:

Figura 3 – Tipos de articulação de cláusulas



Fonte: Dixon (2006, p. 3, tradução nossa).

O tipo (a) trata de coordenadas e construções subordinadas não encaixadas, em que uma cláusula núcleo estaria vinculada por um elemento articulador, seja de coordenação ou de subordinação. O (b) ilustra a cláusula relativa que modifica o núcleo de um sintagma nominal, ajudando na focalização do seu referente, como o fazem os demais modificadores. O tipo (c) mostra a estrutura básica da cláusula completiva. Essa cláusula funciona como um argumento central de uma outra cláusula. Assim como a maioria dos outros estudiosos, Dixon (2006) distingue as cláusulas subordinadas em encaixadas (completivas) e não encaixadas (adverbiais).

Creissels (2006) mantém a distinção clássica entre coordenação e subordinação, mas usa também parâmetros discursivos para a categorização da dependência ou não dependência, como as modulações enunciativas (afirmação / interrogação / injunção), as quais podem operar nas frases independentes simples ou nas dominantes em estruturas de subordinação, mas são limitadas em cláusulas subordinadas. O autor enfatiza a importância de se distinguir claramente as noções de subordinação e encaixamento, afirmando que um não pressupõe o outro, já que é possível haver subordinação sem encaixamento e, também, encaixamento sem subordinação, como é o caso dos incisos.

O encaixamento da subordinada não é, portanto, uma condição necessária para reconhecer uma subordinação. Por outro lado, o encaixamento também não é uma condição suficiente para falar de subordinação, uma vez que os incisos são unidades frásicas inseridas dentro de outras com as quais eles têm uma relação difícil de definir com precisão, mas que claramente não pertence ao campo da subordinação³³ (CREISSELS, 2006, p. 190, tradução nossa).

Creissels (2006), baseando-se no estatuto lógico-semântico das subordinadas, divide-as em dois tipos: as relativas e as não relativas. As relativas não significam conteúdos proposicionais, mas propriedades³⁴; já as não relativas, que incluem as completivas e as circunstanciais (= adverbiais), significam necessariamente conteúdos proposicionais. Para distinguir as completivas das circunstanciais, Creissels apela para aspectos formais, observando que as completivas “formam com uma palavra da cláusula matriz uma construção na qual a subordinada ‘completa’ a palavra com a qual ela se combina, quer dizer, satura a valência dessa

³³ No original: "L'enchâssement de la subordonnée n'est donc pas une condition nécessaire pour reconnaître une subordination. Inversement, l'enchâssement n'est pas non plus une condition suffisante pour parler de subordination, puisque les incises sont des unités phrastiques insérées à l'intérieur d'une autre avec laquelle elles entretiennent une relation délicate à définir de façon précise, mais qui ne relève certainement pas de la subordination."

³⁴ Creissels (2006, p. 192, tradução nossa) caracteriza ‘propriedade’ (*propriété*) como “estado que permite dividir um conjunto de entidades em dois subconjuntos, os das entidades que possuem a propriedade em questão e os das entidades que não a possuem”.

Original: *la caractéristique d'une propriété étant de permettre de diviser un ensemble d'entités en deux sous-ensembles, celui des entités qui possèdent la propriété en question et celui des entités qui ne la possèdent pas.*

palavra [...]”³⁵ (CREISSELS, 2006, p. 192, tradução nossa). As cláusulas circunstanciais, segundo esse autor, funcionam na construção da cláusula matriz como um constituinte adposicional, participando da construção do verbo como um oblíquo.

Nesta pesquisa, adotamos as terminologias clássicas para os fenômenos da articulação de cláusulas, a saber: subordinação e coordenação. Optamos por essa terminologia por ser mais conhecida de modo geral e por ser amplamente usada entre crioulistas (BAPTISTA *et al.*, 2007; HASPELMATH, 2007; LANG, 2015; MICHAELIS, 1994; QUINT, 2008; YAKPO, 2013), além de ser a terminologia empregada pelos tipologistas (ANDREWS, 2007; CRISTOFARO, 2003; EVANS, 2007; 2016; HASPELMATH, 2007; MAURI, 1981), nos quais nos baseamos para a análise dos nossos dados. Outro fator que nos motivou a optar por essa terminologia é o fato de o traço [+ dependência] ser compartilhado tanto por cláusulas encaixadas como por cláusulas dependentes não encaixadas. Contudo, não entendemos esses fenômenos de uma forma polarizada bipartida. Ao contrário disso, como Hopper e Traugott (2003) postulam, consideramos que a articulação de cláusulas se dá de forma gradual. Por isso, no que denominamos coordenação, estão as cláusulas com os traços [- dependência] e [- encaixamento]; no que denominamos subordinação, estão as cláusulas que partilham os traços [+ dependência; + encaixamento] e as com os traços [+ dependência; - encaixamento]. Assim, entendemos que o *continuum* de dependência se aloca entre a coordenação e a subordinação, derivando-se em diversos graus entre essas duas macrocategorizações.

2.3 Revisão bibliográfica sobre a articulação de cláusulas no santiaguense

A articulação de cláusulas tem sido um tema relativamente estudado, em especial na variedade de Santiago. Contudo, os trabalhos desenvolvidos sobre esse assunto dão enfoque sobretudo aos aspectos formais, deixando de lado os semânticos e pragmáticos. Isso dá-se porque a maioria dos estudos segue uma linha ou estruturalista ou gerativista e não se baseia sobre *corpora* orais. Sob essa perspectiva, os contextos reais de uso dos dados apresentados podem ser desconsiderados.

Entre os primeiros trabalhos sobre coordenação e subordinação estão as publicações de Quint (2000) e Veiga (1982; 2000). Esses primeiros estudos partem do uso dos conectores (denominados por eles de conjunções) para caracterizar que tipo de relação as cláusulas estabelecem. Veiga (1982; 2000) cita as conjunções, seguindo as classificações semânticas

³⁵ No original: "Les complétives forment avec un mot de la phrase matrice une construction dans laquelle la subordonnée 'complète' le mot avec lequel elle se combine, c'est-à-dire sature une valence de ce mot [...]."

tradicionais portuguesas e trazendo exemplos, alguns destes parecendo ser de uma variedade acroletal³⁶ de Santiago. Quint (2000; 2008; 2010), por outro lado, enfatiza alguns aspectos que distinguem a LCV do português e das línguas latinas ocidentais, como o caso da menor frequência de uso dos conectores coordenativos em relação à LP e a ocorrência de cláusulas introduzidas pelos conectores *pa* e *ma* sem a realização da cláusula núcleo, a qual é elíptica, podendo ser reconstruída pelo ouvinte, através do contexto. Quint (2000) mostra como conclusão que os conectores na variedade de Santiago, a qual ele trata por *badiais*³⁷, “contribuem a modular o sentido dos verbos e a definir suas diversas modalidades (intensidade da ordem, probabilidade, tempo)³⁸” (QUINT, 2000, p. 212, tradução nossa). Além disso, em seu livro *Vamos falar cabo-verdiano* (2010), um livro didático da língua cabo-verdiana para lusófonos, há sempre uma perspectiva comparada entre a LCV e a LP (variedade europeia), na qual o autor destaca especificidades nas construções complexas do cabo-verdiano (partindo do uso dos conectores) que a distinguem da LP (como o uso de conectores adverbiais distintos para marcar o tempo; a relação entre os conectores completivos *pa* e *ma* e a modalidade do predicado da subordinada etc.).

Baptista (2002), seguindo a linha generativa/gerativista, em sua descrição dos crioulos de Sotavento, refere-se a várias conjunções coordenativas, citando algumas ocorrências nas quais elas se realizam. Já em Baptista e Obata (2015, p. 155-176), há um estudo sobre a alternância dos complementizadores *ma/ki*, em especial em interrogativas-*wh*. Nesse estudo, os autores concluem:

Defendemos que *ki* é o reflexo morfossintático da concordância-Q entre [uQ] em C e um sintagma-*wh*, reforçando a ideia de concordância spec-head, de Chomsky (1991), contra o sistema de concordância sonda-alvo, de Chomsky (2000). Ao fazermos isto, fornecemos evidência para a posição de *ki* em C e mostramos que, na ausência de movimento de operador e de concordância-Q em C, uma partícula alternativa, *ma/kuma*, ocorre em C. Mostramos ainda que os padrões simétricos de extração observados em CCV, onde o complementador *ki* pode ocorrer quando quer o sujeito quer o objeto são extraídos, podem ser parcialmente reduzidos a um contraste de restrições de localidade em Agree e podem ser mais bem explicitados através de um quadro de relações spec-head em CCV (BAPTISTA; OBATA, 2015, p. 156).

Em Batista, Mello e Suzuki (2007), tem-se uma descrição da sintaxe do cabo-verdiano comparada à do crioulo de Guiné-Bissau. Nesse estudo, os autores destacam os

³⁶ Variedade com mais influência das línguas de contato, especialmente da língua lexificadora.

³⁷ *Badiais* é a tradução francesa do termo *badiu* (< port. *vadio*), forma como são chamadas as pessoas da ilha de Santiago e aplicada, também, às variedades do crioulo praticadas nessa ilha.

³⁸ Original: "Les conjonctions de subordination contribuent en badiais à moduler le sens des verbes et à en définir diverses modalités (intensité de l'ordre, probabilité, temps)".

aspectos formais da sintaxe dessas duas línguas, observando a gênese dos complementizadores, bem como alguns aspectos sintático-semânticos relacionados ao verbo da cláusula matriz e da subordinada (encaixada) ou dependente (adverbiais).

Ainda na linha gerativista, há o trabalho de Pratas (2007) sobre características de tempo e estruturas dos argumentos de predicados cabo-verdianos, em que essa autora trata brevemente o encaixamento, mostrando uma lista (não exaustiva) do que se admite nas diferentes cláusulas encaixadas a partir das propriedades seletivas do predicado matriz. A autora também trata de coordenação num artigo publicado em coautoria com Matos e Brito (2015). Nesse trabalho, os autores versam sobre a coordenação comitativa expressa pela conjunção coordenativa ou preposição comitativa *ku* ‘com’ da língua cabo-verdiana. Sobre esse tema os autores concluem:

O conjunto dos dados empíricos apresentados neste artigo conduz a concluir que a forma *ku* em cabo-verdiano recobre duas categorias distintas de palavras com um significado comitativo, mas com comportamentos sintáticos distintos: conjunção aditiva e preposição. Como outras conjunções comitativas nas línguas, *ku* combina SNs produzindo uma estrutura de coordenadas que denota uma entidade plural e obedece à Restrição da Estrutura de Coordenadas. Contrastando com outras conjunções comitativas em línguas como o português ou o russo, e do mesmo modo que línguas em COM (‘WITH-languages’), o coordenativo *ku* não é sensível às propriedades semânticas do verbo principal da frase, pode coordenar categorias que não sejam SNs e pode iterar. Isso mostra que ele tem o comportamento duma conjunção aditiva prototípica. No entanto, *ku* é excluído dos predicados verbais de tempo e da coordenação de frases, fato que imputamos ao seu significado: tendo um valor comitativo, *ku* pode aplicar-se apenas a elementos que denotem entidades ou propriedades para derivar constituintes que denotem grupos de entidades ou propriedades compostas. Assim, é excluído de contextos onde a coordenação derivaria expressões que denotassem predicados independentes combinados, bem como eventos ou situações (simultâneas ou sequenciais)³⁹ (BRITO; MATOS; PRATAS, 2015, p. 26, tradução nossa).

Brito (2011) também trata da coordenação em língua cabo-verdiana, sob a perspectiva gerativista. Em sua dissertação, o autor aborda tanto a coordenação entre sintagmas como entre orações, tratando também da coordenação negativa e da dificuldade em delimitar

³⁹ Original: “All the empirical evidence presented in this paper leads us to conclude that the form *ku* in Capeverdean recovers two distinct classes of words with a comitative meaning but a distinct syntactic behavior: an additive conjunction and a preposition. Like other comitative conjunctions across languages, *ku* conjoins NPs producing a coordinate structure that denotes a plural entity and obeys the Coordinate Structure Constraint. In opposition to comitative conjunctions in languages like Portuguese or Russian, and like WITH-languages, coordinative *ku* is not sensitive to the semantic properties of the sentence main verb, may coordinate categories other than NPs and may iterate. This shows that it behaves as a full additive conjunction. However, *ku* is excluded from tensed verbal predicates and sentence coordination, a fact that we impute to its meaning: having a comitative value, *ku* may only apply to elements that denote entities or properties to derive constituents that denote group entities or compound properties. Thus, it is excluded from contexts where the coordination would derive expressions that denote independent conjoined predicates, as well as (simultaneous or sequential) events or situations”.

casos de coordenação assindética e serialização verbal. Sendo falante nativo do cabo-verdiano, Brito não trabalha com um *corpus*, por isso os exemplos contidos em seu trabalho são fornecidos por sua própria competência linguística. Dessa forma, a análise do fenômeno é abordada de forma restrita e automatizada, já que não se consideram os aspectos extralinguísticos (instâncias discursivas, emissor, receptor, propósito comunicativo etc.) no estudo do fenômeno.

Também de base gerativista são os trabalhos de Souza e Oliveira (2010) sobre perguntas WH na LCV, nos quais as autoras sugerem que WH, por se inserir em estruturas clivadas, recebe leitura de foco obrigatório. Já em Oliveira e Holm (2011), conclui-se que as línguas crioulas marcam o foco, principalmente, através de partículas *highlighters* ('de realce'), atestadas em construções sintáticas que se expressam, nessas línguas, como perguntas-QU.

Outra pesquisa na mesma linha desses autores é o estudo de Lopes (2012) sobre as construções relativas da variedade de São Nicolau. Tal estudo trata da categorização e descrição dos pronomes WH nessa variedade da LCV. Lopes (2012) observa que, no crioulo de São Nicolau, as relativas podem ocorrer com ou sem antecedente nominal explícito, sendo que as que se realizam com núcleo nominal explícito se dividem em restritivas e não restritivas.

Também sobre a variedade de São Nicolau, tem-se o artigo de Svartman *et al.* (2016, p. 263-301), no qual as autoras analisam a partícula *k'*, nessa variedade, sob uma interface sintaxe-fonologia, concluindo que essa partícula pode ser pronome relativo, complementizador e partícula de foco, sendo esta última analisada em conjunto com *é* nas estruturas clivadas.

Ainda sobre as relativas em LCV, porém na variedade de Santiago, há a pesquisa de Alexandre (2006), na qual a autora descreve as relativas restritivas, apositivas, resumptivas, livres e semilivres. Segundo a autora, as restritivas, apositivas e resumptivas são introduzidas pelo morfema *ki* 'que'. Contudo, apenas as restritivas e apositivas envolvem movimento. As relativas livres se caracterizam por terem como antecedente um sintagma determinante nulo e só podem ser introduzidas pelo marcador relativo *ken/kenha*. Em Alexandre (2007), encontra-se uma descrição das interrogativas-WH na variedade de Santiago, com base na teoria minimalista, a qual tem um enfoque nas questões de movimento que envolvem esse elemento. Alexandre (2009) traz um estudo sobre os complementizadores (denominados pela autora como "complementadores"), em que apresenta uma descrição dos elementos que desempenham essa função em cabo-verdiano, além de propor uma análise das completivas baseada em traços formais para a distribuição complementar dos complementizadores nessa vinculação.

Em Quint (2008), encontra-se uma descrição sobre a coordenação e a parataxe⁴⁰ de unidades predicativas na variedade de Santiago. Com base em um *corpus* oral espontâneo, detém-se mais precisamente na coordenação combinativa. O *corpus* apresenta dez ocorrências que denotam dois tipos semânticos de relação coordenativa marcada: coordenadas adversativas, introduzidas pela conjunção *más* ‘mas’ e coordenadas causais, introduzidas pelas conjunções *purkê* e *pamódi* ‘porque’. Além disso, o autor discorre sobre as relações semânticas estabelecidas em estruturas paratáticas por justaposição, caso bastante comum na LCV. Por fim, ele descreve os casos de parataxe sem coordenação, nos quais a ausência de marcas sintáticas de dependência leva a uma interpretação de subordinação por meios lógico-semânticos e discursivos.

Especificamente sobre as completivas na variedade de Santiago, Lang (2014) faz uma descrição sincrônica da função e dos usos do complementizador *ma* (< port. Renascentista ‘coma’). Como resultado desse estudo, o autor conclui:

No cabo-verdiano, o reduzido sistema dos nominalizadores de orações contém três, em vez de apenas dois elementos. Dispõe de um simples nominalizador de orações (S ki) e de dois ‘complementadores’ para o relato indireto de atos de fala ou estados mentais, um para o relato de atos e estados mentais afirmativos (S ma) e outro para o relato de atos e estados não afirmativos, isto é, para atos ou estados de dúvida ou de ‘interrogação’ (S si) (LANG, 2014, p. 133).

Trata-se também de uma descrição partindo da observação da relação que os complementizadores estabelecem entre as orações. Lang (2014) destaca que o complementizador *ki* ‘que’, por ter um caráter mais neutro, pode exercer qualquer função sintática dentro de uma oração principal, já *ma* (assertivo) ‘que’ e *si* (interrogativo) ‘se’ só podem ser empregados em orações completivas em discurso indireto. Além disso, numa perspectiva comparada, esse linguista observa que, mesmo que haja línguas em que essa distinção entre complementizador assertivo e interrogativo não existe, ela permite aos falantes de línguas que a distinguem “modos de expressão vedados aos outros” (LANG, 2014, p. 121).

Os estudos sobre articulação de cláusulas no cabo-verdiano aqui mencionados consideram, em sua maioria, os conectores como ponto de análise para esse fenômeno e interessam-se menos por outros dispositivos de extrema relevância, como as características dos predicados envolvidos na vinculação clausal. Em nossa análise da integração de cláusulas no santiaguense, o emprego dos conectores é entendido como um dos elementos usados na

⁴⁰ A coordenação refere-se à relação lógico-semântica entre as cláusulas que pode ser evidenciada por dispositivos linguísticos. A parataxe trata da relação tática de não dependência sintática entre cláusulas.

articulação entre cláusulas. Portanto, este estudo amplia essas pesquisas já desenvolvidas, sendo relevante também por analisar outros dispositivos linguísticos (como a atuação do aspecto e da polaridade) empregados pelos falantes na articulação de cláusulas e explicar como esses dispositivos contribuem para maior ou menor integração entre as cláusulas.

2.4 Definição de termos

Para compreender e delimitar melhor o fenômeno em estudo, é necessário esclarecer alguns conceitos essenciais para esta pesquisa. Por isso, nesta seção, explanaremos sobre os conceitos de frase complexa, coordenação, subordinação e insubordinação dentro de uma perspectiva funcionalista. Além desses fenômenos, trataremos de definir também o complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade), visto que as características dos predicados constituem um ponto central para a análise dos dados.

2.4.1 A frase complexa

Sendo a frase complexa em LCV o nosso objeto de estudo, é necessário ter-se uma noção clara do que tomamos como frase complexa, como ela se estrutura e quais os limites que se impõem a ela.

A gramática tradicional costuma categorizar a frase como um enunciado que tem sentido completo e serve à comunicação, não sendo obrigatório um elemento verbal para constituí-la. A oração é entendida como um enunciado com sentido que se estrutura de forma bipartida em sujeito e predicado, sendo que apenas o sujeito pode não ocorrer. Esta pode se equivaler ao período, o qual é um enunciado, também com sentido, centrado em um ou mais verbos. Assim, pode haver período simples (constituído por uma oração) ou período composto (constituído por duas ou mais orações, marcadas pelo verbo) (CEGALLA, 2008; LIMA, 2011).

Camara Jr (1973, p. 164) contesta que a frase seja uma simples reunião de vocábulos com sentido completo. Para esse autor:

A frase é a unidade do discurso, quando um falante se dirige a um ou mais ouvintes sobre *[sic]* um assunto dentro de uma situação concreta. Caracteriza-se pela entoação, ou tom frasal, que é a marca do seu plano hierárquico em face da forma ou formas linguísticas *[sic]* que utiliza. O que lhe dá individualidade é um propósito definido do falante, e assim a frase varia desde a formulação linguística *[sic]* complexa até à simples interjeição. E a formulação linguística *[sic]* pode vir incompleta e falha, porque se esclarece pela situação, se complementa com a mímica e se amplia com sons inarticulados à margem da língua. (CAMARA JR, 1973, p. 173).

Assim, o autor coloca o propósito comunicativo do falante como elemento determinante da frase, já que é ele que orienta a linha melódica da enunciação, o que lhe caracteriza como frase.

Morley (2000, p. 70) também considera a classificação tradicional, baseada em aspectos formais, arbitrária, pois essa definição não delimita o número de orações no período nem evidencia as relações que podem existir entre duas ou mais orações subordinadas. Esse autor (2000, p. 25) define a frase como “uma unidade textual que tem sido conveniente adotar como a maior unidade gramatical para fins de análise sintática”. Do ponto de vista semântico, esse estudioso considera que a função da frase é expressar ideias ou proposições⁴¹, sendo que cada proposição é expressa por uma cláusula. Logo, podemos concluir que a frase complexa é um conjunto de proposições expressas por cláusulas que estão em relação entre si e mantêm uma unidade sintática, “entrelaçadas para apresentar um todo coerente” (MORLEY, 2000, p. 70).

Creissels (2006) chama a atenção para o fato de que a presença de duas formas verbais não implica a construção de uma frase complexa. Logo, destaca a relevância da distinção entre frase complexa e predicado complexo. O predicado complexo tem aparência de frase complexa, mas carece de funções que permitiriam analisá-lo como tal. O autor sugere que o predicado complexo pode ser resultado de processos de gramaticalização em que frases complexas se tornam frases simples com predicados complexos, “como resultado de uma operação lexical fusionando, em um predicado único, duas palavras suscetíveis de um funcionamento predicativo autônomo noutro contexto”⁴² (CREISSELS, 2006, p. 184, tradução nossa). Assim, o predicado complexo é uma perífrase verbal resultante do fato de que dois verbos constituem o centro de uma única cláusula. O predicado complexo é, portanto, o ponto de máxima integração no *continuum* proposto por Lehmann (1988).

Mesmo com as explanações desses estudiosos, não é tarefa fácil delimitar as fronteiras da frase complexa, principalmente quando tratamos da oralidade. Quais, então, seriam os parâmetros para delimitar a unidade frásica?

Para se entender melhor em que se constitui uma frase complexa, é necessário compreender o que é cláusula⁴³. Segundo Dixon (2009, p. 132), a cláusula é formada por um predicado com seus devidos argumentos. O autor cita dois tipos de cláusulas encaixadas: as

⁴¹ Proposição refere-se a uma entidade abstrata com a acepção de asserção, ou seja, é um conteúdo que pode ser tomado como verdade.

⁴² No original: “[...] dont le prédicat résulte d'une opération lexicale fusionnant en un prédicat unique deux mots susceptibles par ailleurs d'un fonctionnement prédicatif autonome”.

⁴³ Neste estudo, o termo “cláusula” é equivalente a “oração”, e serão empregados de forma intercambiável.

relativas e as completivas. Segundo ele, uma frase simples é formada por uma cláusula principal, já a frase complexa tem uma ou mais cláusulas ligadas entre si. Como Lehmann (1988), para este estudo, tomamos um conceito mais amplo de cláusula, abrangendo qualquer sintagma que contenha uma predicação. Dessa forma, abarcamos também as predicções nominais.

Dixon (2009, p. 75) reconhece a facilidade de identificar a unidade da frase na língua escrita e afirma que, para a língua oral, os critérios para a delimitação são geralmente prosódicos, como a entonação ou algum elemento suprasegmental, como é o caso da nasalização da sílaba final na língua Jarawara. Assim, sintetiza formalmente a frase como:

Uma frase envolve uma cláusula principal – que pode bastar-se a si mesma como uma frase mono-clausal (ou ‘frase simples’) – e, opcionalmente, várias cláusulas subordinadas. Uma cláusula completiva pode funcionar como argumento duma cláusula principal ou doutra cláusula subordinada. Uma cláusula relativa é um modificador incluído dentro de um SN (sintagma nominal), o qual funciona pela sua parte como argumento de uma cláusula⁴⁴ (DIXON, 2009, p. 75, tradução nossa).

Dixon (2009) chama a atenção para o fato de que a frase complexa deve envolver duas cláusulas não encaixadas ligadas entre si. Isso coaduna com o entendimento de Halliday (1985), que considera o encaixamento como um mecanismo de constituência, e não como relação entre cláusulas. Essa perspectiva diferencia-se do que Perini (2005) define como “oração”⁴⁵ complexa, já que este autor, partindo de uma perspectiva formal, identifica a “oração complexa” como aquilo que “repete duas ou mais vezes a estrutura típica de uma oração” (PERINI, 2005, p. 125). Assim, no conceito de Dixon (2009), a frase complexa abriga a coordenação e a subordinação sem encaixamento, ou seja, deixando de fora as estruturas com cláusulas completivas e relativas. Dixon (2009, p. 133-134) afirma, ainda, que é importante reconhecer, na relação entre as cláusulas que constituem a frase complexa, alguns fatores: i) a cláusula de apoio (*the Supporting clause*) – S (cláusulas circunstanciais); ii) a cláusula de referência (*the Focal clause*) – F (a que determina o modo de toda a frase). Provavelmente, pode haver um marcador gramatical relacionado a uma das cláusulas, o qual indica o tipo da

⁴⁴ No original: “A sentence involves a main clause—which can stand by itself as a monoclausal sentence (a ‘simple sentence’) – and, optionally, a number of subordinate clauses. A complement clause can function as one argument of a main or subordinate clause. A relative clause is a modifier within an NP which itself functions as an argument of a clause”.

⁴⁵ No nosso entendimento, esta designação de “oração complexa” sugere que Perini trata a frase complexa como um tipo especial de cláusula (‘oração’) mais complexo do que as cláusulas contendo um único núcleo predicativo.

relação entre elas: i) marcador anexo à cláusula de apoio – Ms; ii) marcador anexo à cláusula de referência – Mf. O autor exemplifica essa relação da seguinte forma:

Ms	S				Mf	F
(1a)	Because	the Duke has married an heiress,	-	he does not have to sell the castle		
(1b)	-	The Duke has married an heiress,	so	he does not have to sell the castle		
The order of clauses is invariable in (1b) but may be reversed in (1a):						
	F				Ms	S
(1c)	The Duke does not have to sell the	because he married an heiress	castle,			
(DIXON, 2009, p. 133-34).						

Além da função sintática, a cláusula tem também uma função pragmática que, segundo a perspectiva funcionalista, não pode ser desconsiderada. Dixon (2009) postula três opções para a função pragmática de uma cláusula:

- uma asserção, com modo declarativo (também chamado de modo indicativo, sendo esses termos geralmente intercambiáveis);
- uma ordem, com modo imperativo;
- uma pergunta, com modo interrogativo.⁴⁷ (DIXON, 2009, p. 95, tradução nossa).

Como já mencionamos, neste estudo, concebemos a frase complexa como um conjunto de predicacões que se expressa por meio de cláusulas relacionadas entre si, mantendo uma unidade sintática, perceptível por marcas linguísticas e suprasegmentais (como entonação e pausa) para assegurar a coerência do discurso. Incluímos, também, na frase complexa, as cláusulas encaixadas, já que nessa vinculação, caracterizada pela constituência, mecanismos são acionados para estabelecerem a vinculação entre cláusulas na constituição da frase complexa. O exemplo 6 ilustra uma frase complexa em santiaguense:

(6)	e	sta	la	e	á	piskariã
	S3G	estar.PFV	la	S3SG	ir.PFV	pescaria
	[CLÁUSULA 1]	[CLÁUSULA 2]
	di	báka	na...	de(s)di	ánti	manxi
	de	vaca	em...	desde	antes	amanhecer
		CLÁUSULA 2]	[CLÁUSULA 3]
	<i>Ele está lá, ele foi à pescaria de vaca em... desde antes de amanhecer.</i>					
	(kea_ev_narr_10_223)					

⁴⁶ Ms S Mf F
 (1a) Já que o Duque se casou com uma herdeira, - ele não tem que vender o castelo
 (1b) - O Duque casou-se com uma herdeira, logo ele não tem que vender o castelo.
 A ordem das cláusulas é invariável em (1b) mas pode ser revertida em (1a):
 F Ms S
 (1c) O duque não precisava vender o porque se casou com uma herdeira do castelo. (DIXON, 2009, v. 1, p. 133-34, tradução nossa)

⁴⁷ No original:

- a statement, with declarative mood (also called indicative mood, these terms often being interchangeable);
- a command, with imperative mood;
- a question, with interrogative mood.

Em (6), a frase complexa é formada por duas cláusulas paratáticas, justapostas, e uma hipotática adverbial que depende da segunda paratática. A relação entre as cláusulas é evidenciada pelos dispositivos linguísticos, como: i) a partilha do referente do sujeito entre as duas paratáticas; ii) o conector *desdi ánti*, que introduz a hipotática adverbial; e iii) a entonação descendente ao final, seguida de pausa.

Para a compreensão da articulação entre cláusulas, é necessário esclarecer os conceitos que têm delimitado classicamente essas relações: coordenação e subordinação. Apesar da concepção tripartida (parataxe, hipotaxe e subordinação) da perspectiva funcionalista, preferimos, nesta pesquisa, usar os termos clássicos coordenação e subordinação, já que são esses termos mais usados nas pesquisas em línguas crioulas e também foram adotados pelos tipologistas em que nos baseamos. Portanto, na coordenação, trataremos das relações paratáticas, ou seja, as que têm como traços [- dependência]; na subordinação, abordaremos as relações com os traços [+ dependência], distinguindo, ainda, entre as subordinadas, as que não partilham o traço [- encaixamento] (adverbiais) das que são caracterizadas pelo [+ encaixamento] (completivas e relativas restritivas). Além desses dois fenômenos, tratamos ainda da insubordinação, que partilha características linguísticas da subordinação, mas trata-se de cláusulas independentes.

2.4.2 Coordenação

A Gramática Tradicional mistura critérios formais com critérios semânticos na identificação, classificação e subclassificação das orações coordenadas. Assim, esse fenômeno linguístico é caracterizado pela autonomia das orações que o constituem e pela sua independência. Cunha e Cintra (2000, p. 589) falam também em independência semântica, alegando que as orações que compõem a estrutura coordenada têm sentido próprio, nem sequer se referem uma à outra, apenas podem enriquecer a totalidade do sentido da outra oração com a qual se relacionam. Outra característica da coordenação remarcada por esse autor é o fato de a oração coordenada não ser termo⁴⁸ de outra oração. Como veremos, esses critérios não são suficientes para caracterizar nem a coordenação nem a subordinação e há contra-argumentos quanto ao caráter independente, do ponto de vista lógico-semântico, das orações coordenadas.

Mauri (1981) denomina as relações paratáticas como coordenação. A autora propõe duas abordagens para delimitar os conceitos de coordenação e subordinação. A primeira

⁴⁸ Argumento exigido pelo predicado nuclear.

distribui esses conceitos num *continuum* constituído de vários graus paralelos determinados por valores de características morfossintáticas específicas, as quais não precisam estar presentes em todas as línguas. A autora segue os parâmetros de Lehmann (1988) para a análise do grau de articulação entre cláusulas. A segunda abordagem, baseada em Van Valin (2006), criaria uma terceira categoria sintática que englobaria os casos atípicos. Mauri (1981, p. 29) enfatiza que os recursos morfossintáticos são válidos como parâmetros para um *continuum*, mas não para delimitar os critérios para a definição da coordenação. Sobre as vantagens e restrições da abordagem do *continuum*, ela escreve:

Essa abordagem do *continuum* constitui uma ferramenta válida para a pesquisa translinguística sobre frases complexas, na medida em que põe em evidência a impossibilidade de definir categorias internas coerentes para a coordenação e a subordinação e destaca a necessidade de um conjunto de parâmetros formais independentes que caracterizem separadamente cada construção atestada. No entanto, se alguém usar um determinado ponto no *continuum* (ou seja, um determinado tipo de frase) como padrão para pesquisas translinguísticas, as mesmas restrições destacadas para a definição tradicional surgirão. Nem todos os idiomas são susceptíveis de conter o tipo de frase identificado como *tertium comparationis*, e as línguas que não o apresentam deverão ser excluídas da amostra. Por outro lado, se não se escolher um tipo de frase no *continuum* como ponto de partida para a análise, essa abordagem não oferece qualquer outro parâmetro inequívoco permitindo estabelecer as construções que se devem procurar e incluir numa pesquisa⁴⁹ (MAURI, 1981, p. 29, tradução nossa).

Em relação à segunda abordagem, há um modelo tripartido, baseado nos estudos de Van Valin (2005), em que esse autor distingue três categorias: coordenação, subordinação e cossubordinação. Essa proposta assemelha-se à de Hopper e Traugott (2003), em que os parâmetros para identificar cada uma dessas categorias também são: o encaixamento e a dependência. Em Van Valin (2005), a coordenação caracteriza-se pela ausência de encaixamento e de dependência, a cossubordinação, pela ausência de encaixamento e presença de dependência sintática, e a subordinação caracteriza-se pela presença dos dois parâmetros (o que para Hopper e Traugott (2003) seria, respectivamente, parataxe, hipotaxe e subordinação). A cossubordinação, segundo Longacre (2007, p. 398-416), engloba as estruturas de

⁴⁹ Original: “Such a continuum approach constitutes a valid tool for cross-linguistic research on complex sentences, insofar as it catches the impossibility of defining internal consistent categories for coordination and subordination and highlights the need for a set of independent formal parameters separately characterizing each attested construction. However, if one uses a given point on the continuum (i.e. a given sentence type) as a definition for cross-linguistic research, the same restrictions highlighted for the traditional definition would arise. Not all languages are expected to show the sentence type identified as *tertium comparationis*, and languages not presenting it would need to be excluded from the sample. On the other hand, if one does not choose a sentence type on the continuum as a departure point for their analysis, this approach does not offer any other unambiguous parameter to establish what constructions one should look for and include in their research”.

encadeamento, comum nas línguas da Papua Nova Guiné, nas quais há uma sequência de verbos não finitos que dependem de um verbo finito final, como mostra o exemplo do Wojokeso da Papua Nova Guiné:

sikuno nome-*honingk*-i sukwo'miyomo hofantiso toho
 escuridão entrou-SEQ-3SG(DS) noite.em mosquitos picar
 nelof-*ahoningk*-i kokoko u nakwo mempo saho
 nos.mordeu-SEQ-3SG(DS) INTENSIFICADOR EXCL nós fora dormir
 mafosyawosofo
 não.dormir
 'A escuridão veio e à noite os mosquitos picaram-nos muito, de tal forma que
 (estando) lá fora não podíamos dormir.'⁵⁰
 (LONGACRE, 2007, p. 405, tradução nossa)

Nessa frase complexa composta por três cláusulas encadeadas, o sufixo *honingk* é seguido pelo sufixo da terceira pessoa -i, o qual marca o sujeito da própria cláusula e não antecipa o sujeito da cláusula seguinte. Logo, o sufixo *honingk* indica sequência cronológica e mudança de sujeito, já que as três cláusulas aqui não partilham o mesmo referente sujeito.

Longacre (2007, p. 375) afirma que as estruturas de frases nas línguas do mundo podem ser divididas em dois tipos: as estruturas “*co-ranking*” (‘coordenadas’) e “*chaining*” (‘encadeadas’). As primeiras são bem comuns nas línguas europeias contemporâneas e podem apresentar vários verbos de mesma categoria, o que chamamos de frase com cláusulas independentes coordenadas. Nesse tipo de língua, a bipartição coordenação-subordinação é relevante. Por outro lado, em línguas com estrutura encadeada, que se caracteriza pela presença de um verbo dominante de estrutura mais completa do que a dos verbos que o seguem ou o precedem, em que não é fácil decidir se uma tradução para as línguas europeias usaria uma estrutura coordenada ou subordinada, essa distinção não faz sentido.

Haspelmath (2007, p. 46-49) entende que não há uma relação simétrica entre coordenação e subordinação, já que a coordenação se aplica tanto a sintagmas quanto a cláusulas, e a subordinação, apenas a cláusulas. Por isso, prefere tratar da simetria entre coordenação e dependência, a qual é aplicável tanto a sintagmas como a cláusulas. No entanto, a subordinação também ocorre dentro de sintagmas, como é o caso das relativas restritivas. Logo, esse argumento não é suficiente para mostrar a não simetria entre a coordenação e a

⁵⁰ sikuno nome-*honingk*-i sukwo'miyomo hofantiso toho
 darkness came-SEQ-3SG(DS) night.in mosquitoes bite
 nelof-*ahoningk*-i kokoko u nakwo mempo saho mafosyawosofo
 us.bit-SEQ-3SG(DS) INTENSIFIER EXCL we outside sleep not.sleep
 'Darkness came and at night mosquitoes bit us an awful lot so (being) outside we couldn't sleep'
 (LONGACRE, 2007, p. 405)

subordinação. Segundo Haspelmath (2007), as estruturas de dependência são caracterizadas por uma assimetria, em que há um componente dominante e outro dominado, e marcas linguísticas de concordância expressam essa assimetria; já nas estruturas coordenadas é a simetria que é comum. Contudo, segundo esse autor, o critério formal não é suficiente para distinguir estruturas coordenadas de estruturas de dependência. Haspelmath (2007) destaca, ainda, que a delimitação entre coordenação e dependência não é tarefa fácil e, em alguns casos, o critério semântico é de difícil aplicação. Em um estudo translinguístico, observou que as estruturas dependentes geralmente apresentam as seguintes propriedades:

- (i) apenas as cláusulas subordinadas podem estar em posição interna (ou seja, com a cláusula subordinada dentro da cláusula principal): ‘às oito horas, depois de tomar o café da manhã, fui à escola.’
- (ii) apenas as construções subordinadas permitem a extração de pronomes interrogativos (por causa da restrição de estrutura sobre as coordenadas, [...]): ‘aonde você foi depois de tomar o café da manhã?’
- (iii) apenas as cláusulas subordinadas podem ser focalizadas: ‘foi depois de tomar o café da manhã que fui à escola’.
- (iv) apenas as cláusulas subordinadas permitem catáfora: ‘depois de encontrá-la novamente, admirei ainda mais a Joan’⁵¹ (HASPELMATH, 2007, p. 47, tradução nossa).

Mauri (1981, p. 31-41) concorda com Haspelmath (2007) sobre a insuficiência dos critérios formais para a definição de coordenação, pois esse tipo de abordagem excluiria diversas línguas de uma análise translinguística por não apresentarem os parâmetros indicados. Assim, a autora sugere que o ponto de partida para a conceituação desse fenômeno é uma *situação conceptual*, a qual, segundo Mauri, é universal e permite, com parâmetros bem delimitados, considerar a variação na codificação do fenômeno nas diversas línguas. A coordenação estaria, então, relacionada a um “paralelismo funcional, determinado pela forma na qual dois estados de coisas conectados são conceitualizados, percebidos e comunicados no contexto discursivo” (MAURI, 1981, p. 31).

A coordenação também tem sido definida pela sua organização ilocucionária (FOLEY; VAN VALIN, 1984; VERSTRAETE, 2005 *apud* MAURI, 1981, p. 40). Dessa forma, as cláusulas coordenadas são caracterizadas pela presença de força ilocucionária, quer

⁵¹ Original:

- (i) only subordinate clauses can be in internal position (i.e. with the subordinate clause inside the main clause): At eight o’clock, after eating breakfast, I went to school.
- (ii) only subordination constructions allow extraction of wh-pronouns (because of the coordinate structure constraint, [...]): Where did you go after eating breakfast?
- (iii) only subordinate clauses can be focussed: It was after eating breakfast that I went to school.
- (iv) only subordinate clauses allow backwards anaphora: After meeting her again, I admired Joan even more.

separadamente, quer de forma partilhada, opondo-se às cláusulas subordinadas que carecem de força ilocucionária.

Portanto, nesta pesquisa, entende-se como relação de coordenação ou parataxe o que propôs Mauri: “Uma relação estabelecida entre estados de coisas funcionalmente equivalentes, isto é, estados de coisas que têm a mesma função semântica, perfis cognitivos autônomos, e são ambos codificados por enunciados caracterizados pela presença de alguma força ilocucionária”⁵² (MAURI, 1981, p. 41, tradução nossa).

A autora esclarece, ainda, que o paralelismo funcional levado em conta nessa definição abrange uma rede complexa de dimensões, as quais participam da simetria da função semântica, do perfil cognitivo e da força ilocucionária dos estados de coisas envolvidos nessa relação. Logo, segundo Mauri, é o paralelismo pragmático que fornece os meios para uma análise translinguística, “já que as configurações pragmáticas comunicacionais são universais e são universalmente identificáveis, independentemente da estrutura gramatical das várias línguas”⁵³ (MAURI, 1981, p. 41, tradução nossa).

2.4.3 Subordinação

Na visão tradicional, a relação de dependência entre as orações é denominada subordinação, a qual também é entendida de uma perspectiva formal, sendo caracterizada pela dependência de uma oração em relação a outra que a domina. Cunha e Cintra (2000, p. 594) definem a oração subordinada como termo de outra oração que a subordina (oração principal), podendo a subordinada ser um termo essencial, integrante ou acessório da principal.

Como já mencionamos, Hopper e Traugott (2003) incluem as relações que envolvem os traços [+ dependência] e [- encaixamento] nas hipotáticas (adverbiais) e as que envolvem os traços [+ dependência] e [+ encaixamento] nas relações subordinadas (completivas e relativas restritivas). Seguindo a tipologia proposta por Cristofaro (2003), tratamos esses dois tipos de relação entre cláusulas sob o rótulo de subordinação, pois elas têm em comum o traço da dependência, e esse termo é amplamente difundido entre crioulistas.

Cristofaro (2003, p. 15-50) trata de duas formas correntes de se tentar definir o fenômeno linguístico da subordinação. A primeira delas é a abordagem do *continuum*. Essa

⁵² Original: “A relation established between functionally equivalent SoAs, that is, SoAs which have the same semantic function, autonomous cognitive profiles, and are both coded by utterances characterized by the presence of some illocutionary force”.

⁵³ Original: “[...] since pragmatic communicative configurations are universal and are universally identifiable, independently of the grammatical structure of the various languages”.

abordagem baseia-se em um conjunto de características independentes que se combinam livremente, resultando num *continuum* de articulação mais ou menos integrada entre as cláusulas, categorizando, dessa forma, a cláusula como mais ou menos subordinada ou coordenada, dependendo do parâmetro considerado. Dentre os estudiosos que entendem a subordinação dessa forma estão: Foley e Van Valin (1984), Mathiessen e Thompson (1988), Givón (2001), Haiman e Thompson (1984) e Lehmann (1988). Contudo, Cristofaro (2003, p. 24) assegura que critérios formais individuais não podem fornecer uma definição translinguística adequada de subordinação, visto que esses critérios são específicos de cada língua e, por essa categorização, algumas línguas poderiam ficar de fora. Uma definição funcional e translinguística deve ser capaz de englobar o fenômeno em qualquer língua específica.

A segunda abordagem a que Cristofaro (2003) se refere é a conceptual, a qual não considera “propriedades específicas do tipo de relação que as cláusulas individuais estabelecem, mas a forma como os estados de coisas expressos por essas cláusulas em articulação são percebidos e conceitualizados”⁵⁴ (CRISTOFARO, 2003, p. 25, tradução nossa). De acordo com essa perspectiva, a subordinação relaciona-se com duas distinções básicas: *foreground* (‘figura’)/*background* (‘fundo’) e *figure-ground* (‘fundo’)/*complex figure* (‘figura’). *Foreground* e *background* são conceitos pragmáticos relacionados ao texto narrativo. O primeiro refere-se aos fatos da narrativa e o segundo traz as informações de suporte (detalhes, descrições). Esses dois aspectos são refletidos no texto morfossintaticamente por partículas específicas, ordem de palavras, distinções de aspecto e modo, entre outras marcas. Dentre os que seguem essa abordagem estão Reinhart (1984), Haiman (1985), Tomlin (1985) e Thompson (1987). A distinção entre *figure-ground* e *complex figure* tem origem na psicologia gestáltica e é análoga à distinção *foreground* e *background* (CRISTOFARO, 2003, p. 25-27).

Segundo Cristofaro (2003, p. 26-27), há problemas com essa abordagem, já que não há critérios bem definidos para caracterizar *foreground* e *background*, uma distinção que foi aplicada primeiramente nas cláusulas adverbiais e posteriormente nas relativas e completivas. Além disso, essas noções só podem ser observadas em extensas análises textuais, o que não é possível em estudos translinguísticos. Por isso, a autora prefere seguir uma definição funcional da subordinação aplicável translinguisticamente, ou seja, que possa abarcar os diversos dados de várias línguas com o objetivo de organizar uma tipologia da subordinação.

⁵⁴ Original: “[...] the specific properties of individual clause linkage types, but the way in which the states of affairs expressed by linked clauses are perceived and conceptualized”.

Outras propostas para a categorização de *foreground* e *background*, ou seja, de figura e fundo têm surgido de forma a sanar essas limitações das propostas anteriores. Silveira (1997) toma as categorias de figura e fundo como graduais, já que os planos discursivos não são categorias discretas. Dessa forma, a autora propõe seis categorias, sendo a primeira a figura prototípica e da segunda à sexta, gradações de cláusulas de fundo (a categoria dois é mais próxima da figura, e a seis, mais distante). A segunda categoria refere-se a cláusulas que têm a função discursiva de apresentar ou resumir o que será relatado ou apresentar o cenário e os participantes ou, ainda, indicar as falas das personagens. A terceira é representada pelas cláusulas adverbiais modais, finais e temporais, já que são cláusulas de fundo que especificam o modo, a finalidade ou o tempo. A quarta é representada nas cláusulas adjetivas, já que têm a função de especificar um referente ou um processo. A quinta refere-se às cláusulas que mostram causa, consequência ou adversidade, por isso são representadas pelas cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas e pelas coordenadas adversativas. Por fim, a sexta categoria refere-se às cláusulas que mostram opiniões, dúvidas ou conclusões.

Chedier (2007) simplifica essa proposta de Silveira (1997), agrupando essas seis categorias em três:

- Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas. [...]
- Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresentam ou resumem o que vai ser relatado; apresentam o cenário e os participantes; e apresentam a fala dos personagens. Também se pode encontrar cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais). [...]
- Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressem interferências do falante ou intervenções do locutor, apresentem opiniões, dúvidas, conclusões. (CHEDIER, 2007, p. 49-50).

Essa proposta de Chedier (2007) usa a perspectiva gradiente das categorias do plano discursivo de forma mais sintética, o que a torna de mais fácil aplicação. Como as categorias do plano discursivo não fazem parte dos fatores de análise para observar o grau de integração entre as cláusulas, elas serão apenas aplicadas na análise, em especial, das cláusulas coordenadas (já que as demais cláusulas se configuram, comumente, em fundo), sem considerar o seu grau de proximidade à categoria prototípica de figura, como o faz Chedier (2007).

Considerando que a abordagem conceptual não é suficiente para a elaboração da definição de subordinação, Cristofaro (2003) recorre à concepção de Longacre (1985) de articulação de cláusulas, para quem, ao conectar dois estados de coisas, o falante vai optar por fazer essa conexão de forma simétrica do ponto de vista cognitivo, em que os dois estados de coisas terão um perfil autônomo, ou de forma assimétrica, em que um dos estados de coisas não tem perfil autônomo, pois é construído na perspectiva do outro. Isso significa que uma frase como “ele quer que ela vá” designa o processo de querer, e não de ir. Assim, para essa autora, a subordinação é caracterizada pela designação de apenas um processo, já que os demais estados de coisas, nesse tipo de construção linguística, não têm perfis autônomos.

Cristofaro (2003, p. 30) relaciona essa assimetria cognitiva ao aspecto pragmático da asserção e não asserção, referido por Longacre (1985). A autora exemplifica essa relação na seguinte frase: “I finally met the woman who moved in downstairs”⁵⁵ (LAMBRECHT, 1994 *apud* CRISTOFARO, 2003, p. 30). Nessa frase, o locutor pressupõe que o destinatário já sabe que alguém se mudou para o andar de baixo e, assim, o que ele quer informar ao destinatário é que finalmente conheceu essa pessoa. Por isso, a parte assertiva dessa frase é o encontro do emissor com a mulher, e a parte não assertiva é a mudança da mulher para o andar de baixo.

Como toda língua faz distinção cognitiva (mesmo que não tenha marcas formais dessa distinção) entre assertividade e não assertividade, Cristofaro (2003) usa essa distinção para fazer testes quanto à subordinação numa perspectiva tipológico-funcional, nos quais a não assertividade relaciona-se à falta de um perfil autônomo de tal estado de coisas, evidenciando uma relação de subordinação com o estado de coisas caracterizado pela assertividade e, portanto, com perfil autônomo.

Cristofaro (2003) faz dois tipos de testes para a assertividade em frases complexas. O primeiro é verificar qual parte da frase pode ser objetada. A possibilidade de objeção indica assertividade e, por conseguinte, trata-se da parte da frase que o falante deseja comunicar. Em “It is not the case that, alarms ringing, the burglar fled”⁵⁶ (CRISTOFARO, 2003, p. 32), o que se está negando, nessa frase, é o fato de o ladrão fugir (*the burglar fled*), e não o alarme tocar (*alarms ringing*). Assim, apenas a primeira parte pode ser objetada pelo interlocutor e, por isso, trata-se da parte que traz o que o emissor quer comunicar.

O outro teste de assertividade que a autora propõe é observar a mudança da força ilocucionária da frase através de questionamentos como ilustrados nas frases: “Is it the case

⁵⁵ Eu finalmente conheci a mulher que se mudou para o andar de baixo (tradução nossa).

⁵⁶ Não é o caso que, tocando os alarmes [ou: enquanto os alarmes estavam tocando], o ladrão tenha fugido (tradução nossa).

that, alarms ringing, the burglar fled?” e “alarms ringing, the burglar fled, didn’t he?”⁵⁷ (CRISTOFARO, 2003, p. 32).

Nesses exemplos, o que está sendo questionado é o fato de o ladrão ter fugido, e não o fato de os alarmes tocarem. Cristofaro (2003) mostra aqui que a relação entre assertividade e força ilocucionária é bastante clara; portanto, se alguma parte de uma frase não tem força ilocucionária, significa que ela não tem um perfil autônomo e não pode ser objetada, pois não pode executar um ato de fala, já que a “força ilocucionária é a propriedade pela qual uma frase pode funcionar como um ato de fala”⁵⁸ (DIK, 1997 *apud* CRISTOFARO, 2003, p. 32, tradução nossa).

Entendendo que a perspectiva translíngua é mais abrangente e não traz problemas ao aplicá-la a qualquer língua, neste trabalho, adotar-se-á a definição funcional para a subordinação, com base em Cristofaro (2003), que assume que esse fenômeno “é uma situação funcional que pode ser definida independentemente de qualquer tipo de cláusula particular ou relação semântica entre os estados de coisas”⁵⁹ (CRISTOFARO, 2003, p. 48, tradução nossa). A abordagem funcional da assertividade/não assertividade permite que os testes sejam feitos em qualquer língua, mesmo as que não expressam o valor assertivo das construções relevantes através de uma construção específica, podendo-se então inferir o referido valor pelo contexto discursivo.

Em síntese, a relação de subordinação é, portanto, uma relação em que um dos estados de coisas não tem perfil autônomo, por isso apoia-se no perfil de outro estado de coisas, sendo, assim, não assertivo (pragmaticamente). Essa definição cobre todos os tipos de cláusulas tradicionalmente identificadas como subordinadas, a saber, completivas, adverbiais e relativas, sobre as quais Cristofaro, levando em consideração a relação semântica entre os estados de coisas, mostra as seguintes possibilidades:

- (i) A semântica de um dos estados de coisas vinculados implica que outro estado de coisas é referido. Este é o tipo de situação subjacente às estruturas completivas [...].
- (ii) Um dos estados de coisas vinculados corresponde às circunstâncias nas quais o outro ocorre. Este é o tipo de situação subjacente às estruturas adverbiais [...].
- (iii) Um participante do estado de coisas principal é identificado dentro de um conjunto de referentes possíveis, mencionando algum outro estado de coisas em que ele/ela participa. Este é o tipo de situação subjacente às estruturas relativas [...]⁶⁰ (CRISTOFARO, 2003, p. 38-39, tradução nossa).

⁵⁷ Será que é o caso que, tocando os alarmes [cf. mais acima], o ladrão tenha fugido?

Alarmes tocando [cf. mais acima], o ladrão fugiu, não foi? (tradução nossa).

⁵⁸ Original: “Illocutionary force is the property whereby a sentence can function as a speech act”.

⁵⁹ Original: “is a functional situation that can be defined independently of any particular clause type or semantic relation between SoAs.”

⁶⁰ Original:

Seguindo os estudos tipológicos de Cristofaro (2003), incluímos na subordinação as relações que apresentam o traço [+ dependência], seja este combinado com o traço [+encaixamento], nas completivas e relativas restritivas, seja combinado com o traço [- encaixamento], nas adverbiais.

2.4.4 Insubordinação

A insubordinação é um fenômeno ainda pouco tratado nas pesquisas translinguísticas, possivelmente, por ser um fenômeno que não se enquadra nas categorias clássicas de coordenação e subordinação. Os estudos, na perspectiva funcionalista, mais conhecidos são os de Evans (2007), Mithun (2008) e Cristofaro (2016). Esses autores definem as cláusulas insubordinadas como cláusulas que apresentam padrões linguísticos de cláusulas subordinadas, no entanto, não dependem de nenhuma outra cláusula no contexto da frase complexa em que se inserem.

Os autores apresentam esse fenômeno, mostrando que ele resulta de diferentes processos. Evans (2007) trata das cláusulas insubordinadas pela elipse da cláusula subordinante, ou seja, a cláusula independente com características de dependente está relacionada a uma cláusula subordinante que seria usada em uma frase complexa com o mesmo significado. O autor ilustra essa estrutura linguística com expressões de significados modais (como desejos, solicitações, comandos, obrigação ou possibilidade). Para exemplificar esse fenômeno, o autor traz os casos de cláusulas em alemão introduzidas pelo conector *ob* ‘se’, como em: *Ob ich mal wegen meiner Galle frag-e?* ‘Se eu apenas perguntasse sobre a minha vesícula biliar?’ (EVANS, 2007, p. 371).

Mithun (2008) propõe a hipótese da extensão para explicar cláusulas independentes como estruturalmente semelhantes às subordinadas que trazem informação de *background*. A autora ilustra essa hipótese com exemplos que mostram que a cláusula insubordinada está ligada ao discurso adjacente como um todo, e não apenas a uma cláusula subordinante não realizada. Para ilustrar esse tipo de insubordinação, a autora cita o exemplo da língua Navajo (Na-Dene), em que a partícula enclítica *go*, que normalmente é usada em cláusulas adverbiais e alguns tipos

-
- (i) The semantics of one of the linked SoAs entails that another SoA is referred to. This is the situation type underlying complement constructions [...].
 - (ii) One of the linked SoAs corresponds to the circumstances under which the other one takes place. This is the situation type underlying adverbial constructions [...].
 - (iii) A participant of the main SoA is identified within a set of possible referents by mentioning some other SoA in which s/he takes part. This is the situation type underlying relative constructions [...].

de completivas, é usada numa cláusula independente que fornece comentários *background* sobre o enredo principal. A autora dá o seguinte exemplo:

Ndĕĕ́ éí náshdóitsoh akóó ch' éélwodlá.
 níđéĕ́ éí náshdóí = tsoh akóó ch' éé-θ-l-wod = lá
 then that wildcat = big thither out.horizontally-3.SUBJ-CL-run = MIR
 'That mountain lion ran.
 Éí shíĵ léecháa'í shíĵ bééjílzido.
 éí shíĵ léecháa' = í shíĵ bi-ná-ji-l-zid = go
 that probably dog = NMZ probably 3-about-4.SUBJ-CL-fear.PRF = DEP
 that probably dog probably it was afraid of them
 I guess it was afraid of the dogs.'

(MITHUN, 2008, p. 82).⁶¹

Cristofaro (2016) mostra, ainda, uma outra hipótese que chama de ‘desengajamento da cláusula’ (*clausal disengagement*). Nessa hipótese, a cláusula insubordinada serve para “introduzir um novo tópico discursivo relacionado a um plano de fundo compartilhado entre o falante e o ouvinte, ou desenvolver um tópico introduzido anteriormente na conversa” (CRISTOFARO, 2016, p. 398, tradução nossa)⁶². A autora ilustra esse tipo de insubordinada com cláusulas do italiano que apresentam o conector causal *perché* ‘porque’ e o elemento *che*, comumente empregado para introduzir cláusulas relativas e completivas, como é o caso em: *No, perché poi questo workshop sembra interessante* ‘não, porque esse *workshop* parece interessante’⁶³ (CRISTOFARO, 2016, p. 6).

Ainda é necessário desenvolver mais estudos para explicar como se origina esse tipo de cláusula e quais as motivações linguísticas para a realização dessa estrutura no discurso. Sobre essa lacuna na compreensão das cláusulas insubordinadas, Cristofaro escreve:

Apesar de um crescente corpo de dados translinguísticos sobre a insubordinação, ainda precisamos de uma compreensão completa de várias questões-chave sobre as possíveis origens desse fenômeno. Os padrões individuais de insubordinação são compatíveis com várias fontes e mecanismos de desenvolvimento possíveis, e é possível que diferentes casos desses padrões sejam produzidos de maneiras diferentes, tanto desde uma perspectiva translinguística quanto em idiomas individuais. [...] Embora possamos observar construções particulares que resultam de uma mudança, geralmente não podemos observar os processos pelos quais essas construções são produzidas pelos falantes, e cada construção individual pode ser compatível com vários processos distintos. A pesquisa sobre a insubordinação, no entanto, até agora se concentrou em identificar semelhanças gerais entre tipos de cláusulas insubordinadas e tipos específicos de frases complexas. Agora, precisamos de dados contextuais mais detalhados, explicitando quais construções podem realmente dar origem a que tipos de cláusulas insubordinadas em idiomas individuais,

⁶¹ “Aquele onça-parda correu. **Provavelmente tinha medo dos cachorros**”.

⁶² Original: “[...] introduce a new discourse topic related to a shared background between speaker and hearer, or elaborate on a topic introduced earlier in the conversation”.

⁶³ “[Literalmente: ‘Não, porque depois esse *workshop* parece interessante’, proferido do nada em referência a uma conversa realizada na noite anterior sobre um *workshop* em que o palestrante decidiu participar apesar das dúvidas iniciais]” (CRISTOFARO, 2016, p. 6, tradução nossa).

a frequência relativa dessas construções e o grau relativo de autonomia de cada tipo de cláusula envolvida na construção. Em alguns casos, faria falta coletar também dados diacrônicos para permitir distinguir entre a insubordinação e padrões superficialmente similares cuja origem se deve a diferentes processos (CRISTOFARO, 2016, p. 418, tradução nossa).⁶⁴

No português brasileiro, Decat (2009; 2019) trata de estruturas que ocorrem de forma “desgarrada”. Para essa autora, não se trata de uma estrutura que se separou ou se deslocou de sua cláusula principal, mas de uma construção com existência própria, formada com características linguísticas de uma subordinada por força da intenção comunicativa do falante/escritor. Decat (2009; 2019) entende que as desgarradas, no português brasileiro, têm função focalizadora⁶⁵ ou de expressividade.

Rodrigues (2021), ao analisar cláusulas sem núcleo no português brasileiro, mostra a distinção entre cláusulas desgarradas e cláusulas subordinadas. Essa autora considera como completivas desgarradas apenas as cláusulas que têm material linguístico a ser recuperado no contexto, e as subordinadas, então, seriam cláusulas completivas que não têm material linguístico a ser recuperado no contexto (RODRIGUES, 2021, p. 61). Não faremos, neste trabalho, a distinção entre desgarramento e insubordinação, já que nosso propósito, aqui, é analisar a integração entre cláusulas na variedade santiaguense do cabo-verdiano, e tal distinção não é relevante para esse propósito. Trataremos todas as cláusulas com características de cláusulas dependentes, mas realizando-se como independentes enquanto subordinadas.

No santiaguense, as subordinadas ocorrem, principalmente, em contextos que expressam surpresa ou admiração por algo não esperado. O dispositivo linguístico que caracteriza esse tipo de cláusula é o conector, e é através dele que podemos hipotetizar que subordinante estaria envolvida na vinculação, caso fosse realizada. Como Decat (2009; 2019),

⁶⁴ Original: “In spite of a growing body of cross-linguistic data on insubordination, we still need a thorough understanding of a number of key issues about the possible origins of this phenomenon. Individual insubordination patterns are compatible with several possible sources and developmental mechanisms, and it is possible that different instances of these patterns are produced in different ways, both cross-linguistically and within individual languages.

[...] While we can observe particular constructions that are the result of a change, we cannot usually observe the processes through which these constructions are produced by speakers, and individual constructions may be compatible with several different processes. Research on insubordination, however, has so far concentrated on identifying general similarities between particular insubordinate clause types and particular types of complex sentences. We now need more fine-grained contextual evidence about what constructions can actually give rise to what types of insubordinate clauses in individual languages, the relative frequency of these constructions, and the relative degree of autonomy of individual clauses involved in the construction. In some cases, diachronic evidence should also be collected in order to distinguish between insubordination and superficially similar patterns that originate through different processes”.

⁶⁵ A focalização a que Decat (2009; 2019) se refere é, na perspectiva pragmática, um constituinte clausal que se posiciona mais à esquerda da cláusula e é interno à predicação. Sobre a distinção entre Tema, Tópico e Foco, ver Pezatti (1998).

entendemos que a não realização de uma cláusula dominante, nesse caso, é uma estratégia de construção textual do falante empregada para cumprir seu propósito comunicativo em determinados contextos.

Além desses termos, é necessário tratarmos, também, da conceituação de tempo, modalidade e aspecto (complexo TAM), já que a codificação dos predicados envolvidos na vinculação entre cláusulas são fatores importantes para a análise da integração.

2.4.5 Complexo TAM

No ensino tradicional da gramática nos países lusófonos, as noções de tempo e aspecto são comumente confundidas, diferentemente da modalidade, visto que o conceito de tempo é bem mais difundido, através do ensino das conjugações verbais nas escolas, que o de aspecto. Aqui conceituamos essas três categorias, dando atenção especial ao aspecto, já que as marcas de aspecto atuam com maior frequência e sistematicidade na língua cabo-verdiana do que as de tempo ou de modalidade, sabendo que as marcas de tempo e de modalidade ocorrem em contextos bastante específicos, os quais demonstraremos mais adiante.

2.4.5.1 Tempo

O tempo é uma categoria referencial, ou seja, ele se apoia em um ponto de referência, comumente o momento da enunciação, por isso é de natureza dêitica. Segundo Comrie (1976), os tempos mais conhecidos nas línguas naturais são o presente, o passado e o futuro.

Uma situação descrita no tempo presente é localizada temporalmente como simultânea ao momento da enunciação (por exemplo, *João está cantando*); uma descrita no passado está localizada antes do momento da fala (por exemplo, *João cantou, João estava cantando*); uma descrita no futuro é localizada subsequentemente ao momento da fala (por exemplo, *João cantará, João estará cantando*)⁶⁶ (COMRIE, 1976, p. 2, tradução nossa).

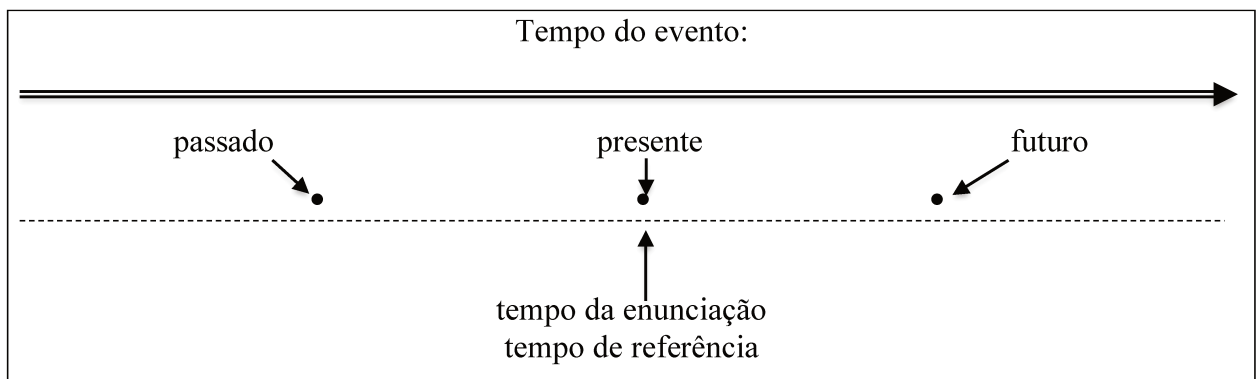
Como esse autor observa, nem todas as línguas apresentam essas três categorias de tempo. Isso é o que ocorre no santiaguense, que apresenta apenas dois tempos verbais – o

⁶⁶ Original: “[...] a situation described in the present tense is located temporally as simultaneous with the moment of speaking (e.g. *John is singing*); one described in the past as located prior to the moment of speaking (e.g. *John sang, John was singing*); one described in the future as located subsequent to the moment of speaking (e.g. *John will sing, John will be singing*)”.

presente e o passado – como se vê em Quint (2000, p. 229-235), que mostra que o santiaguense opõe uma esfera do presente com marca \emptyset (incluindo o futuro e o passado próximo) e uma esfera do passado distante com marca $\{-ba\}$. Essa oposição pode ser vista nos exemplos: a) *N ta studa*, a qual pode, dependendo do contexto, ser traduzida por ‘eu estudei’, ‘eu estudo’ ou ‘eu estudarei’; b) *N ta studába*, que pode significar ‘eu estudava’ ou ‘se eu estudasse’.

Givón (2001, p. 285) observa o caráter paradoxal do complexo TAM, visto que, embora a sua morfologia seja parte da estrutura da cláusula, seu domínio funcional não é a semântica do evento ou estado principal, mas da sua pragmática, expressa através da conectividade da cláusula em relação ao seu contexto. A interpretação do tempo, portanto, depende do cruzamento de dois parâmetros que devem ser observados: o ponto de referência e o tempo do evento. Givón (2001) denomina de *tempo absoluto* a categoria de tempo não marcada de um evento/estado de uma cláusula que, na situação comunicativa, ancora-se no ponto de referência padrão, o qual ele chama de *tempo da fala*. Já o *tempo relativo* é a categoria marcada em que a cláusula se ancora em outro marcador temporal da situação comunicativa. Por outra parte, Givón representa a ancoragem temporal no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Tempo e ancoragem temporal



Fonte: Givón (2001, p. 286, tradução nossa).

No Gráfico 1, o autor mostra três divisões de tempo principais e uma quarta não tão explícita. O passado representa um evento (ou estado) que ocorre antes do momento da enunciação. O presente representa um evento (ou estado) que ocorre de modo concomitante ao tempo da enunciação. O futuro expressa um evento (ou estado) que ocorre depois do tempo da enunciação. E, por fim, o habitual, o quarto tipo de tempo, codifica um evento (ou estado) “que ocorre *sempre* ou *repetidamente*, cujo tempo não foi especificado” (GIVÓN, 2001, p. 286), o

que atesta que não se enquadra na categoria ‘tempo’. A codificação desses tempos pode ser vista nos exemplos 7 a 10⁶⁷ em português.

- (7) Passado: *Ele observou o cachorro.*
 (8) Presente: *Ele está observando o cachorro.*
 (9) Futuro: *Ele observará o cachorro.*
 (10) Habitual: *Ele sempre observa os cachorros.*

Givón (2001) reconhece que o caráter impreciso do tempo habitual o leva a tratá-lo como uma subcategoria do aspecto imperfectivo. Comrie (1976) também considera o habitual como uma subcategoria do imperfectivo que se opõe ao aspecto contínuo. Seguindo Givón (2001) e Comrie (1976), tratamos o habitual como uma categoria de aspecto, e não de tempo, mesmo considerando que há uma nuance temporal na sua codificação.

Comrie (1985, p. 4-5) cita as culturas que têm uma percepção macroscópica de tempo cíclico, o que poderia invalidar o Gráfico 1 como a representação do tempo de forma translinguística. Contudo, esse autor mostra que essas culturas com perspectiva preponderantemente cíclica do tempo não têm uma relevância para a expressão do tempo verbal como uma categoria gramatical, visto que as categorias gramaticais codificadas nas línguas associadas a essas culturas marcam o tempo de forma linear como as línguas praticadas por comunidades com outras culturas, possivelmente porque o conceito de ciclicidade se mostra tão longo que não tem relevância nas atividades da vida cotidiana.

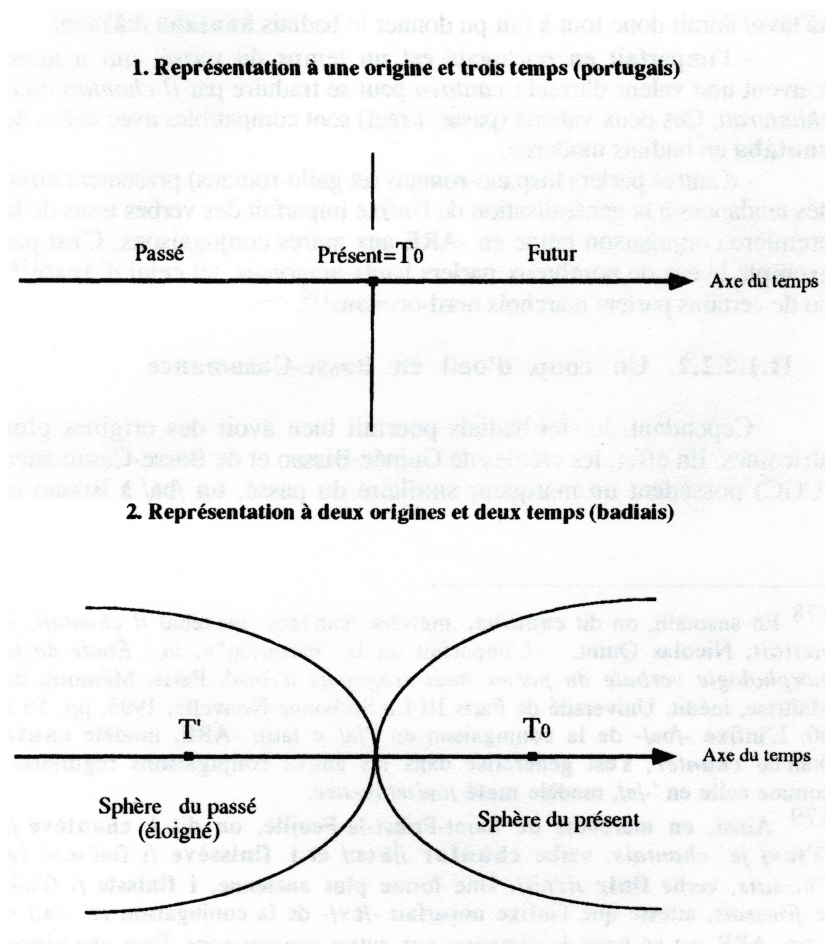
O santiaguense apresenta uma única marca segmental para a codificação de tempo, o sufixo verbal {-ba}, advindo do morfema que codifica o imperfeito em português {-va}, como *N ta kantába* ‘eu cantava’. Quint (2000, p. 232) traz três justificativas para atestar a origem lusitana desse morfema de tempo: i) na variedade do crioulo de Santiago mais antiga, o fonema /v/ do português tornava-se sistematicamente /b/; ii) o tempo imperfeito do português (variedade europeia), para além do seu valor temporal, tem um valor *irrealis*⁶⁸ que também se encontra em cabo-verdiano; iii) outros dialetos hispano-românicos (e galo-românicos) apresentam uma tendência a generalizações do morfema do imperfeito dos verbos da primeira conjugação latina, terminados em *-are*, às demais conjugações, a que o autor cita uma variedade do aragonês falada em Ansó, na Espanha, como exemplo.

⁶⁷ Exemplos criados pela autora.

⁶⁸ Em português europeu, *ele cantava*, em função do contexto, tanto pode ser entendido como *ele cantava* quanto como *ele cantaria*, no português brasileiro.

Ao comparar o morfema de passado do cabo-verdiano ao funcionamento desse mesmo morfema nos crioulos de Guiné-Bissau e de Casamansa⁶⁹, Quint (2000a, p. 233) conclui que esse morfema cabo-verdiano tem uma dupla origem: “marcadores de passado em *ba* das línguas africanas da região e do infixos português em *-va/-* da primeira conjugação em *-ar*”. O autor observa, ainda, que a influência portuguesa é superior do ponto de vista morfológico, já que, em cabo-verdiano, a marca de passado $\{-ba\}$ é obrigatoriamente um sufixo verbal. Logo, Quint (2000a) monta o seguinte esquema para ilustrar o tempo no sistema verbal cabo-verdiano em comparação ao português:

Gráfico 2 – Representação do tempo no sistema verbal do português e do cabo-verdiano

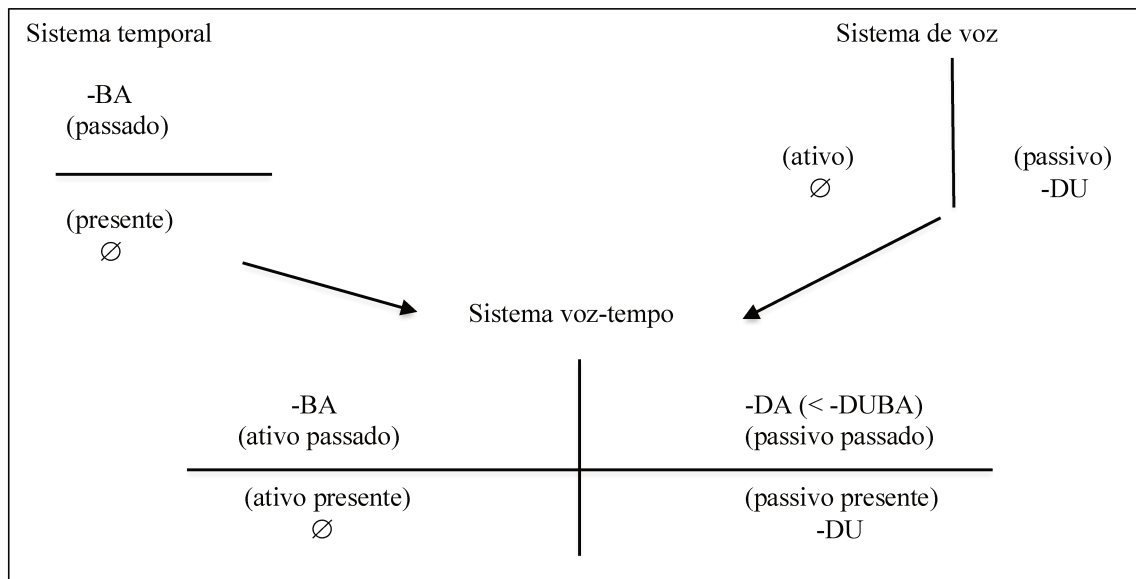


Fonte: Quint (2000a, p. 231).

⁶⁹ Tanto o crioulo de Casamansa quanto o crioulo de Guiné-Bissau, ambos crioulos afro-portugueses, codificam o morfema de passado ($\{-ba\}$, em Guiné-Bissau e $\{-ban\}$, em Casamansa) como morfemas livres, que parecem funcionar mais como um advérbio ou uma partícula invariável do que como uma desinência verbal propriamente dita, funcionamento que também ocorre em línguas africanas como o diola, falado em Ziguinchor (localidade onde também se fala o crioulo de Casamansa), e o manjaco em Guiné-Bissau (QUINT, 2000a, p. 233).

A marca de tempo passado também atua nas formas passivas do verbo, em cabo-verdiano, em que se tem *kantádu* para o passivo presente e *kantáda* para o passivo passado⁷⁰. Assim, Quint (2000a) esquematiza a morfologia de tempo e voz em cabo-verdiano, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Esquema do sistema voz-tempo do verbo cabo-verdiano (variedade de Santiago)



Fonte: Quint (2000a, p. 237).

O Gráfico 3 mostra o sistema do tempo que opõe o presente (não marcado) ao passado (marcado) e o sistema da voz, que opõe a voz ativa (não marcada) à voz passiva (marcada), resultando no sistema voz-tempo, sendo o ativo presente com marca zero, o ativo passado com sufixo {-ba}, o passivo passado com sufixo {-da} e o passivo presente com sufixo {-du}. O morfema de passado atua, também, em coocorrência com os morfemas de aspecto (*o*, *ta*, *sata* – ‘perfectivo, imperfectivo e progressivo’), assumindo uma função modal, como será visto no subtópico 2.4.5.3. No entanto, o tempo em cabo-verdiano deve ser interpretado não apenas pela marcação verbal, mas por todo o contexto, haja vista que essa língua também tem outros dispositivos para indicar o tempo, como a oposição entre os conectores temporais *kántu* ‘quando-passado’ e *óki* ‘quando-futuro’.

⁷⁰ A voz passiva se dá no tempo passado pelo sufixo pós-verbal {-da}. O passivo passado faz-se pela junção da marca de voz passiva {-du} e da marca de passado {-ba}. O sufixo {-da} resulta, portanto, do desaparecimento do /b/ intervocálico, seguido da queda da semiconsoante /w/ (-/dubɛ/ > *’ -/dwɛ/ > -**da** ’-/dɛ/) (QUINT, 2000a, p. 235; 2008, p. 133). Sobre o uso da voz passiva no santiaguense, ver Quint e Vieira Semedo (no prelo).

2.4.5.2 *Aspecto*

Para entendermos a noção de aspecto de forma distinta de tempo, observemos os seguintes exemplos⁷¹ em português:

- (11) a. *Ele dormiu.*
 b. *Ele dormia.*

Tanto 11a quanto 11b usam o passado para codificar o tempo. Contudo, os dois eventos têm caráter claramente distinto. No primeiro, percebe-se uma pontualidade, enquanto o segundo transmite uma característica de continuidade. Nas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, subcategoriza-se o verbo de 11a como pretérito perfeito e o de 11b como pretérito imperfeito, dentro da categoria de tempo, o que dificulta aos estudantes familiarizarem-se com a noção de aspecto explicitamente expressa nesses exemplos.

Holt (1943 *apud* Comrie, 1976, p. 3) define, de forma geral, o aspecto como sendo “maneiras diferentes de ver a estrutura temporal interna de uma situação”⁷². Comrie (1976) mostra que mesmo com a estreita relação entre tempo e aspecto, a distinção entre essas duas categorias faz-se necessária, já que o tempo é uma categoria dêitica, pois localiza os eventos/estados dentro do tempo externo, enquanto o aspecto foca na constituição temporal interna do evento/estado. Algumas línguas, como é o caso do português, codificam gramaticalmente a categoria de tempo e não outras, apesar de lexicalizar a noção temporal através de advérbios temporais. O mesmo ocorre com a codificação gramatical do aspecto, o qual está onipresente em algumas línguas, como é o caso do cabo-verdiano, e em outras desempenha um papel mais reduzido, do ponto de vista morfológico, como é o caso das línguas românicas, tais como o português.

As noções de aspecto que se expressam de forma gramatical em cabo-verdiano são: perfectivo, imperfectivo (habitual e progressivo), prospectivo e perfeito. Entendemos, como Quint (2008b, p. 134), que a partícula *ál* marca, sobretudo, modalidade com um valor de potencial.

Comrie (1976, p. 17) observa que não se deve entender a oposição entre perfectivo e imperfectivo como o primeiro sendo de curta duração e o segundo, de longa duração. Para esse autor, uma caracterização mais apropriada do perfectivo é que ele indica uma ação concluída, ou até que indica a conclusão bem-sucedida de uma situação. O aspecto imperfectivo

⁷¹ Exemplos criados pela autora.

⁷² Original: “Different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation”.

não é exatamente o contrário do perfectivo, mas uma outra perspectiva, já que o imperfectivo se refere explicitamente à estrutura temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976, p. 24). Assim, não é mais o todo concluído da situação que está em evidência, mas o seu desenvolvimento interno. Comrie (1976) observa que muitas línguas dividem a imperfectividade em subcategorias, como acontece no cabo-verdiano, que codifica gramaticalmente, dentro do âmbito da imperfectividade, o habitual e o progressivo.

O aspecto habitual é caracterizado por descrever um período prolongado de tempo, podendo ser constituído de iteratividade ou não. Sobre o habitual, Comrie afirma:

A característica comum a todos os habituais, sejam eles iterativos ou não, é que eles descrevem uma situação caracterizando um período prolongado de tempo, tão extenso de fato que a situação referida não é vista como uma propriedade incidental de um determinado momento, mas, precisamente, como um traço característico do período inteiro⁷³ (COMRIE, 1976, p. 27-28, tradução nossa).

Como a habitualidade, a progressividade é de natureza imperfectiva. Contudo, este aspecto distingue-se daquele, como se pode ver no exemplo: *Todas as tardes, quando ele se sentava* (habitual) *na calçada, a senhora estava varrendo a rua*⁷⁴ (progressivo). Logo, podemos concluir que o progressivo se caracteriza por focar na continuidade da situação, enquanto o habitual foca na sua duratividade, quer seja iterativa ou não.

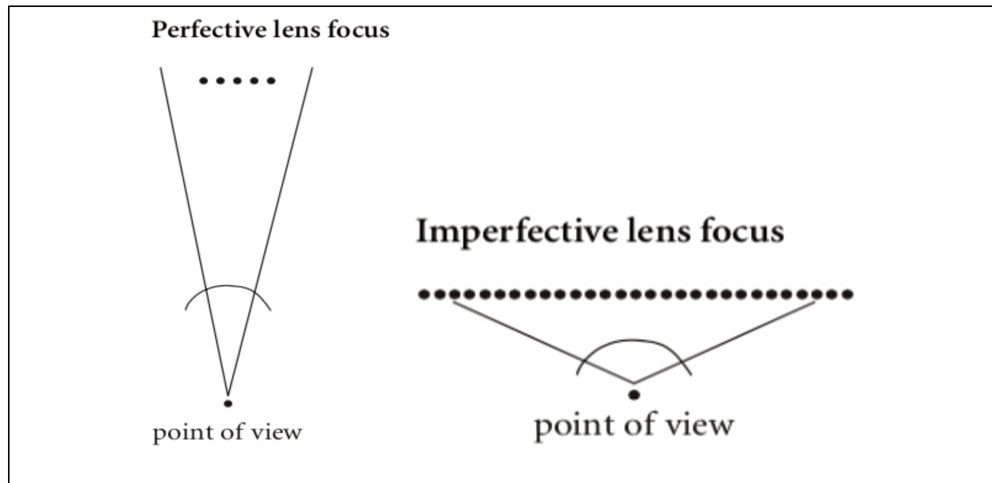
Givón (2001) organiza a imperfectividade em duas divisões principais: i) indicando processo em andamento (*progressivo-durativo-contínuo*); e ii) indicando eventos repetidos (*habitual-repetitivo*). O autor distingue a oposição binária entre perfectividade e imperfectividade, mostrando que a primeira tem o foco da perspectiva na conclusão e nas fronteiras, tendo uma forte associação com o tempo passado, enquanto a segunda não focaliza nem a conclusão nem as fronteiras. Para ilustrar essa distinção, o autor usa a metáfora das lentes de uma câmara fotográfica, em que, com a função *zoom*, podemos aproximar ou distanciar o objeto focado. Assim, no aspecto perfectivo, estaríamos observando o evento de longe, com um ângulo estreito, o qual nos dá uma perspectiva de evento pequeno, compacto e bem delimitado. Já no aspecto imperfectivo, observaríamos o evento usando a função *zoom* para aproximar o objeto. Com o evento bem próximo, suas fronteiras ficam fora do campo de visão da lente, por

⁷³ Original: “The feature that is common to all habituais, whether or not they are also iterative, is that they describe a situation which is characteristic of an extended period of time, so extended in fact that the situation referred to is viewed not as an incidental property of the moment but, precisely, as a characteristic feature of a whole period”.

⁷⁴ Exemplo criado pela autora.

isso só vemos um trecho contínuo sem limites (GIVÓN, 2001, p. 288-89). A Figura 4 ilustra a metáfora dessa oposição.

Figura 4 – Foco da perspectiva na perfectividade e na imperfectividade



Fonte: Givón (2001, p. 289).

O perfeito traz uma característica diferente desses aspectos que descrevemos, no sentido de que ele não mostra nada de uma situação em si, mas relaciona um estado a uma situação precedente, ou seja, “o perfeito indica o fato de uma situação passada ainda ter relevância no presente”⁷⁵ (COMRIE, 1976, p. 52). Por essa característica singular, muitos estudiosos preferem alocar o perfeito na categoria de tempo em vez de aspecto. Comrie (1976) e Givón (2001) incluem-no no âmbito do aspecto por causa do seu caráter perfectivo. O autor observa que o perfeito é constituído de quatro características: anterioridade, perfectividade, ausência de sequencialidade e relevância persistente,⁷⁶ e que, em várias línguas, podemos ver algumas características do perfeito separadas e agrupadas a outros aspectos ou tempos, como passado, passado recente, imediato/vívido ou presente progressivo (GIVÓN, 2001, p. 293). Os exemplos 12a e 12b evidenciam a distinção entre o perfeito e o perfectivo na língua inglesa.

- (12) a. *I broke my glasses.* (perfectivo – ‘eu quebrei meus óculos’)
 b. *I have broken my glasses.* (perfeito – ‘eu quebrei meus óculos [e continuam quebrados]’)⁷⁷.

Em 12a, percebe-se o foco na perspectiva do conjunto da situação com suas fronteiras bem delimitadas. Já em 12b, além desse caráter perfectivo, a forma verbal indica um

⁷⁵ Original: “The perfect indicates the continuing present relevance of a past situation”.

⁷⁶ Original: “Anteriority; perfectivity; counter-sequentiality; lingering relevance”.

⁷⁷ Exemplos criados pela autora.

estado atual da situação, ou seja, os óculos que foram quebrados no passado continuam nesse estado no momento atual. Por isso Comrie (1976) caracteriza o perfeito como retrospectivo, já que ele relaciona uma situação passada a um estado num momento posterior.

O aspecto prospectivo também relaciona uma situação, mas não perfectiva, ao contrário, trata-se de uma situação futura relacionada a um estado presente. Comrie (1976, p. 64) exemplifica o prospectivo nas cláusulas em inglês: *Bill is going to throw himself off the cliff* ('Bill vai-se jogar do penhasco') e *Bill will throw himself off the cliff* ('Bill jogar-se-á do penhasco'). Se um falante disser a segunda cláusula, mas algo impede Bill de se jogar do penhasco, o falante terá feito uma previsão errada, mas se ele proferiu a primeira, não estava necessariamente errado, visto que apenas se referiu à intenção (ou até mesmo ao risco) de Bill cair do penhasco. Assim, a primeira cláusula expressa o aspecto prospectivo, já que relaciona uma situação futura a um estado presente.

O cabo-verdiano tem quatro marcadores gramaticais de aspecto: *ø* (perfectivo), *ta* (imperfectivo com valor de habitual e prospectivo), *sata* (progressivo) e *dja* (perfeito). A atuação desses marcadores pode ser vista nos exemplos 13 a 16⁷⁸.

(13) Perfectivo: *N kunpra pon*. 'Eu comprei o pão'

(14) Imperfectivo: *N ta kunpra pon*. 'Eu compro pão' (habitual)/ 'Eu comprarei pão' (prospectivo)

(15) Progressivo: *N sata kunpra pon*. 'Eu estou comprando o pão'

(16) Perfeito: *Dja N kunpra pon*. 'Eu comprei o pão [o pão está comprado]'

Os marcadores de aspecto *ta*, *ø* e *sata* estão em distribuição complementar, ou seja, eles não coocorrem. O atualizador⁷⁹ *dja* pode ocorrer com as demais marcas aspectuais, como nos mostra Quint (2010, p. 247):

Na maioria dos casos, uma forma verbal só se combina com uma partícula aspectual. Existem, porém, algumas exceções a esta regra [...].

- **Dja** pode combinar-se pelo menos com **ta** e **sata**.

Exemplos:

- **a-mi dja-m sata bai**, já estou a ir.

- **kumida dja ta strága**, a comida vai estragar-se (*se a deixarmos aqui*), lit. 'comida + acabar de + futuro (neste contexto) + estragar-se'.

A atuação desses marcadores traz sentido distinto dependendo do tipo de verbo. Observando a maneira que os verbos se comportam na relação com os marcadores de aspecto,

⁷⁸ Exemplos criados pela autora.

⁷⁹ Marca do aspecto atual. Segundo Quint (2010, p. 247), esse aspecto "indica que a acção [*sic*] verbal acabou de ser realizada no momento da enunciação e que as consequências dessa acção [*sic*] se prolongam no presente". A partir dessa descrição de Quint (2010), entendemos que o aspecto atual equivale ao perfeito.

Quint (2000a) divide-os em três categorias: fortes, fracos e o verbo ser. A oposição forte ≠ fraco assemelha-se à tradicional oposição entre verbos de estado e verbos de ação. De acordo com Quint (2000a), a estrutura aspectual dos verbos fracos dá-se principalmente pela oposição *habitual* ≠ *não habitual*. Vale ressaltar que o habitual assim como o prospectivo comportam-se, em cabo-verdiano, como subcategorias do imperfectivo, por isso são marcados igualmente pela anteposição verbal da partícula *ta*.

Os verbos fortes (minoria)⁸⁰ apresentam uma estruturação aspectual distinta dos verbos fracos. O marcador aspectual *sata* (progressivo) tem um uso limitado com os verbos fortes, como *sabi* ‘saber’, *sta* ‘estar’ *tem* ‘ter’ e *teni* ‘tem (à disposição)’ (QUINT, 2000a; conversa pessoal⁸¹). O marcador *dja* (perfeito) não tem um valor propriamente aspectual com os verbos fortes, ele costuma ser usado na posição pré-verbal, mas com valor de advérbio. A atuação do marcador *ta* indica mais frequentemente o prospectivo do que o habitual e \emptyset indica o perfectivo com ancoragem temporal determinada pelo contexto. Logo, Quint (2000a, p. 242, tradução nossa) resume a estruturação aspectual nos verbos fortes como um sistema “com três partículas aspectuais: \emptyset , *al*, *ta*, em vez de cinco⁸² como para os verbos fracos [...]”⁸³. Os exemplos 17 a 19⁸⁴ ilustram a atuação do aspecto nos verbos fortes:

(17) Perfectivo / Imperfectivo: N \emptyset konxê-u - 'Eu conheci-te / Eu conheço-te'

(18) Prospectivo: N **ta** konxê-u - 'Eu conhecer-te-ei'

(19) Progressivo: N **sata** konxê-u - 'Eu estou-te conhecendo'

O outro sistema verbal do santiagoense caracterizado por Quint (2010, p. 253) é o da cópula *ser* ‘ser’. O autor mostra cinco características básicas da cópula:

⁸⁰ Quint (2000a, p. 242; 2010, p. 250) fornece uma lista, provavelmente exaustiva, com catorze verbos fortes do cabo-verdiano:

bali : valer	mora : morar
debi : dever	podí : poder
gosta : gostar	sabi : saber
konxi : conhecer	sta : estar
kré : querer	txoma : chamar-se
kustuma : acostumar	tem : ter (intrinsecamente)
meresi : merecer	teni : ter (à sua disposição, transitoriamente)
mesti : precisar	

⁸¹ Informação obtida em conversa pessoal de orientação com Nicolas Quint, em novembro de 2020.

⁸² Como já mencionamos, não consideramos, como Quint (2000a), *al* (potencial) como marcador de aspecto, mas como marcador de modalidade. Por isso, alistamos apenas quatro marcadores aspectuais, em vez de cinco. Quint concorda com essa redução dos marcadores de aspecto (informação obtida em conversa pessoal de orientação, em novembro de 2020).

⁸³ Original: "À trois particules aspectuelles : \emptyset , **al**, **ta** au lieu de cinq pour les verbes faibles [...]".

⁸⁴ Exemplos criados pela autora.

1. O verbo **ser** não possui forma passiva;
2. Quando o tempo da acção [*sic*] corresponde ao do discurso (espécie de progressivo), o verbo **ser** tem formas próprias, não derivadas do radical **ser**:
- presente: **el é**, *ele é (agora)*.
- passado: **el éra**, *ele era (naquele momento do passado)*.
3. O radical **ser** pode ser combinado com todas as partículas aspectuais, excepto [*sic*] **sata**. Ele tem uma forma de passado regular, **serba**. Regra geral, com o verbo **ser**, **ta** (imperfectivo) ganha valor de futuro; as restantes marcas de aspecto mantêm o valor que assumem quando combinadas com os verbos fracos [...]
4. Com a forma **é**, excepcionalmente, a negação segue-se ao verbo, ao contrário do que acontece com todos os outros verbos e todas as outras formas de flexão de **ser**.
5. A forma **é** é muitas vezes elidida, em particular (mas não apenas nestes casos) em contexto exclamativo, em presença da negação **ka** e nas expressões comparativas.⁸⁵

De fato, as nossas observações pessoais confirmam que o radical *ser* da cópula é compatível com todos os marcadores de aspecto, inclusive com o progressivo, como mostram os exemplos 20 e 21⁸⁶:

(20) *Sata ser bon diâ oxi, pamódi ben txeu klenti*. ‘Está sendo um bom dia hoje, porque vieram muitos clientes’.

(21) *Sata serba un bon ánu, má txuba pára ántis kumida da*. ‘Seria um bom ano, mas a chuva parou antes de termos comida’.

A atuação do aspecto na codificação dos predicados envolvidos nas cláusulas vinculadas é um dos fatores de análise para este estudo, visto que esta categoria se sobrepõe à de tempo no sistema verbal cabo-verdiano. É importante ressaltar, também, que a não atuação do aspecto no predicado verbal pode indicar que o verbo está, em algum grau, na forma não finita⁸⁷ ou no modo imperativo.

2.4.5.3 Modalidade

Segundo Pontes (2012, p. 65), a modalidade está relacionada com a atitude do falante, com a forma ou com sua reação acerca do conteúdo proposicional de um enunciado, e o modo é uma das formas como a modalidade é codificada. Givón (2001) observa que o conceito de modalidade tem origem na tradição lógica, que se preocupava quase que exclusivamente com os aspectos epistêmicos da modalidade. Em Neves (2011), vemos que a modalidade pode ser expressa por diversas categorias de palavras: i) por verbo (*Este homem*

⁸⁵ Quint (2000a; 2010) considerou não ser possível o uso de ‘sata’ combinando-se com o radical *ser*, no entanto, pudemos observá-lo em exemplos aqui citados (validados e confirmados por Quint, em conversa pessoal de orientação, em novembro de 2020).

⁸⁶ Exemplos coletados pela autora com informantes da língua cabo-verdiana.

⁸⁷ Entendemos que a não finitude no cabo-verdiano também se manifesta de forma gradiente e depende em parte do grau de atuação do aspecto no predicado.

pode ser o acusado); ii) por advérbio (**Provavelmente** o médico não se deu conta do erro); iii) por adjetivo (em posição predicativa) (**É necessário** que cada um faça a sua parte); iv) por um substantivo (*Tenho a **impressão** que isso não vai dar certo*); v) pelas categorias gramaticais (Tempo/Aspecto/Modo) do verbo da predicação (*Andaria por todos os lugares à procura do amado*)⁸⁸.

Givón (2001), numa perspectiva funcional americana, trata a modalidade considerando o contexto comunicativo. O autor traz uma redefinição da concepção lógica de modalidade epistêmica: a) pressuposição: a proposição é tomada como verdadeira; b) asserção *realis*: a proposição é declarada como verdade de forma contundente; c) asserção *irrealis*: a proposição é declarada possível de forma fraca; d) asserção negativa: a proposição é afirmada como falsa de forma fraca. Essa redefinição, proposta por Givón (2001), pode ser observada nos exemplos 22 a 25 do cabo-verdiano.

(22) Pressuposição: *Djon strága káru* – ‘João quebrou o carro’.

(23) Asserção *realis*: *Djon ta konpu káru* – ‘João consertará o carro’.

(24) Asserção *irrealis*: *Si kádjar Djon dja konpu káru* – ‘Talvez João já consertou o carro’.

(25) Asserção negativa: *Djon ka konpu káru* – ‘João não consertou o carro’.

O estudo da modalidade envolve diversos fatores (como a semântica de verbos ou advérbios na cláusula ou a forma verbal empregada), que se configuram em dispositivos para mostrar as atitudes dos falantes em relação à informação expressa numa frase. Como as demais línguas naturais, o cabo-verdiano também expressa a modalidade de diversas formas, como citou Neves (2011). Contudo, essa língua apresenta uma marca modal específica codificada pelo marcador *ál*, que tem origem na perífrase portuguesa *há de + infinitivo* (QUINT, 2000a, p. 258). Moreira (2020), que categoriza esse morfema como marca de aspecto em crioulo do Fogo⁸⁹, reconhece, no entanto, que ele tem uma natureza mais modal, já que ele coocorre com os marcadores de aspecto⁹⁰ (como mostram os exemplos 26 e 27), os quais não se podem combinar entre si (exemplo 28).

(26) *El al ø ben oji* – ‘Ele há de vir hoje’.

(27) *El al sa-ta ben oji* – ‘Ele há de estar vindo hoje’.

(28) **El ta sa-ta ben oji*. (MOREIRA, 2020, p. 180)

⁸⁸ Os exemplos citados neste parágrafo foram criados pela autora.

⁸⁹ Variedade do cabo-verdiano falada na ilha do Fogo.

⁹⁰ Quint (2010, p. 247) já atestava a combinação do marcador *al* com o progressivo *sata* para a variedade de Santiago.

A modalidade não será considerada como um fator de análise para a integração entre cláusulas, já que a codificação através do morfema modal *ál* não ocorre nos dados e as outras formas de codificação dessa categoria não são relevantes para os objetivos desta pesquisa.

Para a análise da integração entre os diversos tipos de cláusulas que mencionamos aqui, observamos alguns fatores linguísticos que se expressam nas cláusulas em vinculação, tais como: os tipos de relações semânticas estabelecidas, a forma como se expressa o complexo TAM (Tempo, Aspecto e Modalidade), os conectores envolvidos, a posição da cláusula dependente em relação à sua subordinante (para as adverbiais), o tipo de discurso (para as completivas de elocução), o compartilhamento de argumentos, a função sintática do termo modificado (para as relativas) e o nível sintático⁹¹ a que pertence a cláusula. Esses fatores servirão para mostrar quais dispositivos empregados pelos falantes caracterizam uma cláusula como mais ou menos integrada à cláusula a que se vincula, correlacionando esses dispositivos aos princípios/pressupostos funcionalistas da marcação, frequência e prototipia, isto é, observaremos se as formas [mais marcadas; menos frequentes] ou as formas [menos marcadas; mais frequentes] estão entre as que têm maior ou menor integração.

2.5 Síntese da fundamentação teórica

Neste capítulo, apresentamos a teoria de base para o nosso estudo da articulação entre cláusulas no santiaguense, denominadamente, o Funcionalismo norte-americano, mostrando os pressupostos dessa corrente linguística que nortearam a análise dos dados, a saber, os princípios de marcação, frequência e prototipia. Apresentamos também alguns estudos que têm tratado o tema de uma perspectiva translinguística, como Halliday (1985), Matthiessen e Thompson (1988); Lehmann (1988), Hopper e Traugott (1993; 2003), Decat (1999), Givón (2001), Cristofaro (2003), Longacre (2007), Dixon (2006) e Creissels (2006).

Além disso, mostramos as pesquisas que têm sido desenvolvidas sobre articulação de cláusulas na LCV, a maioria deles sobre a variedade de Santiago, sob uma perspectiva generativista. Por fim, definimos alguns termos que são caros a esta pesquisa, tais como a noção de coordenação, de subordinação, de insubordinação e do complexo TAM (Tempo, Aspecto e

⁹¹ Consideramos como de nível sintático 1 (N1) as cláusulas que dependem de cláusulas independentes; de nível sintático 2 (N2), as cláusulas que dependem de cláusulas subordinadas a outras; de nível sintático 3 (N3), as que estão subordinadas a cláusulas que estão em nível 2 (N2), e assim sucessivamente.

Modalidade), os quais são cruciais para a construção do *continuum* de integração entre cláusulas no santiaguense.

O percurso teórico aqui explanado aponta os princípios basilares para a análise da integração entre cláusulas no santiaguense, mostrando que entendemos a vinculação entre cláusulas como um fenômeno de caráter gradiente, evidenciado por dispositivos sintáticos e semânticos. Por essa razão, selecionamos alguns fatores (tanto sintáticos quanto semânticos) que consideramos relevantes na nossa análise, os quais serão explicitados nos capítulos de análise.

No capítulo seguinte, explanaremos as etapas que compõem o percurso metodológico para o desenvolvimento deste trabalho, desde a coleta dos dados para a ampliação do *corpus* já existente, até o seu tratamento para a análise qualitativa e quantitativa.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os passos metodológicos executados para o desenvolvimento da pesquisa. Primeiramente, explanamos sobre o método de abordagem utilizado; em seguida, tratamos do método de procedimento empregado neste estudo. Num terceiro momento, apresentamos como se constitui o *corpus* e como se deu seu tratamento e análise dos dados. Por fim, tratamos das questões e hipóteses nas quais se centram esta investigação.

3.1 Método de abordagem

Empregamos, nesta pesquisa, os métodos dedutivo e indutivo, de forma flexível, reconhecendo que a aplicação dessas duas abordagens metodológicas permitir-nos-á uma análise mais abrangente. Portanto, valemo-nos da indução para confirmar ou não as hipóteses que, em princípio, estabelecemos; e recorreremos à dedução para propor generalizações a partir da análise dos dados.

3.2 Método de procedimento

Tratamos aqui dos pontos que envolvem o desenvolvimento da investigação, desde a escolha teórica pelo tipo de abordagem em que se pautam os passos para o empreendimento do estudo do fenômeno, até os passos para a constituição e análise do *corpus*.

3.2.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa e quantitativa, em virtude de sua análise se basear de forma descritiva no estudo da articulação de cláusulas na frase complexa, observando como se estabelece a integração entre elas, em narrativas tradicionais da língua crioula falada em Cabo Verde, mais especificamente no interior da ilha de Santiago, considerando os dispositivos linguísticos que evidenciam essa integração.

O foco da tese é compreender como a articulação entre as cláusulas se mostra linguisticamente, adotando como *corpus* narrativas orais tradicionais do povo cabo-verdiano em um contexto real de comunicação, com o objetivo de estabelecer um *continuum* de integração sintático-semântica entre as cláusulas. Assim, temos como principal propósito dar

continuidade aos estudos descritivos da variedade mais basilectal de Santiago, com vistas a contribuir para a evolução desses estudos da LCV, permitindo, portanto, em uma perspectiva mais aplicada, o progresso dos nossos conhecimentos sobre as línguas crioulas, em geral, e o cabo-verdiano, em particular. Além disso, este estudo pode servir de base para a elaboração de gramáticas pedagógicas mais abrangentes, que seriam instrumentos para a afirmação dessa língua no país junto ao português.

3.2.2 Contexto da pesquisa

Os dados para análise desta pesquisa fazem parte do *corpus* da língua cabo-verdiana do laboratório LLACAN (*Langage, Langues et Cultures d'Afrique* – UMR8135). Trata-se de narrativas tradicionais orais da variedade mais basilectal da ilha de Santiago. O *corpus* é formado por narrativas de diversas localidades do interior dessa ilha. Essas zonas foram escolhidas por ainda apresentarem falantes que contam as narrativas tradicionais. Cabo Verde é um arquipélago, formado por dez ilhas, sendo nove delas habitadas. A ilha de Santiago tem a maior densidade demográfica, abrigando 56% da população do país, segundo o Censo de 2010 (RTC, 2020). Contudo, a maior parte das pessoas habita nas zonas urbanas, onde há um maior contato com a LP. A variedade falada no interior dessa ilha preserva, ainda, características de um crioulo sem tantas interferências das línguas de contato, especialmente da LP, única língua oficial e a de maior contato. Como no interior da ilha predominam as zonas rurais e a atividade agrícola, não há tanta necessidade do uso da LP, que é empregada principalmente em contextos formais ou com estrangeiros.

3.3 Corpus

Para a análise da integração entre as cláusulas em LCV (variedade de Santiago), utilizamos um *corpus* pertencente ao laboratório francês *Langages, Langues et Cultures d'Afrique* (LLACAN – UMR8135), que estuda línguas africanas.

O *corpus* do qual foi retirada a amostra para análise dos dados é composto por 60 narrativas orais de contos tradicionais cabo-verdianos, tendo quatro momentos de coletas, como descreve o Quadro 5:

Quadro 5 – *Corpus* Histórias Tradicionais de Cabo Verde

Mês e Ano de Coleta	Número de narrativas	Sexo dos locutores	Local de coleta	Tempo	Formato
Setembro de 2004	3	3 locutores: 1 mulher, 2 homens.	Mato Mendes; Porto Rinkom	14m53s	Áudio wav
Outubro e novembro de 2005	4	3 locutoras: mulheres	Pico Vermelho; Santana	32m14s	Áudio wav
Dezembro de 2014	3	1 locutora: mulher	Belém	29m14s	Áudio wav
Maio de 2015	50	21 locutores: 13 mulheres, 8 homens.	Achada Porto; Achada Monte; Mato Mendes; Fonte Ana; Ribeirão Manuel; Santana; Pico Leão; Achada Tossa; Mendes Faleiro Cabral; Belém; Bilimbua; Tchan de Horta; Pincipal; Achada Monte.	4h21m55s	Vídeo mp4 e Áudio wav
Total	60	28 locutores (18 mulheres, 10 homens)	16 localidades	5h38min16s	

Fonte: Elaborado pela autora.

Todas as coletas foram feitas em pequenas localidades no interior da ilha de Santiago. A coleta foi feita por (no mínimo) um pesquisador, sempre acompanhado de um informante nacional. Na coleta de 2015, havia dois pesquisadores (esta doutoranda e Nicolas Quint), o consultante nacional e um técnico de captação de imagem e som do CNRS (*Centre National de Recherche Scientifique*⁹²). Na coleta dos dados, percorria-se o maior número de localidades em busca de falantes que soubessem contar as histórias tradicionais. Em cada localidade, era perguntado aos habitantes se conheciam pessoas que contassem histórias tradicionais e, quando havia uma resposta positiva, o(s) pesquisador(es) e o consultante dirigiam-se à casa dessa pessoa, onde o consultante nacional conversava com ela, explicando-lhe o propósito daquela visita e pedindo-lhe que participasse da pesquisa, narrando uma ou mais histórias. Os pesquisadores, por serem estrangeiros, não intervinham nessa conversa entre o participante e o consultante, já que, ao falar com estrangeiros, os cabo-verdianos costumam

⁹² Centro Nacional [Francês] de Pesquisa Científica.

empregar uma variedade mais acroletal como tentativa de minimizar transtornos na comunicação.

Esse *corpus* está disponível apenas para os pesquisadores e doutorandos ligados aos projetos coordenados pelo Dr. Nicolas Quint, especialista responsável pelos estudos sobre os crioulos da Alta Guiné. Como doutoranda do laboratório LLACAN, orientada pelo Dr. Nicolas Quint, coletei pessoalmente os dados de dezembro de 2014 e acompanhei-o na coleta de maio de 2015.

Para este estudo, selecionamos uma amostra, que chamaremos aqui de *corpus* da tese. Para descrever esse *corpus* e o trabalho que empreenderemos com ele, dividimos esta fase de tratamento do *corpus* em 3 momentos: 1. Seleção do *corpus*; 2. Tratamento do *corpus*; e 3. Análise dos dados.

3.3.1 Seleção do corpus

Esse *corpus* foi escolhido tanto pela acessibilidade, já que sou integrante do grupo de pesquisa dirigido pelo Dr. Nicolas Quint, responsável pelas pesquisas em LCV do laboratório LLACAN, como pelo fato de se tratar de um *corpus* oral espontâneo e de uma literatura bastante difundida na comunidade da ilha de Santiago. Tendo o Funcionalismo como teoria de base, buscamos analisar o fenômeno em situação real de uso. As histórias tradicionais fazem parte da cultura e da literatura oral cabo-verdiana, principalmente da vida cotidiana da população dos pequenos vilarejos do interior, já que essa é uma forma de lazer bastante comum. As narrativas são memorizadas e recontadas de geração em geração, pois trazem ensinamentos como: “a ganância atrai desgraça”, “a desobediência aos pais tem como consequência vários malefícios”, “praticar o bem atrai bênçãos” etc.

Selecionamos 12 narrativas do *corpus*, totalizando aproximadamente 1h39min18s de gravação, como mostra o Quadro 6. Essas narrativas foram escolhidas com o intuito de constituir uma amostra com falantes de regiões diferentes do interior da ilha. Além disso, selecionamos as gravações com melhor qualidade de áudio e com contos completos, que têm menos interferências, como ruídos, outros falantes etc.

Quadro 6 – Amostra selecionada para a pesquisa

Narrativa	Coletado em:	Sexo	Localidade	Idade	Local de Nascimento	Tempo	Formato
1	Dezembro de 2015	F	Belen	63	Belém	10m9s	Áudio wav
2	Maio de 2015	F	Txada Biskainhu	54	Achada Monte	8m03s	Vídeo mp4 / Áudio wav
3	Maio de 2015	M	Funti Ana	54	Fonte Ana	9m04s	Vídeo mp4 / Áudio wav
4	Maio de 2015	M	Rubon Manel	44	Ribeirão Manuel	4m43s	Vídeo mp4 / Áudio wav
5	Maio de 2015	F	Piki Lion	85	Pico Leão	8min11s	Vídeo mp4 / Áudio wav
6	Maio de 2015	F	Kabral	91	Mendes Faleiro Cabral	7min57s	Vídeo mp4 / Áudio wav
7	Maio de 2015	F	Prinsipal	56	Principal	4min18s	Vídeo mp4 / Áudio wav
8	Maio de 2015	F	Txada Munti	82	Tarrafal	8m	Vídeo mp4 / Áudio wav
9	Outubro de 2005	F	Piku Brumedju	49	Pico Vermelho	6m48s	Vídeo mp4 / Áudio wav
10	Setembro de 2004	F	Mátu Mendi	53	Matos Mendes	8m35s	Áudio wav
11	Novembro de 2005	F	Santána	87	São João Baptista	13m26s	Áudio wav
12	Setembro de 2004	F	Tanba Toru	58	Ribeirão Manuel	10min04s	Áudio wav
Total						1h39min18s	

Fonte: Elaborado pela autora.

Cada narrativa foi proferida por um locutor diferente, por isso temos 12 locutores, sendo 10 mulheres e 2 homens. Cada locutor é de uma localidade da zona rural. Logo, temos 12 localidades distintas do interior da ilha de Santiago. A prática de recontar histórias tradicionais não é comum entre os mais jovens. Por essa razão, os contadores têm acima de 45 anos de idade. Essa prática também é mais comum entre as mulheres, como se vê no Quadro 6. Para a organização do *corpus*, não controlamos grau de escolaridade, mas, como se trata de falantes acima de 45 anos, do interior, é bem provável que tenham, no máximo, o Ensino Fundamental. Na Figura 5, apresentamos o mapa da ilha de Santiago com as doze localidades onde foram coletadas as narrativas que constituem a amostra.

Figura 5 – Mapa das localidades dos participantes



Fonte: Elaborada por Guylaine Brun-Trigaud (2020)⁹³.

3.3.2 Tratamento do corpus

O tratamento dos dados foi feito no ELAN CorpA (ELAN Linguistic Annotator), versão 4.8.0, um *software* para tratamento de dados linguísticos, pois ele permite fazer as categorizações nos diversos níveis linguísticos de forma separada e depois cruzá-las para busca de resultados quantitativos. A preparação do *corpus* consistiu na criação de 12 arquivos nesse *software*, nos quais foram introduzidos os 12 arquivos de vídeo, no formato mp4, e/ou áudio, no formato wav. A partir daí, criamos as linhas de anotação e revisamos a segmentação frasal, visto que o ELAN a faz automaticamente através das pausas de fala dos locutores, e ocorrem erros motivados por momentos de silêncio em que o locutor tosse ou está pensando, por exemplo, já que as histórias são memorizadas. Tendo a segmentação corrigida, procedemos à transcrição ortográfica das narrativas (Figura 6). Em seguida, fizemos a classificação

⁹³ O mapa foi elaborado por Brun-Trigaud (2020) especificamente para esta tese. Guylaine Brun-Trigaud faz parte do laboratório *Base, Corpus, Langage* (BCL – UMR7320 / Université Nice Sophia Antipolis).

morfológica de cada palavra – interlinearização⁹⁴ (Figura 7). No modo *links*, classificamos cada sintagma das narrativas (Figura 8).

Figura 6 – Transcrição ortográfica no ELAN

No	Type1 : ref	Type2 : tx
9	kea_009	si patron ki ta tene-i
10	kea_010	s
11	kea_011	e fia á es ata fasi trósa di bo má bu ta bai mé
12	kea_012	s
13	kea_013	e bisti-i ben bistidu ki gánha kes otu rapási e bisti kei ka pruntu ben bistidu ki gánha kes otu rapás
14	kea_014	s
15	kea_015	e sele-i si mula e de-i e fle-i bai
16	kea_016	s
17	kea_017	e pánha dinheru e po ... e meti si mula na rau
18	kea_018	s
19	kea_019	ki aki ta nbosta ta nbosta dinheru
20	kea_020	s
21	kea_021	dipos
22	kea_022	s

Fonte: Interface do ELAN, versão 4.8.0, adaptada pela autora.

A Figura 6 mostra uma interface do ELAN, versão 4.8.0, com duas colunas que indicam a faixa da segmentação das frases (coluna à esquerda) e a transcrição ortográfica (coluna à direita).

Figura 7 – Interlinearização

N.	Lexeme	Variant	Gloss	Tier X	Underlying-Form
232	mula		amotar.PFV	V	
1721	mula		mula	N	

Fonte: Interface do ELAN, versão 4.8.0, adaptada pela autora.

⁹⁴ As interlinearizações das narrativas 1 e 4, exportadas do *ELAN*, podem ser vistas nos apêndices A e B, os quais são fornecidos como exemplos da interlinearização feita em todo o *corpus*.

A Figura 7 mostra outra interface do ELAN, em que se insere cada palavra com sua tradução literal para o português e sua categorização, criando um léxico da língua em estudo. Ao serem inseridas no léxico e selecionadas, a tradução e a categorização são lançadas automaticamente no modo de anotação, como se vê na parte de baixo da figura.

Figura 8 – Classificação dos sintagmas

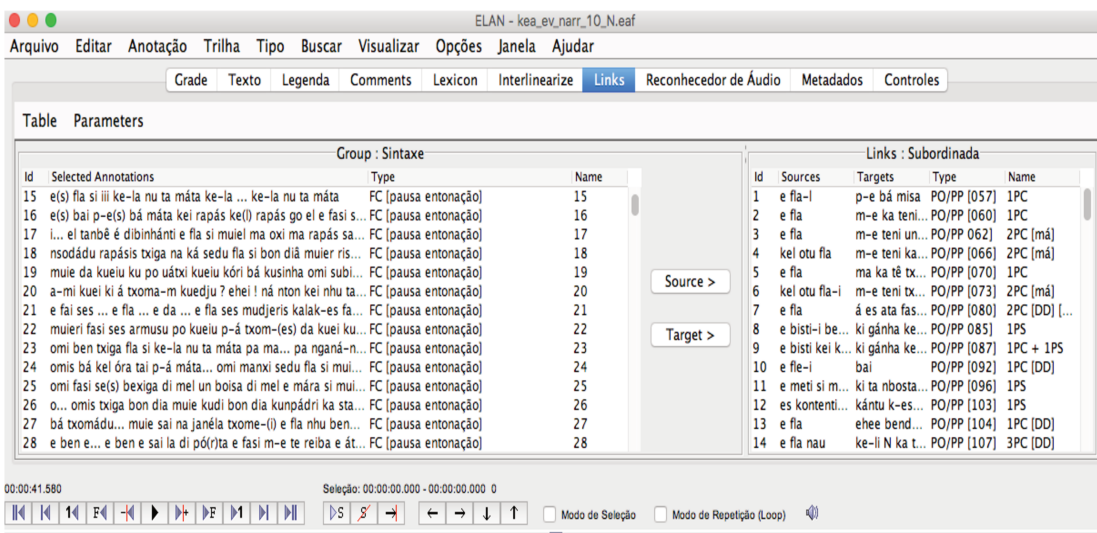
Table Parameters		Group : Sintagma	
Id	Selected Annotations	Type	Name
1	tinha	SV.S.IP	
2	un omi	SN.O	
3	e	SN.S	
4	tinha	SV	
5	tres fidju mátxu	SN.O	
6	nton	CJ	
7	kel omi	SN.S	
8	tinha	SV	
9	un frida	SN.O	
10	ki	CJ	
11	ka ta seka	NEG-SV	
12	ta fládu	SV	
13	lépra	SN.O	
14	nton	CJ	
15	na kei tres fidju	SN	
16	Pedulu, Belu, lu, Maná	SN.O	

Fonte: Interface do ELAN, versão 4.8.0, adaptada pela autora.

A Figura 8 mostra a caixa dos *links* do ELAN para a categorização dos sintagmas. Os sintagmas, na coluna à esquerda, são selecionados no modo de anotação e inseridos no modo *links*, onde recebem a etiqueta de sua categorização.

Para a identificação e marcação do fenômeno, ainda no modo *links* do ELAN, primeiro delimitamos as frases, sejam elas complexas ou simples, indicando os dispositivos empregados pelo falante para sua delimitação: pausa, entonação, marcadores discursivos, sentido (Figura 9); sequencialmente, categorizamos cada cláusula, fazendo marcas das características linguísticas, a saber, o complementizador que introduz a cláusula, o nível sintático, algumas observações sobre a retomada do complementizador (Figura 10).

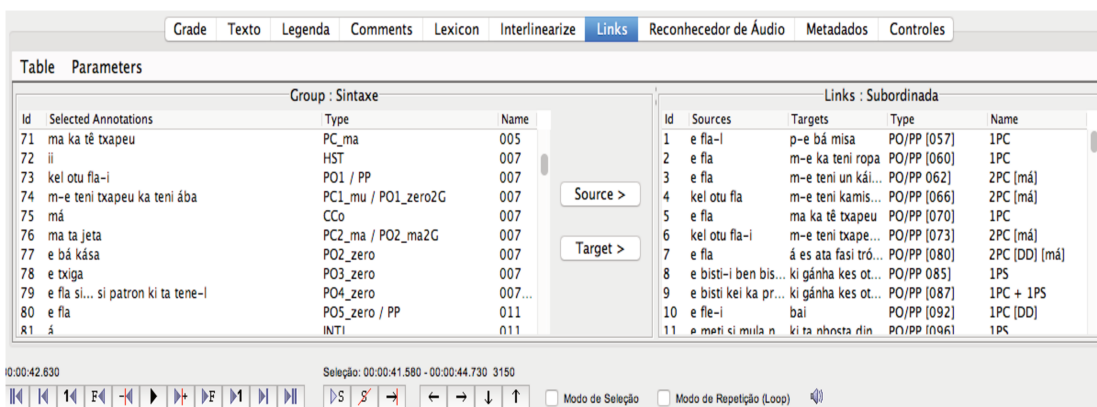
Figura 9 – Delimitação das frases



Fonte: Interface do ELAN, versão 4.8.0, adaptada pela autora.

A Figura 9 mostra o modo *links* com a delimitação de cada frase complexa e o que nos motivou a segmentá-la dessa forma (coluna da esquerda). A coluna da direita mostra os *links* das relações de subordinações, tendo a matriz ou nuclear em *sources* e a dependente em *targets*.

Figura 10 – Categorização das cláusulas



Fonte: Interface do ELAN, versão 4.8.0, adaptada pela autora.

Na Figura 10, tem-se, na coluna da esquerda, a categorização de cada cláusula, seja coordenada (PO), matriz ou nuclear (PP), completiva (PC), adverbial (PS), relativa (PR) ou subordinada (INS)⁹⁵. Para uma imagem conjunta do tratamento de dados, veja a Figura 11.

⁹⁵ As siglas para os tipos de cláusulas foram criadas pelo técnico em informática do laboratório LLACAN (UMR 8135), que seguiu um padrão francês de terminologia.

Figura 11 – Tratamento dos dados no ELAN



Fonte: Interface do ELAN, versão 4.8.0, adaptada pela autora

A Figura 11 mostra a disposição dos dados já tratados no ELAN. Na parte de cima, há as caixas de *group* e *links* no modo *links* e, na parte de baixo, vê-se a interlinearização, no modo *interlinearize*.

3.3.3 Análise do corpus

Para a análise do fenômeno no *corpus*, exportamos do ELAN, em formato Excel, as listas de cláusulas categorizadas por tipo (adverbial, completiva, insubordinada, relativa e coordenada). Nessas listas, observamos cada cláusula e as relações estabelecidas entre elas para, assim, fazermos as categorizações semânticas de cada uma, começando pelas adverbiais, seguindo pelas completivas, insubordinadas, relativas e, por fim, as independentes. Além da categorização semântica, fizemos anotações das características linguísticas de cada cláusula (Figura 12).

Figura 12 – Lista de advérbias exportada do ELAN, categorizada semanticamente e com marcações linguísticas

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	id	EndTime	EndTime	Type	Name	tipo	Part	TAM	Posição
2	e fla-i	p-e bá misa	PO/PP [057]	1PC					
3	e fla	m-e ka teni ropa	PO/PP [060]	1PC					
4	e fla	m-e teni un kása duedju frádu má ma ta jeta	PO/PP [062]	2PC [má]	1PFV P + 1IPV P [má]				
5	kel otu fla	m-e teni kamisa kutubelu frádu má ma ta jeta	PO/PP [066]	2PC [má]	1PFV P + 1IPV P [má]				
6	e fla	ma ka tèt txaepu	PO/PP [070]	1PC					
7	kel otu fla-i	m-e teni txaepu ka teni ába má ma ta jeta	PO/PP [073]	2PC [má]	1PFV P + 1IPV P [má]				
8	e fla	á es ata fasi trósa di bo má bu ta bai mé	PO/PP [080]	2PC [DD] [má]	1PROG P [DD] + 1IPV P [DD]				
9	e bist-i ben bistidu	ki gánha kes otu rapás	PO/PP [085]	1PS		consq	sim S	PFV	D.P
10	e bist-i	kei ka pruntu ben bistidu ki gánha kes otu rapás	PO/PP [087]	1PC + 1PS					
11	e fla-i	bai	PO/PP [092]	1PC [DD]					
12	e met-i sí mula na rau	ki ta nbosta dinheru	PO/PP [096]	1PS		consq	Sim S	PFV	D.P
13	es kontenti ku kei rapás	kántu k-es odja	PO/PP [103]	1PS		temp_kántu_ki	Sim S	PFV	A.P
14	e fla	ehee bend-e m kei mula la	PO/PP [104]	1PC [DD]					
15	e fla nau	ke-i N ka ta ben(d)i ke-i é di nhu rai e ta... e ta sota-m	PO/PP [107]	3PC [DD]	1PFV P [DD] + 1PFV P [DD] + 1PFV P [DD]				
16	e fla sí	bon s-é sí pa tres káru di dinheru	PO/PP [121]	1PC [DD]					
17	e fla sí	bon nton N ta dá-u	PO/PP [124]	1PC [DD]					
18	rapás fla-i	kántu k-ei bá ká nhu rai a-bo n-on-di nha mula	PO/PP [129]	1PS + 1PC [DD] [SV_zero]		temp_kántu_ki	não	PFV	A.P
19	e fla sí	rapás fla-m	PO/PP [133]	1PC [DD]					
20	e fla	eh pa-u bend-i pa ki presu ku u bend-e-i	PO/PP [136]	2PC [DD]	2PFV P [DD]				
21	e fla	ná e flu dja N bend-ís	PO/PP [140]	2PC [DD]	2PFV P [DD]				
22	e fla-i	bon ke-li nton bá	PO/PP [147]	1PC [DD]					
23	e á	fasi sí kása ku el	PO/PP [151]	1PC					
24	e fla	nho(s) bá ku kei mula la nho(s) mára nhos ta díxa un kása dinheru	PP [156]	3PC [DD]	2PFV P [DD] + 1IPV P [DD]				
25	e(s) bai	kántu ki ten trinta dia	PO/PP [163]	1PS		temp_kántu_ki	não	PFV	A.P
26	rapás díxa	kántu ki bai buru dja miori so bósta dentu kása	PO/PP [165]	1PS + 1PC		temp_kántu_ki	não	PFV	A.P
27	e(s) fla sí	iii ke-la nu ta máta ke-la ... ke-la nu ta máta	PO/PP [168]	2PC [DD]	2IPV P [DD]				
28	e(s) bai	p-e(s) bá	PO/PP [173]	1PS		prop_pa	sim S	PFV	D.P
29	e fla sí muiel	ma oxi ma rapás sata en p-e da kuelu ku po m-e ta fasi	PO/PP [185]	3PC	1PROG P + 1PFV P + 1IPV P				
30	e fla	e bá á(s) ita nhu meste(i) ?	PO/PP [202]	2PC [DD]	2PFV P [DD]				
31	rapás fla sí	kántu ki omi sub-i txiga li na kása a-nho ken ki á	PO/PP [216]	2PS + 1PC [DD]	2PFV P				
32	a-mi kuel ki á	txoma-m	PO/PP [220]	1PC		temp_kántu_ki / ki	não	PFV	A.P
33	tonda	xinta na txon	PO/PP [234]	1PC					

Fonte: Excel para Mac, versão 16.16.17, adaptado pela autora.

A Figura 12 mostra a categorização semântica das cláusulas. Aqui há uma etiqueta para identificar cada tipo semântico de cláusula e uma cor para facilitar a contagem. A contagem dos dados foi feita manualmente, pois o ELAN não nos possibilitou uma contagem segura cruzando diversas características linguísticas de cada cláusula, visto que temos um elevado número de etiquetas para remarcar as características das cláusulas. Assim, os resultados quantitativos que o ELAN fornece são bastante limitados para nossa pesquisa. A utilização do ELAN para análise da frase complexa é pioneira no laboratório LLACAN. Apesar dos esforços da equipe técnica desse laboratório em preparar o *software* para atender às nossas necessidades, não conseguimos extrair resultados quantitativos com precisão, por essa razão optamos pela contagem manual.

3.3.3.1 Etiketagem das advérbias

As advérbias fazem parte das cláusulas subordinadas e partilham o subtraço [- encaixamento], além do traço [+ dependência] que caracteriza a subordinação⁹⁶. Neste ponto, apresentamos alguns exemplos da etiquetagem de cada tipo de advérbial, considerando o tipo

⁹⁶ Sobre subordinação, ver seção 2.4.3.

de relação semântica, o nível sintático em que se realizam, as características sintáticas do predicado dependente, a partilha de argumentos e a sua posição.

Em relação ao nível sintático, codificamos como N1 (nível 1) as cláusulas que dependem de cláusulas independentes, de N2 (nível 2), as cláusulas que dependem de cláusulas subordinadas a outras, de N3 (nível 3), as que estão subordinadas a cláusulas que estão em nível 2 (N2), e assim sucessivamente. Para a codificação do complexo TAM, observamos as marcas linguísticas da língua cabo-verdiana, a saber: \emptyset (perfectivo), *ta* (imperfectivo), *sata* (progressivo) e *{-ba}* (passado). Quanto à partilha de argumentos, no processo de codificação, marcamos apenas a presença *versus* ausência desse fator.

a) Temporal

Nu ta bai, nu ta ben, ántis guárda torna ben, pamó guárda t-á ká, ta torna ben.

‘Nós vamos, nós voltamos, antes do guarda retornar, porque o guarda vai em casa [e] retorna’⁹⁷.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	TAM predicado polaridade do /	Partilha de argumentos	Posição
<i>ántis guárda torna ben</i>	TEMP_N1_ántis	PFV P	não	D.N
‘antes do guarda retornar’ ⁹⁸	Temporal de nível 1 com <i>ánti</i>	perfectivo positivo	Não partilha argumentos	Depois da nuclear

b) Condicional

Si nhu botá-mi la fundu, go ki N ta binha ku rikéza. ‘Se o senhor tivesse me

colocado lá no fundo, agora é que eu viria com riqueza’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	TAM predicado polaridade do /	Partilha de argumentos	Posição
<i>si nhu botá-mi la fundu</i>	COND_N1_si	PFV PST P	não	A.N
‘se o senhor tivesse me colocado lá no fundo’	Condicional de nível 1 com <i>si</i>	perfectivo passado positivo	Não partilha argumentos	Antes da nuclear

c) Propósito

E ben ku-ei p-e ben trazi gentis. ‘Ele [Pedro] trouxe-a [a menina mais nova] para

entregar [a menina] às pessoas’.

⁹⁷ As traduções aqui são mais dinâmicas para que se possa depreender melhor o sentido da frase complexa.

⁹⁸ As traduções da cláusula nos quadros são mais literais para que se possa ver como se estrutura a cláusula no santiaguense.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	TAM predicado polaridade do /	Partilha de argumentos	Posição
<i>p-e ben trazi gentis</i>	PROP_N1_pa	PFV P	não	D.N
‘para entregar [a menina] às pessoas’.	Propósito de nível 1 com <i>pa</i>	perfectivo positivo	Não partilha argumentos	Depois da nuclear

d) Causa

E fla ma si madrinha, ma komu é si madrinha ki botisa-l, pa fase-l un trupésa. ‘Ela disse que sua madrinha, como é sua madrinha, que a batizou, [é] para fazer dela um banco’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	TAM predicado polaridade do /	Partilha de argumentos	Posição
<i>komu é si madrinha ki botisa-l</i>	CAUSA_N2_komu	PRS P	não	A.N
‘como é sua madrinha que a batizou’.	Causa de nível 2 com <i>komu</i>	perfectivo positivo	Não partilha argumentos	Antes da nuclear

e) Consequência

Nha tia Gánga dja da fus ki txeru dja toma kábu. ‘A minha tia Ganga já soltou um peido que o cheiro já tomou conta do lugar’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	TAM predicado polaridade do /	Partilha de argumentos	Posição
<i>ki txeru dja toma kábu</i>	CONSQ_N1_ki	PFV P	não	D.N
‘que o cheiro já tomou conta do lugar’.	Consequência de nível 1 com <i>ki</i>	perfectivo positivo	Não partilha argumentos	Depois da nuclear

f) Comparativa

E ben góra, e subi, e bai, e txiga, demu dja móri. ‘Ele veio agora, subiu, foi, chegou, como se já tivesse morrido’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	TAM predicado polaridade do /	Partilha de argumentos	Posição
<i>demu dja móri</i>	COMP_N1_demu	PFV P	sim	D.N
‘como se já tivesse morrido’.	Comparativa com <i>demu</i>	perfectivo positivo	Partilha argumento	Depois da nuclear

g) Concessiva

Buru dja kánba na txon ki pa má(s) N puxa, ka ta sai. ‘O burro já entrou no chão que, por mais que eu puxe, não sai’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	TAM do predicado / polaridade	Partilha de argumentos	Posição
<i>pa má(s) N puxa</i>	CONC_N2_pa	PFV P	não	A.N
‘por mais que eu puxe’.	Concessiva de nível 2 com <i>pa</i>	perfectivo positivo	Não partilha argumentos	Antes da nuclear

h) Proporcional

Kántu más nhu oia kel más grándi li, más pa fora la ki N átxa. ‘Quanto mais o senhor vir aquela [vaca] maior, mais lá para fora que eu [a] encontrei’.

Cláusula	Tipo semântico	TAM do predicado / polaridade	Partilha de argumentos	Posição
<i>kántu más nhu oia kel más grándi li</i>	PORPOR_N1_kántu más	PFV P	não	A.N
‘quanto mais o senhor vir aquela [vaca] maior’.	Proporcional de nível 1 com <i>kántu más</i>	perfectivo positivo	partilha argumentos	Antes da nuclear

3.3.3.2 Etiquetação das completivas

As completivas, como as adverbiais, são cláusulas subordinadas,⁹⁹ mas, diferentemente daquelas, partilham o subtraço [+ encaixamento]. Aqui mostramos exemplos da etiquetação de cada tipo semântico do predicado que toma uma cláusula como complemento, observando, também, as características sintáticas das completivas e seus predicados matrizes, ou seja, o tipo semântico e o nível sintático, o verbo matriz, o complexo TAM e o tipo de discurso para as de elocução.

a) Elocução

E fla si mai m-e kre kufongu. ‘Ele disse à sua mãe que ele queria comida’.

⁹⁹ Sobre subordinação, ver seção 2.4.3.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado / polaridade	Tipo de discurso
<i>m-e kre kunfongu</i>	EL_N1_ma	<i>fla</i>	PFV P	DI
‘que ele queria comida’.	De elocução de nível 1 com <i>ma</i>	dizer	perfectivo positivo	Discurso indireto

b) Fase

Porku kánsa, dja bira ta fusinha txon. ‘O porco cansou, passou a cavar o chão com o focinho’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado / polaridade
<i>ta fusinha txon</i>	FASE N1_zero	<i>bira</i>	IPFV P
‘cavar o chão com o focinho’.	Fase de nível 1 sem complementizador	virar	imperfectivo positivo

c) Manipulação

Kántu e ta bai, e bai... Si mai fla-l p-e bá na txáda. ‘Quando ele vai, ele foi... Sua mãe disse-lhe para ele ir na achada’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado / polaridade
<i>p-e bá na txáda</i>	MAN_N1_pa	<i>fla</i>	PFV P
‘para ele ir na achada’.	Manipulação com <i>pa</i>	dizer	perfectivo positivo

d) Percepção

Lobu oia Xibinhu ta pása. ‘O Lobo viu o Xibinho passando’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado / polaridade
<i>Xibinhu ta pása</i>	PER_N1_zero	<i>oia</i>	IPFV P
‘o Xibinho passando’.	Percepção sem complementizador	ver	imperfectivo positivo

e) Conhecimento

Nton minina dja sabi moki kusa bai. ‘Então a menina já sabia como a coisa foi’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado
<i>moki kusa bai</i>	CON_N1_zero	<i>sabi</i>	PFV P
‘como a coisa foi’.	Conhecimento sem complementizador	saber	perfectivo positivo

f) Desiderativo

A nha genti, e kre p-es bá mata-m. ‘Ah minha gente! Ele quer para eles irem me matar’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado
<i>p-es bá mata-m</i>	DES N1 <i>pa</i>	<i>kre</i>	PFV P
‘para eles irem me matar’.	Desiderativo com <i>pa</i>	querer	perfectivo positivo

g) Modal

*E spéra, kántu e txiga, txiga kei minina bránka bunita k-ei própi e podi trumunuza d-el.*¹⁰⁰ ‘Ele esperou, quando ele chegou, chegou aquela menina branca bonita que ele mesmo podia tremer por causa dela’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado
<i>trumunuza d-el</i>	MOD N2 <i>zero</i>	<i>podí</i>	PFV P
‘tremer por causa dela’.	Modal de nível 2 sem complementizador	poder	perfectivo positivo

h) Atitude proposicional

Kes mel e(s) pensa m-é sángi. ‘Aqueles méis, eles pensam que são sangue’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado
<i>m-é sángi</i>	AP N1 <i>ma</i>	<i>pensa</i>	PRS P
‘que é sangue’.	Atitude proposicional de nível 1 com <i>ma</i>	pensar	presente positivo

i) Pretensão

Mudjei kai seku fasi ma dja móri. ‘A mulher caiu seca, fez que já morreu’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado
<i>ma dja móri</i>	PRE N1 <i>zero</i>	<i>fasi</i>	PFV P
‘que já morreu’.	Pretensão de nível 1 com <i>ma</i>	fazer	perfectivo positivo

j) Conquista

Nha bédja skesi si bindi é frádu. ‘A feiticeira esqueceu-se que a cuscuzeira era furada’.

Cláusula	Tipo semântico e nível sintático	Verbo matriz	TAM do predicado
<i>si bindi é frádu</i>	CONQ N1 <i>si</i>	<i>skesi</i>	PRS P
‘que a cuscuzeira era furada’.	Conquista de nível 1 com <i>si</i>	esquecer-se	presente positivo

¹⁰⁰ Seguindo Cristofaro (2003), consideramos *e podi trumunuza d-el* ‘ele pode tremer por causa dela’ como duas cláusulas, sendo a primeira uma matriz com predicado de modo e a segunda sua completiva.

3.3.3.3 Etiquetação das relativas

Como as completivas, as relativas são cláusulas subordinadas com o subtraço [+ encaixamento], além do traço [+ dependência] que caracteriza a subordinação¹⁰¹. As relativas foram etiquetadas considerando a função sintática do sintagma nominal que elas modificam, as características do verbo dependente, a polaridade e o pronome relativo ou não que a introduz.

a) Relativas A

Ken ki sabi más konta midjor. ‘Quem [que] sabe mais que conte melhor’.

Cláusula	Relativa, pronome relativo, função sintática do SN modificado	TAM do predicado dependente, polaridade
<i>ki sabi más</i>	REL <i>ki</i> [A]	PFV P
‘que sabe mais’.	Relativa com <i>ki</i> modificando sujeito de verbo intransitivo	Perfectivo positivo

b) Relativa [S]

Kel otu fla-i m-e teni txapeu ki ka teni ába. ‘Aquele outro disse-lhe que ele tem chapéu que não tem aba’.

Cláusula	Relativa, pronome relativo, função sintática do SN modificado	TAM do predicado dependente, polaridade
<i>ki ka teni ába</i>	REL <i>ki</i> [S]	PFV N
‘que não tem aba’.	Relativa com <i>ki</i> modificando objeto de verbo transitivo	Perfectivo negativo

c) Relativa [O]

Nbes e ben kása, e fla mudjer ki e. k-e ospra na si kása moki mininu fla-i. ‘Então ele veio para casa, disse a mulher, que ele hospedou em sua casa, como o menino lhe disse’.

Cláusula	Relativa, pronome relativo, função sintática do SN modificado	TAM do predicado dependente, polaridade
<i>k-e ospra na si kása</i>	REL <i>ki</i> [O]	PFV P
‘que ele hospedou em sua casa’.	Relativa com <i>ki</i> modificando objeto	perfectivo positivo

d) Relativa [G]

E á txiga kása d-un mudjei ki mora djuntu ku kel omi. ‘Ele foi chegar à casa de uma mulher que morava junto com aquele homem’.

¹⁰¹ Sobre subordinação, ver seção 2.4.3.

Cláusula	Relativa, pronome relativo, função sintática do SN modificado	TAM do predicado dependente, polaridade
<i>ki mora djuntu ku kel omi</i>	REL_ <i>ki</i> [G]	PFV P
‘que morava junto com aquele homem’.	Relativa com <i>ki</i> modificando genitivo	perfectivo positivo

e) Relativa [TOP]

Kei k-é di vinti ánu, kei diá e lebádu águ, e ka lába. ‘Aquele que tinha vinte anos (lit. aquele que é de vinte anos), naquele dia levaram-lhe água, ele não tomou banho’.

Cláusula	Relativa, pronome relativo, função sintática do SN modificado	TAM do predicado dependente, polaridade
<i>k-é di vinti ánu</i>	REL <i>ki</i> [TOP]	PRS P
‘que tinha vinte anos’.	Relativa com <i>ki</i> modificando tópico	presente positivo

f) Relativa [APR]

Kánt-e ben, mo ku fomi pa móri. ‘Quando ele veio, moço, com uma fome para morrer’.

Cláusula	Relativa, pronome relativo, função sintática do SN modificado	TAM do predicado dependente, polaridade
<i>pa móri</i>	REL_ \emptyset [APR]	PFV P
‘para morrer’.	Relativa sem pronome relativo, modificando frase exclamativa apredicativa	perfectivo positivo

g) Relativa de foco [A]

Mané fla ma ei ki ta bai. ‘Manuel disse que é ele que vai’.

Cláusula	Relativa, pronome relativo, função sintática do SN modificado	TAM do predicado dependente, polaridade
<i>ki ta bai</i>	FOC <i>ki</i> [A]	IPFV P
‘que vai’.	Relativa de foco com <i>ki</i> modificando sujeito de verbo intransitivo	imperfectivo positivo

h) Relativa de foco [S]

E fla ma náda e ka kre p-e fasi ma pagamentu mé m-ei ki ta da-ri. ‘Ele disse que ele não queria que fizesse nada, que o pagamento mesmo é ele que lhes daria’.

Cláusula	Relativa, pronome relativo, função sintática do SN modificado	TAM do predicado dependente, polaridade
<i>ki ta da-ri</i>	FOC <i>ki</i> [S]	IPFV P
‘que lhes daria’.	Relativa de foco com <i>ki</i> modificando sujeito de verbo transitivo	imperfectivo positivo

3.3.3.4 Etiquetação das in subordinadas

As in subordinadas¹⁰² são cláusulas que partilham o traço [- dependência], mas apresentam características de cláusulas dependentes. Para a etiquetação das in subordinadas, consideramos o conector que as introduz e as características de seu predicado, como complexo TAM e polaridade, conforme ilustrado a seguir.

Ná, m-e ka ta bendi, ma ke-la m-e ka ta bendi. ‘Não, que ele não vende, que aquilo ele não vende’.

Cláusula	In subordinada, Complementizador	Possível matriz não realizada	TAM do predicado da in subordinada
<i>m-e ka ta bendi</i>	INS_ <i>ma</i>	<i>e fla</i>	IPFV N
‘que ele não vende’.	In subordinada com <i>ma</i>	‘ele disse’	imperfectivo negativo
<i>ma ke-la m-e ka ta bendi</i>	INS_ <i>ma</i> [Rt_ TOP]	<i>e fla</i>	IPFV N
‘que aquilo ele não vende’.	In subordinada com <i>ma</i> , com retomada do conector depois do tópico	‘ele disse’	imperfectivo negativo

3.3.3.5 Etiquetação das coordenadas

As cláusulas coordenadas¹⁰³ são cláusulas com o traço [- dependência]. Nessas cláusulas, marcamos a ordem em que cada uma aparece na frase complexa, o coordenador ou a ausência dele, as características do predicado e o nível sintático de sua realização.

a) Contrastiva

Ten un do(s) rapásis, un go é ka pruntu. ‘Há dois rapazes, um não é mentalmente são’.

Cláusula	Coordenada n°, com coordenador ou justaposta, nível sintático	Relação lógico-semântica	TAM do predicado, polaridade
<i>un go é ka pruntu</i>	JSP 2	CTR	PRS N
‘um não é mentalmente são’.	Segunda coordenada, justaposta, de nível 1 ¹⁰⁴	contrastiva	presente negativo

¹⁰² Sobre in subordinada, ver seção 2.4.4.

¹⁰³ Sobre coordenação, ver seção 2.4.2.

¹⁰⁴ Marcamos também a coordenação entre as subordinadas a uma mesma cláusula, como uma coordenação em nível 2 (N2). Se as subordinadas forem de nível 2 (N2), a coordenação entre elas será de nível 3 (N3), e assim

b) Combinativa

E pánha dinheru e po ... e meti si mula na rau. ‘Ele pegou o dinheiro, ele po... [e] ele [o] pôs no rabo da sua mula’.

Cláusula	Coordenada nº, com coordenador ou justaposta, nível sintático	Relação lógico-semântica	TAM do predicado, polaridade
<i>e meti si mula na rau</i>	JSP 2	COMB	PFV P
‘ele [o] pôs no rabo da sua mula’.	Segunda coordenada, justaposta, de nível 1	Combinativa	perfectivo positivo

c) Alternativa

[...] *si mai fla: bu kre benson o u kre dinheru?* ‘[...] sua mãe disse: você quer bênção ou você quer dinheiro?’

Cláusula	Coordenada nº, com coordenador ou justaposta, nível sintático	Relação lógico-semântica	TAM do predicado, polaridade
<i>o u kre dinheru</i>	ALT_o_N2	ALT	PFV P
‘ou você quer dinheiro’	Segunda coordenada alternativa com <i>o</i> , de nível 2	Alternativa	perfectivo positivo

d) Explicativa

Nau N ta mate-i parke el é mutu xatiáda dimás. ‘Não, eu a mato, porque ela é muito chata’.

Cláusula	Coordenada nº, com coordenador ou justaposta, nível sintático	Relação lógico-semântica	TAM do predicado, polaridade
<i>parke el é mutu xatiáda dimás</i>	EXP 2_ <i>parke</i>	EXP	PRS P
‘porque ela é muito chata’.	Segunda coordenada com <i>parke</i> , de nível 1	Explicativa	presente positivo

3.3.3.6 Apresentação dos exemplos na análise

sucessivamente. As coordenadas de nível 1 (N1) referem-se à coordenação de cláusulas não subordinadas, ou seja, independentes.

Os exemplos que usamos para ilustrar os fenômenos em análise são apresentados seguindo as normas de interlinearização de *Leipzig*¹⁰⁵ (com algumas adaptações para evitar confusões na leitura das etiquetas):

- (número);
- Linha 1: Exemplo do cabo-verdiano (em fonte nº 12);
- Linha 2: GLOSA MORFOLÓGICA (em fonte nº 10);
- Linha 3: CATEGORIZAÇÃO DA CLÁUSULA¹⁰⁶ (em fonte nº 10);
- *Tradução dinâmica para o português*¹⁰⁷ (em fonte nº 12 e em itálico);
- Referência do trecho no *software* ELAN (em fonte nº 10).

Exemplo:

(31)

L1	Pa	N	konta	nhos	Lobu	ku
L2	para	S1SG	contar.PFV	O2PL	Lobo	com
L3	[INS			
L1	Xibinhu	kántu	es	bá	seu	undi
L2	Xibinho	quando	S3PL	ir.PFV	céu	visitar.PFV
L3	INS]	[ADV]
		[NUC N2]	[ADV N2 ø
L1	Nho(r)	De(s).				
L2	Senhor	Deus				
L3	ADV_N2_ø]				

Para eu contar para vocês sobre Lobo e Xibinho, quando eles foram ao céu visitar Deus.

(kea_ev_narr_04_037_039)¹⁰⁸

3.3.4 Contabilização dos dados

Para a análise quantitativa, contabilizamos o número de cada tipo de cláusula (adverbial, completiva, relativa, subordinada e coordenada), os tipos semânticos de cada cláusula com as características linguísticas de cada uma delas, nomeadamente: i) complexo TAM; ii) polaridade; iii) coordenador/complementizador/pronome relativo; iv) posição da cláusula (para as adverbiais); v) o verbo que toma complemento (para o caso das completivas);

¹⁰⁵ *Leipzig Glossing Rules*.

¹⁰⁶ Em exemplos com cláusulas em níveis dois, três, quatro e cinco, acrescentamos linhas de categorização da cláusula para cada nível, para que se possa melhor perceber a recursividade nessas ocorrências.

¹⁰⁷ Nessa linha, a tradução fornecida é dinâmica. Contudo, em alguns exemplos, fornecemos também traduções literais (lit.) para que o fenômeno observado fique mais visível para leitores não crioulofonos.

¹⁰⁸ kea = código do crioulo cabo-verdiano em ISO 639-3 (conjunto de código que define identificadores com três letras para todas as línguas humanas conhecidas); ev = identificação pelas iniciais do nome da autora do tratamento dos dados no ELAN; narr = narrativa; 04 = número da narrativa (a amostra é composta por 12 narrativas); 037_039 = trilhas do ELAN onde se encontra o exemplo.

vi) o tipo de discurso (para as completivas de elocução); vii) a função sintática do pronome relativo e sintagma nominal modificado (no caso das relativas); viii) o nível sintático em que a cláusula se realiza.

Para a análise da integração entre as cláusulas, consideramos todos esses aspectos linguísticos que foram anotados e contabilizados, os quais foram avaliados para a criação do *continuum* de integração linguística entre as cláusulas, tendo como base a proposta de Lehmann (1988), que sugere seis parâmetros sintáticos para a análise da integração entre as cláusulas, como já mencionamos (ver seção 2.2) e repetimos aqui, a saber: 1) rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada; 2) nível sintático; 3) desfrasialização; 4) gramaticalização do verbo principal; 5) entrelaçamento; 6) explicitude da articulação.

Os resultados quantitativos, além de nos permitirem traçar o perfil de como se estrutura linguisticamente a articulação de cláusulas no cabo-verdiano, proporcionou-nos observar como o princípio da marcação se apresenta no *continuum* de integração e traçar os perfis prototípicos de cada tipo de cláusula, já que a frequência de uso evidencia as escolhas dos falantes por uma forma em detrimento de outras.

3.4 Questões e hipóteses

3.4.1 Questão geral e hipótese básica

Como se estabelece o *continuum* de integração entre as cláusulas em cabo-verdiano (variedade de Santiago) atestadas no *corpus*?

Hipótese: Tendo em conta os parâmetros propostos por Lehmann (1988) aplicados às especificidades do cabo-verdiano, hipotetizamos que o *continuum* de integração entre as cláusulas do *corpus* apresenta-se da seguinte forma:

Coordenada < insubordinada < adverbial < relativa restritiva < completiva

Esse *continuum* mostra que as coordenadas apresentam menor integração por: i) não sofrerem perda de suas propriedades para se tornar um constituinte de uma cláusula principal; ii) pertencerem ao nível mais alto da estrutura sintática; iii) não perderem suas características clausais; e iv) apresentarem predicado com verbo lexical. Logo, as completivas são mais integradas, já que: i) são constituintes de um predicado principal; ii) pertencem a níveis mais baixos da estrutura sintática; iii) perdem suas características clausais; iv) podem apresentar

predicado em formas nominalizadas resultantes de processo de gramaticalização; e v) podem partilhar argumentos¹⁰⁹.

Considerando as coordenadas como as menos integradas, elas ocupam a extremidade esquerda do *continuum*, pelo fato de essa relação envolver duas ou mais cláusulas de iguais estatutos. As subordinadas estão na posição intermediária entre a coordenação e a subordinação. Para as cláusulas subordinadas, baseamo-nos nos resultados de Cristofaro (2003), que apresenta uma hierarquia de dependência da forma verbal (*deranked verb forms*) para a subordinação, numa perspectiva translinguística, a qual pode refletir a integração sintática entre cláusulas subordinadas de uma língua específica.

De Fase, Modal > Desiderativa, Manipulativa, Propósito > Percepção > Anterioridade, Posterioridade, Sobreposição, Relativa A, Relativa S > Condicional, Causa, Relativa O > Conhecimento, Atitude Proposicional, Elocução, Relativa de Objeto Indireto, Relativa de Oblíquo.¹¹⁰ (CRISTOFARO, 2003, p. 229, tradução nossa).

Num estudo das completivas em cabo-verdiano realizado com uma amostra do mesmo *corpus* que usamos nesta pesquisa, Vieira Semedo *et al.* (2017) mostraram que as completivas de manipulação com predicado codificado pelo verbo *fla* ‘dizer’, introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’, com verbo dependente não finito são as mais integradas; enquanto as completivas de elocução, também codificadas pelo verbo *fla* ‘dizer’, em discurso direto, sem complementizador, com verbo dependente finito são as menos integradas. Neste trabalho, averiguamos se esses resultados se confirmam com uma amostra mais ampla do *corpus*.

3.4.2 *Questões específicas e hipóteses secundárias*

- 1) Que parâmetros, entre os apontados por Lehmann (1988), codificam, com maior frequência, nas narrativas orais da língua cabo-verdiana, a integração?

Hipótese: Os parâmetros que codificam com maior frequência a integração entre cláusulas em cabo-verdiano são: i) nível sintático; ii) entrelaçamento; e iii) explicitude da vinculação. Dentre eles, esperamos que o mais frequente seja o entrelaçamento, já que é um parâmetro que se apresenta em todos os tipos de cláusulas, até mesmo nas coordenadas

¹⁰⁹ As cláusulas coordenadas também podem partilhar argumentos, mesmo assim, as outras características apontadas é que fazem com que essas cláusulas sejam menos integradas.

¹¹⁰ Original: “Phasals, Modals > Desideratives, Manipulatives, Purpose > Perception > Before, After, When, A relativization, S relativization > Reality condition, Reason, O relativization > Knowledge, Propositional attitude, Utterance, Indirect object relativization, Oblique relativization”.

justapostas, as quais hipotetizamos que são as menos integradas. Os parâmetros de Lehmann (1988) também foram aplicados, de forma parcial, nos estudos tipológicos de Mauri (1981), para as coordenadas, de Cristofaro (2003), para as subordinadas, e de Cristofaro (2016), para as insubordinadas, não para o estudo da integração, mas para a análise tipológica translinguística desses fenômenos.

2) A articulação de cláusulas em cabo-verdiano se dá mais através da parataxe ou da hipotaxe?

Hipótese: Sendo o cabo-verdiano uma língua crioula, o emprego da parataxe tem maior frequência, já que os crioulos são conhecidos pela economia linguística de material de codificação em suas construções textuais. Todos os tipos de relações, nessa língua, podem se dar pela justaposição, em que a interpretação decorre mais expressivamente do contexto, como se vê nos exemplos 29 – sobre a relação coordenada, 30 – sobre a completiva, 31 – sobre a adverbial e 32 – sobre a relativa.

(29)

L1	E	á	fasi	si	kása	ku
L2	S3SG	ir.PFV	fazer.PFV	POSS.3SG	casa	com
L3	[JSP 1			
L1	el,	e	ránja	si	mudjel,	es
L2	T3SG	S3SG	arranjar.PFV	POSS.3SG	mulher	S3PL
L3	JSP 1]	[JSP 2_ø]	[JSP 3_ø
L1	fika	dentu	kása			
L2	ficar.PFV	dentro	casa			
L3	JSP 3_ø]			

Ele foi fazer sua casa com ele [o dinheiro], ele conseguiu sua mulher, eles ficaram dentro da casa.

(kea_ev_narr_10_047)

(30)

L1	E	txiga	na	un	kau,	e
L2	S3SG	chegar.PFV	em	um	lugar	S3SG
L3	[JSP 1]	[MATRIZ/COORD 2
L1	átxa	ta	jugádu,	e	juga.	
L2	achar.PFV	IPFV	jogar.PASS	S3SG	jogar.PFV	
L3	MATRIZ/JSP 2]	[COMPL_ø]	[JSP 3]	

Ele chegou em um lugar, ele encontrou [pessoas] jogando, ele jogou.

(kea_ev_narr_01_021)

(31)

L1	Pa	N	konta	nhos	Lobu	ku
L2	para	S1SG	contar.PFV	O2PL	Lobo	com
L3	[INS			
L1	Xibinhu	kántu	es	bá	seu	undi

L2	Xibinho	quando	S3PL	ir.PFV	céu	visitar.PFV
L3	INS]	[ADV]	[ADV N2 ø
		[NUC N2]	
L1	Nho(r)	De(s).				
L2	Senhor	Deus				
L3	ADV_N2_ø]				

Para eu contar para vocês sobre Lobo e Xibinho, quando eles foram ao céu visitar Deus.

(kea_ev_narr_05_001_003)

(32)

L1	Áta	ben	un	txuba	ku	bentu
L2	PROG	vir.PFV	um	chuva	com	vento
L3	[JSP 1 ø			
L1	ku	tenpural,	ki	ta	pánha	tudu
L2	com	temporal	que	IPFV	apanhar	todo
L3	JSP 1 ø]	[REL 1 ki	
L1	argen	más	bedju,	ta	pánha,	ta
L2	pessoa	mais	velho	IPFV	apanhar	IPFV
L3	REL 1 ki]	[REL 2 ø]	[REL 3 ø
L1	leba	pa	mar.			
L2	levar	para	mar			
L3	REL 3 ø]			

Está vindo uma chuva com vento e temporal, a qual pega todas as pessoas mais velhas, pega [e] leva para o mar.

(kea_ev_narr_04_037_039)

Quint (2008) demonstra, a partir da análise de uma amostra do mesmo *corpus* utilizado nesta pesquisa, que a parataxe se expressa em diversos tipos de relações com dependência lógico-semântica. Segundo esse autor, isso faz com que a delimitação entre coordenação e subordinação seja mais complexa. É importante notar que os dados analisados nesta tese são de fala; em uma análise com dados da escrita, é possível que as cláusulas sejam vinculadas com maior integração.

3) De que forma a marcação, a frequência de uso e a prototipia estão relacionadas com a integração das cláusulas em cabo-verdiano?

Hipótese: A frequência de uso aponta as tendências linguísticas que os locutores preferem, o que nos leva a considerar formas prototípicas (de cláusulas mais integradas, ou seja, um protótipo de coordenação, um de subordinação e um de insubordinação) e formas menos prototípicas (as que se afastam do protótipo de cada tipo escalarmente, por compartilharem menos traços que caracterizam esse protótipo). Sendo uma tendência das línguas crioulas a preferência por formas não marcadas, considera-se que a gradualidade da integração linguística entre as cláusulas seja ainda menos discreta e, por isso, os critérios de análise devem ser bem específicos. Assim, como Givón (2001) postula que estruturas menos marcadas são preferidas

às estruturas mais marcadas, espera-se que as cláusulas constituídas por estruturas menos marcadas sejam mais recorrentes. Se a não marcação está mais relacionada às cláusulas independentes, então podemos prever que estruturas menos integradas são preferidas pelos falantes de cabo-verdiano. Logo, espera-se que a cláusula prototipicamente mais integrada tenha como características: i) ausência de conector; ii) predicado codificado por verbo não finito ¹¹¹; iii) compartilhamento de argumentos (sujeito e/ou complementos); iv) posicionamento à direita da cláusula subordinante; e v) funcionamento como argumento do predicado matriz. Já a cláusula prototipicamente menos integrada teria como características: i) justaposição; ii) predicado codificado por verbo finito (atuação do complexo TAM); iii) não compartilhamento de argumentos; e iv) não ser argumento de outra cláusula.

¹¹¹ Em cabo-verdiano, a não finitude parece ser também gradual e caracteriza-se pela não atuação do complexo TAM no predicado e por não apresentar sujeito próprio. Ex: *E pánha águ, e da Pálu bebi* ‘ele pegou a água [e] deu a Paulo [para] bebê-[la]’. O verbo *bebi* ‘beber’ tem um caráter não finito, já que não permite a atuação das marcas de aspecto e não possui um sujeito próprio, visto que *Pálu* é complemento da cláusula matriz, *e da Pálu* ‘ele deu a Paulo’.

4 SUBORDINAÇÃO

Este capítulo trata da análise qualitativa e quantitativa das cláusulas subordinadas. Seguindo o *continuum* estabelecido, neste estudo, no Quadro 2, dividimos a subordinação, considerando o traço “encaixamento”. Dessa forma, apresentamos primeiro as cláusulas com o traço [- encaixamento] (adverbiais) e, em seguida, as que partilham o traço [+ encaixamento] (completivas e relativas restritivas).

4.1 Adverbiais

As relações adverbiais caracterizam-se por vincularem dois estados de coisas, sendo que um deles (o dependente) refere-se às circunstâncias nas quais o outro (o principal) ocorre (CRISTOFARO, 2003, p. 155).

No *continuum* estabelecido por Hopper e Traugott (2003)¹¹², as adverbiais inserem-se na hipotaxe, caracterizando-se pelos traços [+ dependência] e [- encaixamento], em que dependência é o traço que relaciona aspectos semânticos e/ou sintáticos de ligação entre as cláusulas e o encaixamento refere-se à propriedade de uma cláusula funcionar como constituinte de outra. No Quadro 2, em que organizamos os traços da vinculação entre cláusulas, o *continuum* vai da coordenação [- dependência] à subordinação [+ dependência], considerando como subtraço da subordinação o encaixamento. Assim, as cláusulas adverbiais são caracterizadas pelos traços [+ dependência] e [- encaixamento].

A gramática tradicional brasileira tem classificado as adverbiais a partir das conjunções que as introduzem, nem sempre detectando a real relação semântica que estabelecem na ligação entre as orações. Contudo, esse não é um critério seguro de análise, visto que a configuração das relações entre as adverbiais e suas principais constrói-se de forma mais ampla, envolvendo, também, outros aspectos, tais como: TAM do predicado da nuclear e da adverbial, a posição da adverbial em relação à nuclear, os participantes de cada oração, bem como os conectores que apoiam a relação.

Neste estudo, enfocamos a análise da relação lógico-semântica e sintática entre a adverbial e a sua nuclear. A integração entre cláusulas será tratada mais adiante, considerando os diversos tipos de articulação de cláusulas para se estabelecer um *continuum* de interdependência. Como atestam os estudos tipológicos das circunstanciais, a relação táctica de

¹¹² Ver Quadro 1, no capítulo dois.

interdependência entre as cláusulas que se relacionam na frase complexa, não sendo um fenômeno discreto, é caracterizada por grau. Assim, as adverbiais distinguem-se, no *continuum* de interdependência proposto por Hopper e Traugott (2003), daquelas que se caracterizam por serem constituintes de outra cláusula, as quais esses autores chamam de subordinadas (*subordinates*) por apresentarem os traços [+ dependência] e [+ encaixamento].

Cristofaro (2003) alista apenas quatro tipos de relação lógico-semântica das circunstanciais: (i) temporal (anterioridade, posterioridade e sobreposta); (ii) propósito; (iii) condição de realidade; e (iv) causa. Além desses, atestamos, também, no *corpus*, as seguintes relações: (a) consequência; (b) comparação; (c) concessão; e (d) proporção. Nesta análise, interessa-nos que tipo de circunstâncias essas cláusulas estabelecem e como elas se estruturam com suas nucleares. Para tal, além de analisarmos essas relações lógico-semânticas, observamos, também, alguns aspectos linguísticos que interferem nesse tipo de construção discursiva, como: os conectores que introduzem a adverbial, a realização do sujeito, a correlação TAM e a posição da hipotática em relação à sua nuclear.

A apresentação dos tipos de relação entre as adverbiais dar-se-á da seguinte forma: 4.1.1 temporal; 4.1.2 condicional; 4.1.3 propósito; 4.1.4 causa; 4.1.5 consequência; 4.1.6 comparativa; 4.1.7 concessiva e 4.1.8 proporcional. As relações descritas na próxima seção baseiam-se na tipologia de Cristofaro (2003) e em Neves e Hattner (2002). Os tipos que não constam nos trabalhos desses autores foram incluídos aqui para dar conta de todas as relações semânticas das adverbiais atestadas no *corpus*.

4.1.1 Temporais

Cristofaro (2003, p. 159) subdivide as orações adverbiais de tempo segundo a sua ocorrência em relação ao estado de coisas principal. Assim, tem-se: temporal de posterioridade (o estado de coisas dependente ocorre seguido ao principal), de anterioridade (o estado de coisas dependente ocorre antes do principal) e de sobreposição (os estados de coisas dependente e principal se sobrepõem, mesmo que a extensão dessa sobreposição não seja especificada).

4.1.1.1 Análise qualitativa

Na LCV, essa distinção do ponto de referência da ocorrência do estado de coisas dependente em relação à principal é indicada pelo conector que introduz a dependente. Para compreendermos a relação que as cláusulas temporais estabelecem nessa língua, observamos

também as seguintes características, baseadas na tipologia de Cristofaro (2003): (i) o nível da estrutura da cláusula a que a adverbial se liga; (ii) o aspecto e/ou tempo do predicado nuclear e da adverbial; (iii) a posição da adverbial em relação à sua nuclear.

4.1.1.1.1 Temporais de posterioridade

As relações de posterioridade caracterizam-se pelo fato de o estado de coisas dependente ocorrer depois do principal e ser o seu ponto de referência temporal. O único conector que ocorre nos dados para explicitar essa relação é *ánti~ántis* ‘antes’. Esse tipo de relação é evidenciado em 33 e 34.

(33)

L1	E	sta	la	e	á	piskariâ
L2	S3G	Estar.PFV	la	S3SG	ir.PFV	pescaria
L3	[JSP 1]	[JSP 2]
L1	di	báka	na...	de(s)di	ánti	manxi
L2	de	vaca	em...	desde	antes	amanhecer
L3	JSP 2 / NUC			TEMP		

Ele está lá, ele foi à pescaria de vaca em... desde antes de amanhecer.

(kea_ev_narr_10_223)

(34)

L1	Nu	ta	bai,	nu	ta	ben
L2	S1PL	IPFV	ir	S1PL	IPFV	vir
L3	[JSP 1]	[JSP 2 / NUC]
L1	ántis	guárda	torna	ben,	pamó	guárda
L2	antes	guarda	tornar	vir	COORD	guarda
L3	[TEMP]	[EXP 3]
L1	t-á	ká	ta	torna	ben.	
L2	IPFV-ir	casa	IPFV	tornar	vir.PFV	
L3	EXP 3			JSP 4		

Nós iremos, nós viremos antes do guarda retornar, porque o guarda vai para casa [e] retorna.

(kea_ev_narr_05_058_064)

Em 33 e 34, o evento codificado pelo predicado das adverbiais “dé(s)di ánti manxi” ocorre depois do evento codificado pelo predicado de suas respectivas nucleares. Nesse tipo de temporal não há sobreposição dos eventos, mas um segue o outro.

O evento relatado em 33 refere-se ao tempo passado, já que o momento de referência temporal é estabelecido pelo momento da fala da personagem. A cláusula nuclear apresenta um predicado com verbo fraco perfectivo, o que evidencia que o evento de “ir à pescaria de vaca” já foi concluído, ou seja, é anterior ao momento da fala da personagem. Já o

verbo da adverbial não recebe marca aspectual, pois está limitado pela estrutura da construção adverbial¹¹³, a qual requer um verbo não finito para codificar seu predicado.

Semelhantemente, em 34, a adverbial temporal também é codificada por um verbo na forma não finita *torna* ‘tornar’. Contudo, nesse exemplo, a cláusula nuclear apresenta um predicado com verbo imperfectivo, expressando aspecto prospectivo “ta bem” ‘viremos’. Dessa forma, as características do predicado nuclear não determinam o complexo TAM da dependente que, por ser mais integrada à sua subordinante, apresenta-se mais desfrasalizada, aproximando-se, assim, de cláusulas nominalizadas.

As temporais de posterioridade ocorrem exclusivamente pospostas à sua nuclear, confirmando, assim, o princípio funcionalista da iconicidade, já que a ordem dos eventos coincide com a ordem das cláusulas na frase complexa.

No exemplo 35, temos um caso de temporal que parece ser de posterioridade justamente por ser introduzida pelo conector *t-aki* ‘até a hora que’ (< port. até (na) hora (em) que). Contudo, vê-se uma sobreposição na conclusão do evento nuclear e início do evento dependente. Essa adverbial expressa, também, a ideia de limite de extensão da nuclear, o que confirma a sobreposição nos momentos finais do evento nuclear.

(35)

L1	es	to(r)na	bai,	e(s)	bai,	e(s)	bai,	t-aki	ta
L2	S3PL	tornar.PFV	ir.PFV	S3PL	ir.PFV	S3PL	ir.PFV	até a hora que	IPFV
L3	[JSP 1]	[JSP 2]	[JSP 3/NUC]	[TEMP
L1	txiga	téra.							
L2	chegar	terra							
L3	TEMP]							

Eles voltaram a ir, eles foram, eles foram, até quando chegam à terra.

(kea_ev_narr_08_075)

O exemplo 35 estrutura-se com a justaposição de três cláusulas coordenadas, sendo que a última coordenada subordina uma temporal de posterioridade. A narrativa, que conta as peripécias de Lobo e Xibinho, começa com o Lobo tentando enganar a Pelada¹¹⁴, não tendo êxito e sendo largado numa pequena ilha. A seguir, Lobo consegue convencer Tia Gánga¹¹⁵ a levá-lo para terra segura. Esse exemplo narra o momento que Tia Gánga o levou até chegar à terra. A repetição do verbo *bai* ‘ir’ nas três cláusulas coordenadas denota a continuidade da ação. Por essa razão, a adverbial é introduzida por um conector formado pela preposição *ti* ‘até’

¹¹³ * *dé(s)di ánti ta manxi* ‘desde antes de amanhece’ seria agramatical na LCV.

¹¹⁴ Personagem da história, representada por uma galinha-d’angola.

¹¹⁵ Personagem da história, representada por uma cabra.

conjugada ao conector temporal futuro *aki* ‘horas que’, resultando em *t-aki* ‘até a hora que’. Esse conector, além de limitar a continuidade da ação do predicado nuclear, indica também o início do evento do predicado dependente, a saber, |a chegada à terra|, evidenciando, assim, o seu caráter de sobreposição. Nesse exemplo, o aspecto é imperfectivo, mostrando que o evento de chegar à terra é durativo, e não pontual, o que corrobora a sobreposição dos eventos.

4.1.1.1.2 Temporais de anterioridade

Nesse tipo de adverbial temporal, os eventos também ocorrem em sequência sem sobreposição. No entanto, aqui o estado de coisas dependente é anterior ao principal. Um exemplo clássico de adverbial temporal de anterioridade é a que vem introduzida pelo conector *dipós ki* ‘depois que’. Esse tipo não consta no *corpus*, mas colocamos um exemplo aqui como ilustração.

(36)

L1	Dipós ki nhos sai,	ómi	txiga
L2	depois que S2PL sair.PFV	homem	chegar.PFV
L3	[TEMP]	[NUC]	

Depois que vocês saíram, o homem chegou

Em 36, o evento da adverbial ocorre antes do evento nuclear. Nesse caso, também, o predicado dependente é codificado por um verbo finito *sai* ‘sair’, o qual pode aceitar marca aspectual em concordância com o verbo da nuclear. Se tal verbo expressasse aspecto prospectivo, a adverbial poderia também, como ênfase, trazer esta marca aspectual: “Dipos ki nhós **ta** sai, ómi ta txiga” ‘depois que vocês saírem, o homem chegará’.

4.1.1.1.3 Temporal sobreposta

Na relação adverbial temporal sobreposta, a realização do estado de coisas dependente e do nuclear sobrepõem-se, mesmo que os limites dessa sobreposição não sejam especificados e sejam sujeitos à variação. Os conectores mais comuns que introduzem esse tipo de adverbial são: *kántu (ki)* ‘quando (que)’ e *sima* ‘quando/enquanto’, para eventos passados, e *óki*¹¹⁶ ‘quando’, para eventos futuros. Segundo Quint (2000a, p. 212), as conjunções adverbiais,

¹¹⁶ Com suas variações *áki*, *óras ki*, *óra ki*.

no crioulo cabo-verdiano, modulam o sentido do verbo e definem suas modalidades. Os exemplos 37 e 38 ilustram os usos desses conectores em adverbiais temporais sobrepostas:

(37)

L1	Kántu	k-e	ben,	k-e	sai	la
L2	quando	que-S3SG	vir.PFV	que-S3SG	sair.PFV	lá
L3	[TEMP 1]	[TEMP 2]
L1	i...	kel	minina	oia-i	dj-e	bira
L2	HST	aquele	menina	ver-O3SG	ACT-S3SG	começar.PFV
L3	[NUC/JSP 1]	JSP 2/ MATRIZ	
L1	ta	kánta,	ta	ri,	sai	kel
L2	IPFV	cantar	IPFV	rir	sair.PFV	aquele
L3	[COMPL 1/JSP 1_N2]		[COMPL 2/JSP 2_N2]			CONSQ
L1	águ.					
L2	água					
L3	CONSQ]					

Quando ele veio, que saiu lá, i... aquela menina o viu, já começou a cantar, a rir, saiu aquela água.

(kea_ev_narr_01_269)

(38)

L1	Nha	tiu,	a-nho,	nu	ta	bai,
L2	POSS.1SG	tio	T2SG.TRAT	S1SG	IPFV	ir
L3	[JSP 1]
L1	más	é	óki	guárda	dja	sai
L2	COORD	ser.PFV	quando	guarda	ACT	sair.PFV
L3	[JSP 2/ NUC]		[TEMP 1]
L1	ki	dja	bai,	nu	ta	bai,
L2	que	ACT	ir.PFV	S1PL	IPFV	ir
L3	[TEMP 2]	JSP 3	
L1	nu	ta	ben	ántis	guárda	torna
L2	S1PL	IPFV	vir	antes	guarda	tornar
L3	[JSP 4 /NUC]	TEMP	
L1	ben	pamo	guárda	t-á	ká	ta
L2	vir	porque	guarda	IPFV-ir	casa	IPFV
L3				JSP 5		
L1	torna	ben.				
L2	tornar	vir.PFV				
L3	JSP 6					

Meu tio, o senhor, nós vamos, mas é quando o guarda já tiver saído, que já tiver ido, nós iremos, nós viremos antes do guarda retornar, porque o guarda vai para casa [e] retorna.

(kea_ev_narr_05_058_064)

Em 37, há duas temporais, a primeira introduzida pelo conector *kántu ki* ‘quando que’, e a segunda, apenas pelo conector *ki* ‘que’, que é um conector multifuncional, usado para retomar a maior parte dos conectores adverbiais. As duas adverbiais estão antepostas à sua nuclear. Tanto a nuclear como as adverbiais têm predicados codificados por verbos perfectivos,

evidenciando que tanto o evento dependente quanto o evento principal já foram concluídos no momento de referência temporal, que é o momento da fala do narrador. Aqui os eventos dependentes e nuclear coincidem parcialmente, ou seja, a menina passou a ver Pedro (codificado pelo pronome sujeito *e*), quando os eventos dependentes estavam acontecendo, quer dizer, no momento que ele |veio| e que |saiu lá|.

No exemplo 38, essa sobreposição se dá com eventos prospectivos ao momento de referência temporal da narrativa e, por isso, empregou-se o conector *óki* ‘quando’ (com valor prospectivo). Aqui, também, esse conector é retomado pelo conector multifuncional *ki* ‘que’. Esse exemplo é parte da narrativa sobre Lobo e Xibinho. A história conta que Lobo queria que Xibinho o levasse a uma árvore do rei com o objetivo de furtarem seus frutos para comer. Com a insistência do Lobo, Xibinho concorda em levá-lo, mas apenas no momento em que o guarda da árvore tivesse saído para ir à sua casa. Assim, Xibinho afirma *nu ta bai* ‘nós iremos’, e a afirmação do momento em que eles iriam é estruturada de forma focalizada no discurso, através de uma coordenada adversativa introduzida pelo conector *más* ‘mas’ com predicado estativo codificado pela cópula *é* ‘ser’. Com essa construção, o locutor focaliza as adverbiais temporais, colocando-as em maior evidência¹¹⁷. Aqui, também, a ocorrência do evento principal (ir à árvore), resumida pelo verbo estativo *é* ‘ser’, coincide, também, parcialmente, com os eventos dependentes, a saber, |o guarda sair, ir-se|. É interessante notar, também, a nuance condicional relacionada ao conector *óki* ‘quando’, em certos contextos, como em 38, em que o evento dependente parece impor as condições necessárias para que o evento nuclear ocorra.

A sobreposição na temporal pode ser ainda mais coincidente, quando os limites entre ela e sua nuclear são praticamente o mesmo, ou seja, o início e o fim dos eventos dependente e principal são concomitantes. Isso pode ser visto no exemplo 39.

(39)

L1	E	puxa	e	puxa	pux...	simá
L2	S3SG	puxar.PFV	S3SG	puxar.PFV	HST	enquanto
L3	[JSP 1]	[JSP 2]		
L1	e	ta	puxa	pa	riba	Xibinhu
L2	S3SG	IPFV	puxar	para	cima	Xibinho
L3			TEMP			
L1	ta	káika	na	txon		
L2	IPFV	pressionar	em	chão		
L3			JSP 3 / NUC			

'E puxou, ele puxou, ele pux... enquanto ele puxava para cima, Xibinho pressionava no chão'

(kea_ev_narr_04_161)

¹¹⁷ Essa evidência é percebida em oposição à forma não focalizada: *nu ta bai, óki guárda dja sai, ki dja bai* ‘nós iremos, quando o guarda já tiver saído, que já tiver ido’.

Em 39, há três cláusulas coordenadas em justaposição. A terceira coordenada é, também, a nuclear que controla a temporal sobreposta. Aqui a adverbial está anteposta à nuclear e ambas apresentam predicados codificados por verbos imperfectivos/habitual (*ta puxa* ‘puxa’ / *ta káika* ‘pressiona’). A coincidência da sobreposição é, dessa forma, mostrada tanto pelo sentido do conector *sima*¹¹⁸ ‘enquanto’ como pela coincidência do aspecto dos predicados nuclear e dependente.

Há um caso interessante de sobreposição em que a temporal depende semanticamente de toda a narrativa. O locutor introduz a narrativa com a informação do momento em que o enredo se dá, ou seja, quando Lobo e Xibinho foram ao céu para visitar Deus:

(40)

L1	Pa	N	konta	nhos	Lobu	ku
L2	para	S1SG	contar.PFV	S2PL	Lobo	com
L3	[INSUB/NUC			
L1	Xibinhu	kántu	es	bá	seu	undi
L2	Xibinho	quando	S3PL	ir.PFV	céu	visitar.PFV
L3]	[TEMP		
				NUC N2]
						[PROP N2
L1	Nho(r)	De(s)?				
L2	Senhor	Deus				
L3	TEMP]			
	PROP N2]			

Para eu contar para vocês [uma história de] Lobo e Xibinho, quando eles foram para o céu visitar o Senhor Deus?

(kea_narr_05_001_002)

O exemplo 40 trata da proposta da locutora para a história que ela contará, a qual ela resume como *Lobu ku Xibinhu, kántu es bá seu undi Nho(r) De(s)* ‘Lobo e Xibinho, quando foram ao céu visitar o Senhor Deus’. Assim, a temporal configura-se no momento em que o enredo se desenvolve. Essa frase complexa estrutura-se com uma cláusula subordinada¹¹⁹ da qual a temporal depende sintaticamente, já que podemos entender que o que a locutora denominou como *Lobu ku Xibinhu* ‘Lobo e Xibinho’ seria o título sintético de todo o enredo. Como os eventos narrados são temporalmente anteriores ao momento de referência (a fala da

¹¹⁸ Em alguns contextos o conector *sima* pode ser traduzido por “quando” com sentido mais específico de “exatamente no momento em que”. Isso ocorre quando os estados de coisas principal e dependente se referem a eventos passados em relação ao momento de referência temporal.

Ex: *Sima e txiga kása, Lobu sai*
quando S3SG chegar.PFV casa Lobo sair.PFV
‘Apenas quando ele chegou em casa, o Lobo saiu’.

¹¹⁹ Sobre subordinada, ver capítulo seis.

locutora) e expressam eventos de uma perspectiva pontual, a temporal apresenta predicado com verbo perfectivo. Apesar de a temporal estar posposta à sua nuclear sintática, ela está anteposta a todo o enredo, sendo esta a posição mais comum (não marcada) para as temporais sobrepostas.

A temporal sobreposta também pode ocorrer interposta entre o sujeito (não pronominal) e sua nuclear, quando a temporal e a nuclear partilham o mesmo sujeito. Esse é o caso do exemplo 41.

(41)

L1	Nha	bédja,	kántu	sai	la,	fla:
L2	POSS.1SG	velha	quando	saiu	lá	disse
L3		S	[TEMP]	[NUC]
L1	ale-u,	nha	netinhu!	Ale-u!		
L2	ái estás	POSS.1SG	neto.DMN	ái estás		
L3	[COMPL]		

A feiticeira, quando saiu lá, disse: aí estás, meu netinho, aí estás!

(kea_ev_narr_09_045)

Em 41, *nha bédja* ‘a feiticeira’ é sujeito tanto da temporal *kántu sai la* ‘quando saiu lá’ quanto da nuclear *fla: ale-u, nha netinhu! Ale-u!* ‘disse: Aí estás meu netinho! Aí estás!’. Por isso, o sujeito ocupa a posição anteposta à temporal, que também está anteposta à nuclear, mas não é topicalizado, já que não apresenta a retomada desse referente sujeito por um pronome sujeito antes do verbo. Ambas apresentam predicados com verbos perfectivos, evidenciando eventos pontuais, anteriores ao momento da enunciação.

Apesar de raro, o conector *ki* ‘que’ pode introduzir a primeira temporal (sem retomar qualquer outro conector), como se pode ver no exemplo 42.

(42)

L1	E	bai,	e	bai,	e	bai,
L2	S3SG	ir.PFV	S3SG	ir.PFV	S3SG	ir.PFV
L3	[JSP 1]	[JSP 2]
L1	k-e	sata	fla	m-e	dj-e	pega,
L2	que-S3SG	PROG	dizer	que-S3SG	ACT-S3SG	pegar.PFV
L3	[TEMP. 1]
		MATRIZ_N2		COMPLI_N2		
L1	ki	kuázi	dj-e	pega,	Pedru	bota
L2	que	quase	ACT-S3SG	pega.PFV	Pedro	botar.PFV
L3	[TEMP. 2			NUC/JSP 4
L1	un	gran	di	sal	bera	már,
L2	INDF	grão	de	sal	beira	mar
L3			NUC/JSP 4]
L1	e	disgota.				
L2	S3SG	tirar.PFV [líquido]				

L3 [JSP 5]

Ela foi, foi, foi, quando ela já podia dizer que já [o] tinha pegado, [ou] que quase já [o] tinha pegado, Pedro colocou um grão de sal, ele tirou a água do mar.

(kea_ev_narr_12_266)

O exemplo 42 narra a tentativa da feiticeira de capturar Pedro. Quando ela estava quase para conseguir seu objetivo, ele usou um grão de sal mágico que sua mãe lhe tinha dado, o que fez com que ele fosse capaz de tirar a água do mar que estava à sua frente até que secasse e ele pudesse passar. A frase complexa é formada por quatro cláusulas coordenadas justapostas; a segunda e a terceira são repetições da primeira. Essa repetição demonstra a continuidade da ação verbal *bai* ‘ir’. A quarta coordenada controla duas cláusulas temporais parcialmente sobrepostas, ambas introduzidas pelo conector *ki* ‘que’: *k-e sata fla m-e dj-e pega, ki kuazi dj-e pega* ‘quando ele podia dizer que já tinha pegado, que quase já tinha pegado’. A primeira temporal apresenta verbo com aspecto progressivo *sata*. Esse aspecto durativo da temporal deixa mais explícita a coincidência temporal dos eventos dependente e nuclear. A segunda temporal é, na verdade, uma reformulação da primeira, já que a locutora insere o advérbio *kuazi* ‘quase’ para mostrar que o evento da primeira cláusula, ou seja, o [pegar Pedro], não chegou a se realizar.

Além disso, a temporal 1 configura-se na matriz de uma completiva de nível 2, introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, *m-e dj-e pega* ‘que ele já tinha pegado’. Essa estrutura constitui-se numa forma idiomática de expressar que algo já aconteceu, quer dizer, quando alguém já pode afirmar que algo aconteceu é porque de fato aconteceu. A ideia aqui é que a feiticeira já tinha chegado tão perto de Pedro que poderia dizer que já o pegou, por isso o uso do verbo de elocução *fla* ‘dizer’. Outro exemplo de temporal controlando outra cláusula está em 43.

(43)

L1	s-e	fla	si	mai	m-e	ta	
L2	Quando-S3SG	dizer.PFV	POSS.3SG	mãe	que-S3SG	IPFV	
L3	[TEMP			
	[MATRIZ N2]	[COMPL N2
L1	bai,	si	mai	fla	nton	p-e	
L2	ir	POSS.3SG	mãe	dizer.PFV	então	para-S3SG	
L3]	[NUC/MATRIZ]	[
L1	bai,	p-e	buska	kabálu	má	gordu,	
L2	ir.PFV	para-S3SG	buscar.PFV	cavalo	mais	gordo	
L3	COMPL 1]	[COMPL 2			
L1	má	mágru	ki	sta	na	txáda,	
L2	mais	magro	que	estar.PFV	em	achada	

L3	COMPL 2]		
L1	p-e	pega,	p-e	munta,	p-e	bai.			
L2	paraS3SG	pegar.PFV	para-S3SG	montar.PFV	para-S3SG	ir			
L3	[COMPL 3]	[COMPL 4]	[COMPL 5]

Quando ele disse à sua mãe que ia, sua mãe disse então para ele ir, para ele buscar o cavalo mais gordo, mais magro que estivesse na achada, para ele pegar, para ele montar, para ele ir.

(kea_ev_narr_01_041)

O exemplo 43 constitui-se de uma matriz/nuclear que encaixa seis cláusulas completivas e controla uma temporal sobreposta *s-e fla si mai m-e ta bai* ‘quando ele disse à sua mãe que iria’. Tal temporal é composta, também, por uma matriz *s-e fla* ‘quando ele disse’ e uma completiva de nível 2 (N2), *m-e ta bai* ‘que ele iria’.

A adverbial temporal também pode ocorrer com sintagma verbal zero, ou seja, sem um verbo explícito, como é o caso em 44.

(44)

L1	Ton	kántu	kel	otu	diâ,	e
L2	Então	quando	aquele	outro	dia	S3SG
L3	[TEMP SV zero]
L1	tonda	fasi	amérma,	e	tonda	bá
L2	tornar.PFV	fazer.PFV	o mesmo	S3SG	tornar.PFV	ir.PFV
L3	NUC/JSP 1				JSP 2	
L1	ku	el,	e	tonda	fía:	ken
L2	com	T3SG	S3SG	tornar.PFV	dizer.PFV	quem
L3				JSP 3/MATRIZ		[COMPL1
L1	ki	ta	troka	vista	ku	róza?
L2	que	IPFV	trocar	vista	com	rosa
L3			COMPL 1]

Então, quando [veio] o outro dia, ela voltou a fazer a mesma [coisa], ela voltou a levá-la [a rosa], ela voltou a dizer: quem que trocará a vista com a rosa?

(kea_ev_narr_02_142)

Em 44, a adverbial temporal *kántu kel otu dia* ‘quando [veio] o outro dia’ não traz um verbo explícito, mesmo sendo introduzida pelo conector temporal *kántu* ‘quando’. Essa construção, que seria agramatical no português (*quando aquele outro dia), é perfeitamente gramatical em crioulo cabo-verdiano. *Kántu* ‘quando’ aqui poderia desempenhar a função de preposição, reduzindo a cláusula adverbial a um sintagma preposicional. Contudo, na LCV, *kántu* (i) quase sempre introduz adverbiais temporais sobrepostas e (ii) é tipicamente um conector que apresenta uma componente temporal inerente (passado em oposição a *óki* ‘hora que’ e seus derivados). Esses dois fatores parecem lhe dar um valor verbal.

O papel do aspecto nas temporais relaciona-se tanto à qualidade da ação em relação ao momento de referência temporal como ao momento de ocorrência dos eventos da dependente e da nuclear, evidenciando se tais eventos são acabados, inacabados, progressivos. Os exemplos 45 e 46 ilustram como o aspecto se relaciona na construção temporal.

(45)

L1	Kel	óra	nha	bédja	fítisera	pánha
L2	aquele	hora	POSS.1SG	velha	feiticeira	apanhar.PFV
L3	[JSP 1		
L1	bindi,	po	na	kabésa,	bá	már.
L2	binde	pôr.PFV	em	cabeça	ir.PFV	mar
L3	JSP 1]	JSP 2]	JSP 3]
L1	Txiga,	sima	ta	intxi	bindi,	bindi
L2	chegou.PFV	enquanto	IPFV	encher	binde	binde
L3	[JSP 4]	[TEMP]	[
L1	ta	seka,	ta	intxi	bindi,	bindi
L2	IPFV	secar	IPFV	encher	binde	binde
L3	NUCL/JSP 5]	[TEMP]	[
L1	ta	seka,	ta	intxi	bindi,	bindi
L2	IPFV	secar	IPFV	encher	binde	binde
L3	NUC/JSP 6]	[TEMP]	[NUC/JSP 7
L1	ta	seka.				
L2	IPFV	secar.				
L3	NUC/JSP 7]				

Naquela hora, a feiticeira pegou o binde, pôs na cabeça, foi para o mar. Chegou, enquanto enchia o binde, o binde secava, enchia o binde, o binde secava, enchia o binde, o binde secava.

(kea_ev_narr_09_111)

Em 45, o aspecto imperfectivo foi empregado com o propósito comunicativo de mostrar a duratividade e simultaneidade dos eventos, já que tanto o verbo nuclear quanto o verbo dependente recebem essa marca aspectual. Além disso, o fato de a locutora ter empregado o aspecto imperfectivo nas nucleares, assim como nas adverbiais, em contraposição ao aspecto perfectivo dos predicados das demais cláusulas que constituem essa frase complexa, traz ênfase para a continuidade da ação de encher e secar o binde, ou seja, à medida que o evento dependente se realizava, o principal era encadeado também. É interessante notar que apenas a primeira dependente é introduzida pelo conector *sima* ‘enquanto’ e as outras duas dependentes e nucleares repetem a estrutura da primeira. Esse recurso da repetição é, também, para remarcar a continuidade dos eventos.

O marcador aspectual *ta* ‘imperfectivo’, além de indicar a perspectiva inacabada de um evento, pode indicar, também, que o evento ainda se realizará num tempo futuro, ou seja, que se trata de um evento prospectivo.

(46)

L1	E	pánha	dinheru	e	po...	e
L2	S3SG	apanhar.PFV	dinheiro	S3SG	por.PFV	S3SG
L3	[JSP 1			JSP 2]
L1	meti	si	mula	na	rau,	ki
L2	meter.PFV	POSS.3SG	mula	em	rabo	que
L3			JSP 3 / NUC			[CONSQ
L1	aki	ta	nbosta,	ta	nbosta	dinheru.
L2	horas que	IPFV	defecar.PFV	IPFV	defecar.PFV	dinheiro
L3			CONSQ]
	[TEMP N2			NUC N2]

Ele pegou o dinheiro, pôs... meteu no rabo da sua mula, que quando [a mula] defecasse, defecaria dinheiro.

(kea_ev_narr_10_019)

No exemplo 46, os eventos das coordenadas 1 a 3 |pegar o dinheiro [...] metê-lo na rabo da mula| são codificados por verbos perfectivos, evidenciando que tais eventos já foram concluídos no momento de referência (fala da locutora). Os estados de coisas dessas coordenadas são realizados para que o estado de coisas da nuclear possa ocorrer, assim, a nuclear configura-se na consequência, e a temporal é o momento circunstancial para que a nuclear ocorra. Essa relação de causa/consequência entre as três primeiras coordenadas e a nuclear é evidenciada, também, pelo conector *ki* ‘[de tal forma] que’ que introduz o complexo adverbial/nuclear. Sendo tal complexo ainda não realizado, o aspecto prospectivo atua nos sintagmas verbais dependente e nuclear indicando essa prospecção. O valor prospectivo do imperfectivo na temporal e nuclear, ambas de nível dois (N2), também é reiterado pelo conector *aki* ‘quando – futuro’ que traz uma nuance temporal em si.

Há casos em que o marcador aspectual *ta* ‘imperfectivo’ na temporal é contraposto ao perfectivo da nuclear, tendo o objetivo exclusivo de mostrar o aspecto durativo do evento dependente em contraposição ao aspecto pontual da nuclear.

(47)

L1	Kánt-e	ta	pása	la	ke(l)...	minina
L2	Quando-S3SG	IPFV	passar	lá	aquele	menina
L3	[TEMP]
L1	de-l	un	bála ¹²⁰	ki	ta	da

¹²⁰ Possivelmente a locutora confundiu-se empregando *bála* ‘bala de fogo’ no lugar de *pistóla* ‘arma de fogo’.

L2	dar.PFV-O3SG	INDF	bala	que	IPFV	dar
L3			NUC/JSP 1			
L1	trizenti	sasenta	sinku	fogu	sen	buár
L2	trezentos	sessenta	cinco	fogo	sem	voar
L3			NUC/ JSP 1			
L1	sen	kansár.	E	toma,	e	bá
L2	sem	cansar	S3SG	tomar.PFV	S3SG	ir.PFV
L3			[JSP 2]	
L1	ku	ei				
L2	com	T3SG				
L3	JPS. 3					

Quando ele passava lá, aquela menina deu-lhe uma arma que dá trezentos e sessenta e cinco tiros sem voar, sem cansar. Ele pegou [e] a levou consigo.
(kea_ev_narr_11_082_084)

(48)

L1	Kánt-e	ta	pása	báxu...	má	báxu
L2	Quando-S3SG	IPFV	passar	baixo	mais	baixo
L3	[TEMP		
L1	Tonba	Lenha	la...	- Tonba	Lenha	éa
L2	Tomba	Lenha	lá	Tomba	Lenha	ser.IPFV
L3		TEMP		[PARENTÉTICA
L1	más	áitu -	si	kabálu	dixi,	musura,
L2	mais	alto	POSS.3SG	cavalo	descer.PFV	curvar.PFV
L3			[NUC/JSP 1		[JSP 2]
L1	e	puxa	trizenti	sasenti	sinku	tur.
L2	S3SG	puxar.PFV	trezentos	sessenta	cinco	tiro
L3	[JSP 3]

Quando ele passa baixo... mais baixo que Tomba Lenha lá... - Tomba Lenha era mais alto - seu cavalo desceu, curvou-se, ele puxou trezentos e sessenta e cinco tiros
(kea_ev_narr_11_086_088)

Em 47 e 48, as temporais mostram que o estado de coisas |passar| (Pedro passando, em 47 e Manel passando, em 48) são durativos e configuram-se no fundo para a realização dos eventos nucleares¹²¹. Logo, percebe-se que a marca aspectual imperfectiva nas adverbiais enfatiza o papel configurador de fundo das temporais, enquanto que o aspecto perfectivo traz uma nuance mais figurativa para esse tipo de cláusula, amenizando o seu caráter de fundo, na estrutura complexa.

¹²¹ Seria possível a realização dessas temporais com aspecto perfectivo:

– (47) *Kánt-e pása la... ke(l) minina de-l un bála ki ta da trizenti sasenta sinku fogu sen buár sen kansár* “Quando ele passou lá... Aquela menina deu-lhe uma bala que dá trezentos e sessenta e cinco fogo sem voar sem cansar”.

– (48) *Kánt-e pása báxu... má báxu Tomba Lenha la... – Tonba Lenha éa máis áitu – si kabálu dixi, musura, e puxa trizenti sasenta sinku tur* – “Quando ele passou embaixo... mais baixo que Tomba Lenha lá... – Tomba Lenha era mais alto – seu cavalo desceu, curvou-se, ele puxou trezentos e sessenta e cinco tiros”.

Sem a realização do marcador de aspecto *ta* ‘imperfectivo’ nas temporais, a sobreposição dos eventos dependente e nuclear é menos explícita e o fundo da narrativa passa a ser tão pontual quanto a figura.

O aspecto perfectivo, como visto nos exemplos 37 e 38, demonstra a qualidade da ação no momento de referência temporal da narrativa. Em 37, tanto o predicado nuclear quanto o dependente apresentam verbos perfectivos, evidenciando que os eventos já foram concluídos no momento de referência temporal. Enquanto em 38, o evento nuclear é codificado por um verbo com aspecto imperfeito com valor prospectivo e os eventos dependentes são codificados por verbos perfectivos. Nesse caso, o momento de referência é demarcado pelos predicados dependentes, já que se trata de discurso direto, e a realização do predicado nuclear depende da realização dos eventos adverbiais. Logo, a configuração do aspecto disposto entre nuclear e dependentes tanto mostra a duração do predicado quanto estabelece uma relação temporal que também é apoiada pela introdução do conector temporal de futuro *óki* ‘horas que’, retomado pelo conector multifuncional neutro *ki* ‘que’.

O aspecto progressivo na adverbial em 49 contrapõe-se ao perfectivo do predicado nuclear.

(49)

L1	Peláda	dexa-l,	e	du(r)mi,	k-e	sata
L2	galinha	deixar.PFV-O3SG	S3SG	dormir.PFV	que-S3SG	PROG
L3	[JSP 1]	[JSP 2]
L1	da	si	fu(s)	manenti,	peláda	rinka-l
L2	dar	POSS.3SG	peido	sempre	galinha	arrancar-O3SG
L3		TEMP			[NUC/JSP 3
L1	tudu	péna	moku,	la(r)ga-(l)	riba	ke(l)
L2	todo	pena	tudo	largar.PFV-O3SG	em cima	aquele
L3		NUC/JSP 3]	[JSP 4	
L1	djeu					
L2	ilha pequena					
L3	JSP 4					

A Pelada¹²² deixou-o, ele dormiu, quando ele estava soltando seu peido silencioso, a Pelada arrancou-lhe todas as penas [e] largou-o em cima de um ilhéu.

(kea_ev_narr_08_051)

Em 49, o progressivo atua para deixar mais evidente a sobreposição dos eventos nuclear e dependente. Sendo a adverbial o fundo narrativo para que o evento nuclear ocorra, a adverbial com predicado codificado por verbo com aspecto progressivo mostra de forma explícita que a realização do evento nuclear se deu durante a realização do evento dependente.

4.1.1.2 Análise quantitativa

¹²² Personagem representada por uma galinha-d'angola (capote).

As adverbiais temporais de sobreposição representam 46% das cláusulas adverbiais do *corpus* e realizam-se com diversos conectores, assim como de forma paratática. Quanto à posição da cláusula dependente, a Tabela 1 mostra a frequência de ocorrência das adverbiais temporais tanto em discurso não direto (DND) quanto em discurso direto (DD), considerando a polaridade e o nível da estrutura sintática (N1 e N2).

Tabela 1 – Posição das adverbiais de tempo em discurso não direto (DND) e direto (DD)

Temporal	Conector	Posição e polaridade em N1				Posição e polaridade em N2				Total	
		DND		DD		DND		DD			
		A.N ¹²³	P.N ¹²⁴	A.N	P.N	AN.	P.N	A.N	P.N		
		P		P		P	N	P			
Sobreposta	kántu	49	1	-	-	-	-	-	-	-	50
	ki (Rt kántu)	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
	Kántu ki	45	-	-	-	-	-	-	-	-	45
	ki (Rt kántu ki)	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Kelóki ~ kelaki	1	-	-	-	3	-	4	-	-	8
	ki (Rt kelóki)	-	-	-	-	1	-	2	-	-	3
	kuándu ki	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	ki	3	-	-	-	1	-	1	-	-	5
	óki ~ óras ki ~ óra ki ~ aki	-	-	2	-	3	-	9	-	-	14
	ki (Rt óki)	-	-	1	-	-	-	2	-	-	3
	t-óki ~ t-aki	2	5	-	-	-	1	-	-	1	9
	ti	-	-	-	2	-	-	-	-	1	3
	sima	13	-	-	-	-	-	-	-	-	13
	timenti	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
	pa	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	na	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
zero	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3	
Posterioridade	ántis ~ ánti	-	1	-	1	-	-	-	-	-	2
	TOTAL	124	7	3	3	8	1	18	2	2	168
	%	73,6	4,7	1,8	1,8	4,7	0,6	10,6	1,1	1,1	100
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA		Adverbial positiva em DND / N1									0,736
ÍNDICE INVERSO											0,264

Fonte: Elaborada pela autora.

¹²³ Antesposta à nuclear.

¹²⁴ Posposta à nuclear.

A Tabela 1 mostra que, num conjunto de 168 ocorrências (em N1 e N2, em discurso direto e não direto) a maior parte das adverbiais temporais (73,6%) ocorre em discurso não direto com polaridade positiva, em nível um e em posição anteposta à sua nuclear. Esse resultado evidencia a função textual das temporais em situar os eventos que se constituem como figura da narrativa, por isso estão em discurso não direto e em nível um (N1). A anteposição à nuclear, estrutura não marcada nas temporais do santiaguense, também corrobora essa função circunstanciadora para o enredo, já que a construção do cenário (fundo) permite uma melhor compreensão desse enredo. As ocorrências de temporais de sobreposição em posição posposta à sua nuclear são as introduzidas pelo conector *ti* ‘até’ ou por conectores como *t-óki* “até a hora que”. As cláusulas introduzidas por esse tipo de conector têm uma nuance conclusiva e indicam que a sobreposição se dá mais ao final da ocorrência do evento nuclear. Possivelmente, por esse motivo, o falante é motivado a alocar a adverbial depois de sua nuclear, em consonância com o princípio funcionalista da iconicidade¹²⁵. Há apenas um dado com adverbial sobreposta introduzida pelo conector *kántu* ‘quando’ posposta à sua nuclear. As duas ocorrências de adverbial de posterioridade, sendo uma em discurso não direto e outra em discurso direto, são sempre pospostas à sua nuclear. No nível dois da estrutura sintática, não há ocorrência de adverbial de posterioridade, apenas de sobreposição. Da mesma forma que acontece no nível um, as adverbiais introduzidas por conectores iniciados por *ti* ‘até’ ocupam a posição posposta à nuclear, as demais ficam em posição anteposta.

¹²⁵ Sobre iconicidade, ver fundamentação teórica, capítulo 2.

Tabela 2 – Emprego dos conectores adverbiais temporais em discurso não direto e discurso direto, nos níveis um (N1) e dois (N2)

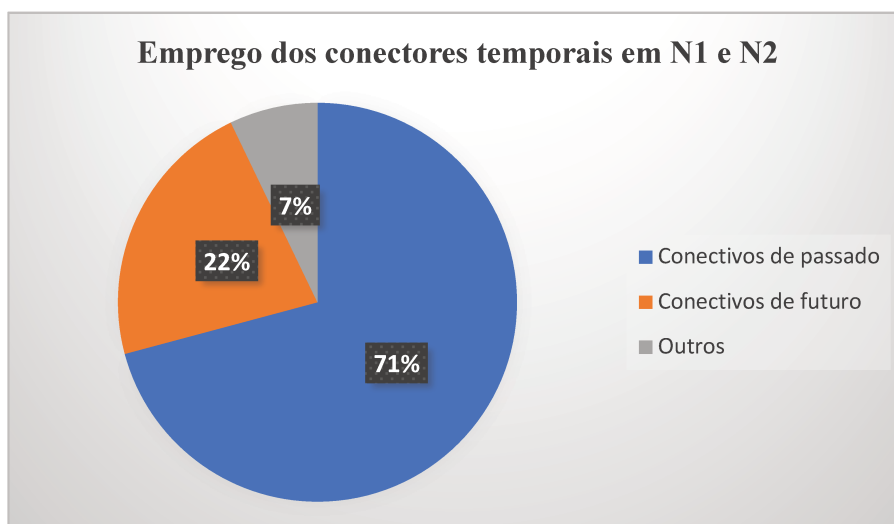
Tipo	Conector	Nº de ocorrência em N1	Nº de ocorrência em N2	Total	%
Sobreposição	kántu	50	-	50	29,76%
	ki (Rt kántu)	4	-	4	2,38%
	Kántu ki	45	-	45	26,79%
	ki (Rt kántu ki)	1	-	1	0,60%
	kelóki ~ kelaki	1	<u>7</u>	<u>8</u>	4,76%
	ki (Rt kelóki)	-	3	3	1,79%
	óki ~ óras ki ~ óra ki ~ aki	2	12	14	8,33%
	ki (Rt óki)	1	2	3	1,79%
	kuáandu ki	1	-	1	0,60%
	ki	3	2	5	2,98%
	t-óki ~ t-aki	7	2	9	5,36%
	sima	13	-	13	7,74%
	timenti	-	2	2	1,19%
	<u>í</u>	<u>2</u>	<u>1</u>	<u>3</u>	1,79%
	pa	1	-	1	0,60%
	na	1	-	1	0,60%
	zero	3	-	3	1,79%
Posterioridade	ántis ~ ánti	2	-	2	1,19%
Total		137	31	168	100,00%
		% 81,55%	18,45%	100%	
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA			<i>kántu</i>	0,2976	
ÍNDICE INVERSO				0,7024	

Fonte: Elaborada pela autora.

Os conectores de passado *kántu* ‘quando’ (também com sentido de passado) e *kántu ki* ‘quando que’ são os que apresentam percentuais mais altos de ocorrência (29,76% e 26,79% respectivamente). Vale notar que *sima* ‘quando’, também indicando tempo passado, tem um percentual de 7,74% de frequência, que é um valor não muito distante dos conectores com sentido futuro *óki* ‘horas que’ e *kelóki* ‘aquela hora que’ (4,76% + 8,33% = 13,09%). Tendo os conectores *kántu [ki]* e *sima* um caráter temporal de passado, isso mostra que, em contos tradicionais cabo-verdianos, os eventos são situados considerando o momento de sua

ocorrência, ou seja, anterior ao momento da enunciação. Diferentemente do português, por exemplo, em que é bastante comum o emprego do presente histórico¹²⁶ em narrativas escritas, os resultados nos dados orais da LCV mostram que os contadores de histórias preferem construir a narrativa na esfera do passado, como se visualiza no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Conectores adverbiais temporais em N1 e N2



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à frequência de ocorrência das marcas aspectuais nos dados tratados em nível um (N1) e dois (N2), segue a Tabela 3.

¹²⁶ Emprego do tempo presente em narrativas de fatos passados. É uma estratégia de construção textual para dar mais dinamicidade à narrativa.

Tabela 3 – Correlação entre os conectores, as marcas de aspecto e a polaridade, nas adverbiais temporais em discurso não direto (DND), em níveis um (N1) e dois (N2)

Tipo	Conectores	Aspecto e Polaridade em N1			Aspecto e Polaridade em N2	Total
		PFV	IPFV	PROG	PFV	
		P				
ANTERIORIDADE	kántu	43	7	-	-	
	ki (Rt kántu)	4	-	-	-	
	kántu ki	44	1	-	-	
	ki (Rt kántu ki)	1	-	-	-	
	Kelóki ~ kelaki	1	-	-	3	
	ki (Rt kelóki)	-	-	-	1	
	óki ~ óras ki ~ óra ki ~ aki	-	-	-	4	
	kuáнду ki	1	-	-	-	
	ki	1	-	2	-	
	t-óki ~ t-aki	6	1	-	1	
	sima	10	3	-	-	
	pa	1	-	-	-	
	na	1	-	-	-	
	zero	2	1	-	-	
POSTERIORIDADE	ántis ~ ánti	1	-	-	-	
TOTAL		116	13	2	9	140
		% 82,86%	9,29%	1,43%	6,43%	100,00%
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA				PFV - P - N1		0,8286
ÍNDICE INVERSO						0,1714

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 4 – Correlação entre os conectores, as marcas de aspecto e a polaridade nas adverbiais temporais em discurso direto (DD), em níveis um (N1) e dois (N2)

Tipo	Conectores	Aspecto e Polaridade em N1		Aspecto e Polaridade em N2				Total
		PFV	COP PRS	PFV		IPF V	COP PRS	
		P		P	N	P	P	
SOBREPOSTA	óki ~ óras ki ~ óra ki ~ aki	1	1	8	-	-	1	
	ki (Rt óki)	1	-	2	-	-	-	
	kelóki ~ kelaki	-	-	4	-	-	-	
	ki (Rt kelóki)	-	-	2	-	-	-	
	ki	-	-	1	-	-	-	
	t-óki ~ t-aki	-	-	-	-	1	-	
	timenti	-	-	-	2	-	-	
	tí	2	-	1	-	-	-	
POSTERIORIDADE	ántis ~ ánti	1	-	-	-	-	-	
TOTAL		5	1	18	2	1	1	28

Fonte: Elaborada pela autora.

Tanto na Tabela 3 como na Tabela 4, há uma frequência de ocorrência majoritária (82,6% N1 + 6,43% N2 = 89,03%, em discurso não direto; 25 dados de N1 e N2, em discurso direto) em predicados codificados por verbos com aspecto perfectivo. Logo, nas adverbiais temporais, confirma-se o princípio da maior frequência de uso de elementos não marcados, já que o aspecto perfectivo, em LCV, é a categoria não marcada, em oposição ao imperfectivo e progressivo que são marcados respectivamente por *ta* e *sata*. O aspecto imperfectivo, mesmo com baixa frequência (13 dados em DND e 1 dado em DD), ocorre, na maioria dos casos, correlacionado com os conectores que apresentam maior número de ocorrência (*kántu* e *kántu ki*). Além disso, esse aspecto realiza-se também em cláusulas introduzidas pelo conector *t-óki* ~ *t-áki* ‘quando’, que tem sentido de futuro. Nesses casos, é provável que o conector seja um forte elemento para interpretar a marca aspectual no predicado dependente como prospectivo em vez de imperfectivo. A polaridade negativa não ocorre nas temporais em discurso não direto.

Tendo as temporais a função de situar o evento nuclear, é improvável que essa orientação se dê pela negação.

Nas Tabelas 3 e 4, vê-se que, em discurso não direto, o número de adverbiais de tempo no nível dois (N2) é bastante baixo; já em discurso direto, há maior frequência de temporais nesse nível do que no nível um (N1). O aspecto imperfectivo foi empregado em discurso não direto apenas no nível um (N1) da estrutura sintática, já em discurso direto, esse aspecto só ocorre em nível dois (N2). A alta frequência de adverbiais temporais em nível dois (N2) no discurso direto deve-se ao fato de que esse tipo de discurso se realiza principalmente em completivas de elocução, por isso essas adverbiais em nível dois (N2) são dependentes de tais completivas. Assim, podemos dizer que, em discurso direto, há uma decalagem das temporais em relação ao nível sintático.

Quanto ao compartilhamento de argumentos, as adverbiais mostram-se mais entrelaçadas, nos termos de Lehmann (1988), já que, das 168 cláusulas temporais, 107 partilham argumentos (sujeito e/ou complementos verbais) com suas nucleares.

4.1.2 Condicionais

Na relação de condição há o envolvimento de dois estados de coisas, sendo que um deles (o dependente ou prótase) configura-se na condição para que o outro (o dominante ou apódase) se realize (CRISTOFARO, 2003, p. 160). Algumas línguas, como o latim, distinguem morfologicamente se a situação que envolve a relação de condição é real ou hipotética. Por isso, Thompson, Longacre e Hwang (2007, p. 255) distinguem semanticamente as condicionais em *condicionais realis* e *condicionais irrealis*. As primeiras referem-se às situações de presente, habitual/genérico e passado, e as segundas referem-se às situações irrealis, nas quais estão incluídas situações imaginativas e hipotéticas. O português, por exemplo, faz essa distinção semântica e morfologicamente.

(50) Se eu ganhar dinheiro, comprarei aquele vestido¹²⁷.

(51) Se eu ganhasse dinheiro, compraria aquele vestido.

Em 50, a condição está no âmbito da realidade, assim, a modalidade expressa na apódase é *realis*. Enquanto em 51, por se tratar de um evento condicional hipotético irreal, a modalidade do predicado da apódase é *irrealis*.

¹²⁷ Os exemplos 50 e 51 foram criados pela autora.

4.1.2.1 Análise qualitativa

A LCV também traz essas marcas distintivas, através da atuação das marcas de aspecto e tempo, como atestado nos exemplos 52 e 53 (não constam no *corpus*¹²⁸).

- *Irrealis* com marca de passado na prótase e imperfeito com passado na apódase.

(52)

L1	Si	N	odjába	Davidi,	N	ta
L2	se	S1SG	ver.PFV.PST	David	S1SG	IPFV
L3	[COND]	[NUC
L1	papiába	ku	el	na	kiriolu.	
L2	falar.PST	com	T3SG	em	crioulo	
L3			NUC]	

Se eu visse/tivesse visto David, falaria com ele em crioulo.

- *Realis* com marca de progressivo na prótase e na apódase.

(53)

L1	Si	txuba	sata	txobi,	nha	káru
L2	se	chuva	PROG	chover	POSS.1SG	carro
L3	[COND]	[NUC
L1	sata	modja.				
L2	PROG	molhar				
L3	NUC]				

Se estiver chovendo, meu carro está molhando.

Há, no *corpus*, uma ocorrência de condicional *realis* em tempo não passado sendo um ato de fala, em que o predicado da prótase tem marca imperfectiva e o da apódase tem marca aspectual zero (\emptyset) e não apresenta marca de tempo.

(54)

L1	Ná,	nton	si	nhos	ta	ben,	nhos	ben	gosi	li.
L2	INTJ	então	se	S1PL	IPFV	vir	S1PL	vir.IMP	agora	aqui
L3	[COND]	[NUC]

'Não! Então se vocês vêm, venham agora mesmo'

(kea_ev_narr_10_249)

Em 54, como o verbo da apódase não recebe nem marca aspectual nem temporal, por se tratar de imperativo, a marcação de tempo recai sobre o verbo da prótase, para que se explicita que se trata de um evento prospectivo, até porque a semântica do imperativo cria essa

¹²⁸ Os exemplos que não constam no *corpus* foram-nos fornecidos pelos nossos informantes do cabo-verdiano, Aires Semedo e Karina Moreira.

perspectiva, já que se dá uma ordem ou conselho que ainda não foi cumprida no momento da enunciação.

O modo *realis* configura-se pela atuação das marcas aspectuais na apódase, exceto quando o verbo nuclear está no imperativo. Já o modo *irrealis* requer a marca temporal {-ba} atuando em consonância com as marcas de aspecto. Em 55, temos uma ocorrência com o modo *realis* atuando.

(55)

L1	Kei	dia	fládu	[...]	ma	kel
L2	DEM.A	dia	dizer.PASS.PRES		que	DEM.A
L3	[MATRIZ]		[COMPL
L1	águ,	s-e	pánha,	k-e	npára,	k-e
L2	água	se-S3SG	apanhar.PFV	que-S3SG	aparar.PFV	que-S3SG
L3			COMPL			
		[COND 1_N2 (PTS)]		[COND 2_N2 (PTS)]		[
L1	poi	na	pe,	ma	kel	frida
L2	pôr.PFV	em	pé	que	aquele	ferida
L3			COMPL			
		COND 3_N2 (PTS)]		[NUC_N2 (APD)	
L1	ta	seka.				
L2	IPFV	secar				
L3	COMPL]				
	NUC_N2 (APD)]				

Naquele dia falou-se [...] que aquela água, se ele apanhar, se aparar, se colocar no pé, aquela ferida seca.

(kea_ev_narr_01_017)

O exemplo 55 é composto por uma matriz e uma completiva introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’. Essa completiva é formada por um complemento verbal topicalizado *kel águ* ‘aquela água’, seguido de três condicionais *s-e pánha*, *k-e npára*, *k-e poi na pe* ‘se ele apanhar, se aparar, se colocar no pé’, sendo a primeira introduzida pelo conector condicional prototípico *si* ‘se’ e as demais por *ki* ‘que’, que é um conector multifuncional, podendo retomar qualquer outro conector adverbial. A relação de condição, neste caso, dá-se com a modalidade *realis*, o que é evidenciado pela ausência da marca de tempo no sintagma verbal tanto da prótase quanto da apódase, bem como a presença da marca de imperfectivo habitual *ta* no predicado nuclear. No entanto, a presença do marcador temporal {-ba} pode ser indício da atuação do modo *irrealis*.

(56)

L1	Si	nhu	botá-mi		la	fundu,	go
L2	Se	senhor	botar.PST.PFV-O1SG		la	fundo	agora
L3	[COND (PTS)]
L1	ki	N	ta		binha	ku	rikéza.
L2	FOC	S1SG	IPFV		vir.PST	com	riqueza
L3				NUC (APD)]

Se o senhor tivesse me colocado lá no fundo, agora é que eu viria com riqueza.

(kea_ev_narr_03_168)

Em 56, a condicional *si nhu botá-mi la fundu* ‘se o senhor tivesse me colocado lá no fundo’ apresenta a marca de tempo (*botába-mi > botá-mi*)¹²⁹ na prótase e na apódase com verbo na forma irregular de passado *binha*¹³⁰ ‘vinha’. Além disso, a apódase está com verbo com marca aspectual imperfectiva *ta*. A atuação do imperfectivo e do passado configuram a modalidade *irrealis* dessa relação.

É interessante notar a função do marcador de aspecto na prótase, nesse tipo de cláusula. Se o predicado da prótase fosse codificado por um verbo com marca de passado com marcador imperfectivo *si nhu ta botá-mi la fundu* ‘se o senhor me colocasse lá no fundo’, caracterizaria um evento não passado, sem contexto específico, enquanto, da forma que se apresenta em 56, com a ausência do marcador de aspecto, o que configura o perfectivo, trata-se de um evento pontual com contexto bem definido.

A modalidade *realis* apresenta-se, na maioria das ocorrências do *corpus*, sem o marcador de passado {-ba} na prótase e na apódase, como se pode ver em 57.

(57)

L1	A-li	argen,	si	móri,	ki	ka
L2	aqui	peessoa	se	morrer.PFV	que	NEG
L3	[TOP]	[[TOP]]	[COND 1 (PTS)]		[COND 2 (PTS)]	
L1	ten...	ki	bu	debi	algen,	k-u
L2	ter.PFV	que	S2SG	dever.PFV	peessoa	que-S2SG
L3	COND 2]	[COND 3 (PTS)]	[COND4(PTS)
L1	ka	ten	dinheru	di	pága,	ók-u
L2	NEG	ter.PFV	dinheiro	de	pagar.PFV	quando-S2SG
L3			COND 4 (PTS)]	[TEMP
L1	móri,	tudu	ken	ki	bu	debi
L2	morrer.PFV	todos	quem	que	S2SG	dever.PFV
L3]	[NUC (APD)	
L1	ta	da-u	un	posáda.		
L2	IPFV	dar-O2SG	um	paulada		
L3		NUC (APD)]

¹²⁹ A queda do [b] intervocálico é um processo fonológico corrente no santiguense (QUINT, 2000, p. 110; 2008, p. 134; 2009, p. 257).

¹³⁰ Em oposição à forma regular *benba* ‘vir.PST’. Sobre a influência portuguesa nas formas verbais da LCV, na variedade de Santiago, ver Quint (2012).

Aqui, a pessoa, se morrer, se não tiver... se dever [alguma coisa] a alguém, se não tiver dinheiro para pagar, quando morrer, todas as pessoas a quem você deve dar-lhe-ão uma paulada.

(kea_ev_narr_01_120)

O exemplo 57 é iniciado por um sintagma adverbial topicalizado *a-li* ‘aqui’. As duas primeiras condicionais são constituídas por um sujeito topicalizado *argen* ‘pessoa’, seguido pelo conector *si* ‘se’, na primeira condicional, e retomado pelo conector multifuncional neutro *ki* ‘que’ na segunda condicional. A terceira e a quarta condicional são introduzidas pelo conector *ki* ‘que’ com sujeito pronominal explícito *bu* ‘pronome sujeito, segunda pessoa do singular’. Aqui atua a modalidade *realis*, evidenciada pela ausência do marcador *ta* no predicado das prótases e pelo aspecto imperfectivo/prospectivo (presença do marcador *ta*) no predicado da apódase *ta da-u un posáda* ‘dar-lhe-ão uma paulada’. Logo, neste exemplo, o evento nuclear |dar uma paulada| é factual, se o referente do sujeito da condicional (codificado pelo complemento verbal da nuclear {-u}) reunir as condições descritas por esta cláusula, a saber: |morrer, devendo a alguém, sem ter dinheiro para pagar a dívida|.

A relação entre *realis* e *irrealis* também pode ser expressa com as polaridades positiva e negativa numa mesma frase complexa, como mostram os exemplos 58, 59 e 60.

(58)

L1	I	nhu	rai	fla	negu	ma	
L2	HST	senhor	rei	dizer.PFV	negro	que	
L3	[MATRIZ]	[
L1	si...	kel	minina...	ma	si	ka	
L2	se.HST	aquele	menina.HST	que	se	NEG	
L3	[COND N2 (PTS)]	[
L1	sta,	m-e	ta	mate-l.			
L2	estar.PFV	que-S3SG	IPFV	matar-O3SG			
L3		COMPL]		
	COND_N2 (PTS)]		[NUC_N2 (APD)]		

E, o senhor rei disse ao negro que se... aquela menina... se não estiver, que ele o matará.

(kea_ev_narr_02_160)

Em 58, a prótase com polaridade negativa *si... kel minina... ma si ka sta* ‘se... aquela menina... se não estiver’ limita a ocorrência do evento da apódase com polaridade positiva: *m-e ta mate-l* ‘ele o matará’. Aqui, também, atua a modalidade *realis* no tempo não passado, pois a ocorrência do evento da prótase garante a realização da apódase. Sintaticamente, isso é evidenciado pela ausência da marca de aspecto no predicado da prótase conjugada à

presença da marca imperfectiva/prospectiva no predicado da apódase, sem marca temporal de passado nem na prótase nem na apódase.

A polaridade negativa pode atuar igualmente na prótase e na apódase, configurando, também, a modalidade *irrealis* no tempo não passado, como se pode ver em 59.

(59)

L1	Nbés	e	fla:	"Béntu,	Óra,	Xintidu,
L2	Então	S3SG	dizer.PFV	Vento	Hora	Sentido
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
L1	si	nhos	ka	bale-m	d-e(s)	frónta
L2	se	S2PL	NEG	valer.PFV-O1SG	de-DEM.P	aflição
L3	[COMPL 1		
				COND N2 (PTS)		
L1	ki	N	sta	li,	nhos	ka
L2	que	S1SG	estar.PFV	aqui	S2PL	NEG
L3	[COMPL 1		
				COND N2 (PTS)		
L1	ta	kumé	na	pónta	nha	mésa,
L2	IPFV	comer	em	ponta	POSS.1SG	mesa
L3	[COMPL 1		
				NUC 1 N2 (APD)		
L1	nhos	ka	ta	bebe	na	pónta
L2	S1PL	NEG	IPFV	beber	em	ponta
L3	[COMPL 2		
				NUC 2 N2 (APD)		
L1	nha	kópu,	nhos	ka	ta	detâ
L2	POSS.1SG	copo	S2PL	NEG	IPFV	deitar
L3	COMPL 2]	[COMPL 2	
	NUC 2 N2 (APD)]	[NUC 3 N2 (APD)	
L1	na	pónta	nha	káma.		
L2	em	ponta	POSS.1SG	cama		
L3	[COMPL 2]	
		NUC 3 N2 (APD)]	

Então, ele disse: Vento, Hora, Sentido, se vocês não me ajudarem nesta aflição que estou, vocês não comerão na ponta da minha mesa, vocês não beberão na ponta do meu copo, vocês não deitarão na ponta da minha cama.

(kea_ev_narr_12_290_298)

No exemplo 59, a ausência da marca de aspecto no predicado da prótase com a presença do imperfectivo/prospectivo sem marca temporal no predicado das apódases também evidencia a atuação do modo *realis* no tempo não passado. Contudo, 59 apresenta uma estrutura interessante, pois uma única prótase *si nhos ka bale-m d-e(s) frónta ki N sta li* ‘se vocês não me ajudarem nesta aflição que estou’ depende igualmente de três apódases coordenadas entre si por justaposição: *nhos ka ta kumé na pónta nha mésa, / nhos ka ta bebê na pónta nha kopu, / nhos ka ta detâ na pónta nha káma* ‘vocês não comerão na ponta da minha mesa, / vocês não beberão na ponta do meu copo, / vocês não deitarão na ponta da minha cama’. A relação lógico-

semântica entre essas cláusulas estabelece que a não realização do evento da prótase [+ negativo] acarreta a realização dos três eventos das apódases [+ negativo].

A polaridade oposta também pode ser empregada com propósito de esclarecer a informação contida na relação condicional, como ocorre em 60.

(60)

L1	E	fla:	si	bu	tra-m	di
L2	S3SG	dizer.PFV	se	S2SG	tirar.PFV- O1SG	de
L3	[MATRIZ]	COMPL 1		
COND_N2 (PTS)						
L1	li,	N	ta	kontenti,	má	si
L2	aqui	S1SG	IPFV	alegrar	mas	se
L3		COMPL 1				[COND_N2
NUC (APD)						
L1	bu	ka	tra-m	di	li,	N
L2	S2SG	NEG	tirar.PFV- O1SG	de	aqui	S1SG
L3			COMPL 2			
COND_N2 (PTS)						
L1	ka	ku...	N	ka	ta	fika-u
L2	NEG	HST	S1SG	NEG	IPFV	ficar-O2SG
L3			COMPL 2			
NUC (APD)						
L1	diskontenti	tá,	purké	a-mi,	nha	dos
L2	descontente	também	porque	T1SG	POSS.1SG	dois
L3	COMPL 2				COMPL 3	
NUC (APD)						
L1	irmon,	ki	nu	nasi	na	un
L2	irmão	que	S1PL	nascer.PFV	em	um
L3			COMPL 3			
L1	mai	ku	pai,	dexa-m	li.	
L2	mãe	e	pai	deixar.PFV- O1SG	aqui	
L3			COMPL 3			

Ele disse: se me tirares daqui, eu ficarei contente, mas se não me tirares daqui, eu não... Eu não ficarei triste contigo, porque meus dois, que nascemos em uma [mesma] mãe e pai, deixaram-me aqui.

(kea_ev_narr_01_248_250)

O exemplo 60 é formado por duas relações de condição coordenadas entre si pelo conector contrastivo *más* ‘mas’. Ambas apresentam modalidade *realis* no tempo não passado, com ausência da marca de aspecto no predicado da prótase e aspecto imperfectivo/prospectivo no predicado da apódase. A primeira relação *si bu tra-m di li, N ta kontenti* ‘se me tirares daqui, eu ficarei contente’ apresenta polaridade positiva tanto na prótase quanto na apódase. Para evitar que o interlocutor interprete que, caso o evento dependente não ocorra, o nuclear também não ocorrerá, a locutora esclarece a informação, reformulando a relação condicional pela

inversão da polaridade e mostrando, ao contrário do esperado, que a negação do evento condicional não desencadeia um evento nuclear contrário ao da primeira relação condicional: *más si bu ka tra-m di li, N ka ku... N ka ta fika-u diskontenti tá* ‘mas se não me tirares daqui, eu não... Eu não ficarei triste contigo’. Por essa razão, ela emprega o coordenador contrastivo *más* ‘mas’ para expressar o sentido de ideias parcialmente opostas.

A adverbial condicional, como as demais, também pode subordinar outras cláusulas. Os exemplos 61 e 62 mostram adverbiais condicionais que subordinam até o nível 3 (N3) na estrutura sintática.

(61)

L1	Si	bu	kre	sabi	ma	makáku
L2	se	S2SG	querer.PFV	saber.PFV	que	macaco
L3	[[MATRIZ_N2]	[COMPL N3
				COND (PTS)		
				[COMPL_N2/MATRIZ_N3]	
L1	é	sábi,	bu	bota	riba	(b)u
L2	ser.PFV	gostoso	S2SG	botar.IMP	cima	S2SG
L3	COND (PTS)]	[NUC (APD) / JSP 1]	[JSP 2
	COMPL N3					
L1	pega	ku	bóka.			
L2	pegar.IMP	com	boca			
L3	JSP 2					

Se quiseres saber como o macaco é gostoso, bote[-o] para cima, pegue[-o] com a boca.

(kea_ev_narr_04_123_125)

(62)

L1	Dj-e	st-á	ta...	má	e	ta
L2	ACTS3SG	PROG-ir	HST	mas	S3SG	IPFV
L3	[JSP 1]	[COORD 2/NUC	
L1	benba	tudu	ku	mutxukeru	ki	s-é
L2	vir.PST	todo	com	empregado	que	se-ser.PFV
L3		COORD 2 / NUC]	[
						CONSQ 1
						[COND_N2(PTS)]
						[NUC N3
L1	pa	minina	bai	minina	ka	ta
L2	para	menina	ir.PFV	menina	NEG	IPFV
L3				CONSQ 1		
]	[NUCL_N2 (APD)
]
						PROP N3
L1	bai	purké	mutxukerus	ta	briga.	
L2	ir	porque	empregado.PL	IPFV	brigar	
L3	CONSQ1]	[CONSQ 2	[

Ela [Diéga de Liána] já estava indo ta... mas ela tinha vindo bem acompanhada com todos os seus empregados, que, si era para a menina [Diéga de Liána] ir [com o rapaz], a menina não iria, porque os empregados brigariam [para impedi-la].

(kea_ev_narr_11_096_098)

Em 61, a prótase *si bu kre sabi ma makáku é sabi* ‘se quiseres saber como macaco é gostoso’ é constituída por uma matriz *si bu kre* ‘se quiseres’ que encaixa uma completiva zero¹³¹ de nível dois (N2) *sabi ma makáku é sabi* ‘saber como macaco é gostoso’. Essa completiva, por sua vez, é formada por uma matriz *sabi* ‘saber’ que encaixa outra completiva de nível três (N3) *ma makáku é sabi* ‘como macaco é gostoso’ introduzida pelo complementizador de completivas declarativas *ma* ‘que’.

Em 62, a estrutura complexa se dá apenas por relações adverbiais. Essa ocorrência é formada por duas cláusulas coordenadas interligadas pelo coordenador contrastivo *más* ‘mas’, em que a segunda coordenada subordina duas adverbiais de consequência, sendo a primeira constituída pela relação de condição. Assim, a prótase *s-é pa minina bai* ‘se é para a menina ir’ e a apódase *minina ka ta bai* ‘a menina não vai’ estão no nível dois (N2) da estrutura sintática. Por conseguinte, a condicional apresenta uma nuclear *s-é* ‘se é’, subordinando uma adverbial de propósito de nível três (N3) *pa bai* ‘para ir’. Portanto, como evidenciam esses exemplos, as condicionais, assim como as temporais, permitem estruturas sintaticamente mais complexas até mesmo estabelecendo relações de outro tipo, como é o caso visto em 61, em que a condicional encaixa uma completiva.

O conector condicional prototípico, em cabo-verdiano, é *si* ‘se’. O *corpus* não apresenta condicionais zero¹³². Contudo, o conector *pa* ‘pa’, que é prototipicamente conector das relações adverbiais de propósito, também pode atuar estabelecendo a relação de condição.

(63)

L1	Nha	tiu,	góra,	pa	nu	bá,
L2	POSS.1SG	tio	agora	para	S1PL	ir.PFV
L3	[VOC]			[COND 1 (PTS)]		
L1	pa	nhu	bá	manpatár	di	nhu
L2	para	senhor	ir.PFV	planta	de	senhor
L3	[COND 2 (PTS)]					
L1	rai,	fla	Xibinhu,	gosi	nu	ta
L2	rei	disse	Xibinhu	agora	S1PL	IPFV
L3	[JSP 1]	[VOC]	[NUC (APD) / JPS 2]			
L1	pegádu.					
L2	pegar.PASS.PRES					
L3	NUC (APD) / JSP 2]					

¹³¹ Completiva não introduzida por complementizador.

¹³² Condicionais não introduzidas por conector.

*Meu tio, agora, para irmos, para o senhor ir ao manpatar¹³³ do senhor rei, disse:
Xibinho¹³⁴, agora nós seremos pegos.*

(kea_ev_narr_05_94_98)

As duas condicionais do exemplo 63 *pa nu bá* ‘para irmos’ e *pa nhu bá manpátar di nhu rai* ‘para o senhor ir à planta do senhor rei’ dependem da mesma nuclear *Xibinhu, gosi nu ta pegádu* ‘Xibinho, agora nós seremos pegos’. Aqui o conector *pa* ‘para’ desempenha a mesma função do conector *si* ‘se’ e estabelece a relação de condição com modalidade *realis* no tempo não passado, evidenciada pela ausência da marca aspectual nas prótases e pela presença da marca do imperfectivo/habitual na apódase.

4.1.2.2 Análise quantitativa

Os conectores de condição *pa* ‘para’ e *si* ‘se’ são os únicos que ocorrem em nível um (N1) da estrutura sintática. Já no nível dois (N2), os conectores *si* ‘se’ e *ki* ‘que’ (retomando o conector *si* ‘se’) são os que ocorrem. As tabelas 5 e 6 mostram a frequência de uso dos conectores condicionais, em nível um (N1) e dois (N2).

Tabela 5 – Frequência de uso dos conectores condicionais em discurso não direto (DND) e discurso direto (DD), em N1 e N2

Conectores	Discurso não direto		Discurso direto		Total	%
	Nº de ocorrência em N1	Nº de ocorrência em N2	Nº de ocorrência em N1	Nº de ocorrência em N2		
<i>si</i>	5	10	-	18	33	82,5%
<i>ki (Rt_si)</i>	-	2	-	3	5	12,5%
<i>pa</i>	-	-	2	-	2	5%
Total	5	12	2	21	40	100
%	12,5%	30%	5%	52,5%	100,00%	
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA	Dicurso direto em N2				0,525	
ÍNDICE INVERSO					0,475	

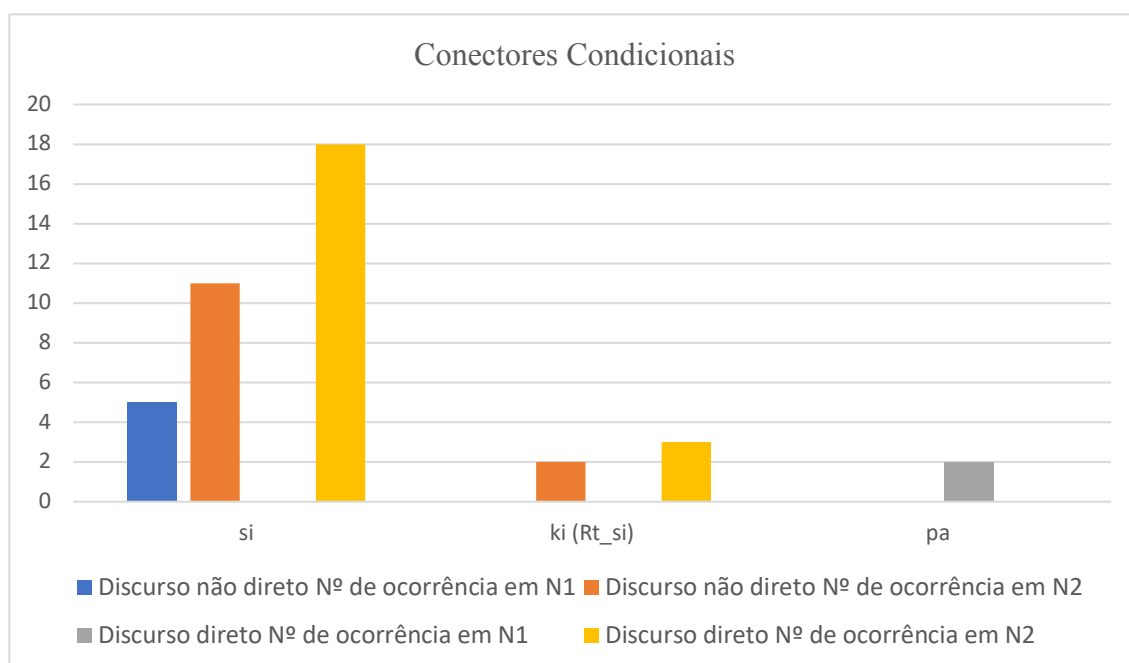
Fonte: Elaborada pela autora.

¹³³ Provavelmente uma forma relacionada com o *mampatás*, nome designando uma árvore de frutos comestíveis em crioulo de Casamansa (BIAGUI, não publicado), cujo nome científico é *Parinari excelsa*.

¹³⁴ A locutora troca os nomes das personagens, usando *Xibinhu* onde deveria empregar *Lobu*.

Entre as 40 ocorrências de cláusulas condicionais, 17 (42,5% = 12,5% + 30%) são em discurso não direto e 23 (57,5% = 5% + 52,5%) são em discurso direto. Portanto, percebe-se logo um equilíbrio na realização entre esses dois tipos de discursos, nesse tipo de adverbial. Além disso, essas 41 ocorrências atestam a prototipicidade do conector *si* ‘se’ (82,93% das ocorrências) para as condicionais em LCV. Contudo, é interessante notar o emprego do conector *pa* ‘para’, mesmo com apenas duas ocorrências no *corpus*, que é prototipicamente um conector de propósito. O emprego desse conector com valor condicional (exemplo 63) pode se dar devido à semântica do verbo dependente, que é um verbo de movimento (*bai* ‘ir’), o que faz com que a preposição *pa* ‘para’, gramaticalizada em conector, tenha um efeito mais dinâmico para o discurso. A distribuição dos conectores das cláusulas de condição nos dois discursos e níveis da estrutura sintática podem ser visualizados, também, no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Emprego dos conectores condicionais em discurso direto e não direto, em N1 e N2



Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, a adverbial de condição é usada, também, para dar ênfase a um evento, como é o caso de 64.

(64)

L1	Si	Mariâ	bira	bunita,	moki	bira...
L2	se	Maria	virar.PFV	bonita	como	virar.PFV
L3	[COND (pseudo)]	[NUC (pseudo)/JSP 1	
L1	go	ki	bira,	si	Mariâ	bira

L2	agora	que	virar.PFV	se	Maria	virar.PFV
L3	NUC (pseudo)/JSP 1			[COND (pseudo)	
L1	ta	lumina,	go	ki	lumina.	
L2	IPFV	iluminar	agora	que	iluminar.PFV	
L3	COND (pseudo)		NUC (pseudo)/JSP 2			

Se a Maria já tinha ficado bonita, agora que ficou [mesmo], se Maria já tinha começado a iluminar, agora é que iluminou [mesmo].

(kea_ev_narr_02_146)

O exemplo 64 é formado por duas relações condicionais coordenadas entre si por justaposição. Tanto a primeira relação *si Mariâ bira bunita, moki bira... go ki bira* ‘se a Maria ficou bonita, agora é que ficou [mesmo]’ quanto a segunda *si Mariâ bira ta lumina, go ki lumina* ‘se Maria começou a iluminar, agora é que iluminou [mesmo]’, apesar de apresentarem estruturas sintaticamente prototípicas da relação condicional (introduzidas pelo conector *si* ‘se’, antepostas à nuclear) não impõem uma relação de condição. Aqui, a prótase traz uma informação que é enfatizada na apódase, ou seja, Maria já tinha ficado bonita e ficou ainda mais (primeira relação de condição) e Maria já tinha começado a iluminar e iluminou ainda mais.

O aspecto verbal nas adverbiais de condição, além de expressar a duratividade dos predicados nuclear e dependente (se é perfectivo, imperfectivo ou progressivo), também desempenha um papel importante na configuração da modalidade (se *realis* ou *irrealis*). A tabela 6, a seguir, mostra a correlação do emprego dos conectores com o aspecto e a polaridade do predicado em nível um (N1) e dois (N2), em discusso não direto (DND) e direto (DD), nas narrativas do *corpus*.

Tabela 6 – Correlação do emprego dos conectores com as marcas aspectuais e a polaridade nas condicionais em discurso não direto (DND) e direto (DD)

Aspecto e Polaridade											Total	%
Conector	DND		DD	DND			DD					
	N1			N2								
	PFV	IPFV	PFV	PFV		COP PRS	PFV		IPFV	COP PRS		
	P			P	N	P	P	N	P	P		
si	4	1		5	3	2	9	5	1	3	33	82,5
ki [Rt si]	-	-		2	-		1	2	-		5	12,5
pa			2				-	-	-		2	5
TOTAL	4	1	2	7	3	2	10	7	1	3	40	100
%	10	2,5	5	17,5	7,5	5	25	17,5	2,5	7,5	100	
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA	PFV - P									0,525		
ÍNDICE REVERSO										0,475		

Fonte: Elaborada pela autora.

Na Tabela 6, revela-se a predominância (82,5% = 17,5% + 7,5% + 5% + 25% + 17,5% + 2,5% + 7,5%) de realização das condicionais no nível dois. De fato, esse tipo de adverbial não se mostra produtiva no nível um (N1), visto que, dos 40 dados, apenas 7 se realizam nesse nível. Isso se dá porque, nas narrativas, geralmente, as condicionais estão em atos de fala, isto é, inseridas em completivas de elocução. Além disso, destaca-se, também, o percentual total da polaridade negativa (25% = 7,5% em DND + 17,5% em DD), que mostra um valor bastante elevado ao do percentual dessa polaridade na totalidade do *corpus* (6,73%). Isso mostra que, nos contos tradicionais do cabo-verdiano, a não realização do evento dependente condicional, também, a realização do evento nuclear.

Não há ocorrências de condicionais nos demais níveis da estrutura sintática. Quanto à posição da condicional em relação à sua nuclear, a estatística é bastante polarizada, pois todas (40 dados) as condicionais ocupam posição anteposta à sua nuclear nos dois níveis da estrutura sintática (N1 e N2), tanto em discurso não direto como em discurso direto.

No parâmetro entrelaçamento, ou seja, o compartilhamento de argumentos entre as cláusulas condicionais e suas nucleares, dos 40 dados, 24 (60%) das cláusulas compartilham argumentos com suas nucleares e 16 (40%) não o fazem.

4.1.3 Propósito

A relação de propósito liga dois estados de coisas, sendo que o nuclear se realiza para possibilitar a realização do dependente (CRISTOFARO, 2003, p. 157).

4.1.3.1 Análise qualitativa

Em LCV, o conector prototípico que estabelece a relação de propósito é *pa* ‘para’. Contudo, essa relação pode se dar sem a intervenção de um conector ou intermediada por preposições, como *di* ‘de’ e *ku* ‘com’, funcionando como conectores adverbiais. Em 65 e 66, temos exemplos de adverbiais de propósito introduzida pelo conector prototípico *pa* ‘para’.

(65)

L1	E	ben	ku	ei	p-e	ben
L2	S3SG	vir.PFV	com	T3SG	para-S3SG	vir.PFV
L3	[NUC]	[PROP

L1	trazi		gentis.	
L2	trazer.PFV		para	
L3	PROP]

Ele [Pedro] trouxe-a [a menina mais nova] para ele entregar [a menina] às pessoas.
(kea_ev_narr_01_215)

(66)

L1	Xibinhu	bai	pa		txiga	na	mésa
L2	Xibinho	ir.PFV	para		chegar.PFV	em	mesa
L3	[NUC/JSP 1]						PROP

L1	purmeru,	Lobo	pintxa-l.
L2	primeiro	Lobo	empurrar.PFV-O3SG
L3	PROP		JSP 2

Xibinho foi para chegar na mesa primeiro, [mas] o Lobo o empurrou.
(kea_ev_narr_124_126)

Em 65, o propósito do estado de coisas nuclear codificado pelo predicado *ben ku ei* ‘trazê-la’ é o estado de coisas dependente, a saber, *p-e ben trazi gentis* ‘para entregar às pessoas’. Nesse exemplo, a relação de propósito funda-se na relação lógico-semântica apoiada pela intermediação do conector *pa*. Em geral, o emprego desse conector pode restringir o emprego das marcas de tempo e aspecto. Portanto, os predicados dependentes tendem a apresentar verbos não finitos. Nesses exemplos, os referentes de sujeitos são partilhados entre nucleares e dependentes. Por isso, em 66, o sujeito da adverbial está subentendido. No entanto, pode-se, também, ter referentes de sujeitos distintos na nuclear e na adverbial, como se pode ver em 67.

(67)

L1	E	dixi,	e	pánha	águ,	[...]	e
L2	S3SG	descer.PFV	S3SG	apanhar.PFV	água		S3SG
L3	[JSP 1]		[JSP 2]				[JSP 3]

L1	da	Pálu	bebi,
L2	dar.PFV	Paulo	beber.PFV
L3	JSP 3/NUC		[PROP]

Ele [Pedro] desceu, ele apanhou a água, [...] ele deu a Paulo [para] beber.
(kea_ev_narr_01_233_235)

O exemplo 67 traz uma série de três cláusulas coordenadas entre si, mostrando a sequência de ações de Pedro para dar água a seu irmão, Paulo. A terceira cláusula dessa série é, também, nuclear da adverbial de propósito. A adverbial de propósito não é ligada por nenhum conector, ou seja, trata-se de uma adverbial de propósito zero¹³⁵ e o complemento do verbo da

¹³⁵ Nesta pesquisa, todas as cláusulas dependentes não introduzidas por conectores são denominadas *zero*.

nuclear (ou seja: *Pálu* ‘Paulo’) é, também, o sujeito da adverbial de propósito. Mesmo sem a intermediação de conector, o verbo da adverbial não apresenta marcas de aspecto e/ou tempo, como acontece nas cláusulas de propósito intermediadas pelo conector *pa* ‘para’. Aqui o verbo está na forma não finita, o que caracteriza uma maior integração entre a dependente e sua nuclear. Uma relação semelhante, mas no nível dois (N2) da estrutura frásica, está em 68.

(68)

L1	Más	un	monti	limária,	k-e(s)	ka
L2	mas	um	monte	animal	que-S3SG	NEG
L3	[NUC]	[CONSQ
					[NUC_N2
<hr/>						
L1	ten	náda	fazi	ku	el	
L2	ter.PFV	nada	fazer.PFV	com	T3SG	
L3			CONSQ]
	NUC_N2]	[PROP_N2]

Mas um monte de animal, que eles não tem nada [para] fazer com eles.

(kea_ev_narr_03_066)

O exemplo 68 também apresenta uma adverbial de propósito zero, cuja relação com sua nuclear se estabelece no interior de uma adverbial de consequência, porém, de nível um (N1) na estrutura frásica *k-e(s) ka ten náda fazi ku el* ‘que eles não têm nada [para] fazer com eles’. Na relação de nível dois (N2), a nuclear *e(s) ka ten nada* ‘eles não têm nada’ apresenta polaridade negativa e aspecto perfectivo, enquanto a adverbial de propósito *fazi ku el* ‘[para] fazer com eles’ apresenta polaridade positiva e verbo na forma não finita, como é comum nesse tipo de adverbial.

Há um outro tipo de estrutura zero, que pode ser considerada como adverbial de propósito zero, em que a cláusula nuclear tem predicado codificado por verbo no imperativo. Essa estrutura não ocorre no *corpus*, mas é bastante comum no santiaguense, por isso a exemplificamos aqui.

(69)

L1	Da-m	águ,	N	bebi		
L2	dar.IMP-O3SG	água	S3SG	beber.PFV		
L3	[NUC]	[PROP]

Dê-me água [para] eu beber.

Em 69, a cláusula nuclear tem predicado codificado por verbo no imperativo e a cláusula de propósito zero (sem conector), por verbo perfectivo. A relação de propósito aqui é condicionada pela realização do ato diretivo expresso na nuclear. Lang (no prelo, seção 4.2.1.3)

ressalta que o imperativo, no santiaguense, é uma “categoria da fala”, não tendo formas específicas para sua codificação¹³⁶.

A relação de propósito também pode dar-se intermediada por outros conectores, como *di* ‘de’, em 57¹³⁷, retomado aqui, e *ku* ‘com’, em 70 e 71.

(57)

L1	A-li	argen,	si	móri,	ki	ka
L2	aqui	pessoa	se	morrer.PFV	que	NEG
L3	[TOP]	[[TOP]		COND (PTS)		
L1	ten...	ki	bu	debi	algen,	k-u
L2	ter.PFV	que	S2SG	dever.PFV	pessoa	que-S2SG
L3				COND (PTS)		[NUC N2
L1	ka	ten	dinheru	di	pága,	ók-u
L2	NEG	ter.PFV	dinheiro	de	pagar.PFV	quando-S2SG
L3			COND (PTS)] [TEMP
		NUC N2			PROP	
L1	móri,	tudu	ken	ki	bu	debi
L2	morrer.PFV	todos	quem	que	S2SG	dever.PFV
L3					NUC (APD)	
L1	ta	da-u	un	posáda.		
L2	IPFV	dar-O2SG	um	paulada		
L3		NUC (APD)				

Aqui, a pessoa, se morrer, se não tiver... se dever [alguma coisa] a alguém, se não tiver dinheiro para pagar, quando morrer, todas as pessoas a quem você deve dar-lhe-ão uma paulada.

(kea_ev_narr_01_120)

(70)

L1	Y	un	bélu	dia	dja	dura
L2	E	um	belo	dia	já	demorar.PFV
L3			JSP 1		[JSP 2/NUC]	
L1	ku	ben,	dja	dura	ku	ben,
L2	com	vir.PFV	já	demorar.PFV	com	vir.PFV
L3	[PROP]		[JSP 3/NUC]		[PROP]	
L1	Bokáji	bá	ta	pása	la	na
L2	Bocaji	ir.PFV	IPFV	passar	lá	em
L3				JSP 4		
L1	bera	káza	di	rainha.		
L2	beira	casa	de	rainha		
L3		JSP 4				

E um belo dia, depois de ter passado muito tempo, depois de ter passado muito tempo (lit. 'já demorou com vir, já demorou com vir'), Bocaji foi passando na beira da casa da rainha.

(kea_ev_narr_03_197)

¹³⁶ Lang (no prelo, seção 4.2.1.3) mostra quatro indícios do imperativo evidenciados na fala: 1) a entoação; 2) a ausência das marcas aspectuais; 3) a ausência do pronome sujeito no primeiro ato diretivo de uma série de atos de fala; 4) a anteposição da partícula de negação (*ka*) ao pronome sujeito (*ka bu kumi, ka bu bebi* ‘não coma [e] não beba’).

¹³⁷ Exemplo analisado ao tratar das adverbiais condicionais e retomado aqui.

(71)

L1	Minina	bránka	ki	da	kustu	ku	suste	
L2	Menina	branca	que	dar.PFV	custo	com	segurar.PFV	
L3	[NUC]	[CONSQ]		
			[NUC_G2]	[PROP_G2]

Menina branca que é difícil segurar.

(kea_ev_narr_11_166)

É interessante notar que, em 57 e 71, as adverbiais de propósito *di pága* ‘de pagar’ e *ku suste* ‘para segurar’ assemelham-se a cláusulas relativas, pois o propósito refere-se semanticamente a todo o predicado, incluindo o complemento, e não somente ao verbo nuclear. Esse não é o caso de 70, que não apresenta complemento verbal, já que *ben* ‘vir’ é intransitivo, nesse contexto. Todos os verbos dessas adverbiais de propósito também não apresentam marcas de tempo e aspecto, estando, assim, na forma não finita. A forma verbal e o compartilhamento de sujeito entre a adverbial e a nuclear caracterizam maior integração entre elas.

Essa proximidade sintático-semântica entre a adverbial de propósito e a relativa também pode ser vista em outros exemplos introduzidos pelo conector *pa* ‘para’.

(72)

L1	Más	akalia	ki	kaminhu	p-es	andába			
L2	mas	calhar.PFV	que	caminho	para-S3SG	andar.PFV.PST			
L3	[MATRIZ]	[COMPL]			
L1				[NUC_N2 ?]	[PROP_N2 ?]
L2	é	mutu	lonji.						
L3	ser.PFV	muito	longe						
		COMPL]						
	[NUC_N2 ?]						

Mas calhou que o caminho para eles andarem é muito longe.

(kea_ev_narr_03_032)

(73)

L1	Kánt-e	ben	mo	ku	fomi	pa	móri
L2	Quando-S3SG	vir.PFV	INTJ	com	fome	para	morrer.PFV
L3	[TEMP/NUC_N2]	[PROP_N2 ?]
L1	a-bo...	a-bo	é	si...	e	fla	si
L2	T2SG	T2SG	ser.PFV	assim	S3SG	dizer.PFV	POSS.3SG
L3		HST			[NUC]
L1	pai	modi	ki...	modi	ki	minina	fla-i.
L2	pai	como	que	como	que	menina	dizer-O3SG.
L3			NUC]

Quando ele veio, menino, com fome para morrer (você... você é assim...), ele disse ao seu pai como que... como que a menina lhe disse.

(kea_ev_narr_11_066)

(74)

L1	Pedru	góra	sta	kuázi	p-e	txiga	káza.
L2	Pedro	agora	estar.PFV	quase	para-S3SG	chegar.PFV	casa
L3	[NUC]			[PROP ?]			

Pedro agora está quase para chegar em casa.

(kea_ev_narr_12_274)

Em 72, a cláusula em destaque *p-es andába* ‘para eles andarem’ localiza-se logo após o sujeito da nuclear *kaminhu* ‘caminho’ e refere-se a ele. Nesse caso, não se pode dizer que o estado de coisas nuclear |ser muito longe| é realizado com o propósito da execução do estado de coisas dependente |andar|. O mesmo ocorre em 73, em que o estado de coisas dependente |morrer| é obviamente um modificador do sintagma preposicional *ku fomi* ‘com fome’.

Em 74, tem-se um caso particular em que a adverbial *p-e txiga káza* ‘para ele chegar em casa’ exerce a função de predicativo do sujeito, ocupando o mesmo espaço do adjetivo na frase paralela *Pedru góra sta kuazi pruntu* ‘Pedro agora está quase pronto’. Apesar de sintaticamente estruturar-se como uma adverbial de propósito, ou seja, introduzida pelo conector de propósito prototípico *pa* ‘pa’, com verbo dependente na forma não finita e compartilhamento do referente do sujeito. A adverbial parece não configurar, numa perspectiva lógico-semântica, no propósito da nuclear *Pedru sta kuazi* ‘Pedro está quase’. Podemos dizer, portanto, que 72, 73 e 74 são *pseudoadverbiais de propósito* e, por isso, integram-se melhor às cláusulas relativas.

A adverbial de propósito pode, também, ser nuclear para uma outra adverbial de propósito de nível 2 (N2), como se pode ver em 75.

(75)

L1	Tudu	ke(s)	mutxukerus	di	kei	rubêra
L2	Todo	aquele.PL	servo.PL	de	aquele	ribeira
L3	[NUC]			[NUC]		
L1	bu(s)ka	pa	pega	minina	ku	mos
L2	buscar.PFV	para	pegar.PFV	menina	com	moço
L3] [PROP			
L1	ku	tudu,	pa	máta	kabálu.	
L2	com	tudo	para	matar.PFV	cavalo	
L3	[NUC N2]		PROP] [PROP N2]	

Todos aqueles servos daquela ribeira esforçaram-se para pegar a menina com o moço e tudo, com o fim de matar o cavalo [do moço].

(kea_ev_narr_11_108)

Em 75, a adverbial de propósito *pa pega minina ku mos ku tudu* ‘para pegar a menina com o moço e tudo’ é, também, nuclear de nível dois (N2) da adverbial de propósito de nível dois (N2) *pa máta kabálu* ‘para matar o cavalo’. Ambas adverbiais são interligadas às suas nucleares pelo conector prototípico *pa* ‘para’, apresentando verbos na forma não finita e compartilhamento de sujeito.

O conector *pa* ‘para’ funciona, também, como complementizador para completivas de verbo de manipulação, tendo um sentido bastante próximo da adverbial de propósito, já que, nas completivas de verbo de manipulação, o estado de coisas dependente configura-se no objetivo da manipulação requerida pelo estado de coisas matriz.

(76)

L1	Otu	fla	pa	po	pon	ku	sukri	pa	de-l
L2	outro	dizer.PFV	para	pôr.PFV	pão	com	açúcar	para	dar.PFV-O3SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL]	
				[NUC_N2			[PROP_N2

O outro disse para pôr pão com açúcar para dar-lhe [= ao outro].

(kea_ev_narr_11_034)

O exemplo 76 constitui-se de uma cláusula matriz *otu fla* ‘o outro disse’, codificada por um verbo de manipulação *fla* ‘dizer’, a qual encaixa uma completiva *pa po pon ku sukri pa de-l* ‘para pôr pão com açúcar para dar-lhe’. A completiva, por sua vez, é formada por uma nuclear de nível dois (N2) *po pon ku sukri* ‘pôr pão com açúcar’ e uma adverbial de propósito de nível dois (N2) *pa de-l* ‘para dar-lhe’. Tanto a completiva como a adverbial apresentam características sintáticas semelhantes, como o conector *pa* que faz a ligação entre as cláusulas e os predicados da nuclear e da matriz. Contudo, na adverbial, há compartilhamento do referente sujeito, o que não ocorre na completiva, mas o referente do sujeito da cláusula matriz e do complemento da adverbial é o mesmo. Além disso, o estado de coisas codificado pela última cláusula tem resultado no objetivo do estado de coisas de sua nuclear ‘pôr pão com açúcar’ e não se trata do resultado da manipulação do verbo da cláusula matriz *fla* ‘dizer’, como é o caso da completiva *pa po pon ku sukri* ‘para pôr pão com açúcar’. Essa proximidade sintático-semântica com o verbo de manipulação também pode ser vista com o verbo causativo *po* ‘pôr’, em 77 e 78.

(77)

L1	Gosi	li	ki	Nho(r)	Dê(s)	dja
L2	Agora	aqui	que	Senhor	Deus	ACT
L3	[NUC		

L1	da-m	nha	makáku	pa	N	ben
L2	dar.PFV- O1SG	POSS.1SG	macaco	para	S1SG	ir.PFV
L3		NUC] [PROP
L1	nguli,	pa	u	(b)en	po-m	pa
L2	engolir.PFV	para	S2SG	vir.PFV	por.PFV- O1SG	para
L3	PROP] [INSUB		
		[MATRIZ_N2	[[COMPL_N2 [COMPL_3
					[MATRIZ_N3]	
L1	N	perde-i?				
L2	S1SG	perder.PFV- O3SG				
L3	INSUB]				
	COMPL_N2]				
	COMPL_N3]				

Bem agora que o Senhor Deus já me deu meu macaco para eu vir engolir, para você vir me fazer perdê-lo?

(kea_ev_barr_04_133_135)

(78)

L1	Muieri	fasi	ses	armusu,	po	kueiu
L2	Mulher.PL	fazer.PFV	POSS.3PL	almoço	pôr.PFV	coelho
L3		JSP 1] [JSP 2/ NUC]
L1	p-á	txom-(es).				
L2	para-ir.PFV	chamar.PFV-O3PL				
L3	[COMPL]			

As mulheres fizeram seus almoços, puseram o coelho para ir chamá-los.

(kea_ev_narr_10_107_109)

Em 77 e 78, as cláusulas, respectivamente, *pa N perde-i* ‘para eu perdê-lo’ e *p-á txom-(es)* ‘para ir chamá-los’ expressam o objetivo do estado de coisas nuclear codificado pelo verbo causativo *po* ‘pôr’. Cristofaro (2003, p. 104) defende que os predicados de manipulação podem ser divididos em duas classes; a primeira classe é formada por verbos causativos, como *make*, *force*, *press*¹³⁸, e a segunda classe é formada por expressões de pedido, tal como ‘ordenar’, ‘mandar’. Ela entende, portanto, que as cláusulas que dependem desse tipo de predicado são completivas e não adverbiais. Contudo, a autora não dá critérios para distingui-las das relações circunstanciais de propósito, talvez porque essa distinção não seja discreta. Numa perspectiva semântica, pode-se dizer que temos três espaços de argumentos requeridos pelo verbo *po* ‘pôr’, o do agente da manipulação, o do afetado pela manipulação e o do resultado da manipulação. Por exemplo, em 78, *muieri* ‘mulheres’ é o agente da manipulação, *kueiu* ‘coelho’ é o afetado, e *p-á txom-(es)* ‘para ir chamá-los’ é o resultado da manipulação. Por

¹³⁸ ‘fazer’, ‘obrigar’, ‘compelir, fazer pressão sobre’ [tradução nossa].

consequente, nessa perspectiva semântica, podemos incluir esse tipo de cláusula entre as completivas.

As subordinadas adverbiais de propósito podem apresentar polaridade positiva ou negativa sem qualquer mudança sintática relevante, como se atesta em:

(79)

L1	Xibinhu	fla-i:	é	si,	nha	tiu,
L2	Xibinhu	dizer.PFV-O3SG	ser.PFV	assim	POSS.1SG	tio
L3	[MATRIZ	[COMPL 1]
L1	mi	ke-li	N	áta	á	ku-al
L2	T1SG	DEM.P	S1SG	PROG	ir	com-T3SG
L3	[TOP]	[TOP]	[COMPL 2]
			NUC N2			
L1	pa	N	mára	nha	mai	ku
L2	para	S1SG	amarrar.PFV	POSS.1SG	mãe	com
L3			COMPL 2			
			PROP_N2 / NUC N3			
L1	nha	pai	pa	béntu	ka	pánha
L2	POSS.1SG	pai	para	vento	NEG	apanhar.PFV
L3			COMPL 2			
	PROP_N2 / NUC N3			PROP_N3/NUC N4		
L1	pa	N	ka	fika		sen
L2	para	S1SG	NEG	ficar.PFV		sem
L3			COMPL 2			
			PROP_N4			
L1	es.					
L2	T3PL					
L3	COMPL 2					
			PROP_N4			

Xibinhu disse-lhe: é assim, meu tio, eu, isso aqui, eu estou levando para eu amarrar minha mãe e meu pai para o vento não pegar, para eu não ficar sem eles.

(kea_ev_narr_04_043)

O exemplo 79 traz três adverbiais de propósito, sendo a primeira *pa N mára nha mai ku nha pai* ‘para eu amarrar minha mãe e meu pai’, no nível dois (N2) da estrutura sintática, a segunda *pa bentu ka pánha* ‘para o vento não apanhar’, no nível 3 (N3) e a terceira *pa N ka fika sen es* ‘para eu não ficar sem eles’, no nível quatro (N4). A adverbial de nível dois (N2) tem polaridade positiva e as demais, negativa. No entanto, todas são ligadas às suas nucleares pelo conector *pa* ‘para’, têm predicados codificados por verbos na forma não finita, apresentam sujeitos explícitos, sendo que a primeira tem o mesmo referente sujeito da nuclear, a segunda, não, e o referente sujeito da terceira é o mesmo da primeira adverbial. Apenas o marcador de negação *ka* distingue sintaticamente a polaridade das adverbiais de propósito.

O *corpus* apresenta uma série de até quatro adverbiais de propósito dependendo da mesma nuclear, como mostra 80.

(80)

L1	E	fla:	buru,	batata	ki	N
L2	S3SG	dizer.PFV	burro	batata	que	S1SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL	NUC N2
L1	tinha	lisin		di...	pa	N
L2	ter.PFV.PST	aqui mesmo		HST	para	S1SG
L3				COMPL		
		NUC N2]	[PROP 1 N2
L1	bá	ku	ei,	pa	N	bá
L2	ir.PFV	com	T3SG	para	S1SG	ir.PFV
L3				COMPL		
		PROP 1 N2]	[PROP 2 N2
L1	guá(r)da,	pa	nu	kusia,	pa	nu
L2	guarda	para	S1PL	cozinhar.PFV	para	S1PL
L3				COMPL		
	PROP 2 N2]	[PROP 3 N2]	[
						PROP 4 N2
L1	kumi.					
L2	comer.PFV					
L3	COMPL					
	PROP 4 N2					

Ele disse: burro, batata, que eu tinha bem aqui de... para eu levá-la, para ir guardar, para cozinhar, para comer.

(kea_ev_narr_04_153_155)

O exemplo 80 traz uma série de quatro adverbiais de propósito de nível dois (N2). Todas elas apresentam características sintáticas semelhantes, a saber, introduzidas pelo conector *pa* ‘para’, sujeito explícito, verbo na forma não finita. As duas primeiras compartilham o mesmo referente sujeito (S1SG), enquanto as duas últimas compartilham o referente do sujeito das outras duas (Xibinho) acrescido do referente |Lobo|, por isso expresso na primeira pessoa do plural (S1PL). É possível haver uma série maior de adverbiais de propósito dependendo do mesmo verbo, mas não é algo produtivo no nosso *corpus* oral espontâneo de narrativas, talvez porque uma sequência maior poderia impedir a fluência textual.

Em LCV, há um tipo peculiar de adverbial de propósito focalizada. Tais são as cláusulas introduzidas pelo conector *k-é pa* ‘que é para’, como atestam os exemplos 81, 82 e 83.

(81)

L1	E	txoma	si	mudjer	ku	si
L2	S3SG	chamar.PFV	POSS.3SG	mulher	com	POSS.3SG
L3	[NUC		

L1	fidju	k-é	p-e(s)	bai,	p-e(s)	bá
L2	filho	que-ser.PFV	para-S3PL	ir.PFV	para-S3PL	ir.PFV
L3] [PROP 1/NUC N2] [PROP 2 N2	
L1	fola.					
L2	esfolar.PFV					
L3	PROP 2_N2]					

Ele chamou sua mulher e seu filho, que é para eles irem, para eles irem esfolar [a vaca].

(kea_ev_narr_08_153)

(82)

L1	E	rakátxa	riba	d-ei	go	k-é
L2	S3SG	esforçar-se.PFV	em cima	de-T3SG	agora	que-ser.PFV
L3	[NUC] [PROP1/NUC N2
L1	p-e	rakátxa	p-e	da	ku	matxádu.
L2	para-S3SG	esforçar-se	para-S3SG	dar.PFV	com	machado.
L3	PROP 1/NUC N2] [PROP 2 N2] [

Ele fincou o pé no chão em cima dela [a vaca] agora que é para ele firmar-se para ele cortar com o machado.

(kea_ev_narr_08_199)

(83)

L1	Nbe	e	rabida,	e	fla	pa
L2	Então	S3SG	virar.PFV	S3SG	dizer.PFV	para
L3	[JSP 1] [JSP 2/MATRIZ] [COMPL
L1						[NUC_N2
L2	Mariâ	pentia,	pa	róza	báza,	k-é
L3	Maria	pentear.PFV	para	rosa	derramar.PFV	que-ser.PFV
	COMPL] [PROP_N2] [[
	NUC_N2] [NUC_N3] [[PROP_N3
						[NUC_N4
L1	pa	mánda	buska	kei	vista,	k-é
L2	para	mandar.PFV	buscar.PFV	aquele	vista	que-ser.PFV
L3		PROP_N3] [PROP_N4
		NUC_N4] [
L1	p-en	poi.				
L2	para-vir.PFV	pôr.PFV				
L3	PROP_N4] [

Então, ele virou-se [e] disse para Maria pentear-se, para sair a rosa [dos cabelos de Maria], que é para mandar buscar aqueles olhos [para serem trocados pela rosa], que é para vir pôr [em Maria que havia perdido seus olhos].

(kea_ev_narr_02_124_126)

Os exemplos 81, 82 e 83 apresentam cláusulas de propósito, respectivamente, *k-é p-e(s) bai* ‘que é para eles irem’, *k-é p-e rakátxa* ‘que é para ele firmar-se’ e *k-é pa mánda buska kei vista*, *k-é p-en poi* ‘que é para mandar buscar aquela vista, que é para vir pôr’. O conector, nesses exemplos, tem uma estrutura complexa, sendo formado pelo conector simples *pa*

precedido pelo pronome relativo *ki* ‘que’ e pela cópula *é* ‘ser’. Esses dois últimos elementos compõem as estruturas clivadas, porém não na ordem prototípica de clivagem, a qual seria: *é* + [elemento focalizado] + *ki*. É interessante notar que as características comuns aos predicados adverbiais de propósito permanecem, também, nesses exemplos, ou seja, forma verbal não finita e possibilidade de compartilhamento do referente do sujeito da nuclear. No entanto, o que realmente caracteriza esse tipo de adverbial de propósito é a sequência de cláusulas de propósito em estruturas sintáticas de níveis que se seguem, em que a adverbial de propósito introduzida pelo conector *k-é pa* ‘que é para’ inicia essa sequência, como é o caso em 81 e 82, sendo ela de nível um (N1), ou essa cláusula prossegue e/ou conclui a sequência, sendo de nível dois (N2) em diante, como se vê em 83, em que a sequência de cláusulas de propósito introduzidas por *k-é pa* vai até o nível quatro (N4). Nessa sequência, parece que o locutor quer dar evidência a um ou mais desses estados de coisas e, portanto, utiliza o recurso de um conector um tanto quanto focalizador, colocando aquela cláusula em maior evidência discursiva que as outras.

No *corpus*, há uma única ocorrência de adverbial de propósito com predicado codificado por verbo com uma marca aspectual distinta do perfectivo, neste caso, o marcador imperfectivo/habitual *ta*.

(84)

L1	(S)tória	di... di...	di	Lobu	pa	nu
L2	história	HST	de	Lobo	para	S1PL
L3	[TOP]	PROP 1
L1	ta	konta	é	kusa(s)	mariádu	ki
L2	IPFV	contar	ser.PFV	coisa.PL	ruim	que
L3	PROP 1]		NUC	
L1	nu	teni	li	pa	nu	ta
L2	S1PL	ter.PFV	aqui	para	S1PL	IPFV
L3		NUC]		PROP 2
L1	odja	ma	Dios	é	un.	
L2	olhar	que	Deus	ser.PFV	um	
L3			PROP 2]

A história de... de... de Lobo para nós contarmos, são coisas ruins que nós temos aqui, para nós olharmos que Deus é um.

(kea_ev_narr_05_262)

No exemplo 84, trata-se de um comentário da locutora sobre a narrativa contada, não fazendo parte desta. Nessa ocorrência, as duas adverbiais de propósito têm predicados codificados por verbo com marca de aspecto imperfectivo/habitual. A marcação do aspecto aqui tem a função de indicar que o estado de coisas da cláusula de propósito não é pontual, mas

durativo, ou seja, a locutora expressa que a história do Lobo mostra as coisas ruins que temos para contar com o objetivo de que vejamos sempre que Deus é um.

4.1.3.2 Análise quantitativa

As adverbiais de propósito introduzidas pelo conector *pa* ‘para’ apresentam um número significativo de ocorrência no *corpus*, como mostra a Tabela 7.

Tabela 7 – Emprego dos conectores adverbiais de propósito em discurso não direto e direto, nos níveis um (N1), dois (N2), três (N3), quatro (N4) e cinco (N5)

Conector	Nível da estrutura sintática e tipo de discurso									Total	%	
	N1		N2		N3		N4		N5			
	DND	DD	DND	DD	DND	DD	DND	DD	DND			
pa	32	7	24	12	1	7	2	3	1	89	83,18	
k-é pa	2	-	1	1	1	-	1	-	-	6	5,61	
ku	3	-	1	-	-	-	-	-	-	4	3,74	
di	1	-	-	-	1	-	-	-	-	2	1,87	
zero	4	-	1	-	1	-	-	-	-	6	5,61	
Total	42	7	27	13	4	7	3	3	1	107	100	
%	39,25	6,54	25,23	12,15	3,74	6,54	2,8	2,8	0,93	100		
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA										conector <i>pa</i>		0,8318
ÍNDICE INVERSO												0,1682

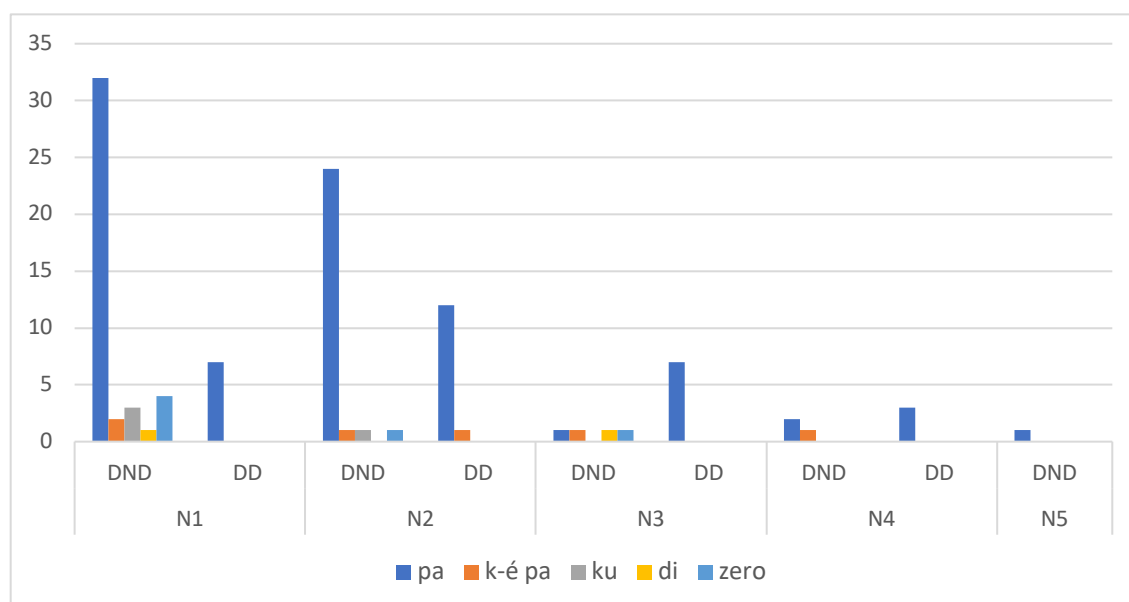
Fonte: Elaborada pela autora.

O percentual de 83,18% (em discurso não direto e direto, nos níveis um, dois, três, quatro e cinco) atesta a prototipicidade do conector *pa* ‘para’ nas cláusulas adverbiais de propósito. No entanto, é válido notar que, como nas temporais e diferentemente das condicionais, há cláusulas de propósito zero (5,61%), ou seja, que não são introduzidas por qualquer conector, sendo categorizadas como de propósito apenas pela relação semântica estabelecida entre os predicados vinculados. As adverbiais de propósito ocorrem em cinco níveis da estrutura sintática, o que mostra que esse tipo de cláusula, no santiaguense, é flexível no que diz respeito ao parâmetro do nível sintático (LEHMANN, 1988). Além disso, das 107 cláusulas adverbiais de propósito constantes nos dados, 84 (78,5%) compartilham argumentos com suas nucleares, o que demonstra uma maior integração entre elas.

Em relação à presença da marca de aspecto, há apenas duas ocorrências de adverbial de propósito com predicado codificado por verbos imperfectivos dentre os 107 dados de

adverbiais de propósito, como foi mostrado no exemplo 84. Nas demais, não há presença de marca aspectual ou por se tratar de aspecto perfectivo (com marca \emptyset) ou por se tratar, em algum grau, de verbo não finito e por isso não aceitar a marca aspectual, o que é bastante comum nas adverbiais de propósito introduzidas pelo conector “para” em português ou “pour” em francês, por exemplo. A distribuição do emprego dos conectores de propósito nos cinco níveis da estrutura sintática (N1, N2, N3, N4 e N5) pode ser vista no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Emprego dos conectores de propósito em discurso direto e não direto, em N1, N2, N3, N4 e N5



Fonte: Elaborado pela autora.

A posição prototípica da adverbial de propósito é posposta à nuclear, como mostra a Tabela 8.

Tabela 8 – Posição e polaridade da adverbial de propósito em discurso não direto e direto, nos níveis um (N1), dois (N2), três (N3), quatro (N4) e cinco (N5)

Conector	Posição e polaridade da adverbial											
	N1			N2		N3			N4		N5	
	DND		DD	DND	DD	DND	DD		DND	DD		DND
	INT. N ¹³⁹	P.N. ¹⁴⁰										
	P						N		P		N	
pa	1	31	7	24	12	1	6	1	2	2	1	1
k-é pa	-	2	-	1	1	1	-	-	1		-	-
ku	-	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
di	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
zero	-	4	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-
TOTAL	2	40	7	27	13	4	6	1	3	2	1	1
%	1,87	37,38	6,54	25,23	12,15	3,74	5,61	0,93	2,80	1,87	0,93	0,93
Total posição	2					105						
%	1,87					98,13						
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA						P.N.						0,9813
ÍNDICE INVERSO												0.0187

Fonte: Elaborada pela autora.

Esses resultados, que demonstram quase uma exclusividade do emprego das cláusulas de propósito na posição posposta à nuclear, refletem claramente o princípio funcionalista da iconicidade, já que o estado de coisas dependente, nessas cláusulas, expressa a finalidade (o ponto a que se quer chegar) do estado de coisas nuclear. No entanto, a Tabela 8 mostra ocorrências de adverbial de propósito na posição intercalada na nuclear que vale ser vista aqui.

(85)

L1	Nton	argen	di	leba-l	ka	ten [...]
L2	então	peessoa	de	levar.PFV-O3SG	NEG	ter.PFV
L3	[SUJ]	[PROP]	[NUC]

Então não há alguém para levá-la [...].

(kea_ev_narr_02_024)

Em 85, a adverbial de propósito introduzida pelo conector *di* ‘de’ posiciona-se entre o sujeito e o predicado da cláusula nuclear. Essa também é uma ocorrência que se aproxima

¹³⁹ INT.N = intercalada à nuclear (dentro da nuclear).

¹⁴⁰ Posposta à nuclear.

bastante de uma relativa, já que podemos interpretar, também, que a cláusula *di leba-l* ‘de levá-la’ está modificando o sujeito *argen* ‘alguém’ da cláusula *argen ka ten* ‘não há alguém’. Contudo, podemos ver aqui a atuação de dois estados de coisas, um denotando o fato de |não haver alguém| (polaridade negativa) e o outro expressando que o propósito de se ter alguém é levar a personagem Maria, codificada pelo pronome objeto de terceira pessoa do singular {-l}. Por esse motivo, consideramos essa cláusula como adverbial de propósito e não como relativa.

4.1.4 Causa

Este tipo de relação adverbial dá-se pela ligação entre dois estados de coisas, sendo que o dependente se constitui na causa da ocorrência do estado de coisas nuclear (CRISTOFARO, 2003, p. 161). Semelhantemente à relação de propósito, aqui, também, o estado de coisas dependente fornece uma motivação à ocorrência do nuclear.

4.1.4.1 Análise qualitativa

Na LCV, alguns conectores estabelecem esse tipo de relação. Tais são: *sima* ‘como’, *komu* ‘como’, *pamodi* ‘pamodi’, *purké* ‘porque’, *ki* ‘que’ e *zero*. Vejamos, primeiramente, exemplos de adverbiais intermediadas pelo conector *sima* ‘como’, que é o conector que mais ocorre na relação de causa.

(86)

L1	Sim-e	deta	na	meiu,	restu	dja
L2	Como-S3SG	deitar.PFV	em	meio	resto	ACT
L3	[CAUSA]	[NUC]
L1	fika	pa	li.			
L2	ficar.PFV	por	aqui			
L3		NUC]			

Como ele deitou no meio, o resto [do couro onde ele deitou-se] já ficou por aqui.

(kea_ev_narr_06_160_162)

(87)

L1	Kunpádri,	kunpai,	sima	nu	ten	un
L2	compadre	compadre	como	S1PL	ter.PFV	um
L3	[VOC]	[CAUSA]
L1	mudjei	la...	He!	Ná!	ke-la	nhu
L2	mulher	lá	INTJ	INTJ	DEM1.-DEM2.A	senhor
L3]		[NUC

L1	ta	bende-nu.				
L2	IPFV	vender-O1PL				
L3	NUC]			

Compadre, compadre, como nós temos umas mulheres lá... He! Não! Isso o senhor nos venderá.

(kea_ev_narr_10_167)

(88)

L1	pai...	i...	si	mai	odja	katxor
L2	HST	HST	POSS.3SG	mãe	ver.PFV	cachorro
L3			[MATRIZ/JSP 1]	[
L1	dja	gani	di	faktu,	sima	e
L2	ACT	grunhir.PFV	de	fato	como	S3SG
L3		COMPL]	CAUSA
L1	dexa-l	ku	kel	ordi,	e	sápa
L2	deixar.PFV-O3SG	com	aquele	ordem	S3SG	cortar.PFV
L3		CAUSA]	JSP 2/NUC
L1	kórda.					
L2	corda					
L3	JSP 2/NUC]					

O pai... i... Sua mãe viu que o cachorro já grunhiu de fato, como ele a deixou com aquela ordem, ela cortou a corda.

(kea_ev_narr_12_206_210)

Todas as ocorrências, no *corpus*, de adverbiais de causa intermediadas pelo conector *sima* ‘como’ são antepostas à sua nuclear. 86 a 88 são exemplos de adverbial de causa no nível um (N1) da estrutura sintática. Todas elas têm predicados codificados por verbos sem marcas de tempo com aspecto perfectivo, assim como suas nucleares (exceto 87). Em 87, o aspecto do predicado nuclear é imperfectivo com caráter prospectivo. Dessa forma, a causa expressa na cláusula dependente é uma motivação para o estado de coisas ainda não realizado. Nesse caso, a sobreposição dos estados de coisas se dá no plano da prospecção.

Os conectores *purkê* ‘porque’ e *pamodi* ‘porque’ são também empregados em cláusulas coordenadas estabelecendo uma ligação semântica de explicação. No entanto, o que as distingue da relação adverbial de causa é a sua posição em relação à nuclear. As adverbiais de causa são sempre antepostas à nuclear, já as coordenadas explicativas introduzidas por esses conectores nunca ocupam a primeira posição na relação de coordenação. Como se pode ver em 89 – **adverbial de causa**, contrastando com 90, que exemplifica o uso de *pamo* ‘porque’ como **coordenada explicativa**.

(89)

L1	Pamodi	e	toma	bensu	di	si
L2	porque	S3SG	tomar.PFV	benção	de	POSS.3SG

L3	[CAUSA]
L1	mai,	e	ka	fasi	maidádi,	e	
L2	mãe	S3SG	NEG	fazer.PFV	maldade	S3SG	
L3	CAUSA	[NUC]	[NUC
L1	fasi	ben.					
L2	fazer.PFV	bem					
L3	NUC]					

Porque ele tomou a bênção da sua mãe, ele não fez maldade, ele fez o bem.

(kea_ev_narr_09_133)

(90)

L1	E	ka	bende-l	mé,	e	
L2	S3SG	NEG	vender.PFV-O3SG	mesmo	S3SG	
L3	[JSP 1]	[JSP 2
L1	piste-l	go,	e	piste-l,	e	
L2	emprestar.PFV-O3SG	agora	S3SG	emprestar.PFV-O3SG	S3SG	
L3	JSP 2]	[JSP 3]	[JSP 4
L1	piste-i,	pamo	dj-e	odja	go	
L2	emprestar.PFV-O3SG	porque	ACT-S3SG	ver.PFV	agora	
L3	JSP 4	[COORD 5 - EXPLICATIVA / MATRIZ]
L1	m-e	áta	kába	k-os.		
L2	que-S3SG	PROG	acabar	com-T3PL		
L3	[COMPL]	

Ele não o vendeu mesmo, ele o emprestou, ele o emprestou, ele o emprestou, porque ele já viu que ele está acabando com elas [as esposas].

(kea_ev_narr_10_171)

Nos exemplos 89 e 90, a posição da cláusula introduzida pelo conector é o que determina se o falante está dando a causa para um estado de coisas nuclear ou se ele está relacionando uma cláusula a outra de igual estatuto sintático, tendo uma conexão semântica de explicação. Em 89, a cláusula dependente *pamodi e toma benson di si mai* ‘porque ele tomou a bênção de sua mãe’ antepõe-se à sua nuclear, o que demonstra que é a partir de seu estado de coisas que o estado de coisas nuclear se realiza. Já em 90, a cláusula *pamo dj-e odja go* ‘porque ele já viu’ constitui-se na explicação do estado de coisas que a antecede, ou seja, [emprestar [o apito]]. Aqui é a posição da cláusula que distingue a relação sintática e semântica entre adverbial de causa e coordenada explicativa.

A relação de tempo nos predicados adverbiais de causa depende, em certo grau, de sua nuclear, como atestado em 91.

(91)

L1	On	e	kre	kazába	ku	fidju
L2	como	S3SG	querer.PFV	casar.PFV.PST	com	filho
L3	[CAUSA		
		[MATRIZ	N2]	COMPL_N2
L1	di	nhu	rai,	rai	ka	sta
L2	de	senhor	rei	rei	NEG	estar.PFV
L3		CAUSA]	NUC	
		COMPL_N2]		
L1	kontenti	ku	el.			
L2	contente	com	T3SG			
L3		NUC]		

Como ele queria casar-se com a filha do senhor rei, o rei não estava contente com ele.

(kea_ev_narr_02_014)

O exemplo 91 mostra uma adverbial de causa *on e kre kazába ku fidju di nhu rai* ‘como ele queria casar-se com a filha do senhor rei’ com um predicado complexo encaixando uma completiva desiderativa de nível dois (N2) com predicado codificado por um verbo com marca de passado *kazába*. A marca de tempo dessa completiva, que está inserida na estrutura da adverbial de causa, incide tanto na cláusula completiva como na sua matriz, a cláusula adverbial de causa. A nuclear *rei ka sta kontenti ku el* ‘o rei não está contente com ele’ traz um predicado codificado por um verbo forte *sta*, indicando aspecto perfectivo. Assim, pela atuação da marca temporal de passado na completiva desiderativa, podemos entender que a ocorrência do estado de coisas dependente aqui é explicitamente anterior ao momento da enunciação, o que parece incidir também na cláusula nuclear, fazendo com que ela tenha uma nuance de passado.

O segundo conector de causa mais frequente no corpus é *komu* ‘como’, como se vê em 92.

(92)

L1	E	fla	ma	si	madrinha,	ma
L2	S3SG	dizer.PFV	que	POSS.3SG	madrinha	que
L3	[MATRIZ]	[COMPL]
L1	komu	é	si	madrinha	ki	botisa-l
L2	como	ser.PRS	POSS.3SG	madrinha	que	batizar.PFV-O3SG
L3			COMPL			
	[CAUSA_N2]
		[matriz]	[REL.PS
]
L1	pa	fase-l	un	trupésa.		
L2	para	fazer.PFV-O3SG	um	banco		
L3		COMPL]
	[NUC_N2]

Ela disse que sua madrinha, como é sua madrinha, que a batizou, [é] para fazer dela um banco.

(kea_ev_narr_02_180_182)

Em 92, a cláusula de causa de nível dois (N2) *komu é si madrinha ki botisa-l* ‘como é sua madrinha que a batizou’ configura-se na causa para que a nuclear *pa fase-l un trupésa* ‘[é] para lhe fazer dela um banco’ ocorra. Essa frase é formada por uma cláusula matriz que encaixa uma completiva, a qual subordina a adverbial de causa que, por sua vez, subordina uma relativa. O predicado da dependente de causa é codificado pela cópula, cujo comportamento se assemelha aqui ao dos verbos fortes (marca zero com ancoragem presente ou coincidindo com o tempo da enunciação).

4.1.4.2 Análise quantitativa

Os conectores de causa que mais ocorrem são *komu* ‘como’ e *sima* ‘como’, como mostra a Tabela 9.

Tabela 9 – Correlação do emprego dos conectores, posição, aspecto e polaridade das adverbiais de causa em discurso não direto e direto, em nível um (N1) e dois (N2)

Conector	Aspecto, polaridade e posição						Total
	N1			N2			
	A.N						
	PFV P		COP PRS P		PFV P		
DND	DD	DND	DND	DD	DND		
komu	1	-	1		-	2	4
sima	2	1	-	2	1	-	6
pamodi	1	-	-	-	-	-	1
pa	-	-	-	-	-	-	0
Total	4	1	1	2	1	2	11

Fonte: Elaborada pela autora.

A frequência de uso das adverbiais de causa é baixa no *corpus* (11 dados de um total de 365 adverbiais). O conector *sima* ‘como’ é o que mais ocorre (6 dados). É interessante notar as características absolutas desse tipo de cláusula no *corpus*, nomeadamente: i) predicado codificado por verbo perfectivo (PFV); ii) polaridade positiva (P); e iii) anteposta à nuclear

(A.N). Contudo, os dados não são suficientes para concluirmos que essas características são prototípicas das adverbiais causais.

Sendo a cláusula de causa a motivação para a realização do estado de coisas nuclear, a dominância do aspecto perfectivo parece bastante previsível neste caso. Isso pode levar-nos a concluir que o falante usa essa estratégia do emprego do predicado codificado por um verbo com aspecto concluído na cláusula dependente como um meio de fortalecer seu argumento de causa no discurso. Contudo, o contexto pode impor o emprego das outras marcas aspectuais, gerando outras interpretações da extensão da ação verbal por parte do interlocutor.

De fato, é perfeitamente gramatical a atuação do aspecto imperfectivo ou progressivo nesse tipo de cláusula, como se pode ver nas modificações do exemplo 91, que retomamos aqui.

(91a) On e kre kazába ku fidju di nhu rai, rai ka sta kontenti ku el.

Como ele queria casar-se com a filha do rei, o rei não estava contente com ele.

(91b) On e **sata** kre kazába ku fidju di nhu rai, rai ka sta kontenti ku el.

Como ele estava querendo casar-se com a filha do rei, o rei não estava contente com ele.

(91c) On e **ta** kre kazába ku fidju di nhu rai, rai ka sta kontenti ku el.

Como ele queria casar-se com a filha do rei, o rei não está contente com ele.

O *corpus* só apresenta cláusulas adverbiais de causa com polaridade positiva, mas a negação também pode atuar nessas cláusulas. Assim, é perfeitamente gramatical dizer *On e ka kre kazába ku fidju di nhu rai, rai ka sta kontenti ku el* ‘como ele não queria se casar com a filha do rei, o rei não estava contente com ele’. A falta de estrutura negativa na amostra dá-se, provavelmente, devido ao seu reduzido tamanho. Quanto à posição, essas adaptações não podem ser feitas, pois a posição anteposta à nuclear da adverbial de causa parece ser fixa. Em alguns casos, como foi visto, essa mudança de posição da cláusula implica uma mudança de categorização de adverbial causal para coordenada explicativa. Quanto ao compartilhamento de argumentos entre as causais e suas nucleares, de 11 dados, 8 apresentam entrelaçamento com sua nuclear.

4.1.5 Consequência

A relação adverbial de consequência dá-se quando um estado de coisas dependente se configura no resultado da ocorrência do estado de coisas nuclear. Como resultado ou consequência do estado de coisas nuclear, há uma nuance condicional nessa vinculação.

4.1.5.1 Análise qualitativa

O conector prototípico da relação adverbial de consequência, na LCV, é *ki* ‘que’.

(93)

L1	E	fla	si:	Kabé	a-bo	u
L2	S3SG	dizer.PFV	assim	Prétu, Cabeça Preta	T2SG	S2SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
L1	pása,	pa-u	atxá-nu	ku	kel	báka
L2	passar.PFV	para-S2SG	encontrar.PFV-O1PL	com	aquele	vaca
L3	COMPL 1]	[COMPL 2/PSINSUB]		
L1	li,	a-nos	nunhun	nu	ka	sebe
L2	aqui	T1PL	nenhum	S1PL	NEG	saber.PFV
L3]	[COMPL 3]		
L1	parti,	pa-u	parti-nu	el,	pa-u	folá-nu
L2	partir.PFV	para-S2SG	partir.PFV-O1PL	T3SG	para-S2SG	esfolar.PFV-O1PL
L3]	[COMPL 4/PSINSUB]	[COMPL 5/PSINSUB
L1	el,	pa-u	parti-nu	el,	ki	nos
L2	T3SG	para-S2SG	partir.PFV-O1PL	T3SG	que	T1PL
L3]	[COMPL 6/PSINSUB]	[CONSQ N2
L1	nunhun	nu	ka	ta	fika	mai.
L2	nenhum	S1PL	NEG	IPFV	ficar	mal
L3			COMPL 6/PSINSUB]
			CONSQ N2]

Ele disse: Cabeça Preta, você passou, encontrou-nos com esta vaca aqui, nenhum de nós sabe repartir. Parta-a, esfole-a, parta-a para nós, que nenhum de nós ficará mal.

(kea_ev_narr_01_082)

O exemplo 93 apresenta uma adverbial de consequência *ki nos nunhum nu ka ta fika mai* ‘que nenhum de nós ficará mal’ com predicado codificado por verbo com aspecto imperfectivo de sentido prospectivo *ta fika* ‘ficar’. A consequência aqui dá-se no modo *irrealis*, já que o estado de coisas nuclear não se realizou. Essa frase complexa é formada por uma cláusula matriz e seis completivas em discurso direto, das quais, da segunda à sexta, com exceção da terceira, são cláusulas pseudoinsubordinadas¹⁴¹ que expressam uma certa decepção da personagem e uma forma indireta de pedido. Todas as completivas/pseudoinsubordinadas apresentam predicados codificados por verbos perfectivos, sendo que as pseudoinsubordinadas são introduzidas pelo conector *pa* ‘para’. Logo, o estado de coisas dependente, que expressa a

¹⁴¹ Sobre pseudoinsubordinadas, ver capítulo seis.

consequência do nuclear, está condicionado à realização do estado de coisas nuclear. Essa relação também pode ser estabelecida no modo *realis*, como se pode atestar em 94 e 95.

(94)

L1	Nha	tiâ	Gánga	dja	da	fus	
L2	POSS.1SG	tia	Gánga	ACT	dar.PFV	peido	
L3	[]	
L1	ki	txeru	dja	toma	kábu.		
L2	que	cheiro	ACT	tomar.PFV	lugar		
L3	[CONSQ]

A minha tia Ganga já soltou um peido silencioso, que o cheiro já tomou o lugar.

(kea_ev_narr_08_191)

(95)

L1	E	bisti-i	ben	bistidu,	ki	gánha		
L2	S3SG	vestir.PFV_O3SG	bem	vestido	que	ganhar.PFV		
L3	[CONSQ]	
L1	kes	otu	rapási.	E	bisti	kei		
L2	aquele.PL	outro	rapaz.PL	S3SG	vestir.PFV	aquele		
L3	[NUC]	
L1	ka	prontu	ben	bistidu,	ki	gánha		
L2	NEG	pronto	bem	vestido	que	ganhar.PFV		
L3	[CONSQ]	
L1	kes	otu	rapás.					
L2	aquele.PL	outro	rapaz					
L3	[CONSQ]

Ele o vestiu bem vestido, que ganhou aqueles outros rapazes. Ele vestiu aquele doido bem vestido, que ganhou aqueles outros rapazes.

(kea_ev_narr_10_013)

Em 94, o estado de coisas nuclear codificado pelo predicado *dja da fus* ‘já soltou um peido silencioso’ tem verbo perfectivo, o que indica uma ação realizada e concluída. A adverbial de consequência *ki txeru dja toma kábu* ‘que o cheiro já tomou o lugar’, também com verbo perfectivo, apresenta uma consequência, igualmente, realizada e acabada. O mesmo ocorre em 95, em que a frase complexa é formada por duas nucleares com suas adverbiais, sendo a segunda nuclear uma reformulação da primeira. Tanto os predicados nucleares como os predicados dependentes são codificados por verbos perfectivos, demonstrando o aspecto pontual concluído dos estados de coisas envolvidos nessa relação.

A adverbial de consequência pode apresentar, também, polaridade negativa em oposição à polaridade positiva de sua nuclear. Os exemplos 96 e 97 mostram essa oposição de polaridade entre a nuclear e sua dependente.

(96)

L1	E	fla:	Xibinhu,	mára	rixu,	ki
L2	S3SG	dizer.PFV	Xibinho	amarrar.IMP	duro	que
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
				NUC_G2		[CONSQ 1_G2
L1	ka	ta	kapri,	ki	xikré	ben
L2	NEG	IPFV	escapar	que	mesmo que	vir.PFV
L3		COMPL 1]	COMPL 2	
		CONSQ 1_G2]	CONC_G3	
L1	un	munti	bentu	ka	ta	pánha.
L2	um	monte	vento	NEG	IPFV	apanhar
L3				COMPL 2]
		CONC_G3]	CONSQ 2_G2/NUC_G3]

Ele disse: Xibinho, amarre seguro, que não escape, que, mesmo que venha um monte de vento, não [me] levará.

(kea_ev_narr_04_059)

(97)

L1	Buru	dja	kánba	na	txon,	ki	ka	ta	sai.
L2	burro	ACT	entrar.PFV	em	chão	que	NEG	IPFV	sair
L3	[NUC]	[CONSQ]	

O burro já entrou no chão, que não sai.

(kea_ev_narr_04_157)

O exemplo 96 traz uma nuclear *Xibinhu, mára rixu* ‘Xibinho, amarre seguro’ com predicado codificado por verbo no modo imperativo, da qual dependem duas adverbiais de consequência *ki ka ta kapri* ‘que não escapa’ e *ki ka ta pánha* ‘que não apanha’. O verbo nuclear, por se tratar de imperativo, não apresenta marca de aspecto ou tempo, já os verbos dependentes estão com aspecto imperfectivo com sentido prospectivo. Isso indica que a deonticidade expressa na nuclear resulta em eventos factuais durativos. Além disso, a nuclear tem polaridade positiva, e as dependentes, negativa. O mesmo ocorre no exemplo 96, porém, o verbo da nuclear é perfectivo: *buru dja kánba na txon* ‘o burro já entrou no chão’. Nessa ocorrência, a adverbial expressa a consequência desse evento nuclear através de um evento codificado por um verbo imperfectivo/habitual com polaridade negativa *ki ka ta sai* ‘que não sai’.

Em 97, há uma série de duas adverbiais de consequência, ambas introduzidas pelo conector *ki* ‘que’. Contudo, a segunda cláusula traz uma concessiva de nível dois (N2), intercalada às duas adverbiais de consequência, que depende da segunda cláusula consecutiva. Esse fato, a saber, a intercalação da concessiva, pode configurar-se na motivação para o uso do conector *ki* introduzindo, também, a segunda cláusula, já que, normalmente, numa série seguida de duas cláusulas consecutivas, o falante não emprega o conector na segunda, como atesta o exemplo 98.

(98)

L1	E	fla:	o	bainha	kondon,	pa
L2	S3SG	dizer.PFV	INTJ	vara.DIM	condão	por
L3	[MATRIZ]		VOC	[COMPL
L1	kei	tudu	ki	Nho(r)	De(s)	da-m
L2	aquilo	tudo	que	Senhor	Deus	dar.PFV- O1SG
L3				COMPL		
		matriz			REL.CC	
L1	bon,	da-m	un	toráda	faiéiu	goxi
L2	bom	dar.IMP-O1SG	um	grande quantidade	farelo	agora
L3			COMPL]
	REL.CC			NUC N2]
L1	ki	N	ta	kumi	N	ta
L2	que	S1SG	IPFV	comer	S1SG	IPFV
L3			COMPL			
	[CONSQ 1_N2		[CONSQ 2_N2
	NUC N2]]
L1	da	fufufu.				
L2	dar	ONOM				
L3	COMPL]
	CONSQ 2_N2]]

Ele disse: oh varinha de condão, por tudo aquilo que o Senhor Deus me deu de bom, dê-me uma grande quantidade de farelo que eu comerei e darei fufufu¹⁴².

(kea_ev_narr_05_162)

Em 98, a completiva é também a nuclear de nível dois (N2) das adverbiais de consequência *ki N ta kumi / N ta da fufufu* ‘que eu comerei / [e] darei fufufu’. Nessa ocorrência, o conector *ki* introduz o conjunto coordenadamente justaposto das cláusulas adverbiais. A nuclear *da-m un toráda faiéiu goxi* ‘dê-me uma grande quantidade de farelo agora’ tem predicado codificado por verbo no modo imperativo, enquanto as adverbiais que dela dependem apresentam verbo com aspecto imperfeito de sentido prospectivo. Sendo as cláusulas dependentes consequências do pedido feito na nuclear, é esperada essa nuança prospectiva não realizada. É interessante notar que essa extensão do conector para duas adverbiais pode se dar, também, com outro tipo de adverbial relacionado à de consequência, como ocorre em 99.

(99)

L1	Nton	e	fla:	Nhos	bari	tudu,
L2	então	S3SG	dizer.PFV	S2PL	varrer.IMP	tudo
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
				[NUC_N2]

¹⁴² Onomatopeia que designa o ato de assoprar com farináceos na boca. O trecho mostra que a quantidade de farelo pedida pelo Lobo era tão grande que ele se fartaria e ainda poderia desperdiçá-lo.

L1	nhos	plánta	árviri,	flor,	k-e	ta
L2	S2PL	plantar.IMP	árvore	flor	que	IPFV
L3	[COMPL 2		
		NUC N2				TEMP 1 N2
L1	ben,	e	ta	átxa	kóu	linpu.
L2	vir	S3SG	IPFV	encontrar	lugar	limpo
L3			COMPL 2]
	TEMP 1 N2]	[CONSQ 2 N2]

Então ele disse: varram tudo, plantem árvores, flores, que [quando] ele vier encontrará o lugar limpo.

(kea_ev_narr_01_158_162)

Nesse exemplo, as adverbiais *k-e ta ben, / e ta átxa kóu linpu* ‘que ele virá / [e] encontrará o lugar limpo’, respectivamente de tempo e de consequência, dependem do conjunto de duas completivas coordenadas entre si em justaposição *nhos bari tudu, / nhos plánta árviri, flor*, as quais reúnem uma série de duas ordens expressas por verbos no imperativo que resultam no estado de coisas dependente de consequência circunstanciado pelo estado de coisas dependente de tempo. Ambas adverbiais, de tempo e de consequência, apresentam verbos com aspecto imperfectivo de sentido prospectivo, o que coaduna com a modalidade deôntica de suas nucleares.

A cláusula adverbial de consequência pode, também, constituir-se em nuclear para outras adverbiais de níveis subsequentes. Isso é o que ocorre em 100.

(100)

L1	Dj-e	st-á	ta...	má	e	ta
L2	ACT	estar.PFV	HST	mas	S3SG	IPFV
L3	[JSP 1				CTR 2/NUC
L1	benba	tudu	ku	mutxukeru	rubêra,	ki
L2	vir.PST	tudo	com	servo	ribeira	que
L3			CTR 2/NUC			[CONSQ
L1	s-é	pa	bai,	minina	ka	ta
L2	se-ser.PFV	para	ir.PFV	menina	NEG	IPFV
L3			CONSQ 1			
	[COND_N2 [PTS]]	[NUC_N2	
	[NUC N3]	[PROP N3]			
L1	bai,	purké	mutxukerus	ta	briga.	
L2	ir.PFV	porque	servo.PL	IPFV	birgar	
L3	CONSQ 1]		[CONSQ 2]
	NUC N2]					

Ele já está indo também... Mas ela vinha com [seus] servos desprezados, que, se é para ir, a menina não irá, porque os servos brigam.

(kea_ev_narr_11_096_098)

O exemplo 100 traz duas coordenadas intermediadas pelo conector *má* ‘mas’, em que a segunda coordenada subordina duas adverbiais de consequência *ki [...] minina ka ta bai*

‘que a menina não vai’ e *mutxukerus ta briga* ‘porque os servos brigam’, coordenadas entre si por intermédio do conector *purké* ‘porque’. A primeira cláusula de consequência, por sua vez, subordina uma adverbial de condição de nível dois (N2), *s-é* ‘se é’ com modalidade *realis*, a qual subordina uma adverbial de propósito de nível três (N3) *pa bai* ‘para ir’. Essa condicional constitui-se na prótase da primeira consecutiva, que também é apódase da condicional. A nuclear *e ta benba tudu ku mutxukeru rubêra* ‘ela vinha com [seus] servos desprezados’, da qual dependem as cláusulas de consequência referidas mais acima, apresenta predicado codificado por verbo imperfectivo com marca de passado, e as dependentes, verbos imperfectivos/habituais. Esse emprego dessas marcas aspectuais conjugadas à marca de tempo é uma estratégia que a locutora usa para fazer com que o ouvinte acompanhe imaginariamente o desenrolar da cena. Por isso, coloca o estado de coisas nuclear não como pontual, mas como durativo.

A cláusula de consequência pode confundir-se semanticamente com a temporal, visto que a informação para situar temporalmente um determinado evento pode coincidentemente configurar-se na consequência desse evento.

(101)

L1	A-bo,	N	ka	da-u	kusa	k-u
L2	T2SG	S1SG	NEG	dar.PFV-O2SG	coisa	que-S2SG
L3	[NUC]	[REL/NUC N2
L1	ta	kumi	n-ei	ti	bu	móri?
L2	IPFV	comer	em-T3SG	até	S2SG	morrer.PFV
L3	REL/NUC N2			TEMP_N2 ?/CONSQ_N2 ?]

Eu não lhe dei uma coisa de que te sustentas (lit. 'que tu comens nela') até morreres?!

(kea_ev_narr_05_226)

Em 101, a adverbial *ti bu móri* ‘até você morrer’ delimita o tempo para o evento codificado pela cláusula nuclear relativa *u ta kumi n-ei* ‘você come nela’. Ao mesmo tempo, essa adverbial parece ser a consequência do estado de coisas nuclear. Há aqui uma sobreposição semântica de função comunicativa desempenhada pela adverbial. Como o conector *ti* ‘até’ é mais comumente usado em cláusulas temporais inquestionáveis, decidimos categorizar essa ocorrência como temporal sobreposta. Contudo, no exemplo 102, o conector *ti ki* ‘até que’ parece intermediar mais uma relação semântica de consequência que de tempo.

(102)

L1	Kába,	pása	pa	prinséza,	spóra	txuki,
L2	acabar.PFV	passar.PFV	para	princesa	espora	picar.IMP
L3	[JSP 1]	[JSP 2]	[JSP 3]	[JSP 4]	[JSP 5]	[JSP 6]
L1	mandukinhu	zápu ¹⁴³ ,	spóra	txuki,	mandukinhu	zápu,
L2	pau	bater.IMP	espora	picar.IMP	pau	bater.IMP
L3	[JSP 4]	[JSP 5]	[JSP 6]	[JSP 7]	[JSP 8]	[JSP 9]
L1	spóra	txuki,	mandukinhu	zápu,	ti	ki
L2	espora	picar.IMP	pau	ONOM.IMP	até	que
L3	[JSP 7]	[JSP 8 / NUC]	[JSP 9]	[JSP 10]	[JSP 11]	CONSQ
L1	móri	tudu.				
L2	morrer.PFV	tudo				
L3	CONSQ					

Depois, passou para a princesa, espora pica, pau zapo, espora pica, pau zapo, espora pica, pau zapo, até que morreram todos.

(kea_ev_narr_05_256_258)

O exemplo 102 é constituído por oito cláusulas coordenadas por justaposição. Aqui não se pode dizer que o estado de coisas dependente está situando temporalmente o estado de coisas nuclear; o que ocorre, nesse exemplo, é que o estado de coisas da adverbial está expressando a consequência advinda da ação dos estados de coisas nucleares. Apesar de a glosa mostrar apenas a última coordenada como nuclear da adverbial, é, na verdade, do conjunto das coordenadas três (JSP 3) a oito (JSP 8) que advém a consequência expressa na cláusula dependente *ti ki móri tudu* ‘até que morreram todos’, até porque as coordenadas JSP 5, JSP 6, JSP 7 e JSP 8 são repetições das duas anteriores. Os estados de coisas nucleares, nessas cláusulas, são codificados por verbos imperativos, já o estado de coisas dependente é codificado por um verbo perfectivo, mostrando uma perspectiva completa e concluída da consequência.

4.1.5.2 Análise quantitativa

O *corpus* apresenta um total de 27 cláusulas adverbiais de consequência, sendo 15 cláusulas no primeiro nível (N1) da estrutura sintática, 10 no segundo (N2) e apenas 2 cláusulas no terceiro nível (N3). Nos demais níveis da estrutura sintática (N4 e N5) não consta nenhum dado desse tipo de cláusula. Quanto ao emprego do aspecto e da polaridade, vejamos a Tabela 10.

¹⁴³ Verbalização da onomatopéia *zápu*, que designa a ação do pau (*mandukinhu*) de bater.

Tabela 10 – Correlação dos conectores, aspecto e polaridade das adverbiais consecutivas em discurso não direto e direto, em nível um (N1), dois (N2) e três (N3)

Conector	Tipo de discurso	Nível, aspecto e polaridade da adverbial de consequência									Totais	
		N1				N2				N3		
		PFV		IPFV		PFV		IPFV				
		P	N	P	N	P	N	P	N			
ki	DND	7	1	2	1	2	1	-	-	-	14	22
	DD	-	-	-	-	1	-	1	4	2	8	
ti ki	DND	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3
	DD	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
zero	DND	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2
	DD	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
Total		11	1	2	1	3	1	2	4	2	27	
Total por nível			15				10				2	

Fonte: Elaborada pela autora.

Aqui vale notar a maior frequência do imperfectivo (8 dados) em N2 e N3, ou seja, quando a consequência resulta de um estado de coisas dependente. Ao todo, temos um total de onze imperfectivos nas adverbiais de consequência, o que representa quase a metade dos dados. Se comparada à proporção do aspecto imperfectivo em todo o *corpus* (12,22%), a ocorrência desse aspecto nas cláusulas adverbiais de consequência é bastante alta. Essa frequência do imperfectivo parece indicar uma tendência, nos contos tradicionais do santiaguense, de apresentar a consequência de um evento de forma geral, empregando o aspecto imperfectivo, geralmente com valor habitual. Além disso, a maioria (9 ocorrências) dos dados nesses dois níveis estão em discurso direto (DD). Isso mostra que essas adverbiais em N2 e N3 fazem parte do escopo de completivas de elocução em discurso direto (ou pseudoinsubordinadas). Como essas cláusulas são uma representação direta dos atos de falas das personagens, e não uma reprodução indireta desses atos pelo narrador, a perspectiva não concluída do estado de coisas é bem aplicável. A polaridade negativa ocorre em 9 dados (uma proporção bastante elevada, representando um terço dos dados disponíveis) e realiza-se com predicados codificados por verbos tanto perfectivos quanto imperfectivos (os dois aspectos que ocorrem nas adverbiais de consequência do *corpus*) e nos três níveis da estrutura sintática (N1, N2 e N3). No entanto, só as cláusulas introduzidas pelo conector *ki* ‘que’ apresentaram polaridade negativa, possivelmente por serem as mais numerosas na amostra. A Tabela 10 mostra, também, a prototipicidade do conector *ki* ‘que’ nas adverbiais de consequência. Vale ressaltar que, como os demais tipos de adverbiais, com exceção da condicional, a adverbial consecutiva também

pode realizar-se sem a intermediação de um conector, ou seja, por justaposição, estabelecendo, assim, sua dependência à nuclear de uma forma não discreta. Contudo, o *corpus* apresenta adverbial de consequência zero apenas realizando-se seguida a uma outra adverbial introduzida pelo conector *ki* ‘que’, como mostra o exemplo 97.

Já quanto à posição dessa adverbial em relação à sua nuclear, o *corpus* mostra que todas as ocorrências de adverbiais de consequência estão em posição posposta à sua nuclear. Isso leva-nos a interpretar essa posição como fixa, na LCV, em cláusulas desse tipo. Essa posição é esperada, já que essa cláusula expressa um resultado do estado de coisas nuclear, fato que, possivelmente, motiva o falante a posicioná-la depois deste, o que reflete o princípio funcionalista da iconicidade.

Quanto ao parâmetro do entrelaçamento, essas cláusulas apresentam um perfil bastante intermediário, sendo 13 dados que compartilham argumentos com suas nucleares e 14 que não o fazem.

4.1.6 Comparativas

Segundo Neves e Hattner (2002, p. 167), a relação comparativa caracteriza-se sintaticamente pela interdependência de dois elementos e semanticamente por estabelecer um cotejo entre esses dois elementos. Segundo esses autores, as construções comparativas relacionam elementos com padrão de igualdade (comparação de igualdade) ou de diferença (comparação de superioridade e de inferioridade). Os casos mais nítidos são de construções comparativas correlativas, as quais são compostas por uma cláusula nuclear que apresenta o primeiro termo da comparação e uma cláusula adverbial comparativa que apresenta o segundo termo da comparação, como na frase complexa *minha irmã dorme mais do que eu [durmo]*, em que a nuclear, *minha irmã dorme*, contém uma intensificação relativa do evento, a qual se refere ao evento comparado expresso pela cláusula adverbial. Esse tipo de relação não aparece no *corpus*.

Por conseguinte, há um tipo de relação comparativa não correlativa, em que a cláusula nuclear não apresenta nenhum elemento de quantificação ou intensificação relativa. A cláusula adverbial é introduzida por um conector comparativo indicando a comparação de igualdade, como mostramos nos exemplos analisados aqui.

4.1.6.1 Análise qualitativa

Em santiaguense, os conectores mais comuns para essa relação são: *sima* ‘como’, *komu* ‘como’, *demu* ‘como’ e *móda* ‘como’.

(103)

L1	E	fla	nau	m-e	ka	ta
L2	S3SG	dizer.PFV	não	que-S3SG	NEG	IPFV
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1	
L1	bai,	pamodi	ma	el	é	el
L2	ir	porque	que	T3SG	ser.PFV	T3SG
L3	COMPL 1]		[COMPL 2	
L1	ku	kel	bitxu,	m-e	ka	ta
L2	com	aquele	bicho	que-S3SG	NEG	IPFV
L3	COMPL 2]	[COMPL 3	
L1	lárğa	si	bitxu,	porké	ma	si
L2	largar	POSS.3SG	bicho	porque	que	POSS.3SG
L3	COMPL 3]		[COMPL 4
						NUC N2
L1	bitxu	ki...	ki	tene-l	sima	e
L2	bicho	HST	que.FOC	ter.PFV-O3SG	como	S3SG
L3			COMPL 4			
			NUC N2]	[
						COMP N2
L1	sta	la.				
L2	estar.PFV	lá				
L3	COMPL 4]			
	COMP N2]			

Ela disse não que ela não iria, porque era ela com aquele bicho, que ela não largaria o seu bicho, porque era o seu bicho que a tinha como ela estava.

(kea_ev_narr_02_112_114)

(104)

L1	Kántu	bota	pe	na...	na	riâ
L2	Quando	botar.PFV	pé	em.HST	em	areia
L3	[TEMP 1		
L1	si	ki	ta	ba,	bá	ku
L2	assim	que	IPFV	ir	ir.PFV	com
L3	TEMP 1]	[TEMP 2]	[NUC
L1	máma	d...	rinka	Nha	tiâ	Gánga
L2	mama	HST	arrancar.PFV	senhora	tia	Ganga
L3			NUC			
L1	máma	sima	sta.			
L2	mama	como	estar.PFV			
L3	NUC]	[COMP]		

Quando [o Lobo] colocou o pé na... na areia, conforme ia, levou a mama d... arrancou a mama da minha tia Ganga como esta[va].

(kea_ev_narr_08_089_93)

O exemplo 103 é composto por uma cláusula matriz e quatro completivas. Da quarta completiva depende a cláusula adverbial comparativa *sima e sta la* ‘como ela está lá’, introduzida pelo conector *sima* ‘como’. Essa cláusula retoma da nuclear o elemento em comparação, codificado pelo pronome complemento ligado ao verbo *tene-l* ‘tem-na’ que se refere à moça encontrada e cuidada pelo bicho. Os predicados nuclear e dependente são codificados por verbos fortes com aspecto perfectivo e ancoragem temporal no presente, o que é comum para verbos fortes.

Em 104, a relação comparativa estrutura-se de forma semelhante a 103, salvo que a nuclear apresenta predicado codificado por um verbo fraco *rinka* ‘arrancou’ com aspecto perfectivo. A adverbial traz um predicado codificado pelo verbo *sta* ‘estar’ que também está com aspecto perfectivo, mas que faz parte da categoria dos verbos fortes, por isso a interpretação da sua ancoragem temporal apoia-se no predicado nuclear. É interessante notar que o segundo complemento verbal *mama* ‘mama’ configura-se tanto no complemento do verbo nuclear quanto no sujeito da cláusula adverbial. Essa partilha de argumento verbal evidencia maior integração entre a nuclear e a adverbial comparativa. Essa relação também se pode dar intermediada pelo conector *demu* ‘como’.

(105)

L1	E	ben	góra,	e	subi,	e
L2	S3SG	vir.PFV	agora	S3SG	subir.PFV	S3SG
L3	[JSP 1]	[JSP 2]
L1	bai,	e	txiga,	demu dja	móri.	
L2	ir.PFV	S3SG	chegar.PFV	como	ACT	morrer.PFV
L3	JSP 3]	[JSP 4/NUC	[COMP]

Ele veio, subiu, foi, chegou, como se já tivesse morrido.

(kea_ev_narr_08_199)

(106)

L1	E	mára-i	kei	mel	na	piskós
L2	S3SG	amarrar.PFV-O3SG	aquele	mel	em	pescoço
L3	[NUC]
L1	demu	m-é	sángi.			
L2	como	que-ser.PFV	sangue			
L3	[COMPAR]			

Ele amarrou-lhe aquele mel no pescoço, como se fosse sangue.

(kea_ev_narr_10_131)

O exemplo 105, constituído por quatro cláusulas coordenadas por justaposição, mostra uma adverbial comparativa *demu dja móri* ‘como já morreu’ dependente da quarta

coordenada justaposta e *txiga* ‘ele chegou’. Nessa ocorrência, o locutor expressa a maneira como o homem (no caso dessa narrativa, Pedro) chegou, comparando-o a um morto através da adverbial. Aqui, o predicado nuclear é codificado por um verbo perfectivo, enquanto o dependente é codificado por um verbo também no aspecto perfectivo, combinado com o marcador de perfeito *dja*, que indica que o estado de coisas já concluído permanece assim no momento da enunciação. O sujeito da cláusula nuclear é também o sujeito da adverbial, assegurando maior integração linguística entre as cláusulas.

Em 106 a comparação é estabelecida pelo conector *demu ma* ‘como que’. Nessa ocorrência o elemento em comparação é o segundo complemento do verbo nuclear *kei mel* ‘aquele mel’. A comparação é expressa na cláusula adverbial, em que o elemento comparado (*kei mel*) se torna o sujeito da adverbial. O verbo nuclear apresenta aspecto perfectivo, sendo que o dependente, codificado pela cópula, tem a sua ancoragem temporal no presente.

O elemento em comparação também pode ser a própria ação verbal do predicado nuclear, como se pode ver em 107.

(107)

L1	Kontra	ku	buru,	pega	buru,	sápa
L2	encontrar-se.PFV	com	burro	pegar.PFV	burro	cortar.PFV
L3	[JSP 1]	[JSP2]		[JSP 3
L1	buru	rábu,	ntera	na	txon	po
L2	burro	rabo	enterrar.PFV	em	chão	pôr.PFV
L3	JSP 3]	[JSP 4]	[JSP 5
L1	pe	riba	d-el,	pega	ma	áta
L2	pé	em cima	de-T3SG	pega.PFV	como	PROG
L3	JSP 5]	[JSP 6/NUC]	[COMP
L1	puxa.					
L2	puxar					
L3	COMP]					

Encontrou-se com o burro, pegou o burro, cortou o rabo do burro, enterrou-[o] no chão, pôs o pé em cima dele, pegou, como se estivesse puxando.

(kea_ev_narr_04_143_149)

Em 107, a comparação estabelece-se no ato de Xibinho, o referente do sujeito de todas as cláusulas vinculadas nesse exemplo, pegar o rabo do burro como se estivesse puxando-o, ou seja, a ação de pegar é comparada à ação de puxar. O verbo nuclear apresenta aspecto perfectivo, enquanto o verbo dependente tem aspecto progressivo, realizado pelo marcador de aspecto *áta*. A comparação, nesse exemplo, tem o propósito de especificar que a ação verbal não foi uma ação pontual, mas ela teve uma continuidade, o que é evidenciado na adverbial

comparativa com o aspecto progressivo. Os sujeitos e complementos verbais estão implícitos e podem ser recuperados pelo contexto.

4.1.6.2 Análise quantitativa

O *corpus* apresenta apenas dois conectores comparativos. O emprego desses conectores pode ser visto na Tabela 11.

Tabela 11 – Emprego dos conectores adverbiais comparativos nos níveis um (N1) e dois (N2)

Conector	Nível sintático e aspecto					Total
	N1				N2	
	PFV	IPFV	PROG	COP PRS	PFV	
sima ~ ma	3	1	2	-	1	7
Demu (+ma)	-	-	-	1	-	1
Demu ma	1	-	-	-	-	1
Total	4	1	2	1	1	9

Fonte: Elaborada pela autora.

O *corpus* só apresenta cláusulas comparativas nos níveis um (N1) e dois (N2) da estrutura sintática e em discurso não direto. A amostra é muito pequena para se levantar qualquer hipótese sobre o comportamento das comparativas no santiaguense, todas as ocorrências estão em discurso não direto, com predicados codificados por verbos perfectivos (4 dados), progressivos (2 dados), imperfectivo (1 dado) e cópula na forma presente (1 dado), com polaridade positiva e em posição posposta à nuclear. Além disso, apenas uma cláusula não compartilha argumentos com sua nuclear.

4.1.7 Concessivas

Na relação adverbial concessiva, “a verdade do fato/evento expresso na cláusula concessiva não constitui um impedimento à verdade do fato/evento codificado pela cláusula nuclear” (NEVES; BRAGA, 2002, p. 154). Logo, nesse tipo de relação, há uma contrariedade de expectativa acerca do funcionamento normal do mundo. Essa adverbial não é frequente no *corpus*. Os exemplos 108 e 109 mostram cláusulas concessivas introduzidas pelos conectores *sikrê* ‘mesmo que’ e *pa más* ‘por mais [que]’.

(108)

L1	E	fla:	Xibinhu,	mára	rixu,	ki
L2	S3SG	dizer.PFV	Xibinho	amarrar.IMP	duro	que
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
				NUC_N2		[CONSQ 1_N2
L1	ka	ta	kapri,	ki	xikré	ben
L2	NEG	IPFV	escapar	que	mesmo que	vir.PFV
L3		COMPL 1]	[COMPL 2]
		CONSQ 1_N2]	[CONC N3]
L1	un	munti	bentu	ka	ta	pánha.
L2	um	monte	vento	NEG	IPFV	apanhar
L3				COMPL 2]
		CONC N3]	[CONSQ 2_N2/NUC N3]

Ele disse: Xibinho, amarre seguro, que não escape, que, mesmo que venha um monte de vento, não [me] leve.

(kea_ev_narr_04_059)

(109)

L1	Buru	dja	kánba	na	txon	ki
L2	burro	ACT	entrar.PFV	em	chão	que
L3	[NUC]	[CONSQ
L1	pa	má(s)	N	puxa	ka	ta
L2	por	mais	S1SG	puxar.PFV	NEG	IPFV
L3			CONSQ			
			CONC N2]	[NUC N2
L1	sai.					
L2	sair					
L3	CONSQ]					
	NUC_N2]					

O burro já entrou no chão que, por mais que eu puxe, não sai.

(kea_ev_narr_04_157)

Em 108, a cláusula concessiva depende de uma cláusula de consequência que, por sua vez, depende de uma completiva, configurando-se, assim, numa concessiva de nível três (N3). O evento codificado na concessiva |vir muito vento| pode criar a expectativa no interlocutor de que esse vento seria capaz de soltar o Lobo que foi amarrado por Xibinho. Contudo, essa expectativa não se confirma na cláusula nuclear *ka ta pánha* ‘não levará’. Nessa ocorrência, a polaridade contribui para a quebra de expectativa, já que temos polaridade positiva na concessiva, que está anteposta à nuclear, e negativa na nuclear. O predicado adverbial é codificado por verbo perfectivo, enquanto o nuclear é codificado por verbo imperfectivo com valor prospectivo. Contudo, o evento da concessiva de modalidade eventual/potencial tem um valor também de prospectivo, apoiando-se na esfera temporal da nuclear.

No exemplo 109, trata-se de um ato de fala de Xibinho explicando ao Lobo que não consegue desenterrar um burro¹⁴⁴. A concessiva aqui também depende de uma adverbial de consequência introduzida pelo conector *ki* ‘que’, a qual se configura na nuclear da concessiva. Por isso, nesse exemplo, temos uma relação de nível dois (N2). A polaridade atua da mesma maneira que em 108, ou seja, na quebra da expectativa. Portanto, o evento adverbial de *puxa rabu* ‘puxar o rabo’ gera a expectativa que *rabu ta sai* ‘o rabo sai’. No entanto, essa expectativa é quebrada pela negação do evento nuclear *ka ta sai* ‘não sai’. O verbo nuclear tem aspecto imperfectivo com valor habitual, evidenciando uma ação durativa, já o verbo dependente apresenta aspecto perfectivo com ancoragem temporal no predicado nuclear.

Essas são as únicas ocorrências de concessivas no *corpus*. Elas ocorrem nos níveis dois (N2) e três (N3) da estrutura sintática e apenas em discurso direto. Ambas apresentam predicados codificados por verbos perfectivos e antepostas à suas nucleares. Apesar de o número de ocorrências ser muito pequeno para estabelecer algum tipo de tendência de uso, podemos indicar essas características para confirmação em estudos futuros.

4.1.8 Proporcionais

A adverbial de proporção também compara dois estados de coisas, mas aqui essa comparação é estabelecida com uma proporção, seja diretamente proporcional (*más [...] más* ou *menus [...] menus*), seja inversamente proporcional (*más [...] menus* ou *menus [...] más*). O *corpus* apresenta apenas uma ocorrência dessa cláusula em discurso direto no nível um (N1) da estrutura sintática, como mostra o exemplo 110.

(110)

L1	kántu	más	nhu	oia	kei	más
L2	quanto	mais	T2SG	over.PFV	aquele	mais
L3	[PROPOR		
L1	grándi	li,	más	pa	fóra	la
L2	grande	aqui	mais	para	fora	lá
L3	PROPOR]	[NUC	
L1	ki	N	átxa.			
L2	que	S1SG	achar.PFV			
L3		NUC]			

Quando mais o senhor vir aquela [vaca] maior aqui, mais lá longe que eu [a] encontrei.¹⁴⁵

(kea_ev_narr_10_243)

¹⁴⁴ A explicação de Xibinho ao Lobo era uma tentativa de enganá-lo, já que não havia nenhum burro enterrado, apenas o rabo do burro tinha sido enterrado por Xibinho para enganar o Lobo.

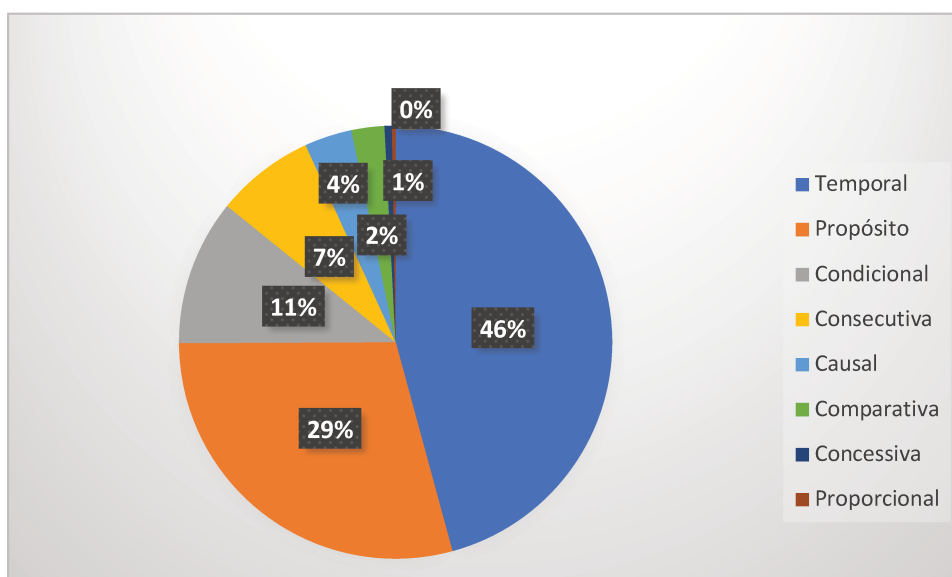
¹⁴⁵ O trecho mostra a resposta de uma personagem que engana os amigos dizendo que tinha ido pescar vacas e argumenta afirmando que as vacas maiores foram pescadas mais longe.

Em 110, o elemento em comparação proporcional é *báka* ‘vaca’, retomado, nesse exemplo, pelo demonstrativo *kei* ‘aquele’ na cláusula dependente. A cláusula proporcional é introduzida pelo conector *kántu más* ‘quanto mais’ com indicação de diretamente proporcional pela presença de *más* ‘mais’ também na nuclear. Os predicados nuclear e dependente são codificados por verbos perfectivos, evidenciando que tanto o evento nuclear quanto o evento dependente são concluídos. A adverbial de proporção localiza-se em posição anteposta à sua nuclear. Um único dado não é suficiente para estabelecer parâmetros sobre as características sintáticas desse tipo de cláusula.

4.1.9 Síntese das adverbiais

O *corpus* apresenta 365 cláusulas adverbiais. Os parâmetros observados para a análise desses dados foram: i) relação semântica estabelecida; ii) conector que intermedeia a vinculação; iii) tipo de discurso (direto e não direto); iv) nível da estrutura sintática; v) características do predicado (aspecto e polaridade); vi) entrelaçamento (compartilhamento de argumentos); e vii) posição da cláusula adverbial em relação à nuclear. As relações semânticas que se estabelecem nessas cláusulas são: tempo, condição, propósito, causa, consequência, comparação, concessão e proporção. Os resultados mostram maior frequência nas adverbiais de tempo, propósito, condição e consequência, respectivamente, como se pode ver no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Frequência das adverbiais no *corpus*

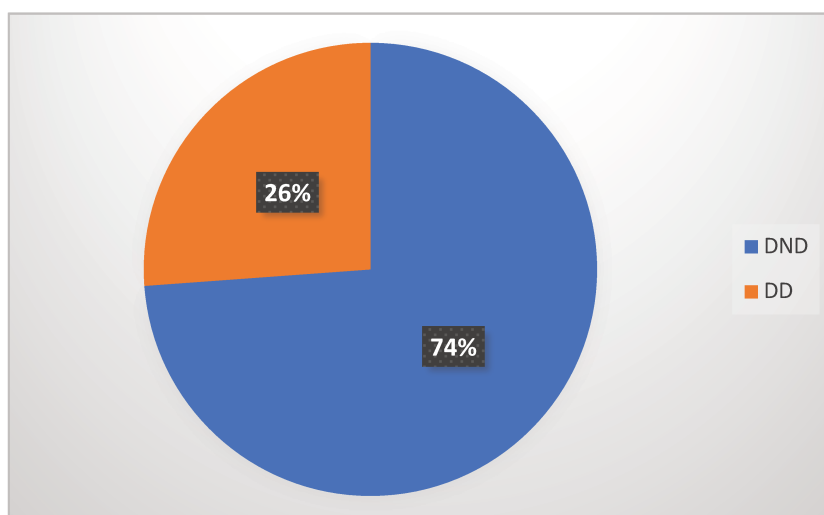


Fonte: Elaborado pela autora.

A maior frequência nesses tipos de relação semântica dá-se pela natureza do *corpus* (narrativa). Essas relações caracterizam-se por delimitar os eventos que configuram o desenvolvimento narrativo, isto é, eventos de fundo. Já as relações de causa, concessão, comparação e proporção são mais voltadas para textos argumentativos, por isso ocorrem em menor frequência.

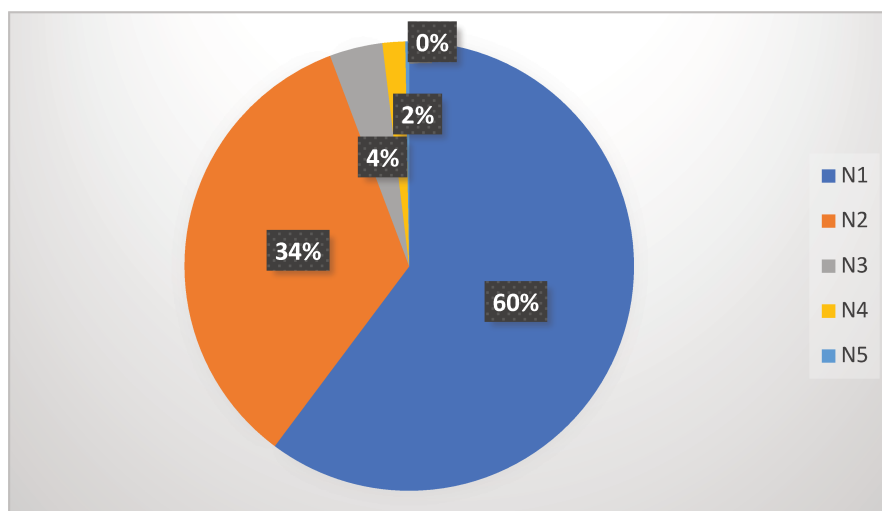
A maioria das adverbiais ocorre em discurso não direto e em nível um (N1), como mostram os gráficos 8 e 9.

Gráfico 8 – Distribuição das adverbiais em discurso direto e não direto



Fonte: Elaborado pela autora.

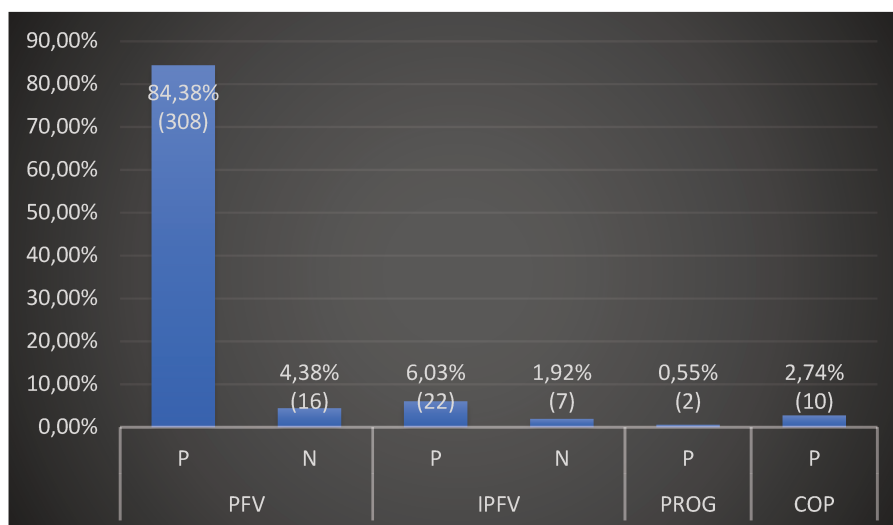
Gráfico 9 – Distribuição das adverbiais nos cinco níveis da estrutura sintática



Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados expressos pelos gráficos 8 e 9 mostram que as adverbiais em contos tradicionais, no santiaguense, desempenham prioritariamente a função de situar os eventos que se configuram em figura da narrativa (eventos que normalmente estão no nível um da estrutura sintática e, mais comumente, em discurso não direto). Além disso, o Gráfico 9 mostra que as adverbiais se realizam até o nível cinco da estrutura sintática (mesmo com baixa produtividade em N5). Isso corrobora os resultados de Tesnière (1976, p. 540), que, de uma perspectiva estrutural, observou que, mesmo o número de translação¹⁴⁶ sendo teoricamente ilimitado, não há mais de sete elementos em seus estudos. Quanto à atuação das marcas de aspecto e polaridade dos predicados das adverbiais, o Gráfico 10 evidencia a predominância do aspecto perfectivo e da polaridade positiva.

Gráfico 10 – Correlação do aspecto e da polaridade nas adverbiais



Fonte: Elaborado pela autora.

As adverbiais são as cláusulas com o segundo maior percentual do aspecto perfectivo correlacionado com a polaridade positiva (84,38%), sendo as coordenadas (86,35%) as que apresentam o maior percentual nesse quesito. Isso mostra que tanto os eventos de fundo (como os codificados pelas adverbiais) como os de figura (codificados principalmente por coordenadas em nível um), em contos tradicionais do santiaguense, são empregados, preferencialmente, a partir de uma perspectiva completa e concluída.

Em relação ao parâmetro entrelaçamento, os dados mostram uma tendência das adverbiais em compartilharem argumentos com suas nucleares, como se pode ver na Tabela 12.

¹⁴⁶ Tesnière (1976) estuda a estrutura da frase a partir da translação, ou seja, a mudança de categoria gramatical de um termo. Segundo esse autor, o número de translação de forma indefinida pode comprometer a coesão da construção sintática e a inteligibilidade do texto (TESNIÈRE, 1976, p. 618).

Tabela 12 – Entrelaçamento nas adverbiais¹⁴⁷

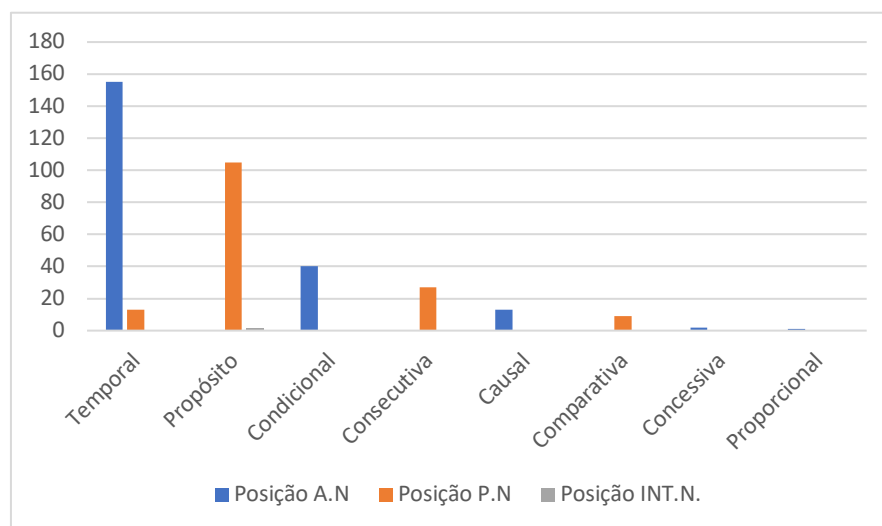
Tipo semântico	SIM	NÃO	TOTAL
Temporal	107	61	168
Propósito	84	23	107
Condicional	24	16	40
Consecutiva	13	14	27
Causal	8	3	11
Comparativa	8	1	9
Concessiva	2	0	2
Proporcional	0	1	1
Total	246	119	365
%	67,40%	32,60%	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 12 mostra que, com exceção das adverbiais de consequência¹⁴⁸, as demais apresentam tendência ao compartilhamento de argumentos.

Por fim, quanto à posição da cláusula, 57,49% das adverbiais estão antepostas às suas nucleares, 41,96% estão pospostas e apenas 0,54% estão intercaladas na nuclear. A distribuição da posição¹⁴⁹ das adverbiais em relação à sua nuclear pode ser vista no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Posição das adverbiais em relação às suas nucleares



Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁴⁷ As adverbiais concessivas e proporcionais não constam no gráfico por apresentarem um número insuficiente de dados.

¹⁴⁸ Não mencionamos a adverbial de proporção, pois os dados são insuficientes para mostrar tendências de entrelaçamento nesse tipo de adverbial.

¹⁴⁹ As posições são: anteposta à nuclear (A.N), posposta à nuclear (P.N) e intercalada na nuclear (INT.N).

Portanto, de acordo com o Gráfico 11, podemos concluir que a posição da cláusula aparece fundamentalmente condicionada pelo seu tipo semântico. Em certos casos, há uma variação na posição (como é o caso das temporais e de propósito) possivelmente explicada por serem as mais frequentes e pela existência de subtipos, como é o caso das temporais, em que apenas as sobrepostas ocupam de fato mais de uma posição (anteposta e posposta), as de posterioridade ocorrendo apenas pospostas à sua nuclear. Nas de propósito, há somente dois dados com cláusula intercalada na nuclear, ambos com adverbiais situadas entre o sujeito e o predicado nuclear. As demais adverbiais ocorreram em apenas uma posição, sendo antepostas as condicionais, causais, concessivas e proporcionais, e pospostas as consecutivas e comparativas.

4.2 Completivas

As relações completivas caracterizam-se por vincularem dois estados de coisas, em que o dominante (que aqui chamaremos de estado de coisas matriz) implica o estado de coisas dependente (CRISTOFARO, 2003, p. 95). Para Noonan (2007, p. 52), a complementação se dá quando uma sentença nocional ou uma predicação é argumento de um predicado, ou seja, quando essa sentença ou predicação é sujeito ou complemento do predicado. Hopper e Traugott (2003)¹⁵⁰ inserem essas cláusulas entre as encaixadas, já que elas se constituem sintaticamente em um argumento verbal, ocupando o lugar de um sintagma nominal. Como Noonan (2007), aqui se incluem também as cláusulas completivas que são controladas semanticamente por um sintagma nominal que está contido no predicado matriz. Portanto, este capítulo está dividido nas completivas controladas sintático e semanticamente por verbo e por nome/adjetivo.

4.2.1 *Completivas controladas por verbos*

As cláusulas completivas controladas por verbos são sintaticamente bastante integradas à sua matriz e têm características de desfrsialização. Essa característica não é muito nítida, de uma perspectiva sintática, quando se trata de cláusulas completivas que constituem atos de fala em discurso direto. Esse fato leva alguns sintaticistas a categorizarem esse tipo de cláusula como coordenada, encarando os estados de coisas envolvidos no predicado de elocução e no predicado do ato de fala como independentes. Nesta análise, decidimos considerar esse

¹⁵⁰ Ver Quadro 1, no capítulo dois.

caso como completiva em discurso direto, já que temos adotado uma tipologia translinguística para a orientação deste trabalho e algumas línguas só constroem completivas, que expressam atos de fala, controladas por predicados de elocução em discurso direto, assim como o ato de fala só é realizado pelo requerimento do verbo de elocução. Consideramos, portanto, que esse tipo de vinculação entre cláusulas deve ser entendido como completiva, e não como coordenada.

Cristofaro (2003) subcategoriza semanticamente as completivas a partir do verbo que codifica o predicado matriz. Assim, a autora classifica oito tipos semânticos de predicados que tomam complementos: (i) de elocução; (ii) de manipulação; (iii) modal; (iv) de fase; (v) desiderativa; (vi) de percepção; (vii) de conhecimento; e (viii) de atitude proposicional. Além desses, seguimos também a categorização de Noonan (2007), acrescentando estes dois tipos: i) de conquista; e ii) de pretensão. Para esta análise, acrescentamos, ainda, mais um subtipo do predicado de fase, o qual denominamos predicado de fase com verbo de movimento. Esse predicado não está em nenhuma categorização dos tipologistas mencionados, porém foi-nos necessário contemplá-lo para darmos conta de dados que não se encaixam nas categorizações de Cristofaro (2003) nem nas de Noonan (2007).

A ordem em que apresentamos a análise dos tipos de predicados que controlam cláusulas completivas é a seguinte: 1. elocução; 2. fase; 3. fase movimento; 4. manipulação; 5. percepção; 6. conhecimento; 7. desiderativo; 8. modal; 9. atitude proposicional; 10. pretensão; 11. conquista. Dentre as controladas por nome/adjetivo, tem-se esta ordem de apresentação: 1. comentário; 2. elocução; 3. desiderativo; 4. medo; 5. hábito.

4.2.1.1 Predicado de elocução

Essa cláusula caracteriza-se por expressar um processo de transferência de informação que se inicia num agente e se dirige a um destinatário que pode estar explícito ou não (CRISTOFARO, 2003, p. 108). O agente é codificado pelo sujeito da cláusula matriz, e a cláusula completiva constitui-se no ato de fala desse agente.

4.2.1.1.1 Análise qualitativa

Nos dados tratados, o maior número de ocorrências desse tipo de completiva dá-se com o verbo *fla* ‘dizer’, como ilustram os exemplos 111 e 112:

MATRIZ						
L1	p-e	da-l...	s-e	kre	benson	o
L2	para-S3SG	da-O3SG	si-S3SG	querer.PFV	bênção	ou
L3	COMPL 1]		[COMPL 2			
L1	kufongu.	E	<i>fla</i>	<i>si</i>	<i>mai</i>	m-e
L2	comida	S3SG	dizer.PFV	POSS.3SG	mãe	que-S3SG
L3	COMPL 2]		JSP 2 / MATRIZ			[COMPL
L1	kre	kufongu.				
L2	querer.PFV	kufongu ¹⁵¹				
L3	COMPL]					

*Então [...] sua mãe perguntou-lhe si é para dar-lhe... si ele queria bênção ou kufongu.
Ele respondeu à sua mãe que ele queria kufongu.*

(kea_ev_narr_09_09_011)

O exemplo 111 apresenta uma cláusula matriz com predicado de elocução codificado pelo verbo *fla* ‘dizer’ que controla três completivas, as quais constituem os atos de fala da cláusula matriz. A primeira completiva é formada por um sintagma adverbial *la fin di mundu* ‘no fim do mundo’, introduzido pelo complementizador *ma* ‘que’, o qual é retomado para introduzir o predicado da completiva *ten un omi* ‘tem um homem’. Esse predicado encaixa uma cláusula relativa *ki ten tres fidju fémia* ‘que tem três filhas’, que modifica o sintagma nominal *un ómi* ‘um homem’. Na segunda completiva, parte do referente do complemento verbal da cláusula relativa (as três filhas) é retomado na forma topicalizada *kel más pikinóti* ‘aquela mais nova’, intermediado pelo completizador *ma* ‘que’, o qual se repete para introdução de duas adverbiais de nível dois (N2) que antecedem o predicado da completiva *ta kori un águ* ‘escorre uma água’. Seguindo a estrutura da segunda completiva, a terceira também retoma o referente do complemento verbal, de forma topicalizada, mencionado na completiva anterior *kel águ* ‘aquela água’, intermediado pelo complementizador *ma* ‘que’. A completiva três também subordina cláusulas adverbiais *s-e pánha*, *k-e npára*, *k-e poi na pe* ‘se ele pega, se apara, se põe no pé’. Porém, aqui não há a repetição do complementizador *ma* para introduzir essas adverbiais, o complementizador é retomado apenas para introduzir a parte nuclear da completiva *ma f... kel frida ta seka* ‘que f... aquela ferida seca’. Possivelmente, isso ocorre pelo fato de as adverbiais estarem em relação de coordenação justaposta entre si, em um nível sintático (N3) subsequente ao delas (N2) e, portanto, o emprego do complementizador antecedendo o elemento topicalizado tem como escopo, também, esse grupo de cláusulas adverbiais.

¹⁵¹ Alimento típico cabo-verdiano à base de milho e água.

Em 112, tem-se duas cláusulas coordenadas compostas por matrizes que encaixam completivas. A primeira coordenada é formada pela cláusula matriz *nton si mai fla-l* ‘então [...] sua mãe perguntou-lhe’ seguida da completiva *s-é* ‘si é’, a qual subordina uma adverbial de propósito *p-e da-l* ‘para ele dar’. Essa completiva é introduzida pelo conector *si* ‘se’, pois aqui o sentido do verbo *fla* ‘dizer’ aproxima-se ao de *purgunta* ‘perguntar’, o qual na LCV seleciona o complementizador *si* ‘si’, nesse contexto. A segunda completiva *s-e kre benson o dinheru* ‘se ele queria bênção ou dinheiro’, também encaixada nessa mesma matriz, é uma reformulação da primeira. Ela também é introduzida pelo complementizador *si* ‘se’, já que complementa, da mesma forma, o predicado matriz codificado pelo verbo *fla* com sentido de |perguntar|. Já na segunda coordenada, a matriz, *e fla si mai* ‘ele respondeu à sua mãe’, também traz um predicado codificado pelo verbo *fla*, mas com o sentido de |responder|. Com esse sentido, esse predicado seleciona o complementizador *ma* ‘que’, o qual introduz a completiva *m-e kre kufongu* ‘que ele quer *kufongu*’. As completivas da primeira matriz apresentam predicados codificados respectivamente por cópula e verbo forte. Em cabo-verdiano, a cópula apresenta dois radicais: i) *ser* (passado *serba*), que pode ser empregado com todas as partículas aspectuais; ii) *é* (passado *éra*) empregado unicamente num contexto habitual (QUINT, 2000, p. 252)¹⁵². Por isso, nesse exemplo, os predicados matriz e dependente não apresentam marca aspectual, assim como a completiva da segunda matriz, que também tem predicado codificado por verbo forte.

Nesses dois exemplos, podemos perceber que a seleção do complementizador é imposta pela semântica do verbo que codifica a cláusula matriz e que a sua retomada depende de alguns fatores sintáticos, a saber: i) a função no discurso (é retomado antes do tópico); ii) o tipo de cláusula que participa da completiva (se adverbial, pode retomar o complementizador; se relativa, não retoma).

Como já observamos, Quint (2000, p. 212) destaca que as conjunções completivas permitem a modulação do sentido do verbo que as seleciona. Segundo esse autor, para *fla ma* o sentido é |dizer que|, e para *fla pa*, tem-se o sentido de |ordenar|. As completivas introduzidas pelo complementizador *pa* serão tratadas nas completivas de manipulação (ver seção 4.2.1.3). As completivas introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’ são declarativas e a realização do complementizador é facultativa, apesar de ter uma alta frequência de uso, dependendo do propósito comunicativo do(a) locutor(a), ele pode ocorrer ou não. Em 111, a locutora parece querer deixar o mais claro possível a parte introdutória da história, da qual depende todo o desenrolar dos fatos que se seguem, por isso demarca as completivas, bem como os elementos

¹⁵² Para uma caracterização mais detalhada do funcionamento da cópula em cabo-verdiano, ver Quint (2000, p. 252-257).

topicalizados, através do complementizador. Logo, conclui-se que as completivas declarativas em discurso indireto têm emprego facultativo do complementizador *ma* ‘que’ e obrigatório do complementizador *si* ‘se’.

O exemplo 113 mostra o verbo *fla* ‘dizer’ encaixando várias completivas, todas também introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’.

(113)

L1	E	fla	nau,	m-e	ka	ta
L2	S1SG	dizer.PFV	não	que-S3SG	NEG	IPFV
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1	
L1	bai,	pamodi	ma	el	é	el
L2	ir	porque	que	T3SG	COP	T3SG
L3	COMPL 1]	[COMPL 2		
L1	ku	kel	bitxu,	m-e	ka	ta
L2	com	aquele	bicho	que-S3SG	NEG	IPFV
L3	COMPL 2]	[COMPL 3		
L1	lárga	si	bitxu,	porké	ma	si
L2	largar	POSS.3SG	bicho	porque	que	POSS.3SG
L3	COMPL 3]	[COMPL 4		[NUC_N2
L1	bitxu	kii...	ki	tene-l	sima	e
L2	bicho		REL.foco	ter.PFV-O3SG	como	S3SG
L3			COMPL 4			
		NUC_N2]	[COMPAR_N2	
L1	sta	la.				
L2	estar.PFV	lá				
L3	COMPL 4]				
	COMPAR_N2]				

Ela disse não, que ela não vai, porque ela é ela com aquele bicho, que ela não larga seu bicho, porque seu bicho [é] quee... que a tem como ela está lá.

(kea_ev_narr_02_112_114)

Em 113, a matriz *e fla* ‘ela disse’ encaixa quatro completivas declarativas introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’. As duas primeiras estão explicitamente coordenadas entre si (N2) pelo conector *pamodi* ‘porque’, a terceira é justaposta à segunda e explicitamente coordenada à quarta pelo conector *porké* ‘porque’. A primeira e a terceira completivas apresentam predicados com polaridade negativa codificados por verbos fracos, nomeadamente *bai* ‘ir’ e *lárga* ‘largar’ com aspecto imperfectivo, evidenciado pelo marcador aspectual *ta*. A segunda tem predicado codificado pela cópula que não recebe marca aspectual, e a quarta, por ter predicado codificado por um verbo forte *teni* ‘tem’, tem marca de aspecto perfectivo (\emptyset), num contexto de presente narrativo, como os demais que são precedidos pela partícula aspectual *ta*.

Os dados apresentam um número bastante alto de completivas de elocução em discurso direto, nas quais o emprego do complementizador não é possível, como nos mostram os exemplos 114, 115, 116 e 117.

(114)

L1	e	fla:	nha	tiu,	nhu	ta	kánta
L2	S3SG	dizer.PF	POSS.1SG	tio	senhor	IPFV	cantar
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1		
L1	gálu,	nhu	ta	fla-m	ma	óra	dja
L2	galo	senhor	IPFV	dizer-O1SG	que	hora	já
L3	COMPL 1]	[COMPL 2			[COMPL_N2
L1	da.	Nhu	bá	deta,	ók-é	óra,	N
L2	dar.PF	T.S2SG	ir.IMP	deitar.PF	quando	hora	S1SG
L3	COMPL 2]	[COMPL 3]	[COMPL 4	[
	COMPL_N2]	[MATRIZ_N2]	[TEMP_N2]
							[MATRIZ_N2]
L1	ta	txoma	nhu.				
L2	IPFV	chamar	T.O2SG				
L3		MATRIZ_N2]				

Ele disse: meu tio, o senhor canta como o galo, o senhor me diz que a hora já chegou. Vá deitar-se, quando for hora eu chamarei o senhor.

(kea_ev_narr_05_074_076_078)

(115)

L1	si	mai	fla:	a-bo,	Pálu	dja
L2	POSS.3SG	mãe	dizer.PFV	T2SG	Paulo	ACT
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1	
L1	bai	ka	ben,	ka-u	bai.	
L2	ir.PFV	NEG	vir.PFV	NEG-S2SG	ir.IMP	
L3	COMPL 1]	[COMPL 2]	[COMPL 3

Sua mãe disse: Paulo já foi e não voltou. Não vá!

(kea_ev_narr_01_039)

(116)

L1	E	pánha	po,	e	fla-l:	nau,
L2	S3SG	apanhar.PFV	pau	S3SG	dizer.PFV-O3SG	NEG
L3	[JSP 1]	[JSP 2 / MATRIZ]
L1	ka-u	tra	ku	po,	nau!	
L2	NEG-S2SG	tirar.IMP	com	pau	NEG	
L3		COMPL]

[Quando] ele [Xibinho] pegou o pau, ele [Lobo] disse-lhe: não, não
tire com o pau, não!

(kea_ev_narr_05_024)

(117)

L1	E	fla:	mi	N	ka	nétu	nha.
L2	S3SG	dizer.PFV	T1SG	S3SG	NEG	neto	senhora
L3	[MATRIZ]	[COMPL]]

Ele [Pedro] disse: eu não sou neto da senhora.

(kea_ev_narr_09_093)

Em 114, a cláusula matriz *e fla* ‘ele disse’ integra quatro completivas em discurso direto. A segunda completiva *nhu ta fla-m* ‘o senhor me diz’ é matriz de nível dois (N2) de uma completiva em discurso indireto introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’. A quarta completiva *N ta txoma nho* ‘eu chamarei o senhor’ é também nuclear de nível dois (N2) de uma subordinada temporal de nível dois (N2), *ók-é óra* ‘quando for hora’. As completivas em discurso direto, exceto a completiva 3, apresentam aspecto imperfectivo. A completiva 3 tem predicado codificado por um verbo no modo imperativo, o que só pode ocorrer com completivas em discurso direto. Uma outra característica de completivas expressando atos de fala em discurso direto é a presença de vocativos, como *nha tiu* ‘meu tio’, que não é possível nas completivas em discurso indireto.

Da mesma forma, em 115, a matriz *si mai fla* ‘sua mãe disse’ integra 3 completivas em discurso direto introduzidas pelo vocativo *a-bo* ‘pronome tônico inicial na 2ª pessoa do singular’. Nesse exemplo, os predicados são codificados por verbos perfectivos (completivas 1 e 2) e no modo imperativo (completiva 3). As completivas 2 e 3 também recebem marcação para polaridade negativa *ka* ‘negação verbal’. Vale ressaltar que a partícula de negação verbal *ka* que comumente se coloca imediatamente antes do verbo, nas cláusulas imperativas, é alocada antes do pronome sujeito, como se vê na terceira completiva *ka-u bai* ‘não vá’. É interessante notar, também, a relação lógica de contraste entre a completiva 1 e 2 *Pálu dja bai, ka ben* ‘Paulo já foi [mas] não veio’. Pelo fato de Paulo ter ido, esperava-se que ele também tivesse voltado, o que não ocorreu. Essas duas cláusulas com verbos perfectivos são fatos pontuais que ocorreram anteriormente ao momento de fala da personagem. Essa relação de contraste é estritamente lógico-semântica e é ressaltada pela inversão da polaridade (1ª positiva, 2ª negativa). Não se pode considerar essa sequência de cláusulas como serialização verbal, de acordo com a descrição de Noonan (2005, p. 87-92), pois, mesmo que elas partilhem o mesmo

referente sujeito, têm polaridades independentes, isto é, a marca da negação atua apenas na segunda completiva.

O exemplo 116 apresenta uma matriz *e fla-l* ‘ele disse-lhe’ que integra uma completiva em discurso direto com dupla negação, além da topicalização da negação pelo advérbio *nau* ‘não’. A completiva tem predicado codificado por um verbo no imperativo, o que leva o marcador de negação a ser colocado antes do pronome sujeito *ka-u* ‘não-S2SG’. A dupla negação se dá pela repetição da negação através do advérbio *nau* ‘não’ ao fim da frase complexa (ou seja, a combinação *ka...nau*). A ausência do complementizador e o predicado da completiva com verbo no imperativo são característicos do discurso direto em completivas de elocução.

O exemplo 117 é um caso interessante de completiva com predicado não verbal. A cláusula *N ka netu nha* ‘eu não [sou] neto da senhora’ não apresenta nenhum elemento verbal e tem polaridade negativa, tendo como marcador de negação verbal *ka* ‘não’, o que nos leva a deduzir que há elipse da cópula nessa cláusula. Contudo, há uma ressalva nessa dedução, já que a cópula não poderia ser empregada com o pronome sujeito átono *N* ‘S1SG’, mas com o pronome tônico (*a-mi/mi* ‘T1PSG’)¹⁵³. Logo, o que pode ocorrer, nesse caso, é que, com a queda da cópula e o sintagma nominal *netu nha* ‘neto da senhora’ funcionando como predicado, o falante é impulsionado a utilizar o pronome sujeito de maior produtividade, que é o pronome átono. Outra possibilidade é que o marcador de negação verbal *ka* esteja atuando como cópula negativa ou como verbo defectivo com sentido |não ser|.

As completivas em discurso direto têm características linguísticas semelhantes às cláusulas independentes. No entanto, elas são controladas pela matriz de elocução e são, portanto, constituintes dessa cláusula. Por isso, como já mencionamos, não podemos encará-las como cláusulas coordenadas, visto que elas são implicadas, no discurso, pelo predicado da matriz e só se realizaram por conta dele.

Os demais verbos que codificam predicados matrizes de elocução são: *akalia* ‘calhar’ e *kontese* ‘acontecer’. Os exemplos 118 e 119 ilustram completivas controladas por esses verbos.

¹⁵³ QUINT (2000, p. 166) informa que os pronomes sujeitos que precedem o verbo *sér* ‘ser’, quer na forma presente *é* ou na do passado *éa* são os pronomes absolutos, preposicionais, ou até mesmo os tônicos iniciais. Sobre os pronomes pessoais crioulos na variedade de Santiago, ver Quint (2000, p. 159-182) e Quint (2010).

(118)

L1	Más	akália	ki	kaminhu	p-es	andába
L2	mas	calhar.PFV	que	caminho	para-S3SG	andar.PFV.PST
L3		[MATRIZ]	[COMPL]
L1	é	muitu	lonji.			
L2	COP	muito	longe			
L3		COMPL]			

Mas calhou que o caminho para eles andarem era muito longe.

(kea_ev_narr_03_032)

(119)

L1	Anton	kántu	e	sai	la,	kontese
L2	Então	quando	S3SG	sair.PFV	lá	acontecer.PFV
L3		[TEMP]	[MATRIZ]
L1	ki	nha	bédja	sai	la,	fle-l:
L2	que	POSS.1SG	velha	sair.PFV	lá	dizer.PFV-O3SG
L3	[COMPL 1]		[COMPL 2 / MATRIZ_N2]
L1	ale-bu,	nha	fidju	mátxu.		
L2	ADV.PRST-S2SG	POSS.1SG	filho	macho		
L3	[COMPL_N2]		

Então quando ele saiu lá, aconteceu que a feiticeira saiu lá, disse-lhe: olha você aí, meu filho!

(kea_ev_narr_12_192)

118 e 119 são exemplos menos frequentes no *corpus* e com uma certa especificidade, já que se trata de verbos de elocução impessoais, ou seja, a transferência de informação aqui não começa num agente. Em 118, o predicado matriz é codificado pelo verbo *akalia* ‘calhar’ que integra a completiva, *ki kaminhu p-es andába é muito lonji* ‘que o caminho para eles andarem era muito longe’. Essa completiva é introduzida pelo complementizador *ki* e apresenta predicado codificado pela cópula na forma do presente, a qual não recebe marca aspectual, ao contrário do radical *ser*, que pode ocorrer com todas as partículas aspectuais. Contudo, a completiva é marcada também pelo tempo passado, ao ter vinculada a ela uma cláusula relativa, *p-es andába*, modificando o sujeito da completiva *kaminhu*, com predicado codificado pelo verbo *andába*, com a marca de passado {-ba}.

Em 119, o verbo de elocução é *kontese* ‘acontecer’, o qual integra duas completivas, *ki nha bédja sai la* ‘que a feiticeira saiu lá’ e *fle-l* ‘disse-lhe’. O complementizador realiza-se somente antes da primeira completiva, não sendo retomado para introduzir a segunda. Parece que sua posição anterior à primeira completiva permite-lhe comandar o grupo das completivas sem ser necessária a sua retomada. Tanto o verbo do predicado matriz quanto os verbos dos predicados das completivas apresentam aspecto perfectivo, denotando ações concluídas no momento da enunciação.

4.2.1.1.2 Análise quantitativa

Em relação ao emprego dos complementizadores, a polaridade e o aspecto verbal dos predicados das completivas, os dados mostram alta frequência de uso do complementizador *ma* ‘que’ para as completivas de elocução em discurso indireto, como mostra a Tabela 13.

Tabela 13 – Completivas de elocução em discurso indireto

Complementizador	Grau sintático, aspecto e polaridade das completivas															Total					Total geral	%	
	N1						N2					N3											
	PFV		IPFV		PROG	COP	SV_zero	PFV		IPFV		COP	PFV	COP	PFV		IPFV		PROG	COP			SV_zero
	P	N	P	N	P	P	P	P	N	P	N	P	P	P	P	N	P	N	P	P			P
ma~m-	41	7	34	5	4	11	-	6	1	1	1		1	3	48	8	35	6	4	14	0	115	74,19
si~s-	3	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-		2	-	5	0	0	0	0	2	0	7	4,52
zero	12	3	6	3	-	1	1	1	-	-	-	3	-	-	13	3	6	3	0	4	1	30	19,35
ki	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-		-	-	2	0	0	0	0	1	0	3	1,94
Total	58	10	40	8	4	15	1	7	1	1	1	3	3	3	68	11	41	9	4	21	1	155	100
%	37,42	6,45	25,81	5,16	2,58	9,68	0,65	4,52	0,65	0,65	0,65	1,94	1,94	1,94	43,87	7,10	26,45	5,81	2,58	13,55	0,65	100	
Total por nível	136				13					6				79		50		4	21	1			
% por nível	87,74				8,39					3,87				50,97		32,26		2,58	13,55	0,65			
Índice de dominância																						0,4387	
Índice reverso																						0,5613	

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 13 mostra uma alta frequência das formas aspectuais marcadas, especificamente, o imperfectivo (32,26%) e o progressivo (2,58%), confirmado por índice inverso elevado (0,5613). Se comparados aos percentuais dessas formas no *corpus* (imperfectivo: 12,2%; progressivo: 1,5%), esses valores podem indicar que as completivas de elocução em discurso indireto, sendo tipicamente cláusulas de fundo, apropriam-se dessas marcas aspectuais em maiores proporções que as cláusulas que podem desempenhar a função discursiva de figura¹⁵⁴.

Já para as completivas em discurso direto, a alta frequência de uso dá-se sem complementizadores, como se pode ver na Tabela 14.

¹⁵⁴ Sobre os planos discursivos da narrativa, ver capítulo dois, nas propostas de Hopper e Thompson (1980), de Silveira (1997) e Chedier (2007).

Tabela 14 – Completivas de elocução em discurso direto

Complementizador	Grau sintático, aspecto e polaridade da completiva																		Total										
	N1								N2								N3		PFV		IPFV		PROG		COP PRS		SV_zero		
	PFV		IPFV		PROG		COP		SV_zero		PFV		IPFV		COP		SV_zero		PROG	PFV		IPFV		PROG		COP PRS		SV_zero	
	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	P	P	N	P	P	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	
zero	178	45	126	37	20	1	27	2	13	4	10	2	6	1	1	2	1		188	47	132	37	21	1	28	2	14	6	
%	37,39	9,45	26,47	7,77	4,20	0,21	5,67	0,42	2,73	0,84	2,10	0,42	1,26	0,21	0,21	0,42	0,21		39,50	9,87	27,73	7,77	4,41	0,21	5,88	0,42	2,94	1,26	
total por nível	453								22								1		235		169		22		30		20		
% por nível	95,17								4,62								0,21		49,37		35,50		4,62		6,30		4,20		
	476																												
	100																												
Índice de dominância	PFV P																		0,3950										
Índice reverso	0,605																												

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 14 mostra resultados semelhantes (índice reverso = 0,605) com alta frequência para os aspectos imperfectivo (35,5%) e progressivo (4,62%). A polaridade negativa também apresenta um percentual alto (19,53% = [9,87% + 7,77% + 0,21% + 0,42% + 1,26%]) em comparação com seu total no *corpus* (6,73%). Esses resultados devem-se, possivelmente aos mesmos fatores mencionados pela alta frequência nas cláusulas em discurso indireto. Apenas as completivas em discurso direto apresentam predicado codificado por um verbo no modo imperativo, até porque o emprego do imperativo em discurso indireto não é possível em língua cabo-verdiana. Para esses casos, não há emprego de um complementizador, e a maior frequência de uso se dá com polaridade positiva, como se vê na Tabela 15.

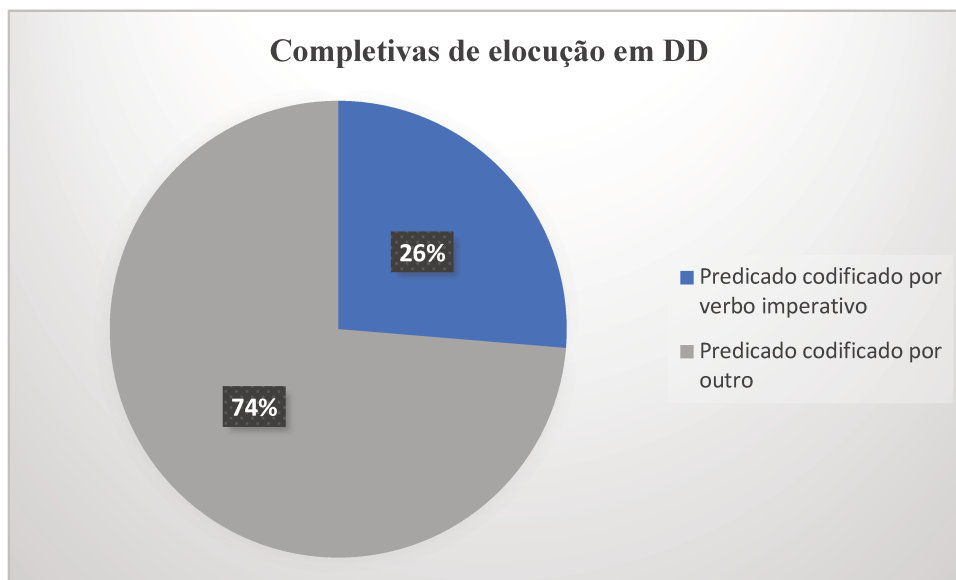
Tabela 15 – Completivas de elocução em discurso direto com verbos no imperativo

Complementizador	Imperativo nas completivas		Total	
	N1	N2		
	P	N	P	N
zero	146	9	15	9
%	85,88	5,29	8,82	5,29
Total por grau	155	15	170	
%	91,18		8,82	100
Índice de dominância	IMP P		0,9471	
Índice reverso			0,0529	

Fonte: Elaborada pela autora.

Dos 801 dados de completivas (155 [Tabela 13] + 476 [Tabela 14] + 170 [Tabela 15]), 170 são completivas com predicados codificados por verbos no modo imperativo, como mostra o Gráfico 12. Isso representa 21,22% do total das completivas de elocução.

Gráfico 12 – Frequência do imperativo em completivas de elocução em DD

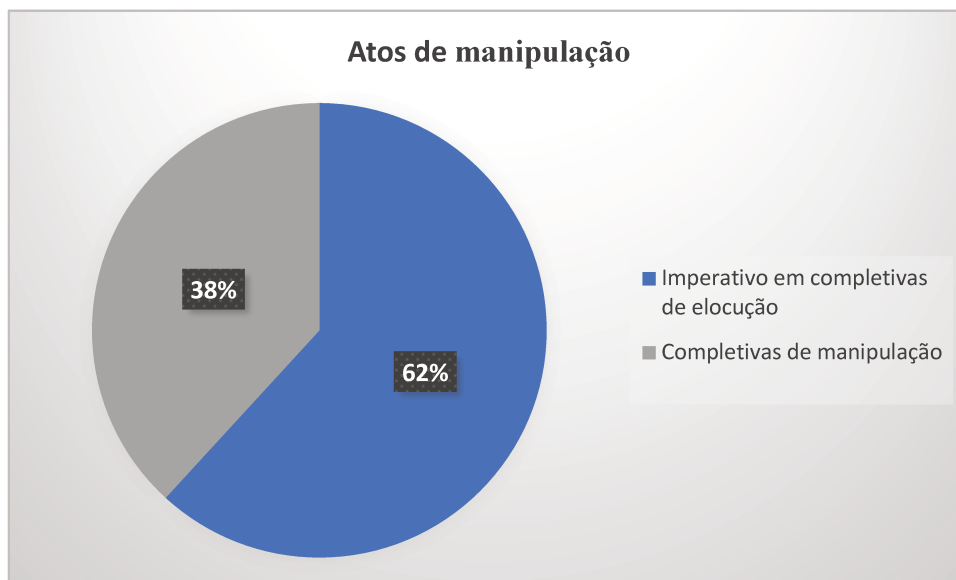


Fonte: Elaborado pela autora.

Sendo as completivas de elocução em discurso direto atos de fala de personagens na narrativa, esse contexto permite a aplicação de um modo verbal que se expressa com o fim de passar uma ordem ou conselho a um destinatário expresso em segunda pessoa (atos manipulativos)¹⁵⁵. Essas completivas desempenham função discursiva, no discurso direto, equivalente à das completivas de manipulação em discurso indireto, ou seja, envolvem um ato de manipulação. Nas completivas com verbos imperativos, o agente causativo desse ato de manipulação é a personagem de quem se origina a fala. O resultado de 26% de predicados codificados por verbos imperativos em completivas de elocução em discurso direto mostra que, no gênero contos tradicionais em cabo-verdiano, a manipulação de forma direta é bastante frequente. Esses atos diretivos em discurso indireto se manifestam pelos predicados matrizes de manipulação e suas completivas. Porém, de forma indireta, a frequência de atos diretivos é bem mais baixa, como se pode ver no Gráfico 13.

¹⁵⁵ Ver seção 4.2.1.3 sobre predicado de manipulação.

Gráfico 13 – Frequência de atos manipulação em discurso direto e indireto



Fonte: Elaborado pela autora.

De um total de 276 atos de manipulação, 62% dão-se de forma direta com predicado codificado por verbo imperativo. Isso mostra a preferência do emprego do discurso direto para os atos de manipulação, possivelmente, para tornar o texto mais dinâmico. No discurso direto, a prototipia dá-se no não emprego do complementizador (uma das marcas da completiva de elocução em discurso direto).

O verbo *fla* 'dizer' é o que tem maior frequência nos dados (468 ocorrências como verbo de elocução, de manipulação e elocução/manipulação). Como verbo de elocução e elocução/manipulação, tem-se 431 ocorrências com esse verbo, ou seja 97,73% do total. Os demais verbos que codificam o predicado matriz de elocução são: *purgunta* 'perguntar', *konta* 'contar', *rispondi* 'responder', como mostra a Tabela 16.

Tabela 16 – Predicados matrizes de elocução

VERBOS DE ELOCUÇÃO	TIPO DE DISCURSO	GRAU SINTÁTICO	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	Total por verbo	%
<i>Fla</i>	DI	N1	65	14,74	414	93,88
		N2	9	2,04		
		N3	1	0,23		
	DD	N1	324	73,47		
		N2	14	3,17		
		N3	1	0,23		
<i>Fla (elocução/manipulação)</i>	DI	N1	14	3,17	17	3,85
		N2	1	0,23		
		N3	2	0,45		
<i>Pergunta</i>	DI	N1	2	0,45	5	1,13
		N2	2	0,45		
	DD	N2	1	0,23		
<i>Konta</i>	DI	N2	1	0,23	1	0,23
<i>Rispondi</i>	DD	N1	1	0,23	1	0,23
<i>Fasi</i>	DD	N1	1	0,23	2	0,45
		N2	1	0,23		
<i>Fika</i>	DI	N2	1	0,23	1	0,23
TOTAL			441	100	441	100
Índice de dominância			<i>Fla (exclusivamente elocução)</i>		0,9388	
			Índice reverso		0,0612	

Fonte: Elaborada pela autora.

O verbo *fla* ‘dizer’ parece configurar-se como paradigma central das cláusulas matrizes que controlam completivas¹⁵⁶, visto que, além de ser de longe o mais frequente (93,88% + 3,85% = 97,73%) nos dados, é também o que controla completivas com as mais variadas estruturas (em discurso direto e indireto; com e sem complementizador; com predicados codificados por verbos com todas as marcas aspectuais; com polaridade negativa e positiva). Esses resultados mostram que, pelo menos no santiaguense, a noção básica de ‘completiva’ assenta-se fundamentalmente num só item verbal, *fla* ‘dizer’.

Os dados mostram uma frequência de uso considerável desse verbo como elocução (88,46%), seguido do uso como manipulação (7,91%) e, em menor frequência, encaixando completivas de elocução e manipulação a um mesmo predicado (3,63%), como se vê na Tabela 17.

¹⁵⁶ Os resultados condizem com os que foram expostos em Vieira Semedo *et al.* (2017).

Tabela 17 – Ocorrência do verbo *fla* ‘dizer’

VERBO <i>FLA</i> ‘DIZER’	TIPO DE DISCURSO	GRAU SINTÁTICO	Nº DE OCORRÊNCIAS	TOTAL	%
Elocução	DI	N1	65	414	88,46
		N2	9		
		N3	1		
	DD	N1	324		
		N2	14		
		N3	1		
Manipulação	DI	N1	31	37	7,91
		N2	6		
Elocução/Manipulação	DI	N1	14	17	3,63
		N2	1		
		N3	2		
Total			468	468	100

Fonte: Elaborada pela autora.

Além de expressar elocução, ele também pode encaixar completivas apenas de manipulação. A alta frequência do emprego do verbo *fla* ‘dizer’ em predicados matrizes controlando completivas puramente de elocução dá-se, possivelmente, pela abrangência semântica desse verbo, visto que ele pode designar os sentidos dos demais verbos de elocução atestados, nomeadamente, *pergunta* ‘perguntar’, *konta* ‘contar’, *rispondi* ‘responder’ e *fasi* ‘fazer’.

Quanto ao compartilhamento de argumentos, das 801 ocorrências de completivas de elocução, 454 compartilham argumentos com suas matrizes. A distribuição desses resultados nos três níveis da estrutura sintática pode ser vista na Tabela 18.

Tabela 18 – Entrelaçamento entre predicados matrizes de elocução e suas completivas

Completivas de elocução	Entrelaçamento nos níveis sintáticos						Total de dados
	N1		N2		N3		
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	
	428	316	19	30	7	1	801
%	53,43	39,45	2,37	3,75	0,87	0,12	100

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 18 mostra que, nas completivas de elocução, há praticamente um equilíbrio no parâmetro entrelaçamento (56,68% sim; 43,32% não). Contudo, percebe-se uma maior frequência (53,43%) do entrelaçamento no nível um (N1) da estrutura sintática, enquanto no nível dois (N2) o não compartilhamento de argumentos predomina (3,75% não contra 2,38% sim). No que diz respeito ao nível três (N3), não é possível afirmar nada por conta do número reduzido de dados nesse nível.

4.2.1.2 *Predicado de fase*

Ao descrever o tipo de relação envolvendo o predicado de fase, Cristofaro (2003, p. 102) mostra que, no estado de coisas matriz, há a indicação que alguma entidade está em uma certa fase em relação ao desenvolvimento temporal de um determinado estado de coisas. Esse estado de coisas ao qual essa fase de desenvolvimento se refere é o estado de coisas dependente. A autora, baseando-se em Noonan (1985, p. 129), explica que: “Os predicados de fase referem-se às fases de desenvolvimento (início, prosseguimento ou conclusão) de um estado de coisas através do tempo, e incluem expressões tais como ‘começar’, ‘continuar’ e ‘parar’”¹⁵⁷. (CRISTOFARO, 2003, p. 102, tradução nossa). Inclui-se aqui também um tipo específico de predicado de fase, os que são codificados por verbos de movimento, os quais não são mencionados por Cristofaro (2003).

4.2.1.2.1 Predicado com verbos que indicam fase

Nesse predicado há uma indicação para a fase inicial, para a continuação ou para o término do estado de coisas dependente. No *corpus*, os verbos que codificam o predicado matriz de fase são: *bira* ‘virar’, *komesa* ‘começar’, *kunsa* ‘fazer depois’, *ká* ‘acabar’, *fika* ‘ficar’, *fila* ‘preparar-se’ e *torna* ‘tornar’.

4.2.1.2.1.1 Análise qualitativa

O verbo *bira* ‘virar’ traz o sentido de mudança de ação, é [pôr-se a fazer algo]. Dessa forma, ele indica a fase inicial do desenvolvimento do estado de coisas matriz, e o estado de

¹⁵⁷ Original: “Phasal predicates refer to the phase of development (inception, continuation, and termination) of an SoA through time, and include expressions such as ‘begin’, ‘continue’, and ‘stop’.”

coisas dependente indica a entidade que se encontra nessa fase de desenvolvimento. Isso pode ser observado em 120 e 121.

(120)

L1	Kel	minina	oia-i,	dj-e	bira	ta
L2	aquele	menino.F	ver.PFV-O3SG	ACT-S3SG	virar.PFV	IPFV
L3	[JSP 1]			[JSP 2/MATRIZ]		[COMPL 1
L1	kánta,	ta	ri,	sai	kel	águ.
L2	cantar	IPFV	rir	sair.PFV	aquele	água
L3	COMPL1]	[COMPL 2]		[JSP 3]		

Aquela menina viu-o, já passou a cantar [e]a rir, saiu aquela água.

(kea_ev_narr_01_269)

(121)

L1	Porku	kánsa,	dja	bira	ta	fusinha
L2	porco	cansar.PFV	ACT	virar.PFV	IPFV	cavar com o fucinho.PFV
L3	[JSP 1]		[JSP 2/MATRIZ]		[COMPL	
L1	txon,	fusinha	txon,	deta.	Dja	deta,
L2	chão	cavar com o fucinho.PFV	chão	deitar.PFV	ACT	deitar.PFV
L3	COMPL]	[JSP 3]		[JSP 4]	[JSP 1]	
L1	e	ká	da	ku	maxin,	e
L2	S3SG	acabar.PFV	dar.PFV	com	facão	S3SG
L3	[JSP 2/MATRIZ]		[COMPL		[JSP 3]	
L1	diskánsa.					
L2	descansou.PFV					
L3	[JSP 3]					

O porco cansou, já passou a cavar o chão com o fucinho, cavou o chão com o fucinho, deitou-se. Já se deitou, ele acabou de dar com o facão [e] descansou.

(kea_ev_narr_01_199_203)

Em 120, narra-se o momento em que uma menina que, quando canta e ri, derrama uma água curativa reencontra Pedro (o protagonista). Assim, a frase complexa é constituída por três cláusulas coordenadas entre si por justaposição, em que a segunda coordenada encaixa a completiva de fase. O predicado matriz *dj-e bira* ‘ela passou’ indica que houve mudança da ação em relação à ação anterior expressa pelo predicado da justaposta um (JSP 1), apontando, assim, para a fase inicial dos estados de coisas dependentes codificados pelos predicados *ta kánta* ‘canta’ e *ta ri* ‘ri’. A vinculação entre as completivas e a matriz, nesse caso, é estabelecida sem a mediação de um complementizador. Todas as completivas de fase integradas ao predicado matriz com verbo *bira* ‘virar’ apresentam aspecto imperfectivo, indicando que o estado de coisas dependente é durativo. É interessante notar também, nesse exemplo, que a relação paratática entre as três cláusulas coordenadas justapostas é envolvida de dependência

lógico-semântica. Assim, a primeira coordenada indica o momento em que a segunda ocorre, assemelhando-se a uma subordinada adverbial temporal. Enquanto a terceira indica a consequência do estado de coisas expresso nas duas completivas, ou seja, o fato de a menina cantar e rir fez com que a referida água saísse. Dessa forma, essa terceira coordenada justaposta assemelha-se também a uma adverbial, mas de consequência. A parataxe ocorre em todos os tipos de cláusulas analisados nesta pesquisa, o que mostra o valor significativo dessa estrutura táctica na construção textual em língua cabo-verdiana.

O exemplo 121 traz duas completivas de fase em duas frases complexas, a primeira completiva, *ta fusinha txon* ‘cavar o chão com o focinho’ dependente do predicado *dja bira* ‘já passou’ e a segunda, *da ku maxin* ‘dar com o facão’, integrada ao predicado *e ká* ‘ele acabou’. A primeira completiva, por ser complemento do predicado codificado pelo verbo *bira* ‘virar’, focaliza o início do desenvolvimento da ação expressa no predicado dependente e apresenta predicado codificado por verbo com aspecto imperfectivo. Já a segunda é complemento do predicado codificado pelo verbo *ká* ‘acabar’, por isso focaliza a conclusão do desenvolvimento do estado de coisas dependente. Além disso, o predicado dependente é codificado por um verbo sem marca aspectual e com acentuado grau de não finitude, já que não é possível, nesse contexto, a ocorrência das marcas aspectuais ou de sujeito próprio.

Outro verbo que codifica o predicado matriz de fase e indica o processo inicial do desenvolvimento de um estado de coisas é *komesa* ‘começar’.

(122)

L1	Lántxa	komesa	bai	si,	bá	fundu
L2	lancha	começar.PFV	ir.PFV	assim	ir.PFV	fundo
L3	[JSP 1 / MATRIZ]		[COMPL]		[JSP 2]	
L1	e(s)	móri	séku	raganhádu.		
L2	S3SG	morrer.PFV	seco	arreganhado		
L3	[JSP 3]			

A lancha começou a ir assim, foi ao fundo, eles morreram secos, secos (lit. 'secos arreganhados').

(kea_ev_narr_10_255)

Em 122 a cláusula matriz, *lántxa komesa* ‘a lancha começou’ integra a completiva *bai si* ‘ir assim’, focalizando para o início do desenvolvimento do estado de coisas dependente. Tanto a completiva quanto a matriz apresentam predicados codificados por verbos perfectivos, demonstrando que o que está em evidência nessa relação é realmente a iniciação do estado de coisas dependente.

Outro verbo que também tem como étimo português o verbo ‘começar’ é *kunsa* ‘fazer depois’. Como *komesa* ‘começar’, o predicado matriz codificado por esse verbo também focaliza a fase inicial do desenvolvimento do estado de coisas dependente. Contudo, esse verbo traz a conotação de uma sequência de ação, ou seja, o estado de coisas dependente será iniciado a seguir a outro estado de coisas já mencionado.

(123)

L1	E	fla:	a-mi	N	ka	xabi
L2	S3SG	dizer.PFV	T1SG	S1SG	NEG	saber.PFV
L3	[MATRIZ]		COMPL 1	
L1	náda,	nha	bá	ku	mi,	t-aki
L2	nada	senhora	ir.IMP	com	T1SG	até-hora que
L3	COMPL 1]	[COMPL 2]	[COMPL 3 [TEMP_N2
L1	N	ta	po	pe	na...	na
L2	S1SG	IPFV	pôr	pé	em...	em
L3				COMPL 3		
				TEMP_G2		
L1	riã,	nha	kunsa	tra-m	di	kósta.
L2	areia	senhora	fazer depois.IMP	tirar.PFV-O1SG	de	costa
L3				COMPL 3]
	TEMP N2]	[NUC N2/MATRIZ N2]			COMPL N2]

Ele disse: Não sei de nada, a senhora leva-me, quando eu puser o pé na areia, a senhora passar a tirar-me das costas.

(kea_ev_narr_08_083_087)

Em 123, o predicado matriz de nível dois (N2) *nha kunsa* (lit.) ‘a senhora faz depois’ integra a completiva de nível dois (N2) *tra-m di kósta* ‘tirar-me das costas’. Essas cláusulas fazem parte da sequência de completivas em discurso direto, em que a terceira é constituída por uma adverbial de tempo e sua nuclear, que é também matriz de fase de nível dois (N2), integrando a completiva de fase, também de nível dois (N2). Portanto, o estado de coisas matriz, codificado pelo verbo *kunsa*, está condicionado a ocorrer a partir da realização do estado de coisas da cláusula temporal que o precede. O verbo *kunsa* ‘fazer depois’ não aceita todas as marcas de aspecto, apenas o imperfectivo (*ta*) e perfectivo (\emptyset) atuam sobre ele. Nesse exemplo, o predicado matriz está na forma imperativa e o predicado dependente não apresenta e nem aceita marca aspectual nem sujeito próprio, o que justifica analisá-lo como uma forma não finita.

Para indicar a fase final do desenvolvimento do estado de coisas, o único verbo que consta nos dados é *ká* ‘acabar’.

(124)

L1	Kánt-e	ta	ká	disgota	már,	dj-eris
L2	Quando-S3SG	IPFV	acabar	tirar água.PFV	mar	ACT-S3PL
L3	[TEMP]	[NUC/JSP 1
		MATRIZ_N2		COMPL_N2		
L1	sta	lonji,	es	ta	bai.	
L2	estar.PFV	longe	S3SG	IPFV	ir	
L3	NUC/JSP 1			JSP 2		

Quando ela [a feiticeira] tiver acabado de secar todo o mar, eles já estarão longe, eles irão.

(kea_ev_narr_09_121)

Em 124, a cláusula matriz de fase, *kánt-e ta ká* ‘quando ela tiver acabado’, está contida na adverbial de tempo. Por isso, trata-se de uma matriz de nível dois (N2), assim como sua completiva *disgota már* ‘retirar toda a água do mar’. A matriz tem predicado codificado pelo verbo de fase *ká* ‘acabar’ que focaliza o final do desenvolvimento do estado de coisas dependente. Esse predicado realiza-se com aspecto imperfectivo com indicação prospectiva, ou seja, os estados de coisas mencionados nessas frases não se tinham realizado no momento da enunciação. A relação completiva estabelecida com esse verbo codificando o predicado matriz não é mediada por um complementizador.

O predicado de fase mais frequente nos dados é codificado pelo verbo *torna* ‘tornar’, que, em cabo-verdiano, significa a repetição de uma ação, equivale ao prefixo {re-} ou ao semiauxiliar {voltar a} do português. Aqui o foco está no desenvolvimento da ação como um todo, não apenas numa parte dela, como nos mostra o exemplo 125.

(125)

L1	Xibinhu	parsi,	e	briga,	briga,	briga,
L2	Xibinho	aparecer.PFV	S3SG	brigar.PFV	brigar.PFV	brigar.PFV
L3	[JSP 1		[JSP 2		[JSP 3]	[JSP 4]
L1	e	máta	Xibinhu.	Di	la	e
L2	S3SG	matar.PFV	Xibinho	de	lá	S3SG
L3		JSP 5			MATRIZ/JSP 1	
L1	torna	labánta,	e	lansia	na	porku,
L2	tornar.PFV	levantar.PFV	S3SG	lançar-se.PFV	em	porco
L3	MATRIZ/JSP 1]	[COMPL]			JSP 2	
L1	e	torna	kánsa.			
L2	S3SG	tornar.PFV	cansar.PFV			
L3	[JSP 3/MATRIZ		[COMPL]			

Xibinho apareceu, ele brigou, brigou, brigou, ele [o porco] matou Xibinho. De lá, ele [Pedro] levantou-se novamente, lançou-se no porco [e] cansou-se novamente.

(kea_ev_narr_01_191_193)

O exemplo 125 traz dois predicados matrizes de fase codificados pelo verbo *torna* ‘torna’. O primeiro integra a completiva *labánta* ‘levanta’, e o segundo, a completiva *kánsa* ‘cansa’. Esse trecho narra a luta de Pedro com um porco. Pedro recebe ajuda, nessa luta, de algumas personagens que ele já havia ajudado. Por isso, a repetição do verbo *briga* ‘briga’ e o emprego do verbo *torna* mostram a reincidência das ações, fazendo com que a narrativa da luta seja mais dinâmica. Em todos os dados do *corpus*, os predicados de fase codificados pelo verbo *torna* controlam completivas que apresentam predicados com verbos perfectivos, e a relação é estabelecida sem a mediação de um complementizador.

Outro verbo que focaliza o desenvolvimento do estado de coisas dependente, mais precisamente sua continuação, é o verbo *fika* ‘fica’, como atesta o exemplo 126.

(126)

L1	Nton	e	fika	déntu	sáku	go,
L2	Então	S3SG	ficar.PFV	dentro	saco	agora
L3	[JSP 1]
L1	e	fika	ta...	luta	ku	sáku,
L2	S3SG	ficar.PFV	IPFV	lutar	com	saco
L3	[JSP 2/MATRIZ	[COMPL 1]
L1	ta	fla:	ma	N	ka	kre.
L2	IPFV	dizer	que	S1SG	NEG	querer.PFV
L3	[COMPL 2]
	[MATRIZ N2	[COMPL N2/INS N2]

Então, ele ficou dentro do saco, ele ficou lutando com o saco, a dizer: [eu já falei] que eu não quero!

(kea_ev_narr_03_078)

O exemplo 126 é formado por duas cláusulas coordenadas sem marcador explícito, em que a segunda, *e fika* ‘ele ficou’, é também matriz de fase das completivas *ta... luta ku sáku* ‘lutando com o saco’ e *ta fla: ma N ka kre* ‘a dizer: que eu não quero’. Nessa ocorrência, a semântica do predicado matriz codificado pelo verbo *fika* ‘ficar’ aliada ao aspecto imperfectivo dos verbos dos predicados dependentes mostram que o que está em evidência aqui é o desenvolvimento/continuação do estado de coisas dependente. O aspecto verbal do predicado matriz é perfectivo, evidenciando que se trata de uma ação pontual com conclusão anterior ao momento da enunciação. Já o aspecto imperfectivo na completiva mostra que a ação de lutar é durativa. Essa relação também é estabelecida sem a mediação de complementizador.

Ainda lançando enfoque na fase inicial do desenvolvimento do estado de coisas dependente, há o verbo *fila* ‘preparar-se’, com uma única ocorrência no *corpus*.

(127)

L1	Anton	e	subi,	e	xinta,	nha
L2	Então	S3SG	subir.PFV	S3SG	sentar-se	senhora
L3	[JSP 1]	[JSP 2]
L1	bédja	dja	txiga	na	pe	di
L2	velha	ACT	chegar.PFV	em	pé	de
L3			JSP 3			
L1	spinhu,	e	txiga	dja	la	dja
L2	espinho	S3SG	chegar.PFV	ACT	lá	ACT
L3	JSP 3]	[JSP 4]	[JSP 5
L1	dja...	ruma,	dja	dixi	di	barbodéku,
L2	ACT	arruma.PFV	ACT	descer.PFV	de	barbodeco
L3	JSP 5]	[JSP 6]]
L1	go	sata	fila	subi	go	pa
L2	agora	PROG	preparar-se	subir.PFV	agora	para
L3	[JSP 7 / MATRIZ]	[NUC N2]
					COMPL	PROP N2
L1	tre-l.					
L2	tirar.PFV-O3SG					
L3	COMPL]					
	PROP N2]					

Então ele [Pedro] subiu [e] sentou-se, a feiticeira chegou no pé de espinho, ela já chegou lá já... já se arrumou, já desceu do barbodeco, agora está preparando-se para subir para tirá-lo [Pedro].

(kea_ev_narr_12_286_288)

Em 127, podemos dizer que o predicado matriz *go sata fila* ‘agora está preparando-se’ indica uma fase pré-inicial do estado de coisas dependente, ou seja, a subida propriamente dita ainda não foi iniciada. Nesse exemplo, a locutora muda a estratégia de narração, em que ela empregava os verbos no aspecto perfectivo, mostrando que as ações desenvolvidas pelo referente do sujeito *nha bédja* ‘a feiticeira’ são pontuais e concluídas, trazendo-a para o momento da enunciação para, possivelmente, deixá-la mais dinâmica e atrair a atenção do ouvinte. Por essa razão, o predicado matriz é codificado por um verbo com aspecto progressivo *sata fila* ‘está preparando-se’, fazendo com que o ouvinte possa visualizar as ações enquanto elas são narradas. A completiva *subi go pa tre-l* ‘subir agora para tirá-lo’ apresenta predicado codificado por verbo sem marcação de aspecto. Se houvesse marcação aspectual na completiva, mudaria o sentido da frase e faria com que essa relação fosse sintaticamente independente, ou seja, *e sata fila ta subi go pa tre-l* ‘ela está preparando-se [e] subindo para tirá-lo’ indicaria que as ações de “preparar-se” e “subir” seriam simultâneas e sintaticamente independentes. Como os demais exemplos de completivas de fase, essa relação também é mediada sem complementizador.

Há apenas uma ocorrência de predicado de fase com polaridade negativa. Contudo, essa polaridade tem efeito apenas retórico, por se tratar de uma cláusula interrogativa negativa, como se vê no exemplo 128.

(128)

L1	Nha	tiu,	ka	dja	nhu	ká
L2	POSS.1SG	tio	NEG	ACT	senhor	acabar.PFV
L3	[VOC]				MATRIZ	
L1	kema	funku?!				
L2	queimar.PFV	casebre				
L3	[COMPL]					

Meu tio, o senhor já não queimou todo o casebre (lit. 'já não acabou de queimar o casebre')?!

(kea_ev_narr_05_092)

O exemplo 128 é constituído pelo vocativo *nha tiu* ‘meu tio’, pela cláusula matriz com polaridade negativa *ka dja nhu ká* ‘o senhor já não acabou’ e pela completiva *kema funku* ‘queimou o casebre’. Nesse trecho, que narra a conversa entre Lobo e Xibinho, a partícula de negação empregada aqui no predicado matriz não tem a função de negar o estado de coisas matriz, mas apenas serve para realçar a indignação de Xibinho por seu tio Lobo ter queimado o casebre. O verbo de fase *ká* ‘acabar’ quando empregado em relação completiva de fase tem uma conotação de “concluir ao todo”. Portanto, nesse exemplo, Xibinho constata e não nega que o tio Lobo já havia queimado todo o casebre, o que é evidenciado pela construção interrogativa negativa, que tem como propósito confirmar um evento, especificamente, neste caso, o fato de o Lobo haver queimado o casebre.

4.2.1.2.1.2 Análise quantitativa

Os dados mostram que o predicado de fase mais frequente é o realizado com o verbo *torna* ‘tornar’, que enfoca o desenvolvimento do estado de coisas como um todo, indicando a sua repetição.

Tabela 19 – Predicados matrizes de fase

Verbo do predicado de fase	Nível sintático, aspecto e polaridade								Nº de ocorrências	%
	N1			N2			N3			
	PFV	IPFV	PROG	PFV	IPFV	PROG	PFV	IPFV		
	P			P			P			
torna	36	1	-	4	-	-	1	-	42	54
ká	12	-	-	3	1	1	2	-	19	24
bira	7	-	-	1	-	-	-	-	8	10
kunsa	-	-	-	1	-	-	2	-	3	4
komesa	2	-	-	-	-	-	-	-	2	3
fika	2	-	-	-	-	-	-	-	2	3
fila	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1
sta	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1
Total	59	1	1	9	1	1	5	1	78	100
Índice de dominância	verbo <i>torna</i>								0,54	
Índice reverso									0,46	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas narrativas coletadas, o verbo *torna* ‘tornar’, com maior frequência, ocorre em 54% dos predicados matrizes de fase, seguido pelo verbo *ká* ‘acabar’ que ocorre em 24% dos 78 predicados matrizes de fase. Os predicados que enfocam o início do desenvolvimento do estado de coisas dependente apresentam baixa frequência nos dados de forma individual. Contudo, se pensarmos no grupo de predicados que focalizam a fase inicial da ação, temos: 18% [= 10% (*bira*) + 4% (*kunsa*) + 3% (*komesa*) + 1% (*fila*)] de ocorrências de predicados matrizes que destacam o início da ação expressa no predicado da completiva, 24% de predicados referindo-se à fase final (*ká*) e 58% [= 54% (*torna*) + 3% (*fika*) + 1% (*sta*)] de predicados matrizes orientando para a continuação ou desenvolvimento da ação do predicado da completiva. Esses resultados podem apontar uma preferência, no gênero contos tradicionais, para um interesse maior no desenvolvimento dos eventos. Quanto às completivas controladas pelos predicados matrizes de fase, veja a Tabela 20.

Tabela 20 – Completivas controladas pelo predicado de fase

Verbo codificando predicado matriz	Nível sintático, aspecto e polaridade da completiva de fase						Total	%
	N1		N2		N3			
	PFV	IPFV	PFV	IPFV	PFV	IPFV		
	P							
torna	37	-	4	-	1	-	42	52,5
ká	12	-	5	-	2	-	19	23,75
bira	-	9	-	1	-	-	10	12,5
kunsa	-	-	1	-	2	-	3	3,75
komesa	1	1	-	-	-	-	2	2,5
fika	-	2	-	-	-	-	3	2,5
fila	1	-	-	-	-	-	1	1,25
sta	-	-	-	-	-	1	1	1,25
Total	51	12	10	1	5	1	80	100
%	64	15	13	1	6	1	100	

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com a Tabela 20, o predicado de fase ocorre com maior frequência no nível um (N1) da estrutura sintática, sendo codificado por verbo perfectivo positivo. É necessário notar que todas as completivas controladas pelo predicado matriz codificado pelo verbo *bira* e *fika* têm predicados codificados por verbos imperfectivos. O verbo *bira* não pode ocorrer com completivas codificadas por verbos perfectivos¹⁵⁸. Esse resultado evidencia a especificidade do santiaguense, nesse tipo de vinculação, já que essa configuração mostra o caráter interno da ação, não expressando apenas pontualmente a fronteira do evento, ou seja, apesar de o predicado nuclear focalizar o início da ação expressa na completiva, essa ação tende a ter caráter durativo. Isso pode dar-se, também, pelo fato de o verbo dependente ser percebido como não finito e haver uma tendência na fossilização da construção com o uso sistemático ou estatisticamente dominante de uma ou outra marca de aspecto, como ocorre nas construções progressivas em português europeu com “a + infinitivo”, como em “o aluno está a **pesquisar**”¹⁵⁹. A polaridade negativa também não ocorre nos dados em completivas de fase. No entanto, é perfeitamente gramatical empregá-la nessas completivas, em contextos específicos, como se pode ver em 129, 130 e 131¹⁶⁰, que não constam no *corpus*.

¹⁵⁸ Chegamos a essa conclusão tanto pela análise do *corpus* como através de perguntas de elicitación aos informantes.

¹⁵⁹ Cf. Quint (2021, em conversa pessoal).

¹⁶⁰ Exemplos fornecidos pelo nosso informante da LCV.

- (129) *Pursor torna ka ben da óla*. ‘O professor voltou a não vir à escola’.
 (130) *Trópa fila ka briga más*. ‘As Forças Armadas acordaram não guerrear mais’.
 (131) *Désdi kel dia minina kumesa ka da-l fâla más*. ‘A partir daquele dia a menina começou a não falar mais com ele’.

No entanto, em contextos bastante específicos, a polaridade negativa nas completivas controladas por predicados de fase é agramatical.

- (132) **E labánta, e kunsá ka kumi*. ‘Ele levantou [e] começou a não estudar’.

Como em português, numa sequência de ações com polaridade positiva, a negação não pode atuar na completiva de fase, mas apenas no predicado matriz, como mostram os exemplos 133 e 134¹⁶¹, que também ilustram um perfil sintático que não consta no *corpus*.

- (133) *Bu xinta, bu ka kumesa studa inda*. ‘Você sentou-se, [mas] ainda não começou a estudar’.
 (134) *E ka kumesa bai, pamodi polisia para-l*. ‘Ele não começou a ir, porque a polícia o parou’.

Todas as completivas de fase compartilham argumentos com suas matrizes, especificamente o sujeito é compartilhado, o que pode indicar algum grau de não finitude do verbo da completiva, já que, nessas cláusulas dependentes, as marcas aspectuais podem atuar no predicado. Contudo, nesse tipo de construção, as marcas aspectuais parecem exercer o papel de preposição, não desempenhando prototipicamente a função de aspecto, semelhantemente à construção progressiva do português europeu mencionada acima.

4.2.1.2.2 Predicado com verbos que indicam movimento

Nenhum dos tipologistas que embasam a análise dos dados neste trabalho trata desse tipo de cláusula. Entretanto, em cabo-verdiano, a completiva de predicado de fase com verbo de movimento é bastante comum, e isso se confirma com os resultados quantitativos que serão apresentados ao final desta seção.

¹⁶¹ Exemplos fornecidos pelo nosso informante da LCV.

4.2.1.2.2.1 Análise qualitativa

O predicado de fase com verbo de movimento indica que um sujeito agente se movimenta com o objetivo de realizar o que está expresso na cláusula dependente e, por isso, de certa forma, traz alguma ênfase para a fase inicial da ação. Há também exemplos desse predicado em que o verbo de movimento tem apenas sentido de indicar que o evento dependente está em fase inicial, perdendo, assim, o sentido de movimento propriamente dito. Os verbos que ocorrem nos dados para esse tipo de predicado matriz são: *bai* ‘ir’ e *ben* ‘vir’, como ilustram os exemplos a seguir.

(135)

L1	E	torna	da	la	fin	di
L2	S3SG	tornar.PFV	da.PFV	lá	fim	de
L3	[JSP 1			
L1	mundu,	e	á	pánha	ke	dos
L2	mundo	S3SG	ir.PFV	apanhar.PFV	aquele	dois
L3	JSP 1]	JSP 2 / MATRIZ]		[COMPL	
L1	mósas,	e	ben	ku	ei,	e
L2	moça.PL	S3SG	vir.PFV	com	ela	S3SG
L3	COMPL]	[JSP 3			[JSP 4
L1	trazi	kada	kenha	un.		
L2	trazer.PFV	cada	quem	um		
L3		JSP 4]

Ele foi novamente lá no fim do mundo, ele foi pegar aquelas duas moças, trouxe-as, trouxe uma para cada um.

(kea_ev_narr_01_277_278)

(136)

L1	E	á	pididu	pa	nolba	pa
L2	S3SG	ir.PFV	pedir.PASS.PFV	para	noiva	para
L3	[MATRIZ]	[COMPL	
L1	káza	di	nhu	rai.		
L2	casa	de	senhor	rei		
L3	COMPL]		

Ela foi pedida em noivado para casa do rei

(kea_ev_narr_02_014)

(137)

L1	Nton	e(s)	ben	bá	la.
L2	Então	S3PL	vir.PFV	ir.PFV	lá
L3	[MATRIZ]	[COMPL]

Então eles acabaram por irem lá

(kea_ev_narr_02_158)

O exemplo 135 traz o desfecho da narrativa, em que Pedro retorna ao fim do mundo para pegar duas moças para se casarem com seus irmãos que lhe tinham feito mal. Esse exemplo é formado por quatro cláusulas coordenadas justapostas entre si. A segunda coordenada constitui-se na matriz de fase com verbo de movimento *e á* ‘ele foi’ e sua completiva *pánha ke dos mósas* ‘apanhar aquelas duas moças’. Aqui o predicado matriz tem o sentido de movimentação para a realização do evento dependente. O predicado matriz e o dependente apresentam aspecto perfectivo, evidenciando que os eventos são pontuais e concluídos. A relação completiva de fase com verbo de movimento é sempre estabelecida sem a mediação de complementizador, seja qual for o verbo que codifique o predicado matriz.

Em 136, a vinculação entre a matriz *e á* ‘ela foi’ e a dependente *pididu pa nolba pa káza di nhu rai* ‘pedida em noivado pela casa do rei’ também se dá com predicados com aspectos perfectivos, mostrando tratar-se de eventos pontuais e concluídos. O predicado da completiva é codificado por um verbo na voz passiva. A voz passiva em cabo-verdiano é marcada pelos sufixos {-du} e {-da}, sendo o segundo uma junção da marca da passiva com a marca de passado {-ba}¹⁶². Segundo Quint (2000), a voz passiva, no santiaguense, é empregada para designar dois tipos de ações: i) uma ação que foi sofrida pelo sujeito, como é o caso em 136; ii) uma ação em que o sujeito é coletivo ou indefinido¹⁶³. Nesse exemplo, o sintagma preposicional *pa káza di nhu rai* ‘para casa do rei’ é o complemento circunstancial que mostra o objetivo do pedido de noivado; não se deve confundi-lo com um agente da passiva, já que essa função é bastante rara no cabo-verdiano em construções passivas, só ocorrendo em casos muito específicos de estruturas decalcadas do português, como em *e purdádu pa Diós* ‘ele foi perdoado por Deus’.

Em 137, os personagens *negu* ‘negro’ e *rai* ‘rei’ decidem ir ver uma menina muito bonita que chegava a iluminar uma casa com sua beleza. Aqui o verbo do predicado matriz traz o sentido de que os referentes do sujeito, expresso pelo pronome *es* ‘pronome sujeito de terceira pessoa do plural’, decidiram ir *la* ‘lá’, ou seja, ao local onde a menina bonita estava. Logo, esse verbo não tem o sentido de movimento propriamente dito, mas de indicar o início de uma ação. Isso se confirma, ainda, pelos sentidos opostos que os verbos *ben* ‘vir’ e *bai* ‘ir’ carregam, o que faz, neste exemplo, com que o uso de *ben* seja dessemantizado. A cláusula matriz *nton es ben* ‘então eles vieram’ também apresenta predicado codificado por verbo com aspecto

¹⁶² Quint (2000; 2008b) mostra o processo de junção do qual resultou o sufixo de passiva passado {-da}: “tivemos -duba /-/dubə/ > *-/dwə/ > -da /-/də/, com o desaparecimento do /b/ intervocálico e a queda da semiconsoante /w/ restante. O santiaguense moderno apresenta apenas a forma -da”. (QUINT, 2000, p. 235, tradução nossa).

¹⁶³ Quint (2000, p. 234) exemplifica esse segundo tipo de voz passiva com a seguinte frase: *fasedu fêsta bedju* ‘fez-se uma grande festa’.

perfectivo, designando um evento pontual concluído. Assim como o evento da completiva *bá lá* ‘ir lá’.

Há apenas uma ocorrência nos dados de predicado matriz de fase com verbo de movimento com polaridade negativa. Isso pode ser visto em 138.

(138)

L1	E	fla:	ná,	kei	bu	k-á
L2	S3SG	dizer.PFV	não	aquele	S2SG	NEG-ir.PFV
L3	[MATRIZ]	[COMPL]
					MATRIZ_N2	
L1	ta	tra	más	ki	mi.	
L2	IPFV	tirar	mais	que	T1SG	
L3		COMPL]
		COMPL_N2]

Ele disse: não, isso você não consegue mais que eu.

(kea_ev_narr_05_042)

O exemplo 138 é formado por uma cláusula matriz de elocução controlando uma completiva em discurso direto. Essa completiva é formada pela matriz de fase com verbo de movimento, *ná, kei bu k-á* ‘não, isso você não foi’, e sua completiva, *ta tra más ki mi* ‘tira mais que eu’. O predicado matriz é codificado por um verbo perfectivo com polaridade negativa, enquanto o predicado dependente apresenta aspecto imperfectivo com polaridade positiva, ou seja, a ação de movimento é colocada como pontual e concluída, e a ação para a qual a movimentação é feita é durativa.

O predicado matriz também ocorre codificado por verbo com aspecto imperfectivo, como ilustrado nos exemplos 139 e 140.

(139)

L1	Nton	ker	dia	prumeru	e...	Pálu
L2	então	aquele	dia	primeiro	HST	Paulo
L3	[MATRIZ]
L1	fla	si	mai	m-e	ta	bá
L2	dizer.PFV	POSS.3SG	mãe	que-S3SG	IPFV	ir
L3		MATRIZ]	COMPL]
					MATRIZ_N2]
L1	buska	kel...	ke	ramedi,	e	bai.
L2	buscar.PFV	aquele	aquele	remédio	S3SG	ir.PFV
L3		COMPL]	[JSP 3]
		COMPL_N2]

Então naquele dia primeiro [foi] Paulo [que] disse à sua mãe que ele iria buscar aque... aquele remédio [e] foi.

(kea_ev_narr_01_019)

(140)

L1	E	fla:	nha	tiu,	é	manpatár
L2	S3SG	dizer.PFV	POSS.1SG	tio	COP	manpatár
L3	[MATRIZ]	[VOC]
L1	di	nhu	rai,	N	t-á	furta
L2	de	senhor	rai	S1SG	IPFV-ir	furtar.PFV
L3		COMPL 1]	[COMPL 2
					[MATRIZ_N2
						[
L1	di	noti,	N	t-en	kumê.	
L2	de	noite	S1SG	IPFV-ir	comer.PFV	
L3	COMPL 2]	[COMPL 3]
	COMPL_N2]	[MATRIZ_N2]
						[COMPL_N2]

Ele disse: meu tio, é manpatár¹⁶⁴ do rei, eu vou furtar de noite, eu venho comer.

(kea_ev_narr_05_048_052)

O exemplo 139 é formado por três cláusulas coordenadas justapostas entre si. A segunda coordenada é composta por uma cláusula matriz de elocução e sua completiva. Essa completiva, por sua vez, é constituída pela cláusula matriz de fase com verbo de movimento *e ta bá* ‘ele vai’ e sua completiva *buska kel... ke ramedi* ‘buscar aquele... aquele remédio’. O predicado matriz apresenta verbo imperfectivo, indicando ação prospectiva, já o predicado dependente é codificado por verbo perfectivo, designando ação pontual.

Em 140, tem-se uma frase complexa com duas ocorrências de predicado de fase com verbo de movimento, uma com o verbo *bai* e outra com o verbo *ben*. A frase é formada por um predicado de elocução que encaixa três completivas em discurso direto. A segunda completiva é composta pela cláusula matriz de fase de nível dois (N2) com verbo de movimento, *N t-á* ‘eu vou’, e sua completiva, também de nível dois (N2), *furta di noti* ‘furtar à noite’, tendo o predicado matriz codificado por verbo imperfectivo, designando ação durativa, e o predicado dependente codificado por verbo perfectivo, mostrando tratar-se de ação pontual. A terceira completiva também é constituída por um predicado matriz de fase de nível dois (N2) com verbo de movimento e sua completiva, igualmente de nível dois (N2), a saber, respectivamente, *N t-en* ‘eu venho’ e *kumê* ‘comer’. Aqui, da mesma forma, o predicado matriz denota uma ação durativa e o predicado dependente, uma ação pontual. Neste exemplo, o sentido de movimento dos verbos matrizes *bá* e *ben* estão bem preservados, já que é possível perceber claramente que a personagem vai (*bai*) fazer algo e volta (*ben*) para fazer outra coisa, diferentemente de 137, em que o sentido de movimento do verbo *ben* é perdido.

¹⁶⁴ Ver nota 130, no capítulo quatro.

Os dados também mostram o predicado matriz de fase com verbo de movimento codificado por verbo com aspecto progressivo, como se pode observar em 141 e 142.

(141)

L1	Nton	kel	dia	i...	Pálu	fla
L2	então	aquele	dia	HST	Paulo	dizer.PFV
L3	[MATRIZ		
L1	si	mai	m-e	sata	bá	konxi
L2	POSS.3SG	mãe	que-S3SG	PROG	ir	conhecer.PFV
L3	MATRIZ]		COMPL	
				MATRIZ_N2]
L1	fin	di	mundu.			
L2	fim	de	mundo			
L3		COMPL]		
		COMPL_N2]		

Então aquele dia e... Paulo disse à sua mãe que ele estava indo conhecer o fim do mundo.

(kea_ev_narr_09_03_07)

(142)

L1	Nton	N	sa	ben	konta	nhos
L2	então	S1SG	PROG	vir	contar.PFV	O2PL
L3	[MATRIZ]	[COMPL
L1	un	stória	di	Lobu	ku	Xibinhu.
L2	um	história	de	Lobo	com	Xibinho
L3			COMPL]

Então eu vou contar para vocês uma história de Lobo e Xibinho

(kea_ev_narr_04_001)

Em 141, a cláusula matriz de fase com verbo de movimento *e sata bá* ‘ele está indo’ e sua completiva *konxi fin di mundu* ‘conhecer o fim do mundo’ estão inseridas numa completiva de elocução, por isso são de nível dois (N2). O predicado matriz está codificado por verbo com aspecto progressivo. Esse aspecto, combinado aos verbos de movimento *bá* ‘ir’ e *ben* ‘vir’, é um traço recorrente no cabo-verdiano para expressar o futuro próximo. Por isso, neste exemplo, a marca de progressivo não expressa exatamente que Paulo estava indo conhecer o fim do mundo enquanto falava com sua mãe, mas que ele estava a ponto de fazê-lo. A referência temporal aqui não é o momento da enunciação da locutora da narrativa, mas a enunciação da personagem Paulo. A cláusula completiva apresenta predicado codificado por verbo perfectivo, mostrando tratar-se de uma ação pontual.

O exemplo 142 mostra um predicado matriz de fase com verbo de movimento, em que o verbo não traz a conotação de movimento, mas iniciação de um evento. O predicado

matriz também é codificado por verbo com aspecto progressivo, evidenciando, como em 141, o futuro próximo, ou seja, a locutora não estava contando a história simultaneamente ao momento em que ela profere essa fala, mas estava nos preâmbulos para fazê-lo. O predicado da completiva é perfectivo, mostrando tratar-se de um evento pontual.

Nos dados não consta nenhum exemplo com marca de passado no predicado matriz, essa marca ocorre apenas no predicado dependente, como mostra 143.

(143)

L1	Nton	Lobo	ku	Xibinhu,	a-eris,	es
L2	então	Lobo	com	Xibinho	T3PL	S3PL
L3		[TOP]	[TOP]	[MATRIZ
L1	ta	bá	fu(r)tába	npatár	di	nhu
L2	IPFV	ir	furtar.PST.PFV	npatár	de	senhor
L3	MATRIZ]	[COMPL		
L1	rai.					
L2	rei					
L3	COMPL]				

Então Lobo e Xibinho, eles iam furtar o mampatás¹⁶⁵ do rei.

(kea_ev_narr_05_007_009)

A frase 143 é composta por dois tópicos (em realidade, o mesmo referente do sujeito, topicalizado duas vezes), seguidos da cláusula matriz de fase com verbo de movimento, *es ta bá* ‘eles vão’, encaixando a completiva, *fu(r)tába npatár di nhu rai* ‘furtava o mampatás do rei’. O predicado matriz é codificado por verbo imperfectivo, indicando ação durativa, e o predicado dependente é codificado por verbo perfectivo com marca de passado {-ba}. Aqui tanto o aspecto da cláusula matriz afeta a cláusula dependente quanto a marca temporal da cláusula dependente afeta a cláusula matriz. Assim, pode-se dizer que os dois eventos (matriz e dependente) são durativos no passado, já que o verbo da cláusula matriz indica movimentação para a realização do evento dependente.

É interessante também notar a função do marcador de atualização (que, combinado com o aspecto perfectivo, tem aqui um valor de perfeito) *dja*¹⁶⁶ nesse tipo de predicado, como está em 144.

(144)

L1	Go	dja	Lobu	ben	rikisi	po(r)ké
L2	agora	ACT	Lobo	vir.PFV	enriquecer	porque
L3	[MATRIZ/JSP 1]	[COMPL	

¹⁶⁵ Ver nota 130, no capítulo quatro.

¹⁶⁶ Quint (2010, p. 98) denomina essa partícula de *atualizador*.

L1	dja	e	bá	fika	ku	tudu
L2	ACT	S3SG	ir.PFV	ficar.PFV	com	toda
L3	[MATRIZ/JSP 2]	[COMPL]
L1	rikésa	Nho(r)	De(s).			
L2	riqueza	senhor	Deus			
L3		COMPL]			

Agora o Lobo enriqueceu, porque ele ficou com toda riqueza do Senhor Deus.

(kea_ev_narr_05_258)

O exemplo 144 traz dois exemplos de predicado de fase com verbo de movimento. O primeiro é formado pela matriz *go dja Lobu ben* ‘agora o Lobo veio’ e sua completiva *rikisi* ‘enriquecer’. O segundo é composto pela matriz *dja e bá* ‘ele foi’ e sua completiva *fika ku tudu rikésa Nho(r) De(s)* ‘ficar com toda a riqueza de Deus’. Os dois exemplos apresentam predicados matrizes e dependentes com aspecto perfectivo, ambos combinados com a partícula de atualização pré-verbal *dja* na cláusula matriz. Segundo Quint (2000, p. 238, tradução nossa), essa partícula serve para “situar uma ação que começou antes do momento de referência, mas que se prolonga (ou tem um efeito) até este mesmo momento da enunciação”¹⁶⁷. Isso significa que, por mais que o aspecto perfectivo do predicado completivo mostre uma ação pontual e concluída, o atualizador *dja* traz uma nuance de uma certa duração nessa ação, já que essa ação já se teria iniciado antes da ocorrência do estado de coisas matriz. Logo, tendo os eventos das duas completivas um valor de perfeito¹⁶⁸, em que esses eventos realizados e concluídos no passado têm efeito até o momento da enunciação, isso indica que o Lobo enriqueceu no passado e está rico até o momento da enunciação, assim como ele ficou com toda a riqueza de Deus e ainda está assim até o momento presente na referência temporal do texto.

As marcas aspectuais também atuam nas completivas controladas pelo predicado de fase com verbo de movimento, mesmo que em menor frequência que nos predicados de fase. 145 e 146 são exemplos de completivas com marca aspectual em seus predicados.

(145)

L1	Nton	ben	ta	ben	un	pastor.
L2	então	vir.PFV	IPFV	vir	um	pastor
L3	[MATRIZ]	[COMPL]

Então vinha vindo um pastor.

(kea_ev_narr_03_062)

¹⁶⁷ Para mais detalhes sobre a atuação da partícula pré-verbal *dja* em cabo-verdiano, ver Quint (2010, p. 98-99; 2012, p. 160).

¹⁶⁸ Tradução do termo inglês *perfect* (cf. COMRIE, 1976, p. 52-56).

(146)

L1	El,	e	bá	ta	nhemi	kori
L2	T3SG	S3SG	ir.PFV	IPFV	mastigar	couro
L3	[TOP]	[MATRIZ]	[COMPL
L1	manenti.					
L2	sempre					
L3	COMPL]					

Ele vai mastigando o couro continuamente.

(kea_ev_narr_06_166)

O exemplo 145 é formado pela matriz de fase com verbo de movimento *nton ben* ‘então veio’ encaixando sua completiva, *ta ben un pastor* ‘vem um pastor’. Nesse exemplo, o predicado matriz com aspecto perfectivo parece focalizar o início do evento dependente, porém o fato de a cláusula dependente ter aspecto imperfectivo coloca em evidência também o desenvolvimento desse evento. O sintagma nominal *un pastor* ‘um pastor’ funciona como sujeito de toda a frase complexa e é empregado na posição posposta provavelmente para que os eventos (matriz e dependente) estejam em maior evidência que ele¹⁶⁹.

Em 146, o predicado matriz de movimento codificado pelo verbo *bá* ‘ir’ e a atuação do aspecto perfectivo na completiva *ta nhemi kori manenti* ‘mastigando o couro continuamente’, dão, como em 145, maior enfoque à continuação da ação expressa na completiva, o que é, também, reforçado pelo advérbio *manenti* ‘continuamente’.

O predicado de fase com verbo de movimento ocorre nos cinco níveis da estrutura sintática categorizados. Os exemplos 147 e 148 mostram esses predicados no quinto nível sintático.

(147)

L1	E	fla-i	ma	kei	diâ	e
L2	S3SG	dizer.PFV- O3SG	que	aquele	dia	S3SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1	
L1	ka	ta	ben	ku	el	p-e
L2	NEG	IPFV	vir	com	T3SG	para- S3SG
L3	COMPL 1					
L1	to(r)na	bai,	porké	ma	si	pai
L2	tornar.PFV	ir.PFV	porque	que	POSS.3SG	pai
L3	COMPL 1]	[COMPL 2		
				[MATRIZ N2	
L1	tánbi	fika	mánda	toma-i	la	Nglatéra
L2	também	ficar.PFV	mandar.PFV	tomar.PFV- O3SG	lá	Inglaterra
L3	COMPL 2					
	MATRIZ_N2]	[COMPL_N2		
			[COMPL_N3		
			[NUC N4		
			[]		

¹⁶⁹ Sobre a estrutura sintática [verbo + sujeito] em cabo-verdiano, ver Creissels *et al.* (2015, p. 41-42).

L1	p-á	kasa-i	ku	Toru	Kabésa	Báka.
L2	para-ir.PFV	casar.PFV- O3SG	com	Touro	Cabeça	Vaca
L3			COMPL 2 COMPL_N2 COMPL_N3 PROP_N4]
	[]
	[MATRIZ N5]	[COMPL N5]

Ela disse-lhe que naquele dia ela não iria com ele para voltar novamente, porque seu pai também ficou de mandar tomá-la lá na Inglaterra para ir casá-la com Touro Cabeça de Vaca.

(kea_ev_narr_11_054_056)

(148)

L1	E	fla	mudjer	ma	el	tudu
L2	S3SG	dizer.PFV	mulher	que	T3SG	todo
L3	[MATRIZ		[COMPL MATRIZ N2	
L1	noti	ma	si	mai	ten	uzu
L2	noite	que	POSS.3SG	mãe	ter.PFV	uso
L3			COMPL MATRIZ N2]
L1	di	a...	t-á	pánha	águ	na
L2	de	HST	IPFV-ir	apanhar.PFV	água	em
L3	[COMPL COMPL_N2 [MATRIZ_N3]	[COMPL_N3 NUC N4	
L1	bindi	pa	ben	labe-l.		
L2	cuscuzeira	para	vir.PFV	lavar.PFV-O3SG		
L3			COMPL COMPL_N2 COMPL_N3 PROP_N4]
	NUC_N4]	[[MATRIZ N5]	[COMPL N5]]

Ele disse à mulher que todas as noites sua mãe tem hábito de a... ir pegar água na cuscuzeira para ele vir se lavar.

(kea_ev_narr_12_216_218)

Em 147, tem-se uma cláusula matriz de elocução integrando duas completivas em discurso indireto. A segunda completiva é formada por uma matriz elocução de nível dois (N2) encaixando uma completiva também de nível (N2). Essa completiva é constituída por uma matriz de manipulação de nível três (N3) integrando uma completiva, também de nível três (N3), a qual é formada por uma cláusula nuclear de nível quatro (N4) e sua adverbial de propósito, também de nível quatro (N4). Essa adverbial é composta pela matriz de fase com verbo de movimento de nível cinco (N5) á 'ir' e sua completiva, igualmente de nível cinco (N5), *kaza-i ku Toru Kabésa Báka* 'casá-la com Touro Cabeça de Vaca'. Tanto o predicado matriz quanto o dependente são codificados por verbos perfectivos, indicando ações pontuais.

Assim como 147, 148 é formado por uma cláusula matriz de elocução em discurso indireto encaixando uma completiva. Essa completiva é constituída por uma matriz de nível dois (N2) encaixando uma completiva, também de nível dois (N2), a qual é formada por uma matriz de fase com verbo de movimento de nível três (N3) e sua completiva, igualmente de nível três (N3). A completiva de nível três (N3), por sua vez, é composta por uma cláusula nuclear e sua adverbial de propósito, ambas de nível quatro (N4). Finalmente, essa adverbial de propósito constitui-se da matriz de fase com verbo de movimento de nível cinco (N5), *ben* ‘vir’, encaixando sua completiva, também de nível cinco (N5), *labe-l*. Como em 147, os predicados que compõem essa vinculação também são codificados por verbos perfectivos.

4.2.1.2.2.2 Análise quantitativa

O verbo *bai* ‘ir’ apresenta maior frequência de uso que o verbo *ben* ‘vir’, como mostra a Tabela 21.

Tabela 21 – Predicado matriz de fase com verbo de movimento

Verbo codificando predicado matriz	Nível sintático	Aspecto e polaridade	Nº de ocorrências	%	Total por nível sintático	%	Total para cada verbo	%	
Bai	N1	PFV ¹⁷⁰	50	35,97	57	41,01	110	79	
		IPFV	6	4,32					
		PROG	1	0,72					
	N2	PFV	P	29	20,86	38			27,34
			N	1	0,72				
		IPFV	4	2,88					
		PROG	4	2,88					
		PFV	12	8,63					
	N3	IPFV	1	0,72	13	9,35			
		PFV	1	0,72					
	N4	PFV	1	0,72	1	0,72			
	N5	PFV	1	0,72	1	0,72			
	Ben	N1	PFV	12	8,63	14			10,07
IPFV			1	0,72					
PROG			1	0,72					
N2		PFV	6	4,32	7	5,04			
		IPFV	1	0,72					
N3		PFV	6	4,32	7	5,04			
		IPFV	1	0,72					
N5		PFV	1	0,72	1	0,72			
Total				139		139	100	139	100
Índice de dominância					bai PFV P		0,6683		
Índice reverso							0,3317		

Fonte: Elaborada pela autora.

Dos 139 dados de predicados matrizes de movimento, 79% desses predicados realizam-se com o verbo *bai* ‘ir’ e apenas 21%, com o verbo *ben* ‘vir’. Isso pode corroborar uma tendência universal a utilizar mais o centrífugo de que o centrípeto, de acordo com Quint (2020, em conversa pessoal). Os dados mostram também que esse tipo de cláusula ocorre com maior frequência no primeiro nível da estrutura sintática (51,08% = 41,01% + 10,07%), com predicado codificado por verbo perfectivo e com polaridade positiva.

¹⁷⁰ Onde não há informação sobre a polaridade, trata-se da polaridade positiva.

Quanto às completivas controladas por esse predicado, os dados também mostram que a maioria (93,53%) se realiza com predicados codificados por verbos perfectivos com polaridade positiva, como se vê na Tabela 22.

Tabela 22 – Completivas controladas pelo predicado de fase com verbo de movimento

Verbo codificando o predicado matriz	Nível sintático	Aspecto e polaridade				Total	%
		P					
		PFV	%	IPFV	%		
Bai \emptyset	N1	52	37,41	5	3,60	57	41,01
	N2	36	25,90	2	1,44	38	27,34
	N3	13	9,35	-	-	13	9,35
	N4	1	0,72	-	-	1	0,72
	N5	1	0,72	-	-	1	0,72
Ben \emptyset	N1	12	8,63	2	1,44	14	10,07
	N2	7	5,04	-	-	7	5,04
	N3	7	5,04	-	-	7	5,04
	N5	1	0,72	-	-	1	0,72
Total		130	93,53	9	55,40	139	99
Índice de dominância					PFV P	0,9353	
Índice reverso						0,0647	

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 22 mostra que as completivas de fase movimento são caracterizadas pela ausência de complementizador intermediando a vinculação entre elas e suas matrizes. Como as outras completivas de fase, todas as completivas de fase controladas por verbos que indicam movimento compartilham o sujeito com sua matriz. Isso, somado à alta frequência de marca zero (\emptyset) para o aspecto (= perfectivo ou não atuação do aspecto), pode indicar aqui algum grau de não finitude no verbo que codifica o predicado dependente.

4.2.1.3 Predicado de manipulação

Esse tipo de predicado que toma complemento “descreve um ato de manipulação envolvendo um estado de coisas ou uma entidade funcionando como uma causa”¹⁷¹ (CRISTOFARO, 2003, p. 104, tradução nossa). Noonan (2007, p. 136) categoriza dois tipos de

¹⁷¹ Original: “describe an act of manipulation involving an SoA or entity functioning as a cause”.

L1	mánda	fulia	Boká...	m-e	ta	mánda
L2	mandar.PFV	jogar fora.PFV	Boca...	que-S3SG	IPFV	mandar.PFV
L3	COMPL 1 [TCD]]	[COMPL 2	
	MATRIZ N2]	[COMPL N2]	[MATRIZ N2]
L1	fulia	Bokáji				
L2	jogar fora.PFV	Bocage				
L3	COMPL 2]	[COMPL N2	
	[COMPL N2]			

[N]aquele dia, ele disse que ele manda[ria] jogar [fora] Boca... que ele manda[ria] jogar [fora] Bocage.

(kea_ev_narr_03_016_018)

(151)

L1	Si	bu	dura,	bu	ta	átxa
L2	se	S2SG	demorar.PFV	S2SG	IPFV	achar
L3	[COND]	[MATRIZ/NUC]
L1	nha	pai	dja	mánda	toma-m,	dja
L2	POSS.1SG	pai	já	mandar.PFV	tomar.PFV-O1SG	já
L3	[COMPL 1]]	
	[MATRIZ N2]	[COMPL N2]	
L1	kasa-m	na...	na...	Toru	Kabé...	ku
L2	casar.PFV-O1SG	em...	em...	Touro	Cabeça	com
L3	COMPL 2 N2					
L1	Toru	Kabésa	Báka	na	Nglatéra.	
L2	Touro	Cabeça	Vaca	em	Inglaterra	
L3	COMPL 2 N2					

Se você demorar, você encontra[rá] o meu pai já tendo mandado tomar-me, já tendo casado-me em... em... Touro Cabe... com Touro Cabeça de Vaca, na Inglaterra.

(kea_ev_narr_11_064)

Em 149, a frase complexa é formada por uma cláusula matriz que também é nuclear das temporais *kántu e ta bai* ‘quando ele vai’ e *e bai...* ‘ele foi’. Essa matriz integra cinco completivas de manipulação, todas introduzidas pelo conector *pa* ‘para’ e com predicados codificados por verbos perfectivos, o que denota que as ações que envolvem a manipulação são pontuais e concluídas. A segunda completiva, *p-e pega un kabálu más mágru ki sta la* ‘para ele pegar um cavalo mais magro que esteja lá’, também encaixa uma cláusula relativa *ki sta la* ‘que está lá’. Nesse tipo de cláusula com o verbo *fla* ‘dizer’, o complementizador *pa* ‘para’ introduz cada completiva de manipulação. Seria agramatical ter apenas um complementizador *pa* introduzindo todo o grupo das cinco completivas, como poderia ocorrer em português.

O exemplo 150 está incluído na primeira categoria de Noonan (2007, p. 136) para os verbos manipulativos, os que expressam uma causação. Nesse exemplo, há uma matriz de elocução com predicado codificado pelo verbo *fla* ‘dizer’, integrando duas completivas, sendo a segunda uma reformulação da primeira, onde há uma hesitação. Tanto a primeira quanto a segunda completiva têm em si integradas as completivas de manipulação de nível dois (N2)

fulia Boká... ‘jogar fora Boca...’ e *fulia Bokáji* ‘jogar fora Bocage’. O verbo *mánda* ‘mandar’ não requer nenhum conector introduzindo a completiva. A história da qual faz parte essa frase conta sobre as tentativas do rei de matar Bocage, um homem bastante inteligente e perspicaz, de quem o rei não gostava, por isso ele o mandou jogar fora. Aqui “o rei” é o causador, contudo o afetado não é explicitado, ou seja, não foi expresso quem o rei mandou realizar o ato da manipulação [jogar fora Bocage]. Tal ato constitui o estado de coisas resultante da manipulação desenvolvida pelo predicado manipulativo *mánda* ‘mandar’. Não há complementizador intermediando essa relação, e o predicado da completiva é codificado por um verbo perfectivo.

O exemplo 151 é composto por uma condicional *si bu dura* ‘se você demorar’, seguida de sua nuclear *bu ta átxa* ‘você encontra[rá]’, que também é matriz de duas completivas *nha pai dja mánda toma-m* ‘meu pai já mandou tomar-me’ e *dja kasa-m na... na... Toru Kabé... ku Toru Kabésa di Báka na Nglatéra* ‘já casou-me em... em... Touro Cabe... com Touro Cabeça de Vaca na Inglaterra’. A primeira completiva, com predicado de manipulação codificado pelo verbo *mánda* ‘mandar’, integra uma completiva de nível dois (N2) *toma-m* ‘tomar-me’. Como em 150, a completiva de manipulação não é introduzida por nenhum complementizador, e o verbo tem aspecto perfectivo.

Além dos verbos *fla* ‘dizer’ e *mánda* ‘mandar’, há também, em menor frequência, os verbos *pidi* ‘pedir’, *dexa* ‘deixar (com sentido de permitir)’ e *poi* ‘pôr’ (com o sentido causativo) codificando o predicado matriz de manipulação, como mostra a Tabela 23.

A menina disse-lhe se [que] ele podia deixá-la ir.

(kea_ev_narr_11_170)

O exemplo 152 é formado por duas coordenadas justapostas entre si. A segunda coordenada com predicado codificado pelo verbo *poi* ‘pôr’ integra a completiva constituída pelo predicado *deta* ‘deitar’. Esse trecho refere-se ao momento em que Pedro chega à casa da feiticeira para salvar seus irmãos (Paulo e Mané) que estavam presos. Pensando que também iria conseguir enganar e prender Pedro, a feiticeira arruma-lhe uma cama e o faz (literalmente ‘põe [a]’) deitar. Aqui o ato manipulativo é desencadeado pelo sujeito da matriz *e* ‘ela’ e é sofrido pelo complemento {-i} ‘complemento de objeto direto, terceira pessoa do singular’. O ato da manipulação constitui-se na completiva *deta* ‘deitar’. Todos os predicados envolvidos nessa frase complexa são codificados por verbos perfectivos.

Em 153, a estrutura da frase complexa desenvolve-se em três níveis. Em dois deles há atos manipulativos. No nível um (N1), temos uma matriz, *minina fla-i* ‘a menina disse-lhe’, integrando uma completiva de manipulação, *p-e podi* ‘para ele poder’, intermediada pelo complementizador *pa* ‘para’, prototípico das manipulativas controladas por *fla*. Por sua vez, a completiva é matriz de nível dois (N2) da completiva *dexa-i* ‘deixá-lo’. Essa completiva de nível dois (N2) é matriz de nível três (N3) da completiva de manipulação *bai* ‘ir’. Esse trecho da narrativa mostra a conversa da protagonista Diága com seu pai. Diága queria ir embora com Pedro, mas seu pai queria enviá-la para Inglaterra para casá-la com Touro Cabeça de Vaca. Diága já havia fugido com Pedro uma vez e voltou para casa. Pedro vai à sua casa buscá-la novamente e, nesse momento, Diága pede ao pai que a deixe ir com Pedro. O primeiro ato manipulativo tem como agente o sujeito da matriz de nível um (N1), *minina* ‘a menina’ e é sofrido pelo sujeito da completiva, *e* ‘ele (o pai)’. O segundo ato manipulativo tem como agente o sujeito implícito da matriz de nível três (N3), que tem como referente também o pai de Diága, e é sofrido pelo complemento dessa matriz {-i} ‘complemento de objeto direto, terceira pessoa do singular’ (‘o Pedro’).

4.2.1.3.1.2 Manipulação/Elocução

Também entre as manipulativas, o verbo *fla* ‘dizer’ tem uma alta frequência de uso em relação aos demais verbos manipulativos. Esse é o único verbo, nos dados, que integra, no seio duma mesma frase complexa, completiva de elocução e de manipulação. Dessa forma, o predicado da matriz desempenha dois papéis semânticos: de elocução e de manipulação. Esse fenômeno é devido à sua especificidade semântica em denotar tanto o ato de dizer algo como o

ato de ordenar, aconselhar algo para alguém. Os exemplos 154 a 158 ilustram esse sentido duplo.

(154)

L1	Nton	si	mai	fla:	non,	ma
L2	então	POSS.3SG	mãe	dizer.PFV	não	que
L3					[TOP]	[
L1	ei	gó	p-e	ka	bai,	purké
L2	T3SG	agora	para-S3SG	NEG	ir.PFV	porque
L3		TOP	[COMPL 1]	
L1	ma	do	dja	bai,	ka	ben.
L2	que	dois	já	ir.PFV	NEG	vir.PFV
L3	[COMPL 2]	[COMPL 3

Então sua mãe disse: não, para ele não ir, porque dois já foram, [mas] não voltaram.

(kea_ev_narr_01_058)

(155)

L1	Nbe	bitxu	fla	Maria	p-e	pánha...,
L2	Então	bicho	dizer.PFV	Maria	para-S3SG	apanhar.PFV
L3		[MATRIZ]	[COMPL 1
L1	p-e	lába	mo,	ma	tainha	ta
L2	para-S3SG	lavar.PFV	mão	que	tainha	IPFV
L3	[COMPL 2]	[COMPL 3	
L1	báza,	m-es	ta...	m-es	ta	kumi.
L2	vazar	que-S3SG		que-S3SG	IPFV	comer
L3	COMPL3]	[COMPL 4]	

Então o bicho disse a Maria para ela apanhar... para ela lavar as mãos, que haveria muitas tainhas, que eles... que eles comeriam.

(kea_ev_narr_02_120)

(156)

L1	E	fla	ma	si	madrinha,	ma
L2	S3SG	dizer.PFV	que	POSS.3SG	madrinha	que
L3		MATRIZ	[COMPL1]	
L1	komu	é	si	madrinha	ki	botisa-l,
L2	como	COP	POSS.3SG	madrinha	que	batizar.PFV-
L3				COMPL 1		O3SG
L1	pa	fase-l	un	trupésa,	k-e	ta...
L2	para	fazer.PFV-	um	tropeça	que-S3SG	IPFV
L3		COMPL 1/NUC N2				
L1	kel	ak-e	ta	subi	káma,	e
L2	aquele	hora que-S3SG	IPFV	subir	cama	S3SG
L3	[COMPL 2			
L1	ta	konku	pê	n-el,	asi	e
L2	IPFV	bater	pé	em-T3SG	assim	S3SG
L3		COMPL 2			[COMPL 3
		NUC N2]	

L1	ta	subi	káma,	e	ta	deta.
L2	IPFV	subir	cama	S3SG	IPFV	deitar
L3		COMPL 3			COMPL 4	

Ela disse que a sua madrinha, como é sua madrinha que a batizou, para fazer dela uma tropeça, que ela... quando subir na cama, ela apoia[rá] o pé nela, assim ela subi[rá] na cama [e] deita[r]-se-[á].

(kea_ev_narr_02_180_182)

(157)

L1	Xibinhu	bai,	txiga,	txoma	si	mudjer,
L2	Xibinho	ir.PFV	chegar.PFV	chamar.PFV	POSS.3SG	mulher
L3	[JSP 1]	[JSP 2]	JSP 3]
L1	fla	ma	dj-e	átxa	un	báka
L2	dizer.PFV	que	ACT-S3SG	achar.PFV	um	vaca
L3	[JSP 4/MATRIZ]	[COMPL 1		
L1	mó(r)tu	na	riâ,	k-é	pa	mudjei
L2	morto	em	areia	que-COP	para	mulher
L3	COMPL 1]	COMPL 2	
					NUC N2	
L1	dixi	ku	maxin	ku	balai	ku
L2	descer.PFV	com	facão	com	balaio	com
L3				COMPL 2		
				NUC N2		
L1	bandexa,	p-e(s)	bá	máta.		
L2	bandeija	para-S3PL	ir.PFV	matar.PFV		
L3	COMPL 2]	
	NUC N2]	PROP N2]	

Xibinho foi, chegou, chamou sua mulher, disse que ele encontrou uma vaca morta na areia, que é para a mulher descer com o facão, com o balaio [e] com a bandeja, para eles irem matar [a vaca]

(kea_ev_narr_08_121_127)

(158)

L1	Má	Lobu,	N	ka	fla-u	li
L2	mas	Lobo	S1SG	NEG	dizer.PFV-O2SG	aqui
L3		[VOC]	[MATRIZ]
						[TOP]
L1	pa-u	ka	ben,	ma	li	ka
L2	para-S2SG	NEG	vir.PFV	que	aqui	NEG
L3	[COMPL 1]	[COMPL 2]
L1	ta	bendu.				
L2	IPFV	vir.PASS				
L3	COMPL 2]				

Mas Lobo, eu não lhe disse para você não vir aqui, que aqui não se vem ?

(kea_ev_narr_05_224)

Em 154, o predicado matriz codificado pelo verbo *fla* ‘dizer’ integra três completivas, a primeira de manipulação e as demais de elocução. A primeira completiva *p-e ka bai* ‘para ele não ir’ é introduzida pelo complementizador *pa* ‘para’ e tem polaridade negativa, indicada pelo marcador de negação verbal *ka*. Essa negação é enfatizada pela negação frásica em discurso direto *non* ‘não’ que atua no grupo de completivas. O predicado da completiva é

codificado por um verbo com aspecto perfectivo, demonstrando que se trata de ação pontual e não durativa. A segunda completiva *ma do dja bai* ‘que dois já foram’ é introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, apresenta predicado codificado, também, por verbo perfectivo, demonstrando que a ação é pontual e realizada, e tem polaridade positiva. A terceira completiva *ka ben* ‘não vieram’ parece ser uma extensão da segunda, pois partilham o mesmo sujeito e não é introduzida por nenhum complementizador. Nesse caso, parece que o complementizador *ma* ‘que’ não introduz apenas a segunda completiva, mas o grupo de completivas de elocução (completiva 2 e 3), que estão em relação de coordenação por justaposição em nível dois (N2). A integração dessas duas completivas é evidenciada também pelo conector coordenativo *purké* ‘porque’ que relaciona a completiva de manipulação às duas completivas de elocução, sendo estas uma explicação daquela. Além disso, essa construção S + *bai* + *ka* + *ben* (sujeito + ‘ir’ + ‘negação verbal’ + ‘vir’) parece ser fixa em cabo-verdiano¹⁷², mesmo como cláusulas sintaticamente independentes: *omi bai, ka ben* ‘o homem foi, mas não voltou’. Não se pode categorizar essa relação como serialização verbal, segundo a descrição de Noonan (2007), pois a negação não atua na construção como um todo, mas apenas na segunda cláusula. É interessante notar que o elemento topicalizado *ei gó* ‘ele agora’ recebe o complementizador *ma* ‘que’ para introduzi-lo, o que não acontece com a negação *non* ‘não’, já que a negação não se configura como tópico, mas como um ato de fala em discurso direto, e por isso não pode ser antecedida pelo complementizador.

O exemplo 155 apresenta uma cláusula matriz *Nbe bitxu fla Maria* ‘então [uma vez] o bicho disse a Maria’ integrando quatro completivas. As duas primeiras são completivas de manipulação *p-e pánha...*, / *p-e lába mo* ‘para ela apanhar..., para ela lavar as mãos’. A terceira e a quarta *ma tainha ta báza* / *m-es ta...* *m-es ta kumi* ‘que a tainha vaza, que eles... que eles comem’ são completivas de elocução. Essas completivas estão estabelecendo uma relação semântica de consequência dos atos de manipulação expostos nas duas primeiras completivas. Todas as completivas têm polaridade positiva, no entanto, o aspecto das completivas de manipulação é perfectivo, mostrando serem eventos pontuais ou até algum grau de não finitude do verbo, enquanto o aspecto das completivas de elocução é imperfectivo, designando eventos durativos.

O exemplo 156 também traz uma nuance de relação adverbial de consequência entre as completivas de manipulação e elocução. Nesse exemplo, a cláusula matriz *e fla* ‘ela

¹⁷² De fato, o que é fixo no cabo-verdiano é o recurso do emprego de antônimos para expressar a noção contrastiva, por exemplo, *Dja N perdi, dja N átxa* ‘Perdi-o, [mas] encontrei-o’.

disse’ integra quatro completivas, sendo a primeira, *ma si madrinha, ma komu é si madrinha ki botisa-l, pa faze-l un trupésa* ‘que a sua madrinha, como é sua madrinha que a batizou, para fazer dela uma tropeça’, uma completiva de manipulação. Essa completiva é formada por um tópico *si madrinha* ‘sua madrinha’ e uma cláusula adverbial de causa de nível dois (N2) introduzida pelo conector *komu*. Essa adverbial de nível dois (N2), por sua vez, integra a cláusula relativa *ki botisa-l* ‘que a batizou’. É interessante notar que o elemento topicalizado assim como a cláusula adverbial dependente da completiva de manipulação são introduzidos pelo complementizador *ma* ‘que’, mostrando que apenas o resultado da manipulação pode ser introduzido pelo complementizador *pa* ‘para’. O verbo dessa completiva apresenta aspecto perfectivo e polaridade positiva. As completivas de elocução *k-e ta... kel ak-e ta subi káma, e ta konku pê n-el, / asi e ta subi káma / e ta deta* ‘que ela... quando ela subir na cama, ela apoia[rá] o pé nela / assim ela subi[rá] na cama / ela deitar-se-á’ são consequências do ato de manipulação e não são introduzidas por nenhum complementizador nem algum outro conector de outra natureza. A segunda completiva tem uma cláusula adverbial temporal sobreposta como sua dependente, *k-e ta... kel ak-e ta subi káma* ‘que ela... quando ela subir na cama’. Todas as completivas de elocução apresentam predicados codificados por verbo imperfectivo (marcador *ta* – evento durativo) e têm polaridade positiva.

O exemplo 157 é formado por quatro cláusulas justapostas em relação paratática, em que a quarta, *fla* ‘disse’, constitui-se em uma matriz que integra duas completivas, sendo a primeira, *ma dj-e átxa un báka mo(r)tu na riá* ‘que ele já encontrou uma vaca morta na areia’, de elocução e a segunda, *k-é pa mudjei dixi ku maxin, ku balai, ku bandexa, p-e(s) bá máta* ‘que é para a mulher descer com o facão, com o balaio, com a bandeja, para eles irem matar’, de manipulação. A completiva de elocução é introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, tem predicado codificado por um verbo perfectivo (evento pontual) e polaridade positiva. A completiva de manipulação é introduzida pelo complementizador *k-é pa* ‘que é para’, que parece dar uma nuance de ênfase, pois traz os elementos típicos da construção focalizadora (*ki* + COP). O predicado da completiva de manipulação também é codificado por um verbo perfectivo com polaridade positiva. Essa completiva subordina uma adverbial de propósito de nível dois (N2), *p-e(s) bá máta* ‘para eles irem matar’. Como nos outros exemplos, é possível perceber a relação lógico-semântica de causa e consequência estabelecida entre as duas completivas, ou seja, já que Xibinho encontrou uma vaca morta na areia, ele chama/ordena a sua mulher para ir tratar dessa vaca.

O exemplo 158 mostra um trecho da fala de *Nhor Dés* ‘Senhor Deus’ para o Lobo. A matriz *Lobu, N ka fla-u* ‘Lobo, eu não te falei’ integra duas completivas. A primeira, *li pa-u*

ka ben ‘aqui, para tu não vires’, é uma completiva de manipulação introduzida pelo complementizador *pa* ‘para’, iniciada pelo adjunto adverbial em posição topicalizada *li* ‘aqui’, apresentando predicado codificado por verbo perfectivo com polaridade negativa. A segunda, *ma li ka ta bendu* ‘que aqui não se vem’, é uma completiva de elocução, introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, com predicado codificado por um verbo imperfectivo e com polaridade também negativa. Além disso, o verbo está na forma passiva, o que é comumente usado para não explicitar o referente sujeito.

4.2.1.3.2 Análise quantitativa

As completivas de manipulação, diferentemente das de elocução, só se realizam em discurso indireto. Em relação ao emprego do complementizador, do aspecto verbal e da polaridade da completiva, os dados mostram alta frequência de uso do complementizador *pa* ‘para’, do aspecto perfectivo e da polaridade positiva, como também foi constatado nas completivas de elocução.

Tabela 24 – Completivas controladas pelo predicado de manipulação

Complementizador	Aspecto, polaridade e nível sintático						Total	%
	N1		N2		N3			
	PFV		IPFV	PFV				
	P	N	P	P	N	P		
pa~p-	66	3		11	-	4	84	79,25
zero	5	-	1	7	2	5	20	18,87
k-é pa	2	-	-	-	-	-	2	1,89
Total	73	3	1	18	2	9	106	100
%	68,87	2,83	0,94	16,98	1,89	8,49	100	
Índice de dominância	PFV P						0,9434	
Índice reverso							0,0566	

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se pode ver na Tabela 24, a grande maioria (79,25%) das completivas de manipulação são introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’, que o torna protótipo desse tipo de cláusula. Como o predicado de manipulação que mais ocorre no *corpus* é o codificado pelo verbo *fla* ‘ordenar/aconselhar’, é de se esperar essa alta frequência de completivas de manipulação introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’, já que este é o complementizador

favorecido por esse verbo, enquanto os demais verbos de manipulação, atestados no *corpus*, tomam completivas sem complementizador. A tabela mostra, também, que esse tipo de completiva ocorre mais no nível um da estrutura sintática ($72,64\% = 68,87\% + 2,83\% + 0,94\%$). O único caso de completiva de manipulação com aspecto imperfectivo é controlado por predicado codificado pelo verbo *dexa* ‘deixar’. Notamos também que, como as completivas de elocução, as quais também são atos de fala, as completivas de manipulação só se realizaram até o nível três da estrutura sintática. Quanto ao parâmetro entrelaçamento, as completivas de manipulação se comportam como mostra a Tabela 25.

Tabela 25 – Entrelaçamento entre o predicado de manipulação e a completiva nos níveis sintáticos

Completivas de manipulação	Entrelaçamento nos níveis sintáticos						Total
	N1		N2		N3		
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	
	49	28	15	5	7	2	106
%	46,23	26,42	14,15	4,72	6,60	1,89	100

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 25 mostra que há uma maior frequência ($66,98\% = 46,23\% + 14,15\% + 6,6\%$) no entrelaçamento entre a completiva e seu predicado matriz de manipulação nos três níveis em que essas cláusulas ocorrem.

4.2.1.4 Predicado de percepção

Os predicados de percepção envolvem um experienciador percebendo a ocorrência de algum estado de coisas (NOONAN, 2007, p. 142). Logo, o estado de coisas que envolve a percepção é o estado de coisas matriz, assim como o estado de coisas que designa o objeto da percepção é o dependente. Cristofaro (2003, p. 105, tradução nossa) descreve essa relação mostrando que “o ato de percepção é interpretado como referindo-se a uma entidade individual que acarreta algum estado de coisas”¹⁷³.

4.2.1.4.1 Análise qualitativa

¹⁷³ Original: “the act of perception is construed as referring to an individual entity bringing about some SoA.”

Os dados apresentam os seguintes predicados de percepção: *odja~oia* ‘ver’, *ozerva* ‘observar, reparar’, *djobi* ‘olhar’ e *xinti* ‘sentir’, como se vê nos exemplos que seguem.

(159)

L1	Dja	N	odja	ma	nha	tiu
L2	ACT	S1SG	ver.PFV	que	POSS.1SG	tio
L3	[MATRIZ]			[COMPL]		
L1	Lobu	li	sata	ngana-m.		
L2	Lobo	aqui	PROG	enganar.PFV-O1SG		
L3	COMPL]		

Já vi que meu tio Lobo me está enganando.

(kea_ev_narr_04_015)

(160)

L1	Lobu	oia	Xibinhu	ta	pása.
L2	Lobo	ver.PFV	Xibinho	IPFV	passar.
L3	[MATRIZ]		[COMPL]		

O Lobo viu Xibinho passando.

(kea_ev_narr_04_031)

Em 159, a matriz de percepção *dja N odja* ‘eu já vi’ integra a completiva *ma nha tiu Lobu li sata ngana-m* ‘que meu tio Lobo está me enganando’. Nesse exemplo, o experienciador, sujeito da matriz, *N* ‘pronome sujeito, primeira pessoa do singular’ percebe o estado de coisas dependente. Aqui o verbo *odja* não tem o sentido literal de perceber fisicamente com os olhos, mas de se dar conta mentalmente. O predicado matriz é codificado por verbo perfectivo, enquanto o predicado dependente tem aspecto progressivo, indicando que a ação é durativa e ocorre no momento da enunciação. A relação é intermediada pelo complementizador *ma* ‘que’, o qual introduz a cláusula completiva.

Esse mesmo verbo também pode ocorrer integrando uma completiva sem a mediação de um complementizador, como ocorre em 160, que é formado pela matriz de percepção *Lobu oia* ‘o Lobo viu’, integrando sua completiva *Xibinhu ta pásá* ‘Xibinho passando’. Nesse exemplo, diferentemente de 159, o verbo *oia* ‘ver’ designa a percepção visual. O predicado matriz apresenta aspecto perfectivo, demonstrando ação pontual e concluída, já o predicado da completiva tem aspecto imperfectivo, indicando duratividade da ação, ou seja, o estado de coisas matriz ocorre em algum momento durante a realização do estado de coisas dependente, que expressa o elemento percebido. O encaixamento da cláusula completiva na sua matriz dá-se sem a mediação de um complementizador. A presença do complementizador (*ma* ‘que’), nessa frase complexa, daria outro sentido, a saber, que o Lobo viu que o Xibinho era

capaz de passar em algum lugar ou passa regularmente em algum lugar¹⁷⁴. O verbo *odja* ‘ver’ ocorre ainda integrando mais de uma completiva, como se vê em 161.

(161)

L1	Má	makáku	ki	dia	ki	bu
L2	mas	macaco	que	dia	que	S2SG
L3	[MATRIZ]	
L1	odja	sántxu	pegádu	torna	largádu?	
L2	ver.PFV	macaco	pegar.PASS	tornar.PFV	largar.PASS	
L3	MATRIZ]	[COMPL 1]	[COMPL 2]	

Mas macaco, que dia que viste pegarem um macaco e voltarem a soltá-[lo]?

(kea_ev_narr_04_101)

O exemplo 161 é composto pela matriz de percepção *má makáku ki dia ki bu odja* ‘mas macaco que dia que você viu’ e suas completivas *sántxu pegádu* ‘pegarem macaco’ e *torna largádu* ‘voltarem a soltá-[lo]’. Tanto o predicado matriz quanto os predicados dependentes são codificados por verbos perfectivos, indicando ações pontuais. As relações são estabelecidas sem a mediação de complementizador, mesmo sendo possível, nesse caso, sua realização sem mudança de sentido.

Outro verbo que ocorre no predicado matriz integrando duas completivas de percepção é o verbo *djobi* ‘olhar’, como ilustra o exemplo 162.

(162)

L1	Omi	sai,	fla	pa	djobe-i	kenha
L2	homem	sair.PFV	dizer.PFV	para	olhar.PFV-O3SG	quem
L3	[JSP 1]	[JSP 2/MATRIZ]	[COMPL	[COMPL_N2
					[MATRIZ_N2]	MATRIZ_N3
L1	ki	sta	báxu	si	baránda	ta
L2	que	estar.PFV	embaixo	POSS.3SG	varanda	IPFV
L3				COMPL		
				COMPL_N2		
				MATRIZ_N3]
						[COMPL N3
L1	da	kei	fogu.			
L2	dar	aquele	fogo			
L3		COMPL]		
		COMPL_N2]		
		COMPL_N3]		

O homem saiu, disse para ver para ele quem estava debaixo da sua varanda dando aquele tiro.

(kea_ev_narr_11_144)

¹⁷⁴ *Lobu oia ma Xibinhu ta pása* ‘O Lobo viu que o Xibinho consegue passar’ / ‘O Lobo viu que o Xibinho costuma passar [aqui]’.

162 é composto por duas cláusulas coordenadas justapostas entre si, em que a segunda coordenada integra uma completiva de manipulação. Essa completiva é formada pela matriz de percepção de nível dois (N2) *djobe-i* ‘ver para ele’ e a completiva, também de nível dois (N2), *kenha ki sta báxu si baránda ta da kei fogu* ‘quem está debaixo de sua varanda dando aquele tiro’. A cláusula matriz, sendo, no nível dois (N2), uma completiva de manipulação introduzida pelo complementizador *pa* ‘para’, apresenta aspecto perfectivo, já o predicado da completiva é codificado por verbo forte com aspecto perfectivo e ancoragem temporal no presente. Essa completiva, por sua vez, é formada pela matriz de nível três (N3), *kenha ki sta báxu si baránda* ‘quem está debaixo de sua varanda’, encaixando a completiva, *ta da kei fogu* ‘dando aquele tiro’. A vinculação entre a completiva de percepção e a matriz não pode ser intermediada por um complementizador, já que é introduzida pelo pronome interrogativo *kenha ki* ‘quem que’, o que, em certos contextos, restringe o emprego de conectores.

Outros verbos que também estão relacionados à percepção físico-sensorial e ocorrem nos dados integrando completivas de percepção são: *xinti* ‘sentir’, *átxa* ‘encontrar’ e *obi* ‘ouvir’, como mostram os exemplos 163, 164 e 165.

(163)

L1	E		<i>xinti</i>	nha	tiâ	Gánga	dja
L2	S3SG		sentir.PFV	POSS.1SG	tia	Ganga	ACT
L3	[MATRIZ]	[COMPL	
						NUC N2	
L1	da	fus,	ki	txeru	dja	toma	
L2	dar.PFV	peido	que	cheiro	ACT	tomar.PFV	
L3			COMPL				
		NUC N2]	[CONSQ N2		
L1	kábu.						
L2	lugar						
L3	COMPL]						
	CONSQ N2]						

Ele sentiu a tia Ganga dar um peido silencioso, que o cheiro já tomou conta do lugar.

(kea_ev_narr_08_191)

(164)

L1	E	<i>txiga</i>	<i>na</i>	<i>un</i>	<i>kóu,</i>	<i>e</i>
L2	S3SG	chegar.PFV	em	um	lugar	S3SG
L3	[JSP 1] [MATRIZ/JSP 2
L1	<i>átxa</i>	ta	jugádu,	<i>e</i>	<i>juga.</i>	
L2	achar.PFV	IPFV	jogar.PASS.PST	S3SG	jogar.PFV	
L3	MATRIZ/	[COMPL]	[JSP 3]
	JSP 2]					

Ele chegou em um lugar, ele encontrou [pessoas] jogando, ele jogou [também].

(kea_ev_narr_01_21)

(165)

L1	Anton	es	obi	ma	dja	móri
L2	então	S3PL	ouvir.PFV	que	ACT	morrer.PFV
L3	[MATRIZ]			[COMPL]		
L1	un	fidju	di	Nhor Des.		
L2	um	filho	de	Senhor Deus		
L3	COMPL]		

Então eles ouviram que um filho de Deus já morreu.

(kea_ev_narr_06_04_06)

Em 163, tem-se a matriz de percepção *e xinti* ‘ele sentiu’ integrando a completiva *nha tia Gánga dja da fus, ki txeru dja toma kábu* ‘minha tia Ganga dar um peido silencioso, que o cheiro já tomou conta do lugar’. A completiva é formada pela nuclear de nível dois (N2) *nha tia Gánga dja da fus* e pela adverbial de consequência *ki txeru dja toma kábu*. Tanto o predicado matriz quanto os predicados envolvidos na completiva têm aspectos perfectivos, mostrando tratar-se de ações pontuais já concluídas no momento da enunciação. Não há complementizador intermediando essa relação.

O exemplo 164 é constituído por três cláusulas coordenadas justapostas entre si, sendo que a segunda delas é composta pela matriz de percepção *e átxa* ‘ele encontrou’ e sua completiva *ta jugádu* ‘[pessoas] a jogar’. O verbo *átxa* tem múltiplas acepções, em particular: i) achar/encontrar algo ou alguém; e ii) considerar/pensar sobre algo. Em 164, esse verbo foi empregado com o primeiro sentido e, por isso, não aceita a mediação do complementizador, que só pode ser empregado quando traz o sentido de considerar/pensar sobre algo, configurando-se num predicado de atitude proposicional que controla como completiva uma proposição (não um ato de fala ou um estado de coisas). O predicado matriz apresenta aspecto perfectivo, e o predicado da completiva, imperfectivo. A configuração dos aspectos da matriz e da dependente mostra que a realização do estado de coisas matriz se deu num momento pontual da realização do estado de coisas dependente.

O exemplo 165 traz a cláusula matriz de percepção *anton es obi* ‘então eles ouviram’ integrando a completiva *ma dja móri un fidju di Nhor Des* ‘que já morreu um filho do Senhor Deus’. Aqui o experienciador codificado pelo sujeito da matriz *es* ‘pronome sujeito de terceira pessoa do plural’ percebe auditivamente o conteúdo expresso pelo estado de coisas dependente. Tanto o predicado matriz quanto o dependente são codificados por verbos com aspecto perfectivo, indicando que se trata de ações pontuais concluídas. A relação é intermediada pelo complementizador *ma* ‘que’, mas é possível sua realização sem o complementizador.

As completivas de percepção também podem ocorrer inseridas em orações adverbiais de tempo, como nos mostra o exemplo 166 com predicado codificado pelo verbo *ozerba* ‘observar’.

(166)

L1	Nton	kántu	pastor	bá	ozerva	kuzé
L2	Então	quando	pastor	ir.PF V	observar.PF V	o que
L3	[TEMP 1			
		[MATRIZ_N2	MATRIZ_N2]	[
						COMPL_N2
						COMPL_N2
						[MATRIZ_N3]
						[COMPL_N3]
L1	ki	sta	dentu	sáku	kántu	ki
L2	que	estar.PFV	dentro	saco	quando	que
L3		TEMP 1				TEMP 2
		COMPL_N2				
						COMPL_N3
L1	pastor	pergunta:	ke-li	é	kuzé?	e
L2	pastor	perguntar.P	isso	COP	o quê	S3SG
L3		FV	aqui			
		TEMP 2				[NUC/ JSP 1]
	[MATRIZ_N2]	[COMPL_N2]
L1	fla...	e	fika	inda.	e	ka
L2	dizer.PFV	S3SG	ficar.PF	ainda	S3SG	NEG
L3	NUC/ JSP 1]		JSP 2			JSP 3/ MATRIZ
L1	fla	é	kuzé,	e	fla	s...
L2	dizer.PFV	COP	o que	S3SG	dizer.PFV	
L3	JSP 3 / MATRIZ]	[COMPL]	[JSP 4
L1	só	ta	fla	má	N	ka
L2	só	IPFV	dizer	mas	S1SG	NEG
L3	[JSP 5 / MATRIZ]	[COMPL 1]
L1	kre,	má	N	ka	kre.	
L2	querer.PFV	mas	S1SG	NEG	querer	
L3	COMPL 1]	[COMPL 2]		

Então quando o pastor foi observar o que que estava dentro do saco, quando o pastor perguntou: isso aqui é o quê? Ele disse... ele ficou ainda... ele não disse o que e[ra], ele disse [as]s... [ficou] só falando: mas eu não quero, mas eu não quero!

(kea_ev_narr_03_090_092)

O exemplo 166 mostra o experienciador *pastor* ‘pastor’ tendo a percepção do estado de coisas codificado pela cláusula completiva *kuzé ki sta dentu sáku* ‘o que está dentro do saco’,

que é uma interrogativa indireta. Essa frase complexa é constituída por duas temporais, seguidas da nuclear, que também é a primeira coordenada de uma série de cinco coordenadas justapostas entre si, em que a coordenada três integra uma completiva de elocução estruturada como interrogativa indireta e a cinco integra duas completivas em discurso direto. A primeira temporal é formada por uma matriz de nível dois (N2) e sua completiva, também de nível dois (N2), que, por sua vez, é composta pela matriz de percepção de nível três (N3) *ozerva* ‘observar’, integrando a completiva, também de nível três (N3), *kuzé ki sta dentu sáku* ‘o que está dentro do saco’. A matriz tem predicado codificado por um verbo perfectivo, indicando que se trata de um estado de coisas pontual e não durativo. Já a completiva tem predicado codificado por um verbo forte com marca aspectual \emptyset e, dentro desse contexto, ancora-se no quadro temporal da matriz, que, como tem verbo fraco no aspecto perfectivo, está na esfera do passado. A vinculação é estabelecida sem a mediação de um complementizador.

4.2.1.4.2 Análise quantitativa

O verbo que mais ocorre, nos dados, nos predicados matrizes de percepção é *odja* ‘ver’. Esse verbo pode ter o sentido da percepção físico-sensorial de ver ou pode referir-se ao fato de se dar conta de algum estado de coisas, ou seja, uma percepção mental. A Tabela 26 mostra o número de ocorrências de cada verbo de percepção nos dados.

Tabela 26 – Predicados matrizes de percepção

Verbo de percepção do predicado matriz	Nível da estrutura sintática, aspecto e polaridade do predicado matriz							Nº de ocorrência	%
	N1		N2		N3	N4			
	PFV		PFV		IPFV	PFV	PFV		
	P	N	P	N	P				
<i>odja</i> ¹⁷⁵	8	3	4	4	1	3	1	24	58,54
<i>átxa</i>	6	-	-	-	1	-	-	7	17,07
<i>xinti</i>	2	-	1	-	-	-	-	3	7,32
<i>obi</i>	2	-	1	-	-	1	-	4	9,76
<i>ozerba</i>	-	-	1	-	-	1	-	2	4,88
<i>djobi</i>	-	-	1	-	-	-	-	1	2,44
Total	18	3	8	4	2	5	1	41	100
%	43,90	7,32	19,51	9,76	4,88	12,20	2,44	100	
Índice de dominância	verbo <i>odja</i>							0,5854	
Índice reverso								0,4146	
Índice de dominância	PFV P							0,7805	
Índice reverso								0,2195	

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 26 mostra que o verbo que codifica mais predicados matrizes de percepção é *odja* ‘ver’. Há maior frequência (51,22% = 43,90% + 7,32%) de predicado de percepção no nível um (N1) da estrutura sintática. Quanto ao aspecto e à polaridade, o perfectivo é o mais empregado, porém é de se notar que a polaridade negativa apresenta uma porcentagem (17,8% = 7,32% + 9,76%) bastante elevada para esse tipo de predicado. Isso se dá pelo emprego da negação em cláusulas interrogativas negativas com predicados de percepção, que é recorrente entre as completivas de percepção.

Quanto à configuração das completivas controladas pelas cláusulas matrizes de percepção, os 46 dados categorizados continuam mostrando maior frequência para os elementos não marcados, nesse caso, as que se realizam sem a mediação de um complementizador com predicado codificado por verbo com aspecto perfectivo e polaridade positiva, como se vê na Tabela 27.

¹⁷⁵ Aqui está incluída a variante *oia*.

Tabela 27 – Completivas controladas por predicado de percepção

Verbo matriz	conector	Aspecto, polaridade e nível sintático da completiva									Tota l	%	
		N1			N2			N3		N4			
		PF V	IPF V	PRO G	PFV		IPF V	PRO G	PF V	IPF V			IPF V
		P			P	N	P	P	P	P			P
<i>átxa</i>	<i>ø</i>	4	3	-	2	-	-	-	-	-	-	9	19,5 7
<i>odja</i>		5	4	1	5	3	1	3	1	-	-	23	50,0 0
<i>xinti</i>		1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	4,35
<i>ozerba</i>		-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	4,35
<i>djobi</i>		-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2,17
<i>obi</i>		1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2,17
<i>odja</i>	<i>ma</i>	2	-	-	1	2	-	-	-	-	-	5	10,8 7
<i>obi</i>		1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2,17
<i>xinti</i>		-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	2,17
<i>odja</i>	<i>si</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2,17
Total		14	7	2	10	2	3	2	4	1	1	46	100
%		30,43	15,22	4,35	21,74	4,3	6,52	4,35	8,70	2,17	2,17	100	
Índice de dominância		PFV P									0,6087		
Índice reverso											0,3913		

Fonte: Elaborada pela autora.

Na Tabela 27, podemos ver que as completivas de elocução ocorrem em quatro níveis da estrutura sintática e com as três marcas aspectuais primárias (*ø*, *ta*, *sata*). As completivas controladas pelos verbos *odja* ‘ver’, *obi* ‘ouvir’ e *xinti* ‘sentir’ podem ocorrer sem complementizador ou com o complementizador *ma*. O único predicado de percepção que encaixa uma completiva introduzida pelo complementizador *si* ‘se’ é o codificado pelo verbo *odja* ‘ver’. A polaridade negativa nessas completivas não é tão produtiva (4,35%) quanto nos predicados matrizes. O índice reverso (0,3913) chama-nos atenção para a ocorrência dos aspectos imperfeito (26,08% = 15,22 % + 6,52% + 2,17% + 2,17%) e progressivo (8,7% = 4,35% + 4,35%), os quais apresentam um percentual bastante elevado comparado ao percentual de suas ocorrências no total do *corpus* (imperfeito: 12,22%; progressivo: 1,5%). Essa atuação das marcas de aspecto nos predicados dependentes mostra-nos que o predicado matriz de percepção controla cláusulas com predicados codificados por verbos finitos. Em relação ao compartilhamento de argumentos, nesse tipo de cláusula é mais comum o não entrelaçamento entre a completiva e sua matriz, como mostra a Tabela 28.

Tabela 28 – Entrelaçamento entre a completiva de percepção e sua matriz nos níveis sintáticos

Completivas de percepção	Entrelaçamento nos níveis sintáticos								Total
	N1		N2		N3		N4		
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	
	4	19	2	15	-	5	1	-	46
%	8,7	41,3	4,35	32,61	-	10,87	2,17	-	100

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 28 mostra que em 84,78% (41,3% + 32,61% + 10,87%) das completivas de percepção não há entrelaçamento entre elas e sua cláusula matriz. Esse resultado pode se dar devido ao fato de a percepção ser um fenômeno que envolve um experienciador, que mais frequentemente tem algum tipo de percepção (sensorial ou mental) de algo externo. Logo, esse contexto em que esse tipo de vinculação se realiza não favorece o entrelaçamento.

4.2.1.5 Predicado de conhecimento

Noonan (2007) denomina assim esses predicados que tomam complementos como de conhecimento e de aquisição de conhecimento¹⁷⁶. Segundo esse autor, predicados de conhecimento controlam um sujeito experienciador e descrevem o estado ou a forma como foi adquirido o conhecimento (NOONAN, 2007, p. 129). Esses predicados diferem-se dos de percepção pelo fato de tratarem de uma percepção cognitiva, enquanto naqueles a percepção é físico-sensorial.

4.2.1.5.1 Análise qualitativa

Os verbos em cabo-verdiano que codificam os predicados de conhecimentos são: *sabi* ‘saber’ e *da konta* ‘aperceber-se’.

(167)

L1	Nha	bédja	fla-l:	bu	sta	pa
L2	POSS.1SG	feiticeira	dizer.PFV-O3SG	S2SG	estar.PFV	para
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1	
L1	bo,	Pedru,	bu	sabe	ma	dja
L2	T2SG	Pedro	S2SG	saber.PFV	que	ACT
L3	COMPL 1]	[COMPL 2	
			[MATRIZ_N2]	[
						COMPL_N2

¹⁷⁶ *Predicates of knowledge and acquisition of knowledge* (NOONAN, 2007, p. 129).

L1	N	pegá-bu	dja.	
L2	S1SG	pega.PFV.PST	ACT	
L3		COMPL 2]
		COMPL N2]

A feiticeira disse-lhe: vocês está se achando, Pedro,[mas] você sabe que eu já te peguei.

(kea_ev_narr12_298)

(168)

L1	E	fla:	ná,	pa	nu	sabi
L2	S3SG	dizer.PFV	não	para	S1PL	saber.PFV
L3	[MATRIZ]		COMPL	
					[MATRIZ N2

L1	undi	ki	bu	bida	sta.
L2	onde	que	POSS.2SG	vida	estar.PFV
L3			COMPL]
	[COMPL N2]

Ela [a filha] disse: não, para nós sabermos onde que sua [do pai] vida está.

(kea_ev_narr_01_152)

(169)

L1	Nton	minina	dja	sabi	moki	kusa
L2	então	menina	ACT	saber.PFV	como	coisa
L3	[MATRIZ]	[COMPL

L1	bai.
L2	ir.PFV
L3	COMPL]

Então menina já sabe como a coisa vai.

(kea_ev_narr_01_241)

Em 167, há uma cláusula matriz encaixando duas completivas de elocução em discurso direto, em que a segunda é também matriz de nível dois (N2) com predicado de conhecimento codificado pelo verbo *sabe* ‘saber’. Essa matriz (N2) encaixa a completiva *ma dja N pegá-bu dja* ‘você sabe que eu já te peguei’, também de nível dois (N2). A vinculação, neste exemplo, é mediada pelo complementizador *ma* ‘que’. O predicado matriz de conhecimento é codificado pelo verbo de conhecimento, *sabe*, mais frequente nos dados. É um verbo forte com aspecto perfectivo, que, nesse contexto, está ancorado no tempo presente. O conteúdo do conhecimento expresso na completiva apresenta predicado codificado por verbo perfectivo com valor de perfeito devido à atuação da partícula pré-verbal *dja*. Logo, a ideia que se exprime na fala da feiticeira é que Pedro sabe que já está pego por ela, já que ela estava muito próxima de fazer isso. O contexto mostra-nos que o conteúdo da completiva não foi realizado no momento da fala da personagem, contudo o aspecto perfectivo combinado com o atualizador foi empregado para transmitir a convicção que a feiticeira tinha de pegar Pedro, ou seja, era

algo tão certo que aconteceria que foi expresso como se já tivesse acontecido. Vale notar o emprego do atualizador *dja* também no final da completiva com a função de reforçar o valor atuante de perfeito.

O exemplo 168 é formado por uma matriz de elocução integrando uma completiva de elocução em discurso direto. Essa completiva é constituída pela matriz de conhecimento de nível dois (N2)¹⁷⁷ *pa nu sabi* ‘para nós sabermos’ e sua completiva, também de nível dois (N2), *undi ki bu bida sta* ‘onde que a sua vida está’. Nesse exemplo, o sujeito experienciador *nu* ‘pronomesujeito de primeira pessoa do plural’ está envolvido na aquisição de conhecimento do conteúdo expresso na cláusula dependente. Tanto o predicado da matriz quanto o da completiva são codificados por verbos fortes com aspecto perfectivo com valor temporal de presente, nesse contexto. A relação aqui é estabelecida sem a mediação de um complementizador, porque a completiva é introduzida por um interrogativo *undi ki* ‘onde que’, o que pode restringir o emprego do complementizador.

Essa ausência do complementizador também se dá em 169 pelo mesmo motivo. Nesse caso, a matriz de conhecimento *nton minina dja sabi* ‘então a menina já sabe’ encaixa a completiva *moki kusa bai* ‘como a coisa vai’, que também é introduzida por um interrogativo, não permitindo, nesse contexto, a realização de complementizador mediando a relação. Contudo, nesse exemplo, a completiva apresenta predicado codificado por verbo fraco com aspecto perfectivo, indicando tratar-se de uma ação pontual.

Há algumas ocorrências, nos dados, do predicado matriz de conhecimento e da completiva com polaridade negativa, como ilustram os exemplos 170 e 171.

(170)

L1	Lobu,	bo,	u	ka	sa(bi)	ma
L2	Lobo	T2SG	S2SG	NEG	saber.PFV	que
L3	[VOC]	[TOP]	[]	MATRIZ	[]	[COMPL]
L1	li	ka	ta	bendu?!		
L2	aqui	NEG	IPFV	vir.PASS		
L3	[TOP]	COMPL	[]			

Lobo, você não sabe que aqui não se vem?!

(kea_ev_narr_05_140)

¹⁷⁷ Essa matriz é também uma pseudoinsubordinada, já que é um ato de fala, em discurso direto, controlado pelo predicado matriz de nível um (N1) *fla* ‘disse’ introduzido por um conector, o que não ocorre nas completivas de elocução em discurso direto, as quais são caracterizadas pela ausência do complementizador. A ocorrência desse conector aqui indica, portanto, a pseudoinsubordinação dessa cláusula.

(171)

L1	Nhu	ka	sabe	ma	limária	mortu
L2	senhor	NEG	saber.PFV	que	animal	morto
L3	[MATRIZ]	[COMPL	[TOP
L1	na	sol	m-e	ta	sopra?	
L2	em	sol	que-S3SG	IPFV	assoprar.PFV	
L3	TOP		COMPL			

O senhor não sabe que animal morto no sol assopra?!

(kea_ev_narr_08_167_169)

Em 170, a frase complexa é formada por um vocativo e um tópico, seguido da cláusula matriz de conhecimento *u ka sa(bi)* ‘você não sabe’, encaixando a completiva *ma li ka ta bendu* ‘que aqui não se vem’. Nessa ocorrência, a marca de negação na cláusula matriz não indica que o sujeito experienciador *u* ‘pronome sujeito de segunda pessoa do singular’ não tem o conhecimento do conteúdo expresso na cláusula completiva, a construção interrogativa negativa é apenas uma forma retórica de a personagem *Nhor Des* ‘Deus’ (de quem provém esse ato de fala) chamar a atenção da personagem *Lobu* ‘Lobo’ (a quem o ato de fala se dirige). Mesmo com marca aspectual zero (\emptyset) de perfectivo, o predicado matriz tem ancoragem temporal no presente, já que está codificado por um verbo forte *sabi* ‘saber’. A completiva é introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, apresenta predicado com aspecto imperfectivo, designando evento durativo, e polaridade negativa. Além disso, o verbo que codifica o predicado dependente está na voz passiva e tem sujeito indefinido.

Semelhantemente, o exemplo 171 traz o predicado de conhecimento *nhu ka sabi* ‘o senhor não sabe’ codificado por verbo forte com marca aspectual zero (\emptyset), ancoragem temporal no presente e polaridade negativa. Esse predicado integra a completiva *ma limária mortu na sol m-e ta sopra*, a qual é introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, seguido da expressão topicalizada *limária mortu na sol* ‘animal morto no sol’. Essa expressão é retomada na forma do pronome sujeito *e* ‘pronome sujeito de terceira pessoa do singular’. É interessante notar a repetição do complementizador antes e depois da expressão topicalizada introduzindo a completiva propriamente dita. O predicado da completiva apresenta marca aspectual imperfectiva, com valor habitual.

O outro verbo que ocorre nos dados, codificando o predicado matriz de conhecimento, é a expressão verbal *da konta* ‘aperceber-se’, como se vê em 172.

(172)

L1	E	fla-i	s-e	ka	da	kónta
L2	S3SG	dizer.PFV-O3SG	se-S3SG	NEG	dar.PFV	conta

L3	[MATRIZ]	[COMPL]
L1					MATRIZ_N2			
L2	ki	óra		ki	di...	Diága	di	
L3	que	hora		que		Diága	de	
	[COMPL				
				COMPL_N2				
L1	Liána	ta		nbárka.				
L2	Liána	IPFV		embarcar				
L3			COMPL					
			COMPL_N2					

Ele perguntou-lhe se ele não deu conta que horas que d... Diága de Liána embarca.

(kea_ev_narr_11_230)

O exemplo 172 apresenta a cláusula matriz de conhecimento, e *ka da konta* ‘ele não deu conta’, com predicado codificado por uma expressão verbal, não apenas por um verbo, com polaridade negativa. Aqui também a polaridade atua numa frase interrogativa negativa com função estilística. Essa cláusula está inserida numa completiva em discurso indireto de nível um (N1), por isso trata-se de uma cláusula matriz de nível dois (N2). Ela encaixa a completiva de conhecimento *ki óra ki di... Diága di Liána ta nbarka* ‘que hora que di... Diága de Liána embarca’, a qual não é introduzida por complementizador, pois é iniciada pelo pronome interrogativo *ki* ‘que’, e tem predicado com marca aspectual imperfectiva, com valor habitual.

4.2.1.5.2 Análise quantitativa

O *corpus* apresenta 19 predicados matrizes de conhecimento, e a maior parte ocorre em nível um e dois (N1 e N2) da estrutura sintática. Quanto à polaridade desse predicado matriz, 10 dados apresentam polaridade negativa. Essa polaridade se expressa em cláusulas interrogativas, o que mostra que há uma predileção por esse tipo de construção textual, no gênero estudado, com alguns tipos de predicados que controlam completivas, como é o caso do de percepção e do de conhecimento. Além disso, percebe-se a prototipia do verbo *sabi* ‘saber’ nesse tipo de predicado matriz, já que das 19 ocorrências de predicado de conhecimento, 18 são com esse verbo. Tanto os predicados de conhecimento com o verbo *sabi* quanto com a expressão verbal *da konta* ‘dar conta’ apresentam aspecto perfectivo, como se pode ver na Tabela 29.

Tabela 29 – Predicado matriz de conhecimento

Verbo do predicado matriz	Nível sintático	Marca aspectual	Polaridade		Total
			P	N	
<i>sabi</i>	N1	∅	2	5	7
	N2		6	3	9
	N3		-	1	1
	N4		1	-	1
<i>da konta</i>	N2		-	1	1
Total			9	10	19

Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto às completivas controladas pelo predicado matriz de conhecimento, os dados mostram que elas ocorrem com maior frequência com predicado codificado por verbo perfectivo, nos níveis um e dois (N1 e N2), e apresentam, em sua maioria, polaridade positiva. O número total (19 dados) de predicado matriz de conhecimento e de completiva coincide, porque todos os predicados de conhecimento que ocorrem no *corpus* controlam apenas uma completiva.

Tabela 30 – Completivas controladas pelo predicado matriz de conhecimento

Verbo do predicado matriz e complementizador	Nível sintático	Aspecto e Polaridade				Total	
		PFV	IPFV	PROG	COP		
		P	N	P	P		
<i>sabi</i> ∅	N1	5	-	-	-	1	5
	N2	4	1	-	1	-	7
	N3	1	-	-	-	-	1
	N4	-	-	-	-	1	1
<i>sabi</i> <i>ma</i>	N1	-	-	1	-	-	1
	N2	1	1	-	-	-	2
<i>sabi</i> <i>si</i>	N1	1	-	-	-	-	1
<i>da konta</i>	N2	-	1	-	-	-	1
Total		12	3	1	1	2	19

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se pode ver na Tabela 30, as completivas de conhecimento realizam-se até o nível quatro da estrutura sintática. O número de dados nos níveis um e dois é equivalente (7

ocorrências para cada um desses níveis). A alta frequência do não emprego do complementizador se dá porque a maioria dessas completivas é introduzida por interrogativo, o que pode restringir o emprego do complementizador. Quanto ao compartilhamento de argumentos, a Tabela 31 mostra que essa vinculação, como a de percepção, tende a não compartilhar argumentos.

Tabela 31 – Entrelaçamento entre a completiva de conhecimento e sua matriz nos níveis sintáticos

Completivas de conhecimento	Entrelaçamento nos níveis sintáticos								Total
	N1		N2		N3		N4		
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	
	-	7	6	4	-	1	-	1	19
%	-	36,84	31,58	21,05	-	5,26	-	5,26	100

Fonte: Elaborada pela autora.

Logo, como se vê na Tabela 31, a maioria (13 dados) das vinculações completivas de conhecimento dá-se sem o compartilhamento de argumento. A razão parece-nos ser semelhante ao que ocorre nas completivas controladas por predicado de percepção, ou seja, nessa vinculação, há a descrição de um sujeito experienciador que tem conhecimento de algo que, mais comumente, é externo a si, por isso o contexto pragmático em que a completiva de conhecimento se realiza não favorece o entrelaçamento.

4.2.1.6 Predicado desiderativo

O predicado matriz desiderativo transmite o desejo de um sujeito experienciador para a realização do estado de coisas dependente, o qual pode ser causado pelo experienciador ou por outras entidades (CRISTOFARO, 2003, p. 103).

4.2.1.6.1 Análise qualitativa

Os únicos verbos que ocorrem no predicado matriz desiderativo no *corpus* são *kre* ‘querer’ e *spéra* ‘esperar’¹⁷⁸. A completiva controlada por esse predicado pode realizar-se com

¹⁷⁸ Como só há um dado do predicado desiderativo com o verbo *spéra* ‘esperar’ e este apresenta completiva com características semelhantes às das completivas controladas por *kre* ‘querer’ quando controla completiva sem

ou sem a mediação de um complementizador. Os exemplos 173 e 174 ilustram essa vinculação com o complementizador *pa* ‘para’.

(173)

L1	A	nha	genti	e	kre	p-es
L2	INTJ	POSS.1SG	gente	S3SG	querer.PFV	para-S3PL
L3	[VOC]	[MATRIZ]
L1	bá	mata-m!				
L2	ir.PFV	matar.PFV-O1SG				
L3	COMPL]				

Ah minha gente, ele quer para eles irem me matar.

(kea_ev_narr_01_098)

(174)

L1	E	fla	ma	es	kre...	m-e
L2	S3SG	dizer.PFV	que	S3PL	querer.PFV	que-S3SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
L1	kre	p-e	káza	ku	fidju	nhu
L2	querer.PFV	para-S3SG	casar.PFV	com	filho	senhor
L3	MATRIZ_N2]	[COMPL 2	COMPL_N2		
L1	rai.					
L2	rai					
L3	COMPL 2]					
	COMPL_N2]					

Ele [Pedro] disse que eles quer[ia]m... que ele [o servo do rei] quer[ia] que ele [Pedro] se cas[ass]e com a filha do rei.

(kea_ev_narr_03_106)

Em 173, tem-se um trecho da narrativa em que Pedro sai em busca de uma menina a qual, quando chora e ri, deixa cair de si uma água que é curativa. Pedro precisava dessa água para curar uma ferida no pé de seu pai. Durante sua peregrinação em busca da tal menina, ele ajuda algumas personagens a esfolar uma vaca. Ao sair, essas personagens dão-se conta de que não o agradeceram pelo feito, mas Pedro pensa que foi chamado para ser morto. É esse momento que 173 retrata. Assim, nessa fala de Pedro, o experienciador, ou seja, a personagem que o chamou para agradecê-lo, codificado pelo sujeito da matriz *e* ‘pronome sujeito de terceira pessoa do singular’ transmite o desejo (tal como o Pedro o imagina) da realização do estado de coisas dependente codificado pela completiva *p-es bá mata-m* ‘para eles irem matar-me’. Nessa relação, os predicados da matriz e da completiva apresentam marca aspectual zero (\emptyset). O verbo

complementizador, ou seja, predicado codificado por verbo com aspecto perfectivo e polaridade positiva, trataremos aqui na descrição apenas os exemplos com o verbo *kre*.

kre ‘querer’ que codifica o predicado matriz é um verbo forte, por isso tem marca aspectual de perfectivo (\emptyset), mesmo quando tem uma ancoragem temporal de presente. Tanto em 173 quanto em 174 os sujeitos da matriz e da completiva são distintos, o que possibilita o emprego do complementizador *pa*. É bastante comum, nos dados, cláusulas introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’ apresentarem aspecto perfectivo. Contudo, nas completivas desiderativas com esse complementizador, é possível a atuação das marcas aspectuais, em contextos específicos¹⁷⁹.

O exemplo 174 é constituído por uma matriz de elocução em discurso indireto encaixando duas completivas. A segunda completiva é formada pela matriz desiderativa de nível dois (N2) *e kre* ‘ele quer’ e por sua completiva, também de nível dois (N2), *p-e káza ku fidju nhu rai* ‘para ele se casar com a filha do rei’. Como em 171, tanto o predicado matriz quanto o predicado dependente têm marca aspectual de perfectivo (\emptyset): no caso do predicado matriz, pode-se considerar que a sua ancoragem temporal depende da ancoragem da matriz de que ele próprio depende, ou seja, uma referência de passado indicada pelo verbo fraco perfectivo (*e*) *fla* ‘(ele) disse’; no que diz respeito ao predicado dependente, como em 171, a ausência de marca de aspecto é provavelmente ligada também ao seu carácter, em algum grau, não finito. Essa relação também é intermediada pelo complementizador *pa* ‘para’, como ocorre em 173.

Nos dados, o predicado desiderativo *kre* ‘querer’ também pode controlar uma completiva sem a mediação de um complementizador, principalmente se o sujeito das duas cláusulas (matriz e completiva) é o mesmo, como se vê no exemplo 175 com predicado codificado pelo verbo *káza* ‘casar-se’ no passado.

(175)

L1	El,	e	kre	kazába	ku	fidju
L2	T3SG	S3SG	querer.PFV	casar.PFV.PST	com	filho
L3	[TOP]	[MATRIZ]	[COMPL
L1	nhu	rai.				
L2	senhor	rei				
L3	COMPL]				

Ele queria casar-se com a filha do rei.

(kea_ev_narr_012)

¹⁷⁹ Por exemplo: *N kre pa-u ta linpa kása* ‘eu quero que limpes a casa [sempre]’ em contraste com *N kre pa-u linpa kása* ‘eu quero que limpes a casa’.

O exemplo 175 é formado por um tópico, seguido da cláusula matriz desiderativa *kre* ‘querer’ que encaixa a completiva *kazába ku fidju nhu rai* ‘casar com a filha do rei’. Nesse exemplo, a completiva tem predicado codificado por um verbo perfectivo com marca de passado {-ba}. Distintamente do português, essa marca temporal dá-se no verbo da dependente, e não no verbo da matriz. O morfema de tempo afeta também o predicado matriz que, sendo codificado por um verbo forte, recebe marca aspectual (\emptyset) de perfectivo, neste contexto, mas ancora-se no passado através do predicado dependente. Aqui a relação é estabelecida sem a mediação de um complementizador, pois, como mencionado, distintamente de 174, o sujeito da matriz e da completiva é o mesmo, o que, em cabo-verdiano, restringe o emprego do complementizador.

Os dados também mostram a ocorrência do predicado matriz com o atualizador *dja*, como ilustra o exemplo 176.

(176)

L1	Sima	e	kusa,	minina	tánbi	dja
L2	Quando	S3SG	funcionar.PFV	menina	também	ACT
L3	[TEMP]	[NUC/MATRIZ]
L1	<i>kre</i>	ben	ku-el.			
L2	querer.PFV	vir.PFV	com-T3SG			
L3	NUC/MATRIZ]	[COMPL]		

Quando ele coisou, a menina também já quis vir com ele.

(kea_ev_narr_11_094)

O exemplo 176 é formado por uma temporal seguida de sua nuclear que, por sua vez, também é a matriz desiderativa, *minina tánbi dja kre* ‘a menina também já quis’, e integra a completiva *ben ku-el* ‘vir com ele’. Aqui o predicado matriz é afetado tanto pela temporal, pois é a partir da realização do estado de coisas expresso nela que o sujeito experienciador da cláusula matriz passou a desejar o conteúdo do estado de coisas dependente, quanto pelo atualizador *dja*, que indica que o estado de coisas expresso aí permanece até o momento da enunciação. O predicado da completiva não permite a atuação de aspecto, por isso trata-se de um verbo na forma não finita. Essa relação é estabelecida sem a mediação de um complementizador, pois a completiva e a matriz compartilham o sujeito. Quanto à forma do verbo que codifica o predicado dependente, de fato, nas completivas controladas por predicados desiderativos em que não se pode empregar o complementizador, a atuação das marcas aspectuais é agramatical, o que nos leva a concluir que essas completivas são prototipicamente não finitas, já que a noção de finitude no cabo-verdiano depende, também, da possibilidade da atuação do aspecto. Entendemos que a noção de finitude, no cabo-verdiano, não é binária (finito

ou não finito), mas gradiente, já que, em alguns contextos, é clara a agramaticalidade do emprego das marcas de aspecto, enquanto em outros observamos tendências para a ausência de marcas sem que essas se convertam em regras absolutas.

4.2.1.6.2 Análise quantitativa

Há 19 ocorrências de predicado matriz desiderativo, 18 codificadas pelo verbo *kre* ‘querer’ e apenas uma pelo verbo *spéra* ‘esperar’. A maior parte (2/3 da amostra) desses verbos ocorre em nível dois (N2), como mostra a Tabela 32. Isso é bastante particular, já que, se considerarmos o percentual da distribuição das completivas por nível sintático, no nível um (N1) ocorrem 80,66% de completivas contra 14,59% no nível dois (N2), ou seja, o nível um tem cinco vezes mais completivas que o nível dois. Com o predicado desiderativo, o nível dois apresenta três vezes mais completivas que o nível um.

Tabela 32 – Predicado matriz desiderativo (verbo *kre*)

Verbo	Nível sintático e polaridade				Total
	N1		N2	N3	
	N	P			
<i>Kre</i>	1	3	13	1	18
<i>Spéra</i>	-	1	-	-	1
Total	1	4	13	1	19

Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto ao predicado da completiva encaixada por um predicado matriz desiderativo, os dados mostram frequência absoluta de uso do aspecto perfectivo e da polaridade positiva, como se vê na Tabela 33. Contudo, o tamanho da amostra é pequeno, por isso esse resultado precisaria ser matizado com um *corpus* de dimensões maiores.

Tabela 33 – Completivas controladas por predicado desiderativo

Complementizador	Aspecto e polaridade da completiva			Total
	N1	N2	N3	
	PFV			
	P			
pa	-	10	-	10
zero	5	3	1	8
Total	5	13	1	19

Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme a Tabela 33, as completivas desiderativas realizam-se mais no nível dois (N2) da estrutura sintática (13 dados), como notamos ao descrevermos o predicado matriz desiderativo, e com complementizador. É importante notar que o emprego do complementizador, com o verbo *kre*, ‘querer’, depende do compartilhamento do sujeito, se a completiva e a matriz têm o mesmo sujeito, como em 175 e 176, não se emprega o complementizador; caso os sujeitos da completiva e da matriz sejam distintos, a realização do complementizador *pa* ‘para’ é obrigatória com esse verbo.

Quanto ao entrelaçamento, apenas 3 completivas controladas por predicado desiderativo no nível dois (N2) não compartilham argumentos com suas matrizes; em todas as outras, há entrelaçamento.

4.2.1.7 Predicado modal

As relações de complementação com predicados modais envolvem principalmente a modalidade deôntica, além de expressarem uma capacidade ou habilidade para algo. Nelas, há referência a alguma circunstância em que há permissão ou autorização da ocorrência de algum estado de coisas. Cristofaro (2003, p. 100, tradução nossa) destaca que “a maioria, embora não todos, dos predicados que tomam completivas transmitem alguma indicação de modalidade”¹⁸⁰. Contudo, baseada em Noonan (1985), ela inclui os predicados com indicação de modalidade epistêmica entre as completivas de *atitude proposicional* e os com indicação de modalidade deôntica ou que expressem capacidade ou habilidade na categoria *modal*. Segundo a autora, a relação modal pode se conceber de diversas formas.

¹⁸⁰ Original: “Many, though not all, complement-taking predicates convey some modality indication”.

Predicados como ‘dever’ ou ‘poder’ (quando expressando permissão [...]) descrevem uma condição de obrigação ou permissão. Essa condição corresponde ao estado de coisas principal e se aplica em um duplo sentido. Por um lado, a obrigação ou permissão diz respeito à ocorrência de um estado de coisas (o dependente) concebido como um tudo indivisível, ou seja, é a ocorrência deste estado de coisas que é necessária ou permitida. Por outro lado, a obrigação ou permissão diz respeito a alguma entidade (o falante [...], [...] o destinatário [...]) que deve ou pode levar a existir o estado de coisas referido.¹⁸¹ (CRISTOFARO, 2003, p. 100, tradução nossa).

4.2.1.7.1 Análise qualitativa

Os verbos codificando predicados modais que ocorrem nos dados são: *podí* ‘poder’ (com valor de capacidade/habilidade ou possibilidade ou ainda com valor deôntico em contexto moral, semelhante a *debi*), *debi* ‘dever’ (com valor deôntico), *mesti* ‘necessitar’ (com valor de necessidade ou deôntico), *ten* ‘ter’ (com valor deôntico – obrigação)¹⁸². Os exemplos que seguem ilustram esse tipo de vinculação.

(177)

L1	E	fla-i	m-e	átxa...	m-e	abri
L2	S3SG	dizer.PFV-O3SG	que--S3SG	achar.PFV	que-S3SG	abrir.PFV
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
L1	libru	na	nóviséntuz	i	trinti	nóvi
L2	livro	em	novecentos	e	trinta	nove
L3			COMPL 2]
L1	m-e	átxa	m-e	podí	kása	ku
L2	que-S3SG	achar.PFV	que-S3SG	poder.PFV	casar.PFV	com
L3	[COMPL 3]	[COMPL 4]
			[MATRIZ N2]	[
						COMPL N2
L1	Diéga	di	Liána	fu(r)mós	noti	fu(r)mós
L2	Diéga	de	Liana	formoso	noite	formoso
L3				COMPL 4		
				COMPL N2		
L1	diâ	fu(r)mós	ti	pa	riba	la
L2	dia	formoso	até	para	em cima	lá
L3				COMPL 4		
				COMPL N2		
L1	má(s)	ka	ten.			
L2	mais	NEG	ter.PFV			
L3	[COMPL 4]			
		COMPL N2				

Ele disse-lhe que ele achou... que ele abriu o livro na [página] novecentos e trinta e nove, que ele achou que se podia casar com a Diéga de Liana formosa de noite, formosa de dia, mais formosa que ela não há.

¹⁸¹ Original: “Predicates such as ‘must’, ‘can’ (expressing permission [...]), or ‘may’ describe a condition of obligation or permission. This condition corresponds to the main SoA, and holds in a twofold sense. On the one hand, the obligation or permission concerns the occurrence of an SoA as a whole (the dependent SoA), that is, it is the occurrence of this SoA that is necessary or permitted. On the other hand, the obligation or permission concerns some entity that must or may bring about the relevant SoA (the speaker [...]), the addressee [...].”

¹⁸² Conforme categorização de modalidade verbal em Quint e Biagui (2013, p. 45) para o crioulo de Casamansa.

(kea_ev_narr_11_030)

(178)

L1	E	spéra,	kántu	e	txiga,	txiga
L2	S3SG	esperar.PFV	quando	S3SG	chegar.PFV	chegar.PFV
L3	[JSP 1]	TEMP]	[JSP 2/NUC
L1	kei	minina	bránka	bunita	k-ei	própi
L2	aquele	menina	branca	bonita	que-S3SG	mesmo
L3			JSP 2/NUC]	[CONSQ
					[TOP
L1	e	podí	trumunuza	d-el.		
L2	S3SG	poder.PFV	tremer.PFV	de-T3SG		
L3			CONSQ]		
	[MATRIZ_N2]	[COMPL_N2]

Ele esperou, quando ele chegou, chegou aquela menina branca bonita, que ele mesmo, ele poderia tremer por causa dela.

(kea_ev_narr_11_050)

O exemplo 177 é constituído por uma matriz integrando quatro cláusulas completivas. A quarta completiva é formada pela matriz modal de nível dois (N2) *e podi* ‘ele pode’ e sua completiva *kása ku Diéga di Liána fu(r)mós noti fu(r)mós diâ fu(r)mós ti pa riba la má(s) ka ten* ‘casar com Diéga de Liana formosa noite formosa dia formosa, mais formosa que ela não há’. Nessa vinculação, o predicado matriz indica a possibilidade¹⁸³ da realização do estado de coisas dependente. Nesse exemplo, o predicado matriz é codificado por um verbo forte *podí* ‘poder’ e, por essa razão, tem marca aspectual perfectiva (\emptyset) com ancoragem presente (ou num tempo coincidindo com o da narração), neste contexto. O verbo da completiva, *kása* ‘casar’, não apresenta marca de aspecto, o que, neste contexto, pode-se explicar pelo fato de que está na forma não finita. Como em quase todas as vinculações com predicados modais (exceto com o verbo *ten*, que requer o complementizador *ki*), não há a mediação de um complementizador.

Em 178, temos o verbo *podí* ‘poder’ codificando o predicado matriz modal. Contudo, nesse exemplo, o verbo *podí* refere-se à possibilidade (de alguma coisa acontecer) e não à habilidade/capacidade, como em 177. A matriz, também de nível dois (N2), *ei própi e podí* ‘ele mesmo, ele pode’ integra a completiva *trumunuza d-ei* ‘tremer por causa dela’, indicando a modalidade epistêmica com a possibilidade de o estado de coisas dependente ocorrer. Como em 177, o verbo do predicado matriz apresenta marca aspectual (\emptyset) de perfectivo

¹⁸³ A possibilidade aqui refere-se tanto à capacidade (maturidade) da personagem para se casar, como à autorização do pai para que o faça.

e o verbo do predicado dependente não traz marca aspectual, provavelmente por estar na forma não finita.

O verbo *podi* ‘poder’, nos dados, tanto designa ‘capacidade/habilidade’ e ‘possibilidade’, quanto pode também ter um valor semântico equivalente a *debi* ‘dever’, como atesta o exemplo 179.

(179)

L1	(s)tória	di...	di...	di	Lobu	pa
L2	história	de...	de...	de	Lobo	para
L3	[JSP 1] [PROP 1
L1	nu	ta	konta	é	kusa(s)	mariádu
L2	S1PL	IPFV	contar	COP	coisa.PL	ruim
L3		PROP 1] [NUC
L1	ki	nu	teni	li	pa	nu
L2	que	S1PL	ter.PFV	aqui	para	S1PL
L3			NUC] [PROP 2
						[
						MATRIZ_N2
L1	ta	odja	ma	Dios	é	un,
L2	IPFV	ver	que	Deus	COP	um
L3				PROP 2		
						COMPL 1_N2
L1	aian	ma...	ma	Dios	é	un,
L2	sim	que...	que	Deus	COP	um
L3				PROP 2		
						COMPL 2_N2
L1	ma	nos	nu	ka	podu	matráta
L2	que	T1PL	S1PL	NEG	poder.PFV	maltratar.PFV
L3				PROP 2		
						COMPL 3_N2
						MATRIZ_N3
		[TOP]] [COMPL_N3
L1	kunpanheru.					
L2	companheiro					
L3	PROP 2]					
	COMPL 3_N2]					
	COMPL_N3]					

A história de... de... do Lobo para contarmos são coisas ruins que nós temos aqui, para vermos que Deus é um, sim que... que Deus é um, que nós não podemos maltratar uns aos outros.

(kea_ev_narr_05_262_268)

A frase complexa em 179 é composta por uma cláusula nuclear subordinando duas cláusulas de propósito, a primeira anteposta à nuclear, e a segunda, posposta. A segunda cláusula de propósito é formada por uma matriz de nível dois (N2) encaixando três completivas. A terceira completiva constitui-se da matriz modal de nível três (N3) *nu ka podu* ‘nós não podemos’ e sua completiva, também de nível três (N3), *matráta kunpanheru* ‘maltratar uns aos outros’. O sentido do verbo modal *podu* ‘poder’, nesse exemplo, aproxima-se semanticamente

de *debi* ‘dever’, ou seja, com valor deôntico. A locutora não quis dizer que não temos a capacidade de maltratar uns aos outros, mas que nos é proibido por acordo social (razões morais) fazer isso. A matriz modal apresenta predicado codificado por verbo forte com marca aspectual de perfectivo (\emptyset), tendo ancoragem temporal presente e polaridade negativa. Já o predicado da completiva não tem marca segmental de aspecto e tem polaridade positiva. Como se trata de um verbo fraco, a ausência da marca aspectual, neste contexto, indica aspecto perfectivo, ou seja, a ação é pontual e não durativa, já que é possível o emprego do imperfectivo, como em: *nu ka podi ta matrâta kunpanheru* ‘não podemos ficar maltratando uns aos outros’.

Os predicados modais de modalidade deôntica que ocorrem nos dados são os codificados pelos verbos *debi* ‘dever’, *ten* ‘ter’ e *mesti* ‘necessitar’. Esses predicados são ilustrados nos exemplos 180, 181 e 182.

(180)

L1	A-nos	nu	debi	ngoda	kunpanheru,	po
L2	T1PL	S1PL	dever.PFV	conquistar.PFV	companheiro	porque
L3	[TOP]	[MATRIZ/JSP 1]	[COMPL]			
L1	nos	é	un	i(r)mon.		
L2	S1PL	COP	um	irmão		
L3	[JSP 2]					

Nós devemos conquistar uns aos outros, porque nós somos irmãos.

(kea_ev_narr_05_270)

(181)

L1	Ke-li	ki	nhos	odja	ramedi	debi
L2	Isso-aqui	que	S2PL	ver.PFV	remédio	dever.PFV
L3	[MATRIZ]			[COMPL]		
				[MATRIZ N2]		
L1	ta	ten pa	atakasan.			
L2	IPFV	ter	para	ataque		
L3	[COMPL]					
	[COMPL_N2]					

Nisso vocês veem que se deve ter remédio para ataque.

(kea_ev_narr_11_118)

(182)

L1	E	fla	si	mai:	nau	mi
L2	S3SG	dizer.PFV	POSS.3SG	mãe	não	T1SG
L3	[MATRIZ]			[COMPL]		
				[MATRIZ N2]		
L1	oxi	N	ten	ki	á	djobi
L2	hoje	S1SG	ter.PFV	que	ir.PFV	ver.PFV
L3	[COMPL]					
	[MATRIZ_N2]			[COMPL_N2]		

L1	nhas	dos	irmon	ki	ka	ben.	
L2	POSS.1PL	dois	irmão	que	NEG	vir.PFV	
L3				COMPL]
			COMPL N2]

Ele disse à sua mãe: não, hoje eu tenho que ir procurar meus dois irmãos que não vieram.

(kea_ev_narr_12_126)

A frase 180 é constituída por duas coordenadas justapostas, sendo que a primeira é formada pela matriz modal *nu debi* ‘nós devemos’ integrando a completiva *ngoda kunpanheru* ‘conquistar uns aos outros’, que apresenta predicado codificado por um verbo perfectivo, com ancoragem presente. Como em português, o verbo *debi*, em cabo-verdiano, tem múltiplas acepções: 1. ‘ter uma dívida’, ex. ‘devo cinquenta reais à minha irmã’; 2. ‘ter certo grau de possibilidade de acontecer’ (modalidade epistêmica), ex. ‘a professora não veio, porque deve estar doente’; 3. ‘ter a obrigação moral de fazer algo’ (modalidade deôntica), ex. ‘os filhos devem obedecer aos pais’. O exemplo 180 emprega esse verbo com o sentido de obrigação moral. Com essa acepção, esse verbo, de modo geral, não se combina com marca aspectual, tanto num contexto presente como num contexto passado (sufixo de passado {-ba}), como em: *kántu N éra mininu N debeba kumeba fixon* ‘quando eu era criança eu tinha que comer feijão’. Já com as outras acepções esse verbo apresenta um perfil diferente, pois com o sentido de ter uma dívida ou de possibilidade de algo acontecer é mais frequente empregar as marcas de aspecto. Em alguns contextos, é a marca aspectual que distingue linguisticamente uma acepção da outra, por exemplo:

- a. Possibilidade: *N ta debi bai fóra na fin di sumána pa odja nha mai* ‘eu devo ir ao interior no fim de semana para ver a minha mãe’.
- b. Obrigação/possibilidade: *N debi bai fóra na fin di sumána pa odja nha mai* ‘eu tenho o dever de ir ao interior no fim de semana para ver a minha mãe’.

O exemplo 181 também traz um predicado modal codificado pelo verbo *debi* ‘dever’, também com o sentido de ‘obrigação moral’¹⁸⁴. A completiva tem a marca aspectual imperfectiva *ta* com o valor de habitual. Esse exemplo é formado por uma matriz integrando uma completiva que, por sua vez, é formada pela matriz modal de nível dois (N2) *ramedi debi* ‘remédio deve’ e sua completiva, também de nível dois (N2), *ta ten pa atakasan* ‘ter para ataque’.

182 constitui-se numa matriz de elocução que integra uma completiva em discurso direto. Essa completiva é composta por uma matriz modal de nível dois (N2), *mi oxi N ten ki*

¹⁸⁴ Ou seja, deve existir remédio para ataques para evitar morte de pessoas em qualquer lugar.

‘eu hoje tenho que’, e sua completiva, também de nível dois (N2), *á djobi nhas dos irmon ki ka ben* ‘ir ver meus dois irmãos que não vieram’. O verbo *ten* ‘ter’, que codifica o predicado modal matriz, também tem múltiplas acepções, mas quando realizado com o complementizador *ki* ‘que’ refere-se à obrigação. Os verbos envolvidos nessa relação modal não apresentam marcas de aspecto, porém apenas o verbo *ten* é forte. Logo, o predicado dependente é codificado por verbo perfectivo. O único verbo modal que requer complementizador é o verbo *ten* ‘ter de’¹⁸⁵.

Só há dois verbos codificando predicados modais com polaridade negativa, um deles é *podi* ‘poder’, como no exemplo 179, e o outro é *mesti* ‘necessitar/precisar’ (183).

(183)

L1	E(s)	kusa	bránka	li	N	ka
L2	S3PL	coisa	branca	aqui	S1SG	NEG
L3	[TOP]	[MATRIZ]
L1	mesti	fla	nhori!			
L2	necessitar.PFV	dizer.PFV	O2PL			
L3	MATRIZ	[COMPL]		

Essas coisas brancas, eu não preciso dizer para vocês!

(kea_ev_narr_11_166)

Em 183, a frase é composta pela matriz modal, *N ka mesti* ‘eu não preciso’ e sua completiva, *fla nhori* ‘dizer para vocês’. O predicado matriz é codificado por um verbo forte *mesti* ‘necessitar/precisar’, por isso recebe marca aspectual (\emptyset) de perfectivo, em contexto presente. Além disso, é marcado pela negação (*ka* ‘negação verbal’). A completiva tem predicado codificado por um verbo com marca aspectual zero (\emptyset), o que pode indicar algum grau de não finitude, nesse contexto.

4.2.1.7.2 Análise quantitativa

Entre os verbos que codificam os predicados matrizes, o que tem maior frequência no *corpus* é *podi* ‘poder’. Esse verbo ocorre em 9 dos 15 dados categorizados como predicado matriz modal, como atesta a Tabela 34.

¹⁸⁵ Por ser o único verbo modal que requer complementizador, sendo ele obrigatório nesses contextos modais deônticos, fica claro que a locução *ten ki* é decalcada do português ‘ter que’.

Tabela 34 – Predicado matriz modal

Verbo modal matriz	Aspecto e polaridade						Total
	N1		N2	N3		N4	
	PFV						
	P	N	P	P	N	P	
<i>Podi</i>	-	1	5	2	1	-	9
<i>Debi</i>	1	-	1	-	-	-	2
<i>Mesti</i>	-	1	-	-	-	-	1
<i>Ten</i>	-	-	1	-	-	-	1
<i>Djuda</i>	-	-	-	1	-	1	2
Total	1	2	7	3	1	1	15

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 34 mostra que nos predicados matrizes modais apenas os codificados pelos verbos *podí* ‘poder’ e *mesti* ‘necessitar/precisar’ ocorrem com polaridade negativa no *corpus*. Como a amostra é pequena, não é possível traçar um perfil válido desse tipo de predicado matriz.

Quanto ao emprego de complementizador, do aspecto verbal e da polaridade nas completivas modais, os dados mostram que esse tipo de vinculação se dá em maior frequência sem a mediação de complementizador (com exceção do verbo *ten*, que requer o complementizador *ki*), com predicados dependentes codificados por verbos com aspecto perfectivo, e todos os dados disponíveis apresentam polaridade positiva. Isso é o que podemos ver na Tabela 35.

Tabela 35 – Completivas controladas por predicado modal

Verbo que codifica o predicado matriz	Aspecto, nível e polaridade					Total
	N1	N2		N3	N4	
	PFV	PFV	IPFV	PFV	PFV	
	P					
podi	1	5	-	3	-	9
debi	1	-	1	-	-	2
mesti	1	-	-	-	-	1
ten ki	-	1	-	-	-	1
djuda	-	-	-	1	1	2
Total	3	6	1	4	1	15

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se vê na Tabela 35, a única completiva que ocorre com aspecto imperfeito é controlada pelo verbo *debi* ‘dever’, todas as demais apresentam marca aspectual zero (\emptyset). É difícil determinar precisamente se o que temos nas completivas é a atuação do aspecto perfectivo ou se o verbo que codifica o predicado da completiva está na forma não finita. Como a forma não finita não é uma categoria discreta no cabo-verdiano, essa delimitação é complexa. Em alguns contextos específicos, podemos perceber que a impossibilidade da atuação das marcas aspectuais nos leva a categorizar um determinado verbo como não finito. Em relação ao entrelaçamento, todas as completivas modais compartilham o sujeito com suas matrizes.

4.2.1.8 Predicado de atitude proposicional

Os predicados de atitude proposicional expressam a atitude de um sujeito experienciador em relação à proposição que é expressa na sua cláusula completiva. Essa atitude pode ser tanto positiva quanto negativa (NOONAN, 2007, p. 124).

4.2.1.8.1 Análise qualitativa

Nos dados coletados, há apenas ocorrências de predicados matrizes de atitude proposicional positivos. Os verbos que codificam esse tipo de predicado no *corpus* são: *átxa* ‘achar’, *pensa* ‘pensar’ e *parse* ‘parecer’, como atestam os exemplos 184, 185 e 186.

(184)

L1	[...] ¹⁸⁶	Bu		átxa		ma	u	ta		ben
L2		S2SG		achar.PFV		que	S2SG	IPFV		vir
L3		[MATRIZ]		[COMPL 1]
L1		larga-m		ma		N	ta	nguli-u?		
L2		largar.PFV-O1SG		que		S1SG	IPFV	engolir-O2SG		
L3		COMPL 1		[COMPL 2]		

Você acha que você vem me largar [e] que eu te engulo?

(kea_ev_narr_04_085)

(185)

L1	Kes	mel	e(s)	pensa		m-é	sángi.		
L2	aquele.PL	mel	S3PL	pensar.PFV		que-COP	sangue		
L3	[TOP]	[MATRIZ]	[COMPL]

Aqueles méis, eles pensaram que eram sangue.

(kea_ev_narr_10_147)

(186)

L1	[...] ¹⁸⁷	A-mi	na	fin	parse-m		ma	N
L2		T1SG	em	fim	parecer.PFV-O1SG		que	S1SG
L3		[TOP]	[MATRIZ]		[COMPL
L1		áta	fika	so	ku		kórda.	
L2		PROG	ficar	só	com		corda	
L3				COMPL]	

No fim, parece-me que eu estou ficando só com a corda.

(kea_ev_narr_04_019)

O exemplo 184 constitui-se num ato de fala do personagem Lobo. Nele, o sujeito experienciador *bu* ‘pronome sujeito de segunda pessoa do singular’ mostra a sua atitude, através do predicado matriz, em relação à verdade do conteúdo proposicional expresso nas duas orações dependentes. A matriz *bu átxa* ‘você acha’ encaixa as completivas *ma u ta ben larga-m* ‘que você vem me largar’ e *ma N ta nguli-u* ‘que eu te engulo’. Nessa ocorrência, o predicado matriz é codificado por verbo perfectivo, mostrando tratar-se de um evento pontual, ou até pode ser que esse verbo, nesse contexto, tenha uma tendência a tornar-se forte, tendo um valor mais modal (epistêmico), o que explica a sua ancoragem num contexto temporal presente. Os predicados dependentes são codificados por verbos imperfectivos, evidenciando ações com valor prospectivo. Além disso, as duas completivas parecem estabelecer entre si uma relação

¹⁸⁶ O ato de fala é estruturado com uma matriz de elocução em discurso direto e suas completivas, em que 184 se constitui numa delas, por isso a matriz de atitude proposicional e suas completivas são de nível dois. Fizemos um recorte na frase complexa da qual esse exemplo faz parte para evitar uma glosa extremamente longa com outras estruturas que não nos interessam para essa análise específica do predicado de atitude proposicional.

¹⁸⁷ Um recorte semelhante ao de 184 foi feito aqui. Tratam-se, portanto, de matriz e completiva de atitude proposicional de nível dois (N2).

semântica de condição, em que a primeira seria a prótase (*[si] u ta ben larga-m* ‘se você me largar’) e a segunda, a apódase (*N ta nguli-u* ‘eu te engolirei’).

Em 185, a matriz de atitude proposicional *e(s) pensa* ‘eles pensam’ encaixa a completiva *m-é sángi* ‘que é sangue’. Nesse exemplo, o sintagma *kes mel*, que é sujeito do predicado dependente, aparece em posição topicalizada, seguido do sujeito experienciador de quem se expressa, pelo predicado matriz, a atitude em relação à verdade da proposição contida na cláusula dependente *m-é sángi*. O predicado matriz, *e(s) pensa* ‘eles pensaram’, é codificado por verbo perfectivo com uma ancoragem temporal de presente, o que, como com *átxa* em 184, parece-nos indicar que o comportamento de *pensa* ‘pensar’ (habitualmente categorizado como verbo fraco) se assemelha ao de um verbo forte. O predicado dependente é codificado pela cópula com radical presente *é* ‘ser’, a qual não aceita marca aspectual como é o caso aqui.

O exemplo 186 traz no predicado matriz de atitude proposicional um verbo impessoal, *parse-m* ‘parece-me’, por isso o sujeito experienciador não pode ser expresso. Contudo, é possível determinar quem é o experienciador (mesmo que não como sujeito) ao qual a atitude expressa pelo predicado matriz se refere. Nesse verbo, é o complemento verbal codificado pelo pronome objeto {-m} ‘pronome objeto de primeira pessoa do singular’ que indica quem é o experienciador. O predicado matriz *na fin parse-m* ‘no fim parece-me’ encaixa a completiva *ma N áta fika so ku kórda* ‘que eu estou ficando só com a corda’. Nessa vinculação, o predicado matriz tem verbo forte flexionado no aspecto perfectivo, num contexto presente, e o dependente apresenta verbo com aspecto progressivo, com um valor de futuro próximo em português. Todas as ocorrências de completivas controladas por predicados de atitude proposicional, no *corpus*, são mediadas pelo complementizador *ma* ‘que’.

4.2.1.8.2 Análise quantitativa

Os dados mostram que esse tipo de predicado ocorreu mais em nível dois (N2) da estrutura sintática, com verbo perfectivo, e todos têm polaridade positiva, como se vê na Tabela 36.

Tabela 36 – Predicado matriz de atitude proposicional

Verbo codificando o predicado matriz	Nível sintático	Aspecto e polaridade		Nº de ocorrências
<i>Átxa</i>	N2	PFV	P	4
<i>Parsi</i>				1
<i>Pensa</i>	N1			1
Total				6

Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto às completivas que se encaixam aos predicados matrizes de atitude proposicional, os dados mostram que elas, como suas matrizes, estão nos níveis um (N1) e dois (N2) da estrutura sintática, apresentam, como quase sempre, maior frequência de predicados codificados por verbos perfectivos com polaridade positiva, e todas são introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’.

Tabela 37 – Completivas controladas por predicado de atitude proposicional

Verbo codificando o predicado matriz e complementizador	Nível sintático	Aspecto e polaridade				Total
		PFV	IPFV	PROG	COP PRS	
		P				
<i>Átxa ma</i>	N2	4	2	-	-	6
<i>Parsi ma</i>		-	-	1	-	1
<i>Pensa ma</i>	N1	-	-	-	1	1
	Total	4	2	1	1	8¹⁸⁸

Fonte: Elaborada pela autora.

Das 8 completivas controladas por predicados de atitude proposicional, apenas 1 não compartilha argumentos com sua matriz, nas demais há entrelaçamento entre a cláusula matriz e sua dependente.

4.2.1.9 Predicado de pretensão

Noonan (2005, p. 126) caracteriza o predicado de pretensão como aquele que pode ter sujeito experienciador ou agente, dependendo do verbo que o codifica. Segundo esse autor:

[...] esses predicados têm como característica que o mundo descrito pela proposição incorporada no complemento não seja o mundo real. O status da proposição de complemento no mundo real não é dado, embora haja uma implicação muito geral de que a proposição é falsa (Kempson (1975)). (NOONAN, 2005, p. 126).

4.2.1.9.1 Análise qualitativa

O único verbo que ocorre no *corpus* codificando esse tipo de predicado é *fasi* ‘fazer/fingir’, como mostram os exemplos 187, 188 e 189.

(187)

¹⁸⁸ Há predicados de atitude proposicional que encaixam duas completivas.

L1	Mudjei	kai	séku	fasi	ma dja
L2	mulher	cair.PFV	seco	fazer.PFV	que já
L3	[JSP 1]	[JSP2/MATRIZ]	[COMPL

L1	móri.
L2	morrer.PFV
L3	COMPL]

A mulher caiu seca, fez que já morreu.

(kea_ev_narr_10_145)

(188)

L1	E	ta	tádja	tudu	kei	báka
L2	S3SG	IPFV	juntar	tudo	aquele	vaca
L3	[JSP 1			

L1	ki	sta	na	bera	már,	e
L2	que	estar.PFV	em	beira	mar	S3SG
L3		JSP 1				[JSP 2/MATRIZ

L1	ta	fasi	m-é	so	di	sel.
L2	IPFV	fazer	que-COP	só	de	POSS.3SG
L3	JSP 2/MATRIZ		[COMPL]

Ele junta todas aquelas vacas que estão na beira mar, ele finge que são só dele.

(kea_ev_narr_10_213)

(189)

L1	e	fla	si	muiel	ma	oxi
L2	S3SG	dizer.PFV	POSS.3SG	mulher	que	hoje
L3	[MATRIZ			COMPL 1

L1	ma	rapás	sata	en	p-en	mate-l,
L2	que	rapaz	PROG	vir	para-vir.PFV	matar.PFV-O3SG
L3				COMPL 1]

L1	ago	ma	kalaki	ben,	p-e	da
L2	agora	que	aquela hora	vir.PFV	para-S3SG	dar.PFV
L3	[COMPL 2		

L1	kueiu	ku	po,	m-e	ta	fasi
L2	coelho	com	pau	que-S3SG	IPFV	fazer
L3		COMPL 2			COMPL 3	
					MATRIZ N2]

L1	m-é	kuedju	ki	áta	txome-l.
L2	que-COP	coelho	rel.foc.S	PROG	chamar-O3SG
L3			COMPL 3		
	[COMPL N2]

Ele disse à sua mulher que hoje os rapazes estão vindo para matá-lo, agora na hora que eles vierem, [ele disse] para ela bater no coelho com pau, para ela fazer como se fosse o coelho que o está chamando.

(kea_ev_narr_10_069_073)

O exemplo 187 é formado por duas cláusulas coordenadas justapostas, em que a segunda é constituída pela matriz de pretensão *fasi* ‘fez’, encaixando a completiva *ma dja móri* ‘que já morreu’. O predicado matriz codificado pelo verbo *fasi* ‘fazer’ apresenta o sujeito agente *mudjei* ‘mulher’ expresso na primeira coordenada. A proposição contida na completiva, *ma dja*

móri ‘que já morreu’, que esse predicado encaixa, tem *status* falso no mundo real. Essa relação dá-se intermediada pelo complementizador *ma* ‘que’. Todos os predicados envolvidos nessa frase complexa são codificados por verbos perfectivos, demonstrando que os estados de coisas dessas cláusulas são não durativos.

O exemplo 188 também é constituído por duas cláusulas coordenadas justapostas, sendo a segunda coordenada formada pela matriz de pretensão *e ta fasi* ‘ele finge’ e sua completiva *m-é so di sel* ‘que é só dele’. Aqui o sujeito agente *e* ‘pronome sujeito de terceira pessoa do singular’ atua para a realização do conteúdo falso da cláusula dependente. O estado de coisas matriz é durativo, já que é expresso por predicado codificado por verbo imperfectivo, enquanto o dependente, que tem seu predicado codificado pela cópula na forma do radical *é* ‘ser’, apresenta uma ancoragem temporal presente, não aceitando marcas aspectuais. Essa relação também é mediada pelo complementizador *ma* ‘que’.

Em 189, temos um predicado matriz de pretensão no nível dois (N2) da estrutura sintática. A frase é formada por uma cláusula matriz de elocução em discurso indireto encaixando três completivas. A terceira completiva é composta pela matriz de pretensão de nível dois (N2) *m-e ta fasi* ‘que ele faz’ e sua completiva, também de nível dois (N2), *m-é kuedju ki áta txome-l* ‘que é o coelho que a está chamando’. Nesse exemplo, também, o sujeito é o agente que atua para a realização do falso conteúdo da cláusula completiva. O predicado matriz é codificado por verbo com aspecto imperfectivo, designando um evento durativo. A cláusula dependente é formada por estrutura de focalização com cópula realizada [COP + (ASP)V] com predicado codificado por verbo com aspecto progressivo. A relação é intermediada pelo complementizador *ma* ‘que’.

4.2.1.9.2 Análise quantitativa

No *corpus*, somente a narrativa nº 10 (das 12 narrativas que compõem o *corpus*) apresenta esse tipo de predicado. Logo, tem-se apenas 5 ocorrências de predicado de pretensão tomando cláusula complemento, como se vê na Tabela 38.

Tabela 38 – Predicado matriz e completiva de pretensão

Verbo matriz e complementizador	Nível sintático, polaridade e aspecto do predicado matriz			Nível sintático, polaridade e aspecto do predicado dependente		
	N1		N2	N1		N2
	P			P		
	PFV	IPFV	PROG	COP	PFV	PFV
<i>fasi ma</i>	3	1	1	1	3	1
Total	5			5		

Fonte: Elaborada pela autora.

Cada predicado matriz de pretensão combina-se apenas com uma cláusula completiva, por isso a igualdade no número de ocorrência do predicado matriz e da completiva (5 dados para cada). Corroborando os resultados da maioria das completivas, as ocorrências tanto no predicado matriz como na completiva dão-se unicamente nos níveis um (N1) e dois (N2) da estrutura sintática. Apenas uma completiva controlada por predicado de pretensão não compartilha argumentos com sua matriz. A amostra do predicado de pretensão é muito escassa para tirarmos conclusões sobre ele.

4.2.1.10 Predicado de conquista

Segundo Noonan (2007, p. 139), esses predicados podem ser divididos em classes de conquista, se positiva ou negativa. Os predicados de conquista positivos referem-se à maneira ou realização da conquista, enquanto os predicados de conquista negativos dizem respeito à forma ou ao motivo da falta de tal conquista na predicação do complemento. Esse autor ressalta que, nesse tipo de vinculação, o complemento tem a referência de tempo determinada, já que a conquista (ou a não conquista, nos casos negativos) do evento terá a mesma referência temporal que o evento (ou sua não ocorrência).

Os exemplos 190, 191 e 192 ilustram as únicas ocorrências de completivas de conquista negativa e positiva, respectivamente, do *corpus*. Os verbos realizados nesses exemplos são: *skese* ‘esquecer-se’ e *raporta* ‘lembrar-se’.

(190)

L1	Nha	bédja	skese	si	bindi	é
L2	POSS.1SG	velha	esquecer.PFV	se	cuscuzeira	COP
L3	[MATRIZ]	[COMPL]
L1	frádu.					
L2	furado					
L3	COMPL					

A feiticeira esqueceu-se que a cuscuzeira é furada.

(kea_ev_narr_12_222)

(191)

L1	E	pánha	águ,	e	raporta	ma
L2	S3SG	apanhar.PFV	água	S3SG	lembrar-se	que
L3	[JSP 1]	[JSP 2/MATRIZ]
L1	bindi	é	frádu.			
L2	cuscuzeira	COP	furado			
L3		COMPL]			

Ela pegou a água, lembrou-se que a cuscuzeira é furada.

(kea_ev_narr_12_226)

(192)

L1	Lobu	fla:	i...	bo,	pa-u	parti-nu
L2	Lobo	dizer.PFV	HST	T2SG	para-S2SG	partir.PFV-O2SG
L3	[MATRIZ]	[VOC]
L1	kusa	ton	suguru	si,	pa	nu
L2		coisa	tão	suguro	para	S1PL
L3		PSEUDOINS 1]	[
L1						[
L2	kesi	gardise-u?				MATRIZ_N2
L3	esquecer.PFV	agradecer.PFV-O2SG]
		PSEUDOINSB 2				
	MATRIZ_N2]		[COMPL_N2]	

O Lobo disse: i... partiste a coisa para nós tão bem [e] nós esquecemo-nos de agradecer-te?

(kea_ev_narr_01_100)

Em 190, a frase complexa é formada pela matriz de conquista negativa *nha bédja skese* ‘a feiticeira esqueceu-se’ integrando a completiva *si bindi é frádu* ‘se a cuscuzeira é furada’. O predicado matriz apresenta aspecto perfectivo, pois trata-se de uma ação pontual e concluída. O predicado da completiva é codificado pela cópula. As partículas de aspecto não atuam no radical *é*, que indica uma ancoragem temporal presente ou se apoia no tempo expresso na cláusula matriz. O complementizador que atua nessa vinculação é *si*¹⁸⁹ ‘se’, mas também seria possível a realização do complementizador *ma* ‘que’ nesse contexto. O complementizador *si* parece ser a realização mais comum com o verbo *skesi* e, portanto, mais prototípica. Contudo, os dados não são suficientes para atestar essa hipótese.

O exemplo 191 é composto por duas cláusulas coordenadas justapostas, em que a segunda é formada pela matriz de conquista positiva *e raporta* ‘ela lembrou-se’ integrando a

¹⁸⁹ De acordo com Quint (2010, p. 229), o complementizador *si* ‘se’ é prototipicamente usado nas completivas controladas por verbos declarativos com polaridade negativa ou por verbos que traduzem dúvida.

completiva *ma bindi é frádu* ‘que a cuscuzeira é furada’. Como em 190, o predicado matriz é codificado por verbo perfectivo, demonstrando que a ação é pontual e concluída e o predicado dependente é codificado pela cópula com radical *é*, com ancoragem temporal presente. A vinculação é intermediada pelo complementizador *ma* ‘que’.

O exemplo 192 é formado por uma matriz de elocução encaixando duas pseudoinsubordinadas em discurso direto. A segunda pseudoinsubordinada é composta pela matriz de conquista de nível dois (N2), *nu kesi* ‘nós esquecemo-nos’ e sua completiva, igualmente de nível dois (N2), *gardise-u* ‘agradecer-te’. Diferente de 190 e 191, nesse exemplo, a vinculação dá-se sem o emprego do complementizador. Isso ocorre porque, em 192, há compartilhamento de sujeito, o que não acontece nos outros exemplos de completivas de conquista.

4.2.2 Completivas controladas por nomes e/ou adjetivos

Como Noonan (2007) menciona, há, também, cláusulas completivas que são controladas semanticamente não propriamente pelo verbo do predicado matriz, mas por um nome que constitui o predicado matriz. Os predicados que controlam essas completivas seguem a mesma categorização semântica proposta por Cristofaro (2003) e Noonan (2007) para as que são controladas por verbo. Nesta análise, também se observam as características do verbo que compõem esse predicado, mesmo que não seja especificamente ele que esteja controlando o complemento.

4.2.2.1 Predicado de comentário

Noonan (2007, p. 127-128) escolheu o termo “comentário” em vez de factivo para categorizar esse tipo de predicado devido a “comentário” ser um termo mais geral e, portanto, mais adequado para nomear a variedade de usos desse predicado. Esse predicado envolve um sujeito experienciador, já que o predicado fornece informações sobre atitudes mentais. A diferença entre esse predicado e o de atitude proposicional é que, neste, tem-se um comentário sobre a cláusula dependente. Esse comentário pode se dar na forma de uma avaliação emocional ou um julgamento, como é o caso de 193 (NOONAN, 2007, p.127-128).

(193)

L1	Nha	Kruxinha	oia,	fla	si:	pastor
L2	senhora	Cruxinha	olhar.PFV	dizer.PFV	assim	pastor
L3	[JSP 1]	[JSP 2/ MATRIZ]		[VOC
L1	di	báka	uiê,	pastor	di	báka
L2	de	vaca		pastor	de	vaca
L3		VOC]	[VOC	
L1	uiê,	k-oia-m	nha	Gársa	ku	nha
L2		NEG-ver.PFV-O1SG	senhora	Gársa	com	POSS.1SG
L3	VOC]	[COMPL 1		
L1	mininu	bunitinha	ta	bá	la?	Nha
L2	menino	bonita.DIM.F	IPFV	ir	lá	POSS.1SG
L3		COMPL1] [COMPL 2 [MATRIZ N2
L1	minina	é	sábi	di	oiâ.	
L2	menina	é	gostoso	de	ver.PFV	
L3			COMPL2]
		MATRIZ N2]	[COMPL N2]

Dona Cruxinha olhou [e] disse: pastor de vaca uiê, pastor de vaca uiê, não viste a Dona Garsa com a minha menina bonitinha indo lá? Minha menina é gostosa de se ver.

(kea_ev_narr_07_054_062)

O exemplo 193 ilustra o predicado com nome controlando complemento que mais ocorre nos dados [3 ocorrências em nível dois (N2) e 1 ocorrência em nível três (N3) = 4 ocorrências]. Esse número de ocorrências dá-se na mesma narrativa. Trata-se de uma espécie de estribilho, em que a protagonista canta em busca de sua filha perdida, por isso a repetição da frase. Essa frase complexa é formada por duas coordenadas justapostas, sendo a segunda, também, matriz que controla duas completivas. A segunda completiva é composta pela matriz de nível dois (N2) *nha minina é sábi* ‘minha menina é gostosa’ integrando a completiva, igualmente de nível dois (N2) *di oiâ* ‘de ver’. Nesse exemplo, o predicado matriz tece um comentário envolvendo um sujeito experienciador em relação à cláusula dependente. O predicado matriz é codificado pela cópula com radical *é* ‘ser’ e pelo adjetivo *sábi* ‘gostoso’. A cópula com esse radical não permite marca aspectual, mas tem aqui uma ancoragem presente e um valor habitual. O predicado dependente, por sua vez, apresenta verbo com aspecto perfectivo. A vinculação é estabelecida pela mediação do complementizador *di* ‘de’. O entrelaçamento nessas completivas dá-se pelo compartilhamento do referente sujeito do predicado matriz e do complemento verbal da cláusula dependente.

4.2.2.2 Predicado de elocução

Esse predicado envolve uma transferência de informação que tem origem num sujeito agente. Aqui é o nome que descreve a forma como se dá essa transferência de informação, e a cláusula completiva é o conteúdo de tal informação (NOONAN, 2007, p. 121), como se vê em 194.

(194)

L1	E	bai	p-e	bá	da	rezan
L2	S3SG	ir.PFV	para-S3SG	ir.PFV	dar.PFV	recado
L3	[NUC]	[PROP]
			[MATRIZ_N2]	[
					COMPL_N2]
					MATRIZ_N3]
L1	ma	minina	m-ei	ki	teni.	
L2	que	menina	que-T3SG	que	ter.PFV	
L3			PROP]
			COMPL_N2]
	[COMPL_N3]

Ele foi para ele ir dar o recado que a menina é ele que [a] tem.

(kea_ev_narr_11_130_132)

194 é o único exemplo de predicado de elocução com nome controlando complemento no *corpus*¹⁹⁰. A frase complexa é formada por uma cláusula nuclear e sua adverbial de propósito, que, por sua vez, é constituída por uma matriz de nível dois (N2) e sua completiva, também de nível dois (N2), a qual é composta pela matriz de nível três (N3) *da rezan* ‘dar recado’ e sua completiva, com estrutura focalizada sem cópula realizada, igualmente de nível três (N3) *ma minina m-ei ki teni* ‘que a menina é ele que tem’. Nessa vinculação, o predicado matriz transfere a informação, originada no sujeito agente *e* ‘pronome sujeito de terceira pessoa do singular’ [sujeito da adverbial de propósito em nível um (N1)] e contida na cláusula dependente. O predicado matriz é codificado por verbo com aspecto perfectivo e pelo nome *rezan*, que controla semanticamente a cláusula completiva. A completiva é formada pelo complemento verbal em posição topicalizada, *minina* ‘menina’, seguido da construção de foco *ei ki teni* ‘[é] ele que [a] tem’. O predicado dependente é codificado por verbo forte e apresenta uma ancoragem temporal presente. A relação é mediada pelo complementizador *ma* ‘que’, o qual é retomado depois do complemento verbal que está em posição topicalizada. Há

¹⁹⁰ O exemplo 172 com o predicado *da konta* ‘dar conta’ também formado por um verbo e um nome foi considerado como um verbo complexo e não incluído nas completivas de nomes, já que a expressão verbal *da konta* tem um sentido único de [aperceber-se], enquanto em *da rezan* os significados individuais dos dois termos permanecem, a saber, [dar] e [recado].

entrelaçamento entre a cláusula matriz e sua completiva, já que elas compartilham o mesmo referente do sujeito.

4.2.2.3 Predicado desiderativo

Como foi visto, esse predicado envolve um sujeito experienciador que expressa um desejo para a realização do estado de coisas dependente. Há apenas um exemplo desse tipo de predicado com nome controlando complemento, é o que está em 195.

(195)

L1	Es	sai	la	di	pórta	ku
L2	S3SG	sair.PFV	lá	de	porta	com
L3	[MATRIZ		
L1	gána	di	máta	mudjei	p-e(s)	po
L2	vontade	de	matar.PFV	mulher	para-S3SG	pôr.PFV
L3	MATRIZ]	[COMPL		
L1	bida.					
L2	vida					
L3	COMPL]					

Eles saíram lá da porta com vontade de matar a mulher para eles porem vida [na mulher].

(kea_ev_narr_10_183)

Em 195, o sujeito experienciador *es* ‘pronome sujeito de terceira pessoa do plural’ expressa o desejo do conteúdo da cláusula dependente. A matriz *es sai la di pórta ku gána* ‘eles saíram lá da porta com vontade’ tem predicado codificado por verbo perfectivo, designando ação pontual. O nome que controla semanticamente a completiva é *gána* ‘vontade’, o qual faz parte de um sintagma preposicional com função de complemento circunstancial. A completiva *di máta mudjei p-e(s) po bida* ‘de matar a mulher para eles porem vida [nela]’ controlada semanticamente por esse nome apresenta predicado codificado por verbo não finito, evidenciado pela preposição que o antecede. Nessa vinculação, há entrelaçamento, já que o sujeito da matriz é o mesmo da completiva.

4.2.2.4 Predicado de medo

Esses predicados são caracterizados por envolverem um sujeito experienciador e expressam uma atitude de medo ou algum tipo de preocupação sobre a realização do estado de

coisas dependente (NOONAN, 2007, p. 130). O *corpus* apresenta apenas uma ocorrência desse tipo de predicado.

(196)

L1	Peláda	fla:	bo	é	mau,	N
L2	Pelada	disse.PFV	T2SG	COP	mau	S1SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
						[COMPL 2
						[MATRIZ_N2
L1	ten	medu	lebá-bu.			
L2	ter.PFV	medo	levar.PFV-O2SG			
L3		COMPL 2]			
	MATRIZ_N2]	[COMPL_N2]			

Pelada disse: você é mau, eu tenho medo de levá-lo.

(kea_ev_narr_08_027)

O exemplo 196 é composto por uma matriz de elocução integrando duas completivas em discurso direto, em que a segunda completiva é formada pela matriz de medo com nome controlando complemento de nível dois (N2), *N ten medu* ‘eu tenho medo’, e sua completiva, também de nível dois (N2), *lebá-bu* ‘levar você’. O predicado matriz é codificado por verbo forte perfectivo com valor temporal de presente e pelo nome *medu* ‘medo’, complemento direto do verbo, que controla semanticamente a cláusula completiva, a qual apresenta predicado codificado por verbo não finito. Nesse exemplo, também há entrelaçamento pelo compartilhamento do sujeito entre as duas cláusulas.

4.2.2.5 Predicado de hábito

Esse predicado não é mencionado nos estudos tipológicos de Cristofaro (2003) nem de Noonan (2007). Há apenas uma ocorrência de predicado de hábito no *corpus*. Esse predicado caracteriza-se por descrever um hábito cujo conteúdo é expresso na cláusula dependente.

(197)

L1	E	fla	mudjer	ma	el	tudu
L2	S3SG	dizer.PFV	mulher	que	T3SG	todo
L3	[MATRIZ]	[COMPL	TOP
]
L1	noti	ma	si	mai	ten	uzu
L2	noite	que	POSS.3SG	mãe	ter.PFV	uso
L3		TOP]	COMPL			
			[MATRIZ_N2]
L1	di	a...	t-á	pánha	águ	na
L2	de	HST	IPFV-ir	apanhar.PFV	água	em
L3			COMPL			
	[COMPL_N2]

L1	bindi	pa	ben	labe-l.
L2	cuscuzeira	para	vir.PFV	lavar.PFV-O3SG
L3			COMPL	
			COMPL_N2]

Ele disse à mulher que, todas as noites, a sua mãe tem o hábito de a... ir apanhar água na cuscuzeira para vir lavá-lo.

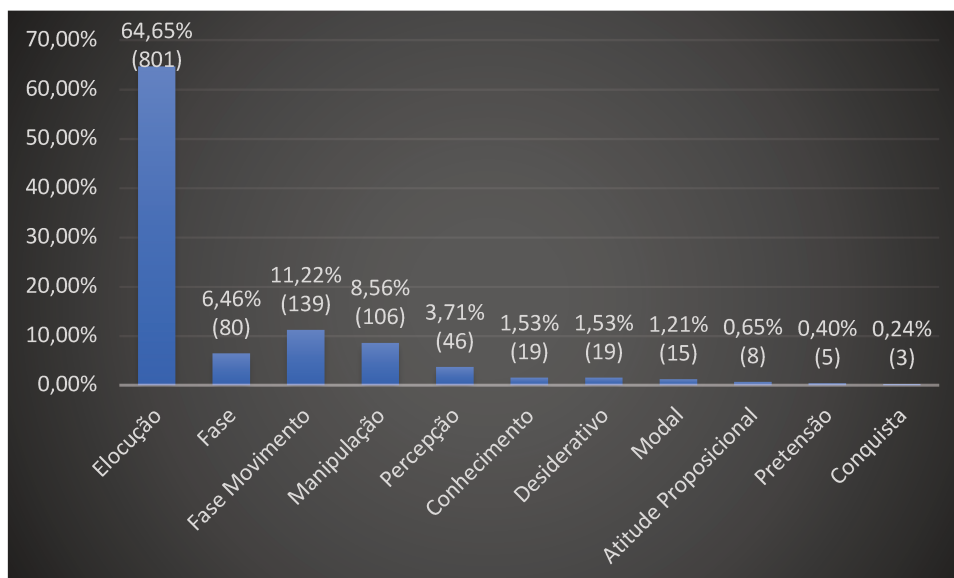
(kea_ev_narr_12_216_218)

O exemplo 197 é formado por uma cláusula matriz de elocução encaixando uma completiva em discurso indireto. Essa completiva, por sua vez, constitui-se na matriz de nível dois (N2), *si mai ten uzu* ‘sua mãe tem o hábito’, a qual encaixa a completiva *di a... t-á pánha águ na bindi pa ben labe-l* ‘de a... ir apanhar água na cuscuzeira para vir lavá-lo’, que é controlada pelo nome *uzu* ‘uso’, complemento do verbo *ten* ‘ter’. O predicado da cláusula matriz é codificado por verbo perfectivo com polaridade positiva, enquanto o da dependente é codificado por verbo imperfectivo com valor habitual, o que coaduna com a semântica do predicado matriz. Nessa vinculação há entrelaçamento, já que as cláusulas matriz e completiva compartilham o mesmo sujeito.

4.2.3 Síntese das completivas

O *corpus* apresenta 1249 cláusulas completivas (1241 controladas por verbos e 8 controladas por nome/adjetivo). Os parâmetros observados para a análise desses dados foram: i) semântica do predicado matriz; ii) presença ou não de complementizador intermediando a vinculação; iii) tipo de discurso para as completivas de elocução; iv) nível da estrutura sintática; v) características dos predicados matrizes e das completivas (aspecto e polaridade); e vi) entrelaçamento (compartilhamento de argumentos). Os tipos semânticos de predicado matriz categorizados no *corpus* são: elocução, fase, percepção, conhecimento, desiderativo, modal, atitude proposicional, pretensão, conquista, comentário, medo e hábito. A frequência de cada tipo de completiva controlada por esses predicados matrizes, no *corpus*, pode ser vista no Gráfico 14.

Gráfico 14 – Frequência das completivas controladas por verbos



Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 14 mostra que a frequência das completivas de elocução é bem maior que os demais tipos. Essa frequência dá-se devido ao gênero textual (contos) que compõe o *corpus*. Como os predicados de elocução são empregados para introduzir os atos de fala das personagens, é esperado que eles sejam bastante produtivos em gêneros em que predomine a sequência narrativa.

Há apenas 8 dados de predicados com nome/adjetivo controlando completiva. A frequência desse tipo de cláusula pode ser vista na Tabela 39.

Tabela 39 – Frequência dos predicados matrizes com nome/adjetivo controlando completiva

Tipo semântico	Nº de ocorrência
Comentário	4
Elocução	1
Desiderativo	1
Medo	1
Hábito	1
Total	8

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com a Tabela 39, o predicado matriz de comentário (4 dados) é o que mais ocorre. Contudo, como foi explicado, esse resultado acontece por conta de essa vinculação ter sido empregada como estribilho da cantiga de uma personagem que se repete no conto. Os

dados de completivas nominais e adjetivais são bastante escassos para tirarmos conclusões sobre esses tipos de cláusulas.

Dentre os verbos (38 verbos distintos, já que *fla* ocorre em elocução e manipulação, *fika* em elocução e fase e *fasi* em elocução e pretensão) que codificam os predicados matrizes, o verbo *fla* ‘dizer’ é o que mais ocorre nos dados, como mostra a Tabela 40.

Tabela 40 – Frequência de verbos que codificam predicados matrizes de completivas

Tipo semântico	Verbo matriz	Nº de ocorrência	%
Elocução (manipulação)	fla	431	52,56%
	purgunta	5	0,61%
	konta	1	0,12%
	rispondi	1	0,12%
	fasi	2	0,24%
	fika	1	0,12%
Manipulação	fla	37	4,51%
	manda	7	0,85%
	dexa	6	0,73%
	poi	5	0,61%
	pidi	1	0,12%
Fase	torna	42	5,12%
	ká	19	2,32%
	bira	8	0,98%
	kunsa	3	0,37%
	komesa	2	0,24%
	fika	2	0,24%
	fila	1	0,12%
	sta	1	0,12%
Fase movimento	bai	109	13,29%
	ben	29	3,54%
Percepção	odja	24	2,93%
	átxa	7	0,85%
	xinti	3	0,37%
	obi	4	0,49%
	ozerba	2	0,24%
Conhecimento	djobi	1	0,12%
	sabi	18	2,20%
	da konta	1	0,12%
Desiderativo	kre	18	2,20%
Modal	podí	9	1,10%

Tipo semântico	Verbo matriz	N^o de ocorrência	%
	debi	2	0,24%
	mesti	1	0,12%
	tem (ki)	1	0,12%
	djuda	2	0,24%
Atitude proposicional	átxa	4	0,49%
	parsi	1	0,12%
	pensa	1	0,12%
Pretensão	fasi	5	0,61%
Conquista	skesi	2	0,24%
	raporta	1	0,12%
	Total	820	100,00%

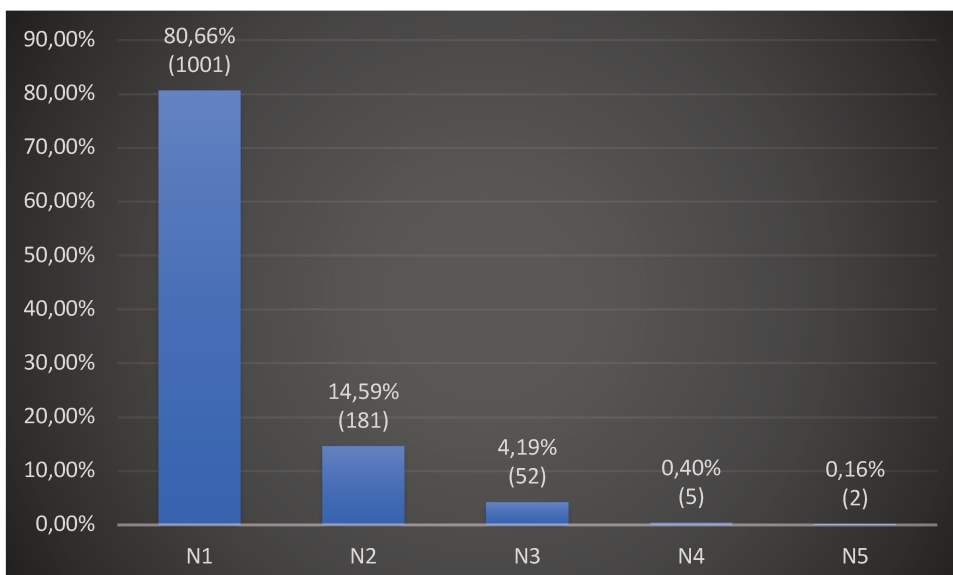
Fonte: Elaborada pela autora.

A frequência do emprego do verbo *fla* ‘dizer’ (57,07% = 52,56% + 4,51%) evidencia a prototipicidade desse verbo nas completivas. Como atestado em Vieira Semedo *et al.* (2017, p. 382), esse verbo é “o modelo estatisticamente dominante” das completivas. É interessante notar, também, o percentual dos verbos de fase movimento *bai* ‘ir’ e *ben* ‘vir’, os quais, juntos, apresentam 16,83% (13,29% + 3,54%). Possivelmente, essa frequência deve-se ao fato de, em alguns contextos, esses verbos atuarem como uma espécie de auxiliar, sendo parcialmente dessemantizados. Além desses, os verbos *torna* ‘tornar’ e *odja* ‘ver’ têm dominância nos predicados matrizes de fase e de percepção, respectivamente, o que nos indica a prototipia desses verbos para esses predicados.

Quanto à distribuição das completivas nos níveis sintáticos, os resultados mostram maior frequência no nível um (N1) da estrutura sintática, o que é de se esperar, já que 74,84%¹⁹¹ dos dados de todo o *corpus* ocorrem nesse nível.

¹⁹¹ De 4635 cláusulas do *corpus* tem-se: N1 = 74,84%, N2 = 21,17%, N3 = 3,45%, N4 = 0,47% e N5 = 0,06%. Esse valor não considera as focalizadas e as pseudoinsubordinadas, já que a focalização não é um fenômeno de articulação de cláusulas e as pseudoinsubordinadas são, também, completivas de elocução.

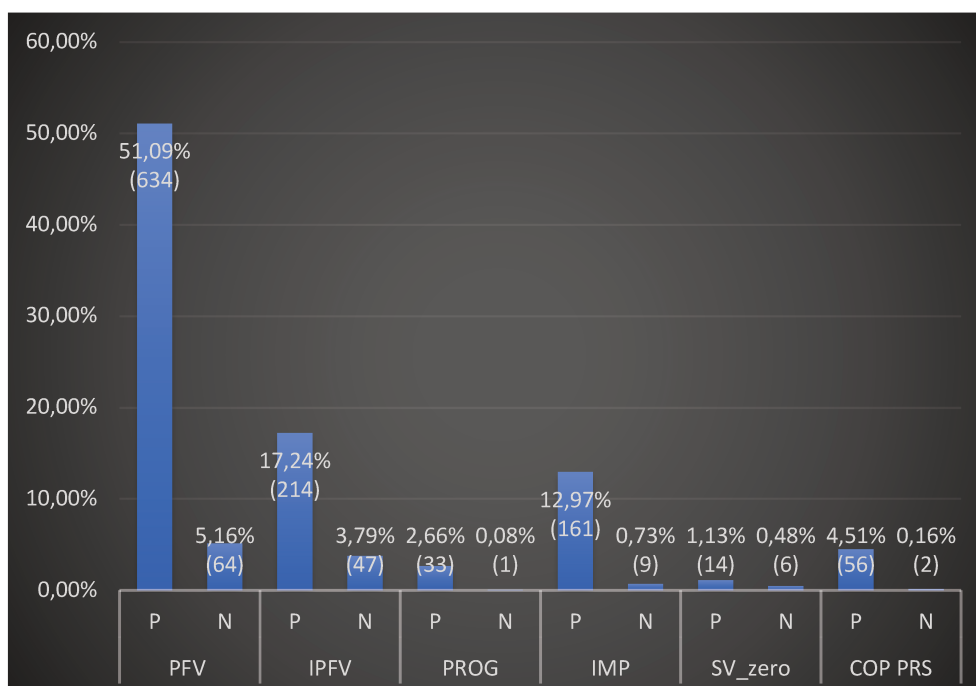
Gráfico 15 – Distribuição das completivas nos níveis sintáticos



Fonte: Elaborado pela autora.

A análise das características dos predicados matrizes e das completivas mostra alta frequência de uso do aspecto perfectivo e da polaridade positiva, como mostra o Gráfico 16.

Gráfico 16 – Características dos predicados das completivas



Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo com a maior frequência (51,09%) de uso das formas não marcadas (aspecto perfectivo e polaridade positiva) nos predicados de completivas, o Gráfico 16 mostra que a

soma do emprego das demais formas, isto é, marcadas, (48,91% = 5,16% + 17,24% + 3,79% + 2,66% + 0,08% + 12,97% + 0,73% + 1,13% + 0,48% + 4,51 + 0,16) aproxima-se da frequência do aspecto perfectivo com polaridade positiva. A alta frequência das completivas de elocução em discurso direto pode ser a causa dessa proximidade nesses resultados, já que esse tipo de completiva tem maior flexibilidade no emprego das marcas aspectuais, visto ser uma cláusula que linguisticamente se comporta como independente e, portanto, tem uma proporção mais alta de formas finitas (incluindo marcas segmentais de aspecto).

No parâmetro entrelaçamento, a Tabela 41 mostra uma tendência de as completivas compartilharem argumentos com suas matrizes.

Tabela 41 – Entrelaçamento das completivas

Tipo semântico	Sim	%	Não	%	Total
Elocução	454	56,68%	347	43,32%	801
Manipulação	71	66,98%	35	33,02%	106
Fase	80	100,00%	0	0,00%	80
Fase Mov	139	100,00%	0	0,00%	139
Percepção	7	15,22%	39	84,78%	46
Conhecimento¹⁹²	6	—	13	—	19
Desiderativo	16	—	3	—	18
Modal	15	—	0	—	15
Atitude Proposicional	7	—	1	—	8
Pretensão	4	—	1	—	5
Conquista	1	—	2	—	3
Completivas nominais	7	—	1	—	8
Total	807	64,61%	442	35,39%	1249

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 41 atesta uma tendência no compartilhamento de argumentos entre as completivas e suas cláusulas matrizes, mesmo tendo alguns tipos de completivas (percepção, conhecimento¹⁹³), como já observamos na análise, que apresentam maior tendência ao não entrelaçamento. Esses predicados relacionam-se a capacidades sensorio-cognitivas do mundo exterior, ou seja, um sujeito experienciador “percebe” ou “conhece”¹⁹⁴ um evento exterior a ele e, possivelmente, por essa razão, tendem a não compartilhar argumentos.

¹⁹² Os tipos semânticos que não têm percentuais é devido ao tamanho da amostra (< 30 dados).

¹⁹³ A completiva de conquista não foi mencionada aqui, pois o número de dados não nos permite tirar conclusões sobre ela.

¹⁹⁴ Ou até mesmo “esquece-se” ou “lembra-se”, caso confirme-se o não entrelaçamento nas completivas de conquista em uma pesquisa com mais dados desse tipo de cláusula.

4.3 Relativa

As cláusulas relativas, como as completivas, também são controladas por um elemento de uma cláusula matriz. No caso das relativas restritivas, o elemento que a controla é um participante de uma cláusula. Por isso, essa relação “envolve dois estados de coisas, em que um deles (o dependente) fornece algum tipo de especificação sobre um participante do outro (o principal)”¹⁹⁵ (CRISTOFARO, 2003, p. 195). Isto é, nessa vinculação, a cláusula relativa restritiva especifica um participante do estado de coisas matriz, identificando-o dentro de um conjunto de possíveis referentes ao mencionar um outro estado de coisas do qual ele participa (CRISTOFARO, 2003, p. 195). Por essa razão, Andrews (2007, p. 206) diz que a cláusula relativa delimita a referência de um sintagma nominal.

Cristofaro (2003, p. 196-197) chama a atenção para o fato de que, em algumas línguas, as vinculações relativas manifestam-se linguisticamente como as adverbiais ou completivas de percepção. A justificativa dessa autora é que, nessas vinculações, os estados de coisas dependentes fornecem algum tipo de especificação do estado de coisas principal cuja semântica não o exige. Contudo, nas adverbiais, essa especificação fornecida pelo estado de coisas dependente refere-se ao estado de coisas principal como um todo, enquanto, nas relativas, refere-se a um participante, o qual tem função semântica nos dois estados de coisas em vinculação. Isso pode ser percebido no exemplo 78, que retomamos aqui, em que a relativa de propósito *p-á txom-(es)* ‘para ir chamá-los’ dá, de certa forma, uma especificação para o estado de coisas matriz codificado por *po kueiu* ‘puseram o coelho’.

(78)

L1	Muieri	fasi	ses	armusu,	po	kueiu
L2	Mulher.PL	fazer.PFV	POSS.3PL	almoço	pôr.PFV	coelho
L3	[JSP 1]	[JSP 2/ NUC]
L1	p-á	txom-(es).				
L2	para-ir.PFV	chamar.PFV-O3PL				
L3	[COMPL]			

As mulheres fizeram seus almoços, puseram o coelho para ir chamá-los.

(kea_ev_narr_10_107_109)

A semelhança com as completivas de percepção, que pode ser vista no exemplo 165, retomado aqui, dá-se pelo fato de que, também nessa vinculação, o ato da percepção, expresso na cláusula dependente, envolve um estado de coisas como um todo. Dessa forma, o

¹⁹⁵ Original: “Relative relations involve two SoAs, one of which (the dependent one) provides some kind of specification about a participant of the other (the main one)” (CRISTOFARO, 2003, p. 195).

estado de coisas dependente, nas relações completivas, pode ser interpretado como uma propriedade atribuída à entidade que o produz e, por essa razão, algumas línguas o expressam com uma morfologia adjetival (CRISTOFARO, 2003, p. 197). No exemplo 165, retomado aqui, a completiva de percepção *ma dja móri un fidju di Nhor Des* ‘que já morreu um filho de Deus’ complementa semanticamente o predicado matriz especificando qual a percepção do sujeito experienciador.

(165)

L1	Anton	es	obi	ma	dja	móri
L2	então	S3PL	ouvir.PFV	que	ACT	morrer.PFV
L3	[MATRIZ]	[COMPL]
L1	un	fidju	di	Nhor Des.		
L2	um	filho	de	Senhor Deus		
L3		COMPL]			

Então eles ouviram que um filho de Deus já morreu.

(kea_ev_narr_06_04_06)

Dividimos este capítulo nos dois tipos de estruturas relativas que constam no *corpus*: a primeira parte trata das relativas restritivas que modificam um participante da cláusula matriz, especificando-o e/ou restringindo-o; a segunda refere-se às estruturas de focalização em que um participante da cláusula com a relativa é colocado em evidência. Não trataremos das relativas explicativas neste trabalho, pois não há ocorrência no *corpus* desse tipo de cláusula.

4.3.1 Relativa restritiva

Em cabo-verdiano, a cláusula relativa pode modificar sintagmas nominais que funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito ou como complemento da cláusula matriz, sintagmas que funcionam como complemento circunstancial (função adverbial) e sintagmas que funcionam como modificadores (genitivo) de nomes ou até mesmo sintagmas com a função discursiva de tópico. Para análise desse tipo de relação, dividimos as relativas concernentes à função sintática do participante que ela modifica, a saber: relativas A (sujeito de verbo intransitivo), relativas S (sujeito de verbo transitivo), relativas O (complemento verbal ou objeto), relativas PS (predicativo do sujeito), relativas G (modificadores de nomes – genitivos), relativas CC (complemento circunstancial) e relativas TOP (tópico). Há, ainda, uma categoria que chamamos de relativas APR (relativas exclamativas apredicativas) que modificam um sintagma nominal que é, na verdade, uma cláusula exclamativa apredicativa já que funciona como um predicado, visto que não apresenta sintagma verbal.

4.3.1.1 Relativa A (sujeito de verbo intransitivo)

4.3.1.1.1 Análise qualitativa

Esse tipo de cláusula modifica/especifica um sintagma nominal que funciona como sujeito de um verbo intransitivo de uma outra cláusula.

(198)

L1	Sapatinha	rubera	riba,	sapatinha
L2	tipo de feijão	ribeira	acima	tipo de feijão
L3	[JSP 1]	[JSP 2
L1	rubera	báxu,	ken	ki
L2	ribeira	abaixo	quem	REL.A
L3	JSP2]	[JSP 3/matriz ¹⁹⁶	[CRELA
L1	sabi	más	konta	midjor.
L2	saber.PFV	mais	contar.PFV	melhor
L3	CRELA]	JSP 3/matriz]

Sapatinha¹⁹⁷ [subindo] a ribeira, sapatinha [descendo] a ribeira, quem souber mais, conte melhor.

(kea_ev_narr_01_280)

O exemplo 198 é a forma clássica de como se concluem as histórias tradicionais em cabo-verdiano. A tradução para o português não faz muito sentido. Não se sabe de onde a cultura cabo-verdiana herdou essa forma para conclusão de narrativas tradicionais. A frase complexa é constituída por duas cláusulas com sintagma verbal zero em relação paratática por justaposição, *sapatinha rubera riba* ‘sapatinha [subindo] a ribeira’ e *sapatinha rubera báxu* ‘sapatinha [descendo] a ribeira’. A terceira paratática, também por justaposição, encaixa a cláusula relativa, em negrito, *ken ki sábi más konta midjór* ‘quem sabe mais, conta melhor’. A cláusula matriz tem predicado codificado por um verbo intransitivo *konta* ‘contar’, cujo sujeito é realizado por um pronome indefinido *ken*. A cláusula relativa especifica esse pronome indefinido, caracterizando-o através do predicado dependente. Esse predicado é codificado por um verbo forte *sabi* ‘saber’, em que não há marca aspectual segmental, o que indica o aspecto perfectivo com ancoragem temporal presente, já que o verbo *sabi* é forte.

A cláusula relativa modificando um sujeito de verbo intransitivo também pode ocorrer em uma cláusula dependente, como é o caso de 199.

¹⁹⁶ Usamos o termo “matriz” em letras minúsculas para distinguir da forma empregada para as matrizes de completivas: “MATRIZ”.

¹⁹⁷ Sapatinha é um tipo de feijão bastante comum em Cabo Verde.

(199)

L1	E	fla	nhu	rai	ma	sta
L2	S3SG	dizer.PFV	senhor	rei	que	estar.PFV
L3	[MATRIZ]	COMPL
L1	un...	ma	la	ká	pastor	ma
L2	um	que	lá	casa	pastor	que
L3	COMPL 1]	[COMPL 2		
L1	sta	un	minina	bunita	ki	sata
L2	estar.PFV	um	menino.F	bunito.F	REL.A	PROG
L3	[MATRIZ]	CREL.A/NUC_N2
L1	lumina	ki	kása	nhu	ta	pensa
L2	iluminar	que	casa	senhor	IPFV	pensar
L3	CREL.A/NUC_N2]	[COMPL 2		CONSQ_N2	
L1	teni	lus.				
L2	ter.PFV	luz				
L3	COMPL 2]				
	CONSQ_N2]				

Ele disse ao rei que há uma... que, lá na casa do pastor, há uma menina bonita que está iluminando [a casa], que o senhor pensa que a casa tem luz.

(kea_ev_narr_02_154_156)

Em 199, há a matriz de elocução, *e fla nhu rai* ‘ele disse ao rei’, encaixando duas completivas. A segunda completiva é formada por um complemento circunstancial *la ká pastor* ‘lá na casa do pastor’, com complementizador *ma* ‘que’ anteposto, seguido do predicado *sta un menina bunita* ‘está uma menina bonita’, introduzido pela retomada do complementizador *ma* ‘que’. O sintagma nominal *un menina bunita* ‘uma menina bonita’, sujeito do predicado matriz, encaixa a cláusula relativa *ki sata lumina ki kása nhu ta pensa teni lus* ‘que está iluminando que o senhor pensa ter luz na casa’. Por sua vez, a relativa é formada por uma cláusula nuclear *ki sata lumina* ‘que está iluminando’ e uma adverbial de consequência *ki kása nhu ta pensa teni lus* ‘que o senhor pensa ter luz na casa’, ambas de nível dois (N2)¹⁹⁸. Nessa relativa, a especificação do sintagma *un menina bunita* é marcada pelo aspecto verbal progressivo, ou seja, a característica de iluminar a casa é contínua e ocorre durante o tempo da realização do predicado matriz, a saber, enquanto a menina está na casa. Além disso, essa propriedade de iluminar desencadeia um outro estado de coisas, o da cláusula dependente da relativa, a saber, o de fazer parecer que a casa tem luz. O pronome relativo *ki* ‘que’ funciona como sujeito da

¹⁹⁸ Nas relativas, a marcação do nível sintático é recomeçada a partir da cláusula relativa, ou seja, marcamos como nível dois (N2) as cláusulas que dependem diretamente de uma relativa e assim sucessivamente. Procedemos assim tanto pelo caráter da cláusula relativa, que não é requerida diretamente pelo sintagma verbal que é núcleo do predicado matriz, mas de algum participante da cláusula matriz, quanto pela codificação desse tipo de cláusula no software ELAN, em que a relativa foi colocada em *links* à parte, para que fosse possível dar conta da categorização de sua vinculação (em que tipo de cláusula se encaixa, função sintática do elemento especificado etc.).

cláusula relativa, retomando o sintagma nominal modificado *un minina bunita* ‘uma menina bonita’.

No exemplo 200, há uma ocorrência semelhante em que a relativa também modifica um sintagma nominal com função de sujeito. A relação entre a matriz e sua relativa é mediada pelo pronome relativo *ki* ‘que’, o qual exerce a função de sujeito da cláusula dependente.

(200)

L1	Purmeru	ki	tra	txoru	é	Lobu
L2	primeiro	REL.S	tirar.PFV	choro	ser.PFV	Lobo
L3	[MATRIZ	[CRELA]	MATRIZ]

O primeiro que tirou o choro foi o Lobo.

(kea_ev_narr_06_092)

200 mostra a relativa *ki tra txoru* ‘que tirou o choro’ modificando o sintagma nominal *purmeru* ‘primeiro’. Esse sintagma e a cláusula relativa constituem o sujeito do predicado *é Lobu* ‘foi o Lobo’. Esse exemplo faz parte de uma narrativa em que o Lobo e o Xibinho foram visitar Deus¹⁹⁹, que tinha perdido um parente. Como é comum, na cultura cabo-verdiana, “tirar choro”²⁰⁰ nas visitas fúnebres²⁰¹, o Lobo o faz antes de Xibinho, como afirma a locutora. Nesse exemplo, a locutora quis chamar atenção para a ordem de apresentação do choro e por isso emprega o numeral ordinal como sujeito da frase complexa, em vez de simplesmente narrar o fato como: *Lobu tra txoru purmeru* ‘O Lobo tirou o choro primeiro’. Ao dar relevância à ordem, a locutora recorre à forma relativa para especificar em quê aquela ordem se emprega. O predicado matriz é codificado pela cópula na forma presente. Contudo, o predicado dependente é codificado por um verbo com aspecto perfectivo *tra* ‘tirou’. Aqui vê-se que o aspecto do estado de coisas dependente que é [+ dinâmico] afeta a interpretação do estado de coisas matriz que é estativo [- dinâmico] ou situacional. Assim, a cópula tem ancoragem temporal no predicado matriz, que é codificado por verbo perfectivo, ou seja, realizado no momento da enunciação. Como em 198, a vinculação aqui também é mediada pelo pronome relativo *ki* ‘que’, que exerce a função de sujeito da cláusula relativa.

O exemplo 201 mostra uma relativa não justaposta ao sintagma nominal que modifica. Isso se dá pelo fato de o sintagma nominal modificado ser sujeito de uma cláusula em que o predicado é um atributo desse sujeito.

¹⁹⁹ O termo *bizita* ‘visitar’ em cabo-verdiano é usado quase que exclusivamente para visitas por condolências pela perda de um ente querido.

²⁰⁰ Os choros fúnebres são uma espécie de música chorada, em que os locutores cantam (de forma improvisada) sobre a pessoa que morreu e sua relação com ela.

²⁰¹ Essa prática da cultura demonstra que o morto era uma pessoa querida. As pessoas cultivam essa prática por consideração à pessoa falecida e esperando que, em seus velórios, também haja quem chore por elas.

(201)

L1	E	fla:	báka	é	di	meu
L2	S3SG	dizer.PFV	vaca	ser.PRS	de	POSS.1SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
					MATRIZ	
L1	ki	sta	la	na	riâ,	e
L2	REL.A	estar.PFV	lá	em	areia	S3SG
L3	[COMPL 1]
			CREL.A			[COMPL 2
]
L1	ten	un	máma	ské(r)da	rinkádu.	
L2	ter.PFV	um	mama	esquerdo	arrancado	
L3			COMPL 2]

Ele disse: a vaca que está lá na areia é minha, ela tem uma mama esquerda arrancada.

(kea_ev_narr_08_147)

Em 201, há uma matriz de elocução em discurso direto *e fla* ‘ele disse’, encaixando duas completivas. A primeira completiva é constituída por um sintagma nominal com função de sujeito *báka* ‘a vaca’ e de um predicado codificado pela cópula e um sintagma preposicional *é di meu* ‘é minha’, seguido da cláusula relativa *ki sta la na riâ* ‘que está lá na areia’, que é introduzida pelo pronome relativo *ki* ‘que’, funcionando como sujeito da relativa. No trecho em que ocorre esse exemplo, Xibinho informou ao Lobo que estava indo esfolar uma vaca que ele havia encontrado morta na areia. Lobo reivindica a posse de tal vaca, ao que Xibinho se contrapõe, afirmando que a vaca lhe pertencia. Sendo um contraponto a uma reivindicação, a locutora constrói a completiva de uma forma não usual, deixando que a predicação do sujeito, que indica posse, seja anteposta à sua especificação codificada pela cláusula relativa. Andrews (2007, p. 208-209) categoriza esse tipo de construção relativa como relativa anexada (*adjoined*), e as que ocorrem dentro do sintagma nominal, como encaixadas (*embedded*). Aqui, mais uma vez, temos a cópula codificando o predicado matriz sem marca segmental de aspecto, já o predicado dependente é codificado por um verbo também estativo forte *sta* ‘estar’, o qual não recebe marca segmental de aspecto nem de tempo. Portanto, podemos interpretar ambos como ancorados no presente, que é a ancoragem temporal da cópula com o radical *é*.

A relativa A também pode ocorrer sem o pronome relativo, como se pode atestar em 202.

(202)

L1	E	fla:	mos,	áta	ben	un
L2	S3SG	dizer.PFV	moço	PROG	vir	um
L3	[MATRIZ]	[COMPL]
			[VOC]			

L1	txuba	ku	bentu	ku	tenpural	ki
L2	chuva	com	vento	com	temporal	REL.S
L3			COMPL			
						[CREL.A 1
L1	ta	pánha	tudu	argen	más	bédju
L2	IPFV	apanhar	todo	pessoa	mais	velho
L3			COMPL			
			CREL.A 1]
L1	ta	pánha	ta	leba	pa	már.
L2	IPFV	apanhar	IPFV	levar	para	mar
L3			COMPL			
	[CREL.A 2]			[CREL.A 3]

Ele [Xibinho] disse: moço, está vindo uma chuva com vento com temporal que pega todas as pessoas mais velhas, pega [e] leva para o mar.

(kea_ev_narr_04_035_039)

O exemplo 202 é formado por uma cláusula matriz de elocução encaixando uma completiva em discurso direto que tem seu sujeito *un txuba ku bentu ku tenpural* ‘uma chuva com vento com temporal’ modificado por três relativas. A primeira, *ki ta pánha tudu argen más bédju* ‘que pega todas as pessoas mais velhas’, mostra o poder dos termos referidos. A segunda *ta pánha* ‘apanha’, é uma reformulação da primeira. A terceira *ta leba pa már* ‘leva para o mar’, também mostra a potencialidade dos termos referidos. Nessas relativas, que estão em relação de coordenação por justaposição, apenas a primeira relativa é introduzida por pronome relativo com função de sujeito, as demais são relativas zero (\emptyset). Isso dá-se, possivelmente, por se tratar de especificidades dentro de um mesmo campo semântico, ou seja, o poder que os termos referidos têm. A cláusula matriz apresenta predicado codificado por verbo progressivo, evidenciando que o evento se realiza no momento da enunciação, e as relativas têm predicados codificados por verbos imperfectivos com sentido prospectivo, nesse contexto, mostrando que os eventos são durativos e se prolongam para além do momento da enunciação.

O pronome relativo que introduz uma cláusula relativa A pode desempenhar funções distintas nos contextos em que é empregado, como se pode ver em 203 e 204.

(203)

L1	[...]	E	fla	si:	Xibinhu
L2		S3SG	dizer.PFV	assim	Xibinhu
L3			MATRIZ		[VOC]
L1	a-bo,	tudu	kel	kórda	la
L2	Top2SG	tudo	aquele	corda	lá
L3	[TOP]		COMPL		[CREL.A
			matriz]
L1	áta	á	ku-al	é	pa
L2	PROG	ir	com-T3SG	ser.PRS	para
L3			COMPL		quê
		CREL.A		matriz]

Ele [Lobo] disse assim: Xibinho, toda essa corda aí que você está levando é para quê?
(kea_ev_narr_04_033)

(204)

L1	Ii...	pása	un	makáku	go	só
L2	HST	passar.PFV	um	macaco	agora	só
L3		[matriz] [CRELA [matriz N2
L1	na	kumi	batáta	pa	riba	di
L2	PROG	comer	batata	para	cima	de
L3			CRELA matriz N2			
L1	undi	ki	Lobu	sta	marádu.	
L2	onde	REL.CC	Lobo	estar.PFV	amarrado	
L3				CRELA]
	matriz N2]	[CREL.CC N2]

I... passou um macaco comendo batata por cima de onde o Lobo estava amarrado.

(kea_ev_narr_04_077)

Em 203, a relativa A, *k-u áta á ku-al* ‘que você está indo com ela’, é introduzida pelo pronome relativo *ki* que retoma, na cláusula relativa, o elemento modificado da cláusula matriz expresso pelo sintagma nominal, *kel kórda la* ‘aquela corda lá’. Neste exemplo, o pronome relativo exerce a função de objeto indireto do verbo, já que o verbo *á* ‘ir’ com o sentido de |levar algo| requer preposição introduzindo o objeto. Como o objeto indireto é expresso na cláusula relativa pelo sintagma preposicional *ku-al* ‘com ele’, denominamos a função do relativo aqui como oblíquo. É interessante notar que esses são os únicos casos em que o pronome relativo desempenha a função de um elemento obrigatoriamente expresso na cláusula relativa sob a forma de um pronome resumptivo. O predicado da cláusula matriz é codificado pela cópula na forma do presente e a cláusula relativa tem predicado codificado por verbo com aspecto progressivo, mostrando que sua realização coincide com o momento da enunciação.

No exemplo 204²⁰², a relativa A, *so na kumi batáta pa riba di undi* ‘só comendo batata em cima de onde’, tem predicado codificado por verbo com aspecto progressivo²⁰³ expresso pela marca pré-verbal *na*²⁰⁴ e o predicado da cláusula matriz é codificado por verbo

²⁰² No exemplo 204, há duas relativas ‘*so na kumi batáta pa riba di undi*’ e ‘*ki Lobu sta marádu*’, uma encaixando a outra; aqui interessa-nos apenas a relativa A, ou seja, a primeira relativa.

²⁰³ É interessante notar que a partícula aspectual *na* é, também, marca de aspecto progressivo nos crioulos semelhantemente de base lexical portuguesa, de Guiné-Bissau e de Casamansa, como mostram os exemplos: 1. *N na skirbi* (Crioulo de Guiné-Bissau) – ‘Estou a escrever’. [Exemplo retirado de Intumbo (2007, p. 65)]. 2. *I na kumé karna di purku* (Crioulo de Casamansa) – ‘Ele está comendo carne de porco’ [Exemplo retirado de Biagui (2017, p. 170)].

²⁰⁴ O advérbio *so* ‘só’ intensifica o aspecto progressivo, mas não constitui a marca aspectual.

perfectivo. Essa vinculação é estabelecida sem a mediação de um pronome relativo, o que é raro em se tratando da primeira ou única relativa integrada à cláusula matriz.

Há no *corpus* uma relativa A que se realiza, também, sem o emprego de um pronome relativo, mas introduzida pela preposição *pa* ‘para’, como se pode ver em 205.

(205)

L1	Akalia	ki	kaminhu	p-es	andába	é
L2	calhar.PFV	que	caminho	para-S3SG	andar.PFV.PST	ser.PRS
L3	[MATRIZ]	[[matriz]	[COMPL CRELA]

L1	muitu	lonji
L2	muito	longe
L3	COMPL]

Calhou que o caminho para eles andarem era muito longe.

(kea_ev_narr_03_032)

O exemplo 205 é formado por uma cláusula matriz de elocução encaixando uma completiva, a qual é constituída por um sintagma nominal com função de sujeito *kaminhu* ‘caminho’ sendo modificado pela cláusula relativa *p-es andába* ‘para eles andarem’. Essa cláusula relativa é realizada sem um pronome relativo e é introduzida pelo conector *pa* ‘para’, o que poderia levar alguém a interpretá-la como uma cláusula adverbial de propósito. Contudo, como se trata de uma cláusula com função adjetiva, ou seja, que modifica um sintagma nominal, então temos que categorizá-la como relativa A²⁰⁵. O predicado da relativa é codificado por verbo perfectivo com marca de passado *andába* ‘andar.PST’. Essa característica do predicado dependente afeta o predicado matriz que é codificado pela cópula com radical presente *é*, a qual se traduz em português por um passado, devido ao contexto geral, que se situa claramente no passado, como demonstra o uso da forma verbal de passado *andába* na cláusula relativa.

4.3.1.1.2 Análise quantitativa

No *corpus*, constam 17 cláusulas relativas modificando sujeito de verbo intransitivo, como se pode ver na Tabela 42.

²⁰⁵ Ver seção 4.1.3.1 sobre análise qualitativa das adverbiais de propósito (exemplo 72).

Tabela 42 – Correlação entre as relativas A e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz

Pronome relativo e função sintática que desempenha	Nº de relativas modificando A
ki [S]	2
\emptyset [S]	1
ki [A]	10
ki [CC]	1
ki [Ob]	2
\emptyset [EXC]	1
	17

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 42 mostra que a maioria (10 dados) das relativas que modificam sintagmas nominais com função sintática de sujeito de verbo intransitivo da cláusula matriz ocorrem com o pronome relativo *ki* ‘que’, também exercendo a função de sujeito de verbo intransitivo da cláusula relativa.

Sobre a natureza das cláusulas que encaixam relativas A, a Tabela 43 mostra que a maioria dessas relativas são encaixadas em cláusulas paratáticas justapostas.

Tabela 43 – Cláusulas que encaixam relativas A

Natureza da cláusula matriz	Aspecto e polaridade do predicado matriz		Total
	PFV		
	P	N	
PO_zero	10	1	11
EL_zero	2	-	2
EL_ma	3	-	3
EL_ki	1	-	1
Total	16	1	17

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 43 mostra que a maioria (11 dados) das relativas A são encaixadas em cláusulas paratáticas justapostas (PO_zero). Além disso, quase todos os predicados matrizes (16 dos 17 dados atestados) que encaixam relativas são codificados por verbos perfectivos com polaridade positiva.

4.3.1.2 Relativa S (sujeito de verbo transitivo)

4.3.1.2.1 Análise qualitativa

As relativas S funcionam como um adjetivo modificando sintagmas nominais que sejam sujeitos de verbos transitivos, como se pode ver em 206.

(206)

L1	E	fla-i:	kei	kadábra	ki	bu
L2	S3SG	dizer.PFV-O3SG	aquele	cadáver	REL.O	S2SG
L3	[MATRIZ	[COMPL	
				matriz		CRELS
L1	átxa	ta	sotáda	ki	bu	pága
L2	achar.PFV	IPFV	bater.PASS.PST	REL.O	S2SG	pagar.PFV
L3			COMPL			
		CRELS1			CRELS2	
L1	ki	nterádu	ki	tra-u	di	li.
L2	REL.A	enterrar.PFV.PASS	REL.FOC.S			
L3			COMPL			
		CRELS3			matriz	

Ele disse-lhe: aquele cadáver, que você encontrou sendo açoitado, que você pagou [por ele], que foi enterrado, é que o tirou daqui.

(kea_ev_narr_01_265)

O exemplo 206 é formado por uma matriz de elocução encaixando uma completiva em discurso direto. Essa completiva é constituída por uma cláusula com sujeito focalizado *kei kadábra [...]* *ki tra-u di li* ‘foi aquele cadáver que o tirou daqui’ encaixando três relativas. A primeira relativa *ki bu átxa ta sotádu* ‘que você encontrou sendo açoitado’ é introduzida pelo relativo *ki* ‘que’ com função de objeto e apresenta predicado codificado por verbo com aspecto perfectivo. A segunda relativa *ki bu pága* ‘que você pagou [por ele]’ é, também, introduzida pelo relativo *ki* ‘que’ com função de objeto e apresenta, igualmente, predicado codificado por verbo perfectivo. Na terceira relativa *ki nterádu* ‘que foi enterrado’, o pronome relativo tem função de sujeito e o predicado é codificado por verbo perfectivo na voz passiva, em que o narrador não explicita quem foi o agente da ação de enterrar o cadáver. Todos os predicados (matriz e dependentes) demonstram que as ações já foram concluídas no momento da enunciação. Essa construção da completiva de elocução em discurso direto com o sujeito *kei kadábra* ‘aquele cadáver’ focalizado e sendo modificado por três relativas que mantêm uma relação paratática de nível dois (N2) entre elas evidencia a relevância que a locutora quis dar ao sujeito da cláusula matriz. Além disso, ao observarmos a relação semântica estabelecida entre essas cláusulas, percebemos que as especificações de *kei kadábra* apresentadas nas cláusulas relativas são a causa que motivou a realização do predicado matriz, ou seja, o cadáver tirou o Pedro de dentro da fonte de água onde ele estava preso, porque o Pedro, quando o encontrou sendo açoitado, pagou por seu enterro. Modificando o sujeito de um predicado transitivo, há também o exemplo 207.

(207)

L1	Tudu	a(r)gen	ki	stába	la	bira
L2	tudo	alguém	REL.A	estar.PFV.PST	lá	virar.PFV
L3	[matriz	[CREL.S]	matriz]
L1	ta	pega	si.			
L2	IPFV	pegar	assim			
L3	[COMPL]			

Todos que estavam lá começaram a pegar assim [procurando o cavalo e a moça raptada].

(kea_ev_narr_11_272)

Em 207, o sintagma nominal *tudu a(r)gen* funciona como sujeito da cláusula matriz *tudu a(r)gen [...] bira ta pega si* ‘todos [...] começaram a pegar assim’. A expressão *tudu a(r)gen* ‘todos’, que tem um referente muito amplo, é especificada pela relativa que a modifica *ki stába la* ‘que estava lá’, a qual é introduzida pelo pronome relativo *ki* ‘que’, exercendo a função sintática de sujeito da cláusula relativa. Nesse exemplo, o predicado dependente é codificado por um verbo (*stába* ‘estava’) com marca aspectual zero (\emptyset) e com a desinência de tempo passado [-ba]. Essa marca de passado aliada ao aspecto perfectivo do predicado matriz codificado pelo verbo *bira* ‘virar’ expressa que os eventos ocorreram no passado e já tinham sido concluídos no momento da enunciação, diferentemente do que ocorre em 208.

(208)

L1	Ki	ken	ki	meresi	tudu	ta
L2	que	quem	REL.A	mercer.PFV	tudo	IPFV
L3	[matriz	[CREL.S]	matriz
L1	gánha.					
L2	ganhar					
L3	matriz]					

Que quem que merece tudo ganha.

(kea_ev_narr_11_280)

O exemplo 208 é formado por uma cláusula matriz *ki ken [...] tudu ta gánha* ‘que quem [...] tudo ganha’ que apresenta predicado codificado por um verbo transitivo *gánha* ‘ganhar’. O sujeito dessa cláusula *ken* ‘quem’, sendo um pronome indefinido, isto é, que não tem um referente específico, é particularizado pela cláusula relativa *ki meresi* ‘que merece’. Nesse exemplo, a relativa apresenta predicado codificado por um verbo perfectivo e a cláusula matriz tem predicado codificado por verbo imperfectivo com sentido habitual. Assim, podemos entender que o locutor passa a informação, de forma implícita, que o evento habitual |ganhar tudo| é resultado de algum ato realizado e concluído que caracteriza esse sujeito como

merecedor. A relação é intermediada pelo pronome relativo *ki* ‘que’, funcionando como sujeito da relativa. É interessante notar, também, a posição não canônica do complemento verbal da cláusula matriz *tudu* ‘tudo’ anteposto ao verbo, o que demonstra que a locutora quis dar ênfase ao objeto ao construir seu discurso, colocando-o em posição topicalizada.

4.3.1.2.2 Análise quantitativa

O *corpus* tem 10 cláusulas relativas modificando um sintagma que funciona como sujeito de verbo transitivo, como mostra a Tabela 44.

Tabela 44 – Correlação entre as relativas S e o pronome relativo que as introduz

Pronome relativo e função sintática que desempenha	Nº de relativas modificando S
ki [S]	2
ki [A]	5
ki [O]	3
	10

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 44 mostra que, como aconteceu nas relativas A, a maioria (5 dados) das relativas S, ou seja, das relativas que modificam um sintagma nominal desempenhando função sintática de sujeito de verbo transitivo também ocorre com o pronome relativo *ki* ‘que’ funcionando como sujeito de verbo intransitivo. Pode-se notar que, nas relativas S, não ocorrem cláusulas sem pronome relativo, como se viu nas relativas A, mas é difícil tirar conclusões de valor geral dado o número reduzido de dados disponíveis.

Sobre as cláusulas que encaixam relativas S, a Tabela 45 mostra que elas ocorrem encaixadas por cláusulas coordenadas justapostas e por completivas de elocução sem complementizador.

Tabela 45 – Cláusulas que encaixam relativas S

Natureza da cláusula matriz	Aspecto e polaridade do predicado matriz		Total
	PFV	IPFV	
	p²⁰⁶		
PO_zero	4	2	6
EL_zero	3	1	4
Total	7	3	10

Fonte: Elaborada pela autora.

4.3.1.3 Relativa O (complemento verbal)

4.3.1.3.1 Análise qualitativa

Chamamos de relativas O as cláusulas que modificam um sintagma nominal funcionando como complemento de um verbo transitivo, como se pode ver em 209 e 210.

(209)

L1	Nbes	e	ben	kása,	e	fla
L2	então	S3SG	vir.PFV	casa	S3SG	dizer.PFV
L3	[JSP 1]	[JSP 2/ matriz
L1	mudjer	ki	e...	k-e	ospra	na
L2	mulher	REL.O	S3SG	rel.O	hospedar.PFV	em
L3	JSP 2/ matriz]	[CRELO	
L1	si	kása	moki	mininu	fla-i.	
L2	POSS.3SG	casa	como	menino	dizer.PFV-O3SG	
L3	CRELO]	[COMPL]	

Então ele veio para casa [e] disse para a mulher que ele... que ele hospedou em sua casa como o menino lhe disse.

(kea_ev_narr_01_141)

(210)

L1	Nton	kel	omi	tinha	un	frida
L2	então	aquele	homem	ter.PFV.PST	um	ferida
L3	[matriz]
L1	ki	ka	ta	seka.		
L2	REL.A	NEG	IPFV	secar		
L3	[CRELO]		

Então aquele homem tinha uma ferida que nunca secava (lit. que não seca).

(kea_ev_narr_01_005_007)

Em 209, há duas cláusulas paratáticas justapostas, sendo que a segunda é constituída por uma cláusula matriz, uma relativa e uma completiva. A matriz *e fla mudjer* ‘ele disse à mulher’ encaixa uma relativa, *ki e... k-e óspra na si kása* ‘que e... que ele hospedou em

²⁰⁶ Não há ocorrência com polaridade negativa (N).

sua casa’, modificando o primeiro complemento verbal codificado pelo sintagma nominal *mudjer* ‘mulher’. A cláusula relativa é seguida da cláusula completiva *moki mininu fla-i* ‘como o menino lhe disse’. A locutora especifica o termo genérico *mudjer* ‘mulher’, com possibilidade ampla de referência, através da cláusula relativa, tornando evidente o referente do termo modificado, ou seja, a mulher que foi hospedada em sua casa. Nesse exemplo, todos os predicados apresentam verbos com aspecto perfectivo, evidenciando que os eventos já se tinham realizado no momento da enunciação. O pronome relativo *ki* ‘que’, que introduz a cláusula relativa, exerce, também, a função de complemento verbal da cláusula dependente.

O exemplo 210 é formado por uma matriz *kel ómi tinha un frida* ‘aquele homem tinha uma ferida’, em que o complemento verbal *un frida* ‘uma ferida’ é especificado pela cláusula relativa *ki ka ta seka* ‘que não seca’, ou seja, a ferida daquele homem tinha uma característica particular em relação ao conceito geral de ferida, ela não cicatrizava. Nesse caso, a cláusula matriz apresenta um predicado codificado por um verbo forte perfectivo no passado – a forma irregular *tinha* ‘tinha’ –, ou seja, com ancoragem no momento do passado em que a ação teve lugar. Na relativa, o verbo é imperfectivo, fato evidenciado pelo marcador *ta*. O pronome relativo que introduz a relativa exerce a função de sujeito dessa cláusula.

Em 211, a relativa também modifica um complemento verbal. Contudo, nesse exemplo, o verbo apresenta dois complementos, o primeiro beneficiário, e o segundo meta²⁰⁷.

(211)

L1	A-bo,	N	ka	da-u	kusa	k-u
L2	Top2SG	S1SG	NEG	dar.PFV-O2SG	coisa	REL.Ob
L3	[TOP]	[matriz]	[CRELO
L1	ta	kumi	n-ei	ti	bu	móri?!
L2	IPFV	comer	em-T3SG	até	S2SG	morre.PFV
L3		CRELO /NUC N2]	[TEMP N2]

Eu não te dei uma coisa de que te sustentas (lit. ‘que tu comes nela’) até morreres?!

(kea_ev_narr_05_226)

O exemplo 211 é formado por uma matriz, *Nka da-u kusa* ‘eu não te dei uma coisa’, que tem como primeiro complemento verbal, com função semântica de beneficiário, o pronome objeto [-u] ‘2ª pessoa do singular’ e como segundo complemento verbal com função semântica de meta o sintagma nominal *kusa* ‘coisa’. A cláusula relativa, *k-u ta kumi n-ei* ‘que tu comes nela’ especifica esse segundo complemento, que é um termo semanticamente impreciso, isto é,

²⁰⁷ Essa é a ordem canônica para complementos duplos em cabo-verdiano: 1. beneficiário, 2. meta. É possível ouvir nos centros urbanos frases com complementos duplos com a ordem invertida, dada a influência do contato com a língua portuguesa.

a “coisa” mencionada é algum tipo de objeto para se comer nele. É interessante notar que a cláusula relativa é introduzida por um pronome relativo retomado pelo complemento circunstancial da cláusula dependente realizado por um pronome resumptivo oblíquo tônico *ei* ‘oblíquo tônico de 3ª pessoa do singular’. Assim, o termo modificado da cláusula matriz é duplamente retomado na relativa, pelo pronome relativo e pelo complemento circunstancial. O predicado matriz é codificado por um verbo perfectivo com polaridade negativa. No entanto, a partícula de negação verbal *ka* foi empregada não para negar o evento matriz, mas para mostrar a admiração de Deus ao ver novamente o Lobo voltar ao céu porque tinha problemas. Por isso, o falante constrói essa parte da narrativa fazendo com que Deus profira essa cláusula interrogativa negativa retórica, usando a negação apenas para assinalar a admiração da personagem. A cláusula relativa apresenta predicado codificado por verbo com aspecto imperfectivo com sentido habitual, o que demonstra que a coisa que Deus deu definitivamente ao Lobo tem a propriedade de lhe fornecer comida de forma contínua, inclusive ainda no momento da enunciação. Essa característica de efeito contínuo do elemento modificado é confirmada pela cláusula adverbial temporal sobreposta²⁰⁸ de nível dois (N2), que depende da relativa, a qual expressa que esse efeito durará até o Lobo morrer.

Os dados mostram também várias relativas modificando um mesmo termo, sendo que apenas uma delas não é introduzida por pronome relativo, como se vê em 212.

(212)

L1	E	pánha	kel	más	pikinóti	k-é
L2	S3SG	apanhar.PFV	aquele	mais	pequeno	REL.A
L3	[JSP 1		
			matriz] [CREL.O 1
L1	kodé	ki	ta	kánta	ta	kusa,
L2	caçula	REL.A	IPFV	cantar	IPFV	coisar
L3			JSP 1]
	CREL.O 1]	[CREL.O 2		[CREL.O 3]
L1	e	ben	ku	ei,	p-e	ben
L2	S3SG	vir.PFV	com	T3SG	para-S3SG	vir.PFV
L3	[JSP 2 / NUC			PROP
L1	trazi	gentis.				
L2	trazer.PFV	gente				
L3	PROP]

Ele pegou aquela menor que é a caçula que canta e coisa, ele a trouxe para entregá-la às pessoas.

(kea_ev_narr_01_215)

²⁰⁸ Ver descrição do exemplo 101.

O exemplo 212 faz parte da narrativa que conta que Pedro saiu em busca de uma menina que, quando cantava e ria, deixava uma água curativa escorrer-lhe. Essa frase é formada por duas cláusulas paratáticas justapostas, em que a primeira tem o complemento verbal *kel más pikinóti* ‘aquela menor’ modificado por três cláusulas relativas. A primeira relativa *k-é kodé* ‘que é a caçula’, introduzida pelo pronome relativo *ki* ‘que’ com função de sujeito, especifica que a menina que Pedro foi buscar era a caçula da família. A segunda relativa *ki ta kánta* ‘que canta’, também introduzida pelo pronome relativo *ki* ‘que’, mostra uma habilidade da menina, a de cantar. A terceira relativa também mostra uma habilidade da menina, a qual, pelo contexto, sabemos que é a de sorrir, mas a locutora expressa-a aqui com um termo de sentido bastante geral *ta kusa* ‘coisa’, talvez por uma falha na memória, já que as histórias são memorizadas. É interessante notar que apenas a última relativa não é introduzida por pronome relativo. Isso se dá, possivelmente, pelo fato de tanto a segunda como a terceira relativas se referirem a habilidades da menina, por isso parece que o pronome relativo que introduz a segunda relativa, na verdade, introduz o grupo coordenado em nível dois (N2)²⁰⁹ das duas relativas que especificam habilidades do termo referido. A cláusula matriz tem predicado codificado por verbo perfectivo, já as relativas apresentam predicados codificados pela cópula com ancoragem no presente e com um valor aspectual que abrange a noção de habitual e por verbos imperfectivos com sentido habitual. Isso mostra que o evento matriz é pontual e concluído no momento da enunciação, contudo os estados de coisas das relativas são durativos, já que tratam de característica e habilidades do termo referido.

4.3.1.3.2 Análise quantitativa

As relativas O são o tipo de relativa que mais ocorre no *corpus* (91 dados).

²⁰⁹ Sobre coordenação entre cláusulas dependentes, ver capítulo cinco.

Tabela 46 – Correlação entre as relativas O e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz

Pronome relativo e função sintática que desempenha	Nº de relativas modificando O	%
ki [S]	15	16
\emptyset [S]	5	5
ki [A]	24	26
\emptyset [A]	1	1
ki [O]	38	41
\emptyset [O]	2	2
ki [CC]	4	4
\emptyset N2 [CC]	1	1
ki [Ob]	1	1
undi (ki) [CC]	1	1
	91	100
Índice de dominância	ki [O]	0,41
Índice reverso		0,59

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 46 mostra que a maioria (38 dados = 41%) das relativas que modificam um sintagma nominal com função de complemento verbal se realiza com pronome relativo desempenhando também a função de complemento verbal. Também se pode observar a clara dominância do uso de **ki** ((16%+26%+41%+4%+1%)/91 = 96,7%) para introduzir as relativas de objeto.

Quanto ao tipo de cláusulas em que as relativas O se realizam, os dados mostram que essas relativas ocorrem em 13 tipos distintos de cláusulas matrizes, como mostra a Tabela 47.

Tabela 47 – Cláusulas que encaixam relativas O

Natureza da cláusula matriz		Aspecto e polaridade do predicado matriz					Total	%
		PFV		IPFV	PROG	IMP		
		P	N					
Coordenada justaposta	PO_zero	34	3	3	-	3	44	48
	Compleitiva	EL_zero	7	2	2	3	16	30
EL_ma		1	-	-	1	-	2	2
MAN_pa		2	-	-	-	-	2	2
MAN_zero		2	-	-	-	-	2	2
INS_ma		-	-	1	-	-	1	1
FASE_M_zero		1	-	-	-	-	1	1
FASE_zero		2	-	-	-	-	2	2
PER_zero		1	-	-	-	-	1	1
Relativa Adverbial		REL_ki	1	-	-	-	-	1
	PROP_pa	2	-	-	-	-	2	2
	CONSQ_zero	1	-	-	-	-	1	1
	CONSQ_t_oki	1	-	-	-	-	1	1
	COND_si	-	1	-	-	-	1	1
Total		56	6	6	4	19	91	100
Percentual		61,54	6,59	6,59	4,4	21	100	
Índice de dominância				PFV P			0,6154	
Índice reverso							0,3846	

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 47 mostra que as relativas O ocorrem com maior frequência nas paratáticas justapostas (44 dados = 48%) e nas completivas de elocução zero (sem complementizador, 30 dados = 33%). Notamos também o elevado percentual (21%) do emprego do imperativo (4,82% em todo o *corpus*) nessas cláusulas encaixando relativas, possivelmente por razões de ordem pragmática, ou seja, a necessidade de se especificar o conteúdo da manipulação direta.

4.3.1.4 Relativa PS (predicativo do sujeito)

4.3.1.4.1 Análise qualitativa

As relativas PS são cláusulas que modificam um sintagma que funciona como predicativo do sujeito na cláusula matriz. Isso é o que mostram os exemplos 213, 214 e 215.

(213)

L1	E	fla	ma	si	madrinha,	ma
L2	S3SG	dizer.PFV	que	POSS.3SG	madrinha	que
L3		[MATRIZ]	[COMPL 1	

²¹⁰ Não há polaridade negativa (N) com os demais aspectos, apenas com o perfectivo.

[TOP]						
L1	komu	é	si	madrinha	ki	botisa-l,
L2	como	Ser.PRS	POSS.3SG	madrinha	REL.S	batizar.PFV-O3SG
L3			COMPL 1]
			matriz]
					CREL.PS]
L1	pa	fase-l	un	trupésa	k-e	ta...
L2	para	fazer.PFV-O3SG	um	banco	que-S3SG	IPFV
L3	[COMPL 2]	COMPL 3
						TEMP_N2
L1	kel	ak-e	ta	subi	káma,	e
L2	aquele	horas que-S3SG	IPFV	subir	cama	S3SG
L3			COMPL 3			
			TEMP_N2]
						[NUC_N2
L1	ta	konku	pê	n-el	[...].	
L2	IPFV	bater	pé	em-T3SG		
L3		COMPL 3]	
		NUC_N2]	

Ela disse que a sua madrinha, como é sua madrinha que a batizou, [é] para fazer dela (= da madrinha) um banco que quando ela for subir na cama, ela [possa] apoiar[r] o pé nele.

(kea_ev_narr_02_180_182)

O exemplo 213 é uma frase complexa constituída por uma cláusula matriz de elocução e manipulação em discurso indireto *e fla* ‘ele disse’ integrando três completivas. A primeira completiva é formada pelo tópico *si madrinha* ‘sua madrinha’, a cláusula matriz *komu é si madrinha* ‘como é sua madrinha’ e a relativa *ki botisa-l* ‘que a batizou’. A relativa especifica o termo *madrinha* que exerce a função de predicativo do sujeito da cláusula matriz. A relativa é empregada para esclarecer de que tipo de madrinha se trata, ou seja, madrinha de batismo, e não de casamento ou crisma, como também poderia ser. O predicado matriz é codificado pela cópula com radical de presente *é* e o predicado dependente é codificado por um verbo com aspecto perfectivo. O pronome relativo, nesse exemplo, retoma o termo modificado e exerce a função de sujeito da cláusula relativa.

Em 214, o predicativo do sujeito da cláusula matriz é especificado por cláusulas relativas que estão em relação paratática por justaposição em nível dois (N2).

(214)

L1	Éra	un	minina	ki	txoma	Mariâ
L2	ser.PST	um	menina	REL.S	chamar.PFV	Maria
L3	[matriz			CREL.PS	
L1	di	Miláгри	ki	ta	ri	sol
L2	de	Milagre	REL.A	IPFV	rir	sol
L3	CREL.PS]		CREL.PS	
				COND_N2]
						[NUC_N2
L1	ta	sai	ta	txora	txuba	ta
L2	IPFV	sair	IPFV	chorar	chuva	IPFV
L3	CREL.PS]		CREL.PS	
	NUC_N2]	COND_N2]
						NUC_N2

L1	txobi	ta	lába	mo	taínha	bránka
L2	chover	IPFV	lavar	mão	táinha	branco.F
L3	CREL.PS]	[CREL.PS		
	NUC N2]	[COND N2] [NUC N2

L1	ta	báza.
L2	IPFV	vazar
L3	CREL.PS]
	NUC N2]

Era uma menina que se chamava Maria de Milagres, a qual [se] ria, o sol saía, [se] chorava, a chuva caía, [se] lavava as mãos, apareciam várias taínhas brancas.

(kea_ev_narr_02_004_006)

No exemplo 214, a cláusula matriz *éera un minina* ‘era uma menina’ tem o predicativo do sujeito nulo *un minina* ‘uma menina’ modificado por quatro cláusulas relativas, sendo apenas as duas primeiras introduzidas pelo pronome relativo *ki* ‘que’, exercendo a função de sujeito em ambas. As demais não apresentam pronome relativo, por isso as categorizamos como relativas zero. Esse trecho localiza-se no início da narrativa, tratando-se da apresentação da personagem, que é introduzida como “uma menina”, ou seja, de forma geral e repete-se, como uma espécie de fórmula, diversas vezes no conto. A locutora emprega as cláusulas relativas, especificando quem é a personagem introduzida de maneira geral. Assim, a primeira relativa *ki txoma Mariâ di Milágri* ‘que se chama Maria dos Milagres’ denomina a personagem; a segunda relativa *ki ta ri sol ta sai* ‘que ri, o sol sai’ mostra o seu poder em fazer o sol aparecer com seu sorriso; a terceira *ta txora txuba ta txobi* ‘chora, começa a chover’ evidencia que ela também tem o poder de fazer chover com o seu choro; a quarta *ta lába mo, taínha bránka ta báza* ‘lava as mãos, várias taínhas brancas aparecem’ mostra que ela tem o poder específico de fazer um tipo de peixe aparecer em grande quantidade, ao lavar as mãos. A primeira relativa é a única que não é construída em forma complexa e a única a apresentar predicado codificado por um verbo sem marca aspectual segmental, trata-se do verbo forte *txoma* ‘chamar’. As demais relativas são empregadas todas com a mesma estrutura, a saber, uma prótase seguida de sua apódase. Todas também apresentam predicados codificados por verbos imperfectivos, tanto na prótase como na apódase. Como elas descrevem as capacidades da personagem, esse aspecto verbal evidencia que essas capacidades são durativas. As relações adverbiais condicionais estabelecidas nas relativas 2, 3 e 4 não são discretas, pois não há dispositivos linguísticos que as evidenciem. São, portanto, percebidas apenas de uma perspectiva lógico-semântica.

Em 215, há também uma sequência de relativas modificando o predicativo do sujeito da cláusula matriz e, como em 211, a negação é empregada para expressar admiração numa pergunta retórica interrogativa negativa.

(215)

L1	Flánu,	a-nhos,	ke-la	é	ka	Bokáji
L2	fulano	T2PL	aquele lá	ser.PRS	NEG	Bocage
L3	[VOC]	[VOC]	[matriz]
L1	ki	sta	la	ta	ben?	
L2	REL.A	estar.PFV	lá	IPFV	vir	
L3	[REL.PS 1]
		[MATRIZ_N2]	[COMPL_N2
]

Fulano, aquele lá não é Bocage que está lá vindo?

(kea_ev_narr_03_152)

O exemplo 215 é constituído pelos vocativos *flánu* ‘fulano’ e *a-nhos* ‘pronome tônico de 2ª pessoa do plural’, seguidos da cláusula matriz *ke-la é ka Bokáji* ‘aquilo não é Bocage’, integrando uma relativa, *ki sta la ta ben* ‘que está lá vindo’, que modifica o predicativo do sujeito *Bokáji* ‘Bocage’. Esse trecho é uma fala do personagem *nhu rai* ‘rei’, que havia mandado jogar o Bocage no fundo do mar por não gostar dele. Nessa frase, a relativa especifica o termo modificado, localizando-o no espaço que tem como ponto de referência o espaço da personagem *nhu rai* ‘rei’. Essa relativa é introduzida pelo pronome relativo *ki* ‘que’, exercendo a função de sujeito da cláusula relativa e apresenta predicado codificado por um verbo forte sem marca aspectual segmental, com ancoragem presente.

4.3.1.4.2 Análise quantitativa

O *corpus* apresenta 48 cláusulas relativas que modificam um sintagma funcionando como predicativo do sujeito, como mostra a Tabela 48.

Tabela 48 – Correlação entre as relativas PS e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz

Pronome relativo e função sintática que desempenha	Nº de relativas modificando PS	%
ki [S]	6	12
\emptyset [S]	5	10
ki [A]	21	43
\emptyset [A]	10	20
ki [O]	7	14
	49	100
Índice de dominância	<i>ki</i> [A]	0,43
Índice reverso		0,57

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 48 mostra que 43% (21 dados) das relativas que modificam sintagmas funcionando como predicativo do sujeito se realizam com pronome relativo com função de sujeito de verbo intransitivo. No entanto, esses resultados de maior frequência do tipo *ki* [A] advêm da narrativa 2, em que há a repetição por diversas vezes de alguns trechos que funcionam como uma fórmula na narrativa (ver exemplo 214). Por isso, não se pode encará-los como uma característica da língua. Quanto ao tipo de cláusula em que as relativas PS ocorrem, veja a Tabela 49.

Tabela 49 – Cláusulas matrizes que encaixam relativas PS

Natureza da cláusula matriz	Aspecto e polaridade do predicado matriz				Total	Percentual
	PFV		IPFV	SV_zero		
	P	N		P ²¹¹		
PO_zero	12	2	-	1	15	31
EL_zero	23	2	4	-	29	59,18
INS_ma	1	-	-	-	1	2
PI_zero	4	-	-	-	4	8,16
Total	39	4	4	1	49	100%
Percentual	82	8,16	8,16	2	100%	
Índice de dominância	PFV P					0,82
Índice reverso						0,18

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 49 mostra que o tipo de cláusula que encaixa relativas PS com maior frequência (59,18%) é a completiva de elocução zero (sem complementizador). Isso também se dá pelo motivo acima mencionado, a saber, que os trechos que funcionam como fórmula repetidos diversas vezes na narrativa dois ocorrem, em sua maioria, em cláusulas completivas de elocução em discurso direto, ou seja, são atos de fala. Como estão em discurso direto, não é possível o emprego de complementizadores.

4.3.1.5 Relativa G (modificadores de nomes – genitivos)

4.3.1.5.1 Análise qualitativa

As relativas G são cláusulas que especificam sintagmas preposicionais com função genitiva, como é o caso em 216 e 217.

²¹¹ Não há ocorrência da polaridade negativa (N) com os demais aspectos, apenas com o perfectivo.

(216)

L1	E	á	txiga	kása	d-un	mudjei
L2	S3SG	ir.PFV	chegar.PFV	casa	de-um	mulher
L3	[MATRIZ]	[COMPL/matriz]
L1	ki	mora	djuntu	ku	kel	omi.
L2	REL.S	morar.PFV	junto	com	aquele	homem
L3	[CRELG]

Ele foi chegar à casa de uma mulher que morava junto com aquele homem.

(kea_ev_narr_01_128)

O exemplo 216 traz uma matriz *e á* ‘ele foi’ encaixando a completiva *txiga kása d-un mudjei* ‘chegar à casa de uma mulher’. A completiva, por sua vez, encaixa a relativa *ki mora djuntu ku kel omi* ‘que morava junto com aquele homem’, a qual modifica o genitivo da cláusula matriz *d-un mudjei* ‘de uma mulher’. Esse sintagma preposicionado, que é constituído de um caráter indefinido pelo emprego do artigo indefinido *un* ‘um’, é especificado pela cláusula relativa, mostrando que não se trata de qualquer mulher, mas da mulher específica que mora com “aquele homem”, o qual já fora mencionado no contexto e estava sendo procurado por ter a solução para curar a ferida do pai do protagonista. A cláusula matriz tem predicado codificado por um verbo perfectivo, assim como a cláusula relativa.

Esse tipo de relativa também pode modificar um genitivo em posição topicalizada, como ocorre em 217.

(217)

L1	Mai...	di	kei	ki	podì	de-i	
L2	mãe	de	aquele	rel.G	poder.PFV	dar.PFV-O3SG	
L3	[matriz / JSP 1	[REL.G [MATRIZ N2]	[COMPL N2]	
L1	de-l,	e	kumi,	e	bebi,	e	
L2	dar.PFV-O3SG	S3SG	comer.PFV	S3SG	beber.PFV	S3SG	
L3	matriz / JSP 1]	[JSP 2]	[JSP 3]	[JSP 4]
L1	deta,	e	studa.				
L2	deitar.PFV	S3SG	estudar.PFV				
L3	JSP 4]	[JSP 5]				

A mãe... daquilo que podia dar-lhe, deu-lhe, ele comeu, ele bebeu, ele deitou-se, ele estudou.

(kea_ev_narr_11_070)

Em 217, a frase é formada por cinco cláusulas coordenadas por justaposição, em que a primeira é formada pelo sujeito *mai* ‘mãe’, seguido do sintagma preposicional com função genitiva em posição topicalizada *di kei* ‘daquilo’, visto que a posição canônica seria depois do verbo e seu complemento na forma oblíqua *de-l* ‘deu-lhe’. Esse genitivo, que é formado pela

preposição e um dêitico, não determina nenhum nome ou sintagma explícito²¹² e é especificado pela cláusula relativa *ki podi da-i* ‘que podia dar-lhe’ e também pelo contexto imediato que segue, denominadamente, as cláusulas coordenadas justapostas de 2 a 5. A cláusula relativa, por sua vez, é construída também de forma complexa, a saber, pela cláusula matriz modal de nível dois (N2) *ki podi* ‘que pode’ e por sua completiva *de-i* ‘dar-lhe’, também de nível dois (N2). Todos os predicados, nesse exemplo, são codificados por verbos perfectivos, demonstrando que a locutora narra eventos já concluídos em relação ao momento de sua enunciação.

4.3.1.5.2 Análise quantitativa

O *corpus* apresenta apenas 3 dados de relativas modificando um sintagma nominal com função genitiva, como se pode ver na Tabela 50.

Tabela 50 – Correlação entre as relativas G e o pronome relativo que as introduz

Pronome relativo e função sintática que desempenha	Nº de relativas modificando genitivo
ki [S]	2
ki [O]	1
Total	3

Fonte: Elaborada pela autora.

Esse tipo de relativa é bastante raro comparado às outras relativas atestadas no *corpus*. Quanto ao tipo de cláusula que encaixa as relativas G, a Tabela 51, a seguir, mostra que, das 3 ocorrências, duas delas realizam-se em cláusulas coordenadas justapostas com predicados codificados por verbos perfectivos e polaridade positiva, mas o baixo número de ocorrências no *corpus* não permite vislumbrar tendências gerais na língua.

Tabela 51 – Cláusulas matrizes que encaixam relativas G

Natureza da cláusula matriz	Aspecto e polaridade do predicado matriz
	PFV
	P
PO_zero	2
EL_zero	1
Total	3

Fonte: Elaborada pela autora.

²¹² Trata-se de um caso particular de genitivo, já que tem um valor partitivo.

4.3.1.6 Relativa CC (complemento circunstancial)

4.3.1.6.1 Análise qualitativa

As relativas CC são cláusulas que modificam um sintagma que funciona como complemento circunstancial de outra cláusula. Essa cláusula ocorre no *corpus* introduzida pelos pronomes relativos *ki* ‘que’ e *(na) undi (ki)* ‘(em) onde (que)’, como se vê em 218 e 219.

(218)

L1	E	fla:	pista	pena	na	tudu
L2	S3SG	dizer.PFV	Emprestar.IMP.S2SG	pena	em	todo
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1/ matriz]
L1	pásu	ki	ten,	N	ta	po-u
L2	pássaro	rel.O	ter.PFV	S1SG	IPFV	por-O2SG
L3	COMPL 1/ matriz]	[REL.CC]	[COMPL 2
L1	na	bo.				
L2	em	T2SG				
L3	COMPL 2]				

Ela [Pelada] disse: empreste penas em todos os pássaros que existem, eu [as] coloco em ti.

(kea_ev_narr_08_027)

(219)

L1	Xibinhu	fla:	tánbi	la	undi	bu
L2	Xibinho	dizer.PFV	também	lá	rel.CC	S2SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1 matriz	[
					REL.CC]
L1	roka,	u	fla:	Xibinhu,	bale-m,	N
L2	enrascar-se	S2SG	dizer.IMP	Xibinho	valer.IMP.S2SG-O1SG	S1SG
L3	REL.CC]	COMPL 1 MATRIZ N2]	[COMPL N2]
						[COMPL 2
L1	ta	bale-u.				
L2	IPFV	valer-O2SG				
L3	COMPL 2]				

Xibinho disse: também lá onde te enrascares, dize: Xibinho, ajuda-me, eu te ajudarei.

(kea_ev_narr_01_104)

O exemplo 218 é constituído por uma cláusula matriz de elocução encaixando duas completivas em discurso direto. A primeira completiva é formada pela cláusula matriz *pista pena na tudu pásu* ‘empreste penas em todos os pássaros’ integrando a relativa *ki ten* ‘que tem’, a qual modifica o sintagma preposicional com função de complemento circunstancial *na tudu pásu* ‘em todos os pássaros’. O pronome relativo *ki* ‘que’, nessa cláusula, exerce a função de complemento do verbo *ten* ‘ter’, que é um verbo forte com aspecto perfectivo. O verbo da

cláusula matriz *pista* ‘empreste’ está no modo imperativo. Não há marcas linguísticas segmentais para esse modo no sintagma verbal em cabo-verdiano, sua interpretação se dá pela entoação e pelo contexto, comumente, no caso da segunda pessoa do singular, pela ausência do pronome sujeito na forma afirmativa²¹³.

Semelhantemente a 218, 219 também é formado por uma cláusula matriz de elocução encaixando duas completivas em discurso direto. A primeira completiva *tánbi la undi bu roka u fla: Xibinhu, bale-m* ‘também lá onde te enrascas, diz: Xibinho, ajuda-me’. Essa completiva é constituída por um complemento circunstancial, nomeadamente o deítico *la* ‘lá’, que é especificado pela cláusula relativa *undi bu roka* ‘onde te enrascas’. Assim, o *la* ‘lá’ é identificado como o lugar preciso onde Pedro, o personagem a quem Xibinho se dirige, poderia ter problemas. O pronome relativo, nesse exemplo, é *undi* ‘onde’, que por resultar de um processo de gramaticalização do advérbio *undi* ‘onde’ só é empregado apenas em relativas CC. O predicado dependente é codificado por um verbo perfectivo, o que demonstra se tratar de um evento pontual concluído. O predicado matriz é codificado por verbo no modo imperativo, precedido pelo pronome sujeito de segunda pessoa, o que não ocorre com frequência na variedade de Santiago²¹⁴. Possivelmente, o emprego do pronome sujeito no imperativo, nesse exemplo, deve-se à presença da subordinada que o antecede, ou seja, a cláusula relativa.

A cláusula relativa CC também pode modificar um complemento circunstancial inserido em outra cláusula relativa, como se vê em 204, retomado aqui.

(204)

L1	<i>Ii...</i>	<i>pása</i>	<i>un</i>	<i>makáku</i>	<i>go</i>	<i>só</i>
L2	HST	passar.PFV	um	macaco	agora	só
L3		[matriz] [CRELA [matriz N2
L1	<i>na</i>	<i>kumi</i>	<i>batáta</i>	<i>pa</i>	<i>riba</i>	<i>di</i>
L2	PROG	comer	batata	para	cima	de
L3			CRELA matriz N2			
L1	<i>undi</i>	<i>ki</i>	<i>Lobu</i>	<i>sta</i>	<i>marádu.</i>	
L2	onde	rel.CC	Lobo	estar.PFV	amarrado	
L3		CRELA]
	<i>matriz_N2</i>]	[CREL.CC_N2]

I... passou um macaco comendo batata por cima de onde o Lobo estava amarrado.

²¹³ Na forma negativa é obrigatório o emprego do pronome sujeito, o qual é empregado entre a partícula de negação e o verbo. Sobre o imperativo, ver Baptista (2002, p.15-16) e Quint (2010, p. 154).

Ex: *Ka-u pista pena na nun pásu*
 NEG-S2SG emprestar.PFV pena em nenhum pássaro
 (ou tomar emprestado)
 ‘não tome penas emprestadas de nenhum pássaro’.

²¹⁴ Talvez este uso do pronome indique mesmo que estamos perante uma forma não imperativa (por exemplo uma subordinada final com subordinador zero), mas a escassez dos dados disponíveis não permite demonstrar esta hipótese e, portanto, mantenho aqui a interpretação dessa forma como imperativo.

(kea_ev_narr_04_077)

O exemplo 204 traz a cláusula matriz *ii... pása un makáku go* ‘passou um macaco’ integrando a relativa A zero²¹⁵ *só na kumi batáta pa riba di undi* ‘só comendo batata por cima de onde’. Essa relativa A, por sua vez, integra a relativa CC de nível dois (N2) *ki Lobu sta marádu* ‘que o Lobo está amarrado’, que especifica o dêitico *undi* ‘onde’. Essa cláusula é introduzida pelo relativo *ki* ‘que’, funcionando como complemento circunstancial da cláusula relativa. Outra relativa CC que modifica o advérbio *undi* ‘onde’ está em 220.

(220)

L1	Nau,	kei	N	ka	ta	bendi
L2	não	aquele	S1SG	NEG	IPFV	vender
L3	[JSP 1		
L1	nho	porkê	mi	N	ka	ten
L2	senhor	porque	T1SG	S1SG	NEG	ter.PFV
L3]	[EXP 2		
L1	fidju	é	kei-la	ki	undi	ki
L2	filho	ser.PFV	aquele lá	REL.FOC.S	onde	REL.CC
L3	EXP 2]	[JSP 3/matriz		[FOC.S		[CREL.CC
L1	N	sta	ta	á	txoma-m.	
L2	S1SG	estar.PFV	IPFV	ir	chamar.PFV-O1SG	
L3	CREL.CC]		FOC.S]	

Não, aquele eu não vendo para o senhor, porque eu não tenho filho, é aquele lá que onde eu estou vai me chamar.

(kea_ev_narr_10_097_099)

Em 220, há três cláusulas paratáticas. A terceira cláusula *é kei-la ki undi ki N sta ta á txoma-m* ‘é aquele lá que onde eu estou vai me chamar’ é formada pela matriz com sujeito focalizado *é kei-la ki undi [...]* *ta á txoma-m* ‘é aquele lá onde [...] que vai me chamar’, integrando a relativa CC *ki N sta* ‘que eu estou’, a qual modifica o advérbio *undi* ‘onde’, que delimita o espaço da cláusula matriz e é especificado pela relativa CC, ou seja, pela presença do referente sujeito, a saber, o homem doido, a quem esse trecho da narrativa se refere e que fala em primeira pessoa, nesse lugar expresso por *undi*. Nesse exemplo, o predicado matriz é codificado por verbo com marca aspectual de imperfectivo, com sentido habitual, e o predicado da relativa é codificado por verbo forte sem marca aspectual segmental, com ancoragem temporal no presente. É importante notar que a relativa CC, nesse caso, como em 219, está topicalizada, já que não se realiza na sua posição canônica, isto é, pós-verbal.

4.3.1.6.2 Análise quantitativa

²¹⁵ Denominamos de relativas zero todas as cláusulas relativas que não são introduzidas por pronome relativo. Assim como fizemos nos demais tipos de cláusulas analisadas.

O *corpus* apresenta 44 relativas que modificam um sintagma com função de complemento circunstancial, como se vê na Tabela 52.

Tabela 52 – Correlação entre as relativas CC e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz

Pronome relativo e função sintática que desempenha	Nº de relativas modificando complemento circunstancial	%
ki [S]	1	2,27
ki [A]	1	2,27
\emptyset [A]	3	6,82
ki [O]	14	31,82
ki [CC]	11	25
ki N2 [CC]	1	2,27
ki [PS]	1	2,27
na undi ki [CC]	2	4,55
na undi [CC]	6	13,64
undi (ki) [CC]	4	9,09
	44	100
Índice de dominância	ki [O]	0,3182
Índice reverso		0,6818

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 52 mostra que a maioria (24 dados [CC] [11 + 1 + 2 + 6 + 4] = 55,81% [25,58% + 2,33% + 4,65% + 13,95% + 9,3%]) das relativas que modificam um sintagma funcionando como complemento circunstancial se realiza com pronomes relativos (*ki*, *na undi ki*, *na undi*, *undi [ki]*) desempenhando a função sintática, também, de complemento circunstancial. Isso corrobora os resultados obtidos para as relativas A, modificando um sintagma que funciona como sujeito de verbo intransitivo da cláusula matriz, e para as relativas O, modificando um sintagma que funciona como complemento verbal. Parece, portanto, haver uma tendência nas cláusulas relativas do santiaguense em se realizarem com pronome relativo exercendo a mesma função sintática do sintagma da cláusula matriz que modificam. Denominaremos essa estrutura como *relativa refletida*.

As relativas CC também ocorrem encaixadas em diversos tipos de cláusulas matrizes, como mostra a Tabela 53.

Tabela 53 – Cláusulas matrizes que encaixam relativas CC

Natureza da cláusula matriz	Aspecto e polaridade do predicado matriz					Total	%
	PFV		IPFV	SV_zero	IMP		
	P	N		p ²¹⁶			
PO_zero	14	-	2	-	-	16	36,36
EL_zero	6	1	7	1	10	25	56,82
EL_ma	-	-	1	-	-	1	2,27
REL_ki	1	-	-	-	-	1	2,27
COND_si	1	-	-	-	-	1	2,27
Total	22	1	10	1	10	44	100
Percentual	50	2,27	22,73	2,27	22,73	100%	
Índice de dominância	PFV P					0,50	
Índice inverso						0,50	

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com a Tabela 53, as relativas CC ocorrem com maior frequência (56,82%) encaixadas por cláusulas completivas de elocução sem complementizador (em discurso direto ou introduzidas por interrogativos). O índice reverso (0,50) mostra um valor alto para as formas marcadas, em especial, o emprego do imperfectivo (22,73%) e do imperativo (22,73%), o que se dá pela natureza da cláusula completiva de elocução zero, que encaixa a maioria das relativas CC, a qual se realiza majoritariamente em discurso direto, o que dá uma contextualização mais flexível para o emprego do modo imperativo e do aspecto imperfectivo. Além disso, como observado nas relativas O, há, possivelmente, razões pragmáticas envolvidas na alta frequência do modo imperativo, isto é, a necessidade de se especificar o conteúdo da manipulação direta.

4.3.1.7 Relativa TOP (tópico)

As relativas de tópico modificam o sintagma nominal que desempenha a função discursiva de tópico. É uma categoria rara em comparação com os demais tipos de relativas. O tópico, segundo Creissels (2006, p. 110), é um elemento do enunciado sobre o qual é desenvolvido um comentário. Os exemplos 221 e 222 ilustram esse tipo de relativa.

(221)

L1	Kei	k-é	di	vinti	ánu,	kei
L2	aquele	rel.A-ser.PRS	de	vinte	ano	aquele
L3	[TOP]	[CREL.TOP]	[matriz / JSP 1

²¹⁶ Não há ocorrência de polaridade negativa (N) com outras marcas de aspecto, apenas com o perfectivo.

L1	diâ	e	lebádu	águ,	e	ka
L2	dia	S3SG	leva.PFV .PASS	água	S3SG	NEG
L3		matriz/ JSP 1				JSP 2
L1	lába.					
L2	lavar.PFV					
L3	JSP 2					

Aquele que tinha vinte anos, naquele dia levaram-lhe água, ele não tomou banho.

(kea_ev_narr_11_006)

Em 221, o elemento topicalizado *kei* ‘aquele’ é especificado pela relativa *k-é di vinti ánu* ‘que é de vinte anos’. O contexto da história fala de três irmãos, um tinha dezoito anos, outro dezenove e outro vinte. A locutora sinaliza, a partir da construção relativa de tópico, que os eventos que seguem nas cláusulas matriz e coordenada se referem ao irmão de vinte anos. O referente do elemento topicalizado é partilhado pelo sujeito da cláusula matriz e da coordenada justaposta que a segue. O predicado da cláusula relativa é codificado pela cópula na forma do radical presente, e a matriz tem predicado codificado por verbo perfectivo na voz passiva. O pronome relativo *ki* exerce a função de sujeito da cláusula relativa.

Uma outra relativa de tópico que ocorre no *corpus* realiza-se dentro de uma completiva de elocução em discurso direto.

(222)

L1	E	fla	anton	bo	ki	dja
L2	S3SG	dizer.PFV	então	T2SG	rel.A	ACT
L3		[MATRIZ]			COMPL1	
				[TOP]		REL.TOP
L1	sta	ti	si	u	(ka)	móri,
L2	esta.PFV	até	assim	S2SG	NEG	morrer.PFV
L3				COMPL 1		
		CREL.TOP			matriz	
L1	kumé	es	kuátu	dia	li,	si
L2	comer.IMP.S2SG	esse	quatro	dia	aqui	se
L3				COMPL 2		[COND N2]
L1	bu	sprita,	u	bai ²¹⁷ .		
L2	S2SG	retomar as forças.PFV	S2SG	ir.PFV		
L3	COND_N2					[COMPL 3/ NUC_N2]

Ele disse: então você que já conseguiu chegar a ficar até assim não morreu, coma estes quatro dias, se você retomar as forças, você vai.

(kea_ev_narr_11_068)

O exemplo 140 é constituído pela matriz *e fla* ‘ele disse’ encaixando três completivas de elocução em discurso direto. A primeira completiva *anton bo ki dja sta ti si, u*

²¹⁷ Imperativo com pronome sujeito, mesmo sem estar numa série de atos diretivos, como no exemplo 219.

(ka) *móri* ‘então você que já está assim, não morre’ é formada pelo marcador discursivo *anton* ‘então’, seguido do tópico *bo* ‘pronome tônico de 2ª pessoa do singular’, o qual é especificado pela relativa *ki dja sta ti si* ‘que já está até assim’ e seguido pela cláusula matriz *u (ka) móri* ‘você não morre’. Nesse exemplo, o elemento topicalizado é retomado pelo sujeito da cláusula matriz *u* ‘pronome sujeito de 3ª pessoa do singular’, ou seja, eles têm o mesmo referente. Isso mostra que a cláusula relativa especifica o estado do referente sujeito que é topicalizado no discurso. Tanto a relativa como a matriz têm predicados codificados por verbos perfectivos, o que demonstra que os eventos são pontuais. O pronome relativo *ki* ‘que’ funciona como sujeito da cláusula relativa.

Das três ocorrências de relativas de tópico, duas realizam-se com pronome relativo desempenhando a função de sujeito de verbo intransitivo e uma com pronome relativo funcionando como objeto. Como o número de ocorrências de relativas TOP é muito baixo, não se pode afirmar que há tendência de que, nesse tipo de relativa, o pronome desempenhe a função de algum argumento verbal.

4.3.1.8 Relativas de cláusulas exclamativas apredicativas

4.3.1.8.1 Análise qualitativa

O *corpus* mostra três cláusulas relativas que não seguem o padrão das que foram analisadas aqui, são as que modificam uma cláusula exclamativa apredicativa. A cláusula exclamativa apredicativa é caracterizada pela ausência do sintagma verbal, sendo realizada apenas por um sintagma nominal exprimindo admiração, espanto, surpresa etc. Como o elemento modificado não exerce uma função sintática típica dos termos de cláusulas predicativas, sentimos a necessidade de categorizá-la à parte. O exemplo 223 mostra duas relativas modificando uma cláusula exclamativa apredicativa.

(223)

L1	E	fla:	ê	kei	fomi	ki
L2	S3SG	dizer.PFV	INTJ	aquele	fome	REL.O
L3		[MATRIZ]	[COMPL 1		[CREL.APR 1
			[matriz]
L1	N	teni	li	ki	dja	ten
L2	S1SG	ter.PFV	aqui	REL.CC	já	ter.PFV
L3		CREL.APR 1]	COMPL 1	[CREL.APR 2
					[matriz N2

L1	tre(s)	diâ	N	ka	kumi	ke-li,
L2	três	dia	S1SG	NEG	comer.PFV	aquele-aqui
L3			COMPL 1			TOP
			CREL.APR 2			
	matriz_N2]	[REL.O_N2]
L1	Peláda	sta	li	N	ta	kebra
L2	Peláda	estar.PFV	aqui	S1SG	IPFV	quebra
L3	[COMPL 2]	[COMPL 3]
L1	djudjun	ku	e(i).			
L2	jejum	com	T3SG			
L3		COMPL 3]			

Ele disse: eh! [com] essa fome que eu estou, que já tem três dias que não como. Pelada está aqui, eu quebro jejum com ela.

(kea_ev_narr_08_041_043)

O exemplo 223 é constituído por uma matriz de elocução que encaixa três completivas em discurso direto. A primeira completiva, *ê kei fomi ki N teni li ki dja ten tre(s) diâ N ka kumi* ‘eh! essa fome que estou, que já tem três dias que não como’, é formada por uma cláusula exclamativa apredicativa *ê kei fomi* ‘eh! essa fome’, isto é, que não apresenta sintagma verbal e é modificada por duas relativas, a saber, *ki N teni li* ‘que eu tenho aqui’ e *ki dja ten tre(s) diâ N ka kumi* ‘que já tem três dias que eu não como’. A primeira relativa especifica quem é o experienciador da fome mencionada: o Lobo, personagem que é o referente do sujeito da cláusula relativa. A segunda relativa especifica o tipo de fome ou sua intensidade, mostrando a quantidade de dias que o Lobo está sem comer, ou seja, três dias. Essa cláusula integral, ainda, outra relativa de nível dois (N2), que modifica o sintagma nominal com função de complemento verbal *tre(s) diâ* ‘três dias’. Essa relativa de nível dois (N2) não é introduzida por pronome relativo, o que denominamos de relativa zero, e apresenta predicado codificado por verbo perfectivo com polaridade negativa. Já as relativas da exclamativa apredicativa têm predicados codificados por verbos fortes *teni* ‘ter’ e *ten* ‘ter’²¹⁸ com aspecto perfectivo e ancoragem presente, assim como a relativa em nível dois (N2), porém com verbo fraco com aspecto perfectivo e ancoragem passada.

Há um outro dado também com relativa modificando uma cláusula exclamativa apredicativa, mas introduzido por *pa* ‘para’.

(224)

L1	Kánt-e	ben,	mo	ku	fomi	pa
L2	quando-S3SG	vir.PFV	moço	com	fome	para
L3	[TEMP]	[VOC]
				[NUC/matriz]
				[CREL.APR]

²¹⁸ Quint (2010, p. 38-39) mostra a distinção semântica entre os verbos *teni* e *ten* (ambos traduzidos para o português como ‘ter’), afirmando que *ten* “indica a posse não efêmera, como atributo ou qualidade do sujeito possuidor”, enquanto *teni* “refere-se à posse material, efêmera, de alguma coisa”.

L1 **móri.**
 L2 morrer.PFV
 L3 **CREL.APR]**

Quando ele veio, moço, com uma fome para morrer.

(kea_ev_narr_11_066)

O exemplo 224 apresenta uma cláusula adverbial dependendo de uma nuclear exclamativa apredicativa, *ku fomi* ‘com fome’, isto é, que não apresenta sintagma verbal realizado. Essa matriz apredicativa, que é introduzida pelo vocativo *mo* ‘moço’, é modificada pela relativa *pa móri* ‘para morrer’, que mostra a intensidade da fome. Os predicados envolvidos nesse exemplo são codificados por verbos perfectivos.

4.3.1.8.2 Análise quantitativa

O *corpus* tem apenas esses três dados de relativas modificando uma cláusula exclamativa (com sintagma verbal zero), como mostra a Tabela 54.

Tabela 54 – Correlação entre as relativas exclamativas apredicativas e o pronome relativo ou \emptyset que as introduz

Pronome relativo e função sintática que desempenha	Nº de relativas modificando tópico
ki [O]	1
ki [CC]	1
\emptyset	1
	3

Fonte: Elaborada pela autora.

Pela Tabela 54, vemos que, nos três dados, o pronome relativo realiza-se em dois, sendo um com função de complemento verbal e outro com função de complemento circunstancial. Em uma relativa não há realização do pronome relativo, como foi visto em 224, em que a relativa ocorre introduzida pela preposição *pa* ‘para’. Como os dados desse tipo de relativa são poucos, não é possível perceber qual a tendência de uso do pronome relativo nessas cláusulas.

Tabela 55 – Cláusulas matrizes que encaixam relativas exclamativas apredicativas

Natureza da cláusula matriz	Aspecto e polaridade do predicado matriz
	SV_zero
	P
PO_zero	1
EL_zero	2
Total	3

Fonte: Elaborada pela autora.

Todas as cláusulas matrizes (coordenadas justapostas e de elocução sem complementizador) desse tipo de relativa realizam-se sem sintagma verbal, já que são cláusulas exclamativas apredicativas e todas apresentam polaridade positiva.

4.3.2 Relativa de foco

A focalização é um recurso de construção textual que coloca em evidência um elemento da cláusula. De acordo com Creissel (2006, p. 120, tradução nossa) a focalização está relacionada à noção de interrogação, já que o elemento focalizado é "a informação que falta numa interrogação parcial ou é aquilo que, numa afirmação, é apresentado como a informação que preenche uma lacuna"²¹⁹. Mesmo não sendo um fenômeno de articulação de cláusulas, descrevemos aqui as cláusulas com focalização no *corpus*, considerando sua semelhança estrutural com as relativas restritivas.

4.3.2.1 Foco A (sujeito de verbo intransitivo)

4.3.2.1.1 Análise qualitativa

A focalização em cabo-verdiano constrói-se da seguinte forma: [(COP) + elemento focalizado + cláusula relativa introduzida pelo pronome *ki*]. As cláusulas relativas de foco A destacam um sintagma que funciona como sujeito de um verbo intransitivo, como se constata em 225 e 226.

²¹⁹ Original: "l'information manquante dans une interrogation partielle, ou bien ce qui, dans une assertion, est présentée comme l'information qui comble une lacune".

(225)

L1	Lobu	el,	e	kóri	pa	diánti
L2	Lobo	T3SG	S3SG	correr.PFV	para	diante
L3	[TOP]	[TOP]	[JSP 1]
L1	ma	el	k-é	más	grándi	ki
L2	que	T3SG	REL.FOC.A-ser.PFV	mais	grande	REL.FOC.S
L3	[[JSP 3/INS	[FOCO]	JSP 2/ INS]
				CREL.FOC.A 1		CREL.FOC.S 2
L1	ta	deta	na	káma	más	sábi.
L2	IPFV	deitar	em	cama	mais	bom
L3				JSP 3/INS]
				CREL.FOC.S 2]

Lobo corre na frente, [dizendo] que era ele que era mais velho [e que, portanto, seria] ele que se deitaria na cama melhor.

(kea_ev_narr_06_148_150)

(226)

L1	E	fla	nau,	m-é	el	k-é
L2	S3SG	dizer.PFV	não	que-ser.PRS	T3SG	REL.FOC.A
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
				FOCO		CREL.FOC.A
L1	más	grándi	ki	ta	máta	prumeru.
L2	mais	grande	REL.FOC.S	IPFV	matar	primeiro
L3	COMPL 1]		COMPL 2]
	CREL.FOC.A]		CREL.FOC.S]

Ele [Lobo] disse não, que era ele que era mais velho que mataria primeiro [seu animal].

(kea_ev_narr_06_258_260)

O exemplo 225 é formado por três cláusulas paratáticas, sendo a segunda e a terceira constituídas por estruturas de focalização. A segunda e a terceira cláusulas compartilham o mesmo elemento focalizado, a saber, *el* ‘pronome tônico de 3ª pessoa do singular’. Essas duas cláusulas formam um grupo em relação paratática, mantendo uma relação semântica de causa e efeito, ou seja, a primeira cláusula, *el k-é más grándi* ‘era ele que era mais velho’, é a causa, e a cláusula *[el] ki ta deta na káma más sábi* ‘era ele que deitaria na cama melhor’ é o efeito. Ambas apresentam também características de insubordinação²²⁰ introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’. Portanto, essas características, denominadamente, o compartilhamento do elemento focalizado (sujeito A para a primeira relativa de foco e S para a segunda), a relação semântica causa e efeito e o complementizador *ma* ‘que’ introduzindo as duas cláusulas, mostram que há uma unidade entre as duas cláusulas relativas de foco. Vale ressaltar, ainda, que a primeira tem predicado codificado pela cópula e por isso não apresenta marca segmental de aspecto. A segunda tem predicado codificado por verbo imperfectivo com sentido prospectivo.

²²⁰ Para uma descrição mais completa das cláusulas insubordinadas, ver capítulo seis.

Em 226, temos outro exemplo semelhante com duas cláusulas relativas focalizando um mesmo elemento. A frase complexa é formada por uma cláusula matriz de elocução em discurso indireto encaixando duas completivas com estruturas de focalização, a saber, *m-é el ki é más grándi ki ta máta prumeru* ‘que era ele que era mais velho, que mataria primeiro’. Assim como em 225, as duas relativas de foco colocam em evidência o mesmo elemento, o pronome tônico de 3ª pessoa do singular *el*. A primeira tem predicado codificado pela cópula sem marca segmental de aspecto, e a segunda tem predicado codificado por verbo imperfectivo com sentido prospectivo *ta máta* ‘mataria’. Aqui também as cláusulas relativas estabelecem uma relação semântica de causa e efeito. Portanto, elas também apresentam as características linguísticas que as constituem como uma unidade pela sua integração, isto é, compartilham o mesmo elemento focalizado, mantêm relação semântica entre si e têm um complementizador introduzindo o grupo como um todo.

As relativas de foco podem realizar-se com a cópula aliada ao pronome relativo *ki* na estrutura focalizadora, como vimos nos exemplos 226, ou sem a cópula, como em 225, apenas com o pronome relativo indicando sozinho a focalização de elemento. Esse contraste entre o emprego ou não da cópula nas construções focalizadoras também pode ser visto em 227 e 228.

(227)

L1	E	fla:	nau,	mi	é	omi
L2	S3SG	dizer.PFV	não	T1SG	ser.PRS	homem
L3	[MATRIZ] [TOP]	[COMPL 1
					[FOCO]
L1	ki	N	ta	átxa	la,	mi
L2	REL.FOC.O	S1SG	IPFV	encontrar	lá	T1SG
L3	[COMPL 1] [TOP]
			CREL.FOC.O] [TOP]
L1	é	omi	ki	bai.		
L2	ser.PRS	homem	REL.FOC.A			
L3	[COMPL 2]
	[FOCO		[CREL.FOC.A]

Ele disse: não, é um homem que eu encontrarei lá [assim como] é homem que irá.

(kea_ev_narr_11_138)

(228)

L1	Minina	fla-i	p-e	podí	dexa-i,	p-e
L2	menina	dizer.PFV-O3SG	para-S3sg	poder.PFV	deixar.PFV-O3SG	para-S3SG
L3	[MATRIZ		COMPL 1] [COMPL 2
L1	podí	dexa-i	bai,	ma	ei	ki
L2	poder.PFV	deixar.PFV-O3SG	ir.PFV	que	T3SG	REL.FOC.A

L3		COMPL 2] [COMPL 3	
					[FOCO]	[CREL.FOC.A
L1	bai,	ki	ta	torna	bai.	
L2	ir.PFV	REL.FOC.S	IPFV	tornar	ir.PFV	
L3	COMPL 3]	[COMPL 4]	
	CREL.FOC.A]	[CREL.FOC.S]	

A menina disse-lhe que ele podia deixá-la ir, que ele podia deixá-la ir, que foi ela que [já] foi [uma vez] [e] que será ela que irá novamante.
(kea_ev_narr_11_170_172)

O exemplo 227 é formado por uma matriz de elocução encaixando duas completivas com estruturas de focalização, sendo que a primeira focaliza o objeto direto, e a segunda, *mi é omi ki bai* ‘é um homem que irá’, o sujeito de um verbo intransitivo. A focalização aqui se constrói com a fórmula [COP + elemento focalizado + *ki* + predicado]. O exemplo 228 é formado por uma matriz de elocução/manipulação encaixando quatro completivas. Dentre elas, há duas completivas (COMPL 3 e COMPL 4) com estruturas de focalização. A completiva três, *ma ei ki bai* ‘que foi ela que foi’, focaliza o sujeito do predicado codificado pelo verbo intransitivo *bai* ‘ir’. Essa focalização já não emprega a cópula sendo marcada apenas pelo pronome relativo *ki* [elemento focalizado + *ki* + predicado].

4.3.2.1.2 Análise quantitativa

O *corpus* apresenta 16 cláusulas com focalização de sujeito de verbo intransitivo, como se pode ver na Tabela 56.

Tabela 56 – Cláusulas relativas de foco A

Estrutura da focalização	Aspecto e polaridade do predicado		Total
	PFV	IPFV	
	P		
COP_zero	7	5	12
COP+ki	4	-	4
Total	11	5	16

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 56 mostra que, nas cláusulas com focalização de sujeito de verbo intransitivo, o predicado codificado por verbo perfectivo e polaridade positiva tem maior frequência de uso (11 dados). No entanto, a ocorrência do aspecto imperfectivo (5 dados) não é insignificante. A construção da focalização sem a cópula antecedendo o elemento focalizado foi mais empregada (12 dados). Esses resultados também confirmam a maior frequência de uso

de estruturas menos marcadas. As relativas de foco A ocorreram mais em cláusulas completivas de elocução (12 dados = 5 EL_zero + 7 EL_ma), conforme Tabela 57.

Tabela 57 – Cláusulas em que as relativas de foco A ocorrem

Tipo de cláusula	Aspecto e polaridade do predicado		Total
	PFV	IPFV	
	P		
PO_zero	3	-	3
EL_zero	2	3	5
EL_ma	5	2	7
INS_ma	1	-	1
Total	11	5	16

Fonte: Elaborada pela autora.

4.3.2.2 Foco S (sujeito de verbo transitivo)

4.3.2.2.1 Análise qualitativa

As cláusulas relativas de foco S destacam um sintagma nominal com função de sujeito dessa cláusula. Os exemplos 229, 230 e 231 mostram o sujeito do verbo transitivo em estrutura de focalização.

(229)

L1	Nha	tiu,	nhu	deta,	ók-é	óra,
L2	POSS.1SG	tio	TRT.2SG	deitar	hora que-ser.PFV	hora
L3	[VOC]		[JSP 1]		[TEMP]	
L1	mi	k-é	maré,	mi	ki	ta
L2	T1SG	REL.FOC.S-COP.PRS	maré	T1SG	REL.FOC.S	IPFV
L3	[FOCO]	[CREL.FOC.A]		[FOCO]	[NUC/REL.FOC.S]	
L1	txoma	nho.				
L2	chamar	senhor				
L3	NUC/REL.FOC.S					

Meu tio, o senhor deite-se, quando for hora, eu é que sou o marcador do tempo, eu é que chamarei o senhor.

(kea_ev_narr_05_104)

O exemplo 229 é um ato de fala do personagem Xibinho. A frase é constituída por um vocativo, seguido de uma cláusula independente com predicado codificado por verbo no imperativo. Essa cláusula está em relação paratática com as duas cláusulas com estruturas de focalização, a saber, *mi k-é maré* ‘eu é que sou o marcador’ e *mi ki ta txoma nho* ‘eu é que chamarei o senhor’. A primeira relativa de foco destaca o sujeito da cópula codificado por *mi*

‘pronome tônico de 1ª pessoa do singular’. A segunda coloca em evidência o sujeito do verbo *txoma* ‘chamar’ codificado, também, por *mi* ‘pronome tônico de 1ª pessoa do singular’. Essas duas relativas de foco estão em relação paratática de nível dois (N2), visto que elas partilham o mesmo referente sujeito. Da segunda relativa de foco, depende a cláusula adverbial *ók-é óra* ‘quando for hora’. É interessante notar que essa adverbial temporal, por ser introduzida pelo conector de futuro *ók-* ‘quando’, lit. ‘horas que’, afeta a interpretação do aspecto do predicado nuclear, que entendemos ser prospectivo. As duas construções de focalização são de cópula zero, isto é, não têm a cópula antecedendo o elemento focalizado. No exemplo 230, pode-se ver a focalização com a cópula precedendo o elemento focalizado.

(230)

L1	E	fla:	é	Lobu	ki	N
L2	S3SG	dizer.PFV	ser.PFV	Lobo	REL.FOC.O	S1SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
				FOCO		CREL.FOC.O 1
L1	fasê-l	ben	ki	rinka-m	nha	máma,
L2	fazer.PFV-O3SG	bem	REL.FOC.S	arrancar.PFV-O1SG	POSS.1SG	mama
L3	COMPL 1]	[COMPL 2]
	CREL.FOC.O 1]	[CREL.FOC.S 2]
				NUC N2]
L1	ki	N	(s)ta	riba	téra	lí.
L2	que	S1SG	estar.PFV	em cima	terra	aqui
L3				COMPL2]
				CONSQ N2]

Ela [tia Gánga] disse: foi ao Lobo que eu fiz o bem que arrancou minha mama, [por essa razão] que eu estou aqui na terra.

(kea_ev_narr_08_109_111)

Em 230, há uma cláusula matriz de elocução encaixando duas completivas em discurso direto. Cada completiva é formada por uma estrutura de focalização. Na primeira, o elemento focalizado é complemento verbal, na segunda, é sujeito do verbo transitivo *rinka* ‘arrancar’. As duas relativas de foco compartilham o mesmo elemento focalizado, a saber, *Lobu* ‘Lobo’. Estão, portanto, em relação coordenada por justaposição em nível dois (N2). As duas cláusulas completivas com estruturas de focalização, bem como sua matriz, têm predicado codificado por verbos perfectivos, demonstrando eventos pontuais e concluídos no momento da enunciação. A segunda completiva é também nuclear de nível dois (N2) de uma adverbial de consequência, igualmente de nível dois (N2). A focalização empregada aqui coloca em evidência a personagem Lobo, o qual está envolvido tanto no evento [fazer o bem], como o argumento com função semântica de beneficiário na primeira relativa de foco, como no evento [arrancar minha mama], como agente na segunda relativa de foco. Dessa forma, a locutora

destaca o Lobo como alguém que, contrastivamente, recebendo uma boa ação, retribui com uma má ação.

A focalização também pode ocorrer com uma estrutura invertida, em que o elemento focalizado segue a cláusula relativa de foco, como acontece em 231.

(231)

L1	Nton	argen	di	leba-l	ka	ten,
L2	então	alguém	de	levar.PFV-O3SG	NEG	ter.PFV
L3	[NUC	[PROP]	NUC/JSP 1
L1	ki	leba-l	é	si	madrinha	ku
L2	REL.FOC.S	levar.PFV-O3SG	ser.PRS	POSS.3SG	madrinha	com
L3	[JSP 2			
		CREL.FOC.S			FOCO	
L1	si	mána,	madrinha	ku	si	mána
L2	POSS.3SG	mana	madrinha	com	POSS.3SG	mana
L3	JSP 2]		JSP 3	
	FOCO				FOCO	
L1	ki	leba-l				
L2	REL.FOC.S	levar.PFV-O3SG				
L3		JSP 3]			
		CREL.FOC.S				

Então não havia alguém para levá-la, quem a levou foram sua madrinha com sua irmã, sua madrinha com sua irmã foram quem a levaram

(kea_ev_narr_02_024_028)

O exemplo 231 é formado por três cláusulas coordenadas por justaposição. A segunda coordenada é constituída pela relativa de foco *ki leba-l* ‘quem a levou’ seguida da cópula com o elemento focalizado *é si madrinha ku si mána* ‘foi a sua madrinha com a sua irmã’. Essa cláusula é reformulada na ordem canônica de focalização na terceira coordenada, sem a realização da cópula, *si madrinha ku si mána ki leba-l* ‘[foram] sua madrinha com sua irmã que a levaram’. Todos os predicados verbais envolvidos nesse exemplo são codificados por verbos perfectivos, evidenciando que os eventos são concluídos no momento da enunciação. A narrativa em que se encontra esse exemplo conta a história de uma menina que foi procurada para ser casada com um príncipe. Como ninguém veio buscá-la, a madrinha e a irmã²²¹ a levariam ao príncipe para casá-la com ele. Por essa razão, a primeira cláusula coordenada *argen di leba-l ka ten* ‘não há alguém para levá-la’, que parece semanticamente contraditória às demais, explica-se pelo referente do termo *argen* ‘alguém’ ser “pessoas da parte do príncipe”.

4.3.2.2.2 Análise quantitativa

²²¹ Irmã aqui não se refere ao parentesco genético: por ser a filha da madrinha, era considerada irmã.

O *corpus* apresenta 26 cláusulas com focalização de sujeito de verbo transitivo, como se pode conferir na Tabela 58.

Tabela 58 – Cláusulas relativas de foco S

Estrutura da focalização	Aspecto e polaridade do predicado			Total
	PFV	IPFV	PROG	
	P			
COP_zero	10	5	-	15
COP+ki	8	2	1	11
Total	18	7	1	26

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 58 mostra que, nas cláusulas com focalização de sujeito de verbo transitivo, o predicado codificado por verbo perfectivo e polaridade positiva tem maior frequência de uso (18 dados). No entanto, a ocorrência do aspecto imperfectivo também é significativa (7 dados), assim como nas relativas de foco A. Segundo a Tabela 59, a seguir, essa relativa de foco ocorre mais em cláusulas completivas (14 dados = 4 EL_zero + 8 EL_ma + 2 PRE_ma) e coordenadas por justaposição (10 dados). Além disso, a construção da focalização sem a cópula antecedendo o elemento focalizado é preferida. Esses resultados confirmam a maior frequência de uso de estruturas menos marcadas também na focalização.

Tabela 59 – Cláusulas em que as relativas de foco S ocorrem

Tipo de cláusula		Aspecto e polaridade do predicado			Total
		PFV	IPFV	PROG	
		P			
Coordenada	PO_zero	8	2	-	10
Completiva	EL_zero	4	-	-	4
	EL_ma	3	5	-	8
	PRE_ma	1	-	1	2
Insubordinada	INS_si	2	-	-	2
	Total	18	7	1	26

Fonte: Elaborada pela autora.

4.3.2.3 Foco O (complemento verbal)

4.3.2.3.1 Análise qualitativa

As cláusulas relativas de foco O destacam o complemento verbal, tirando-o de sua posição canônica, a saber, pós-verbal e trazendo-o para a posição pré-verbal seguido da cláusula relativa de foco. Em 232, é possível observar o complemento verbal em focalização.

(232)

L1	Rapá(s)	fla	nau	ma	ei	dja
L2	rapaz	dizer.PFV	não	que	T3SG	já
L3	[MATRIZ]	[COMPL]
					[TOP
]
L1	m-é	so	minina	k-e	kre [...].	
L2	que-ser.PFV	só	menino.F	REL.FOC.O	querer.PFV	
L3			COMPL]
	[FOCO]	[CREL.FOC.O]

O rapaz disse [que] não, que, no que lhe dizia respeito, era só [aquela] menina que ele queria.

(kea_ev_narr_11_210_212)

O exemplo 232 é constituído por uma cláusula matriz de elocução encaixando uma completiva em discurso indireto introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, que é retomado depois do tópico. Essa completiva é formada por um tópico *ei* ‘pronome tônico de 3ª pessoa do singular’, seguido da cláusula com o complemento verbal focalizado, *é so minina k-e kre* ‘é só a menina que ele quer’. Tanto a cláusula matriz como a completiva realizada com estrutura de foco têm predicados codificados por verbos com marca aspectual zero (\emptyset), o que indica perfectividade. No entanto, como o predicado da relativa de foco é um verbo forte, a ausência da marca aspectual indica uma ancoragem no tempo da enunciação, neste caso um contexto passado (ou seja, anterior ao presente). Semelhante a 232, o exemplo 227, retomado aqui, também apresenta um complemento verbal em estrutura focalizada.

(227)

L1	E	fla:	nau,	mi	é	omi
L2	S3SG	dizer.PFV	não	T1SG	ser.PRS	homem
L3	[MATRIZ]	[TOP]
					[FOCO
]
L1	ki	N	ta	átxa	la,	mi
L2	REL.FOC.O	S1SG	IPFV	encontrar	lá	T1SG
L3		COMPL 1]
	[CREL.FOC.O]	[TOP]
]
L1	é	omi	ki	bai.		
L2	ser.PRS	homem	REL.FOC.A			
L3			COMPL 2]
	[FOCO]	[CREL.FOC.A]

Ele disse: não, é um homem que eu encontrarei lá [assim como] é homem que irá.

(kea_ev_narr_11_138)

Em 227, o elemento focalizado nas duas cláusulas completivas é o sintagma nominal *omi* ‘homem’. Neste caso, diferentemente de 225 e 226, as cláusulas não se referem a um único sintagma; aqui os elementos focalizados têm o mesmo referente, mas se realizam em cada cláusula. As duas também têm a estrutura de focalização com cópula realizada. Esse trecho mostra o momento em que o protagonista vai procurar o pai da moça com quem ele queria casar-se. Como já tinha havido uma intriga entre eles, a mãe do protagonista teme por esse encontro, ao que ele responde como está em 227. Por isso, a construção com focalização coloca em evidência as duas pessoas envolvidas no encontro, tanto o que será encontrado lá como o que vai ao encontro, e essas pessoas têm iguais *status*, ou seja, são homens. O predicado da primeira cláusula é codificado por um verbo imperfectivo *ta átxa* ‘acha’ com sentido prospectivo. O predicado da segunda cláusula, que se esperaria ser codificado também por um verbo imperfectivo, tem marca de aspecto zero (\emptyset), *bai* ‘ir’, o que indica o perfectivo.

A focalização também pode ocorrer com polaridade negativa atuando na cópula, como se pode ver em 233.

(233)

L1	Xibinhu	rabida,	fla:	a-nho,	nhu	ka
L2	Xibinho	virar.PFV	dizer.PFV	TR.T2SG	senhor	NEG
L3	[JSP 1]		[JSP 2]	VOC	[COMPL 1
L1	sabe	ma	limária	mo(r)tu	na	sol
L2	saber	que	animal	morto	em	sol
L3				COMPL		
L1	m-e	ta	sopra?	É	ka	pedi
L2	que-S3SG	IPFV	assoprar	ser.PFV	NEG	peido
L3		COMPL 1] [COMPL 2	
				[FOCO]
L1	k-e	da	ná,	e	raforga.	
L2	REL.FOC O-S3SG	dar.PFV	não	S3SG	dar.PFV fôlego	
L3		COMPL 2] [COMPL 3]
	[CREL.FOC.O]		

Xibinho virou e disse: o senhor não sabe que animal morto no sol assopra? Não é peido que ela [a vaca] deu não, ela soltou fôlego.

(kea_ev_narr_08_167_171)

O exemplo 233 é formado por duas cláusulas coordenadas justapostas, em que a segunda é também matriz de elocução encaixando três cláusulas completivas em discurso direto. A segunda completiva, *é ka pedi k-e da ná*, é uma construção com o complemento verbal *pedi* ‘peido’ focalizado. A focalização é formada pela cópula com polaridade negativa, evidenciada pela negação verbal *ka*, seguida da cláusula relativa de foco introduzida pelo

pronome relativo *ki* ‘que’. A focalização vem como resposta ao Lobo, que percebeu que a vaca²²² que ele considerava morta havia soltado um peido. Xibinho, que tentava enganar o Lobo, fazendo-o pensar que a vaca (cabra) estava morta, rebate-o com a construção focalizada com polaridade negativa. O predicado da relativa de foco é codificado por um verbo perfectivo *da* ‘dar’, o que evidencia que o evento é pontual e já concluído.

4.3.2.3.2 Análise quantitativa

O *corpus* apresenta 10 cláusulas com focalização de complemento verbal, como se pode ver na Tabela 60.

Tabela 60 – Cláusulas relativas de foco O

Estrutura da focalização	Aspecto e polaridade do predicado			Total
	PFV		IPFV	
	P	N	P	
COP_zero	4	-	-	4
COP+ki	4	1	1	6
Total	8	1	1	10

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 60 mostra que, nas cláusulas com focalização de complemento verbal, apesar do tamanho reduzido da amostra, parece haver preferência de uso por predicado codificado por verbo perfectivo e polaridade positiva (8 dados). Na Tabela 61, vemos que essas relativas de foco ocorrem mais em cláusulas completivas (8 dados = 5 EL_zero + 3 EL_ma). Nesse tipo de focalização, a construção com cópula antecedendo o elemento focalizado é a mais atestada (6 dados), o que não ocorre nos outros tipos de focalização.

Tabela 61 – Cláusulas em que as relativas de foco O ocorrem

Tipo de cláusula		Aspecto e polaridade do predicado			Total	
		PFV		IPFV		
		N	P			
Coordenada	PO_zero	-	2	-	2	
	Completiva	EL_zero	1	3	1	5
		EL_ma	3	-	-	3
Total		4	5	1	10	

Fonte: Elaborada pela autora.

²²² Na verdade, trata-se de uma cabra (personagem da Tia Gánga). Para enganar o Lobo, Xibinho trata-a por vaca.

4.3.2.4 Foco CC (complemento circunstancial)

4.3.2.4.1 Análise qualitativa

A cláusula relativa de foco CC coloca em evidência o sintagma que funciona como complemento circunstancial dessa cláusula, como atestam 234 e 235.

(234)

L1	Fládu:	ka	nha	kánta	má(s)	di
L2	dizer.PFV.PASS	NEG	senhor.F	cantar.IMP	mais	de
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1		
L1	ki	si,	po	minin	di	nha
L2	que	assim	porque	menino	de	senhor.F
L3	COMPL 1]		[COMPL 2	
L1	é	li	ki	sta.		
L2	ser.PFV	aqui	REL.FOC.CC	estar.PFV		
L3			COMPL 2]		
		FOCO		CREL.FOC.CC		

Falaram: a senhora não cante mais, porque a filha da senhora é aqui que está.

(kea_ev_narr_07_142)

(235)

L1	Nton	simé	k-e	fasi,	bai	simé
L2	então	assim mesmo	REL.FOC.CC	fazer.PFV	ir.PFV	assim mesmo
L3	[JSP 1]	[JSP 2]	[JSP 3
		FOCO		CREL.FOC.CC		FOCO]
L1	ki	kel	otu	fasi.		
L2	REL.FOC.CC	aquele	outro	fazer.PFV		
L3			JSP 3]		
			CREL.FOC.CC			

Então, foi assim mesmo que ele fez, e logo foi, [depois] foi dessa mesma forma que aquele outro fez [também].

(kea_ev_narr_09_063_065)

Em 234, há uma cláusula matriz *fládu* ‘dizer.PASS.PRS’ encaixando duas completivas coordenadas entre si com a mediação do conector *po*²²³ (< *pamodi* ‘porque’). A segunda completiva, *minin di nha é li ki sta* ‘a menina da senhora é aqui que está’, apresenta o complemento circunstancial *li* ‘aqui’ focalizado. A focalização aqui é formada pela cópula antecedendo o elemento focalizado e pelo pronome relativo *ki* ‘que’, retomando o complemento circunstancial. O predicado da cláusula em focalização é codificado por um verbo forte que não apresenta nenhuma marca aspectual segmental. A narrativa conta a história de uma mulher que

²²³ O conector *pois* também é usado de forma abreviada como *po* [*pois* > *po* ‘pois’] (QUINT, 2020, em conversa pessoal).

teve sua filha furtada e, por essa razão, ela saía cantando a perguntar se alguém não havia visto sua filha. Uma pessoa, não identificada, por isso o emprego da voz passiva *fládu* ‘dizer.PFV.PASS’, deu conta de que a filha da senhora estava entre eles. Assim, a focalização serve para colocar em evidência a localização da criança procurada, ou seja, *li* ‘aqui’.

Em 235, têm-se duas cláusulas com focalização numa frase complexa com três cláusulas coordenadas por justaposição. Ambas focalizam o complemento circunstancial *simé* ‘assim mesmo’. A narrativa em que se encontra esse trecho conta a história de três filhos que saíram de casa para conhecer o mundo. À saída, a mãe perguntava-lhes se queriam que ela lhes desse comida ou bênção, e os dois primeiros pediram-lhe comida. Assim, as duas cláusulas com as estruturas de focalização comparam as atitudes dos dois filhos que quiseram comida em vez de bênção. A primeira cláusula, *simé k-e fasi* ‘foi assim mesmo que ele fez’, evidencia como um dos filhos tomou a decisão, que, pelo contexto, entendemos que se trata da sua opção pela comida. A segunda cláusula com focalização, *simé ki kel otu fasi* ‘foi assim mesmo que o outro fez’, mostra que o segundo filho toma a mesma decisão, isto é, prefere a comida à bênção. Essa comparação coloca em evidência a atitude desses dois filhos que se contrapõe à atitude do terceiro filho, o qual opta pela bênção de sua mãe. A focalização aqui contrasta, portanto, as atitudes erradas dos dois primeiros filhos com a atitude correta do terceiro filho ao sair. Todos os predicados são codificados por verbo perfectivos, atestando que os eventos são pontuais e já concluídos ao momento da enunciação.

4.3.2.4.2 Análise quantitativa

O *corpus* apresenta 15 cláusulas com focalização de complemento circunstancial, como se pode ver na Tabela 62.

Tabela 62 – Cláusulas relativas de foco CC

Estrutura da focalização	Aspecto e polaridade do predicado
	PFV
	P
COP_zero	11
COP+ki	4
Total	15

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 62 mostra que, no *corpus*, as cláusulas com focalização de complemento circunstancial ocorrem apenas com predicado codificado por verbo perfectivo e polaridade positiva. Como nas relativas de foco O, conforme a Tabela 63, a seguir, essa relativa de foco só ocorre em cláusulas coordenadas justapostas (11 dados) e completivas (4 dados = 3 EL_zero + 1 EL_ma). Em relação à construção da focalização, os resultados mostram preferência pela construção sem a cópula antecedendo o elemento focalizado, como acontece com a maioria das relativas de foco (com exceção das cláusulas de foco O).

Tabela 63 – Cláusulas em que as relativas de foco CC ocorrem

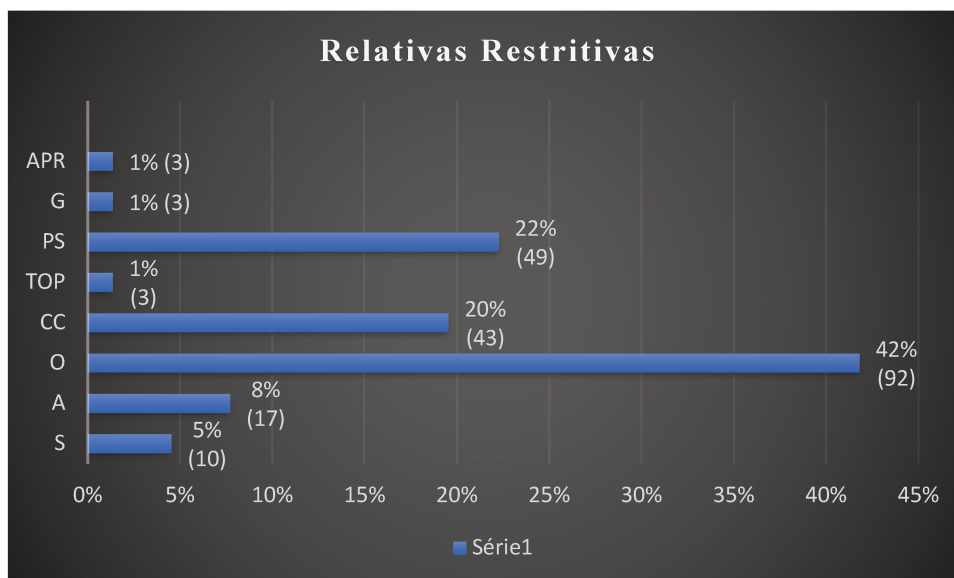
Tipo de cláusula		Aspecto e polaridade do predicado	
		PFV	P
Coordenada	PO_zero	11	
	EL_zero	3	
Completiva	EL_ma	1	
	Total	15	

Fonte: Elaborada pela autora.

4.3.3 Síntese das relativas

4.3.3.1 Síntese das relativas restritivas

O *corpus* apresenta 220 cláusulas relativas restritivas que se dispõem como mostra o Gráfico 17. Os parâmetros empregados na análise dessas cláusulas foram: i) função sintática do elemento referente; ii) presença ou não do pronome relativo que intermedeia a vinculação; iii) função sintática do pronome relativo; iv) características dos predicados matrizes e dependentes (aspecto e polaridade); e v) tipo de cláusula em que se realiza a relativa.

Gráfico 17 – Distribuição das relativas restritivas no *corpus*

Fonte: Elaborada pela autora.

As relativas restritivas mais frequentes no *corpus* são as que especificam complementos verbais (objetos) de suas cláusulas matrizes. Esses resultados assemelham-se, parcialmente, ao de línguas ergativas, segundo a “Hierarquia de Acessibilidade”²²⁴ da relativização, conforme descreve Cristofaro (2003, p. 199), em que as funções sintáticas O e S são mais acessíveis à relativização. Contudo, no santiaguense, S e A não se mostraram tão acessíveis quanto CC²²⁵, que tem uma função mais periférica na cláusula. Uma hipótese para a acessibilidade de relativização de CC pode ser pela natureza do gênero textual que compõe o *corpus*, a saber, conto, já que, nesse gênero, as especificações do tempo e espaço são importantes para a construção do cenário narrativo. Faz-se necessário, portanto, uma comparação desses resultados a outros advindos de *corpus* com gêneros textuais diferentes para verificar se essa acessibilidade de CC se mantém.

²²⁴ *Accessibility Hierarchy*.

²²⁵ Como explicado aqui, a alta frequência de relativas PS deve-se a uma única narrativa que emprega uma fórmula, diversas vezes repetida na narrativa. Por essa razão, esse resultado não evidencia uma tendência, no santiaguense, para o emprego desse tipo de relativa.

Tabela 64 – Características das cláusulas relativas

Pronome relativo ou \emptyset e função sintática que desempenha	Aspecto e polaridade do predicado das relativas							Total	%
	PFV		IPFV		PRO G	COP PRS			
	P	N	P	N		P	P		
ki [S]	16	1	8	-	3	-	-	28	12,73%
\emptyset [S]	-	1	8	-	1	-	-	10	4,55%
ki [A]	28	3	22	1	5	2	1	62	28,18%
\emptyset [A]	-	-	14	-	-	-	-	14	6,36%
ki [O]	58	-	4	-	3	-	-	65	29,55%
\emptyset [O]	-	2	-	-	-	-	-	2	0,91%
ki [CC]	12	-	5	-	1	-	-	18	8,18%
\emptyset [CC]	-	-	1	-	-	-	-	1	0,45%
\emptyset _N2 [CC]	-	1	-	-	-	-	-	1	0,45%
na undi ki [CC]	2	-	-	-	-	-	-	2	0,91%
na undi [CC]	4	-	2	-	-	-	-	6	2,73%
undi (ki) [CC]	4	-	1	-	-	-	-	5	2,27%
ki [PS]	1	-	-	-	-	-	-	1	0,45%
ki [OB]	1	-	1	-	1	-	-	3	1,36%
\emptyset _pa	2	-	-	-	-	-	-	2	0,91%
Total	128	8	66	1	14	2	1	220	100%
%	58,18	3,64	30	0,45	6,36	0,91	0,45	100	
Índice de dominância	PFV P							0,5818	
Índice inverso								0,4182	

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 64 mostra que 58,18% (130 dados) das relativas restritivas têm predicados codificados por verbos perfectivos com polaridade positiva. No entanto, considerando o índice inverso (0,4182), percebemos que a ocorrência dos demais aspectos, em especial, do imperfectivo com polaridade positiva (30%) é considerável (contra 10,38% em todo o *corpus*). Em relação à omissão do pronome relativo (relativas zero – \emptyset), os dados mostram que a tendência de omissão 13,63% (4,55% \emptyset [S] + 6,36% \emptyset [A] + 0,91% \emptyset [O] + 0,45% \emptyset [CC] + 0,45% \emptyset _N2 [CC] + 0,91% \emptyset _pa) ocorre mais quando o pronome relativo, se realizado, teria função de sujeito de verbo intransitivo [A] (6,36%). Contudo, o que nos chama atenção aqui é que, dos

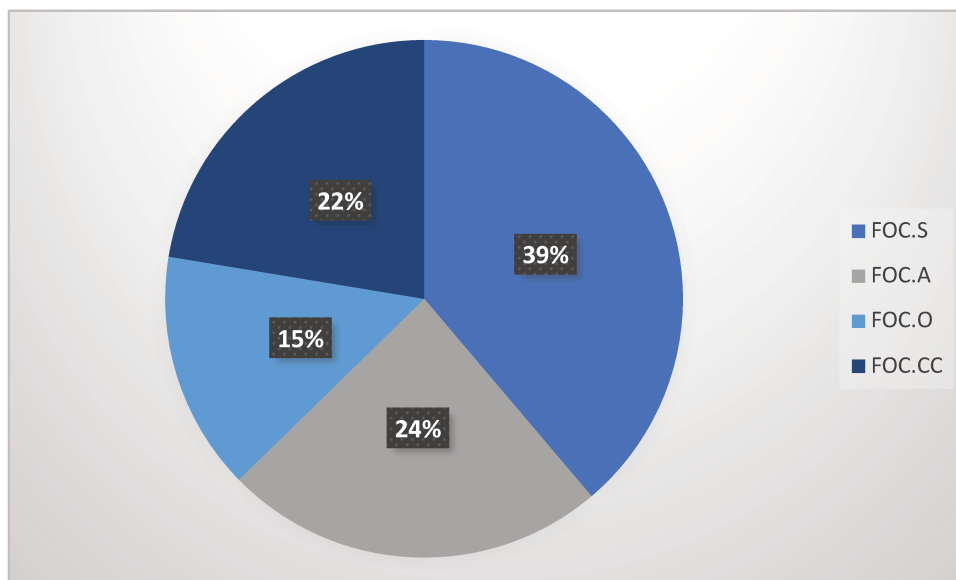
30 dados de relativas zero, 24 (=80%), se tivessem o pronome relativo realizado, exerceriam a função de sujeito. Isso mostra que essa função é bem mais acessível para a não realização do pronome relativo que as demais. Essa omissão do pronome relativo dá-se, possivelmente, por dois motivos: i) pelo fato de a relativa zero estar numa sequência de relativas em que a primeira é introduzida por pronome relativo, já que, das 30 relativas zero, 18 ocorrem em séries de relativas; ii) pelo fato de a posição canônica do sujeito ser anteposta ao predicado, permitindo que o elemento modificado seja facilmente recuperado na cláusula matriz, já que a relativa se posiciona seguida ao elemento modificado. É interessante notar que apenas o pronome relativo *ki* ‘que’ pode ser omitido, o que não ocorre com *undi* ‘onde’ e suas formas derivadas, que desempenham função circunstancial, a qual é mais rara e mais específica, corroborando os princípios funcionalista da marcação e frequência.

4.3.3.2 *Síntese das relativas de foco*

Neste capítulo também analisamos a focalização em cabo-verdiano, já que esse fenômeno se assemelha linguisticamente às cláusulas relativas restritivas e sua vinculação com os sintagmas que elas modificam²²⁶. Contudo, as cláusulas de foco são cláusulas que não especificam um termo de outra cláusula, mas o colocam em evidência na mesma cláusula. De acordo com Creissels (2006, p. 112, tradução nossa), “a focalização consiste em destacar explicitamente um constituinte que desempenha a função discursiva de foco”²²⁷, isto é, a focalização é uma estratégia discursiva para colocar em evidência um termo da cláusula. O *corpus* apresenta 67 cláusulas com elemento focalizado. Os elementos focalizados exercem a função de sujeito de verbo transitivo (S), sujeito de verbo intransitivo (A), complemento verbal (O) e complemento circunstancial (CC), como se pode ver no Gráfico 18.

²²⁶ Reconhecemos que a focalização pode se dar tanto em cláusulas subordinadas quanto coordenadas, descrevemo-las aqui apenas pela semelhança estrutural com as relativas restritivas.

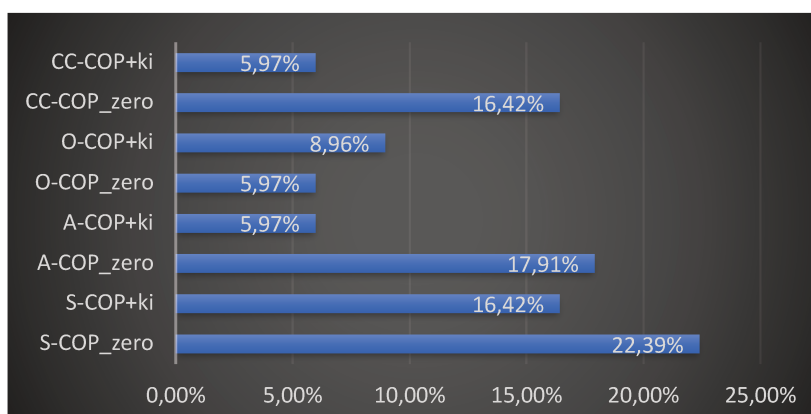
²²⁷ Original: "La *focalisation* consiste à signaler explicitement un constituant qui joue le rôle discursif de focus."

Gráfico 18 – Distribuição das relativas de foco no *corpus*

Fonte: Elaborado pela autora.

As relativas de foco mais frequentes no *corpus* são as que colocam em evidência o sujeito [S] (39%) e [A] (24%). Parece-nos que essa prioridade dada à função de sujeito advém de um perfil mais acusativo, o que corresponde ao perfil sintático do cabo-verdiano. Sobre a estrutura da relativa de foco, os resultados mostram maior tendência ($62,69\% = 16,42\% + 5,97\% + 17,91 + 22,39$) para a fórmula sem a cópula [elemento focalizado + *ki* + predicado], como se vê no Gráfico 19, a seguir. Contudo, apenas nas relativas de foco O, o emprego da fórmula de foco com cópula [COP + elemento focalizado + *ki* + predicado] é preferido (8,96% com cópula vs. 5,97% sem cópula). Possivelmente, a estrutura marcada em O se dá pelo fato de esse argumento verbal ser sintaticamente mais marcado que o sujeito, por exemplo, e, assim, é associado, frequentemente, a uma marca suplementar na focalização.

Gráfico 19 – Resultado quantitativo das estruturas de focalização



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto aos tipos de cláusulas que se realizam com focalização e às características dos predicados de tais cláusulas, veja Tabela 65.

Tabela 65 – Cláusulas com focalização

Focalização	Natureza da cláusula e características do predicado											Total	%
	JSP		EL_zero		EL_ma		PRE_ma		INS_si	INS_m a			
	P F V	IPF V	PFV		IPFV	PFV	IPFV	PFV	PRO G	PFV	PFV		
	P		P	N	p ²²⁸								
S	8	2	4	-	-	3	5	1	1	2	-	26	39
A	3	-	2	-	3	5	2	-	-	-	1	16	24
O	2	-	3	1	1	3	-	-	-	-	-	10	15
CC	11	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-	15	22
Total	24	2	12	1	4	12	7	1	1	2	1	67	100
%	36	3	18	1,49	6	18	10	1,49	1,49	3	1,49	100	
% por tipo de cláusula	39		56,47					3		1,49			
% em todo o corpus	52,2% (coordenada)		32,34% (completiva)					0,31% (insubordinada)					

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 65 mostra que o tipo de cláusula em que mais se empregam estruturas focalizadas é a completiva (56,47% da focalização), mesmo sendo a coordenada o tipo de cláusula mais frequente no *corpus* (52,2%). Isso mostra que a focalização é mais acessível em atos de fala, já que as completivas, em que ela mais se realiza, são as de elocução. Esses dados de focalização também evidenciam a preferência por estruturas menos marcadas, já que há maior ocorrência de predicados codificados por verbos perfectivos com polaridade positiva (24 + 12 + 12 + 2 + 1 + 1 = 52 dados num total de 67, ou seja 77,6% - 73,1% em todo o *corpus*). Devemos notar, também, a importância relativa do uso do aspecto imperfectivo com polaridade positiva (19% = 3% + 6% + 10%), sendo empregado com mais frequência nas cláusulas de elocução (EL_zero; EL_ma). Outro fato interessante é a baixa frequência da polaridade negativa (uma ocorrência apenas), mostrando que, de uma perspectiva pragmática, é menos natural focalizar um evento negado.

²²⁸ Não há polaridade negativa (N) nessas cláusulas com focalização.

Os resultados quantitativos da focalização, além de confirmarem maior frequência de uso de estruturas menos marcadas, apontam para um protótipo da focalização em língua cabo-verdiana, o qual focaliza prioritariamente o sujeito verbal (perfil acusativo) e é constituído sem a cópula antecedendo o elemento focalizado (COP_zero), em cláusulas completivas de elocução.

5 COORDENAÇÃO

As relações de coordenação caracterizam-se pelo fato de as cláusulas envolvidas apresentarem simetria, ou seja, terem o mesmo estatuto (HASPELMATH, 2004, p. 3). Nessa relação, as cláusulas identificam-se pela presença de força ilocucionária, quer separadamente, quer de forma partilhada (MAURI, 1981). Nessa análise, consideramos apenas as relações de coordenação entre estados de coisas, ou seja, entre cláusulas.

Em cabo-verdiano, a coordenação entre cláusulas dá-se principalmente pela justaposição, o que Haspelmath (2004, p. 4) denomina de construção coordenada assindética, seguindo a categorização tradicional. As relações que não são sintaticamente mediadas por um coordenador foram categorizadas como justapostas. Conforme Mauri (1981), categorizamos semanticamente as cláusulas coordenadas em: combinativa, contrastiva e alternativa. Além dessas, acrescentamos também a relação explicativa.

A coordenação sindética combinativa não ocorre nos dados. A relação semântica de combinação é realizada apenas em cláusulas coordenadas por justaposição. No entanto, as demais relações de coordenação podem também ser realizadas com marcadores explícitos, ou seja, de forma sindética.

Categorizamos e contabilizamos a coordenação nos diversos níveis sintáticos, isto é, tanto a coordenação entre cláusulas independentes como também entre as dependentes (subordinadas). Quando a relação de coordenação se estabelece entre cláusulas dependentes de uma outra independente, categorizamos essa coordenação como de nível dois (N2) e assim sucessivamente. No caso das relativas, a categorização do nível começa pela cláusula relativa, não importando em que nível se realiza o sintagma nominal que ela modifica.

Nesta análise, tratamos primeiramente as coordenadas por justaposição, que são as mais frequentes, e as relações semânticas que estabelecem. Em seguida, analisamos as coordenadas com marcadores explícitos. Como mencionado, esta análise inclui a coordenação entre as cláusulas dependentes, a saber, completivas, adverbiais e relativas. A coordenação, neste capítulo, é analisada nos quatro níveis da estrutura sintática (N1, N2, N3 e N4) em que ela ocorre no *corpus*.

5.1 Coordenada justaposta

As relações de coordenação em cabo-verdiano dão-se principalmente por justaposição, isto é, sem a mediação de um coordenador. Na justaposição, três das quatro

relações semânticas podem ser estabelecidas: combinação, contraste e explicação. Os dados não apresentam coordenadas justapostas em relação alternativa, mesmo sendo gramatical a justaposição em coordenação alternativa por escolha direcionada, como será visto na seção 5.2.3.

5.1.1 Análise qualitativa

Segundo Mauri (1981), as relações de combinação e contraste, diferentemente das relações de alternância, são caracterizadas pela coocorrência de dois ou mais estados de coisas. Na relação de combinação, essa coocorrência não envolve conflito, como na alternância. Portanto, as coordenadas combinativas relacionam “elementos de um todo complexo significativo, em que cada estado de coisas interage ordenadamente um com o(s) outro(s)”²²⁹ (MAURI, 1981, p. 82, tradução nossa).

5.1.1.1 Combinativa justaposta

Como mencionado, a relação de combinação no *corpus* ocorre apenas de forma assindética, sem marcadores explícitos. Nas narrativas analisadas, a coordenação combinativa é empregada primordialmente para apresentar sequência de eventos que funcionam como figura da narrativa, o que se pode ver em 236.

(236)

L1	e	átxa	kei	galinha	dentu	kaminhu,
L2	S3SG	achar.PFV	aquele	galinha	dentro	caminho
L3	[JSP 1]
L1	e	dixi	di	kabálu,	e	pánta
L2	S3SG	descer.PFV	de	cavalo	S3SG	espantar.PFV
L3	[JSP 2		[JSP 3
L1	kei	pinton,	e	tra	di	kaminhu,
L2	aquele	pinto	S3SG	tirar.PFV	de	caminho
L3	JSP 3		[JSP 4]
L1	e	bai.				
L2	S3SG	ir.PFV				
L3	[JSP 5]

Ele encontrou aquela galinha no meio da estrada, ele desceu do cavalo, espantou aquele pinto, tirou[-o] do meio da estrada [e] foi-se.

(kea_ev_narr_09_077_079)

²²⁹ Original: “Elements of a meaningful complex whole, within which each SoA orderly interacts with the other(s)” (MAURI, 1981, p. 82).

Em 236, há cinco cláusulas coordenadas justapostas. Essas cláusulas compõem eventos realizados pela personagem no desenvolvimento da narrativa. Logo, todas as cláusulas apresentam predicados codificados por verbos perfectivos, mostrando tratar-se de eventos pontuais já realizados no momento da enunciação, com polaridade positiva.

A coordenação combinativa por justaposição também pode se dar no discurso direto, quando o narrador toma a fala da personagem, o que ocorre em 237.

(237)

L1	Nau,	Lobu,	N	ka	ta	mara-u,
L2	não	Lobo	S1SG	NEG	IPFV	amarrar.PFV-O2SG
L3	[JSP 1]
L1	N	t-á	mára	nha	mai	ku
L2	S1SG	IPFV-ir	amarrar.PFV	POSS.1SG	mãe	com
L3	[EXP JSP 2]
L1	nha	pai	purmeru,	dipo(s)	N	t-en
L2	POSS.1SG	pai	primeiro	depois	S1SG	IPFV- <i>vir</i>
L3		JSP 2]	[JSP 3
L1	mara-u.					
L2	amarrar.PFV-O2SG					
L3	JSP 3]					

- Não, Lobo, eu não te amarrarei, eu vou amarrar a minha mãe e o meu pai primeiro, depois eu virei te amarrar.

(kea_ev_narr_04_053)

O exemplo 237 mostra a conversa entre o Lobo e o Xibinho, quando este inventa para o Lobo que estava para vir uma grande chuva com ventania que carrega as pessoas mais velhas para o mar. Por isso, o Lobo pede ao Xibinho que o amarre para ele não ser levado pela ventania, ao que o Xibinho responde como está nesse exemplo. Toda a fala do Xibinho é realizada por cláusulas coordenadas por justaposição com predicados codificados por verbos imperfectivos, com valor prospectivo, sendo a primeira com polaridade negativa e as demais com polaridade positiva. A fala da personagem Xibinho é composta por uma cláusula que responde negando o pedido do interlocutor Lobo, seguido de uma cláusula que é a explicação da negação do pedido, *N t-á mára nha mai ku nha pai purmeru* ‘eu vou amarrar minha mãe e meu pai primeiro’, e uma terceira cláusula que limita o caráter negativo da primeira cláusula, condicionando-o à realização do evento da segunda.

A polaridade negativa também ocorre em coordenadas justapostas que configuram eventos de figura, como se pode ver em 238.

(238)

L1	E	ka	bense,	e	ka	to
L2	S3SG	NEG	benzer.PFV	S3SG	NEG	tomar.PFV
L3	[JSP 1]	[JSP 2]
L1	bensu,	e	ka	náda,	e	bai.
L2	bênção	S3SG	NEG	nada	S3SG	ir.PFV
L3	JSP 2	[JSP 3]	JSP 4]

Ele não se benzeu, ele não tomou a bênção, ele não [fez] nada, ele foi-se.

(kea_ev_narr_09_027)

Em 238, há uma sequência de quatro eventos, sendo os quatro primeiros com polaridade negativa. A narrativa conta que três irmãos, Pedro, Paulo e Manuel, decidem ir conhecer o mundo. Esse trecho mostra o momento imediatamente anterior à saída de Paulo, o filho malcriado. Assim, Paulo é o referente do sujeito codificado por *e* ‘pronome sujeito de 3ª pessoa do singular’ presente em todas as cláusulas. As três primeiras cláusulas mostram os eventos que Paulo não realiza, por isso estão com polaridade negativa, o que difere da quarta cláusula, a única com polaridade positiva. Todas as cláusulas apresentam predicados codificados por verbos com aspecto perfectivo. A terceira coordenada, *e ka náda* ‘ele não [fez] nada’, é apredicativa, por isso a negação atua sobre o pronome indefinido *náda*, o qual parece, nessa cláusula, desempenhar uma função verbal. Essa cláusula é uma conclusão resumptiva das duas primeiras, em que o pronome indefinido *náda* ‘nada’ retoma os predicados das cláusulas anteriores de forma geral. Todos os eventos apresentam predicados codificados por verbos perfectivos, o que mostra que os eventos são pontuais e já realizados no momento da enunciação. Esses eventos têm relevância para o desenvolvimento da narrativa, pois se contrapõem às ações desencadeadas por Pedro, o filho exemplar e protagonista da história, o qual se benze e toma a bênção de sua mãe, em sua viagem para conhecer o mundo.

Nas narrativas tradicionais cabo-verdianas há sequências longas de coordenadas justapostas que interpõem cláusulas de fundo com de figura, como é o caso em 239.

(239)

L1	Kántu	ben	stádu	na	po(r)tu	si,
L2	quando	vir.PFV	estar.PFV.PASS	em	porto	assim
L3	[TEMP]
	[FUNDO]
L1	ta	sperádu	lántxa	ben,	a-si	ki
L2	IPFV	esperar.PASS	lancha	vir.PFV	TOP.assim	que
L3	[NUC / MATRIZ / JSP 1	[COMPL]	JSP 3
		FUNDO				FIGURA
L1	kei	kabálu	brinka,	brinka,	brinka,	brinka,
L2	aquele	cavalo	brincar.PFV	brincar.PFV	brincar.PFV	brincar.PFV
L3		JSP 3]	[JSP 4	[JSP 5	[JSP 6
						FIGURA

L1	brinka	ku	gentis	ki	dja	kunpánha
L2	brincar.PFV	com	peessoas	rel.S	já	acompanhar.PFV
L3	[JSP 7			
			FIGURA			
L1	minina,	brinka,	brinka,	brinka,	sima	minina
L2	menina	brincar.PFV	brincar.PFV	brincar.PFV	como	menina
L3	JSP 7]	[JSP 8]	[JSP 9]	[JSP 10]	[TEMP
			FIGURA			
L1	sai	di	ták,	asi	ki	kabálu
L2	sair.PFV	de	táxi	assim	que	cavalo
L3		TEMP] [NUC / JSP 11
			FIGURA			
L1	rabáta	minina,	bota	riba	d-el,	abri
L2	arrebatar.PFV	menina	botar.PFV	em cima	de-T3SG	abrir.PFV
L3		NUC / JSP 11]	[JSP 12] [JSP 13
			FIGURA			
L1	na	mundu,	ta	koreba	seti	légua
L2	em	mun-do	IPFV	correr	sete	légua
L3	JSP 13] [JSP 14		
			FUNDO			
L1	sen	buár	sen	kansár,	tudu	a(r)gen
L2	sem	voar	sem	cansar	tudo	peessoa
L3			JSP 14] [JSP 15
			FUNDO			FIGURA
L1	ki	stába	la	bira	ta	pega
L2	rel.S	estar.PFV.PST	lá	virar.PFV	IPFV	pegar
L3			JSP 15			
			FIGURA			
L1	si,	ta	pega	si,	pa	djobi
L2	assim	IPFV	pegar	assim	para	ver.PFV
L3			JSP 15			
			FIGURA			
L1	pa	djobi,	ka	sabi	pa	undi
L2	para	ver.PFV	NEG	saber.PFV	para	onde
L3	JSP 15] [JSP 16		
			FIGURA			
L1	dja	bai.				
L2	ACT	ir.PFV				
L3	JSP 16] [
	FIGURA					

Quando se estava no porto, esperava-se que a lancha viesse, logo naquela hora o cavalo [começou a] brincar, [e] brincou, brincou, brincou, brincou com as pessoas que acompanhavam a menina, brincou, brincou, brincou, logo que a menina saiu do táxi, o cavalo arrebatou-a e colocou-a em cima dele, foi-se embora (lit. abriu no mundo), corria sete légua sem voar, sem cansar, todos que estavam lá começaram a pegar assim, a pegar assim para ver, para ver, não sabiam para onde [a menina] foi.

(kea_ev_narr_11_262_274)

O exemplo 239 traz uma sequência de dezesseis cláusulas paratáticas, narrando o momento em que o cavalo de Pedro rouba a jovem moça com quem ele queria casar-se, mas que estava prometida em casamento para outro homem. A frase complexa inicia-se com uma adverbial de tempo seguida da sua nuclear, que é a primeira coordenada justaposta. Essa

adverbial e sua nuclear desenham o cenário onde se passam os eventos expressos nas cláusulas seguintes, por isso constituem-se em fundo. Além da primeira, a décima segunda coordenada justaposta, *ta koreba seti légua sen buár sen kansár* ‘corria sete léguas sem voar sem cansar’, também funciona como fundo da narrativa e, por essa razão, apresenta predicado codificado por verbo imperfectivo, demonstrando que o evento é durativo. As demais cláusulas coordenadas por justaposição mostram eventos que fazem parte do desenvolvimento da narrativa, ou seja, são figuras, e têm todos os predicados codificados por verbos perfectivos, evidenciando que os eventos são pontuais e já concluídos no momento da enunciação. Essa sequência longa se dá pela repetição da cláusula *brinka* ‘brincou’, que, mesmo sendo empregada com aspecto perfectivo, tem um efeito durativo pela estratégia da repetição. As cláusulas 2 a 14 partilham o mesmo referente sujeito, a saber, ‘o cavalo de Pedro’. Esse sujeito é expresso linguisticamente apenas nas cláusulas 3 e 11. A sua re-expressão na cláusula 11 pode dar-se pelo fato de ela ser antecedida por uma adverbial temporal, que se interpõe à justaposição das coordenadas. As cláusulas 15 e 16 também partilham o mesmo referente sujeito, |as pessoas que estavam no porto|, codificado pelo sintagma *tudu a(r)gen* ‘todos’. Esse sujeito só se realiza na cláusula 15. Essa partilha de argumento evidencia o vínculo desses eventos que se organizam de forma cronológica para mostrar o desenrolar da narrativa.

Um outro exemplo que também mostra uma sequência longa de coordenadas justapostas configurando figura da narrativa está em 240.

(240)

L1	Muieri	fasi	ses	armusu,	po	kueiu
L2	mulher.PL	fazer.PFV	POSS.3PL	almoço	pôr.PFV	coelho
L3	[JSP 1]	[JSP 2
L1	p-á	txom-(es),	da	kuei	ku	po
L2	para-ir.PFV	chamar.PFV	dar.PFV	coelho	com	pau
L3	JSP 2]	[JSP 3]]
L1	kueiu	kóri,	á	kusinha,	e	bá
L2	coelho	correr.PFV	ir.PFV	cozinha	S3SG	ir.PFV
L3	[CTR JSP 4]	[JSP 5]
L1	kusinha,	e	da	ku	po,	kueiu
L2	cozinha	S3SG	dar.PFV	com	pau	coelho
L3	JSP 6]	[JSP 7]	[CTR JSP 8
L1	kóri	ben	dentu,	e	da	ku
L2	correr.PFV	vir.PFV	dentro	S3SG	dar.PFV	com
L3	CTR JSP 8]	[JSP 9]	[JSP 10
L1	po,	kóri,	bá	kusinha,	dj-e(s)	sai
L2	pau	correr.PFV	ir.PFV	cozinha	ACT-S3PL	sair.PFV
L3	JSP 10	[CTR JSP 11]	[JSP 12
L1	es	txoma	omi	ma	k-á...	ma
L2	S3PL	chamar.PFV	homem	que	NEG-...	que
L3	[JSP 14]	[INS]

L1	kueiu	k-áta	bai.
L2	coelho	NEG-PROG	ir
L3		INS]

As mulheres fizeram seus [dos maridos] almoços, [uma delas] pôs o coelho para os ir chamar, bateu no coelho com pau, o coelho correu, foi para a cozinha, ela foi para a cozinha, bateu com o pau, o coelho correu foi para dentro, ela bateu no coelho com pau, [ele] correu [e] foi para a cozinha, elas saíram, chamaram o homem [e disseram que] o coelho não estava indo.

(kea_ev_narr_10_107_115)

O exemplo 240 faz parte da narrativa sobre um homem, considerado doido por seus amigos, o qual os engana diversas vezes e leva vantagem sobre eles. Esse trecho narra o momento em que as mulheres dos amigos enganados tentam fazer com que um coelho vá chamá-los para almoçar. Esse exemplo é formado por 14 cláusulas coordenadas em justaposição e uma subordinada²³⁰, ou seja, uma cláusula independente, mesmo apresentando características linguísticas de dependência. Todos os predicados, exceto o da subordinada, são codificados por verbos perfectivos, evidenciando eventos pontuais e concluídos, o que é comum quando se trata de eventos de figura da narrativa. A subordinada, distintamente, apresenta predicado codificado por verbo com aspecto progressivo, o que mostra que o evento é durativo, tendo ancoragem na esfera temporal dos predicados das cláusulas precedentes. Essa cláusula também pode ser interpretada como completiva do predicado da cláusula que a precede. Contudo, manteremos aqui sua categorização como subordinada, já que, pelo contexto, ela parece atuar mais como figura da narrativa do que como fundo. As três primeiras coordenadas, assim como a sexta, a sétima, a décima e a décima terceira, partilham o mesmo referente sujeito, a saber, ‘as mulheres dos amigos enganados’. Esse sujeito é linguisticamente expresso nas cláusulas 1, pelo sintagma nominal *muieri* ‘as mulheres’, nas cláusulas 6, 7 e 10, pelo pronome sujeito singular de terceira pessoa, *e*, e nas cláusulas 13 e 14, pelo pronome sujeito plural de terceira pessoa *es*. Aqui percebe-se que a locutora usa o singular quando o sujeito é agente de ações que recaem sobre o coelho, evidenciando que apenas uma das mulheres desencadeia a ação, e, nos demais casos, como fazer o almoço e chamar os maridos, recorre ao plural, mostrando que os eventos foram realizados pelas duas mulheres. As coordenadas 4, 5, 8, 9, 11 e 12 também partilham o mesmo referente sujeito, ‘o coelho’, o qual é expresso linguisticamente pelo sintagma nominal *kuei* ‘o coelho’ apenas nas cláusulas 4 e 8, não sendo retomado expressamente na cláusula 11, mesmo sendo esta afastada da 8, última cláusula em que esse sujeito é realizado. Isso mostra que a estratégia da repetição dos eventos,

²³⁰ Sobre a subordinada, ver capítulo seis.

isto é, a mulher bater no coelho com pau e o coelho correr, leva o ouvinte a criar uma imagem mental da cena e, assim, já pode identificar que a ação de correr é desencadeada pelo coelho, não sendo necessário expressar linguisticamente o sujeito²³¹.

Na coordenação, o aspecto imperfectivo é prototípico dos eventos que configuram o fundo da narrativa, assim como o perfectivo dos eventos que se referem à figura. Como exemplo disso, temos 241.

(241)

L1	Nton	omi	tudu	dia	ta	á
L2	então	homem	tudo	dia	IPFV	ir
L3	[JSP 1		
				FUNDO		
L1	trabádju	la	mátu,	ta	bá	mátu
L2	trabalho	lá	mato	IPFV	ir	mato
L3		JSP 1]	[JSP 2
				FUNDO		
L1	ti	noti	ta	txiga	kása,	e
L2	até	noite	IPFV	chegar	casa	S3SG
L3	JSP 2]	[JSP 3]
				FUNDO		[
						JSP 4
]
						[
						FIGURA
L1	bai	ku	si	maxin,	e	mula,
L2	ir.PFV	com	POSS.3SG	catana	S3SG	amolar.PFV
L3			JSP 4]	[
					JSP 5]
						FIGURA
L1	mula,	mula	maxin,	e	mula	maxin
L2	amolar.PFV	amolar.PFV	catana	S3SG	amolar.PFV	catana
L3	[JSP 6]	[JSP 7]
						FIGURA
L1	e	bá	kása	mósa,	e	fla
L2	S3SG	ir.PFV	casa	moça	S3SG	dizer.PFV
L3	[JSP 9]	[JSP 10 / MATRIZ
						FIGURA
L1	mósa:	a-nhori	n-undi	pai	di	nhori?
L2	moça	T2PL	em-onde.estar	pai	de	T2PL
L3	JSP 10 / MATRIZ]	[VOC]	[COMPL
						FIGURA

Então o homem todo dia ia ao trabalho lá no mato, ia ao mato até à noite, [então] chegava em casa, ele foi com seu facção, ele amolou, amolou, amolou o facção, ele amolou o facção [e] foi para a casa da moça, ele perguntou à moça: onde [está] o pai de vocês?

(kea_ev_narr_01_133_135)

O exemplo 241 é composto por dez cláusulas coordenadas justapostas, sendo a última também matriz de elocução encaixando uma completiva. As cláusulas 1 a 3 configuram-se como fundo da narrativa e, por essa razão, têm predicados codificados por verbos

²³¹ Sobre sujeito pronominal no cabo-verdiano, ver Rodríguez-Riccelli (2019; 2021).

imperfectivos, com valor habitual. As demais coordenadas referem-se à figura da narrativa e, dessa forma, apresentam predicados codificados por verbos perfectivos, o que demonstra que os eventos são pontuais e já concluídos no momento da enunciação. Todas as cláusulas partilham o mesmo referente sujeito, a saber, ‘o homem’. Contudo, nas coordenadas que se referem ao fundo da narrativa, esse sujeito só é expresso linguisticamente na primeira cláusula; já nas coordenadas de figura, o sujeito só não é realizado nas cláusulas 6 e 7, as quais são repetição da cláusula 5. As demais coordenadas de figura têm o sujeito retomado pelo pronome sujeito de terceira pessoa do singular *e*. A não expressão linguística do sujeito nas coordenadas de fundo que seguem a primeira, bem como a sua retomada pelo pronome sujeito *e* nas coordenadas de figura, concatenado à configuração do aspecto verbal, demonstram que há uma vinculação mais estreita entre as cláusulas do bloco de fundo e as cláusulas do bloco de figura, paralelamente. No entanto, é possível também ver o aspecto imperfectivo indicando figura em cláusulas coordenadas, como se vê em 242.

(242)

L1	E	purgunta	tudu	algen	kántu	k-e	
L2	S3SG	perguntar.PFV	tudo	pessoa	quanto	que-S3SG	
L3	[JSP 1 / MATRIZ]	[COMPL
L1	debi,	ta	fla-l	tántu	ki	debe-m,	
L2	dever.PFV	IPFV	dizer-O3SG	tanto	REL.O	dever.PFV-O1SG	
L3	COMPL]	JSP 2]]
L1	e	pága.	matriz]	[
L2	S3SG	pagar.PFV]	[
L3	[JSP 3]	[CREL .O

Ele perguntou a todos quanto que ele devia, [cada pessoa] dizia-lhe o tanto que ele lhe devia [e] ele pagava.

(kea_ev_narr_01_122)

O exemplo 242 faz parte da narrativa em que Pedro e seus irmãos saem para conhecer o mundo. No caminho, Pedro encontra um cadáver sendo açoitado em cada porta que passava. Ele foi informado que aquilo se dava porque o morto deixou dívidas a essas pessoas que o estavam açoitando. Esse exemplo é constituído por três coordenadas justapostas, sendo a primeira também matriz de elocução de uma completiva. A primeira (*e purgunta tudu algen* ‘ele perguntou a todos’) e a terceira (*e pága* ‘ele pagava’) coordenadas apresentam predicados codificados por verbos perfectivos, demonstrando que os eventos são pontuais e concluídos no momento da enunciação. Além disso, elas partilham o mesmo referente, o qual é expresso em ambas as cláusulas pelo pronome sujeito de terceira pessoa *e*. A segunda coordenada (*ta fla-l kántu ki debe-m* ‘dizia-lhe o tanto que lhe devia’) tem predicado codificado por verbo

imperfectivo, indicando que o evento é durativo e não tem sujeito expresso, mas partilha o referente do sujeito com o referente do complemento verbal da coordenada 1. Essa cláusula não pode ser considerada como fundo, já que expressa um evento de sequência do desenvolvimento da narrativa, e não de cenário ou de informação adjuvante. O aspecto imperfectivo aqui é uma estratégia textual da locutora para mostrar que cada pessoa a quem Pedro perguntou quanto devia falou-lhe o valor da dívida, isto é, esse evento específico não é pontual, já que foram várias pessoas que falaram quanto o cadáver lhe devia, o que dá ao marcador “*ta*”, nesse contexto, um valor distributivo.

Em se tratando de cláusulas justapostas, nem sempre é fácil categorizá-las, já que os dispositivos para sua análise não são discretos. Por essa razão, Quint (2008) observa que há uma certa dificuldade em interpretar certas relações por justaposição como coordenadas ou subordinadas. Como foi visto na análise dos outros tipos de cláusulas no santiaguense, todas elas podem ocorrer sem a mediação de um conector segmental, que denominamos de conector zero (\emptyset). Essa carência do conector, em alguns casos, torna difícil delimitar a categorização da cláusula, como atesta 243, que mostra um trecho narrado anteriormente a 242.

(243)

L1	E	bai,	e	bai,	e	txiga
L2	S3SG	ir.PFV	S3SG	ir.PFV	S3SG	chegar.PFV
L3	[JSP 1]	[JSP 2]
L1	na	kei	sidádi,	e	átxa	ta
L2	em	aquele	cidade	S3SG	achar.PFV	IPFV
L3		JSP 3]	[JSP 4]
L1	jugádu,	e	átxa	un	kadábra,	kada
L2	jogar.PASS	S3SG	achar.PFV	um	cadáver	cada
L3	JSP 4]	[JSP 5]	[JSP 6
L1	pórta	ki	bai	ta	dádu	un
L2	porta	que	ir.PFV	IPFV	dar.PASS	um
L3			JSP 6			
L1	posáda.					
L2	Paulada					
L3	JSP 6]				

Ele foi, ele foi, chegou naquela cidade, encontrou pessoas jogando, encontrou um cadáver, em cada porta que ia davam-[lhe] uma paulada.

(kea_ev_narr_01_112_116)

Em 243, há seis cláusulas coordenadas justapostas. Todas se referem à figura da narrativa. As cinco primeiras apresentam predicados codificados por verbos perfectivos, evidenciando tratar-se de eventos pontuais e concluídos no momento da enunciação. Essas cláusulas também partilham o mesmo referente sujeito, ‘Pedro’, o qual é expresso linguisticamente em todas elas pelo pronome sujeito de terceira pessoa do singular *e*. No

entanto, a sexta coordenada, a saber, *kada pórtá ki bai ta dádu un posáda* ‘em cada porta que ia davam[-lhe] uma paulada’, apresenta-se de forma distinta das demais, já que encaixa uma relativa de complemento circunstancial, tem predicado codificado por verbo imperfeito na voz passiva e não partilha o referente sujeito das demais, mas o referente do complemento verbal da coordenada que lhe precede. Essas características, principalmente, a partilha de referente entre o complemento verbal da coordenada 5 e seu sujeito fazem com que essa sexta cláusula se assemelhe a uma relativa, modificando o complemento verbal da coordenada 5. Para decidir entre categorizá-la como coordenada ou relativa, precisamos recorrer à tipologia de Cristofaro (2003) que distingue as cláusulas subordinadas pela carência de força ilocucionária, o que não se dá na cláusula 6. Por essa razão, mesmo com essas características distintas das demais coordenadas, ela foi categorizada como coordenada justaposta configurando também figura da narrativa. O emprego do aspecto imperfeito (com valor habitual distributivo) explica-se pelo fato da implícita repetição do evento que envolve o açoitamento do cadáver em cada porta que passava.

Nas narrativas tradicionais cabo-verdianas, é comum empregar a repetição do predicado como estratégia para acentuar a ação ou mostrar sua continuidade, como mostram 244, 245 e 246.

(244)

L1	Txiga,	sima	ta	intxi	bindi,	bindi
L2	chegar.PFV	quando	IPFV	encher	binde	binde
L3	[JSP 1]	[TEMP] [NUC/ JSP 2
				FUNDO		
L1	ta	seka,	ta	intxi	bindi,	bindi
L2	IPFV	secar	IPFV	encher	binde	binde
L3	NUC / JSP 2] [JSP 3] [JSP 4
				FUNDO		
L1	ta	seka,	ta	intxi	bindi,	bindi
L2	IPFV	secar	IPFV	encher	binde	binde
L3	JSP 4] [JSP 5] [JSP 6
				FUNDO		
L1	ta	seka,	a-la	dj-e...	Pedru	ku
L2	IPFV	secar	acolá	ACT-S3SG...	Pedro	com
L3	JSP 6] [JSP 7		
] [FIGURA		
L1	Pálu,	Manei	i...	Pedru	dja	tra
L2	Paulo	Manuel	HST	Pedro	ACT	tirar.PFV
L3				JSP 7		
				FIGURA		
L1	tudu	si	armunsi	ki...	k-e	teni
L2	tudo	POSS.3SG	irmão.PL	que...	que-S3SG	ter.PFV
L3				JSP 7		
				FIGURA		

L1	gua(r)dádu	tudu,	ia	tra	kabálu	dja
L2	guardado	tudo	ACT	tirar.PFV	cavalo	ACT
L3	JSP 7] [JSP 8] [JSP 9
FIGURA						
L1	poi	di	pa	diánti,	dja	bá
L2	pôr.PFV	de	para	frente	ACT	ir.PFV
L3		JSP 9] [JSP 10 / MATRIZ	
FIGURA						
L1	ta	bai.				
L2	IPFV	ir				
L3	[COMPL]			
FIGURA						

[A feiticeira] chegou, no momento que enchia o binde (lit.apenas enchia o binde), o binde secava-se, enchia o binde, o binde secava-se, enchia o binde, o binde secava-se, acolá Pedro, Paulo e Manuel... Pedro já tinha tirado (lit. tirou) todos os seus irmãos que ela tinha guardado, já tirou o cavalo e colocou-[o] para frente, já foi indo.

(kea_ev_narr_09_111)

(245)

L1	Anton	kántu	e	bai,	e	txiga,
L2	então	quando	S3SG	ir.PFV	S3SG	chegar.PFV
L3	[TEMP]	[NUC / JSP 1
L1	e	pánha	águ,	e	pánha	águ,
L2	S3SG	apanhar.PFV	água	S3SG	apanhar	água
L3	[JSP 2]	[JSP 3]
L1	e	pánha	águ,	e	pánha	águ,
L2	S3SG	apanhar.PFV	água	S3SG	apanhar.PFV	água
L3	[JSP 4]	[JSP 5]
L1	e	raporta	ma	bindi	é	fradu.
L2	S3SG	lembrar-se.PFV	que	binde	ser.PRS	furado
L3	[JSP 6 / MATRIZ]		COMPL]

Então quando ela [a feiticeira] foi, ela chegou, ela pegou água, pegou água, pegou água, pegou água, lembrou-se que o binde é furado.

(kea_ev_narr_12_226)

(246)

L1	Es	bai,	es	bai,	es	bai,
L2	S3PL	ir.PFV	S3PL	ir.PFV	S3PL	ir.PFV
L3	[JSP 1]	[JSP 2]
L1	es	bai,	es	átxa	go	un
L2	S3PL	ir.PFV	S3PL	achar.PFV	agora	um
L3	[JSP 4]	[JSP 5]
L1	labáda	d-águ	korenti,	Lobu	fla	Xibinhu
L2	rego	de-água	corrente	Lobo	dizer.PFV	Xibinho
L3		JSP 5]	[JSP 6 / MATRIZ]
L1	p-es	bebi	mel,	p-es	mixa	na
L2	para-S3PL	beber.PFV	mel	para-S3PL	mijar.PFV	em
L3	[COMPL 1]	[COMPL 2]
		JSP 1_N2			JSP 2_N2	
L1	garáfa	p-es	leba	Nho(r)	Des.	
L2	garrafa	para S3PL	levar.PFV	Senhor	Deus	
L3	COMPL 2]	[COMPL 3]		
	JSP 2_N2]	[JSP 3_N2]		

Eles foram, foram, foram, foram, encontraram um rego de água corrente, Lobo disse ao Xibinho para eles beberem o mel, para mijarem dentro da garrafa para levarem ao Senhor Deus.

(kea_ev_narr_06_020_034)

Em 244, a frase complexa é formada por dez cláusulas coordenadas por justaposição, sendo a segunda também nuclear de uma adverbial temporal e a décima, matriz de uma completiva. Os predicados da adverbial temporal, *ta intxi bindi* ‘enche o binde’, e sua nuclear, *bindi ta seka* ‘o binde seca’, são repetidos nas coordenadas que as seguem por duas vezes. A repetição desses eventos, não mais com a mesma estrutura original, ou seja, uma adverbial temporal com sua nuclear, mas como coordenadas justapostas, funciona como um intensificador do evento e passa implicitamente uma imagem de exaustão do referente do sujeito agente, resultante da repetição do evento. A duratividade desses eventos é, ainda, ressaltada pelo aspecto verbal de seus predicados, os quais são codificados por verbos imperfectivos. Além disso, essas cláusulas configuram o fundo da narrativa, enquanto as demais funcionam como figura da narrativa e, por isso, apresentam predicados codificados por verbos perfectivos.

O exemplo 245 faz parte de uma narrativa sinótica à narrativa em que se encontra 244. Formado por seis cláusulas coordenadas justapostas que também funcionam como figura da narrativa e por isso apresentam predicados codificados por verbos perfectivos. Esse exemplo emprega a repetição da segunda coordenada por justaposição (*e pánha águ* ‘ele pegou água’) por três vezes. Tal repetição, assim como em 244, serve para indicar a intensificação da ação e também leva o ouvinte a construir uma imagem mental de cansaço da personagem que é referente do sujeito desse predicado que se repete.

Em 246, a repetição é empregada para mostrar a continuidade do evento, mesmo com predicados codificados por verbos com aspecto perfectivo, o que mostra que tais eventos já foram realizados no momento da enunciação. Contudo, o perfectivo também indica pontualidade da ação, por isso a repetição anula, de certa forma, essa característica, mostrando que se trata de um evento com uma certa duratividade. O exemplo 246 é formado por seis cláusulas coordenadas justapostas, sendo que a sexta é também matriz de manipulação encaixando três completivas. Todos os predicados são codificados por verbos perfectivos, já que funcionam como figura da narrativa.

5.1.1.2 Explicativa justaposta

A coordenação explicativa caracteriza-se por estabelecer uma relação entre dois estados de coisas, em que um deles é a explicação para o outro. Há alguns estudiosos que incluem esse tipo de cláusula entre as adverbiais. Decidimos incluí-las entre as coordenadas por considerar, seguindo a definição de Mauri (1981), que essa relação envolve estados de coisas com perfis autônomos e trata-se de cláusulas carregadas de alguma força ilocucionária. Essa relação ocorre no *corpus* também por justaposição, como se vê no exemplo 247.

(247)

L1	Xibinhu,	mara-m	purmeru,	mi	é	bu	tiu	
L2	Xibinhu	amarar.IMP-OISG	primeiro	T1SG	ser.PRS	POSS.2SG	tio	
L3	[JSP 1]	[JSP 2]

Xibinhu, amarre-me primeiro, eu sou teu tio.

(kea_ev_narr_04_053)

O exemplo 247 é a interlocação do Lobo à fala do Xibinhu em 247, que pede para ser amarrado primeiro por Xibinhu. O ato de fala do Lobo é formado por duas cláusulas coordenadas justapostas, em que a primeira se configura no pedido do Lobo, e por essa razão é formada pelo vocativo *Xibinhu* ‘Xibinhu’, seguido da cláusula *mara-m purmeru* ‘amarre-me primeiro’, que apresenta predicado codificado por verbo no imperativo. A segunda cláusula, *mi é bu tiu* ‘eu sou seu tio’, é a explicação usada pelo personagem para fazer o pedido. Logo, como Xibinhu diz-lhe que não o amarraria naquele momento, porque tinha que ir amarrar seus pais primeiro, o Lobo usa o argumento do parentesco para tentar convencer Xibinhu a amarrá-lo já. No exemplo 247, a explicação dá-se à negação do pedido, já no exemplo 248, a explicação resulta de um ato de fala diretivo com predicado codificado por verbo no imperativo.

(248)

L1	a	Bokáji...	i...	rai	ka	nha	
L2		HST		rei	NEG	senhora	
L3				[JSP 1		
L1	fadiga	ku	el,	dja	nha	sabi	
L2	fadigar.IMP	com	T3SG	ACT	senhora	saber.PFV	
L3		JSP 1		[EXP JSP 2 / MATRIZ]
L1	ma	el	e	ten	bariga	lárgu [...]	
L2	que	T3SG	S3SG	ter.PFV	barriga	largo	
L3	[[TOP]		COMPL]	

Bocage... e...[sobre] o rei, a senhora não se fadigue com isso, [porque] a senhora sabe que ele é ganancioso.

(kea_ev_narr_03_203_205)

O exemplo 248 faz parte da narrativa que conta a história entre Bocage e o rei. Como o rei não gostava de Bocage, mandou jogá-lo no fundo do mar para que ele morresse

afofado. Porém, Bocage conseguiu se livrar dessa sentença e enganou o rei, fazendo-o pensar que ele conseguiu riquezas no fundo do mar. O rei pediu a Bocage que o levasse lá no fundo do mar para ele buscar riquezas também, ao que Bocage atendeu prontamente. A rainha, preocupada com a demora do rei em voltar do fundo do mar com as tais riquezas, pergunta a Bocage o porquê da demora do retorno de seu marido. O exemplo 248 é a resposta de Bocage à rainha. A primeira coordenada justaposta é o conselho de Bocage à rainha diante de sua preocupação, e a segunda coordenada traz a explicação para tal conselho. Essa construção justaposta com relação semântica de explicação de um ato de fala diretivo ocorre em três dados do total de quatro ocorrências de explicativa justaposta em nível um (N1). O baixo número de dados de explicativas justapostas em nível um (N1) não nos permite concluir se há uma tendência à justaposição nesse tipo de estrutura.

5.1.1.3 Contrastiva justaposta

A relação de coordenação por contraste envolve dois estados de coisas que coocorrem, fazendo surgir um conflito. Esse conflito dá-se na medida em que o falante quer que o ouvinte assuma que há coocorrência entre os dois estados de coisas, contudo a assertividade de ambos causa algum tipo de surpresa, já que não seria esperado que isso acontecesse (MAURI, 1981, p. 120-121). Essa relação sem marcador explícito pode ser vista no exemplo 240, que repetimos aqui.

(240)

L1	Muieri	fasi	ses	armusu,	po	kueiu
L2	mulher.PL	fazer.PFV	POSS.3PL	almoço	pôr.PFV	coelho
L3	[JSP 1]	[JSP 2
L1	p-á	txom-(es),	da	kuei	ku	po
L2	para-ir.PFV	chamar.PFV	dar.PFV	coelho	com	pau
L3	JSP 2]	[JSP 3]]
L1	kueiu	kóri,	á	kusinha,	e	bá
L2	coelho	correr.PFV	ir.PFV	cozinha	S3SG	ir.PFV
L3	[CTR_JSP 4]	[JSP 5]
L1	kusinha,	e	da	ku	po,	kueiu
L2	cozinha	S3SG	dar.PFV	com	pau	coelho
L3	JSP 6]	[JSP 7]	[CTR_JSP 8
L1	kóri	ben	dentu,	e	da	ku
L2	correr.PFV	vir.PFV	dentro	S3SG	dar.PFV	com
L3	CTR_JSP 8	[JSP 9]	[JSP 10
L1	po,	kóri,	bá	kusinha,	dj-e(s)	sai
L2	pau	correr.PFV	ir.PFV	cozinha	ACT-S3PL	sair.PFV
L3	JSP 10	[CTR_JSP 11]	[JSP 13
L1	es	txoma	omi	ma	k-á...	ma
L2	S3PL	chamar.PFV	homem	que	NEG-...	que

L3	[JSP 14]	[INS]
L1	kueiu	k-áta		bai.				
L2	coelho	NEG-PROG		ir				
L3		INS						

As mulheres fizeram seus [dos maridos] almoços, [uma delas] pôs o coelho para os ir chamar, bateu no coelho com pau, o coelho correu, foi para a cozinha, ela foi para a cozinha, bateu com o pau, o coelho correu foi para dentro, ela bateu no coelho com pau, [ele] correu [e] foi para a cozinha, elas saíram, chamaram o homem [e disseram que] o coelho não estava indo.

(kea_ev_narr_10_107_113)

A relação semântica de contraste dá-se entre as cláusulas 3 e 4, 7 e 8, 10 e 11, em que a expectativa gerada pelo estado de coisas de a mulher bater no coelho com o pau é quebrada pelo estado de coisas que segue, a saber, o coelho correr sem ir chamar os maridos, como as mulheres queriam. Essa relação dá-se apenas pelo contexto, sem marcadores explícitos, como também ocorre em 249.

(249)

L1	[...] e	txiga	na		un	sidádi,	e
L2	S3SG	chegar.PFV	em		um	cidade	S3SG
L3	[JSP 1] [JSP 2/MATRIZ
L1	átxa	ta	djugádu,	e	juga,	e	
L2	achar.PFV	IPFV	jogar.PFV.PASSA	S3SG	jogar.PFV	S3SG	
L3	[COMPL]	[JSP 3]
L1	juga,	dinheru	kába,	e	bendedu	kabálu,	
L2	jogar.PFV	dinheiro	acabar.PFV	S3SG	vender.PFV.PASS	cavalo	
L3	JSP 4]	[CTR JSP 5]	[JSP 6]
L1	e	bendi	kabálu,	dinheru	kába.		
L2	S3SG	vender.PFV	cavalo	dinheiro	acabar.PFV		
L3	[JSP 7]	[CTR JSP 8]

Ele chegou em uma cidade, encontrou pessoas jogando, ele jogou, jogou, [mas] o dinheiro acabou, venderam-lhe o cavalo, ele vendeu o cavalo, [mas] o dinheiro acabou.

(kea_ev_narr_01_033)

O exemplo 249 conta as ações de um dos irmãos de Pedro, ao sair de casa para ir conhecer o mundo. Como essa personagem preferiu que sua mãe lhe desse apenas comida e não lhe abençoasse, ele não teve sucesso em sua caminhada. O exemplo é formado por oito cláusulas coordenadas por justaposição, sendo que as cláusulas cinco (CTR_JSP 5) e oito (CTR_JSP 8) estabelecem uma relação de contraste com as cláusulas que as precedem. Na primeira relação de contraste, o conflito dá-se pela coocorrência dos estados de coisas |jogar| e |dinheiro acabar|, visto que o ato de jogar cria a expectativa de se ganhar dinheiro. Na segunda relação de contraste, é a coocorrência de |vender o cavalo| e |dinheiro acabar|. Esse contraste é

ainda confirmado na narrativa, em trecho posterior, em que o narrador conta que essa personagem foi colocada na cadeia. A relação de constraste, nesse exemplo, é puramente lógico-semântica, o que não podemos dizer de 250,²³² em que a polaridade atua no estabelecimento da relação contrastiva.

(250)

L1	E	fla	m-e	ta	bai,	si
L2	S3SG	dizer.PFV	que-S3SG	IPFV	ir	POSS.3SG
L3	[JSP 1 / MATRIZ]	[COMPL]
L1	mai	fla-l	p-e	ka	bai,	e
L2	mãe	dizer.PFV- O3SG	para-S3SG	NEG	ir.PFV	S3SG
L3		JSP 2 / MATRIZ]	[COMPL]
						[CTR_JSP 3/ MATRIZ
L1	fla	m-e	ta	bai.		
L2	dizer.PFV	que-S3SG	IPFV	ir		
L3	CTR_JSP 3/MATRIZ]	[COMPL]		

Ele [Pedro] disse que iria, sua mãe disse-lhe para ele não ir, [mas] ele disse que iria.

(kea_ev_narr_01_058_060)

Em 250, a relação constrastiva dá-se entre a cláusula coordenada justaposta dois (JSP 2 / MATRIZ) e três (CTR_JSP 3 / MATRIZ). O conflito estabelece-se entre o ato manipulativo da mãe, aconselhando Pedro a não ir em busca de seus irmãos, que saíram para conhecer o mundo, e o ato de fala de Pedro declarando que iria, ao contrário do conselho de sua mãe, à procura dos irmãos. As duas cláusulas coordenadas subordinam uma completiva de eloução cada uma. O contraste é evidenciado pela coocorrência da polaridade negativa na completiva da primeira coordenada/matriz, *p-e ka bai* ‘para ele não ir’, e da polaridade positiva na completiva da segunda coordenada/matriz, *m-e ta bai* ‘que ele iria’.

5.1.1.4 Coordenação justaposta entre subordinadas

A coordenação por justaposição também se dá em outros níveis da estrutura sintática, sendo empregada entre as cláusulas subordinadas (completivas, relativas, adverbiais e pseudoinsubordinadas). Em 246, que retomamos aqui, as completivas de manipulação estão em relação de coordenação por justaposição em nível dois (N2).

²³² Os exemplos 250 e 251 fazem parte da mesma narrativa.

(246)

L1	Es	bai,	es	bai,	es	bai,
L2	S3PL	ir.PFV	S3PL	ir.PFV	S3PL	ir.PFV
L3	[JSP 1]	[JSP 2]
L1	es	bai,	es	átxa	go	un
L2	S3PL	ir.PFV	S3PL	achar.PFV	agora	um
L3	[JSP 4]	[JSP 5]
L1	labáda	d-águ	korenti,	Lobu	fla	Xibinhu
L2	rego	de-água	corrente	Lobo	dizer.PFV	Xibinho
L3	[JSP 5]	[JSP 6 / MATRIZ]
L1	p-es	bebi	mel,	p-es	mixa	na
L2	para-S3PL	beber.PFV	mel	para-S3PL	mijar.PFV	em
L3	[COMPL 1]	[COMPL 2]
	[JSP 1 N2]	[JSP 2 N2]
L1	garáfa	p-es	leba	Nho(r)	Des.	
L2	garrafa	para S3PL	levar.PFV	Senhor	Deus	
L3	COMPL 2]	[COMPL 3]		
	JSP 2 N2]	[JSP 3 N2]		

Eles foram, foram, foram, foram, encontraram um rego de água corrente, Lobo disse ao Xibinho para eles beberem o mel, para mijarem dentro da garrafa para levarem ao Senhor Deus.

(kea_ev_narr_06_022_034)

Em 246, os eventos dependentes têm todos predicados codificados por verbos perfectivos, evidenciando tratar-se de eventos pontuais, ou até não finitos, e partilham o mesmo referente do sujeito, que está expresso em todas as completivas. A justaposição das cláusulas completivas, nesse exemplo, mostra uma sequência de ações com realização cronologicamente coordenada, ou seja, primeiro deveria dar-se a realização da completiva 1, em seguida, a completiva 2 e, por fim, realizar-se-ia a completiva 3.

Os dados também mostram coordenação por justaposição em nível (N2) entre cláusulas adverbiais, relativas e pseudoinsubordinadas, como mostram os exemplos 251, 252 e 253.

(251)

L1	Kántu	e...	ta	sela,	e	sela
L2	quando	S3SG	IPFV	selar	S3SG	selar.PFV
L3	[TEMP 1]	[TEMP 2
	[JSP 1 N2]	[JSP 2 N2
L1	si	kabálu,	k-e	ta	da	rinkáda,
L2	POSS.3SG	cavalo	que-S3SG	IPFV	dar	arrancada
L3	TEMP 2]	[TEMP 3]]
	JSP 2 N2]	[JSP 3 N2]]
L1	e...	si	mai	fla-i	s-e	kre
L2	S3SG.HST	POSS.3SG	mãe	dizer.PFV-O3SG	se-S3SG	querer.PFV
L3	[NUC / MATRIZ]	[COMPL

L1	benson	o	dinheru.
L2	bênção	ou	dinheiro
L3	COMPL]

Quando ele... sela, ele selou o seu cavalo, que ele estava para arrancar, e... sua mãe perguntou-lhe se ele queria bênção ou dinheiro.

(kea_ev_narr_01_025)

(252)

L1	Nton	sinhor	Bokáji	dentu	sáku	obi
L2	então	senhor	Bocage	dentro	saco	ouvir.PFV
L3	[JSP 1			
L1	kel	barú	obi	kel	algen	ta
L2	aquele	barulho	ouvir.PFV	aquele	pessoa	IPFV
L3	JSP 1]	[JSP 2		
			[matriz]	[CREL.O1
						[JSP 1 N2
L1	ben,	ta	papia	ta...	kuza	ki
L2	vir	IPFV	falar	IPFV...	coisar	REL.S
L3			JSP 2			
	CREL.O 1]	[CREL.O 2]	[CREL.O 3]	[
	JSP 1 N2]	[JSP 2 N2]	[JSP 3 N2]	[
L1	sata	djáta	ses	limária:	Flána	ben
L2	PROG	gritar	POSS.3PL	animal	Fulana	vir.IMP
L3			JSP 2			
			CREL.O 4			
			JSP 4 N2			
L1	pa	li.				
L2	para	aqui				
L3	JSP 3]				
	CREL.O 4]				
	JSP 4 N2]				

Então o senhor Bocage de dentro do saco ouviu aquele barulho, ouviu aquela pessoa [que] vinha, [que] falava, [que] coisava... que estava gritando com seus animais: Fulana, vem para cá.

(kea_ev_narr_03_072_074)

(253)

L1	E	fla...	E	fika	inda...	E
L2	S3SG	dizer.PFV...	S3SG	ficar.PFV	ainda...	S3SG
L3	[JSP 1]	JSP 2]	[JSP 3/MATRIZ
L1	ka	fla	é	kuzé,	e	fla
L2	NEG	dizer.PFV	COP.PRS	o quê	S3SG	dizer.PFV
L3	JSP 3/MATRIZ]	[COMPL]	[JSP 4
L1	s...	só	ta	fla:	ma	N
L2	HST	só	IPFV	dizer.PFV	que	S1SG
L3	[JSP 5/MATRIZ]]	[
						COMPL 1/INS
						JSP 1 N2
L1	ka	kre,	ma	N	ka	kre,
L2	NEG	querer.PFV	que	S1SG	NEG	querer
L3	COMPL 1/INS]	[COMPL 2/INS]]
	JSP 1 N2]	[JSP 2 N2]]
L1	mi	N	ka	kre.		
L2	T1SG	S1SG	NEG	querer		
L3	[COMPL 3]		
	[JSP 3 N2]		

Ele disse... ele ficou ainda... Ele não disse o que era, ele disse s... ficou só falando: [eu disse] que eu não quero, que eu não quero, eu não quero.

(kea_ev_narr_03_094_096)

Em 251, a coordenação em nível dois (N2) dá-se entre as três adverbiais de tempo, a saber, *kántu e... ta sela, e sela si kabálu, k-e ta da rinkáda* ‘quando ele sela, ele selou seu cavalo, que ele arranca’. As temporais 1 e 3 apresentam predicados codificados por verbos imperfectivos, e todas partilham o mesmo referente sujeito, que é realizado nas três cláusulas. Apenas a segunda adverbial não é introduzida pela conjunção de tempo e tem predicado codificado por verbo perfectivo, o que ocorre pelo fato de ela ser uma reformulação da primeira. A conjunção temporal *kántu* ‘quando’ que introduz a primeira adverbial indica tempo passado (em oposição à conjunção temporal *óki* ‘quando’, que tem valores de futuro ou habitual). Assim, a reformulação da primeira temporal pela segunda ajusta o aspecto do predicado em relação à indicação de tempo da conjunção empregada. A conjunção *kántu* ‘quando’ é retomada na terceira temporal pela conjunção neutra *ki* ‘que’, coocorrendo com o aspecto imperfectivo, o que mostra ser um evento durativo e, assim, evidencia a sobreposição deste em relação ao evento nuclear. A justaposição aqui também indica que os eventos têm realização de forma sequencialmente cronológica, o que mostra o princípio funcionalista da iconicidade sendo aplicado nessa frase complexa.

Em 252, a coordenação assindética dá-se entre as cláusulas relativas *ta ben* ‘[que] vem’, *ta papia* ‘[que] fala’, *ta kuza...* ‘[que] coisa’ e *ki sata djáta ses limária: Flána ben pa li* ‘que está gritando com seus animais: Fulana vem para cá’, a qual modifica o complemento verbal, codificado pelo sintagma nominal *kel algen* ‘aquela pessoa’, da segunda cláusula coordenada por justaposição em nível um (N1). As três primeiras relativas não são introduzidas por pronome relativo (relativas zero – \emptyset), que se realiza apenas na quarta relativa com função de sujeito da cláusula. Além disso, essas três cláusulas apresentam predicados codificados por verbos com aspecto imperfectivo, com valor progressivo; já a quarta tem predicado codificado por verbo com marca de aspecto progressivo.

O exemplo 253 mostra a relação de coordenação por justaposição entre pseudoinsubordinadas²³³. Essa frase complexa é formada por cinco cláusulas coordenadas justapostas em nível um (N1), em que a terceira e a quinta são também matrizes de elocução encaixando, respectivamente, uma e três completivas, sendo duas delas pseudoinsubordinadas. As cláusulas pseudoinsubordinadas, *ma N ka kre* ‘que eu não quero’ e *ma N ka kre* ‘que eu não

²³³ Sobre as cláusulas pseudoinsubordinadas, ver seção 6.2.

quero’, e a completiva, *mi Nka kre* ‘eu não quero’, estão em relação coordenativa em nível dois (N2) da estrutura sintática. As duas últimas cláusulas são repetições da primeira com função discursiva de acentuar o primeiro ato de fala. Essa reiteração com função intensificadora é, ainda, evidenciada pelo emprego do pronome tônico *mi* ‘pronome tônico de 1ª pessoa do singular’ na terceira cláusula (completiva). Essas cláusulas apresentam predicado codificado por verbo forte com aspecto perfectivo e polaridade negativa, além de partilharem o mesmo referente do sujeito entre si e com as demais coordenadas do nível um (N1), o qual é realizado em todas as cláusulas, tanto em N1 quanto em N2.

A coordenação assindética também se dá no nível três (N3) da estrutura sintática tanto entre completivas como entre adverbiais, como se pode ver em 254 e 255.

(254)

L1	I...	makáku	fla-l	si:	más	bé	
L2	HST	macao	dizer.PFV- O3SG	assim	mas	então	
L3	[MATRIZ]	[COMPL PSINS 1
L1	Lobu,	a-bo	pa-u	fla-m	pa	N	
L2	Lobo	T2SG	para-S2SG	dizer.PFV- O1SG	para	S1SG	
L3		COMPL PSINS 1 [MATRIZ_N2]			[COMPL 1_N2 JSP 1 N3	
L1	larga-u,	ma-u	ten	seti	día	ku	
L2	largar.PFV- O2SG	que-S2SG	ter.PFV	sete	dia	com	
L3	COMPL 1_N2] JSP 1 N3]	[COMPL PSINS 1		COMPL 2_N2 JSP 2 N3		
L1	fomi	ku	sedi,	ma	náda	(b)u	
L2	fome	com	sede	que	nada	S2SG	
L3		COMPL 2_N2 JSP 2 N3]	[COMPL PSINS 1	COMPL 3_N2 JSP 3 N3	
L1	ka	kumi,	pa	N	larga-u,	pa	
L2	NEG	comer.PFV	para	S1SG	largar.PFV- O2SG	para	
L3		COMPL 3_N2 JSP 3 N3]	[COMPL PSINS 1	COMPL 4_N2 JSP 4 N3	
L1	u	á	(b)uska	kumida	pa	u	
L2	S2SG	ir.PFV	buscar.PFV	comida	para	S2SG	
L3		COMPL 4_N2 JSP 4 N3]	[COMPL PSINS 2		
L1	nguli-m?						
L2	engolir.PFV-O1SG						
L3	PSINS 2]						

I... O macaco disse-lhe: mas então, Lobo, você me diz para eu o largar, que você tem sete dias com fome e com sede, que não comeu nada, para eu o largar, para você ir buscar comida, [e] [é] para você vir engolir-me?

(kea_ev_narr_04_095_099)

(255)

L1	E	fla:	buru,	batáta	ki	N
L2	S3SG	dizer.PFV	burro	batata	REL.O	S1SG
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1	NUC_N2
L1	tinha	lisin	di...	pa	N	bá
L2	ter.PFV.PST	bem aqui	de...	para	S1SG	ir.PFV
L3			COMPL 1			
		NUC_N2]	[PROP 1_N2	
				[JSP 1_N3	
L1	ku	ei,	pa	N	bá	guá(r)da
L2	com	T3SG	para	S1SG	ir.PFV	guardar.PFV
L3			COMPL 1			
	PROP 1_N2]	[PROP 2_N2]
	JSP 1_N3]	[JSP 2_N3]
L1	pa	nu	kusia,	pa	nu	kumi,
L2	para	S1PL	cozinhar.PFV	para	S1PL	comer.PFV
L3			COMPL 1			
	[PROP 3_N2]	[PROP 4_N2]
	[JSP 3_N3]	[JSP 4_N3]
L1	buru	dja	kánba	na	txon	ki
L2	burro	já	entrar.PFV	em	chão	que
L3	[COMPL 2			
	[NUC_N2]
						[CONSQ_N2/NUC_N3
L1	pa	má(s)	N	puxa	ka	ta
L2	por	mais	S1SG	puxar.PFV	NEG	IPFV
L3			COMPL 2			
	[CONSQ_N2			
	[CONC N3]
						NUC N3
L1	sai,	djuda-m	puxa,	Lobu.		
L2	sair	ajudar.IMP	puxar.PFV	Lobo		
L3	COMPL 2	[COMPL 3]		
]					
	CONSQ_N2]					
	NUC_N3]					

Ele disse: burro a batata que eu tinha bem aqui de... para eu levá-la para eu ir guardar para nós cozinarmos para comermos, o burro já entrou no chão que, por mais que eu puxe, não sai, ajuda-me a puxar, Lobo.

(kea_ev_narr_04_153_157)

O exemplo 254 é formado por uma matriz de elocução encaixando duas pseudoinsubordinadas em discurso direto, sendo que a primeira é também matriz de elocução e manipulação de nível dois (N2) encaixando quatro completivas, igualmente de nível dois (N2), em discurso indireto. A primeira (*pa N larga-u* ‘para eu o largar’) e a quarta (*pa N larga-u, pa u á (b)uska kumida* ‘para eu o largar para você ir buscar comida’) completivas de nível dois (N2) são resultados de manipulação e, por isso, são introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’, já a segunda (*ma-u ten seti dia ku fomi ku sedi* ‘que você tem sete dias com fome e com sede’) e a terceira (*ma náda (b)u ka kumi* ‘que não comeu nada’) são atos de fala advindos do verbo de elocução do predicado matriz de nível dois (N2), sendo introduzidas pelo

complementizador *ma* ‘que’. Tanto os atos de manipulação quanto os atos de fala são controlados pelo mesmo verbo *fla* ‘dizer’. Como se trata de cláusulas justapostas em nível dois (N2), a coordenação entre elas se dá no terceiro nível da estrutura sintática (N3). Os predicados dessas completivas são codificados por verbos perfectivos. É interessante notar a relação semântica estabelecida entre essas completivas, em que a segunda completiva *ma-u ten seti dia ku fomi ku sedi* ‘que você tem sete dias com fome e sede’ constitui-se na explicação para o ato de manipulação expresso na primeira completiva, *pa N larga-u* ‘para eu te largar’, e a terceira, *ma náda (b)u ka kumi* ‘que você não comeu nada’, é também explicativa em relação à segunda. Já a quarta completiva é uma repetição da primeira como estratégia de enfatizar o ato manipulativo.

Em 255, há uma matriz de elocução encaixando duas completivas em discurso direto. A primeira completiva é nuclear em nível dois (N2) de quatro adverbiais de propósito, semelhantemente em nível dois (N2), a saber: 1. *pa N bá ku ei* ‘para eu levá-la’; 2. *pa N bá guá(r)da* ‘para eu ir guardar’; 3. *pa nu kusia* ‘para nós cozinhar’; e 4. *pa nu kumi* ‘para nós comer’. Essas adverbiais, por sua vez, estão em relação de coordenação por justaposição em nível três (N3), visto que todas elas dependem da mesma nuclear. As adverbiais em N2 são todas introduzidas pela conjunção prototípica de propósito *pa* ‘para’ e apresentam predicados codificados por verbos perfectivos, ou até mesmo em algum grau não finito. A relação semântica estabelecida entre elas é de combinação.

5.1.2 Análise quantitativa

A coordenação justaposta no *corpus*, que é consituído por contos tradicionais, ocorre com um alto percentual com relação semântica de combinação, como mostram as tabelas 66, 67 e 68.

Tabela 66 – Coordenada por justaposição em nível um (N1)

Relação Semântica	Características do Predicado											Total	%
	PFV		IPFV		PROG	IMP		COP PRS		SV_zero			
	P	N	P	N	P	P	N	P	N	P	N		
COMB	1.688	58	92	14	4	14	2	38	3	24	6	1943	97,39
CTR	37	6	3	-	-	-	-	2	-	-	-	48	2,41
EXP	3		1	-	-	-	-	-	-	-	-	4	0,20
Total	1.728	64	96	14	4	14	2	40	3	24	6	1995	100
%	86,62	3,21	4,81	0,70	0,20	0,70	0,10	2,01	0,15	1,20	0,30	100	
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA	PFV P											0,8662	
ÍNDICE INVERSO												0,1338	
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA	COMB											0,9739	
ÍNDICE INVERSO												0,0261	

Fonte: Elaborada pela autora.

O *corpus* apresenta 1995 cláusulas em coordenação justaposta no nível um (N1) da estrutura sintática (Tabela 66). A grande maioria (97,39%) estabelece relação de combinação, o que é esperado em se tratando do tipo de texto que constitui o *corpus*, visto que as narrativas não são caracterizadas pelo emprego de argumentação, o que justificaria uma maior frequência nas contrastivas e explicativas. Os resultados também mostram uma tendência, no santiaguense, pelo menos no gênero conto tradicional, de narrar os eventos ocorridos na esfera do passado com uma perspectiva completa das ações que desencadeiam a narrativa, não sendo recorrente, portanto, o emprego de um presente histórico, como ocorre na língua portuguesa, o que explica provavelmente a dominância do aspecto perfectivo (86,62%).

Tabela 67 – Coordenada por justaposição em nível dois (N2)

Relação Semântica	Tipo de cláusula	Características do Predicado										Total	%
		PFV		IPFV		PROG	IMP		COP PRS		SV_zero		
		P	N	P	N	P	P	N	P	N	P		
COMB	COMPL	178	33	104	37	13	102	8	12	3	13	503	80,87
	ADV	64	-	5	-	1	-	-	-	-	-	70	11,25
	PSINS	16	9	2	2	-	-	-	-	-	-	29	4,66
CTR	COMPL	4	6	-	2	-	-	-	-	-	-	12	1,93
EXP	COMPL	3	1	2	-	2	-	-	-	-	-	8	1,29
Total		265	49	113	41	16	102	8	12	3	13	622	100
%		42,60	7,88	18,17	6,59	2,57	16,40	1,29	1,93	0,48	2,09	100	
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA							PFV P					0,426	
ÍNDICE INVERSO												0,574	
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA							COMB entre COMPL					0,8087	
ÍNDICE INVERSO												0,1913	

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 67, vemos que a relação de combinação é também a que mais ocorre (96,78% = [80,87% + 11,25% + 4,66%]). Quanto às características dos predicados das coordenadas em nível dois (N2), os resultados mostram-se diferentes dos vistos no nível um (N1). Como atesta o índice inverso (0,574), os predicados codificados por elementos marcados ocorrem mais que os codificados por verbo com aspecto perfectivo e polaridade positiva. Temos que destacar também que a relação coordenativa em N2 se dá mais entre completivas (84,09% = [80,87% + 1,93% + 1,29%]), que entre adverbiais ou pseudoinsubordinadas, isso deve-se ao fato de a amostra de completivas ser bastante maior que dos outros tipos de cláusulas (completivas = 1249 dados; adverbiais = 365 dados; relativas = 220 dados; pseudoinsubordinadas = 34 dados). Vale notar também o número de ocorrências do aspecto imperfectivo com polaridade positiva (18,17% contra 10,38% em todo o *corpus*) e do imperativo positivo (16,4% contra 4,53% em todo o *corpus*), nesse nível, na coordenação. Essa frequência do aspecto imperfectivo e do imperativo ocorre devido às cláusulas completivas que estão em relação de coordenação, em nível dois (N2), serem completivas de elocução em discurso direto, o que dá flexibilidade para a atuação desse aspecto e do imperativo, sendo a única forma em que esse modo pode ocorrer em contos. Vale ressaltar também que os demais tipos de relação semântica (contraste e explicação) só ocorrem entre cláusulas completivas, em N2.

A Tabela 68, que mostra as coordenadas em nível três (N3) da estrutura sintática, traz resultados distintos no que diz respeito ao tipo de cláusula com maior frequência de uso em coordenação.

Tabela 68 – Coordenada por justaposição em nível três (N3)

Relação Semântica	Tipo de cláusula	Características do Predicado							Total	%
		PFV		IPF V	IM P	COP PRS		SV_zero		
		P	N	P	P	P	N	P		
COMB	COMPL	22	4	4	8	2	1	1	42	46,15
	ADV	37	5	6	-	-	-	-	48	52,75
	PSINS	1	-	-	-	-	-	-	1	1,10
	Total	60	9	10	8	2	1	1	91	100
	%	65,9	9,8	10,9	8,7	2,2	1,1	1,10	100	
		3	9	9	9	0	0			
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA		PFV P							0,6593	
ÍNDICE INVERSO									0,3407	
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA		COMB entre COMPL							0,5275	
ÍNDICE INVERSO									0,4725	

Fonte: Elaborada pela autora.

No nível três (N3), a coordenação justaposta se estabelece apenas com sentido de combinação nos dados. Nota-se o número bastante alto de ocorrência da polaridade negativa no aspecto perfectivo (9,89% contra 4,07% em todo o *corpus*) e do imperativo (8,79% contra 4,82% em todo o *corpus*), o que se dá por razões semelhantes às observadas no nível dois (N2), ou seja, as cláusulas em coordenação dependem, em sua maioria, de completivas de elocução em discurso direto²³⁴, no nível dois (N2). Já em relação ao tipo de cláusula em coordenação, a maior frequência de coordenadas justapostas dá-se com cláusulas adverbiais. Como em nível dois (N2), a coordenação ocorre mais entre as completivas que se realizam no primeiro nível (por isso têm a coordenação no segundo nível), no nível três (N3), são as adverbiais, realizadas no nível dois (N2), que dependem dessas completivas que estão em relação de coordenação em maior frequência.

Há apenas uma narrativa nos dados que apresenta coordenação no nível quatro (N4) da estrutura sintática, como mostra a Tabela 69.

²³⁴ Ver análise quantitativa das completivas de elocução na seção 4.2.1.1.2.

Tabela 69 – Coordenada por justaposição em nível quatro (N4)

Relação Semântica	Tipo de cláusula	PFV	COP	SV_zero	TOTAL
		P			
COMB	COMPL	7	3	1	11

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 69 mostra que, em N4, a coordenação por justaposição dá-se apenas entre cláusulas completivas e com relação semântica de combinação.

5.2 Coordenada com marcador explícito

Apesar de não ser tão frequente quanto a coordenação por justaposição, a coordenação com marcadores explícitos também ocorre nos contos tradicionais do santiaguense. Os coordenadores que se realizam nos dados são: *purké* (~*porké*), *pamodi* (~*pamo*, *po*) ‘porque’ e *ke* ‘que’ para as explicativas; *más* (~*má*) ‘mas’ para as contrastivas e *o* ‘ou’ para as alternativas.

5.2.1 Coordenada explicativa

A relação semântica de explicação entre as coordenadas com marcadores explícitos também ocorre em dois níveis da estrutura sintática, como mostraremos nas seções que seguem.

5.2.1.1 Análise qualitativa do nível um (N1)

No santiaguense, os coordenadores que medeiam a relação explicativa são: *purké* (*parké*, *porké*) ‘porque’, *pamodi* (*pamo*, *po*) ‘porque’ e *ke* ‘que’, como se pode ver nos exemplos 256, 257 e 258.

(256)

L1	Nha	tiu,	a-nho	nu	ta	bai,
L2	POSS.1SG	tio	TRT.2SG	S1PL	IPFV	ir
L3	[VOC]	[]	[VOC]	[]	JSP 1	[]
L1	más	é	óki	guárda	dja	bai,
L2	COORD.CTR	ser.PRS	quando	guarda	ACT	ir.PFV
L3	[CTR 2 / NUC]	[]	[]	[]	TEMP	[]
L1	nu	ta	bai,	nu	ta	ben,
L2	S1PL	IPFV	ir	S1PL	IPFV	vir
L3	[]	JSP 3	[]	[]	JSP 4 / NUC	[]
L1	ántis	guárda	torna	ben,	pamo	guárda
L2	antes	guarda	tornar.PFV	vir.PFV	COORD.EXP	guarda

L3	[TEMP]	[EXP 5]
L1	t-á	ká,	ta	torna	ben.			
L2	IPFV-ir	casa	IPFV	tornar	vir.PFV			
L3	EXP 5			JSP 6				

Meu tio, nós iremos, mas é quando o guarda já tiver ido, nós iremos [e] voltaremos, antes do guarda retornar, porque o guarda vai à casa [e] retorna.

(kea_ev_narr_05_058_064)

(257)

L1	Kába	pása	pa	prinséza,	spóra	txuki,
L2	acabar.PFV	passar.PFV	para	princesa	espora	picar.IMP
L3	[JSP 1]		JSP 2		JSP 3	
L1	mandukinhu	zápu,	spóra	txuki,	mandukinhu	zápu,
L2	pau	ONOM	espora	picar.IMP	pau	ONOM
L3	[JSP 4]		JSP 5		JSP 6/NUC	
L1	ti	ki	móri	tudu	gó,	dja
L2	até	que	morrer.PFV	tudo	agora	ACT
L3			TEMP			[JSP 7]
L1	Lobu	ben	rikisi,	po(r)ké	dja	e
L2	Lobo	vir.PFV	enriquecer.PFV	COORD.EXP	ACT	S3SG
L3		JSP 7			EXP 8 / MATRIZ	
L1	bá	fíka	ku	tudu	rikésa	Nho(r)
L2	ir.PFV	ficar.PFV	com	tudo	riqueza	Senhor
L3	EXP 8/MATRIZ]			COMPL		
L1	De(s).					
L2	Deus					
L3	COMPL					

Acabou, passou para a princesa, espora pica, pau zapu, espora pica, pau zapo, espora pica, pau zapo, até que morreram todos [e] o Lobo enriqueceu, porque ele ficou com toda a riqueza de Deus.

(kea_ev_narr_05_256_258)

(258)

L1	Si	familia(s)	dja	txora	pa(r)ké	Xibinh...
L2	POSS.3SG	familia.PL	ACT	chorar.PFV	COORD.EXP	Xibinh...
L3		JSP 1				EXP 2
L1	i...	Lobu	dja	móri,	dja	ten
L2	HST	Lobo	ACT	morrer.PFV	ACT	ter.PFV
L3		EXP 2			JSP 3	
L1	kántu	diâ	ta	txora,	parké	Lobu
L2	quanto	dia	IPFV	chorar	COORD.EXP	Lobo
L3		JSP 3				EXP 4
L1	ka	ten.				
L2	NEG	ter.PFV				
L3	EXP 4					

Sua família chorou, porque Xibinh... i... o Lobo morreu, já tem muitos dias chorando, porque o Lobo não existe mais.

(kea_ev_narr_08_209_211)

O exemplo 256 é um ato de fala da personagem Xibinho em discurso direto, formado inicialmente por dois vocativos, seguidos de seis cláusulas coordenadas, sendo que a segunda e a quarta são também nucleares de cláusulas adverbiais de tempo. A primeira e a

segunda coordenadas estabelecem uma relação de contraste entre si. A terceira coordenada está justaposta e é uma retomada da primeira, já que a repete integralmente. A quarta coordenada também está justaposta e mantém uma relação de combinação com a anterior. As duas últimas coordenadas (EXP 5 e JSP 6), *pamo guárda t-á ká, ta torna ben* ‘porque o guarda vai para casa [e] retorna’, estabelecem semanticamente uma relação de explicação para o estado de coisas da quarta coordenada (JSP 4), *nu ta ben* ‘nós viremos’, ou seja, Xibinho e Lobo deveriam retornar antes de o guarda vir, porque o guarda habitualmente vai para casa e retorna. As três últimas coordenadas que estabelecem entre si essa relação de explicação apresentam predicados codificados por verbos imperfectivos, indicando sentido prospectivo, na quarta, e habitual, na quinta e na sexta. É interessante notar que, mesmo que tanto a coordenada cinco quanto a coordenada justaposta seis carreguem semanticamente a explicação para a coordenada justaposta quatro, o coordenador *pamo* ‘porque’ introduz apenas a cláusula cinco. Como as cláusulas cinco e seis mantêm entre si uma relação de combinação, podemos dizer que o coordenador explicativo atua sobre as duas cláusulas.

Em 257, a frase complexa é formada por oito cláusulas coordenadas, sendo que a última é também matriz encaixando uma completiva. Apenas a oitava cláusula tem marcador de coordenação, o coordenador *po(r)ké* ‘porque’, todas as demais estão justapostas. Esse exemplo narra como Lobo consegue matar a filha do rei, a quem ele também já havia matado, com uma espora e um pau mágicos que Deus lhe havia dado. Ao seu comando, essa espora picava uma pessoa e o pau a açoitava. Assim, as coordenadas desse exemplo constituem-se em figuras da narrativa, por isso, com exceção das coordenadas três a seis, as quais são atos de fala do Lobo, as demais têm predicados codificados por verbos perfectivos. A coordenada sete (JSP 7) tem a função semântica de conclusão das cláusulas anteriores, e a oito (EXP 8) é a explicação para a sétima, por isso é introduzida pelo coordenador.

Em 258, há duas coordenadas com marcadores de explicação. Esse exemplo é formado por quatro cláusulas coordenadas, sendo duas justapostas e duas com marcadores explícitos de coordenação. Podemos dividir essas cláusulas em dois grupos, sendo o segundo uma reformulação do primeiro. Logo, o primeiro grupo engloba as cláusulas um e dois, e o segundo, as cláusulas três e quatro. Em ambos os grupos a explicação para o choro da família do Lobo é a sua morte, que no grupo de reformulação é expressa como sua não existência. Todos os predicados são codificados por verbos perfectivos, indicando eventos pontuais já concluídos no momento da enunciação.

5.2.1.2 Análise qualitativa do nível dois (N2)

Os dados mostram coordenadas explicativas também em nível dois (N2) da estrutura sintática entre completivas de elocução tanto em discurso direto, como se pode ver em 259, como em discurso indireto, como atestam 260 e 261.

(259)

L1	Obidu,	obidu,	fládu:	nhos	pára	pilon,
L2	ouvir.PFV.PASS	ouvir.PFV.PASS	dizer.PFV.PASS	S2PL	parar.IMP	pilão
L3	[JSP 1]	[JSP 2]	[JSP 3/MATRIZ]	[COMPL 1]
				[JSP 1 N2]
L1	pamo	ia	ben	un	mudjer	kantadêra
L2	COORD.EXP	ACT	vir.PFV	um	mulher	cantadeira
L3		[COMPL 2		
				EXP 2 N2		
L1	ki	ta	ben,	ta	dju...	ta
L2	REL.A	IPFV	vir	IPFV	HST	IPFV
L3			COMPL 2			
			EXP 2_N2			
	[CREL.A 1]	[CREL.A 2
	[JSP 1 N2]	[JSP 2 N2
L1	dju...	ta	djudá-nu	ku	kantiga.	
L2	HST	IPFV	ajudar.PFV-O1PL	com	cantiga	
L3			COMPL 2]
			EXP 2_N2]
			CREL.A 2			
			JSP 2 N2]

Ouviram, ouviram, disseram: parem o pilão, porque já veio uma mulher cantadeira, que vem aju... aju... ajudar-nos com a cantiga.

(kea_ev_narr_07_102_106)

(260)

L1	E	fla	nau,	m-e	ka	ta
L2	S1SG	dizer.PFV	não	que-S3SG	NEG	IPFV
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]
				[JSP 1 N2]
L1	bai,	pamodi	ma	el	é	el
L2	ir	COORD.EXP	que	T3SG	COP	T3SG
L3	COMPL 1]		[COMPL 2		
	JSP 1 N2]			EXP 2 N2		
L1	ku	kel	bitxu,	m-e	ka	ta
L2	com	aquele	bicho	que-S3SG	NEG	IPFV
L3		COMPL 2]	[COMPL 3]
		EXP 2_N2]	[JSP 3_N2]
L1	lárğa	si	bitxu,	porké	ma	si
L2	largar	POSS.3SG	bicho	COORD.EXP	que	POSS.3SG
L3		COMPL 3]		[COMPL 4
		JSP 3_N2]	[EXP 4_N2	
						[NUC N2
L1	bitxu	kii...	ki	tene-l	sima	e
L2	bicho		rel.S	ter.PFV-O3SG	como	S3SG
L3				COMPL 4		
				EXP 4_N2		
		NUC N2]	COMPAR N2

L1	sta	la.	
L2	estar.PFV	lá	
L3	COMPL 4]
	EXP 4_N2]
	COMPAR_N2]

Ela disse não, que ela não vai, porque ela sempre esteve com aquele bicho (lit. que ela, ela é ela com aquele bicho), que ela não larga seu bicho [é] que... que a tem como ela está lá.

(kea_ev_narr_02_112_114)

(261)

L1	Nton	si	mai	fla	nau	ma
L2	então	POSS.3SG	mãe	dizer.PFV	não	que
L3	[MATRIZ / JSP 1]	COMPL 1
						JSP 1_N2
L1	ei	gó	p-e	ka	bai,	purké
L2	T3SG	agora	para-S3SG	NEG	ir.PFV	COORD.EXP
L3			COMPL 1]
			JSP 1_N2]
L1	ma	do	dja	bai	ka	ben,
L2	que	dois	ACT	ir.PFV	NEG	vir
L3	[COMPL 2]	COMPL 3
			EXP 2_N2]	JSP 3_N2
L1	ma	e	ka...	e	fla	m-e
L2	que	S3SG	NEG.HST	S3SG	dizer.PFV	que-S3SG
L3	[TCD]	MATRIZ / JSP 2]
						COMPL
L1	ta	bai.				
L2	IPFV	ir				
L3	COMPL					

Então sua mãe disse-lhe não que ele não fosse, porque dois já foram [mas] não voltaram, que ele não... [mas] ele disse que ele iria.

(kea_ev_narr_01_058)

O exemplo 259 é formado por três cláusulas coordenadas justapostas, em que a terceira é matriz de elocução, encaixando duas completivas em discurso direto. A primeira completiva, *nhos pára pilon* ‘parem o pilão’, tem predicado codificado por verbo imperativo, já a segunda, *pamo ia ben un mudjer kantadêra ki ta ben ta dju.. ta dju... ta djudá-nu ku kantiga* ‘porque já veio uma mulher cantadeira que vem aju.. aju... ajudar-nos com a cantiga’, por verbo perfectivo. A relação de explicação aqui se estabelece no nível dois (N2) da estrutura sintática, pois as cláusulas envolvidas na coordenação são dependentes de uma outra cláusula em nível um (N1). A completiva 2 é, portanto, a explicação ou justificativa para o comando dado na completiva 1.

Em 260 e 261, essa relação de explicação se estabelece também entre completivas, mas em discurso indireto. 260 é formado por uma matriz de elocução encaixando quatro completivas. Esse trecho faz parte de uma narrativa de uma menina que tinha sido prometida para se casar com um príncipe e por isso foi maltratada por sua madrinha, pois ela queria que a

filha dela se tornasse a princesa. A menina foi jogada no mar pela madrinha e resgatada por um bicho marítimo que a tratou como filha. Nesse contexto, a segunda completiva, introduzida pelo coordenador *pamodi* ‘porque’, explica o conteúdo da primeira, ou seja, o motivo pelo qual a menina se recusa a ser levada novamente ao palácio para ser casada com o príncipe. A segunda completiva, portanto, mostra que a justificativa para essa recusa era o fato de ela não querer se separar do bicho (*pamodi ma el é el ku kel bitxu* ‘porque ela é ela com aquele bicho’), já que ele era a única pessoa que ela tinha desde que foi jogada ao mar. A terceira cláusula completiva em relação de coordenação no nível dois (N2) reafirma a recusa da menina em sair e deixar o bicho, ao que a quarta completiva, introduzida pelo coordenador *porké* ‘porque’, acrescenta a explicação de que sua recusa se dá pelo fato de ela estar bem por causa do tratamento que o bicho lhe deu. As coordenadas um e três, em nível dois (N2), têm predicados codificados por verbos imperfectivos, com sentido habitual, já as cláusulas coordenadas dois e quatro, em nível dois (N2), têm, respectivamente, predicados codificados pela cópula na forma presente e por verbo forte (*teni* ‘ter’) sem marca aspectual segmental, o que indica uma ancoragem presente. As coordenadas que declaram a vontade da menina apresentam predicado com polaridade negativa, já as que têm caráter explicativo estão com predicados com polaridade positiva. Vale ressaltar que todas as completivas são introduzidas pelo complementizador prototípico das completivas de elocução em discurso indireto *ma* ‘que’, até mesmo as cláusulas que estão em relação de coordenação explicativa com marcador explícito. Isso evidencia que a vinculação de complementação se dá em um nível distinto da relação de coordenação e, por isso, não há impedimento para a atuação dos dois tipos de conectores.

Em 261, a coordenação explicativa com marcador explícito em nível dois (N2) entre completivas em discurso indireto também se dá com a atuação dos complementizadores no nível um (N1). Nesse exemplo, há duas cláusulas em relação de coordenação em justaposição, estabelecendo uma relação semântica de contraste. Essas coordenadas também são matrizes encaixando completivas. A primeira coordenada em nível um (N1), que é matriz de elocução e manipulação, encaixa três completivas (1. *p-e ka bai* ‘para ele não ir’; 2. *ma do dja bai* ‘que dois já foram’; 3. *ka ben* ‘não voltaram’), sendo a primeira resultado de manipulação (por isso introduzida pelo complementizador *pa* ‘para’) e as demais, atos de fala (introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’). Os atos de fala constituem-se na explicação para o resultado da manipulação expresso na primeira cláusula, ou seja, a mãe aconselha Pedro (referente do sujeito da completiva um) a não ir, pois os seus dois irmãos foram, mas não voltaram. Aqui o sentido explicativo dá-se pelas duas cláusulas completivas de elocução, a saber, *porké do dja bai ka ben* ‘porque dois já foram [e] não voltaram’, já que as duas estão em relação de contraste sem

marcador explícito. Essa estrutura relacionando predicados codificados pelos verbos *bai* e *ben* [ACT + *bai* + NEG + *ben*] sem marcadores explícitos da relação e com compartilhamento de sujeito é bastante comum em cabo-verdiano. Contudo, como foi observado no capítulo dedicado à complementação, não podemos considerá-la como uma serialização verbal, já que a negação não atua no grupo de predicados, mas apenas no predicado da segunda cláusula dessa relação. Assim, consideramos essa estrutura como coordenação justaposta com sentido de contraste. Todos os predicados envolvidos nessas completivas em coordenação em nível dois (N2) são codificados por verbos perfectivos.

A coordenação explicativa com marcador explícito também ocorre entre as adverbiais, como mostra 262.

(262)

L1	Sima	nhu	rai	kontenti	pu(r)ké	rikéza
L2	como	senhor	rei	alegrar-se.PFV	COORD.EXP	riqueza
L3	[CAUSA 1]		[CAUSA 2
	[JSP 1 N2]	[EXP_N2
L1	dj-e	ruma	na	káza,	é	si
L2	ACT-S3SG	arrumar.PFV	em	casa	COP.PRS	assim
L3		CAUSA 2]	[NUC / JSP 1
		EXP_N2]		
L1	ki	mandukinhu	da-i	zan	m...	Lobu
L2	rel.CC	pau	dar.PFV-O3SG	ONOM	HST	Lobo
L3			NUC / JSP 1			[JSP 2/MATRIZ
L1	ta	fasi	si:	isu	mesmu!	spóra
L2	IPFV	fazer	assim	isso	mesmo	espora
L3		JSP 2 / MATRIZ]	[COMPL 1
L1	txuki,	mandukinhu	zápu	[...]		
L2	picar.IMP	pau	ONOM			
L3	COMPL 1]	[COMPL 2]		

Mesmo na hora em que o rei [ficou] contente, porque ele já tinha juntado riqueza em casa, foi assim que o pau lhe deu zan m..., Lobo fez assim: isso mesmo! Espora pica, pau zápu! [...]

(kea_ev_narr_05_250_254)

Em 262, há duas cláusulas adverbiais, a saber, *sima nhu rai kontenti* ‘na mesma hora em que o rei [ficou] contente’ e *rikéza dj-e ruma na káza* ‘ele já tinha juntado riqueza em casa’, dependendo da mesma nuclear, *é si ki mandukinhu da-i zan. m...* ‘foi assim que o pau lhe deu zan m...’. Essa adverbiais estão em coordenação no nível dois (N2) da estrutura sintática, e a relação semântica estabelecida entre elas é de explicação, isto é, o estado de coisas da segunda cláusula é uma explicação para o da primeira. Tal relação semântica é evidenciada pela presença do coordenador *pu(r)ké* ‘porque’. A primeira adverbial, assim como a segunda, que constitui a

explicação da primeira, têm predicado codificado por verbo perfectivo. Assim, podemos interpretar que o contentamento do rei (afirmado na primeira adverbial) se dá por um evento pontual, nomeadamente, o fato de ele ter juntado riqueza em sua casa. Para ressaltar ainda o motivo do contentamento, o complemento verbal da segunda adverbial está em posição não canônica, topicalizada. Nessa relação, há também o compartilhamento do referente sujeito que se realiza como *nhu rai* ‘senhor rei’, na primeira cláusula, e como *e* ‘pronome sujeito de 3ª pessoa do singular’, na segunda.

Há apenas uma ocorrência do coordenador *kê* ‘porque’ explicitando a relação de explicação entre completivas de elocução em discurso indireto, como mostra o exemplo 263.

(263)

L1	E	txoma	si	mudjer,	e	fla
L2	S3SG	chamar.PFV	POSS.3SG	mulher	S3SG	dizer.PFV
L3	[JSP 1] [JSP 2 / MATRIZ	
L1	pa	ben	ku	matxadinho,	ku	matxadóna,
L2	para	vir.PFV	com	machado.DIM	com	machado.AUM
L3	[COMPL 1		
				JSP 1 N2		
L1	ku	bandexinha,	ku	bandexóna,	k-é pa	ben
L2	com	bandeja.DIM	com	bandeja.AUM	que é para	vir.PFV
L3			COMPL 1] [COMPL 2
			JSP 1 N2] [JSP 2 N2
L1	djuda-(1)		fola	báka	kê	ma
L2	ajudar.PFV-O3SG		esfolar.PFV	vaca	porque	que
L3		COMPL 2] [[COMPL 3
		JSP 2 N2] [EXP 3 N2
L1	báka	dja	móre	mé	pa(r)ke	ma
L2	vaca	ACT	morrer.PFV	mesmo	porque	que
L3			COMPL 3] [[COMPL 4
			EXP 3 N2] [EXP 4 N2
L1	sata	txera.				
L2	PROG	cheirar				
L3	COMPL 4					
	EXP 4 N2					

Ele chamou sua mulher [e] disse para vir com machadinho, com machadão, com bandexinha, com bandejona, que é para vir ajudá-lo a esfolar a vaca, porque a vaca já morreu mesmo, porque está cheirando [mal].

(kea_ev_narr_08_193_197)

O exemplo 263 é formado por duas coordenadas combinativas justapostas, em que a segunda encaixa completivas. Todas as completivas estão em relação de coordenação em nível dois (N2), sendo que a terceira e a quarta (EXP 3_N2 e EXP 4_N2) se constituem em explicações para as cláusulas que as precedem. Aqui também notamos a coocorrência do complementizador *ma* ‘que’ com os coordenadores explicativos *kê* e *po(r)ke*, evidenciando que a coordenação se dá em outro nível distinto da complementação.

5.2.1.3 Análise quantitativa

Os resultados quantitativos mostram que as coordenadas explicativas com marcador explícito ocorrem mais no nível dois (N2) da estrutura sintática (72%) que no nível um (N1) (28%), como mostra a Tabela 70.

Tabela 70 – Coordenada explicativa com marcador explícito.

Nível	Coordenador	Tipo de cláusula	Características do predicado						TOTAL	%	Totais nos níveis	%
			PFV		IPFV		PROG	COP				
			P	N	P	N	P	P				
N1	<i>purké</i>		4	3	-	-	1	-	8	17,02	13	28
	<i>pamodi</i>		4	-	1	-	-	-	5	10,64		
N2	<i>purké</i>	COMPL	6	2	1	1	-	-	10	21,28	34	72
		ADV	-	-	1	-	-	-	1	2,13		
	<i>kê</i>	COMPL	1	-	-	-	-	-	1	2,13		
		<i>pamodi</i>	COMPL	17	-	2	-	-	2	21		
	ADV		1	-	-	-	-	-	1	2,13		
	TOTAL			33	5	5	1	1	2	47		
%			70,21	10,64	10,64	2,13	2,13	4,26	100			
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA								PFV P		0,7021		
ÍNDICE INVERSO										0,2979		

Fonte: Elaborada pela autora.

A maior frequência das cláusulas explicativas com marcadores explícitos no nível dois (N2) da estrutura sintática deve-se ao fato de que nos atos de falas, especialmente os que estão em discurso direto, há maior probabilidade do uso da argumentação; visto que a cláusula explicativa é um recurso para a construção de argumentos, ela ocorre mais em cláusulas completivas requeridas por verbos de elocução. De acordo com a Tabela 70, o marcador explicativo com maior frequência de uso é *pamodi*, com 27 dados [5(N1)+21+1(N2)=27 dados – (57,44%)], seguido de *purké* com 19 dados [8(N1)+10+1(N2)=19 – (40,42%)] e de *kê* com apenas 1 dado (2%).

5.2.2 Coordenada contrastiva

A coordenação de contraste com marcadores explícitos realiza-se tanto entre cláusulas independentes como entre cláusulas subordinadas. Trataremos essa relação nos três níveis da estrutura nos quais ela ocorre.

5.2.2.1 Análise qualitativa do nível um (N1)

O único marcador de coordenação contrastiva nos dados é *más* (~má) ‘mas’. Os exemplos 264 e 265 mostram casos de coordenação contrastiva com esse coordenador.

(264)

L1	Dja...	omi	toma	porkázu,	dja	noiba
L2	ACT	homem	tomar	por acaso	ACT	noiva
L3	[JSP 1]	[JSP 2
L1	dja	bai,	dj-e	toma	más	kántu
L2	ACT	ir.PFV	ACT-S3SG	tomar	COORD.CTR	quando
L3	JSP 2		[JSP 3]	[TEMP
L1	ki	txiga	kei	bitxu...,	pánha	kei
L2	que	chegar.PFV	aquele	bicho	apanhar.PFV	aquele
L3			TEMP]	[NUC / CTR 4
L1	mininu,	bá	ku	el.		
L2	menino	ir.PFV	com	T3SG		
L3	NUC/CTR 4]	[JSP 5]		

O homem tomou [a outra menina] por acaso, a noiva já havia ido, ele tomou [a outra menina], mas quando chegou aquele bicho..., ele pegou aquela menina e levou-a consigo.

(kea_ev_narr_02_106)

(265)

L1	Nton	kuzé	ki	sinhor	Bokáji	fazi?	
L2	então	o que	que	senhor	Bocage	fazer.PFV	
L3	[JSP 1]	
L1	Aliás	sinhor	rai	pánha	i...	Bokáji	
L2	aliás	senhor	rei	apanhar.PFV	HST	Bocage	
L3	[JSP 2]	
L1	etx...	ku	si...	si	dos	npregádu,	
L2	HST	com	POSS.3SG.HST	POSS.3SG	dois	empregado	
L3			JSP 2]	
L1	pánha	Bokáji	po...	mete	na	sáku,	
L2	apanhar.PFV	Bocage	HST	meter.PFV	em	saco	
L3	[JSP 3]	[JSP 4]	
L1	bá	fulia	na	már,	pa	bá	
L2	ir.PFV	jogar.PFV	em	mar	para	ir.PFV	
L3	[JSP 5 / NUC]	[PROP	
L1	fulia	na	már,	más	akalia	ki	
L2	jogar.PFV	em	mar	COORD.CTR	calhar.PFV	que	
L3		PROP]	[CTR 6 / MATRIZ		
L1	kaminhu	p-es	andába	é	muitu	lonji,	
L2	caminho	para-S3PL	andar.PFV.PST	ser.PRS	muito	longe	
L3			CTR 6 / MATRIZ]
L1	é	lonji.					

L2 ser.PRS longe
L3 [JSP 7]

Então o que o senhor Bocage fez? Aliás, o senhor rei pegou i... Bocage etx... com seus... seus dois empregados, pegou Bocage po... colocou no saco, foi jogá-lo no mar, para ir jogá-lo no mar, mas calhou que o caminho para eles andarem era muito longe, era longe.

(kea_ev_narr_03_024_034)

O exemplo 264 é um trecho da narrativa em que a moça que estava prometida para casar com o príncipe é maltratada e jogada no mar por sua madrinha. Dessa forma, o rei toma a filha da madrinha para casá-la com seu filho, já que a prometida não havia chegado ao seu reino, como esperado. Nesse exemplo, o contraste dá-se pela negação do esperado. Esse tipo de contraste é denominado por Mauri (1981) de *contraste contraexpectativo*²³⁵. O exemplo 264 é formado por cinco cláusulas em relação de coordenação, em que a terceira *dj-e toma* ‘ele tomou’ e a quarta *[bitxu] pánha kei mininu* ‘[o bicho] pegou aquela menina’ mantêm uma relação contrastiva. Esse contraste é entendido pelo fato de que o esperado era que a menina fosse tomada pelo homem (o rei que tomaria a noiva de seu filho), mas o que ocorre é que esta menina foi tomada pelo bicho marítimo, ou seja, o esperado não ocorreu. Nessa frase complexa, todos os predicados envolvidos são codificados por verbos perfectivos, já que os eventos são pontuais e concluídos no momento da enunciação, além de serem figura da narrativa, pois se referem ao desenvolvimento desta.

Em 265, também podemos observar uma relação de *contraste contraexpectativo*. Esse exemplo é formado por sete coordenadas, sendo que a quinta e a sexta (*bá fulia na már* ‘foi jogar no mar’ e *akália ki kaminhu p-es andába é mutu lonji* ‘calhou que o caminho para eles andarem era muito longe’) estão em relação de contraste, evidenciada pelo coordenador contrastivo *más* ‘mas’. Aqui, esse contraste dá-se de forma implícita, já que o estado de coisas da cláusula cinco afirma que o rei mandou jogar Bocage no mar e o estado de coisas da cláusula seis apenas informa que o caminho para se chegar ao mar era longe, ou seja, sem o contexto, não percebemos bem o contraste que se estabelece nessa relação. Ao recorrer ao contexto, sabemos que os empregados não conseguiram jogar Bocage no mar, pois, pelo fato de o caminho ser longo, Bocage conseguiu armar uma estratégia para se livrar dos empregados do rei. Assim, a expectativa de jogar Bocage no mar não foi alcançada. Como as cláusulas coordenadas desse exemplo se configuram na figura da narrativa, elas apresentam predicados codificados por verbos perfectivos, mostrando tratar-se de eventos pontuais e concluídos no momento da enunciação, e pela cópula na forma presente.

²³⁵ *Counterexpectative contrast.*

5.2.2.2 Análise qualitativa dos níveis dois e três (N2 e N3)

A coordenação contrastiva com marcador explícito também se dá em outros níveis da estrutura sintática, como exemplificam 266 e 267.

(266)

L1	Kel	otu	fla	m-e	teni	kamisa
L2	aquele	outro	dizer.PFV	que-S3SG	ter.PFV	camisa
L3	[MATRIZ / JSP 1]	[COMPL 1 JSP 1_N2
L1	kutubelu	frádu,	má	ma	ta	jeta,
L2	cotovelo	furado	COORD.CTR	que	IPFV	ajeitar
L3	COMPL 1]		[COMPL 2]
	JSP 1_N2]		[CTR 2_N2]
L1	e	fla	ma	ka	tê	txapeu.
L2	S3SG	dizer.PFV	que	NEG	ter.PFV	chapéu
L3	[JSP 2 / MATRIZ]	[COMPL]

Aquele outro disse que tem camisa [com] cotovelo furado, mas que se ajeita, ele disse que não tem chapéu.

(kea_ev_narr_10_005)

(267)

L1	I...	kel	otu	fla-i	m-e	teni
L2	HST	aquele	outro	dizer.PFV- O3SG	que-S3SG	ter.PFV
L3	[MATRIZ / JSP 1]	[COMPL 1 JSP 1_N2
L1	txapéu	ka	teni	ába,	má	ma
L2	chapéu	NEG	ter.PFV	aba	COORD.DISJ	que
L3		COMPL 1]	[COMPL 2
		JSP 1_N2]	[CTR 2_N2
L1	ta	jeta,	e	bá	kása,	e
L2	IPFV	ajeitar	S3SG	ir.PFV	casa	S3SG
L3	COMPL 2]	[JSP 2]	[JSP 3
	CTR 2_N2]	[]	
L1	txiga,	e	fla	si...	si	patron
L2	chegar.PFV	S3SG	dizer.PFV	POSS.3SG	POSS.3SG	padrão
L3	JSP 3]	[JSP 2]	
L1	ki	ta	tene-l,	e	fla:	á,
L2	rel.S	IPFV	ter-O3SG	S3SG	dizer.PFV	INTJ
L3	JSP 2]	[JSP 3 / MATRIZ]	[COMPL 1 JSP 1_N2
L1	es	ata	fasi	trosa	di	bo,
L2	S3PL	PROG	fazer	zombaria	de	T2SG
L3				COMPL 1]
				JSP 1_N2]
L1	má	bu	ta	bai	mé.	
L2	COORD.CTR	S2SG	IPFV	ir	mesmo	
L3	[[COMPL 2]]
	[CTR 2_N2]]

Aquele outro disse-lhe que ele tem chapéu [que] não tem aba, mas que se ajeita, ele foi para casa, ele chegou, ele disse ao seu... ao seu patrão que o empregou, ele [o patrão] disse: ah! eles estão zombando de você, mas você irá mesmo!

(kea_ev_narr_10_007_011)

Os exemplos 266 e 267 fazem parte da mesma narrativa e ocorrem um seguido ao outro. Em 266, há duas cláusulas em relação de coordenação por justaposição em nível um (N1), ambas são também matrizes de elocução. A primeira encaixa duas completivas introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’, a saber, *m-e teni kamisa kutubelu frádu* ‘que ele tem camisa com cotovelo furado’ e *ma ta jeta* ‘que se ajeita’. Essas duas completivas estão em relação de coordenação contrastiva contraexpectativa em nível dois (N2) da estrutura sintática, evidenciada pelo coordenador *má* ‘mas’, já que, pela informação contida na primeira cláusula, não se espera que a camisa sirva para usar. No entanto, a segunda cláusula quebra essa expectativa ao afirmar que a camisa com o cotovelo furado pode ser consertada. Os predicados envolvidos nessa relação têm aspecto perfectivo, na primeira cláusula indicado pelo verbo forte *teni* ‘ter’ com marca aspectual zero (\emptyset) e, na segunda, aspecto imperfectivo, indicado pelo marcador *ta* atuando com sentido habitual. Ainda corroborando a vinculação entre essas duas cláusulas, há o compartilhamento de argumentos, já que o referente do complemento verbal da primeira é o mesmo do complemento verbal da segunda, o qual só é expresso na primeira cláusula. Nesse exemplo, também podemos ver os complementizadores atuando de forma paralela ao coordenador *má* ‘mas’, mesmo com a semelhança fonológica entre esses conectivos (complementizador [mɛ] e coordenador [ma]). Isso evidencia que a atuação dos complementizadores se dá em um nível sintático distinto da do coordenador.

Em 267, temos dois casos de relação contrastiva, ambos de contraexpectatividade. O primeiro caso é semelhante ao exposto em 266. A primeira completiva afirma que o referente do sujeito tem um chapéu que não tem aba, o que gera no ouvinte a expectativa de que aquele chapéu não serve para nada. Contudo, a cláusula coordenada introduzida pelo marcador de contraste *má* ‘mas’ quebra essa expectativa ao afirmar que o chapéu é consertável. Como em 266, os predicados das cláusulas contrastivas têm aspecto imperfectivo e compartilham argumentos, já que o referente do complemento verbal da primeira completiva (*m-e teni txapeu ka teni ába* ‘que ele tem chapéu que não tem aba’) é o mesmo do complemento verbal da segunda (*ma ta jeta* ‘que se ajeita’). No entanto, só é expresso na primeira coordenada de nível dois (N2).

A relação de contraste contraexpectativo em nível dois (N2) também se dá com aspecto progressivo, como mostra o exemplo 268.

(268)

L1	E	fle-s:	dja	nhos	sai?	undi
L2	S3SG	dizer.PFV-O3PL	ACT	S2PL	sair.PFV	onde
L3	[JSP 1 / MATRIZ]	COMPL 1		[COMPL 2
				JSP 1 N2] [JSP 2 N2
L1	nhos	áta	bai?	E	fla:	bon,
L2	S2PL	PROG	ir	S3SG	dizer.PFV	bom
L3		COMPL 2]	[JSP 2 / MATRIZ	[COMPL 1
		JSP 2 N2]] [JSP 1 N2
L1	nos	nu	ka	sabi,	má	nos
L2	T1PL	S1PL	NEG	saber.PFV	COORD.CTR	
L3		COMPL 1]	[COMPL 2
		JSP 2 N2]	[CTR 2 N2
L1	nu	sata	bai.			
L2	S1PL	PROG	ir			
L3		COMPL 2]			
		CTR 2 N2]			

Ela disse-lhes: vocês já vão embora (lit. saem)? Onde vocês estão indo? Ele disse: bom, nós não sabemos, mas nós estamos indo.

(kea_ev_narr_12_039)

O exemplo 268 é formado por duas cláusulas coordenadas justapostas, as quais também são matrizes de elocução, ambas encaixando duas completivas em discurso direto. Aqui, interessam-nos as completivas da segunda matriz: *bon, nos nu ka sabi* ‘bom, nós não sabemos’ e *nos nu sata bai* ‘nós estamos indo’. Essas completivas estão em relação de coordenação contrastiva em nível dois (N2) da estrutura sintática com marcador explícito *má* ‘mas’. O contraste entre essas cláusulas também se dá pela quebra de expectativa, já que, ao não saber aonde se vai, espera-se que não se vá. Os predicados envolvidos são codificados por verbo forte com aspecto perfectivo e por verbo fraco com aspecto progressivo, evidenciando que a realização do evento coincide com o momento da enunciação. Vale ressaltar que, em se tratando de discurso direto, o momento da enunciação passa a ter referência no enunciador do ato de fala, e não no narrador.

5.2.2.3 Análise quantitativa

Os dados mostram que as coordenadas contrastivas com marcador explícito, assim como a explicativa, ocorrem mais no nível dois (N2) da estrutura sintática, como mostra a Tabela 71.

Tabela 71 – Coordenada contrastiva com marcador explícito

Nível	Tipo de cláusula	Características do predicado						TOTAL		
		PFV		IPF V		PROG			COP	IMP
		P	P	N	P	N	P		P	
N1		5	-	-	-	1	2	-	8	
N2	COMPL	-	5	2	3	1	-	1	12	
N3		1	-	-	-	-	-	-	1	
	Total	6	5	2	3	2	2	1	21	

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com a Tabela 71, as coordenadas contrastivas com marcador explícito têm maior frequência de uso (12 dados) no nível dois (N2) e só ocorrem entre cláusulas completivas. Esse resultado dá-se pelo mesmo motivo da alta frequência das explicativas com marcadores explícitos nesse mesmo nível, isto é, pelo fato de a complementação com predicado matriz de elocução requerer como cláusula complemento um ato de fala, o que permite o emprego de construções argumentativas, em que as contrastivas também podem ser englobadas. A frequência do aspecto imperfectivo é bastante alta para esse tipo de cláusula (7 dados = 5 positivas + 2 negativas); provavelmente, essa frequência deve-se também à sua realização em completivas de elocução em discurso direto. Essa frequência indica que, em trechos com valor argumentativo, a atuação do imperfectivo é mais aplicada.

5.2.3 Coordenada alternativa

A relação de coordenação alternativa envolve dois estados de coisas que se combinam, mas que não coocorrem, ao contrário, há um elemento sinalizador que indica que esses dois estados de coisas devem ser considerados como hipóteses igualmente supostas não coocorrentes e potencialmente substitutas uma da outra (MAURI, 1981, p. 156). O *corpus* apresenta apenas dois dados de coordenação alternativa, são os que estão em 269 e 270.

(269)

L1	Mudjer	tinha	ágora	un	párti	k-es
L2	mulher	ter.PFV.PST	agora	um	parte	rel.O-S3PL
L3	[NUC		
L1	ta	fla	konsumidor	enton	p-e	konsumi-l
L2	IPFV	dizer	consumidor	então	para-S3SG	consumir.PFV-O3SG
L3		NUC] [PROP 1	
				[JSP 1 N2	

L1	la,	p-e	ben	faze-l	gó	otu
L2	lá	para-S3SG	vir.PFV	fazer.PFV-O3SG	agora	outro
L3	PROP 1]	[PROP 2		
	JSP 1_N2]	[JSP 2_N2		
L1	kusa	p-e	máta	o	aliás	p-e
L2	coisa	para-S3SG	matar.PFV	COORD.ALT	aliás	para-S3SG
L3	PROP 2]	[PROP 3		[PROP 4
	JSP 2_N2]	[JSP 3_N2			ALT 4_N2
L1	fai	kusa	k-e	kre.		
L2	fazer.PFV	coisa	rel.O-S3SG	querer.PFV		
L3			PROP 4]	
			ALT 4_N2]	

A mulher tinha uma parte que chamavam consumidor para ela consumi-lo lá, para ela vir fazer com ele outra coisa, para ela matá-lo ou aliás para ela fazer [dele] o que quisesse.

(kea_ev_narr_12_109_111)

O exemplo 269 é constituído por uma cláusula nuclear subordinando quatro adverbiais de propósito. Essas adverbiais estão em relação de coordenação em nível dois (N2) da estrutura sintática. A terceira e a quarta adverbiais, ou seja, *p-e máta* ‘para ela matá-lo’ e *aliás p-e fai kusa k-e kre* ‘aliás para ela fazer [dele] o que ela quisesse’, estão em relação alternativa com marcador explícito *o* ‘ou’, ou, nos termos de Haspelmath (2007), disjuntiva padrão²³⁶, visto que os dois estados de coisas envolvidos são hipóteses igualmente supostas e potencialmente substitutas uma da outra, isto é, ou a mulher mata o que ela coloca no ‘consumidor’ ou ela faz uma outra coisa qualquer que ela queira, a realização de uma hipótese excluindo a outra. Todos os predicados das cláusulas adverbiais de propósito são codificados por verbos sem marcas de aspecto, indicando algum grau de não finitude. A vinculação entre essas cláusulas também é evidenciada pelo compartilhamento de argumento, já que as cláusulas têm o mesmo referente do sujeito, expresso em todas elas, e o mesmo referente do complemento verbal, realizado apenas nas duas primeiras adverbiais.

(270)

L1	kántu	e...	e	ká	sela	si
L2	quando	S3SG.HST	S3SG	acabar.PFV	selar.PFV	POSS.3SG
L3	[TEMP			
L1	kabálu,	e	fla	si	mai,	si
L2	cavalo	S3SG	dizer.PFV	POSS.3SG	mãe	POSS.3SG
L3	TEMP/MATRIZ]	[NUC / JSP 1]	[JSP 2/MATRIZ
L1	mai	fla:	bu	kre	benson	o
L2	mãe	dizer.PFV	S2SG	querer.PFV	bênção	COORD.ALT
L3	JSP 3/MATRIZ]	[COMPL 1]	
			[JSP 1_N2]	[ALT 2_N2

²³⁶ Standard disjunction.

L1	u	kre	dinheru?
L2	S2SG	querer.PFV	dinheiro
L3	[COMPL 2]
		ALT 2_N2]

Quando ele... ele acabou de selar seu cavalo, ele disse assim, sua mãe disse: você quer bênção ou você quer dinheiro?

(kea_ev_narr_01_066)

O exemplo 270 é formado por uma cláusula adverbial (TEMP), seguida da sua nuclear (NUC / JSP 1), a qual é coordenada por justaposição com uma outra cláusula matriz de elocução (JSP 2 / MATRIZ), que encaixa duas completivas em discurso direto. As completivas *bu kre benson* ‘você quer bênção’ e *u kre dinheru* ‘você quer dinheiro’ estão em coordenação alternativa em nível dois (N2) da estrutura sintática, já que elas constituem duas hipóteses possíveis que não coocorrem. Essa relação é evidenciada pelo marcador alternativo *o* ‘ou’ e tem estruturas bastante semelhantes, apresentando distinção apenas no complemento verbal, que, na primeira, é codificado por *benson* ‘bênção’ e, na segunda, por *dinheru* ‘dinheiro’. Assim, nesse exemplo, os complementos verbais são os elementos que caracterizam o sentido de alternância.

5.3 Síntese das coordenadas

Como já foi observado, a coordenação no *corpus* dá-se principalmente por justaposição (de forma assindética) com relação semântica de combinação. Os parâmetros observados para a análise da coordenação no *corpus* foram: i) relação semântica; ii) marcador da relação (conector); iii) características do predicado (aspecto, modo e polaridade); e iv) entrelaçamento (compartilhamento de argumentos). A Tabela 72 mostra os resultados quantitativos da coordenação, considerando a relação semântica entre as cláusulas, as características do predicado e a ausência ou presença do marcador de coordenação.

Tabela 72 – Resultados quantitativos da coordenação

Marca	Relação Semântica	Características do Predicado												Total	%	Total	%
		PFV		IPFV		PROG		IMP		COP PRS		SV_zero					
		P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N				
Sem marcador	COMB	2013	109	213	53	18	-	124	10	55	7	39	6	2647	94,91	2719	97,49
	CTR	41	12	3	2	-	-	-	-	2	-	-	-	60	2,15		
	EXP	6	1	3	-	2	-	-	-	-	-	-	-	12	0,43		
Com marcador	EXP	33	5	5	1	1	-	-	-	2	-	-	-	47	1,69	70	2,51
	CTR	6	-	5	2	3	2	1	-	2	-	-	-	21	0,75		
	ALT	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,07		
Total		2101	127	229	58	24	2	125	10	61	7	39	6	2789	100	2789	100
%		75,33	4,55	8,21	2,08	0,86	0,07	4,48	0,36	2,19	0,25	1,4	0,22	100			
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA										PFV P				0,7533			
ÍNDICE INVERSO														0,2467			
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA										sem marcador explícito				0,9749			
ÍNDICE INVERSO														0,0251			

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 72 confirma-nos que a coordenação em narrativas orais no cabo-verdiano (variedade de Santiago) se constrói essencialmente pela justaposição (97,49%). Sendo essa língua um crioulo, esses resultados mostram o princípio da economia de material linguístico, bastante comum nas línguas crioulas, sendo aplicado, o que pode requerer do ouvinte maior esforço cognitivo para depreender do contexto as relações semânticas estabelecidas entre as cláusulas coordenadas²³⁷. Além disso, a análise mostrou que os eventos coordenados, especificamente os de nível um (N1), estão relacionados à configuração de figura da narrativa, em que os eventos expressam o desenvolvimento do roteiro narrativo e, como já comentamos, a perspectiva completa e concluída de tais eventos com ancoragem no passado é preferida pelos locutores de contos tradicionais, como tem sido evidenciado pelos resultados deste estudo. É importante observar que, nas narrativas, as coordenadas explicativas são as mais frequentes dentre as coordenadas com marcador explícito. Isso pode mostrar que a explicação é um recurso argumentativo importante, de uma perspectiva pragmática e cognitiva. Os resultados mostram, ainda, a baixa frequência de coordenadas alternativas, as quais parecem se realizar mais comumente com marcador explícito. Além desses aspectos, nossa análise observou também o compartilhamento de argumentos, como mostra a Tabela 73.

Tabela 73 – Entrelaçamento entre as cláusulas coordenadas (N1)

Argumento compartilhado	Nº de ocorrências	%	%
Sujeito	1101		54,61
Complemento verbal	85	1190	4,22
Predicativo do sujeito	4		0,20
Não compartilham	826	826	40,97
TOTAL	2016	2016	100

Fonte: Elaborada pela autora.

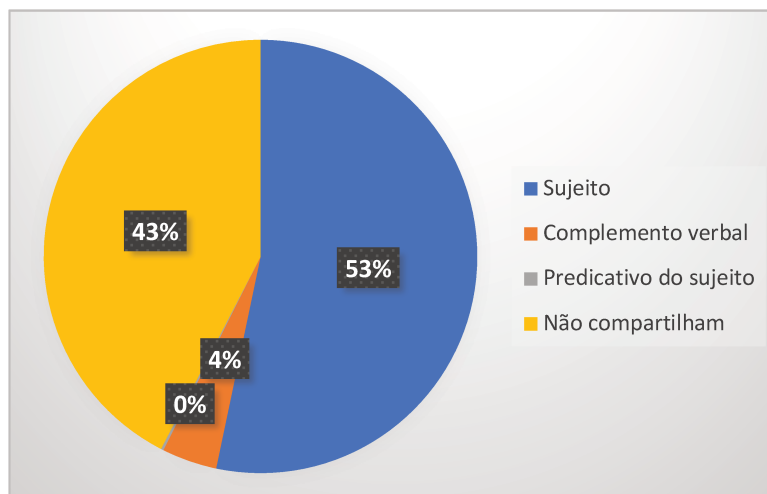
A Tabela 73 mostra que, das 2016 cláusulas coordenadas em nível um²³⁸, 1190 (1101 + 85 + 4) compartilham argumentos com as cláusulas com as quais se relacionam. O

²³⁷ Seguindo o princípio da expressividade, Dubois e Votré (2012, p. 91,104-105) sugerem repensar a complexidade cognitiva, na perspectiva do princípio da marcação, já que “a presença de marcadores e de repetições torna explícita a direção da organização discursiva” (DUBOIS; VOTRE, 2012, p. 91). Os autores entendem que há procedimentos ligados à coesão da trama discursiva (sendo os marcadores discursivos um deles) que explicitam as relações. Essa ideia corrobora a denominação de Lehmann (1988) para o emprego dos conectores na vinculação, a saber, “explicitude da vinculação”.

²³⁸ O entrelaçamento nas coordenadas foi contabilizado apenas no nível um, nível relevante para as coordenadas nos percentuais do total do *corpus*. O entrelaçamento entre coordenadas de nível dois, três e quatro poderá ser tratado em estudos futuros mais específicos sobre a coordenação no santiaguense.

argumento mais compartilhado nas coordenadas do *corpus* é o sujeito (54,61%). O Gráfico 20 mostra a distribuição da atuação do entrelaçamento nas cláusulas coordenadas.

Gráfico 20 – Distribuição do entrelaçamento entre as cláusulas coordenadas



Fonte: Elaborado pela autora.

Essa alta frequência do compartilhamento do sujeito na coordenação pode explicar-se pelo fato de essa relação ser bastante empregada na configuração da figura, na qual o sujeito tem um papel preponderante para a construção da progressão da narrativa²³⁹. Além disso, o sujeito é um argumento que aparece geralmente em primeira posição na cláusula cabo-verdiana, o que pode, também, ser um fator motivador para o seu compartilhamento.

²³⁹ Esta especificidade das coordenadas não pode ser comparada com os outros tipos de cláusulas, pois os tipos de argumentos compartilhados não foram especificados nas contagens das demais cláusulas. Isso poderá ser feito em estudos futuros específicos sobre o entrelaçamento no cabo-verdiano.

6 INSUBORDINAÇÃO

A insubordinação trata de cláusulas que têm padrões linguísticos semelhantes aos de uma cláusula subordinada, contudo não dependem de nenhuma outra cláusula no contexto da frase complexa em que se inserem (EVANS, 2007; CRISTOFARO, 2016). Como essas cláusulas partilham o traço [- dependência], mas assemelham-se linguisticamente às cláusulas com o traço [+ dependência], tratamo-las em um capítulo à parte da subordinação e da coordenação.

Em cabo-verdiano, o dispositivo linguístico que caracteriza as cláusulas insubordinadas são os conectores, como atestam os dados desse tipo de cláusula categorizados no *corpus*. As insubordinadas que ocorrem no *corpus* resultam de uma construção textual em que há a elipse da subordinante, como descreveu Evans (2007), mas é-nos possível pressupô-la. Em geral, essa cláusula não realizada poderia ser uma matriz de elocução, o que é bastante comum e até recorrente nas narrativas. Possivelmente por essa razão, ela não é realizada. Ou poderia, ainda, ser uma nuclear de propósito, em contextos que expressam admiração ou surpresa. Os complementizadores que ocorrem nas insubordinadas são: *ma* ‘que’, *pa* ‘para’ e *si* ‘se’.

Neste capítulo, abordaremos dois tipos de insubordinadas atestadas no *corpus*, as *insubordinadas puras* e as que denominamos aqui de *pseudoinsubordinadas*.

6.1 Insubordinada pura

As insubordinadas puras são cláusulas que se apresentam como independentes, mesmo com características linguísticas de cláusulas dependentes, como definiram Evans (2007) e Cristofaro (2016). Nesta seção, analisamos essas cláusulas qualitativa e quantitativamente.

6.1.1 Análise qualitativa

Como observamos, no santiaguense, são os conectivos que marcam as cláusulas insubordinadas. Em 271, vemos insubordinadas introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’ e outras introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’.

(271)

L1	Ná,	pa	bende-l,	pa	bende-l?!	Ná,
L2	não	para	vender.PFV-O3SG	para	vender.PFV-O3SG	não
L3	[INS 1]	[INS 2]
L1	m-e	ka	ta	bendi,	ma	ke-la
L2	que-S3SG	neg	IPFV	vender	que	aquela-lá
L3	[INS 1]	[INS 2]
L1	m-e	ka	ta	bendi.		
L2	que-S3SG	neg	IPFV	vender		
L3	[INS 2]			

-Nãõ, [é] para vendê-la [a mula], [é] para vendê-la [a mula].

-[Ele respondeu]: Nãõ, que ele não vende, que aquela lá ele não vende.

(kea_ev_narr_10_029)

O exemplo 271 faz parte de uma narrativa a qual conta que um homem considerado doido sofria uma tentativa de ser ridicularizado por seus amigos. No entanto, esse homem é que sempre os enganava e conseguia levar vantagem sobre eles. Em uma dessas tentativas, o suposto doido enganou-lhes, dizendo que tinha uma mula que defecava dinheiro. Os amigos, gananciosos, insistem para ele lhes vender a dita mula. 271 é, portanto, o pedido de um dos amigos para que ele lhe venda a mula. Assim, as duas primeiras insubordinadas expressam a admiração da personagem diante do pedido dos amigos, por isso são introduzidas pelo conectivo *pa* ‘para’, sendo estruturas semelhantes a uma adverbial de propósito que dependeria de um predicado nuclear codificado pela cópula ([é] *pa bende-l*, [é] *pa bende-l?!* ‘[é] para vendê-la, [é] para vendê-la?!’). As outras duas insubordinadas, a saber, *m-e ka ta bendi*, / *ma ke-la m-e ka ta bendi* ‘que ele não vende, / que aquela ele não vende’, são resultantes da elipse do predicado matriz de elocução, possivelmente *e fla* ‘ele disse’, deixando realizado apenas o ato de fala da personagem. Essas cláusulas insubordinadas são marcadas pelo conectivo *ma* ‘que’, prototípico das completivas de elocução em discurso indireto. Essa construção textual com a elipse da subordinante não é empregada para expressar admiração ou surpresa, como é o caso das introduzidas pelo conectivo *pa* ‘para’, elas são de fato atos de fala declarativos. Por isso, nesse caso, entendemos que a elipse da subordinante pode dar-se, nesse contexto, para que o conteúdo do ato de fala tenha maior evidência e possa constituir figura da narrativa, o que não se daria com uma cláusula subordinada. Além disso, a elipse da subordinante não afeta a compreensão do interlocutor, podendo ser perfeitamente recuperada na sua construção textual. As duas primeiras insubordinadas, *pa bende-l* ‘para vendê-la’ e *pa bende-l* ‘para vendê-la’, estão em relação de coordenação, sendo introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’, apresentando predicados codificados por verbo perfectivo. As outras duas insubordinadas, *m-e ka ta bendi* ‘que ele não vende’ e *ma ke-la m-e ka ta bendi* ‘que aquela ele não vende’, também

coordenadas entre si por justaposição, são introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’, ambas apresentam predicados codificados por verbo imperfeito, com sentido habitual²⁴⁰, ou seja, indicando que ele não tem intenção de vender a mula em nenhum tempo. O complementizador *ma* ‘que’, semelhantemente ao *kuma*²⁴¹ ‘que’ do crioulo de Casamansa, parece resultar do cruzamento linguístico de dois étimos: o português antigo *coma* e o mandinga *kuma* (KIHM, 1987 *apud* QUINT, 2000b, p. 65). É interessante notar o paralelo entre as insubordinadas com *ma* do santiaguense e a não realização do verbo de elocução no crioulo de Casamansa, como em: *Pedru kumá i na beñ awosi* ‘Pedro disse que viria hoje’, em que *kuma* parece acumular as funções de complementizador e predicado de elocução (QUINT, 2021, em conversa pessoal).

Vale notar que, antecedendo os dois grupos de insubordinadas, há o advérbio de negação *ná* ‘não’, funcionando como uma interjeição em discurso direto. É comum, nas narrativas, esse advérbio ocorrer, em discurso direto, como complemento de uma cláusula matriz de elocução, em que a completiva está em discurso indireto (ver exemplo 113, no capítulo quatro, seção 4.2.1.1.1). Além disso, na segunda insubordinada introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, esse complementizador é retomado depois do complemento verbal *ke-la* ‘aquilo lá’ que está em posição topicalizada, o que, como foi visto na análise das cláusulas completivas²⁴², é muito recorrente no santiaguense.

Um outro exemplo de insubordinada introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’ está em 272.

(272)

L1	E	ben,	e	ben,	ma	oxi
L2	S3SG	vir.PFV	S3SG	vir.PFV	que	hoje
L3	[JSP 1]		[JSP 2]		[JSP 3/ INS
L1	minina	go	ta	nbárka	manhan.	
L2	menina	agora	IPFV	embarcar	amanhã	
L3			JSP 3/INS]

Ele veio, ele veio, [falou-se] que [contando que o dia que estavam é hoje] a menina embarcaria amanhã (lit. 'que hoje a menina embarca amanhã').

(kea_ev_narr_11_216)

Em 272, há três cláusulas paratáticas em justaposição, sendo que a terceira, *ma oxi minina go ta nbárka manhan* ‘que hoje a menina embarcará amanhã’, é uma insubordinada, já que é introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’ característico das completivas de elocução

²⁴⁰ Ou prospectivo, já que o prospectivo é uma interpretação mais particular do habitual.

²⁴¹ Complementizador declarativo positivo (BIAGUI, 2017, p. 279).

²⁴² Ver capítulo quatro, seção 4.2.1.1.1.

em discurso indireto. Essa frase complexa faz parte da narrativa que conta a história de Manuel e Diága, que se apaixonam um pelo outro, mas o romance era proibido pelo pai da jovem, que queria casá-la com outro homem. O romance passa-se na ilha de Santiago, em Cabo Verde, por isso o termo *nbárka* ‘embarcar’ refere-se à embarcação num navio. 272 refere-se ao momento em que Manuel tenta roubar Diága, que estava sendo preparada para viajar à Inglaterra para casar-se com o outro homem. Assim, o sujeito *minina* ‘menina’ tem como referente a personagem Diága. Aqui, o contexto indica que, possivelmente, a cláusula matriz, se realizada, seria *fládu* ‘falou-se’, já que a narrativa mostra que Manuel não sabia ao certo quando Diága viajaria e a voz passiva, no santiaguense, é empregada também para sublinhar o caráter indeterminado do agente da ação verbal. A subordinada é formada pelo complementizador *ma* ‘que’ seguido de um advérbio indicando tempo *oxi* ‘hoje’. Contudo, ao final da cláusula, o advérbio *manhan* ‘amanhã’ dá a indicação temporal da realização do evento codificado pelo verbo imperfectivo, com sentido prospectivo *ta nbárka* ‘embarcará’. Possivelmente, a locutora confundiu-se com a indicação de tempo e fez a correção ao final da cláusula, ou apenas situou o tempo em que estava para relacioná-lo à data da viagem *manhan* ‘amanhã’. A subordinação, nesse exemplo, coloca essa cláusula também na configuração de figura da narrativa, em paridade com as outras com as quais ela se justapõe.

A subordinada pode ocorrer também como resposta a uma pergunta em discurso direto, como se vê em 273.

(273)

L1	Kuzé	ki	bu	ka	kre?	Ma
L2	o quê	que	S2SG	neg	querer.PFV	que
L3						[INS/JSP 1
L1	N	ka	kre,	mi	N	ka
L2	S1SG	NEG	querer.PFV	T1SG	S1SG	NEG
L3		INS/JSP 1]	[JSP 2	
L1	kre,	mi	N	ka	kre.	
L2	querer.PFV	T1SG	S1SG	NEG	querer.PFV	
L3	JSP 2]	[JSP 3]	

-O que você não quer?

-[Eu já falei] que eu não quero, eu não quero, eu não quero.

(kea_ev_narr_03_100_102)

O exemplo 273 faz parte da narrativa que conta a história de Bocage, o qual, querendo casar-se com a filha do rei, era odiado por ele. O rei, então, manda colocá-lo num saco bem amarrado e jogá-lo no fundo do mar. No caminho, Bocage ouve um pastor gritando por suas vacas e em seguida escuta os servos do rei que o carregavam reclamarem de sede.

Bocage propõe-lhes que o coloquem no chão e ele lhes mostraria onde poderiam beber água. Assim foi feito. Bocage, de dentro do saco, começa a se debater e a dizer alto que não queria. O pastor, ao ouvi-lo, pergunta *kuzé ki bu ka kre?* ‘o que você não quer?’. Bocage continua a se debater e a dizer *ma N ka kre, mi N ka kre, mi N ka kre* ‘que eu não quero, eu não quero, eu não quero’. A fala de Bocage começa com uma subordinada evidenciada pelo complementizador *ma* ‘que’ que a introduz. Nesse exemplo, o contexto indica-nos que a cláusula matriz, se realizada, seria *N fla* ‘eu disse’. Assim, a subordinada está em relação de coordenação por justaposição tanto com a primeira cláusula quanto com as demais que a seguem e que, de alguma maneira, formam um grupo com a subordinada, no qual o complementizador *ma* atua, sendo que as duas cláusulas que seguem a subordinada são reformulações dela com o sujeito topicalizado. Essas cláusulas de reformulação apresentam forma de discurso direto, diferentemente da subordinada, que tem caráter mais ligado ao discurso indireto, devido ao emprego do complementizador declarativo *ma*. A cláusula subordinada apresenta predicado codificado por um verbo forte *kre* ‘querer’ com aspecto perfectivo e polaridade negativa, evidenciada pela marca de negação verbal *ka*. As cláusulas coordenadas à subordinada têm estruturas semelhantes a esta, tendo apenas a mais o tópico *mi* ‘pronome tônico de 1ª pessoa do singular’ para introduzi-las e não apresentando complementizador. Aqui o emprego da subordinada pode ter-se dado para dar mais dinamicidade à narração. Sendo uma narrativa oral, tanto a entonação como o tom de voz que o locutor imprime a cada personagem dão ao ouvinte a indicação das mudanças de falas das personagens, o que pode dispensar o emprego das cláusulas matrizes de elocução.

As cláusulas subordinadas podem ocorrer com as três marcas mais comuns de aspecto do cabo-verdiano. Já vimos exemplos com perfectivo e imperfectivo. Em 284, pode-se ver uma subordinada com predicado codificado por verbo progressivo.

(274)

L1	E	da	ku	po,	kóri,	bá
L2	S3SG	dar.PFV	com	pau	correr.PFV	ir.PFV
L3	[JSP 1]	[JSP 2]	[JSP 3]
L1	kusinha,	dj-e(s)	sai,	es	txoma	omi
L2	cozinha	ACT-S3SG	sair.PFV	S3SG	chamar.PFV	homem
L3	JSP 3]	[JSP 4]		[JSP 5]		
L1	ma	k-á...	ma	kuei	k-áta	bai.
L2	que	NEG-...	que	coelho	NEG-PROG	ir
L3	[TCD]		[JSP 6/ INS]

Ela bateu [no coelho] com o pau, [o coelho] correu, foi pra cozinha, elas saíram, chamaram o homem [e disseram] que... que o coelho não está indo.

(kea_ev_narr_10_113_115)

O exemplo 274 faz parte da mesma narrativa de 271. Nesse trecho, o doido enganou seus amigos, fazendo-os acreditar que tinham comprado dele um coelho que tinha a capacidade de ir chamá-los onde quer que eles estivessem. Para testar tal capacidade do coelho, os amigos pedem às esposas que, ao terminarem de fazer o almoço, mandem o coelho ir chamá-los. Assim, 274 é formada por seis cláusulas paratáticas justapostas, em que a sexta é uma insubordinada introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’ com predicado codificado por verbo progressivo com polaridade negativa *k-áta bai* ‘não está indo’. O contexto nos orienta que a cláusula matriz, se realizada, seria *es fla* ‘elas disseram’, visto que a insubordinada faz parte de uma sequência de eventos desencadeados pelo sujeito codificado pelo pronome *es* ‘pronome sujeito 3ª pessoa do plural’, que tem como referente as esposas dos amigos da personagem considerada doida. A insubordinação, nesse exemplo, também permite que essa cláusula se constitua, juntamente com as outras com que se coordena, como figura da narrativa. Uma outra interpretação possível aqui seria considerar a insubordinada *ma k-á... ma kuei k-áta bai* ‘que o coelho não está indo’ como completiva da cláusula *es txoma omi* ‘elas chamaram o homem’. O contexto permite-nos as duas interpretações.

Há, ainda, uma única ocorrência no *corpus* de insubordinada introduzida pelo complementizador *si* ‘se’, como se vê em 275.

(275)

L1	E	fle-i	ma	ei	mo(s)	ka
L2	S3SG	dizer.PFV-O3SG	que	T3SG	moço	NEG
L3	[MATRIZ]		[COMPL 1]			
L1	forsa-i	ná,	m-e	bá	livri	si
L2	forçar.PFV-O3SG	não	que-S3SG	ir.PFV	livre	POSS.3SG
L3	COMPL 1]		COMPL 2			
L1	vontádi,	ago	m-e	spánta,	m-é	kei
L2	vontade	agora	que-S3SG	espantar.PFV	que-COP.PRS	aquilo
L3	COMPL 2]	[COMPL 3	[COMPL 4	
L1	ki	po-i	si,	má(s)	ma	mo(s)
L2	que	por.PFV-O3SG	assim	mas	que	moço
L3	COMPL 4]		CONJ		[COMPL 5
L1	dj-e	kre.	Si	dj-e	kre?	E
L2	ACT-S3SG	querer.PFV	Se	ACT-S3SG	querer.PFV	S3SG
L3	COMPL 5]		INS		[MATRIZ
L1	fle-i	ma	dj-e	kre	dja.	
L2	dizer.PFV-O3SG	que	ACT-S3SG	querer	já	
L3	MATRIZ]	COMPL				[

Ela disse-lhe [à mãe] que o moço não a forçou, não, que ela foi de livre vontade, que ela se assustou, que foi isso que a pôs assim, mas ela quer o moço.

-[A mãe pergunta] si ela quer.

-Ela disse-lhe que ela quer.

O exemplo 275 encontra-se na mesma narrativa que 272, sobre Manuel e Diága, porém se trata de um trecho anterior ao que está narrado em 272. Manuel havia levado Diága para a sua casa, sem autorização do pai dela. Contudo, a moça adoeceu e voltou para a casa de seus pais. 275 mostra a conversa entre Diága e sua mãe, quando voltou da casa de Manuel. Ela explica à mãe que não estava doente por ter sido forçada a ir à casa de Manuel, já que ela havia ido de livre vontade, ela apenas teve um espanto que lhe causou a doença e afirma que era com Manuel que ela queria ficar. A isso, a narradora conta que a mãe pergunta, através da insubordinada, *si dj-e kre* ‘se ela já [o] quer’. Assim, a insubordinada poderia ter, se realizada, como matriz a cláusula de elocução, *si mai purgunta-l* ‘sua mãe lhe perguntou’. Essa cláusula é introduzida pelo complementizador *si* ‘se’ e apresenta predicado codificado por verbo forte sem marca segmental de aspecto e afetado pelo atualizador *dja*, anteposto ao pronome sujeito. Esse atualizador parece indicar que o evento que se realizou, ou seja, [Diága já queria ficar com Manuel], tem resultados ainda no presente, a saber, ela continua, ainda, querendo-o. A não realização da matriz, nesse contexto, como em 273, parece dar mais dinamicidade à narrativa, não comprometendo a compreensão por parte do interlocutor.

6.1.2 Análise quantitativa

As insubordinadas puras têm baixa frequência no *corpus*, apenas 12 dados em todas as doze narrativas, sendo que três dessas não apresentam nenhuma cláusula insubordinada.

Tabela 74 – Insubordinada pura

Tipo de insubordinada	Características do predicado						Total
	PFV		IPFV		PROG		
	P	N	P	N	P	N	
INS_ma	1	1	1	2	1	1	7
INS_pa	3	1	-	-	-	-	4
INS_si	1	-	-	-	-	-	1
Total	5	2	1	2	1	1	12

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 74 mostra que as insubordinadas introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’ são mais frequentes (7 dados) nas insubordinadas puras. Esses resultados assemelham-se com os resultados obtidos nas completivas introduzidas por complementizadores (completivas

em discurso indireto), em que (de 261²⁴³ dados de completivas em discurso indireto), a maior frequência se dá com o complementizador *ma* ‘que’ (115 dados), seguido pelo *pa* ‘para’ (84 dados), enquanto as que são introduzidas pelo complementizador *si* ‘se’ têm baixa frequência de uso (apenas 7 dados). Quanto às características dos predicados, os codificados por verbos perfectivos com polaridade positiva (7 dados) têm uma realização aproximada da soma dos codificados por verbo com as outras marcas aspectuais (5 dados = 3 dados de imperfectivo e 2 dados de progressivo). No entanto, a baixa frequência desse tipo de cláusula não nos permite caracterizá-las com maior precisão.

6.2 Pseudoinsubordinada

As pseudoinsubordinadas são cláusulas subordinadas, mas não diretamente à subordinante explícita, isto é, elas seriam subordinadas a uma outra subordinada que não se realiza. Dessa forma, elas estão no âmbito de dependência de uma cláusula subordinante realizada, mas essa dependência já é em outro nível da estrutura sintática, por isso não é uma dependência direta.

6.2.1 Análise qualitativa

No santiaguense, a pseudoinsubordinada ocorre dentro de completivas de elocução em discurso direto. São, portanto, completivas de níveis posteriores ao nível um (N1) e assemelham-se linguisticamente a completivas ou a adverbiais de propósito dependentes de uma nuclear com predicado codificado pela cópula. A elipse da cópula também é bastante comum no cabo-verdiano, como destaca Quint (2010, p. 76).

(276)

L1	E	fla...	E	fika	inda...	E
L2	S3SG	dizer.PFV...	S3SG	ficar.PFV	ainda...	S3SG
L3	[JSP 1]		[JSP 2]		[JSP 3/MATRIZ]	
L1	ka	fla	é	kuzé,	e	fla
L2	NEG	dizer.PFV	COP.PRS	o quê	S3SG	dizer.PFV
L3	JSP 3/MATRIZ		[COMPL]		[JSP 4]	
L1	s...	só	ta	fla	ma	N
L2		só	IPFV	dizer.PFV	que	S1SG
L3		JSP 5/MATRIZ			[COMPL 1/PSEUDOINS]	

²⁴³ Aqui estão incluídas tanto as completivas de elocução em discurso indireto (155 dados), que podem ser introduzidas pelos complementizadores *ma* ‘que’ e *si* ‘se’, quanto as de manipulação (106 dados), que são prototipicamente introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’. Para mais resultados, ver o capítulo quatro, seções 4.2.1.1.2 e 4.2.1.3.2.

L1	ka	kre,	ma	N	ka	kre,
L2	NEG	querer.PFV	que	S1SG	NEG	querer
L3	COMPL 1/PSEUDOINS]	[COMPL 2/PSEUDOINS]	
L1	mi	N	ka	kre.		
L2	T1SG	S1SG	NEG	querer		
L3	[COMPL 4]			

Ele disse... ele ficou ainda... Ele não disse o que era, ele disse s... ficou só falando: [eu disse] que eu não quero, que eu não quero, eu não quero.
(kea_ev_narr_03_094_096)

O exemplo 276 é formado por uma série de cinco cláusulas paratáticas justapostas, em que a quinta é uma matriz que encaixa as completivas *ma N ka kre*, *ma N ka kre*, *mi N ka kre* ‘que eu não quero, que eu não quero, eu não quero’. Esse trecho encontra-se no mesmo contexto de 273, que trata do momento que Bocage finge para um pastor de vacas que estava sendo levado à força para ser casado com a filha do rei e fica dizendo que não quer ir. A princípio, pode-se pensar que essas três cláusulas são completivas diretamente vinculadas à matriz *só ta fla* ‘só falando’. Contudo, isso não é possível, porque para isso ocorrer o sujeito das completivas deveria estar na terceira pessoa, como está na matriz. Não estando, isso nos leva a interpretá-las, primeiramente, como completivas em discurso direto. Porém, sendo completivas de elocução em discurso direto, não poderiam ser introduzidas pelo complementizador *ma* ‘que’, como o são as completivas um e dois. Assim, o que se pode concluir é que essas completivas seriam vinculadas a uma outra completiva de elocução, possivelmente, *N fla* ‘eu falei’, em discurso indireto, que não se realiza. Os predicados das completivas são codificados pelo verbo forte *kre* ‘querer’, com marca zero (\emptyset), o que indica o perfectivo. Esses predicados têm polaridade negativa, evidenciada pela marca de negação verbal *ka*. A terceira completiva é a única não introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, mas é iniciada pelo tópico *mi* ‘pronome tônico de 1ª pessoa do singular’, o que nos leva a duas interpretações: i) o locutor não emprega o complementizador, o que é possível, também, nas completivas de elocução em discurso indireto; ou ii) o complementizador da segunda completiva introduz o grupo das duas completivas, visto que a terceira é uma reformulação da segunda com o sujeito colocado em destaque pela sua topicalização. Consideramos a segunda interpretação mais provável. Um caso parecido com 276 está em 277.

(277)

L1	E	fla:	nau,	N	ka	fla
L2	S3SG	dizer.PFV	não,	S1SG	NEG	dizer.PFV
L3	[MATRIZ]	[COMPL 1]

L1	náda,	ma	ta	manxi	gosi.
L2	nada	que	IPFV	amanhecer	agora
L3	COMPL 1]	[COMPL 2/ PSEUDOINS]

Ele disse: não, eu não disse nada, [eu disse] que vai amanhecer agora.

(kea_ev_narr_08_047_049)

O exemplo 277 conta o momento em que o Lobo estava sendo carregado pela Pelada e planeja, em voz baixa, comê-la. Pelada ouve algo do comentário de Lobo sobre o seu plano e pergunta-lhe o que ele falou, ao que ele responde como está em 277. Esse exemplo é formado pela matriz de elocução *e fla* ‘ele disse’, que encaixa as completivas *nau*, *N ka fla náda* ‘não, eu não falei nada’ e *ma ta manxi gosi* ‘que amanhecerá agora’. A primeira completiva é claramente vinculada à matriz e está em discurso direto. A segunda completiva é introduzida pelo complementizador *ma* ‘que’, por isso não poderia ser, puramente, uma completiva em discurso direto. Assim, trata-se de uma pseudoinsubordinada que depende de uma matriz não realizada, possivelmente, *N fla* ‘eu disse’. Essa pseudoinsubordinada tem predicado codificado por verbo com marca de imperfectivo com valor prospectivo, enquanto a primeira completiva tem predicado codificado por verbo perfectivo com polaridade negativa, o que evidencia serem eventos sintática e semanticamente opostos.

As pseudoinsubordinadas podem assemelhar-se também a adverbiais de propósito dependentes de um predicado codificado por uma frase predicativa exclamativa negativa que não foi realizada, como mostram 278 e 279.

(278)

L1	Nbes	Lobu	fla:	nha	genti,	pa
L2	então	Lobo	dizer.PFV	POSS.1SG	gente	para
L3	[MATRIZ]	[VOC]
L3						[COMPL 1/PSEUDOINS
L1	Kabésa	Prétu	pása	lisisin,	pa	nu
L2	Cabeça	Preto	passar.PFV	aqui	para	S1PL
L3						[COMPL 2/PSEUDOINS
L3						[MATRIZ_N2
L1	ka	fla-l	p-e	parti-nu,	p-e	folá-nu
L2	NEG	dizer.PFV-	para-S3SG	partir.PFV-	para-	esforlar.PFV-O1PL
L3						S3SG
L3						COMPL 2 / PSEUDOINS
L3				[COMPL 1_N2]
L3				[COMPL 2_N2]
L3				[NUC_N3]
L1	kel	báka	li,	ki	nos	nunhun
L2	aquele	vaca	aqui	que	S1PL	nenhum
L3						COMPL 2_N2 / INS
L3						COMPL 2_N2
L3				[CONSQ_N3]
L3				[NUC_N3]

L1	nu	ka	ta...	p-e	parti-	ei,
L2	S1PL	NEG	IPFV...	para-S3SG	partir-O1PL	T3SG
L3	COMPL 2 / PSEUDOINS					
	COMPL 2_N2]	[COMPL 3_N2]
	CONSQ_N3]	[NUC_N3]
L1	ki	nos	nunhun	nu	ka	ta
L2	que	S1PL	nenhum	S1PL	NEG	IPFV
L3	COMPL 2 / PSEUDOINS					
	COMPL 3_N2					
	CONSQ_N3					
L1	fika	mai.				
L2	ficar.PFV	mal				
L3	COMPL 2 / PSEUDOINS]					
	COMPL 3_N2]					
	CONSQ_N3]					

Então o Lobo disse: minha gente, para Cabeça Preta passar bem aqui, para nós não lhe pedirmos para ele partir para nós, para ele esfolar essa vaca, que nenhum de nós... para ele parti-la para nós, que nenhum de nós ficará mal.

(kea_ev_narr_01_075)

(279)

L1	E	fla	si:	heee	mudjel,	a-nha
L2	S3SG	dizer.PFV	assim	INTJ	mulher	senhora
L3	[MATRIZ]	[VOC]
						[COMPL 1
L1	é	mutu	xatiáda,	pa	nha	ta
L2	COP.PRS	muito	chatiada,	para	senhora	IPFV
L3	COMPL 1			COMPL 2 / PSEUDOINS		
L1	txoma-m,	nha	ka	ta	dexa-m	trabádja,
L2	chamar-O1SG	senhora	NEG	IPFV	deixar-O1SG	trabalhar.PFV
L3	COMPL2/PSEUDOINS]		[COMPL 3]
L1	gosi	ki	N	bai.		
L2	agora	que	S1SG	ir.PFV		
L3	COMPL 4]					

Ele disse assim: eh mulher, a senhora é muito chata, para a senhora me chamar?! a senhora não me deixa trabalhar, agora que eu fui.

(kea_ev_narr_10_141_143)

O exemplo 278 é constituído pela matriz *nbes Lobu fla* ‘então o Lobo disse’ encaixando duas completivas em discurso direto, a saber, *pa Kabésa Prétu pásá lisisin* ‘para Cabeça Preta passar bem aqui’ e *pa nu ka fla-l* ‘para nós não lhe falarmos’. Todas elas são introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’, prototípico das completivas de manipulação e das adverbiais de propósito, por essa razão não podemos considerá-las dependentes diretas da matriz de elocução em discurso direto *nbes Lobu fla* ‘então o Lobo disse’, o que nos leva a interpretá-las como pseudoinsubordinadas, já que não são independentes, mas não têm sua subordinante direta realizada. Logo, essas completivas assemelham-se linguisticamente a cláusulas adverbiais de propósito dependentes de uma nuclear com predicado codificado pela cópula com polaridade negativa e predicativo do sujeito, por exemplo, *e ka dretu* ‘não é bom’

ou *ka ta da* ‘não convém’. Nesse contexto, essa nuclear, se realizada, seria, então, a completiva do predicado matriz de elocução. Assim, teríamos: [*é ka dretu/ka ta da*] *pa Kabésa Prétu pásá lisisin* ‘[não é bom/não convém] para Cabeça Preta passar bem aqui’, coordenada por justaposição a *pa nu ka fla-l [...]* ‘para nós não lhe falarmos [...]’. Esse tipo de pseudoinsubordinada é empregada para expressar admiração. Os predicados são codificados por verbos perfectivos, sendo a primeira pseudoinsubordinada com polaridade positiva, e a segunda, com polaridade negativa. As duas pseudoinsubordinadas seriam dependentes da mesma nuclear não realizada.

Semelhantemente, em 279, a pseudoinsubordinada *pa nha ta txoma-m* ‘para a senhora me chamar’ não se vincula linguisticamente de forma direta à matriz de elocução *e fla si* ‘ele disse assim’, a qual encaixa quatro completivas em discurso direto. Como essa cláusula pseudoinsubordinada é introduzida pelo complementizador *pa* ‘para’, não poderia ser uma completiva de elocução em discurso direto, já que essas completivas são caracterizadas pela ausência de complementizador. Assim, essa cláusula seria uma pseudoinsubordinada, semelhante a 278. Logo, se a nuclear fosse realizada, poderíamos ter: [*ka ta da*] *pa nha ta txoma-m* ‘[não é bom] a senhora me chamar’. Aqui, como em 278, há também a função discursiva de expressar admiração. A pseudoinsubordinada tem predicado codificado por verbo imperfectivo, com valor habitual. Essa configuração do aspecto aponta para o fato de que havia o hábito de a mulher chamar o marido, quando ele ia trabalhar.

6.2.2 Análise quantitativa

As pseudoinsubordinadas apresentam maior frequência de uso no *corpus* que as insubordinadas puras, tendo um total de 34 dados, como mostra a Tabela 65.

Tabela 75 – Pseudoinsubordinada

Tipo de insubordinada	Características do predicado			Total	%
	PFV		IPFV		
	P	N	P		
INS_pa	24	2	1	27	79,41
INS_ma	1	5	1	7	20,59
Total	25	7	2	34	100
%	73,53	20,59	5,88	100	
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA	PFV P				0,7353
ÍNDICE INVERSO					0,2647
ÍNDICE DE DOMINÂNCIA	INS_pa				0,7941
ÍNDICE REVERSO					0,2059

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas pseudoinsubordinadas, as cláusulas introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’ têm maior frequência de uso (79,41%), como mostra a Tabela 75, diferentemente do que ocorre nas insubordinadas puras (Tabela 74). Como esse tipo de cláusula é empregada com o propósito de expressar admiração²⁴⁴ e o complementizador *ma* ‘que’ é característico de cláusulas completivas declarativas, os resultados de maior frequência de pseudoinsubordinadas introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’ são esperados. Vale notar aqui a função discursiva do complementizador *pa* nas pseudoinsubordinadas, o qual parece funcionar como um elemento exclamativo²⁴⁵ introduzindo perguntas retóricas. É interessante notar aqui a frequência elevada do emprego do perfectivo com polaridade negativa (20,59%), o que não é comum nos demais tipos de cláusulas. A polaridade negativa é, também, uma estrutura marcada em cabo-verdiano, porém menos recorrente do que o aspecto imperfectivo (segundo aspecto mais frequente nos dados). Se observarmos apenas o aspecto perfectivo (25 [positiva] + 7 [negativa] = 32 dados), a frequência da polaridade negativa é de 21,88%, um valor relativamente alto, se compararmos à frequência dessa polaridade no aspecto perfectivo em todo o *corpus* (5,3% [negativa] contra 94,7% [positiva]). Esses resultados podem apontar a necessidade de estudos mais específicos sobre o valor discursivo da negação nesse tipo de cláusula.

6.3 Síntese das insubordinadas

Nos contos tradicionais do santiaguense, as insubordinadas puras não são muito frequentes. O *corpus* apresenta apenas 12 dados desse tipo de cláusula, sendo sete marcadas pelo conectivo *ma* ‘que’, quatro pelo conectivo *pa* ‘para’ e apenas uma por *si* ‘se’. Essas cláusulas são estruturadas linguisticamente de modo semelhante a uma cláusula dependente, possivelmente, por duas razões: i) para que elas estejam na configuração da figura da narrativa (insubordinadas marcadas pelos conectivos *ma* e *si*), já que como subordinadas seriam, conseqüentemente, cláusulas de fundo; ii) para expressar admiração ou surpresa (insubordinadas marcadas pelo conectivo *pa*).

As pseudoinsubordinadas, com maior frequência no *corpus* (34 dados) do que as insubordinadas puras, apresentam mais ocorrências (79,41%) para a função de expressar admiração ou surpresa (cláusulas marcadas pelo conectivo *pa*). Esse resultado, bastante

²⁴⁴ É possível também ouvir a insubordinada introduzida por *pa* ‘para’ em cláusulas com função puramente interrogativa, como em: *pa N bá ku bo?* ‘posso ir com você?’.

²⁴⁵ Ou interrogativo, nos casos com função interrogativa (cf. nota precedente).

desproporcional ao que se dá com as subordinadas puras, pode justificar-se pelo fato de todas as pseudoinsubordinadas ocorrerem em completivas de elocução em discurso direto, o que pode limitar o emprego de conectivos para cláusulas declarativas.

Os resultados apontam, também, a necessidade de estudos com *corpora* mais amplos, contemplando outros gêneros textuais, em que se possa perceber com mais precisão as motivações e restrições para o uso desse tipo de estrutura no santiaguense.

7 ASPECTO, MODO E POLARIDADE NA VINCULAÇÃO ENTRE CLÁUSULAS NO SANTIAGUENSE

Como vimos nos capítulos quatro e cinco, dedicados à descrição das cláusulas atestadas no *corpus*, o aspecto e a polaridade são as marcas segmentais mais empregadas nos predicados analisados. Por essa razão, consideramos necessário tratar os resultados quantitativos dessas duas categorias em um capítulo à parte. Os resultados da frequência do aspecto e da polaridade no santiaguense, nunca antes apresentados em estudos sobre o cabo-verdiano, apontam-nos tendências estruturais do predicado na vinculação de cláusulas. Esses resultados contribuem, ainda, para a tipologia do uso da flexão verbal em correlação com a sintaxe (tipo de cláusula) nas línguas crioulas, numa perspectiva mais geral, assim como para traçarmos uma tipologia desse uso no cabo-verdiano, sob uma perspectiva mais aplicada.

O modo imperativo não tem marcas morfológicas específicas, mas distingue-se bastante do indicativo no seu uso²⁴⁶, inclusive quanto à colocação e ao uso do pronome sujeito, o qual, regra geral, não se realiza em parte na segunda pessoa do singular, ou seja, na forma mais frequente do paradigma imperativo, ocorrendo apenas na forma da segunda pessoa do singular a partir do segundo verbo numa sequência de atos diretivos. Além disso, com polaridade negativa, o pronome sujeito interpõe-se entre a marca de negação verbal *ka* e o verbo, dando uma sequência NEG + S + V (*ka bu bai* ‘não vá’), que contrasta com a sequência prototípica S + NEG + V do indicativo (*bu ka bai* ‘você não foi’). Essas peculiaridades justificam considerar que o imperativo é um modo marcado, e, portanto, tratamos dele neste capítulo junto ao aspecto e à polaridade.

Para a análise dos predicados das cláusulas categorizadas, consideramos o aspecto, o modo (imperativo) e a polaridade, já que essas três categorias são as mais evidentes na codificação dos predicados nucleares e dependentes. Assim, a correlação entre aspecto, modo e polaridade em todo o *corpus* pode ser vista na Tabela 76. Não incluímos as marcas de tempo {-ba} e de passiva {-du}²⁴⁷ na análise pelo fato de essas marcas terem baixa frequência de ocorrência no *corpus* (tempo: 1%; voz passiva: 1,6%), o que não nos permite visualizar as tendências da língua no emprego dessas marcas.

²⁴⁶ Ver nota 135, seção 4.1.3.1

²⁴⁷ Sobre a voz passiva no santiaguense, ver Quint e Vieira Semedo (no prelo), em que os autores descrevem a passiva no santiaguense, usando a mesma amostra utilizada neste trabalho.

Tabela 76 – Correlação entre aspecto, modo e polaridade no *corpus*

Tipo de cláusula ²⁴⁸	Aspecto, Modo e Polaridade												Total	%
	PFV		IPFV		PROG		IMP ²⁴⁹		COP ²⁵⁰ PRS		SV_zero			
	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N		
Adverbial	308	16	22	7	2	-	-	-	10	-	-	-	365	9,45
Completiva	634	64	214	47	33	1	161	9	56	2	14	6	1241	32,13
Completiva nominal	7	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	0,21
Coordenada	1741	67	97	14	5	1	14	2	42	3	24	6	2016	52,20
Relativa	128	8	66	1	14	-	-	-	2	1	-	-	220	5,70
Insubordinada	5	2	1	2	1	1	-	-	-	-	-	-	12	0,31
Total	2823	157	401	71	55	3	175	11	110	6	38	12	3862	100
%	73,10	4,07	10,38	1,84	1,42	0,08	4,53	0,28	2,85	0,16	0,98	0,31	100	
Total sem polaridade	2980		472		58		186		116		50		3862	
%	77,16		12,22		1,50		4,82		3		1,29		100	

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 76 mostra que as cláusulas coordenadas representam a metade do *corpus* (52,2%), seguidas das completivas (32,34%). Em se tratando de contos tradicionais, esses resultados são esperados, pois os eventos que se constituem como figura da narrativa são, geralmente, ordenados em relações de coordenação de forma que o ouvinte possa construir uma sequência lógica e/ou cronológica do enredo. A alta frequência de completivas deve-se, principalmente, à elevada ocorrência de completivas de elocução empregadas nas falas das personagens que compõem as narrativas.

Quanto ao aspecto, vê-se alta frequência do elemento não marcado, ou seja, do aspecto perfectivo (77,16%). Isso indica a tendência, nos contos tradicionais do santiaguense, de se construir a narrativa, apresentando os eventos a partir de uma perspectiva completiva e concluída, tendo como ponto de referência temporal o momento de enunciação do narrador.

Se observamos esses resultados em cada tipo de cláusula, podemos perceber certas nuances que não se revelam de forma clara na Tabela 76. Portanto, é importante analisar,

²⁴⁸ As cláusulas relativas de foco, pseudoinsubordinadas e coordenadas de N2, N3 e N4 foram contadas nas cláusulas em que ocorrem, já que a focalização não é um fenômeno de vinculação de cláusulas, as pseudoinsubordinadas ocorrem em cláusulas subordinadas e a coordenação de N2, N3 e N4 dá-se entre cláusulas subordinadas.

²⁴⁹ O imperativo não apresenta marca segmental própria, como já foi mencionado nos capítulos de descrição, sua categorização é depreendida do contexto e de outras marcas linguísticas, como a ausência do pronome sujeito (no caso da segunda pessoa do singular), a posposição do pronome sujeito ao marcador de negação verbal e a presença de pronome sujeito a partir do segundo ato diretivo em uma série.

²⁵⁰ A cópula foi tratada separadamente em virtude do seu caráter distinto, na língua cabo-verdiana, dos demais verbos, tanto no que se refere à morfologia de tempo e voz quanto em relação à atuação do aspecto. Para mais detalhes sobre as características da cópula no santiaguense, ver Quint (2010, p. 253-254).

também, a frequência do aspecto, do modo e da polaridade em cada tipo de cláusula, como se vê na Tabela 77.

Tabela 77 – Correlação entre aspecto, modo e polaridade em cada tipo de cláusula

Tipo semântico	Características do predicado																								Total	
	PFV				IPFV				PROG				IMP				COP PRS				SV_zero					
	P	%	N	%	P	%	N	%	P	%	N	%	P	%	N	%	P	%	N	%	P	%	N	%		
Adverbial	308	84,38	16	4,38	22	6,03	7	1,92	2	0,55		0,00	-	0,00	-	0,00	10	2,74	-	0,00	-	0,00	-	0,00	365	9,45
Completiva	634	51,09	64	5,16	214	17,24	47	3,79	33	2,66	1	0,08	161	12,97	9	0,73	56	4,51	2	0,16	14	1,13	6	0,48	1241	32,13
PCN	7		-		1		-		-		-		-		-		-		-		-		-		8	0,21
Coordenada	1741	86,36	67	3,32	97	4,81	14	0,69	5	0,25	1	0,05	14	0,69	2	0,10	42	2,08	3	0,15	24	1,19	6	0,30	2016	52,20
Relativa	128	58,18	8	3,64	66	30,00	1	0,45	14	6,36	-	0,00	-	0,00	-	0,00	2	0,91	1	0,45	-	0,00	-	0,00	220	5,70
Insubordinada	5		2		1		2		1		1		-		-		-		-		-		-		12	0,31
Total	2823	73,10	157	4,07	401	10,38	71	1,84	55	1,42	3	0,08	175	4,53	11	0,28	110	2,85	6	0,16	38	0,98	12	0,31	3862	100

Fonte: Elaborada pela autora.

Logo, na Tabela 77, percebemos que o aspecto perfectivo com polaridade positiva não tem uma atuação tão alta (em comparação à atuação no *corpus* como um todo) nas cláusulas completivas (51,9%), nas relativas (58,18%) e nas subordinadas (5/12 dados). Por outro lado, nas cláusulas completivas, o aspecto imperfectivo com polaridade positiva (17,24%) tem uma frequência significativa, se comparado ao total desse aspecto com essa polaridade em todo o *corpus* (10,38%). Isso representa quase duas vezes mais que a frequência total do imperfectivo no *corpus* (ver Tabela 79 sobre frequência relativa do aspecto imperfectivo). Esse resultado de alta frequência de forma marcada, especificamente o aspecto imperfectivo, nas cláusulas completivas, dá-se, possivelmente, por conta do elevado emprego de completivas de elocução em discurso direto (646/1241 completivas [476 completivas com verbo no indicativo²⁵¹ + 170 com verbo no imperativo] – contra 155 em discurso indireto), sendo que, das 476 completivas em discurso direto no modo indicativo, 169 têm predicados codificados por verbos com aspecto imperfectivo (35,5%)²⁵². A distribuição das completivas de elocução entre o discurso direto e indireto pode ser vista na Tabela 78.

Tabela 78 – Completivas de elocução em DD e DI

Completivas de elocução			
DD		DI	Total
Indicativo	Imperativo	Indicativo	
476	170	155	801
59,43%	21,22%	19,35%	100,00%
646		155	801
80,65%		19,35%	100,00%

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas relativas, o aspecto imperfectivo com polaridade positiva (30%) tem uma frequência mais que duas vezes maior (Tabela 77) que sua frequência em todo o *corpus* (10,38%). Sendo as relativas restritivas cláusulas com função adjetival, ou seja, elas modificam, especificando um sintagma nominal da cláusula matriz e atribuindo-lhe uma qualidade geralmente considerada como estável e, logo, habitual, essa perspectiva com nuance atemporal é bastante aplicável e, possivelmente, explica esse resultado. A frequência do aspecto imperfectivo nas cláusulas do *corpus* pode ser vislumbrada melhor na Tabela 79, em que

²⁵¹ Consideramos todas as formas verbais que não são imperativas como indicativas.

²⁵² Os resultados quantitativos das completivas de elocução em discurso direto podem ser visualizados com maiores detalhes na Tabela 14, na seção 4.2.1.1.2.

atribuímos o valor um (1) à proporção de ocorrência desse aspecto em todo o *corpus* e calculamos os valores relativos de ocorrência desse aspecto em cada tipo de cláusula.

Tabela 79 – Frequência relativa do aspecto imperfeito no *corpus*

Imperfeito			
	Nº de dados	valor	valor relativo
Total no <i>corpus</i>	472	0,1222	1
Adverbial	29	0,08	0,65
Completiva	261	0,21	1,72
Completiva nominal	1		
Coordenada	111	0,06	0,45
Relativa	67	0,30	2,49
Insubordinada	3		

Fonte: Elaborada pela autora.

O aspecto progressivo também se mostrou, relativamente, bastante frequente nas cláusulas completivas e relativas, como se pode ver na Tabela 80.

Tabela 80 – Frequência relativa do aspecto progressivo no *corpus*

Progressivo			
	Nº de dados	valor	valor relativo
Total no <i>corpus</i>	58	0,015	1
Adverbial	2	0,01	0,37
Completiva	34	0,03	1,83
Completiva nominal	0		
Coordenada	6	0,00	0,20
Relativa	14	0,06	4,24
Insubordinada	2		

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas completivas, o progressivo ocorre quase duas vezes mais que no total do *corpus*. Contudo, é nas relativas que esse aspecto tem uma frequência de uso bastante significativa, ocorrendo quatro vezes mais nessas cláusulas que em todo o *corpus*. Como visto no resultado do aspecto imperfeito nas relativas, a função descritiva dessas cláusulas permite a aplicação de aspectos com valor durativo como o imperfeito e o progressivo, sendo que, neste último, evidencia-se a coincidência temporal com o estado de coisas matriz.

Em relação ao modo, o imperativo positivo apresenta um percentual (12,97% – Tabela 77) ainda mais relevante, nas completivas, quando comparado ao total do *corpus* (4,53%

– Tabela 77), ou seja, um valor quase três vezes maior do que em todo o *corpus* (Tabela 81). Possivelmente, essa frequência do imperativo dá-se pelo mesmo motivo observado na frequência do imperfectivo, ou seja, pelo fato de ocorrer em completivas de elocução em discurso direto (646 completivas em discurso direto, sendo 170 com verbo no imperativo/1241 completivas controladas por verbo).

Tabela 81 – Frequência relativa do modo imperativo no *corpus*

Imperativo			
	Nº de dados	valor	valor relativo
Total no <i>corpus</i>	186	0,0482	1
Adverbial	0	-	-
Completiva	170	0,14	2,84
Completiva nominal	0		
Coordenada	16	0,01	0,16
Relativa	0	-	-
Insubordinada	0		

Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto às cláusulas insubordinadas, é a polaridade negativa que se sobressai (5 ocorrências em 12 dados – quase metade – Tabela 83). Contudo, para compreendermos os fatores envolvidos nesse resultado, é necessária uma análise com uma amostra mais ampla desse tipo de cláusula. Além das insubordinadas e numa proporção menor, a polaridade negativa também apresenta valor relativo mais alto que no total do *corpus* (1,54) nas cláusulas completivas, como mostra a Tabela 82. Isso representa um percentual de 10,4% das cláusulas completivas (Tabela 83). Essa frequência também se deve, possivelmente, aos atos de fala, em que há mais flexibilidade para a atuação de formas marcadas. Portanto, esses resultados sugerem que a negação é mais comumente aplicada ao discurso direto e à fala do dia a dia do que à narração propriamente dita. Seria válido, em pesquisas com perspectiva translinguística, avaliar se esse emprego da polaridade, como se dá no cabo-verdiano, se relaciona com fatores universais da linguagem humana.

Tabela 82 – Frequência relativa da polaridade negativa no *corpus*

Polaridade Negativa			
	Nº de dados	valor	valor relativo
Total no corpus	260	0,0673	1
Adverbial	23	0,06	0,94
Completiva	129	0,10	1,54
Completiva nominal	0		
Coordenada	93	0,05	0,69
Relativa	10	0,05	0,68
Insubordinada	5		

Fonte: Elaborada pela autora.

De fato, a polaridade negativa apresentou baixa frequência de uso no total dos dados, apenas 6,73% contra 93,27% da polaridade positiva (Tabela 83).

Tabela 83 – Polaridade em cada tipo de cláusula

Tipo semântico	P	%	N	%	Total
Adverbial	342	93,70%	23	6,30%	365
Completiva	1112	89,61%	129	10,39%	1241
PCN	8	100,00%	0	0,00%	8
Coordenada	1923	95,39%	93	4,61%	2016
Relativa	210	95,45%	10	4,55%	220
Insubordinada	7	-	5	-	12
Total	3602	93,27%	260	6,73%	3862

Fonte: Elaborada pela autora.

Considerando o princípio da marcação e frequência de uso (GIVÓN, 2001), esses resultados confirmam a tendência com maior frequência para o emprego de estruturas não marcadas e mostram-nos alguns contextos em que as estruturas marcadas são recorrentes.

Logo, na frase complexa do santiaguense, as cláusulas que apresentam uma frequência relativa alta para a codificação de seus predicados são: i) completivas, com alta frequência relativa para o emprego dos aspectos imperfectivo e progressivo, do modo imperativo e da polaridade negativa; ii) relativas restritivas, com alta frequência proporcional no emprego dos aspectos imperfectivo e progressivo; iii) insubordinada, com alta frequência da polaridade negativa²⁵³.

²⁵³ Apesar de a amostra das insubordinadas ser bastante pequena (12 dados), a frequência de 5 dados com polaridade negativa chama-nos a atenção e, por essa razão, mesmo com esse baixo número de dados, deixamos

8 ANÁLISE DA INTEGRAÇÃO ENTRE CLÁUSULAS NO SANTIAGUENSE

A integração entre cláusulas pode evidenciar-se por diversos fatores distintos nas línguas naturais. Lehmann (1988) propõe seis parâmetros para a análise da integração entre cláusulas a partir de uma perspectiva translinguística, os quais aplicamos ao sistema cabo-verdiano a fim de traçar um *continuum* de integração da frase complexa nessa língua. Como foi explanado no capítulo dois, Lehmann (1988) reagrupa os seis parâmetros de análise da integração entre cláusulas em três grupos. O primeiro grupo, que analisa o grau de “autonomia ou integração”²⁵⁴ da cláusula, inclui os parâmetros “rebaixamento hierárquico”²⁵⁵ e “nível sintático”²⁵⁶. O segundo grupo centra-se nas características morfológicas da cláusula, que evidenciam “expansão ou redução”²⁵⁷ dela, e inclui os parâmetros “desfrasialização da cláusula subordinada”²⁵⁸ e “gramaticalização do verbo principal”²⁵⁹. O último grupo centra-se na análise dos elementos que evidenciam o “isolamento ou a vinculação”²⁶⁰ entre as cláusulas. Nesse grupo, estão os parâmetros “entrelaçamento”²⁶¹ e “explicitude da vinculação”²⁶².

Para a análise do grau de integração entre cláusulas, seguiremos os agrupamentos feitos por Lehmann (1988), razão pela qual o capítulo está dividido em três seções de aplicação desses parâmetros e uma quarta seção, na qual propomos um *continuum* de integração para as cláusulas do cabo-verdiano. Portanto, na primeira parte da análise da integração entre as cláusulas, tratamos dos parâmetros que se referem ao grau de autonomia ou integração da cláusula; na segunda, aplicamos os parâmetros que analisam a expansão ou redução das cláusulas vinculadas; na terceira parte, observamos o grau de isolamento ou vinculação das cláusulas, aplicando os parâmetros “entrelaçamento” e “explicitude da vinculação”, e, por fim, na quarta parte, propomos um *continuum* de integração sintática entre cláusulas em cabo-verdiano (variedade de Santiago), a partir dos resultados obtidos na aplicação dos parâmetros supramencionados.

registrada aqui a atuação da polaridade negativa nessa cláusula, o que pode contribuir para estudos posteriores sobre a insubordinação no santiaguense.

²⁵⁴ *Autonomy vs. integration* (LEHMANN, 1988, p. 183).

²⁵⁵ *Hierarchical downgrading* (LEHMANN, 1988, p. 183).

²⁵⁶ *Syntactic level* (LEHMANN, 1988, p. 189).

²⁵⁷ *Expansion vs. reduction* (LEHMANN, 1988, p. 193).

²⁵⁸ *Desententialization of subordinate clause* (LEHMANN, 1988, p. 193).

²⁵⁹ *Grammaticalization of main verb* (LEHMANN, 1988, p. 201).

²⁶⁰ *Isolation vs. linkage* (LEHMANN, 1988, p. 204).

²⁶¹ *Interlacing* (LEHMANN, 1988, p. 204).

²⁶² *Explicitness of linking* (LEHMANN, 1988, p. 210).

8.1 Autonomia vs. integração

Para tratar de *autonomia vs. integração*, aplicamos os parâmetros *rebaixamento hierárquico* e *nível sintático*, os quais permitem observar o quanto uma cláusula está integrada à outra, podendo ser até um constituinte dela, ou o quanto ela é autônoma.

8.1.1 Rebaixamento hierárquico

Ao aplicar esse parâmetro aos dados, categorizamos as cláusulas pelos tipos de vinculação que estabelecem com as outras. No polo inicial, estão as cláusulas que se relacionam sem estabelecer uma hierarquia entre elas, ou seja, as cláusulas em relação de coordenação. No polo final, estão as cláusulas com maior relação hierárquica, ou seja, aquelas que são rebaixadas para um constituinte da cláusula subordinante. Neste caso, temos as cláusulas que, nos termos de Hopper e Traugott (1993), apresentam o traço “encaixamento”.

Os dados apresentam dois tipos mais amplos de cláusulas encaixadas: as completivas e as relativas restritivas²⁶³. Entre esses dois tipos de vinculação, apenas as completivas são argumentos da cláusula matriz, ou seja, preenchem um *slot* (argumento/constituinte) do sintagma verbal da matriz; as relativas restritivas, por outro lado, funcionam como adjetivos e modificam um argumento ou um circunstancial da cláusula matriz. Portanto, as completivas têm um caráter mais rebaixado que as relativas restritivas, estando, assim, no polo de maior integração (encaixamento) do *continuum* proposto por Lehmann (1988), cuja estruturação coloca no polo inicial as cláusulas independentes e no polo final as cláusulas encaixadas, as quais são rebaixadas a um constituinte particular de uma cláusula matriz. Ao lado das cláusulas independentes estão as cláusulas adjuntas ou adverbiais, em que uma das cláusulas da frase complexa apresenta um conector que a identifica como subordinada, mas não se configura como constituinte da cláusula com que se relaciona. Na posição intermediária, estão as cláusulas correlatas²⁶⁴, em que há um elemento explicitador da vinculação em cada cláusula em relação²⁶⁵. As cláusulas mediais são cláusulas subordinadas, mas não são constituintes da cláusula principal, em alguns casos, há dípticos correlativos. A

²⁶³ Não há dados de relativas explicativas no *corpus*.

²⁶⁴ Ex: *N gosta txeu di katxupa sima bu gosta* ‘eu gosto tanto de cachupa quanto você gosta’ (Exemplo fornecido pelo nosso informante de cabo-verdiano).

²⁶⁵ Sobre cláusulas correlatas, ver Rodrigues (2014) e Majoni e Rodrigues (2016).

essa vinculação, Foley e Van Valin (1984) denominam de co-subordinação²⁶⁶. As cláusulas de particípio conjunto são parte da cláusula principal, mas sua função sintática não é clara, assemelha-se tanto a cláusulas apositivas como a adverbiais, por isso não se trata de encaixamento, por não serem argumentos de um predicado matriz.

Figura 13 – Rebaixamento hierárquico

parataxe	←-----					-----→	encaixamento
cláusula independente		cláusula adjunta	díptico correlativo	cláusula medial	part. conj. ²⁶⁷		cláusula governada

Fonte: Lehmann (1988, p. 189).

Baseando-nos nesse *continuum*, para o polo com menor integração, isto é, onde se alocam as cláusulas independentes, temos as coordenadas, tanto as justapostas (assindéticas) quanto as com marcadores explícitos (sindéticas). No polo com maior integração, estão as cláusulas que se caracterizam pelo traço “encaixamento”, ou seja, as completivas e as relativas restritivas. Assim, esse *continuum* aplicado ao santiaguense ficaria da seguinte forma:

Figura 14 – Rebaixamento hierárquico da cláusula no santiaguense

parataxe	←-----					-----→	encaixamento
coordenadas		insubordinadas	adverbiais	relativas restritivas			completivas

Fonte: A autora, adaptado de Lehmann (1988, p. 189).

As cláusulas insubordinadas (capítulo seis) podem apresentar marcas linguísticas de dependência, até por poderem ser, originariamente, cláusulas completivas. Porém, como essas cláusulas não apresentam cláusula matriz, não podemos caracterizá-las como rebaixadas hierarquicamente, já que elas se realizam como cláusulas independentes. Vale ressaltar que, para essas cláusulas, é necessária uma interpretação pragmática, considerando o propósito comunicativo do falante em estruturar uma cláusula independente com tal estrutura, em determinados contextos. Por isso, as insubordinadas estão na posição à direita das coordenadas. As adverbiais, sendo cláusulas dependentes, mas não encaixadas, ocupam a posição mediana do *continuum*. As relativas restritivas têm o traço encaixamento, não por constituírem um argumento verbal, mas por serem um modificador de um argumento ou circunstante, por essa razão ficam ao lado esquerdo das completivas, demonstrando que têm menor grau de

²⁶⁶ Lehmann (1988, p. 184) exemplifica esse tipo de cláusula com as línguas Bambara (língua niger-congolesa falada no Mali) e Kobon (língua da Papua-Nova Guiné).

²⁶⁷ Particípio conjuntivo (*conjunct participle*).

rebaixamento que as completivas. As categorias “cláusula adjunta”, “díptico correlativo”, “cláusula medial” e “particípio conjunto”, que constam na Figura 13 do *continuum* proposto por Lehmann (1988), são cláusulas adverbiais que, nas diversas línguas naturais, manifestam-se linguisticamente de formas distintas, sendo algumas mais e outras menos integradas. Em se tratando de um *continuum* de abrangência translinguística, são necessárias tais distinções para a sua aplicação. No cabo-verdiano, essas distinções não se verificam, por isso alocamos apenas as adverbiais na posição mediana do *continuum*. Para ilustrar o *continuum* estabelecido na Figura 14, vejamos os exemplos de 279 a 283 retirados do *corpus*.

Coordenada:

(279) *E bai, e bai, e bai, e bai, e txiga na kei sidádi, e átxa gentis tudu na jogu.*

(‘Ele foi, foi, foi, foi [até que] chegou naquela cidade [e] encontrou todo mundo jogando’).

(kea_ev_narr_01_044_046)

Insubordinada:

(280) *Lobu, el e kóri di pa diánti, ma el k-é más grándi ki ta deta na káma más*

sábi. (‘O lobo correu na frente [dizendo] que era ele que era mais velho [e que, portanto, seria] ele que se deitaria na cama melhor’).

(kea_ev_narr_06_148_150)

Adverbial:

(281) *Kántu k-e ben, e fla: ia N ben.* (‘Quanto ele veio, disse: já cheguei (lit. ‘já

vim’)

(kea_ev_narr_01_079)

Relativa restritiva:

(282) *Xibinhu bai na kel águ ki sata fedi, pánha, da-l ku el na naris.* (‘O Xibinho

foi naquela água que estava fedendo, pegou[-a] [e] jogou no nariz dele (lit. ‘deu-lhe com ela no nariz’)

(kea_ev_narr_06_331_333)

Completiva:

(283) *E fla m-e teni un káisa duedju frádu má ma ta jeta.* (‘Ele disse que tem uma

calça [com] um furo no joelho, mas que se ajeita’).

(kea_ev_narr_10_003)

8.1.2 Nível sintático

Este parâmetro está intrinsecamente correlacionado ao parâmetro anterior e refere-se à “variação de acordo com o nível sintático da cláusula principal, à qual pertence a cláusula subordinada” (LEHMANN, 1988, p. 189). Logo, para o autor, quanto mais baixo o nível sintático da cláusula principal, mais integrada a ela a cláusula subordinada está.

Figura 15 – *Continuum* do nível sintático

frase	←----->						palavra
cláusula subordinada	está			no SV	serialização	formação de predicado complexo	
fora da	na margem	dentro da		verbal	perífrase	derivação	
cláusula	da cláusula	cláusula			auxiliar	verbal	
principal	principal	principal					

Fonte: Lehmann (1988, p. 192, tradução nossa).

No entanto, para os dados do santiagoense, adaptamos esse parâmetro considerando a cláusula principal de nível sintático mais alto a que tem *status* de independente e a de nível sintático mais baixo aquela que está no nível escalar mais baixo de dependência na frase complexa, como se vê no exemplo 284.

(284)

L1	E	fla-i	ma	kei	diâ	e
L2	S3SG	dizer.PFV- O3SG	que	aquele	dia	S3SG
L3	[MATRIZ_N1]	[COMPL 1]
L1	ka	ta	ben	ku	el	p-e
L2	NEG	IPFV	vir	com	T3SG	para-S3SG
L3			COMPL 1			
L1	to(r)na	bai,	porké	ma	si	pai
L2	tornar.PFV	ir.PFV	porque	que	POSS.3SG	pai
L3	COMPL 1]		[COMPL 2	
				[MATRIZ_N2	
L1	tánbi	fika	mánda	toma-i	la	Nglatéra
L2	também	ficar.PFV	mandar.PFV	tomar.PFV- O3SG	lá	Inglaterra
L3			COMPL 2			
	MATRIZ_N2]	[COMPL_N2		
			[MATRIZ_N3]	[COMPL_N3	
				[NUC_N4]
L1	p-á	kasa-i	ku	Toru	Kabésa	Báka.
L2	para-ir.PFV	casar.PFV- O3SG	com	Touro	Cabeça	Vaca
L3			COMPL 2]
			COMPL_N2]
			COMPL_N3]
			PROP_N4]
	[]
	[MATRIZ_N5]	[COMPL_N5]

Ela disse-lhe que naquele dia ela não iria com ele para voltar novamente, porque seu pai também ficou de mandar tomá-la lá na Inglaterra para ir casá-la com Touro Cabeça de Vaca.

(kea_ev_narr_11_054_056)

O exemplo 284 apresenta cláusulas matrizes nos níveis um, dois, três e cinco (N1, N2, N3 e N5) e uma cláusula nuclear no nível quatro (N4). Isso mostra que a matriz que se encontra no nível um (N1), *e fla-i*, não depende hierarquicamente de nenhuma outra cláusula. A que está no nível dois (N2), *ma si pai tánbi fika*, é subordinada à de nível um (N1). A matriz de nível três, *mánda*, por sua vez, é subordinada à de nível dois (N2). A nuclear de nível quatro (N4), *toma-i la Nglatéra*, depende da matriz de nível três (N3). Por fim, a completiva de nível cinco (N5), *kasa-i ku Toru Kabésa Báka*, depende da cláusula adverbial de propósito de nível quatro (N4) *p-á*. Portanto, essa cláusula matriz que está na quinta escala de dependência hierárquica da frase complexa tem nível sintático mais baixo. Como, na categorização dos dados, consideramos as cláusulas subordinadas e como essas cláusulas têm o mesmo nível sintático Nx (com $1 < x < 5$ no *corpus*)²⁶⁸ de sua principal, os resultados dos níveis sintáticos das cláusulas principais apresentados aqui baseiam-se na relação que mantêm com suas subordinadas, por isso o número de cláusulas principais pode ser menor, já que uma cláusula pode subordinar mais do que uma outra cláusula.

A Tabela 84 explicita a distribuição dos dados nesses níveis, considerando-se a frequência de uso e tipos de cláusulas da subordinação. O nível mais baixo atestado no *corpus* é o nível cinco (N5).

Tabela 84 – Frequência das completivas e adverbiais nos níveis sintáticos no santiaguense

Tipo de vinculação	N1	N2	N3	N4	N5	Total
Completivas	1002	186	54	5	2	1249
	80,22%	14,89%	4,32%	0,40%	0,16%	100,00%
Adverbiais	221	123	14	6	1	365
	60,55%	33,70%	3,84%	1,64%	0,27%	100,00%

Fonte: Elaborada pela autora.

As cláusulas relativas, por modificarem um argumento da cláusula matriz, estão sempre em nível hierárquico inferior. Como explicamos na análise das relativas²⁶⁹, o nível sintático delas foi categorizado considerando como ponto de partida a cláusula relativa em análise. Há poucas relativas que estão subordinadas a outra cláusula relativa, como é o caso da relativa zero (sem pronome relativo) em: *E fla: é kei fomi ki N teni li ki dja ten tre(s) diâ N ka kumi, ke-li peláda sta li N ta kebra djudjun ku e(i)* ('Com essa fome que eu estou que já tem

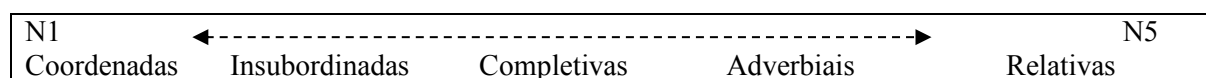
²⁶⁸ O nível mais alto é o nível um (N1), e o mais baixo é o nível cinco (N5).

²⁶⁹ Ver seção 4.3.1 sobre as relativas restritivas.

três dias [que] **não como**, [como] a Pelada está aqui, eu vou quebrar o jejum com ela’)²⁷⁰. Logo, a análise do nível sintático da cláusula matriz encaixando relativas restritivas será avaliada pelo termo que a relativa modifica, já que a cláusula se refere a esse termo, dando-lhe algum tipo de especificação. Dessa forma, se o termo especificado é núcleo do argumento, está num nível sintático mais alto; se se trata de um adjunto, está em um nível intermediário; e, se se refere a um tópico, que é um elemento fora da cláusula, está em um nível sintático mais baixo.

A coordenação²⁷¹ também ocorre nos níveis subsequentes ao primeiro, mas como a coordenação nesses níveis se dá entre as cláusulas subordinadas, apenas os níveis sintáticos das cláusulas subordinadas serão considerados aqui. Por conseguinte, aplicando o parâmetro do nível sintático da cláusula principal aos tipos de vinculação em santiaguense, temos o *continuum* da Figura 16.

Figura 16 – *Continuum* do nível sintático das cláusulas em santiaguense



Fonte: Elaborada pela autora.

As coordenadas ocupam o nível mais alto do *continuum*, já que não estão subordinadas a outra cláusula. As insubordinadas seguem as coordenadas, porque, apesar de também ocorrerem apenas no nível um (N1), têm características que as assemelham a cláusulas dependentes, porém não há realização da subordinante. As relativas ocupam o nível mais baixo do *continuum*, pois modificam um termo de uma outra cláusula, não sendo essas cláusulas nem argumento nem adjunto da cláusula matriz, mas um modificador de um termo da cláusula matriz.

Para as matrizes de completivas e nucleares de adverbiais, aplicamos o parâmetro pela maior frequência de uso no nível um (N1). Pela Tabela 84, mais acima, podemos ver que as completivas têm maior frequência no nível um (80,22%), já as adverbiais têm um percentual menor de ocorrência no nível um (60,55%), por isso ocupam uma posição mais à direita do *continuum*.

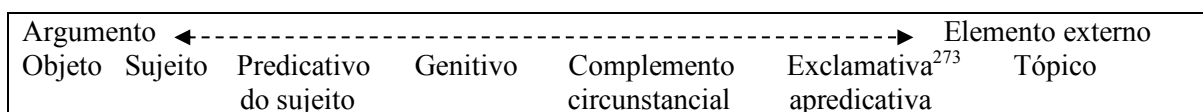
Além disso, estabelecemos também *continua* específicos para cada tipo de vinculação, considerando os diversos tipos categorizados nos dados. Assim, baseando-nos nos

²⁷⁰ (kea_ev_narr_08_041_043).

²⁷¹ Conforme definição de coordenação de Haspelmath (2004, p. 34), as cláusulas coordenadas são unidades do mesmo tipo.

resultados²⁷² dos tipos de relativas restritivas que ocorrem nos dados, temos o seguinte *continuum* para o nível sintático das matrizes de relativas:

Figura 17 – *Continuum* do nível sintático das matrizes de relativas restritivas



Fonte: Elaborada pela autora.

As cláusulas matrizes que têm como elemento dominante de relativa um objeto apresentam nível mais alto, pois o objeto é um argumento interno do sintagma verbal. Seguindo a matriz de objeto, estão as que têm como elemento dominante o sujeito, o qual é argumento externo do sintagma verbal, e o predicativo do sujeito, que dá uma caracterização ao sujeito. As matrizes que têm como elemento dominante um sintagma preposicional com função genitiva ocupam, com as que modificam um complemento circunstancial, a posição mediana do *continuum*; aquelas pelo elemento dominante ser, mais frequentemente, modificador do núcleo do argumento e estas pelo elemento dominante ter função adjunta. Por fim, na extremidade direita do *continuum*, como nível sintático mais baixo, estão as matrizes exclamativas apredicativas e as de tópico. As matrizes exclamativas apredicativas apresentam baixo nível sintático por não apresentarem verbo na sua constituição, e os tópicos, por serem elementos externos à cláusula.

O nível sintático das demais cláusulas subordinantes (matrizes de completivas e nucleares de adverbiais) foi analisado pela sua posição na estrutura sintática da frase complexa. Por conseguinte, os tipos semânticos, tanto de completivas como de adverbiais, que apresentam mais cláusulas, em termos quantitativos, realizando-se em níveis mais baixos da estrutura sintática, apresentam cláusulas subordinantes também com níveis mais baixos, por isso ocupam a posição mais à direita do *continuum*.

²⁷² Para figurarem nos *continua* de integração entre cláusulas do santiaguense propostos neste capítulo, consideramos amostras que apresentem, no mínimo, 30 dados, o que representa aproximadamente 0,8% do *corpus*, visto que um valor mais baixo que esse não parece suficiente do ponto de vista estatístico para mostrar as tendências da língua.

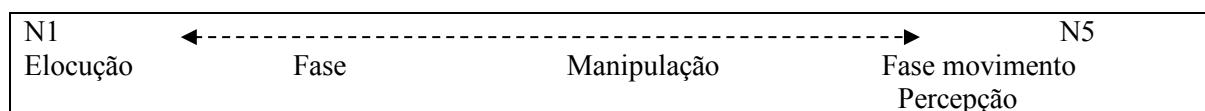
²⁷³ Ver seção sobre relativas de cláusulas exclamativas apredicativas (4.3.1.8).

Tabela 85 – Distribuição das completivas por nível sintático

Tipo semântico	Classificação	N1	%	N2	%	N3	%	N4	%	N5	%	Total
Elocução	1º	744	92,88	49	6,12	7	0,87	1	0,12	0	0	801
Fase	2º	63	78,75	12	15	5	6,25	0	0	0	0	80
Fase Movimento	4º	71	51,08	45	32,37	20	14,39	1	0,72	2	1,44	139
Manipulação	3º	77	72,64	20	18,87	9	8,49	0	0	0	0	106
Percepção	5º	23	50	17	36,96	5	10,87	1	2,17	0	0	46
Outras²⁷⁴		23	28,95	44	57,89	8	10,53	2	2,63	0	0	77
Total		1000	80,14	187	14,97	54	4,32	5	0,40	2	0,16	1249

Fonte: Elaborada pela autora.

Assim, baseando-nos nos resultados quantitativos expostos na Tabela 85, temos o seguinte *continuum* do nível sintático das matrizes de completiva.

Figura 18 – *Continuum* de nível sintático das matrizes de completivas²⁷⁵

Fonte: Elaborada pela autora.

A matriz de elocução mostrou-se com nível sintático mais alto com um percentual de 92,88% de realização no nível um (N1). Essa matriz ocorre, também, nos demais níveis até o nível quatro, mas com percentuais de frequência baixos nesses níveis. A matriz de fase tem a segunda maior frequência no primeiro nível (78,75%) e ocorre até o nível três (N3). A matriz de manipulação ocupa a posição central do *continuum*, já que essa cláusula apresenta a terceira maior frequência (72,64%) no nível um (N1). Ela ocorre também nos níveis dois e três com percentuais baixos. A matriz de completiva de fase movimento tem 51,08% de frequência no nível um, valor muito próximo da matriz de completiva de percepção. Vale notar que essa matriz é a única que ocorre no nível cinco (N5) da estrutura sintática e, também, como a de percepção, apresenta alta frequência ($100\% - 51,08\% = 48,92\%$), conforme Tabela 73, nos níveis subsequentes ao primeiro. A matriz de percepção apresenta o menor percentual de ocorrência no nível um (50%). Como os valores dessas cláusulas e das de fase movimento diferem em menos de 1%, essas duas completivas ocupam, igualmente, a posição de nível

²⁷⁴ Completivas com menos de 30 dados (completiva de conhecimento, desiderativa, modal, atitude proposicional, pretensão, conquista e completivas controladas por nomes/adjetivos).

²⁷⁵ As matrizes de conhecimento, desiderativa, modal, de atitude proposicional, de pretensão e de conquista, assim como as completivas controladas por nomes/adjetivos não apresentam dados suficientes (têm menos de 30 dados) para serem alocadas no *continuum*.

sintático mais baixo. O número de ocorrência das demais cláusulas matrizes (inferiores a 30 dados) não é suficiente para decidirmos onde aloca-las no *continuum* do nível sintático da cláusula matriz. O conjunto dessas cláusulas está representado no rótulo “outras”. Para ilustrar as vinculações indicadas no *continuum* da Figura 18, vejamos os exemplos 285 a 289:

Elocução:

(285) *E fla*²⁷⁶ *m-es ta da-m tres kár di dinheru* (‘**ele disse** que eles me dariam três carros de dinheiro’)

(kea_ev_narr_10_041)

Fase:

(286) *Lántxa komesa bai si, bá fundu, es móri séku raganhádu* (‘**A lancha começou** a ir assim, foi ao fundo, eles morreram secos e arreganhados’).

(kea_ev_narr_10_225)

Manipulação:

(287) *Kántu e ta bai, e bai... si mai fla-l p-e bá na txáda, p-e pega un kabálu más mágru ki sta la, p-e ben, p-e munta, p-e bai* (‘Quando ele vai, ele foi... **Sua mãe disse-lhe** para ele ir na achada, para ele pegar o cavalo mais magro que esteja lá, para ele vir, para ele montá-[lo], para ele ir’)

(kea_ev_narr_01_022)

Fase movimento:

(288) *Nton ker dia prumeru e... Pálu fla si mai m-e ta bá buska kel... ke ramedi, e bai* (‘Então naquele primeiro dia e... foi Paulo [que] disse à sua mãe que **ele iria** buscar aque... aquele remédio [e] foi’).

(kea_ev_narr_01_019)

Percepção:

(289) *Dja N odja ma nha tiu Lobu sata ngana-m* (‘**Já que vi** que o meu tio Lobo está me enganando’).

(kea_ev_narr_04_015)

²⁷⁶ Como foi mostrado no capítulo quatro, o verbo *fla* ‘dizer’ pode controlar tanto completivas de elocução quanto de manipulação. O que determina o valor semântico do predicado matriz codificado por esse verbo é o complementizador empregado. Para manipulação, tem-se o complementizador *pa* ‘para’; para elocução tem-se *ma* ‘que’, *si* ‘se’ ou zero, em discurso indireto.

Para a análise do nível sintático das nucleares de cláusulas adverbiais, baseamo-nos na Tabela 86.

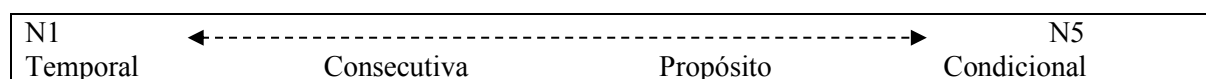
Tabela 86 – Distribuição das adverbiais por nível sintático

Tipo semântico	Classificação	N1	%	N2	%	N3	%	N4	%	N5	%	Total
Temporal	1°	137	81,55	31	18,45	0	0	0	0	0	0	168
Propósito	3°	49	45,79	40	37,38	11	10,28	6	5,61	1	0,93	107
Condicional	4°	5	12,5	35	87,50	0	0	0	0	0	0	40
Consecutiva	2°	15	55,56	10	37,04	2	7,41	0	0	0	0	27 ²⁷⁷
Outras²⁷⁸		15	65,22	7	30,43	1	4,35	0	0	0	0	23
Total		221	60,55	123	33,7	14	3,84	6	1,64	1	0,27	365

Fonte: Elaborada pela autora.

Logo, para as nucleares de adverbiais no santiaguense, temos o seguinte *continuum* do nível sintático:

Figura 19 – *Continuum* de nível sintático das nucleares de adverbiais²⁷⁹



Fonte: Elaborada pela autora.

A nuclear de temporal posiciona-se na extrema esquerda do *continuum*, porque, conforme a Tabela 86, apresenta maior frequência (81,55%) no nível um (N1). Além disso, essa nuclear ocorre apenas nos dois primeiros níveis da estrutura sintática, o que confirma seu nível sintático elevado. A nuclear de consecutiva ocupa a posição seguinte à da nuclear de temporal, pois tem a segunda maior frequência de ocorrência (55,56%) no nível um (N1). A nuclear da adverbial de propósito está na terceira posição da decalagem de nível sintático com um percentual de 45,79% de frequência no nível um (N1). Vale notar que essa é a única nuclear que ocorre nos cinco níveis da estrutura sintática e sua frequência no primeiro nível (45,79%) é inferior à soma de sua ocorrência nos demais níveis ($54,2\% = 37,38\% + 10,28\% + 5,61\% + 0,93\%$). Por fim, a nuclear condicional, que também ocorre apenas no primeiro e no segundo níveis sintáticos, ocupa a posição mais baixa no *continuum* do nível sintático, já que apresenta

²⁷⁷ Apesar de a adverbial consecutiva apresentar menos de 30 dados (27 dados), incluímo-la no *continuum*, visto sua frequência ter valor aproximado ao mínimo estabelecido (30 dados) para análise do grau de integração.

²⁷⁸ Adverbiais com menos de trinta dados (adverbial causal, comparativa, concessiva e proporcional).

²⁷⁹ As adverbiais causal, comparativa, concessiva e proporcional não foram consideradas nesse *continuum* por apresentarem uma amostra inferior a trinta dados.

a menor frequência no nível um (12,5%), por isso foi posicionada próxima ao polo direito do *continuum*. Os exemplos 290 e 291 ilustram os tipos de cláusulas nucleares do *continuum* da Figura 19.

Nuclear de temporal:

(290) *E puxa, e puxa, pux... sima e ta puxa pa riba, Xibinhu ta káika na txon* ('Ele puxou, ele puxou, ele pux... enquanto ele puxava para cima, **Xibinho pressionava no chão**').

Nuclear de consecutiva:

(291) *Buru dja kánba na txon, ki ka ta sai* ('**O burro já entrou no chão**, que não sai').

(kea_ev_narr_04_157)

Nuclear de propósito:

(292) *Xibinhu bai pa txiga na mésa purmeru, Lobu pintxa-l* ('**Xibinho foi** para chegar na mesa primeiro, [mas] o Lobo o empurrou').

(kea_ev_narr_124_126)

Nuclear de condicional:

(293) *Ná, nton si nhos ta ben, nhos ben gosi li* ('**Não!** Então se vocês vêm, **venham agora mesmo!**').

(kea_ev_narr_10_249)

8.2 Expansão vs. Redução

Os parâmetros abordados neste grupo referem-se ao grau de redução ou expansão tanto na perspectiva da cláusula subordinada, via parâmetro *desfrásialização da cláusula subordinada*, quanto na perspectiva da cláusula subordinante, via parâmetro *gramaticalização do verbo principal*. Para Lehmann 1988:

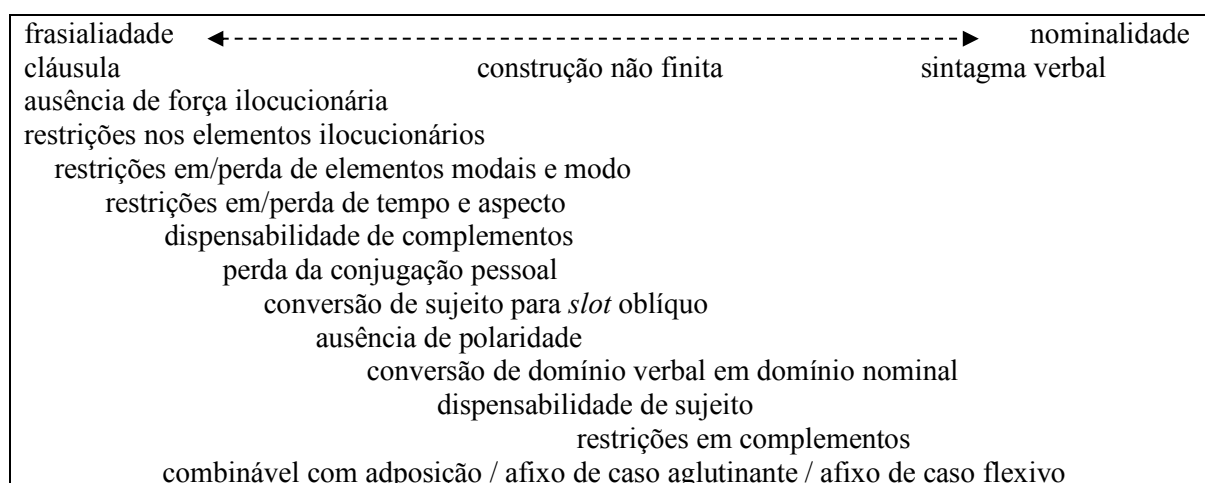
[...] há duas maneiras de reduzir uma frase complexa a uma simples (e, inversamente, duas maneiras de expandir uma cláusula a uma frase complexa). Primeiro, podemos desfrásializar a cláusula subordinada, transformando-a em um constituinte simples da cláusula principal. Em segundo lugar, podemos gramaticalizar o verbo principal, transformando-o em um afixo que modifica o significado do verbo semanticamente subordinado. Em ambos os casos, o verbo subordinado torna-se um constituinte da cláusula principal: no primeiro caso, um dependente, no segundo caso, seu verbo principal (LEHMANN, 1988, p. 204, tradução nossa).²⁸⁰

²⁸⁰ Original: "[...] there are two ways of reducing a complex sentence to a simple one (and conversely, two ways of expanding a clause to a complex sentence). First, we may desententialize the subordinate clause, turning it into a simple constituent of the main clause. Second, we may grammaticalize the governing verb, turning it into an affix which modifies the meaning of the semantically subordinate verb. In both cases, the subordinate

8.2.1 Desfrsialização da cláusula subordinada

Por meio desse parâmetro, analisamos o quanto a subordinada perde suas propriedades de cláusula e ganha propriedades nominais, aproximando-se de um constituinte nominal ou adverbial da cláusula subordinante. Lehmann (1988, p. 193) mostra alguns componentes semânticos e categorias gramaticais que constituem uma frase plena, são estes: “força ilocucionária, modo, tempo, aspecto, actantes e circunstantes com suas várias funções sintáticas”. Dessa forma, esse autor constrói o seguinte *continuum* de desfrsialização da cláusula subordinada.

Figura 20 – Desfrsialização da cláusula subordinada



Fonte: Lehmann (1988, p. 200, tradução nossa).

O *continuum* proposto por Lehmann (1988), na Figura 20, mostra uma gradação da frasialidade para a nominalização, tendo como expressão de maior integração os casos de cláusulas que se gramaticalizam em afixos no sintagma verbal. Considerando que as duas primeiras características apontadas no *continuum*, a saber, “ausência de força ilocucionária” e “restrições nos elementos ilocucionários” estão presentes nas cláusulas subordinadas categorizadas nos dados (relativas, completivas e adverbiais), essas características não nos são relevantes para aplicação desse parâmetro ao santiaguense.

Vários fatores apontados no *continuum* da Figura 20 referem-se, de alguma forma, ao grau de não finitude do verbo que codifica o predicado dependente, nomeadamente:

verb becomes a constituent of the main clause: in the first case, a dependent one, in the second case, its main verb”.

“restrições em/perda de elementos modais e modo”; “restrições em/perda de tempo e aspecto”; “dispensabilidade de complementos”; “perda da conjugação pessoal”; “dispensabilidade do sujeito”. A não finitude é bastante comum, em diversas línguas, para caracterizar a desfrasalização de uma cláusula. No entanto, em uma língua crioula como o cabo-verdiano santiaguense, a não finitude do verbo não tem caráter discreto como nas línguas românicas, ao contrário, tem caráter gradiente e está estritamente relacionada a restrições da atuação das marcas de tempo, aspecto e modo, assim como da expressão dos actantes do sintagma verbal. Em cabo-verdiano, zero (\emptyset) na posição pré-verbal pode indicar tanto o aspecto perfectivo como a ausência de uma marca aspectual, o que poderia constituir-se na não finitude do verbo. Como a não finitude do verbo dependente mostrou-se como a característica mais comum para determinar o grau de desfrasalização numa cláusula, consideramo-la como o fator principal para a organização do *continuum* de desfrasalização. Para a análise do grau de não finitude, observamos os seguintes fatores (descritos nos capítulos quatro e cinco dedicados à descrição da frase complexa no santiaguense): atuação das marcas de tempo, aspecto e modalidade no verbo dependente e compartilhamento de argumento. Além disso, consideramos o conector empregado na vinculação, sabendo que conectores que resultam da gramaticalização de preposições, como *pa* ‘para’, *di* ‘de’ e *ku* ‘com’, tendem a selecionar cláusulas com predicados codificados por verbos com maior grau de não finitude.

Mesmo não sendo o grau de finitude objeto de análise deste estudo, é possível reconhecer algumas estruturas com o traço [- finito], como é o caso dos verbos em segunda posição em frases complexas com estruturas [(ASP) V₁ + V₂], em que a cláusula subordinada (representada por V₂) é praticamente reduzida ao predicado. Tais estruturas, como ilustramos nos exemplos 294 e 295, só ocorrem, no *corpus*, entre matriz e completiva (sendo o primeiro verbo o núcleo do predicado matriz e o segundo, da completiva). Para as adverbiais, consideramos o conector que explicita a relação entre a nuclear e sua dependente, já que, como mencionamos, certos conectores impõem um certo grau de não finitude ao verbo dependente.

- ASP + V (*bai* ‘ir’) + V (*de(s)fruta* ‘desfrutar’):

(294) *Nton Lobu ku Xibinhu, a-eris, es ta bá fu(r)tába npátar di nhu rai* (‘Então Lobo e Xibinho, eles **iam furtoar** o mampatás do rei’)

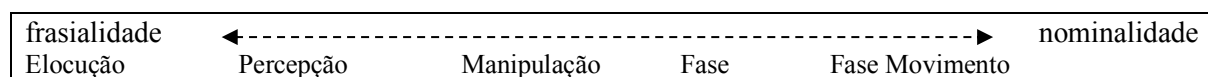
(kea_ev_narr_05_007_009)

- V (*torna* ‘tornar’) +₋V (*labánta* ‘levantar’) / V (*torna* ‘tornar’) +₋V (*kánsa* ‘cansar’):

(295) *Di la, e torna labánta, e lansia na porku, e torna kánsa* ('De lá, ele [Pedro] voltou a levantar-se, lançou-se no porco [e] voltou a cansar-se').

(kea_ev_narr_01_191_193)

Figura 21 – *Continuum* de desfrasialização das completivas no santiaguense



Fonte: Adaptado de Lehmann (1988, p. 200).

As completivas de elocução apresentam estruturas mais expandidas, assim como as de percepção. As alocações dessas cláusulas no *continuum* deram-se pela frequência de uso, já que as completivas de elocução apresentam 39,58% (317/801) de formas expandidas inquestionáveis (atuação dos aspectos imperfectivo, progressivo e do modo imperativo) contra 34,78% (16/46) das completivas de percepção, como mostra a Tabela 87.

Tabela 87 – Formas expandidas e não expandidas nas completivas de elocução e percepção

Tipo de cláusula	Formas não expandidas	Formas expandidas	Total
Elocução	484	317	801
%	60,42%	39,58%	100,00%
percepção	30	16	46
%	65,22%	34,78%	100,00%

Fonte: Elaborada pela autora.

As completivas de percepção têm matrizes com predicados codificados pelos verbos *odja* 'ver', *átxa* 'encontrar/achar', *xinti* 'sentir', *obi* 'ouvir', *ozerba* 'observar' e *djobi* 'olhar'. Esses predicados controlam completivas com predicados codificados por verbos com maior grau de finitude, já que se pode ver a atuação das marcas de aspecto, assim como a realização dos actantes²⁸¹ nessas cláusulas, como se pode ver nas tabelas 27 e 28, no capítulo quatro (seção 4.2.1.4.2).

A maior parte das completivas de manipulação (37 [66,07%] dados de um total de 56 predicados de manipulação controlando completivas – ver Tabela 23, na seção 4.2.1.3.1) categorizadas no *corpus* são requeridas por uma matriz com predicado codificado pelo verbo

²⁸¹ Apenas as completivas de percepção e conhecimento apresentaram maior frequência de não entrelaçamento, ou seja, elas tendem a ter os seus próprios actantes, as demais têm maior tendência a entrelaçarem-se com as cláusulas dominantes.

fla ‘dizer/ordenar’. Essas completivas são introduzidas pelo complementizador *pa* ‘para’ que impõe, na maioria dos contextos, restrições para a atuação das marcas de aspecto, o que nos faz interpretar o verbo do predicado dependente com o traço [- finito]. Os demais verbos que codificam as matrizes de manipulação também requerem completivas com predicados codificados por verbos com um certo grau de não finitude, como mostra a Tabela 23.

As completivas de fase e fase movimento ocupam as posições seguintes, pois apresentam poucas ocorrências com marcas de aspecto diferentes de zero (formas expandidas – ver Tabela 88) e, também, apresentam algumas restrições para ocorrência das marcas aspectuais em alguns contextos, como é o caso das completivas requeridas por predicados codificados pelo verbo *ká* ‘acabar (de)’, que têm predicados codificados por verbos com maior grau de não finitude, como mostra o exemplo 296. Esse caráter não finito das completivas demandadas pelo verbo de fase *ká* ‘acabar (de)’, possivelmente, deve-se ao fato de elas resultarem da gramaticalização de uma cláusula introduzida por preposição, como em *kába di kema* > *ká kema* (lit. ‘acabar de queimar’ > ‘acabar queimar’).

(296) *Nha tiu, ka dja nhu ká kema funku?!* (‘Meu tio, o senhor já não queimou todo o casebre?!’) (lit. ‘Meu tio, não já o senhor acabou queimar o casebre?!’)

(kea_ev_narr_05_092)

Tabela 88 – Formas expandidas e não expandidas nas completivas de fase e fase movimento

Tipo de cláusula	Formas não expandidas	Formas expandidas	Total
Fase	66	14	80
%	82,50%	17,50%	100,00%
Fase movimento	130	9	139
%	93,53%	6,47%	100,00%

Fonte: Elaborada pela autora.

Algumas completivas não apresentam dados suficientes para figurarem no *continuum* de desfrasalização (< 30 dados). No entanto, trataremos essas cláusulas aqui como informação qualitativa, o que pode ser útil para estudos posteriores com amostras mais amplas dessas completivas.

O *corpus* apresenta completivas de conhecimento requeridas apenas por predicados codificados pelo verbo *sabi* ‘saber’ e uma única ocorrência pela expressão verbal *da konta* ‘dar conta’. Dos 19 dados de completivas de conhecimento, apenas 5 são predicados expandidos

inquestionáveis, o que poderia indicar um certo grau de não finitude do verbo dependente na maioria dos dados dessas cláusulas. Contudo, não podemos dizer que se trata de verbos dependentes não finitos, já que a Tabela 30, no capítulo quatro, seção 4.2.1.5.2, mostra que essas completivas têm maior tendência (13/19 dados) de não compartilharem argumentos com suas matrizes, o que pode indicar atuação de sujeito próprio, como se pode ver no exemplo 297.

(297) *Nhu ka sabe ma limária mortu na sol m-e ta sopra?* ('O senhor não sabe **que animal morto no sol assopra** (lit. 'que ele assopra')?!')

Muito próximo do comportamento das modais, as que parecem mais desfrasionalizadas, estão as completivas desiderativas. Os resultados quantitativos²⁸² mostram que todas as completivas desiderativas têm predicado codificado por verbos com marca pré-verbal zero (\emptyset). Apesar de não ocorrer nos dados, é possível a atuação do aspecto imperfectivo em alguns contextos, tal como: *N kre pa N ta gánha senpri* 'eu quero que eu ganhe sempre' (num contexto de competição em que há uma sequência de vários jogos). É interessante notar que as marcas aspectuais só podem ocorrer na completiva se o complementizador for empregado. Se o falante opta pela construção sem o emprego do complementizador, o que se dá só quando há compartilhamento de sujeito, o verbo da completiva tem um caráter mais não finito, já que não pode ocorrer com marcas aspectuais: *N kre gánha senpri* 'eu quero ganhar sempre'. Essa possível ocorrência da marca de aspecto quando não há compartilhamento de argumento é bastante comum no cabo-verdiano, por isso as desiderativas não seriam consideradas tão desfrasionalizadas quanto as modais, em que a atuação da marca aspectual é bem rara.

As completivas modais mostram-se mais desfrasionalizadas, pois os verbos que codificam o seu predicado apresentam um forte grau de não finitude, não permitindo, em geral, a atuação das marcas de aspecto, as quais só podem ocorrer em contextos bastante específicos, que não têm muita produtividade na língua, como é o caso do exemplo 298, em que a completiva tem predicado codificado por verbo imperfectivo, enfatizando que é imperativa a existência permanente de remédios para ataque. Já o exemplo 299 ilustra a completiva modal com verbo não finito.

²⁸² Ver tabela 33, em 4.2.1.6.2.

(298) *Ke-li ki nhos odja ramedi debi ta ten pa atakasan* ('Nisso vocês veem [que] se deve **ter (existir) remédio para ataque**')

(kea_ev_narr_11_118)

(299) *A-nos nu debi ngoda kunpanheru, po nos é un i(r)mon* ('Nós devemos **conquistar uns aos outros** (lit. 'conquistar companheiro'), porque nós somos irmãos').

Como explicamos anteriormente, a desfrasalização das adverbiais foi analisada a partir dos conectores que explicitam a relação sintático-semântica. A Tabela 89 mostra as adverbiais que ocorrem no *corpus* com seus respectivos conectores.

Tabela 89 – Conectores das adverbiais

Tipo semântico	kántu (ki)	kuáundu ki	kelóki	óki	t-óki	ki	sima	timenti	ti	pa	na	zero	ánti(s)	Total
Temporal	95	1	8	14	9	16	13	2	3	1	1	3	2	168
	pa	k-é pa	ku	di	zero									
Propósito	89	6	4	2	6									107
	si	ki	pa											
Condicional	33	5	2											40
	ki	ti ki	zero											
Consecutiva	22	3	2											27
	komu	sima	pamodi											
Causal	4	6	1											11
	sima	demu	demu ma											
Comparativa	7	1	1											9
	sikré	pa más												
Concessiva	1	1												2
	kántu más													
Proporcional	1													1
														365

Fonte: Elaborada pela autora.

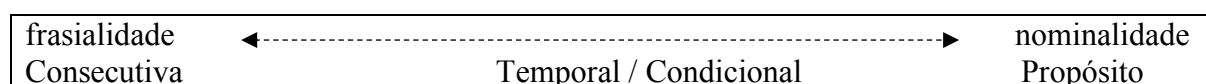
Dos conectores adverbiais que figuram na Tabela 89, os que resultam da gramaticalização de preposições e, por essa razão, tendem a seleccionar predicados codificados por verbo mais não finitos são: *pa* ‘para’, *na* ‘em’, *ti* ‘até’, *ku* ‘com’ e *di* ‘de’. De acordo com a Tabela 90, a seguir, a adverbial de propósito é a cláusula que mais ocorre com esses conectores (88,79%), por isso ocupa a posição mais nominalizada do *continuum* da Figura 22. A condicional apresenta dois dados com o conector *pa*, representando 5%, e, por isso ocupa a posição mediana do *continuum*. A temporal ocupa com ela essa mesma posição, apresentando 2,98% (5% – 2,98% = 2,02% de diferença) de conectores resultando da gramaticalização de preposição. Por fim, as demais cláusulas não apresentam características de nominalização. Dentre elas, apenas a adverbial consecutiva foi incluída no *continuum*, visto que as outras (causal, comparativa, concessiva e proporcional) têm amostras com menos de trinta dados cada.

Tabela 90 – Resultados quantitativos de adverbiais com conectores de preposições

Tipo semântico	Conectores de preposições	%	Outros conectores	%	Total
Temporal	5	2,98%	163	97,02%	168
Propósito	95	88,79%	12	11,21%	107
Condicional	2	5,00%	38	95,00%	40
Consecutiva	0	0,00%	27	100,00%	27
Causal	0		11		11
Comparativa	0		9		9
Concessiva	0		2		2
Proporcional	0		1		1

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 22 – *Continuum* de desfrasalização das adverbiais no santiaguense²⁸³



Fonte: Adaptado de Lehmann (1988, p. 200).

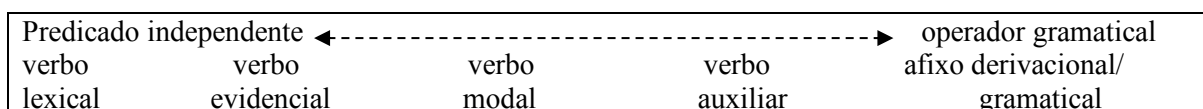
8.2.2 Gramaticalização do verbo principal

O processo de desfrasalização, observado na subseção anterior, é analisado apenas na cláusula subordinada, pois o traço [+ nominalização] pressupõe subordinação. Na perspectiva da cláusula subordinante, o processo que pode ocorrer é a gramaticalização do verbo que codifica o predicado principal. Lehmann (1988, p. 201, tradução nossa) entende a

²⁸³ Para ilustrar as adverbiais que figuram nesse *continuum*, veja os exemplos de 290 a 293.

gramaticalização como “um processo diacrônico e um *continuum* sincrônico, o qual faz com que itens lexicais passem a ser itens gramaticais [...]. Entre outras coisas, ela transforma verbos completos em modais e auxiliares”.²⁸⁴ O autor entende esse processo, também, como gradual, por isso propõe o seguinte *continuum* para a análise da gramaticalização do verbo principal.

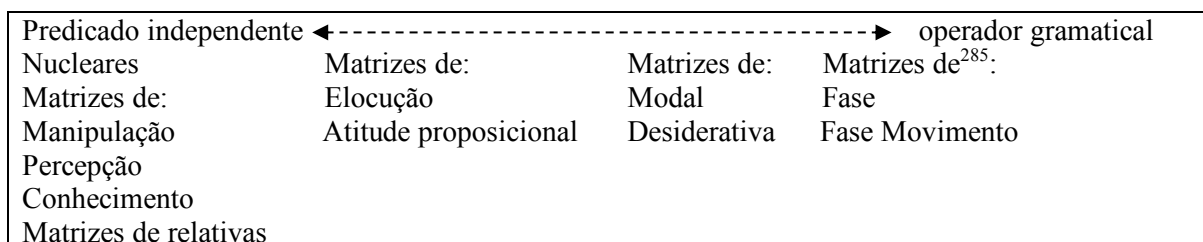
Figura 23 – Gramaticalização do verbo principal



Fonte: Lehmann (1988, p. 204, tradução nossa).

Os dados tratados não mostram exemplos de verbos com alto grau de gramaticalização em predicados de cláusulas subordinantes, como em forma de afixos acoplados ao verbo subordinado. Contudo, seguindo o *continuum* de gramaticalização do verbo principal, proposto por Lehmann (Figura 23), podemos organizar os tipos de cláusulas categorizadas no seguinte *continuum* de gramaticalização:

Figura 24 – *Continuum* de gramaticalização do verbo principal em santiaguense



Fonte: A autora, adaptado de Lehmann (1988, p. 204).

As coordenadas e insubordinadas não foram inseridas no *continuum* da Figura 24, já que o *continuum* trata apenas de cláusulas subordinantes. As cláusulas à esquerda do *continuum* são as que apresentam, na maioria das ocorrências do *corpus*, verbos lexicais plenos (nucleares; matrizes de: manipulação, percepção, conhecimento, pretensão e conquista; matrizes de relativas). As cláusulas que ocupam a segunda posição à esquerda do *continuum* são as que têm como núcleo do predicado matriz verbos de evidencialidade, como *fla* ‘dizer’, *purgunta* ‘perguntar’, *rispondi* ‘responder’, *konta* ‘contar’, *fasi* ‘fazer’ (matrizes de elocução)

²⁸⁴ Original: “Grammaticalization is a diachronic process and a synchronic continuum which lead from lexical to grammatical items [...]. Among other things, it turns full verbs into modals and auxiliaries” (LEHMANN, 1988, p. 201).

²⁸⁵ O santiaguense apresenta formas reduzidas de alguns verbos de fase que podem ser indícios de gramaticalização: *ká* (< *kába* ‘acabar’), *kunsa* (< *kumesa* ‘começar’), *bá* ou *á* (< *bai* ‘ir’), *en* (< *ben* ‘vir’) (QUINT, 2021, em conversa pessoal).

e *átxa* ‘achar’, *pensa* ‘pensar’, *parse* ‘parecer’ (matrizes de atitude proposicional). Na posição central do *continuum* estão as matrizes de completivas modais, e desiderativas, nas quais verbos, como *podí* ‘poder’, *debi* ‘dever’, *mesti* ‘necessitar’, *kre* ‘querer’, exercem, de certa forma, uma função de modalidade, já que tais verbos trazem ao predicado da completiva um valor modal deôntico ou de capacidade, habilidade e volição.²⁸⁶ Ocupando a posição mais à direita do *continuum* estão as cláusulas matrizes de fase (verbos como: *kunsa* ‘fazer depois’, *ká* ‘acabar (de)’, *fila* ‘preparar-se’) e de fase movimento (verbos como: *bai* ‘ir’ e *ben* ‘vir’). Os verbos dessas cláusulas parecem, em certas ocorrências, funcionar como verbos auxiliares numa perífrase verbal, em que o predicado matriz é, em certo grau, dessemantizado, sendo empregado para dar um teor gramatical ao predicado dependente, como se pode ver nos exemplos 300, 301 e 302.

(300) *Kánt-e ta ká disgota mar, dj-eris sta lonji, es ta bai* (‘Quando ela [a feiticeira] tiver acabado [de] secar o mar, eles já estarão longe, eles irão’).

(kea_ev_narr_02_014)

(301) *Nton es ben bá la* (‘Então eles acabaram (lit. ‘vieram ir’) por irem lá’).

(kea_ev_narr_02_158)

(302) *Nton ker dia prumeru e... Pálu fla si mai m-e ta bá buska kel... ke ramedi, e bai* (‘Então naquele dia primeiro [foi] Paulo [que] disse à sua mãe que ele iria buscar aque... aquele remédio [e] foi’).

(kea_ev_narr_01_019)

É importante ressaltar que, no santiaguense, o verbo principal que, em alguns casos, se aproxima do verbo auxiliar de um predicado complexo, não tem o mesmo comportamento dos verbos auxiliares do português, os quais carregam as informações gramaticais da perífrase. No santiaguense, a informação de tempo pode ir tanto no primeiro quanto no segundo verbo, sendo mais frequente, na variedade mais basilectal do santiaguense, sua posição no segundo verbo, como mostra o exemplo 303.²⁸⁷

²⁸⁶ Vale notar que em algumas variedades do santiaguense é possível encontrar a forma reduzida do verbo *sabi* > *sê* ‘saber’, o que indica um certo grau de gramaticalização desse verbo. Contudo, ele comporta-se de forma diferente dos verbos com nuance modal, já que, como vimos na seção 4.2.1.5.2, as completivas controladas por predicado de conhecimento tendem a não compartilhar argumentos com suas matrizes, o que indica o traço [+ finito] no verbo que codifica o predicado dependente.

²⁸⁷ Sobre perífrase verbal em santiaguense, ver Lang (no prelo, seção 4.5).

(303) *El e kre kazába ku fidju nhu rai* ('Ele queria casar-se com a filha do rei', lit. 'Ele quer casava com filho senhor rei')

(kea_ev_narr_03_012)

Lang (no prelo, seção 4.5.3) dá-nos um inventário de vinte e seis perífrases verbais do santiaguense, reconhecendo que é possível haver mais. O autor divide essas perífrases em quatro categorias: diatéticas²⁸⁸, modais²⁸⁹, aspectuais²⁹⁰ e de *taxe*²⁹¹, exemplificando-as com o verbo *fase* 'fazer' como verbo principal.

Essa organização das perífrases verbais alistadas por Lang (no prelo, seção 4.5.3), de certa forma, corrobora a organização que propomos no *continuum*, já que também reconhecemos que os predicados matrizes modais e desiderativos (que carregam a modalidade volitiva) têm um certo grau de gramaticalização, assim também os predicados matrizes de fase e fase movimento, que, em alguns contextos, podem funcionar como "verbos auxiliares de uma perífrase aspectual" (nos termos de Lang, no prelo). Como havíamos dito, os dados não apresentam nenhum caso de grau máximo de gramaticalização do verbo principal, ou seja, manifestando-se como afixo derivacional ou gramatical.

8.3 Isolamento vs. Vinculação

Os parâmetros desse grupo, nomeadamente, *entrelaçamento* e *explicitude da vinculação*, tratam dos dispositivos linguísticos envolvidos na integração entre as cláusulas ou da ausência desses dispositivos para evidenciar a vinculação.

8.3.1 Entrelaçamento

Por meio do parâmetro "entrelaçamento", é possível analisar o quanto as cláusulas em vinculação compartilham alguns de seus elementos. Lehmann (1988, p. 204) reconhece que as cláusulas vinculadas podem, sintaticamente, "compartilhar qualquer porção de significado

²⁸⁸ Perífrases que permitem o aumento do número de argumentos do predicado. Ex: *po fase* 'por a fazer'; *fase fase* 'fazer fazer'; e *dexa fase* 'deixar fazer' (LANG, no prelo, seção 4.5.4.1).

²⁸⁹ Perífrases que exprimem as diversas modalidades da língua, como vimos nas completivas modais.

²⁹⁰ Segundo Lang (no prelo, seção 4.5.6.1), "com as perífrases aspectuais, determina-se na maioria dos casos a relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento do estado de coisas em questão com maior precisão". Ex: *bira ta fase* 'começar a fazer'.

²⁹¹ Perífrase com nuance de tempo relativo, indicando anterioridade, simultaneidade e posterioridade. É o caso de algumas completivas de fase, como *kunsa fase* 'fazer depois'.

que se possa imaginar”. Contudo, o autor menciona apenas três: “o compartilhamento de predicados, de tempo e aspecto e de actantes”. Para a aplicação desse parâmetro ao santiaguense, analisamos apenas o compartilhamento de actantes, mais especificamente, dos argumentos do sintagma verbal, visto que certas características do predicado já foram consideradas nos parâmetros “desfrsialização” e “gramaticalização do verbo principal”.

A Tabela 91 mostra os resultados quantitativos do entrelaçamento entre as coordenadas em nível um (N1)²⁹², na qual vemos que, dos 2016 dados de coordenadas, 59,03% compartilham argumentos com as cláusulas em vinculação, sendo o sujeito o argumento mais compartilhado entre as coordenadas.

Tabela 91 – Resultados quantitativos do entrelaçamento entre as cláusulas coordenadas em nível um (N1)

Argumento compartilhado	Nº de ocorrências	%	%
Sujeito	1101	54,61%	
Complemento verbal	85	4,22%	59,03%
Predicativo do sujeito	4	0,20%	
Não compartilham	826	40,97%	40,97%
TOTAL	2016	100,00%	100,00%

Fonte: Elaborada pela autora.

Para as adverbiais, baseamo-nos nos resultados expostos na Tabela 92, a qual mostra que 67,4% das 365 adverbiais do *corpus* compartilham argumento com a sua nuclear. As adverbiais de propósito são as que evidenciam mais argumentos compartilhados, seguidas pelas temporais, condicionais e consecutivas. Os demais tipos não dispõem de dados suficientes²⁹³ para alocação no *continuum*.

²⁹² Como a coordenação nos demais níveis da estrutura sintática se dá entre cláusulas subordinadas, o entrelaçamento já foi analisado em cada tipo de cláusula subordinada, já que esse tipo de coordenação se dá em outro domínio.

²⁹³ Amostras com menos de 30 dados não foram consideradas para figurarem nos *continua* que dependem de resultados quantitativos (exceto a adverbial consecutiva que incluímos por apresentar um valor muito próximo de 30 dados – 27 ocorrências).

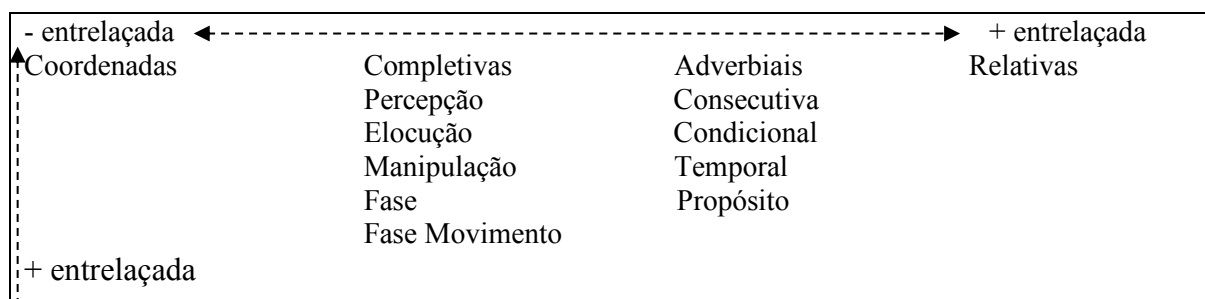
Tabela 92 – Resultados quantitativos do entrelaçamento nas adverbiais

Tipo semântico	Compartilha argumentos	%	Não compartilha argumentos	%	Total
Temporal	107	63,69	61	36,31	168
Propósito	84	78,50	23	21,50	107
Condicional	24	60,00	16	40,00	40
Consecutiva	13	48,15	14	51,85	27
Causal	8		3		11
Comparativa	8		1		9
Concessiva	2		-		2
Proporcional	-		1		1
Total	246	67,4	119	32,6	365

Fonte: Elaborada pela autora.

Das 1249 completivas analisadas, 64,61% compartilham argumentos com suas matrizes (conforme Tabela 41, na subseção 4.2.3). Todas as completivas de fase e de fase movimento compartilham argumentos²⁹⁴. As completivas de percepção (assim como as de conhecimento, que não estão no *continuum* devido ao tamanho da amostra), por outro lado, apresentam baixa frequência de entrelaçamento (15,22%), ao passo que as de manipulação e de elocução ocupam uma posição mediana no *continuum*.

As cláusulas restritivas são caracterizadas pelo entrelaçamento, já que o elemento dominante (modificado) é um actante dessa cláusula. Baseando-nos nesses dados, temos o *continuum* de entrelaçamento da Figura 25.

Figura 25 – *Continuum* de entrelaçamento no santiaguense

Fonte: Elaborada pela autora.

As subordinadas não foram inseridas no *continuum* de entrelaçamento, porque essas cláusulas, em geral, compartilhariam argumentos com as suas cláusulas matrizes que não

²⁹⁴ Todas as completivas modais também compartilham argumentos com suas matrizes, porém essas cláusulas não apresentam dados suficientes para figurarem no *continuum* da Figura 14.

se realizam. Como a frequência de coordenadas justapostas é bastante alta (97,49%)²⁹⁵, não incluímos a distinção semântica dessas cláusulas no *continuum*. É interessante notar que, especificamente por esse parâmetro, as adverbiais ocupam uma posição mais à direita que as completivas, mas a diferença que separa esses dois tipos de cláusulas nesse *continuum* é de apenas 3%, ou seja, trata-se de resultados bastante próximos. O entrelaçamento no santiaguense está ilustrado nos exemplos 304 e 305.

- Cláusulas entrelaçadas (sujeito *muieri* ‘mulheres’ compartilhado):

(304) *Muieri fasi ses armusu, po kueiu p-á txom-(es)* (‘**As mulheres** fizeram seus [dos maridos] almoços, puseram o coelho para ir chamá-los’).

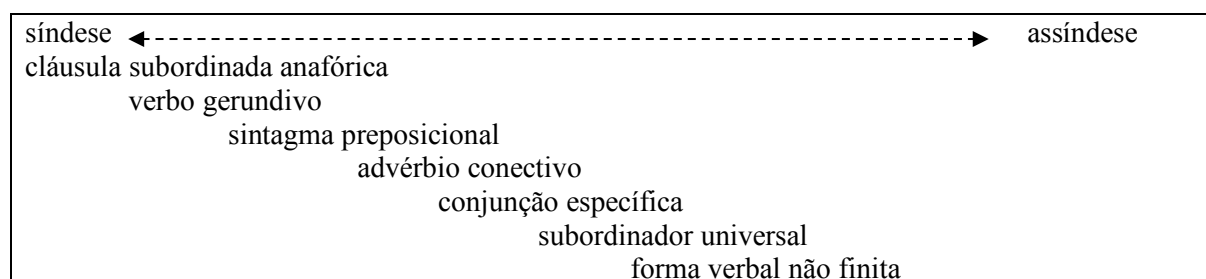
- Cláusulas não entrelaçadas (sujeitos distintos e ‘ele’ e *nha tiâ Gánga* ‘tia Ganga’):

(305) *E xinti nha tiâ Gánga dja da fus, ki txeru dja toma kábu* (‘**Ele** sentiu a tia Ganga dar um peido silencioso, que **o cheiro** já tomou conta de todo o lugar’)

8.3.2 *Explicitude da vinculação*

Lehmann (1988) também propõe a análise do grau de integração a partir da análise da sínese entre as cláusulas, enfatizando que não se trata de uma oposição tradicional entre parataxe e hipotaxe, já que a hipotaxe ou a subordinação não pressupõem o emprego de conectores. Para tratar da explicitude da vinculação, o autor propõe o seguinte *continuum*:

Figura 26 – *Continuum* da explicitude da vinculação



Fonte: Lehmann (1988, p. 213, tradução nossa).

Na coordenação, a explicitude da vinculação tem efeito contrário ao modelo tipológico do *continuum*, pois o conector nessa relação evidencia maior vinculação entre as cláusulas, visto que explicita a ligação entre as cláusulas. Como Lehmann (1988) propõe esse

²⁹⁵ Ver Tabela 72, na seção 5.3.

parâmetro sob a perspectiva da subordinação, invertemos os polos desse *continuum* para aplicá-lo à coordenação no santiaguense. Assim, a assíndese estará relacionada à maior elaboração, ou seja, menos vinculada, e a síndese à máxima compressão, mais vinculada.

Tabela 93 – Resultados quantitativos da coordenação em N1, N2, N3 e N4

Nível sintático	Presença ou ausência de marcador	Relação semântica	Marcador	Subordinada envolvida na vinculação	Total	%	Total	%
N1	Justaposta	COMB	ø		1943	69,67%	2719	97,49%
		CTR			48	1,72%		
		EXP			4	0,14%		
COMB		COMPL		503	18,04%			
		ADV		70	2,51%			
N2		PSEUDOINS		29	1,04%			
		CTR		COMPL	12	0,43%		
		EXP		COMPL	8	0,29%		
N3		COMB		COMPL	42	1,51%		
				ADV	48	1,72%		
	PSEUDOINS	1	0,04%					
N4		COMPL	11	0,39%				
N1	Com marcador explícito	EXP	purké		8	0,29%	70	2,51%
			pamodi		5	0,18%		
		CTR	má		8	0,29%		
N2		EXP	purké	COMPL	10	0,36%		
				ADV	1	0,04%		
		kê	COMPL	1	0,04%			
		pamodi	COMPL	21	0,75%			
		ADV	1	0,04%				
CTR		má	COMPL	12	0,43%			
ALT		o	ADV	1	0,04%			
	COMPL		1	0,04%				
N3	CTR	má	COMPL	1	0,04%			
					2789	100,00%	2789	100,00%

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas cláusulas coordenadas, a síndese não se mostrou muito produtiva, já que a coordenação por justaposição é a construção prototípica para a coordenação, como mostram os

resultados quantitativos da Tabela 93, em que, num total de 2789²⁹⁶ cláusulas coordenadas, 97,49% são justapostas. Dos 2,51% de cláusulas coordenadas com marcadores explícitos, a maioria (67,14% = 11,43% + 7,14% + 14,29% + 1,43% + 1,43% + 30% + 1,43%) é explicativa, conforme Tabela 94.

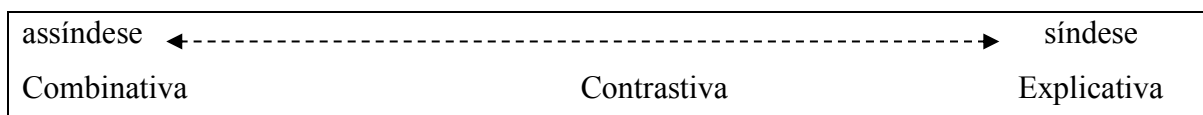
Tabela 94 – Coordenadas com marcadores explícitos

Nível sintático	Tipo semântico	Conector	Cláusula subordinada	Nº de ocorrência	%
N1	EXP	purké		8	11,43%
		pamodi		5	7,14%
	CTR	má		8	11,43%
N2	EXP	purké	COMPL	10	14,29%
			ADV	1	1,43%
		kê	COMPL	1	1,43%
	pamodi	COMPL	21	30,00%	
		ADV	1	1,43%	
	CTR	má	COMPL	12	17,14%
	ALT	o	ADV	1	1,43%
COMPL			1	1,43%	
N3	CTR	má	COMPL	1	1,43%
				70	100,00%

Fonte: Elaborada pela autora.

Assim, sob a perspectiva da explicitude da vinculação, temos o seguinte *continuum* de integração das coordenadas:

Figura 27 – *Continuum* de explicitude da vinculação nas cláusulas coordenadas no santiaguense



Fonte: Adaptado de Lehmann (1988, p. 213).

Os dados de coordenadas alternativas são bastante baixos (2 ocorrências) para sua alocação no *continuum*. Portanto, a coordenada que está no extremo direito do *continuum* apresenta maior frequência dentre as coordenadas com marcadores explícitos (explicativas) e a que ocupa a posição de extrema esquerda ocorre apenas sem marcadores explícitos

²⁹⁶ Aqui estão incluídas também as coordenadas entre subordinadas (níveis dois, três e quatro), já que os conectores de coordenação são distintos dos de subordinação.

(combinativas). A que ocupa a posição mediana, a coordenada contrastiva, ocorre tanto com conector como sem ele, sendo que sua frequência é maior (60 contra 21 dados) sem um dispositivo para explicitar a relação. Os exemplos 306 a 308 ilustram as relações que figuram no *continuum* da coordenação (Figura 27).

- Combinativa (justaposta)

(306) *E átxa kei galinha dentu kaminhu, e dixi di kabálu, e pánta kei pinton, e tra di kaminhu, e bai.* ('Ele encontrou aquela galinha no meio da estrada, ele desceu do cavalo, espantou aqueles pintos, tirou[-os] do meio da estrada [e] foi-se').

(kea_ev_narr_09_077_079)

- Contrastiva

(307) *Nton kuzé ki sinhor Bokáji fazi? Aliás sinhor rai pánha i... Bokáji etx... ku si... si dos npregádu, pánha Bokáji po... mete na sáku, bá fulia na már, pa bá fulia na már, **más** akalia ki kaminhu p-es andába é muito lonji, é lonji* ('Então o que o senhor Bocage fez? Aliás, o senhor rei pegou i... Bocage etx... com seus... seus dois empregados, pegou Bocage pôs... colocou no saco, foi jogá-lo no mar, para ir jogá-lo no mar, mas calhou que o caminho para eles andarem era muito longe, era longe.')

(kea_ev_narr_03_024_034)

- Explicativa

(308) *Lobu ben rikisi, **po(r)ké** dja e bá fika ku tudu rikésa Nho(r) De(s)* (o Lobo enriqueceu, porque ele ficou com toda a riqueza de Deus).

(kea_ev_narr_05_256_258)

Para as adverbiais, a frequência do emprego de conectores é mais alta (96,99%). Algumas adverbiais não ocorrem no *corpus* com estrutura zero (sem conector), como mostra a Tabela 95.

Tabela 95 – Emprego dos conectores nas adverbiais

Tipo semântico	Conector	%	Zero	%	Total
Condicional	40	100,00%	0	0,00%	40
Temporal	165	98,21%	3	1,79%	168
Propósito	101	94,39%	6	5,61%	107
Consecutiva	25	92,59%	2	7,41%	27
Causal	11	-	0	-	11
Comparativa	9	-	0	-	9
Concessiva	2	-	0	-	2
Proporcional	1	-	0	-	1
Total	354	96,99%	11	3,01%	365

Fonte: Elaborada pela autora.

kontenti, introduzida pelo conector temporal *sima* ‘mesmo na hora em que’), apresentando estrutura zero. Essa cláusula está em relação de coordenação em nível dois (N2) com a primeira temporal, estabelecendo relação semântica de explicação, evidenciada pelo conector *pu(r)ké* ‘porque’²⁹⁸.

O outro exemplo de temporal zero tem o verbo *manxi* ‘amanhecer’ como núcleo do predicado tanto da temporal como da sua nuclear.

(310) *Manxi palmanhan, el e manxi dja detádu na kel un padasinhú di... di kori*
(‘[Quando] amanheceu, ele estava deitado naquele pedacinho de... de couro’)

(kea_ev_narr_178_180)

Em 310, o não emprego do conector deve-se ao fato de a semântica do verbo dependente carregar um valor temporal delimitado (período do início da manhã). Além disso, há, ainda, o apoio do advérbio *palmanhan* ‘pela manhã’ para confirmar a delimitação do tempo do evento nuclear. Os exemplos 309 e 310 mostram que, nem sempre, a delimitação entre coordenação e subordinação tem um caráter discreto, como já atestou Quint (2008) em um estudo sobre a parataxe no santiaguense.

As adverbiais de condição não ocorrem sem conectores, por isso ocupam a posição mais à esquerda do *continuum* (junto com as temporais). Há poucos dados de causais, comparativas, concessivas e proporcionais que nos permitam alocá-las de forma precisa no *continuum*, por isso não foram incluídas nesse *continuum*.

Para a análise da explicitude da vinculação entre as cláusulas completivas e suas matrizes, observamos o emprego ou não do complementizador. Os complementizadores que ocorrem no *corpus* são: *ma* ‘que’, *pa* ‘para’, *k-é pa* ‘que é para’, *si* ‘se’, *di* ‘de’, *ki* ‘que’. A Tabela 96 mostra os resultados quantitativos do emprego de complementizadores ou não nas cláusulas completivas.

²⁹⁸ Como demonstrado no capítulo quatro, as adverbiais de causa distinguem-se das coordenadas explicativas, no santiaguense, pela posição que ocupam em relação à cláusula com que se relacionam. As adverbiais de causa são sempre antepostas à sua nuclear, ao passo que as coordenadas explicativas são pospostas à cláusula com que estabelecem relação.

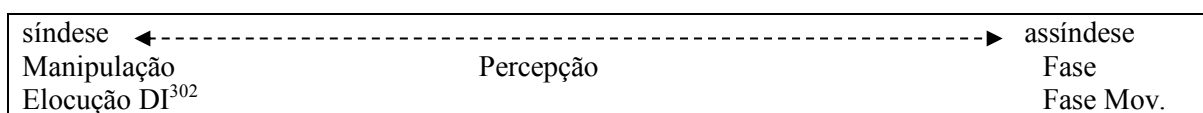
Tabela 96 – Emprego de complementizadores nas completivas do santiaguense

Tipo semântico	Complementizador	%	Zero	%	Total
Elocução DI²⁹⁹	125	80,65%	30	19,35%	155
Manipulação	86	81,13%	20	18,87%	106
Percepção	8	17,39%	38	82,61%	46
Fase	0	0,00%	80	100,00%	80
Fase Movimento	0	0,00%	139	100,00%	139
Desiderativo	10	-	9	-	19
Atitude Proposicional	8	-	0	-	8
Completivas de nome/adjetivos	7	-	1	-	8
Conhecimento	5	-	14	-	19
Pretensão	5	-	0	-	5
Conquista	2	-	1	-	3
Modal	1	-	14	-	15
Total individual	257	42,62%	346	57,38%	603³⁰⁰

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao contrário das adverbiais, as completivas têm maior frequência com estrutura zero, ou seja, sem o emprego do complementizador. Isso dá-se tanto devido à alta frequência de completivas de elocução em discurso direto (51,8%) quanto a certos tipos de predicados matrizes que não admitem complementizador como os de fase e de fase movimento. Portanto, para a explicitude da vinculação entre as completivas e suas matrizes, temos o seguinte *continuum* da Figura 29.

Figura 29 – *Continuum* de explicitude da vinculação entre as completivas e suas matrizes no santiaguense³⁰¹



Fonte: Elaborada pela autora, adaptado de Lehmann (1988, p. 213).

²⁹⁹ Como a ausência do complementizador, no parâmetro da explicitude da vinculação indica maior integração, as completivas de elocução em discurso direto não foram consideradas nesse parâmetro, pois, por terem características de cláusulas independentes, não têm complementizador, o qual só pode ser empregado em completivas de elocução em discurso indireto. Se aplicássemos esse parâmetro a essas cláusulas, teríamos um falso resultado de que as completivas de elocução em discurso direto são mais integradas do que as em discurso indireto, o que, de fato, é o contrário.

³⁰⁰ Aqui não estão incluídas as 646 cláusulas completivas de elocução em discurso direto, pois este parâmetro não se aplica a elas (ver nota 297).

³⁰¹ As completivas desiderativas, modais, de conhecimento, de atitude proposicional, pretensão, conquista e completivas nominais não foram incluídas no *continuum* por apresentarem amostras de menos de 30 dados.

³⁰² As completivas de elocução DI e de manipulação ocupam ambas a posição extrema esquerda do *continuum*, posição de maior síndese, já que o valor de diferença entre os percentuais do emprego do complementizador nessas duas cláusulas são bastante próximos, apenas 0,48%.

Nas cláusulas relativas, o elemento que explicita a vinculação é o pronome relativo. O santiaguense apresenta os seguintes pronomes relativos ou expressões relativas: *ki* ‘que’ e (*na*) *undi* (*ki*).

Tabela 97 – Emprego de pronomes relativos nas relativas restritivas do santiaguense

Tipo	P.R.	%	Zero	%	Total
Relativa de Objeto [O]	83	90,22%	9	9,78%	92
Relativa de Predicativo do sujeito [PS]	34	69,39%	15	30,61%	49
Relativa de complemento circunstancial [CC]	40	93,02%	3	6,98%	43
Relativa de sujeito de verbo intransitivo [A]	16	-	1	-	17
Relativa de sujeito de verbo transitivo [S]	10	-	0	-	10
Relativa de tópico [TOP]	3	-	0	-	3
Relativa de genitivo [G]	3	-	0	-	3
Relativa de frase apredicativa [APR]	3 ³⁰³	-	0	-	3
Total	192	87,27%	28	12,73%	220

Fonte: Elaborada pela autora.

Pela Tabela 97, apenas as relativas que têm até dez (10) ocorrências aparecem sempre com pronome relativo, todas as demais ocorrem, também, mesmo que com baixa frequência, com estrutura zero. Possivelmente, essa ausência de relativa zero se deve ao tamanho da amostra. A relativa de predicativo do sujeito (PS) apresenta frequência de 30,61% (relativamente alta em comparação com as demais) de estrutura zero, porque, na narrativa 2 do *corpus*, há a repetição de alguns trechos que funcionam como uma fórmula no enredo, como explicamos na descrição das relativas de predicativo do sujeito (seção 4.3.1.4.2). Baseando-nos na Tabela 97, podemos estabelecer o *continuum* da Figura 30 para a explicitude da vinculação entre as restritivas e suas matrizes. Os exemplos 311 a 313 ilustram as relativas restritivas desse *continuum*.

- Restritiva (CC)

(311) *Xibinhu fla: tánbi la undi bu roka, u fla: Xibinhu, bale-m, Nta bale-u*
(‘Xibinho disse: também lá onde te enrascas, dize: Xibinho, ajuda-me, eu te ajudarei’).

(kea_ev_narr_01_104)

- Restritiva (O)

³⁰³ Há, entre as relativas exclamativas apredicativas, apenas uma ocorrência de *pa* ‘para’ introduzindo uma cláusula relativa. Com uma única ocorrência não nos é possível descrever o funcionamento do *pa* em relativas restritivas. Mesmo não o considerando como pronome relativo, incluímo-lo na tabela para que conste sua ocorrência.

(312) *Nton kel omi tinha un frida **ki ka ta seka*** (‘Então aquele homem tinha uma ferida que não secava’).

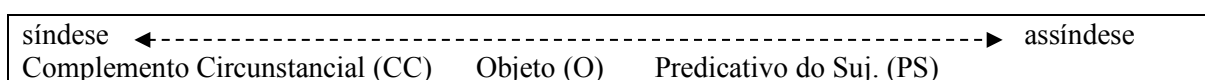
(kea_ev_narr_01_005_007)

▪ Restritiva (PS)

(313) *Éra un minina **ki txoma Mariâ di Milâgri ki ta ri sol ta sai, ta txora, txuba ta txobi, ta lâba mo, tainha brânca ta báza*** (‘Era uma menina que se chamava Maria de Milagres, a qual [se] ria, o sol saía, [se] chorava, a chuva caía, [se] lavava as mãos, apareciam várias tainhas brancas’).

(kea_ev_narr_02_004_006)

Figura 30 – *Continuum* de explicitude da vinculação entre as relativas restritivas e suas matrizes no santiaguense³⁰⁴

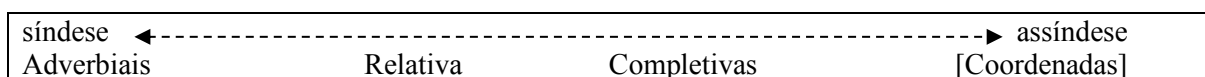


Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Lehmann (1988, p. 213).

Quanto às cláusulas subordinadas, todas são introduzidas por um conector, o que as caracteriza como subordinadas. Contudo, essas cláusulas não apresentam dados suficientes (apenas 12 dados) para a formulação de um *continuum* de integração.

Portanto, considerando o emprego ou não de conectores na vinculação entre cláusulas no santiaguense, estabelecemos o *continuum* de explicitude da vinculação, como mostra a Figura 31.

Figura 31 – *Continuum* de explicitude da vinculação entre cláusulas no santiaguense



Fonte: Elaborada pela autora, adaptado de Lehmann (1988, p. 213).

As coordenadas têm o maior percentual de cláusulas assindéticas, pois a coordenação em santiaguense dá-se mais por justaposição que com marcadores explícitos. Contudo, como se trata de cláusulas independentes, esse parâmetro não evidencia maior integração nesse tipo de vinculação, mas uma tendência de construção textual. As completivas localizam-se mais perto das coordenadas no *continuum*, visto que essas cláusulas apresentam uma frequência relativamente baixa de síndese (42,62%)³⁰⁵. As relativas e adverbiais são as que

³⁰⁴ As restritivas de sujeito de verbo intransitivo e de verbo transitivo, de tópico, de genitivo e de frase apredicativa não foram incluídas no *continuum* por apresentarem menos de 30 dados.

³⁰⁵ Nesse valor não estão incluídas as completivas de elocução DD, visto que, como já explicamos, este parâmetro não se aplica a elas.

mais ocorrem com vinculação explícita, sendo a estrutura zero, para as adverbiais, ainda menos comum.

8.4 Correlação entre os *continua*

Assim como Lehmann (1988), reconhecemos que esses parâmetros não são leis que impõem resultados perfeitos, mas são aplicados para mostrar tendências. Os *continua* apresentados aqui são resultados da análise de um *corpus* oral espontâneo de contos tradicionais da variedade cabo-verdiana do interior da ilha de Santiago. É possível que uma análise em *corpus* com outros gêneros textuais mostre outras tendências ou até confirme os resultados obtidos neste estudo. É interessante ressaltar, como destacou Lehmann (1988, p. 216), que o denominador funcional subjacente aos vários *continua* é o fato de que eles vão do polo de máxima elaboração ao polo de máxima compressão, mostrando que duas forças opostas atuam nas cláusulas em vinculação. Para que esses *continua* sejam percebidos de forma agrupada, Lehmann propôs a Figura 1³⁰⁶, onde se pode ver o paralelismo entre eles, o qual aplicamos para o santiaguense, na Figura 32.

³⁰⁶ Ver capítulo dois.

Figura 32 – Paralelismo dos *continua* da vinculação de cláusulas em santiaguense

Fonte: Adaptado de Lehmann (1988, p. 217).

Correlacionando os *continua* apresentados neste capítulo, propomos o *continuum* de integração linguística entre cláusulas no santiaguense, na Figura 32. Para tal, criamos um sistema de notação em que as cláusulas que se mostraram com maior elaboração na aplicação dos parâmetros de Lehmann (1988) recebem o valor um (1), aumentando esse valor sequencialmente para as cláusulas que se aproximam do polo de máxima compressão, como se pode ver no Quadro 7. O valor zero (0) foi empregado quando o parâmetro não se aplica.

Quadro 7 – Sistema de notação para categorização da integração entre cláusulas no santiaguense³⁰⁷

Tipo de cláusula	RH	NS	DSF	GRM	ENT	EV	Total	Classificação geral	Classificação específica
Coordenada	1	1	0	0	1	1	4	1°	
Combinativa	-	-	-	-	-	1	1		1°
Contrastiva	-	-	-	-	-	2	2		2°
Explicativa	-	-	-	-	-	3	3		3°
Insubordinada	2	2	0	0	0	1	5	2°	
Adverbial	3	4	2	2	3	2	16	3°	
Temporal	-	1	2	1	3	1	8		2°
Consecutiva	-	2	1	1	1	2	7		1°
Propósito	-	3	3	1	4	2	13		4°
Condicional	-	4	2	1	2	1	10		3°
Relativa	4	5	1	1	4	3	18	4°	
Objeto	-	1	-	1	1	2	5		1°
Sujeito	-	2	-	1	1	4	8		3°
Predicativo do Sujeito	-	3	-	1	1	3	8		3°
Complemento circunstancial	-	4	-	1	1	1	7		2°
Completiva	5	3	3	3	2	4	20	5°	
Elocução	-	1	1	3	2	1	8		2°
Elocução DD	-	1	1	3	2	0	7		1°
Fase	-	2	4	4	4	3	17		4°
Manipulação	-	3	3	1	3	1	11		3°
Fase movimento	-	4	5	5	5	3	22		5°
Percepção	-	4	2	2	1	2	11		3°

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do Quadro 7, podemos estabelecer o *continuum* de integração entre cláusulas no santiaguense como mostra a Figura 33. Portanto, temos como estrutura vinculada de maior integração as completivas de fase movimento e de menor integração as coordenadas combinativas justapostas, já que, na coordenação, diferentemente da subordinação, os

³⁰⁷ RH = rebaixamento hierárquico; NS = nível sintático; DSF = Desfrasialização; GRM = gramaticalização do verbo principal; ENT = entrelaçamento; EV = explicitude da vinculação.

conectores evidenciam uma relação subjacente, o que aumenta a integração. No santiaguense, são os conectores que caracterizam certas cláusulas independentes como insubordinadas, por essa razão as insubordinadas ocupam a segunda posição geral no *continuum*.

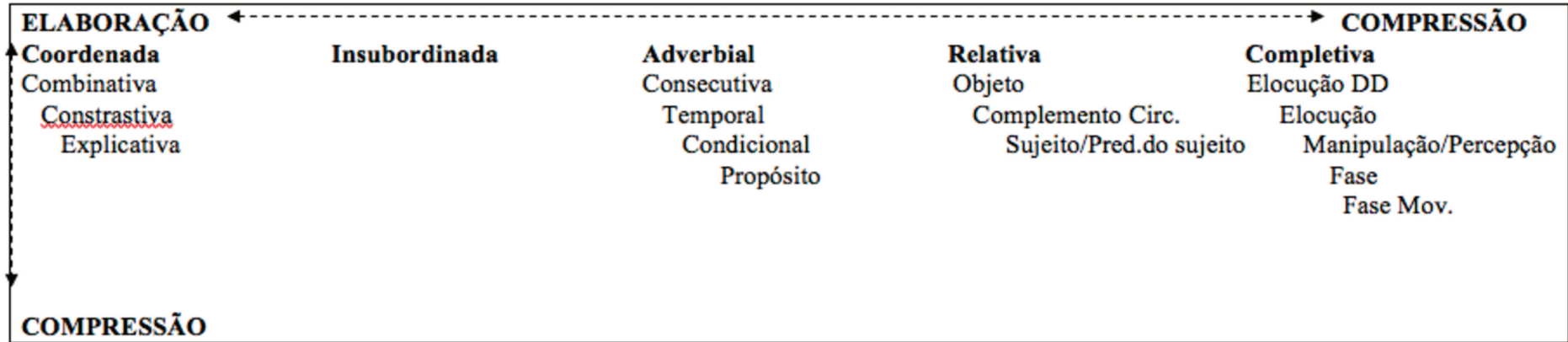
As adverbiais, que desempenham função adjuvante, estão posicionadas no centro do *continuum*, sendo, dentre elas, as cláusulas de propósito as mais integradas e as consecutivas e as temporais as que apresentam menor integração. As condicionais têm integração mediana entre as adverbiais.

Dentre as cláusulas encaixadas, ou seja, as que se caracterizam como constituintes de uma cláusula matriz, as relativas restritivas apresentam menor integração, pois funcionam como modificadores dos núcleos dos argumentos ou adjuntos da cláusula matriz. Dentre elas, as cláusulas que modificam o sujeito (incluídos S e A)³⁰⁸ e o predicativo do sujeito da cláusula matriz são as mais integradas. As relativas de complemento circunstancial ocupam a posição mediana de integração entre as relativas. As relativas de objeto mostraram-se como as menos integradas entre as relativas. É possível que esse resultado se deva ao tamanho da amostra das relativas de objeto (92 dados), o que nos permite vislumbrar com mais abrangência as tendências do santiaguense nesse tipo de cláusula. Essa característica da relativa de objeto, no santiaguense, aponta, também, para um perfil linguístico em que as estruturas que dominam são as que apresentam características de menor integração, até mesmo em cláusulas com o traço [+encaixamento].

Nas completivas, as cláusulas que se mostraram mais integradas são aquelas em que o verbo do predicado principal parece funcionar como um auxiliar, ou seja, as de fase movimento e as de fase. As completivas de elocução, as mais frequentes no *corpus*, são menos integradas. Esse resultado corrobora o que foi atestado nas relativas, em que o tipo de cláusula mais frequente é, também, o menos integrado. Logo, parece haver, no santiaguense, uma tendência para frases complexas com estruturas evidenciando menor integração linguística. Nesse tipo de perfil, a sintaxe estabelece-se mais de forma lógica que linguística e o contexto, diversas vezes, é determinante para as categorizações das cláusulas. As completivas de manipulação e percepção ocupam a posição mediana de integração no *continuum* entre as cláusulas completivas.

³⁰⁸ O total de ocorrência das relativas de sujeito é 27 dados (10 relativas S e 17 relativas A). Assim como as adverbiais consecutivas, essas cláusulas foram incluídas no *continuum* por apresentarem um número de ocorrência bastante próximo do número limite para cálculos percentuais, ou seja, 30 dados.

Figura 33 – *Continuum* de integração entre cláusulas no santiaguense



Fonte: Elaborada pela autora.

8.5 Síntese da análise da integração entre cláusulas no santiaguense

A análise do grau de integração entre cláusulas no santiaguense, com base na proposta de Lehmann (1988), mostrou-nos que a integração é mais frequentemente caracterizada por: i) rebaixamento hierárquico (cláusulas que se configuram como constituintes de outra cláusula); ii) nível sintático (cláusulas dependentes de outra cláusula também dependente); iii) entrelaçamento (cláusulas que compartilham argumentos com a principal); e iv) explicitude da vinculação (cláusulas sem conectores). Confirmamos, ainda, que a justaposição é a estrutura mais recorrente nos dados e que se aplica a quase todos os tipos de vinculação (apenas as amostras com poucos dados não apresentam justaposição). Essa característica revela-nos que a integração em cabo-verdiano nem sempre tem caráter discreto e aponta-nos a necessidade de estudos sobre a integração de cláusulas, nessa língua, sob a perspectiva da semântica e pragmática, o que mostraria resultados mais precisos para as cláusulas em vinculação justaposta.

Por fim, essa análise aponta-nos para um protótipo da integração entre cláusulas no cabo-verdiano, em que a cláusula menos integrada se caracteriza por: i) força ilocucionária; ii) justaposição; iii) predicado codificado por verbo finito; e iv) não entrelaçamento. Por outro lado, a cláusula mais integrada apresenta as seguintes características: i) carência de força ilocucionária; ii) rebaixamento hierárquico (torna-se constituinte de outra cláusula); iii) predicado codificado por verbo não finito; e iv) entrelaçamento. Os resultados dessa análise confirmam, ainda, o princípio funcionalista da marcação e frequência na construção da frase complexa em contos tradicionais do santiaguense, já que as cláusulas menos integradas (menos marcadas) são bem mais frequentes do que as mais integradas (mais marcadas).

9 CONCLUSÕES

Esta tese analisou a integração entre as cláusulas na variedade santiaguense da LCV. A teoria de base em que se fundamentou a análise dos dados foi o Funcionalismo Linguístico na vertente norte-americana, seguindo, principalmente, os estudos de Givón (1979; 1995; 2001), Hopper e Thompson (1980), Hopper e Traugott (1993; 2003), Longacre (1985; 2007) e Lehmann (1988). Além disso, seguimos, também, os estudos tipológicos translinguísticos sobre a articulação entre cláusulas na frase complexa de Cristofaro (2003) e Andrews (2007) para a análise das cláusulas subordinadas, de Haspelmath (2007) e Mauri (1981) para a análise das cláusulas coordenadas e de Evans (2007) e Cristofaro (2003) para a análise das cláusulas insubordinadas.

A amostra do *corpus Histórias Tradicionais de Cabo Verde*, constituída por doze narrativas orais da variedade rural da ilha de Santiago, apresentou 3862 cláusulas vinculadas, distribuídas como mostra a Tabela 98.

Tabela 98 – Distribuição das cláusulas no *corpus*

Tipo de cláusula	Nº de ocorrência	%
Adverbial	365	9,45%
Completiva	1249	32,34%
Relativa	220	5,70%
Coordenada N1	2016	52,20%
Insubordinada	12	0,31%
Total	3862	100%
Focalização	67	7,67%
Pseudoinsubordinada	34	3,89%
Coordenada N2, N3, N4	773	88,44%
Total	874	100%
Total geral	4736	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nessas cláusulas, remarcamos, também, 67 cláusulas com focalização, 34 cláusulas pseudoinsubordinadas (completivas em discurso direto sem matriz direta realizada) e 773 cláusulas coordenadas nos níveis dois, três e quatro. Essas cláusulas não foram consideradas nos percentuais totais do *corpus*, visto que a focalização ocorre em cláusulas coordenadas e subordinadas, as pseudoinsubordinadas estão nas cláusulas completivas e as coordenadas de N1, N2, N3 e N4 estão contabilizadas nas cláusulas subordinadas, já que se trata de coordenação entre uma série de subordinadas dependentes de uma mesma cláusula nuclear. Assim, temos um total de 4736 cláusulas categorizadas.

Como Hopper e Traugott (2003) e Lehmann (1988), entendemos a vinculação entre cláusulas como um fenômeno de natureza gradiente. No entanto, neste trabalho, a gradação na articulação de cláusulas foi considerada da coordenação [- dependência] à subordinação [+ dependência], sabendo que na subordinação há, ainda, a gradação de cláusulas que partilham o traço [- encaixamento] (adverbiais) às que partilham o traço [+ encaixamento] (relativas restritivas e completivas).

Para a análise das cláusulas adverbiais, os parâmetros observados foram: i) relação semântica estabelecida; ii) conector que intermedeia a vinculação; iii) tipo de discurso (direto e não direto); iv) nível da estrutura sintática; v) características do predicado (aspecto e polaridade); vi) entrelaçamento (compartilhamento de argumentos); e vii) posição da cláusula adverbial em relação à nuclear. As relações semânticas que se estabelecem nas adverbiais atestadas no *corpus* são: tempo, condição, propósito, causa, consequência, comparação, concessão e proporção.

Os resultados mostraram, através da frequência de uso, que a adverbial temporal de sobreposição (46% das adverbiais) é a adverbial (mais) prototípica nos contos tradicionais cabo-verdianos. Essa cláusula caracteriza-se pela presença de um conector, por vezes com sentido temporal, como é o caso de *kántu* ‘quando (passado)’ e *óki* ‘horas que (futuro)’; pela anteposição em relação à sua nuclear e pelo caráter finito do verbo que codifica o seu predicado, o qual se realiza mais com aspecto perfectivo. Esses resultados indicam que, no gênero que compõe o *corpus*, as cláusulas adverbiais têm um papel circunstancial bem definido, configurando-se, preferencialmente, em fundo (*background*) da narrativa e tendo a função de situar temporalmente os eventos de figura. Além disso, a anteposição mostra que o cenário que se constrói, através dessas cláusulas, tem caráter introdutório para os eventos que se interpõem.

As adverbiais de propósito apresentaram a segunda maior frequência de uso entre as adverbiais (29%). Contudo, essas cláusulas apresentam características que as distanciam do protótipo das adverbiais, a saber: i) pospostas à sua nuclear; e ii) predicado codificado por verbo com algum grau de não finitude. Essas características assemelham-se às de cláusulas completivas com elevada integração, como é o caso das completivas de fase e fase movimento que também apresentam predicados codificados por verbos com certo grau de não finitude, apesar de não apresentarem conector mediando a vinculação.

As adverbiais, mesmo sendo cláusulas prototipicamente de fundo da narrativa, apresentam, em termos relativos, um alto percentual de cláusulas não marcadas, com predicados codificados por verbos perfectivos e polaridade positiva. Isso aponta para uma tendência, no santiaguense, de construir os contos tradicionais (tanto para as cláusulas de figura como para

as de fundo) a partir de uma perspectiva completa e concluída. A polaridade negativa nessas cláusulas mostrou-se com baixa frequência (apenas 6,30% das adverbiais) em relação ao seu percentual no total do *corpus* (6,73%), o que é esperado, já que é menos provável que se construa um cenário narrativo de uma perspectiva da não realização de um evento.

Quanto às completivas, os parâmetros observados foram: i) semântica do predicado matriz; ii) presença ou ausência de complementizador intermediando a vinculação; iii) tipo de discurso para as completivas de elocução; iv) nível da estrutura sintática; v) características dos predicados matrizes e das completivas (aspecto e polaridade); e vi) entrelaçamento (compartilhamento de argumentos). A completiva com maior frequência de uso foi a de elocução (64,65% de 1249 dados), especialmente, as que se realizam em discurso direto (81% das completivas de elocução de 801 dados).

O verbo que mais codifica os predicados das completivas é o verbo *fla* ‘dizer’ (57,07%), representando mais da metade das ocorrências das completivas. Esses resultados corroboram os obtidos em Vieira Semedo *et al.* (2017), que mostraram que a completiva com predicado codificado por esse verbo é o modelo estatisticamente dominante desse tipo de cláusula. Portanto, a frequência de uso apontou como cláusula completiva prototípica a completiva de elocução em discurso direto, a qual apresenta as seguintes características: i) ausência de conector; ii) predicado codificado por verbo finito; e iii) não entrelaçamento de argumentos. Esses resultados evidenciam que, mesmo nas cláusulas completivas, que são as mais integradas, o modelo mais prototípico apresenta-se estruturalmente de forma menos integrada.

Quanto ao predicado das completivas, os resultados mostraram que as formas marcadas (aspectos imperfectivo e progressivo e polaridade negativa) têm uma frequência significativa nesse tipo de cláusula (48,91% contra 51,09% das formas não marcadas). Isso ocorreu devido à alta frequência de completivas de elocução em discurso direto, o que permite maior flexibilidade ao emprego das formas marcadas.

As relativas restritivas contam com 220 cláusulas no *corpus*. Os parâmetros empregados na análise dessas cláusulas foram: i) função sintática do elemento dominante; ii) presença ou não do pronome relativo que intermedeia a vinculação; iii) função sintática do pronome relativo; iv) características dos predicados matrizes e dependentes (aspecto e polaridade); e v) tipo de cláusula em que se realiza a relativa. As relativas restritivas atestadas nos dados foram: i) relativa de sujeito de verbo transitivo; ii) relativa de sujeito de verbo intransitivo; iii) relativa de objeto; iv) relativa de complemento circunstancial; v) relativa de

predicativo do sujeito; vi) relativa de genitivo; vii) relativa de tópico; e viii) relativa de cláusula apredicativa.

Os resultados mostraram, pela maior frequência de uso (42% = 92 dados), que a relativa de objeto é a relativa restritiva prototípica do santiaguense. Essa cláusula caracteriza-se por: i) presença do pronome relativo *ki* ‘que’; ii) encaixada em cláusula coordenada justaposta ou completiva; iii) predicado codificado por verbo perfectivo e polaridade positiva. Contudo, chamou-nos atenção a frequência do aspecto imperfectivo (marcado) com polaridade positiva nesse tipo de cláusula (30%), o que é bastante relevante ao compararmos à frequência desse aspecto no total do *corpus* (12,22%). Notamos, ainda, que as relativas zero (sem pronome relativo) ocorrem mais quando o pronome relativo, se realizado, teria função de sujeito. Percebemos que essa elipse do pronome relativo se dá pelo fato de a relativa estar numa sequência de cláusulas relativas em que apenas a primeira é introduzida pelo pronome relativo e/ou porque a posição canônica do sujeito, anteposta ao predicado, permite que o elemento modificado seja facilmente recuperado pelo interlocutor na cláusula matriz, já que a relativa se posiciona seguida ao elemento modificado. Notamos, também, que apenas o pronome relativo *ki* ‘que’ pode ser omitido, o que não ocorre com *undi* ‘onde’ e seus derivados.

Junto com as relativas restritivas descrevemos, também, a focalização no santiaguense. A focalização não é um fenômeno intrínseco à subordinação, mas, como sua construção se assemelha às relativas restritivas, foi descrita junto a essas cláusulas. O *corpus* apresenta 67 cláusulas com focalização, sendo os elementos focalizados: i) sujeito de verbo transitivo; ii) sujeito de verbo intransitivo; iii) complemento verbal; e iv) complemento circunstancial. Os resultados mostraram que o elemento mais focalizado em uma cláusula é o sujeito (39% de sujeito de verbo transitivo; 24% de sujeito de verbo intransitivo), o que corrobora o perfil sintático acusativo do cabo-verdiano.

Portanto, a análise dos dados mostrou que a focalização prototípica, no santiaguense, se dá em completivas com o sujeito focalizado, sem a cópula na fórmula da focalização [elemento focalizado + *ki* + predicado], com predicado codificado por verbo perfectivo com polaridade positiva. Também na focalização, confirma-se o princípio da marcação (GIVÓN, 2001) pela tendência ao emprego da fórmula não marcada, ou seja, sem a cópula.

Como mencionamos, a coordenação é marcada pelo traço [- dependência]. O *corpus* apresenta 2016 cláusulas coordenadas em nível um (N1), ou seja, coordenação entre cláusulas independentes. Nos demais níveis (coordenação entre cláusulas dependentes de uma mesma cláusula), há 773 cláusulas coordenadas. Os parâmetros para a descrição dessas

cláusulas foram: i) relação semântica; ii) marcador da relação (coordenador); iii) características do predicado (aspecto, modo e polaridade); e iv) entrelaçamento (compartilhamento de argumentos).

Os resultados mostraram fortemente que a justaposição é modelo prototípico da coordenação em santiaguense, já que 97,48% das coordenadas se realizam sem marcador explícito. A justaposição ocorreu em todos os tipos semânticos de coordenação, exceto na coordenação alternativa, provavelmente pelo número bastante reduzido da amostra (apenas dois dados). Logo, temos como protótipo da coordenação uma cláusula i) justaposta; ii) em nível um; iii) com relação semântica de combinação; e iv) com predicado codificado por verbo perfectivo e com polaridade positiva. Os eventos coordenados estão preferencialmente ligados à configuração de figura da narrativa, isto é, expressando o enredo do conto, o que justifica a alta frequência do aspecto perfectivo codificando o predicado dessas cláusulas. Isso mostra que, no santiaguense, os contos tradicionais são mais comumente narrados de uma perspectiva completa e concluída com menor tendência para o emprego de um ‘presente (ou imperfeito) histórico’.

Os dados mostraram, também, que na coordenação com marcador explícito é a relação explicativa que se sobressai (67%), já a coordenação combinativa, a mais frequente no total das coordenadas, não ocorre com coordenador. A maior frequência da coordenada explicativa entre as coordenadas marcadas (explicativas, contrastivas e alternativas)³⁰⁹ pode ter-se dado pelo fato de a explicação ser um recurso argumentativo importante do ponto de vista pragmático e/ou cognitivo, e por isso mais comumente empregado em narrativas. Por outro lado, a coordenada combinativa sem coordenador pode-se explicar pelo fato de esse tipo de coordenação ser a mais comum e, logo, a mais evidente mesmo sem marcador³¹⁰.

A insubordinação não se mostrou um fenômeno muito frequente no santiaguense (apenas 12 dados). Esse tipo de cláusula que, na LCV, é caracterizada pela presença de um conector numa cláusula independente, isto é, que não apresenta cláusula nuclear, ocorre mais nos dados com o conector prototípico das completivas de elocução em discurso indireto *ma* ‘que’. Observamos que essas cláusulas são estruturadas linguisticamente como independentes, possivelmente, por dois motivos: i) para que elas façam parte da figura da narrativa, já que as cláusulas subordinadas são, geralmente, cláusulas de fundo; e ii) para expressar admiração ou surpresa, como é o caso das subordinadas introduzidas pelo conector *pa* ‘para’.

³⁰⁹ As coordenadas combinativas não ocorreram na forma marcada, ou seja, com marcadores explícitos de coordenação.

³¹⁰ O conector de coordenação é o marcador desse fenômeno.

Além das insubordinadas puras, descrevemos, também, as pseudoinsubordinadas, ou seja, cláusulas indiretamente subordinadas a uma matriz de elocução, que não apresentam sua subordinante direta. Essas cláusulas mostraram-se um pouco mais produtivas que as insubordinadas puras (32 dados). Nessas cláusulas, a função de expressar admiração ou surpresa parece ser mais recorrente. Isso dá-se, possivelmente, pelo fato de essas cláusulas ocorrerem em completivas de elocução em discurso direto. Remarcamos, também, a necessidade de estudos com *corpora* mais amplos, contemplando outros gêneros textuais, para que se tenha melhor compreensão das motivações e restrições da insubordinação e pseudoinsubordinação na LCV.

A análise mostrou, ainda, que, no gênero estudado, a coordenação é mais produtiva, representando (51,99%) das cláusulas categorizadas, seguida da complementação (32,34%). Esses resultados refletem o gênero que constitui o *corpus*, contos, já que os eventos relacionados ao desenvolver da narrativa (eventos de figura) são, comumente, ordenados em relação de coordenação, fazendo com que o ouvinte possa construir mentalmente uma sequência lógica e/ou cronológica do enredo. O resultado com alta frequência de complementação deve-se ao emprego das falas das personagens, que se estruturam como completivas de elocução em discurso direto e indireto.

O princípio da marcação (GIVÓN, 2001) confirmou-se na atuação do aspecto nas cláusulas em vinculação, já que os predicados codificados por verbos com aspecto perfectivo (não marcado) apresentam maior frequência (77,16%) no *corpus*. Assim, o santiaguense corrobora esse princípio, visto que as formas mais frequentes são as não marcadas. Isso mostra, como já notamos, a tendência, no santiaguense, de construir narrativas (tanto em eventos de figura como de fundo) de uma perspectiva completa e concluída, tendo como ponto de referência temporal o momento de enunciação do narrador ou, no caso dos enunciados com verbos flexionados no passado, um momento de referência ancorado no passado e situado em relação ao momento de enunciação do narrador.

No entanto, nas cláusulas encaixadas (completivas e relativas), o imperfectivo com polaridade positiva mostrou-se com alta frequência em relação à sua ocorrência no total do *corpus* (17,24% nas completivas e 30% nas relativas contra 10,43% no total do *corpus*). Essa alta frequência do imperfectivo com polaridade positiva nas completivas deve-se à elevada ocorrência de completivas de elocução em discurso direto. Nas relativas, possivelmente, isso dá-se pelo fato de essas cláusulas exercerem uma função adjetival, em que especificam um sintagma nominal da cláusula matriz e atribuem-lhe alguma qualidade, geralmente considerada

como estável. Por essa razão, o imperfectivo com valor habitual reflete bem essa perspectiva com nuance atemporal.

As completivas e relativas também mostraram alta frequência do aspecto progressivo com polaridade positiva. Nas completivas, esse aspecto ocorre duas vezes mais que no total do *corpus* e, nas relativas, teve uma ocorrência quatro vezes maior que no total do *corpus*. Essa frequência resulta, possivelmente, dos mesmos fatores observados na frequência do imperfectivo com polaridade positiva nessas cláusulas.

O modo imperativo positivo teve alta frequência nas completivas de elocução em discurso direto (12,97% contra 4,53% em todo o *corpus*). Isso indica uma tendência, no santiaguense, de construir os atos diretivos, em narrativas, mais de forma direta, em vez de estruturá-los em completivas de manipulação, ou seja, de forma indireta.

A polaridade negativa apresentou baixa frequência no total do *corpus* (6,73% contra 93,27%). No entanto, nas cláusulas subordinadas essa polaridade mostrou-se produtiva, atuando em quase metade da amostra (5 ocorrências em 12 dados). O número restrito de dados não nos permite delinear as motivações para a atuação da polaridade negativa na subordinação. Nas completivas, o valor relativo dessa polaridade também é maior que no total do *corpus* (10,4%). Nessas cláusulas, isso dá-se possivelmente pela alta frequência de atos de fala, em que a atuação de formas marcadas é mais comum.

Para a análise da integração entre as cláusulas, baseamo-nos nos parâmetros propostos por Lehmann (1988): i) rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada; ii) nível sintático da cláusula principal; iii) desfrasealização da cláusula subordinada; iv) gramaticalização do verbo principal; v) entrelaçamento; e vi) explicitude da vinculação, os quais foram aplicados aos dados com as devidas adaptações, como mostrou o capítulo oito.

No parâmetro *rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada*, em que analisamos o quanto a cláusula perde sua autonomia para tornar-se constituinte de outra, as cláusulas coordenadas mostraram-se as menos integradas, seguidas das subordinadas. As adverbiais apresentaram integração mediana, e as cláusulas encaixadas mostraram-se mais integradas, sendo as completivas as que apresentam a maior integração.

O segundo parâmetro, *nível sintático da cláusula principal*, mostrou que as relativas, por serem cláusulas encaixadas modificando um constituinte de outra cláusula, são as mais integradas. Nesse parâmetro, as adverbiais apresentaram uma integração maior que as completivas, já que estas últimas têm uma frequência de uso bastante alta (80,22%) no nível um (N1) da estrutura sintática. As cláusulas coordenadas, seguidas das subordinadas,

mostraram, também aqui, menor integração, já que são cláusulas independentes, isto é, cláusulas que se realizam no nível um da estrutura sintática.

No terceiro parâmetro, *desfrasionalização*, analisamos a gradação da perda das propriedades de cláusula das subordinadas. Esse parâmetro mostrou-se mais aplicável nas cláusulas completivas. Dentre essas, as de fase movimento apresentam maior desfrasionalização, pois integram, frequentemente, cláusulas com predicados codificados por verbos com maior grau de não finitude, além de os predicados matrizes funcionarem, em alguns contextos, como verbos auxiliares em perífrases verbais. As completivas de elocução foram as menos integradas, na aplicação desse parâmetro na complementação. Nas adverbiais, a desfrasionalização foi analisada a partir do conector que explicita a vinculação. Os conectores que resultam da gramaticalização de preposições tendem a impor um certo grau de não finitude ao verbo que codifica o predicado dependente. Assim, as cláusulas de propósito mostraram-se as mais integradas, e as de consequência, as menos integradas. As adverbiais de condição e de tempo apresentaram integração mediana, na perspectiva da desfrasionalização. Esse parâmetro não foi aplicável nas cláusulas relativas, coordenadas e insubordinadas, porque o verbo que codifica o predicado dessas cláusulas não apresenta nenhum grau de gramaticalização, já que os verbos que codificam os predicados dessas cláusulas se realizam de forma expandida.

O quarto parâmetro, *gramaticalização do verbo principal*, aplica-se apenas às cláusulas subordinadas. Aqui, observamos se um processo de gramaticalização atua no predicado da cláusula núcleo transformando-o em um operador gramatical, que seria o maior grau de gramaticalização. As nucleares de adverbiais e matrizes de relativas mostraram-se menos integradas ao lado das matrizes de manipulação, percepção e conhecimento. As matrizes de elocução e atitude proposicional apresentaram-se com integração mediana. Por fim, as matrizes de modais, de desiderativas, de fase e fase movimento mostraram-se mais integradas, sendo que estas duas últimas têm maior integração, já que, em alguns contextos, o verbo que codifica o predicado dessas cláusulas parece funcionar como verbo auxiliar.

Nos dois últimos parâmetros, *entrelaçamento* e *explicitude da vinculação*, analisamos o quanto a cláusula se isola ou se une explicitamente à(s) cláusula(s) com que se vincula. Quanto ao entrelaçamento, as coordenadas mostraram-se como as menos integradas, e as relativas, como as mais integradas. As completivas e adverbiais ocuparam a posição mediana no *continuum* de integração, sendo as adverbiais mais integradas que as completivas por apresentarem maior percentual de compartilhamento de argumentos.

A explicitude da vinculação nas cláusulas coordenadas tem efeito contrário ao efeito resultante nas demais cláusulas. Na coordenação, o conector implica maior integração,

enquanto na subordinação a ausência do conector, na maioria dos contextos, faz com que o predicado seja mais integrado à cláusula núcleo. Portanto, nas coordenadas, as explicativas mostraram-se as mais integradas, e as combinativas, as menos integradas. A contrastiva ocupou a posição mediana do *continuum*. Dentre as adverbiais, as mais sindéticas³¹¹ e, assim, menos integradas foram as condicionais, enquanto as menos sindéticas, e mais integradas, foram as consecutivas. As de tempo e as de propósito ocuparam uma posição mediana no *continuum*, sendo as de propósito mais integradas que as temporais.

As completivas apresentaram alta frequência (79,42%) de estruturas zero, ou seja, cláusulas que não são introduzidas por complementizador. Esses resultados devem-se ao elevado número de completivas de elocução em discurso direto, o que pode trazer uma falsa impressão de maior integração. Essas cláusulas são atos de fala de personagens construídos de forma direta, por isso elas estruturam-se muito semelhantemente a cláusulas independentes e não apresentam conector. Logo, as completivas de elocução mostraram-se menos integradas, seguidas pelas de manipulação, de percepção e de fase. As completivas de fase movimento foram as mais integradas.

Nas relativas, a explicitude da vinculação foi evidenciada pelo emprego de um pronome relativo. Nessas cláusulas, as que modificam um predicativo do sujeito da cláusula matriz mostraram-se mais integradas, e as que modificam um complemento circunstancial apresentaram menor integração. As relativas de objeto ocuparam a posição mediana do *continuum*.

A partir do cruzamento desses parâmetros, foi-nos possível estabelecer um *continuum* geral de integração clausal no santiaguense. Esse *continuum* tem como cláusulas menos integradas as coordenadas combinativas, seguidas das contrastivas e explicativas. O segundo tipo de cláusula que apresenta menor integração são as insubordinadas, visto que essas são cláusulas independentes, mas que partilham alguma característica de cláusulas dependentes.

As adverbiais ocupam a posição mediana do *continuum*, sendo as de consequência as cláusulas menos integradas, e as de propósito, as mais integradas. As adverbiais de tempo e condição ocupam a posição central no *continuum* geral de integração do santiaguense.

As relativas ocupam uma posição mais integrada, ficando atrás apenas das completivas. Dentre as relativas, as de objeto ocupam uma posição de menor integração, ao passo que as de sujeito e de predicativo do sujeito estão em posição de maior integração. As

³¹¹ As cláusulas mais sindéticas são as que apresentam maior percentual de síndese, assim como as menos sindéticas, as que apresentam menor percentual.

relativas de complemento circunstancial ocupam uma posição mediana no *continuum* dentre as cláusulas relativas.

As cláusulas que ocupam a posição de maior compressão, isto é, apresentam maior integração, são as cláusulas completivas. Dentre essas, as de elocução estão na posição menos integrada, seguidas das de manipulação e de percepção. As completivas de fase e fase movimento ocupam as posições mais extremas no *continuum* de integração, sendo as de fase movimento as mais integradas.

A partir dos princípios funcionalistas da marcação e frequência aplicados aos dados, os resultados também nos apontaram um protótipo de integração clausal no santiaguense, em que a cláusula menos integrada se caracteriza por ser coordenada, apresentar força ilocucionária, ser justaposta à(s) cláusula(s) com que se relaciona, ter predicado codificado por verbo finito e não compartilhar argumentos com a(s) cláusula(s) com que se vincula. Por outro lado, a cláusula mais integrada é subordinada com o traço [+ encaixamento], apresenta carência de força ilocucionária, é constituinte de outra cláusula, tem predicado codificado por verbo não finito, não apresenta conector e compartilha argumento com sua cláusula matriz.

Alguns tipos semânticos de cláusulas apresentaram amostras muito pequenas, as quais não nos permitiram alocá-las precisamente no *continuum* de integração linguística do santiaguense. Reconhecemos a necessidade de estudos com amostras mais amplas para que possamos ter um *continuum* de integração que abranja todos os tipos de cláusulas que abordamos neste estudo.

Este estudo da vinculação entre cláusulas na frase complexa do cabo-verdiano, variedade de Santiago, apresenta-se como mais um contributo para a descrição da LCV, permitindo, portanto, numa perspectiva mais aplicada, o progresso dos nossos conhecimentos sobre as línguas crioulas, em geral, e sobre o cabo-verdiano, em particular. Além disso, a análise dos dados aqui apresentada pode, também, servir de base para a elaboração de gramáticas pedagógicas mais abrangentes, que contribuam para a afirmação desta língua no país, junto ao português.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, N. Interrogativas-Q em crioulo de Cabo Verde: movimento explícito/implícito ou sem movimento? *In: ENAPL*, 22., 2006, Lisboa. **Textos Seleccionados do XXII ENAPL 2006**. Lisboa: Colibri, 2007. p. 41-55.
- ALEXANDRE, N. Processos de relativização e marcadores relativos em crioulo de Cabo Verde. *In: ENAPL*, 21., 2005, Lisboa. **Textos Seleccionados do XXI ENAPL 2005**. Lisboa: Colibri, 2006. p. 83-95. Disponível em: <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/285/1/Alexandre2006.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.
- ALEXANDRE, N. Uma análise de CP não expandido para o sistema de complementadores do Crioulo de Cabo Verde. *In: ENAPL*, 25., 2009, Lisboa. **Textos Seleccionados do XXV ENAPL 2009**. Lisboa: Colibri, 2010. p. 111-126.
- ALEXANDRE, N. Aquisição do português L2 em Cabo Verde: alguns aspectos morfossintáticos do contato. *In: OLIVEIRA, M. S. D.; ARAUJO, G. A. de (Ed.). O português na África Atlântica*. São Paulo: FFLCH/USP, 2019. p. 139-164.
- ALEXANDRE, N.; GONÇALVES, R. Language contact and variation in Cape Verde and São Tomé and Príncipe. *In: ÁLVAREZ, L.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. (Ed.). The portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 237-265.
- ALEXANDRE, N.; GONÇALVES, R.; HAGEMEIJER, T. A formação de frases relativas em português oral de Cabo Verde e de São Tomé. *In: ENAPL*, 26., 2010, Lisboa. **Textos Seleccionados do XXVI ENAPL 2010**. Lisboa: Colibri, 2011. p. 17-34.
- ALEXANDRE, N.; OLIVEIRA, M. S. D. Caboverdiano e português: cotejando estruturas focalizadas. *In: OLIVEIRA, M. S. D. de; ARAUJO, G. A. de (Ed.). O português na África Atlântica*. São Paulo: FFLCH/USP, 2019. p. 165-188.
- ANDREWS, A. D. Relative clauses. *In: SHOPEN, T. (Ed.). Language typology and syntactic description: complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 2. p. 206-236.
- ASSEMBLEIA NACIONAL. **Constituição da República de Cabo Verde, 2ª revisão ordinária**. Divisão de Documentação e Informação Parlamentar, 2010. Disponível em: <http://www.parlamento.cv/Downloads/Constitui%C3%A7%C3%A3o%20da%20Rep%C3%BAblica%20de%20Cabo%20verde,%202010.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2020.
- BAPTISTA, M. **The morpho-syntax of nominal and verbal categories in Capverdean Creole**. Harvard: Universidade de Harvard, 1997.
- BAPTISTA, M. **The syntax of Cape Verde Creole: the Sotavento varieties**. Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- BAPTISTA, M. **Descrição fonológica da variedade de Santo Antão**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Cabo Verde, Praia, 2013.

BAPTISTA, M.; MELLO, H.; SUZUKI, M. Kabuverdianu or Cape Verdean and Kriyol, or Guinea-Bissau (creole portuguese). *In*: HOLM, J.; PATRICK, P. L. **Comparative creole syntax**: parallel outlines of 18 creole grammars. Londres: Battlebridge Publications, 2007. p. 53-82. (Westminster Creolistics).

BAPTISTA, M.; OBATA, M. Complementizer-Alternation in Creole Languages: New Evidence for Spec-Head Agreement. **PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 25, n. 2, p. 155-176, 2016. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2512>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BIAGUI, N. B. **Description générale du créole afro-portugais de Ziguinchor (Sénégal)**. Paris: Éditions Karthala, 2017.

BIAGUI, N. B. **Dictionnaire créole casamançais - français**. Não publicado.: [s.n.].

BRITO, J. A. S. **Aspectos sintáticos centrais da coordenação no cabo-verdiano (variante de Santiago)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

BRITO, J. A.; MATOS, G.; PRATAS, F. Comitative Coordination in Capeverdean. *In*: KRAMER, R. *et al.* (Org.). **Selected Proceedings of the 44th Annual Conference on African Linguistics**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2015. p. 17-27. Disponível em: www.lingref.com, document #3123. Acesso em: 14 mar. 2020.

CAMARA JUNIOR, J. M. **Princípios de linguística geral**: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHAFE, W. The recall and verbalization of past experience. *In*: COLE, R. W. (Org.). **Current issues in linguistic theory**. Bloomington: Indiana University Press, 1977. p. 215-246.

CHAFE, W. **The pear stories**: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production. Norwood: Ablex, 1980.

CHEDIER, C. M. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COMRIE, B. **Aspect**. Nova York: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. **Tense**. Nova York: Cambridge University Press, 1985.

CREISSELS, D. **Syntaxe générale**: une introduction typologique. Paris: Hermès, 2006. v. 2.

CREISSELS, D.; QUINT, N.; CISSÉ, M.-T. L'impersonnalité dans les langues de la région sénégalaise. **Africana Linguistica**, [s.l.], p. 29-86, 2015.

CRISTOFARO, S. **Subordination**. Nova York: Oxford University Press, 2003.

CRISTOFARO, S. Routes to insubordination: a cross-linguistic perspective. *In*: EVANS, N.; WATANABE, H. (Org.). **Insubordination**. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2016. p. 393-422. (Typological studies in language (TSL), 115). Disponível em: <https://doi.org/10.1075/tsl.115>. Acesso em: 14 mar. 2020.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo**. 16. ed. Porto: João Sá da Costa, 2000.

CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Ed.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-47.

DA SILVA, T. V. **Finason di Nha Nasia Gomi**. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1986.

DADOS preliminares do quarto Recenseamento Geral da População e Habitação estimam população residente em 491.571 indivíduos. Disponível em: http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=1470. Acesso em: 7 abr. 2020.

DECAT, M. B. Estruturas desgarradas em foco: a função focalizadora de orações sem a oração-matriz, no português falado e escrito. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., João Pessoa - PB, 2009.

DECAT, M. B. N. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. **Revista SériEncontros** (Descrição do Português: abordagens funcionalistas), Araraquara, SP: UNESP, ano XVI, n.1, p. 299-318, 1999.

DECAT, M. B. O “desgarramento” como estratégia de focalização em língua portuguesa. *In*: SEMINÁRIO DO GRUPO DE PESQUISA CONECTIVOS E CONEXÃO DE ORAÇÕES, 2., 2018. **Anais...** Niterói - RJ: Letras da UFF, 2019.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar: the structure of the clause**. Berlim / Nova York: Mouton de Gruyter, 1997.

DIXON, R. M. W. Complement clauses and complementation strategies in typological perspective. *In*: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Org.). **Complementation**. Nova York: Oxford University Press, 2006. p. 1-48. (Explorations in linguistic typology, 3).

DIXON, R. M. W. **Basic linguistic theory: methodology**. Nova York: Oxford University Press, 2009. v. 1.

DUBOIS, S.; VOTRE, S. J. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. *In*: VOTRE, S. J. (Ed.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 72-110.

EVANS, N. Insubordination and its uses. *In*: NIKOLAEVA, I. (Org.). **Finiteness: all over the clause**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

EVANS, N.; WATANABE, H. **Insubordination**. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2016. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/tsl.115>. Acesso em: 9 abr. 2020.

FOLEY, W.; VAN VALIN, R. D. Jr. **Functional syntax and universal grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FORD, C.; THOMPSON, S. Conditionals in discourse: a text-based study from English. *In*: TRAUGOTT, E. C.; FERGUSON, C.; REILLY, J.; MEULEN, A. T. (Org.). **On Conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 353-72.

GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field trip. **Papers from the Chicago Linguistic Society**, v. 7, p. 394-415, 1971.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. Flórida: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Filadélfia/Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001. v. II.

GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field trip. **Chicago Linguistic Society**, v. 7, [s.d.].

GÖRSKI, E. **Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais**. 1985. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

HAGEMEIJER, T. O português em contacto em África. *In*: MARTINS, A. M.; CARRILHO, E. (Ed.). **Manual de linguística portuguesa**. Berlin / Boston: De Gruyter, 2016. p. 43-67.

HAIMAN, J. **Natural syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. "Subordination" in Universal Grammar. **Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, v. 10, n. 0, p. 510-523, 1984. Disponível em: <http://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/197>. Acesso em: 15 mar. 2020.

HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1973. Disponível em: <https://trove.nla.gov.au/version/46403938>. Acesso em: 4 maio 2020.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to functional grammar**. Australia: Edward Arnold, 1985a.

HALLIDAY, M. A. K. **Iconicity syntax**. Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins, 1985b.

HASPELMATH, M. **Coordinating Constructions**. Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins, 2004. v. 58.

HASPELMATH, M. Coordination. *In*: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**: complex constructions. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, v. 2. p. 1-51.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980. Disponível em: www.jstor.org/stable/413757. Acesso em: 3 abr. 2020.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

INTUMBO, I. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. Dissertação (Mestrado) —Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2007.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix / Editora da USP, 1969.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago / Londres: The University Chicago Press, 1987.

LANG, J. Breve esboço da gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde). **Santa Barbara Portuguese Studies**, v. 5, p. 228-254, 2001.

LANG, J. L'influence des Wolof et du wolof sur la formation du créole santiagoais. *In*: LANG, J.; HOLMS, J.; ROUGÉ, J.-L.; SOARES, M. J. (Org.). **Cabo Verde**: origens da sua sociedade e do seu crioulo. Tübingen: Narr, 2006. p. 53-62.

LANG, J. A wolof trace in the verbal system of the Portuguese Creole of Santiago Island (Cape Verde). *In*: LEFEBVRE, C. (Ed.). **Creoles, their substrates, and language typology**. Amsterdam: Benjamins, 2009a. p. 61-80.

LANG, J. **Les langues des autres dans la créolisation**: Théorie et exemplification par le créole d'empreinte wolof à l'île de Santiago du Cap Vert. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2009b.

LANG, J. **Disciplina 04 História social e linguística de Cabo Verde (2ª parte)**. Praia: Universidade de Cabo Verde, 2011.

LANG, J. A conjunção ma [mɐ] do crioulo de Santiago (Cabo Verde): descrição sincrónica. **Revista Desafios**, Edições UniCV, v. 2, p. 119-134, 2014.

LANG, J. Os complementizers derivados do português antigo COMA 'como' nos crioulos portugueses da Alta Guiné. **PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato**

Linguístico, v. 25, n. 2, p. 217-234, 2016. Disponível em:
<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2514>. Acesso em: 3 abr. 2020.

LANG, J. **Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)**. Erlangen: FAU, 2018.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Org.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1988. v. 18. p. 181-226. (Typological studies in language (TSL)).

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LONGACRE, R. E. Sentences as combination of clauses. *In*: SHOPEN, T. (Org.). **Language Typology and syntactic description: complex constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. 2. p. 235-298.

LONGACRE, R. E. Sentences as combinations of clauses. *In*: SHOPEN, T. (Org.). **Language Typology and syntactic description: complex constructions**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 2. p. 372-420.

LOPES, F. J. **Para uma análise sintática das construções relativas no crioulo da ilha de São Nicolau – Cabo Verde**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LOPES, F. J.; OLIVEIRA, M. S. D. Estudos sobre o português falado em Cabo Verde: o “estado da arte”. *In*: OLIVEIRA, M. S. D. de; ARAUJO, G. A. de (Ed.). **O português na África Atlântica**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019. p. 101-138.

LYONS, J. **Introduction theoretical linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MAJONI, P. G. de A.; RODRIGUES, V. V. **As orações correlatas em títulos de notícias: Uma aplicação do processo de correlação de orações**. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto. **Estudos linguísticos / Linguistic Studies**, Lisboa: Colibri/CLUNL, v. 2, p. 41-60, 2008.

MARTELOTTA, M. E.; KENNEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. T. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11-20.

MATTHIESSEN, C. Combining clauses into clause complexes: a multi-faceted view. *In*: BYBEE, J.; NOONAN, M. (Ed.). **Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson**. Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 235-320.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and “subordination”. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1988. v. 18. (Typological studies in language (TSL)). p. 275-330.

MAURI, C. **Coordination relations in the languages of Europe and beyond**. Berlim / Nova York: Mouton de Gruyter, 1981.

MAX PLANCK INSTITUTE FOR EVOLUTIONARY ANTHROPOLOGY. **The Leipzig Glossing Rules**: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses. 2015. Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>. Acesso em: 8 fev. 2021.

MELO LOPES, A. M. V.-C. **As línguas de Cabo Verde**: uma radiografia sociolinguística. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

MICHAELIS, S. **Komplexe syntax im Seychellen-Kreol**. Tübingen: Narr, 1994.

MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. **Language**, v. 84, n. 1, p. 69-119, 2008. Disponível em: www.jstor.org/stable/40071012. Acesso em: 8 abr. 2020.

MOREIRA, A. K. T. **Documentação e descrição gramatical e lexical do crioulo afr-português da ilha do Fogo (República de Cabo Verde, África Ocidental)**. 2020. Tese (Doutorado) — Institut National des Langues et Civilisation Orientales, Paris, 2020.

MOREIRA, A. K. T.; CARDOSO, A. J.; QUINT, N. Enseignement de la langue maternelle au Cap-Vert: un processus en voie de mise en place. No prelo.

MORLEY, G. D. **Syntax in functional grammar**: an introduction to lexicogrammar in systemic linguistics. Londres / Nova York: Continuum, 2000.

MOTA, M. A. Para uma tipologia da concordância sujeito-verbo em português falado: contributos do português de Luanda e de Cabo Verde. **Cuadernos de la ALFAL**, n. 7, p. 17-35, mar. 2015.

MOUTA, T. **Bo, tu e você**: vértices do triângulo das bermudas do sistema de tratamento do emergente português de Cabo Verde. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Aberta, Mindelo, 2019.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. de M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, M. H. de M.; BRAGA, M. L. As construções hipotáticas / adverbiais. *In*: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Ed.). **Gramática do português falado**: novos estudos descritivos. Unicamp, SP: Editora da Unicamp, 2002. v. 8. p. 123-166.

NEVES, M. H. de M.; DALL’AGLIO HATTNER, M. As construções comparativas. *In*: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Ed.). **Gramática do português falado**: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. v. 8. p. 167-189.

NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. **Annual Review of Anthropology**, v. 13, n. 1, p. 97-117, 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.an.13.100184.000525>. Acesso em: 3 abr. 2020.

NOGUEIRA, M. T. Considerações sobre o funcionalismo linguístico: principais vertentes. *In*: CUNHA, M. A. F. (Org.). **Linguística funcional: a interface linguagem e ensino**. Natal: EDUFRN, 2006. v. 1. p. 23-40.

NOONAN, M. Complementation. *In*: SHOPEN, T. **Language Typology and syntactic description: complex constructions**. Nova York: Cambridge University Press, 2007. v. 2. p. 52-150.

OLIVEIRA, M. S. D.; HOLM, J. A. Estruturas-QU fronteadas e o “foco gramaticalmente controlado”: a participação de línguas africanas em línguas parcialmente e completamente reestruturadas. **PAPIA – Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 21, n. 1, p. 23-38, 2011. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1717>. Acesso em: 14 mar. 2020.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PEZATTI, E. G. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre TEMA, TÓPICO e FOCO. **Alfa**, São Paulo, v. 42, p. 133-150, 1998.

PINA, E. **Aspectos da Estrutura da Frase e da Negação Frásica no Cabo-verdiano (variante de Santiago) e no português europeu: um estudo sintático comparativo**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006.

PONTES, V. O. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista**. 2012. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PRATAS, F. **Tense features and argument structure in Capeverdean predicates**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2007.

QUINT, N. **Le créole de l’île de Santiago (République du Cap-Vert)**. Tese (Doutorado) – Paris 3, Paris, 1998.

QUINT, N. **Grammaire de Langue Cap-Verdienne: Étude descriptive et compréhensive du créole afro-portugais**. Paris: L’Harmattan, 2000a.

QUINT, N. **Le cap-verdien: origines et devenir d’une langue métisse**. Paris: L’Harmattan, 2000b.

QUINT, N. Un bref aperçu des racines africaines de la langue capverdienne. *In*: LANG, J.; HOLM, J.; ROUGÉ, J.-L. (Org.). **Cabo Verde, origens da sua sociedade e do seu crioulo**. Tübingen: Guter Narr, 2006. p. 75-90.

QUINT, N. Coordination et parataxe en capverdien moderne (dialecte santiagais ou badiais). **Subordination, dépendance et parataxe dans les langues africaines**, Peeters, p. 29-48, 2008a.

QUINT, N. Les apontamentos de António de Paula Brito (1887) ou la naissance d'une tradition grammaticale capverdienne autochtone. **HEL - Histoire Épistémologie Langage**, v. 1, n. 30, p. 127-153, 2008b.

QUINT, N. Les formes tronquées en capverdien santiagais. **Revue Roumaine de Linguistique - RRL**, v. 54, n. 3-4, p. 253-277, 2009.

QUINT, N. **Vamos falar caboverdiano**. Paris: L'Harmattan, 2010.

QUINT, N. Les influences du portugais contemporain sur le système verbal du capverdien santiagais. **Changement linguistique et langues en contact: approches plurielles du domaine prédicatif**, n. CNRS-Paris, p. 155-178, 2012.

QUINT, N.; VIEIRA SEMEDO, E. Usage du passif dans un corpus oral en capverdien santiagais. No prelo.

RELNHART, T. Principles of gestalt perception in the temporal organization of narrative texts. **Linguistics**, v. 22, n. 6, p. 779-810, 1984. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/j/ling.1984.22.issue-6/ling.1984.22.6.779/ling.1984.22.6.779.xml>. Acesso em: 15 mar. 2020.

RODRIGUES, U. **Fonologia do caboverdiano: das variedades insulares à unidade nacional**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

RODRIGUES, V. V. Em Foco a correlação. **Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, v. 16, p. 122-139, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/viewFile/4028/15520>. Acesso em: 09 jan. 2021.

RODRIGUEZ-RICCELLI, A. **The Subject Domain in Cabo-Verdean Creole: Combining variationist sociolinguistics and formal approaches**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade do Texas, Austin, 2019.

RODRÍGUEZ-RICCELLI, A. Variable subject pronoun expression in Cabo-Verdean Creole: Some language-internal constraints. **Journal of Pidgin and Creole Language**, v. 36, n. 1, p. 108-173, 2021.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MORE, T. (Org.). **Cognitive development and the acquisition of language**. Nova York: [s.n.], 1973. p. 111-144.

SILVEIRA, E. **O aluno entende o que se diz na escola?** Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

SOUZA, S. A. S. de; OLIVEIRA, M. S. D. Perguntas de constituinte (WH) em caboverdiano: evidências de foco obrigatório. **PAPIA – Revista Brasileira de Estudos do Contato**

Linguístico, v. 19, n. 1, p. 247-261, 2010. Disponível em:
<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2019>. Acesso em: 14 mar. 2020.

SVARTMAN, F. R. F.; JORGE, L. T. L.; OLIVEIRA, M. S. D. de; ZANOLI, M. de L. A partícula k' no cabo-verdiano de São Nicolau – o ‘Estado da Arte’. **PAPIA – Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 25, n. 2, p. 263-301, 2016. Disponível em:
<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2516>. Acesso em: 14 mar. 2020.

THOMPSON, S. Grammar and written discourse: initial vs final purpose clauses in English. **Nottingham linguistic circular**, v. 13, p. 55-84, 1984. Disponível em:
<https://www.nottingham.ac.uk/research/groups/cral/documents/nlc/nlc-1980-1985/nlc-volume13-1984.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.

THOMPSON, S. A. “Subordination” and narrative event structure. *In*: TOMLIN, R. S. (Ed.). **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987. (Typological studies in language (TSL), 11). p. 435-454.

THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E.; HWANG, S. J. J. Adverbial clauses. *In*: SHOPEN, T. (Ed.). **Language Typology and syntactic description: complex constructions**. Nova York: Cambridge University Press, 2007. v. II.

TOMLIN, R. S. Foreground-background information and the syntax of subordination. **Text – Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**, v. 5, n. 1-2, p. 85-122, 1985. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/j/text.1.1985.5.issue-1-2/text.1.1985.5.1-2.85/text.1.1985.5.1-2.85.xml>. Acesso em: 15 mar. 2020.

VAN VALIN, R. D. Jr. **Exploring the syntax-semantics interface**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VEIGA, M. **Diskrison strutural di lingua kabuverdianu**. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1982.

VEIGA, M. **Odju d’Agu**. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1987.

VEIGA, M. **Introdução à gramática do crioulo**. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1995.

VEIGA, M. **Le créole du Cap Vert: étude grammaticale descriptive et contrastive**. 1998. Tese (Doutorado) – Université Aix-Marseille, Provença, 1998.

VEIGA, M. **Le Créole du Cap-Vert: étude grammaticale descriptive et constrative**. Paris: Karthala, 2000a.

VEIGA, M. Introdução: O 1º Colóquio Linguístico, 21 anos depois. *In*: VEIGA, M. (Ed.). **Iº Colóquio Linguístico sobre o crioulo de Cabo Verde**. Praia: INIC, 2000b. p. 9-27.

VEREDAS – REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS. v. 18, n. 2, 2014. Disponível em:
<http://www.ufjf.br/revistaveredas/edicoes/2014-2/v-18-no-2/>. Acesso em: 4 maio 2020.

VIEIRA SEMEDO, E. C. A.; COAN, M.; QUINT, N. Orações completivas em cabo-verdiano. **PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 27, n. 2, p. 367–384, dez. 2017.

VIEIRA SEMEDO, E.; MOREIRA, A. K. T. A gênese linguística das ilhas de Santiago e Fogo – Cabo Verde. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades**, no prelo.

WINFORD, D. **An Introduction to contact linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

YAKPO, K. Pichi. In: MICHAELIS, S. M. *et al.* (Ed.). **The survey of pidgin and creole languages**. Oxford: Oxford University Press, 2013. v. 1.

ZANOLI, M. de L. **A checagem de “foco” da categoria “sujeito” no cabo-verdiano: variedade de São Nicolau**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INTERLINEARIZAÇÃO DA NARRATIVA 1 (KEA_EV_NARR_01)

tinha un omi

tinha un omi

ter.PST um omi

V INDF N

e tinha tres fidju mátxu

e tinha tres fidju mátxu

S3SG ter.PST três filho macho

PRON V NUM N ADJ

nton kel omi tinha un frida

nton kel omi tinha un frida

então aquele omi ter.PST um ferida

ADV.COORD DEM.A N V INDF N

ki ka ta seka

ki ka ta seka

que não IPFV secar

REL.S NEG ASP V

ta fládu lépra

ta fládu lépra

IPFV falar.PASS.PRES lepra

ASP V N

nton na kei tres fidju ... un... pur... Pedru ku Palu ku Mané

nton na kei tres fidju ... un... pur... Pedru ku Palu ku

então em aquele três filho Pedro e Paulo e

ADV.COORD PREP DEM.A NUM N N COORD.SN N COORD.SN

Mané

Manoel

N

kei dia fládu ma la fin di mundu ma ten un omi ki ten tres fidju fêmia

kei dia fládu ma la fin di mundu ma ten un omi

aquele dia falar-PASS.PRES que em fim de mundo que ter.PFV um omi

DEM.A N V COMPL PREP N PREP N COMPL.REP V INDF N

ki ten tres fidju fêmia

que ter.PFV três filho fêmia

REL.S V NUM N ADJ

ma kei más pikinóti ma ta... kelóki kánta ki ri ma ta kóri un águ

ma kei más pikinóti ma ta... kelóki kánta ki ri

que aquele mais pequeno que naquela hora que cantar.PFV que rir.PFV

COMPL DEM.A ADV ADJ COMPL.REP SUB.FUT V SUB V

ma ta kóri un águ
 que IPFV correr um água
 COMPL.REP ASP V INDF N

ma kel águ s-e pánha k-e npára k-e poi na pe ma f... kel frida ta seka

ma kel águ s-e pánha k-e npára k-e
 que aquele água si-S3SG apanhar.PFV que-S3SG aparar.PFV que-S3SG
 COMPL DEM.A N SUB.COND-PRON V REL.O-PRON V REL.O-PRON

poi na pe ma f... kel frida ta seka
 pôr.PFV em pé que aquele ferida IPFV secar
 V PREP N COMPL.REP DEM.A N ASP V

nton ker dia purmeru é Palu fla si mai m-e ta bá buska kel... ke ramedí e bai

nton ker dia purmeru ee Palu fla si mai m-e ta
 então aquele dia primeiro Paulo dizer.PFV POSS.3SG mãe que-S3SG IPFV
 ADV.COORD DEM.A N NUM.ORD HST N V PRON N COMPL-PRON ASP

bá buska kel... ke ramedí e bai
 ir buscar.PFV aquele remédio S3SG ir.PFV
 VM V DEM.A N PRON V

e bai e bai e bai e bai e átx... e txiga na un kóu e átxa ta jugádu e juga e ju...

e bai e bai e bai e bai e átx... e txiga na
 S3SG ir.PF V S3SG ir.PF V S3SG ir.PF V S3SG ir.PF V S3SG chegar.PF V em
 PRO V PRO V PRO V PRO V PRO V PRO V PRE P
 N N N N N N N N

un kóu e átxa ta jugádu e juga e ju...
 um lugar S3SG achar.PFV IPFV jogar-PASS.PRES S3SG jogar.PFV S3SG
 INDF N PRON V ASP V PRON V PRON

kántu e ta bai e ba... si mai fla-l p-e bá na txáda p-e pega un kabálu más mágru ki sta la p-e ben p-e munta p-e bai

kántu e ta bai e ba... si mai fla-l p-e bá na
 quando S3SG IPFV ir S3SG POSS.3SG mãe falar.PFV-O3SG para-S3SG ir em
 SUB.PST PRON ASP V PRON PRON N V-PRON COMPL-PRON V PREP

txáda p-e pega un kabálu más mágru ki sta la p-e
 achada para-S3SG pegar.PFV um cavalo mais magro que estar.PFV lá para-S3SG
 N COMPL-PRON V INDF N ADV ADJ REL.S V.FRT ADV COMPL-PRON

ben p-e munta p-e bai
 vir.PFV para-S3SG montar.PFV para-S3SG ir.PFV

V COMPL.REP-PRON V COMPL-PRON V

kántu e ta bai e pega kel kabálu má gordu ki sta la e ben

kántu e ta bai e pega kel kabálu má gordu ki sta la
quando S3SG IPFV ir S3SG pegar.PFV aquele cavalo mais gordo que estar.PFV lá
SUB.PST PRON ASP V PRON V DEM.A N ADV ADJ REL.S V.FRT ADV

e ben

S3SG vir.PFV

PRON V

kántu e... ta sela e sela si kabálu k-e ta da rinkáda

kántu e... ta sela e sela si kabálu k-e ta da
quando S3SG IPFV selar S3SG selar POSS.3SG cavalo que-S3SG IPFV dar
SUB.PST PRON ASP V PRON V PRON N SUB.PST.REP-PRON ASP V

rinkáda

arrancada

N

e... si mai fla-i s-e kre benson o dinheru

e... si mai fla-i s-e kre benson o dinheru
POSS.3SG mãe falar.PFV-O3SG se-S3SG querer.PFV bênção ou dinheiro
PRON N V-PRON COMPL-PRON V.FRT N COORD N

e fla si mai ma ei kre dinheru

e fla si mai ma ei kre dinheru
S3SG dizer.PFV POSS.3SG mãe que S3SG querer.PFV dinheiro
PRON V PRON N COMPL PRON V.FRT N

nton e bai

nton e bai
então S3SG ir.PFV
ADV.COORD PRON V

e bai e bai e txiga na un kau e átxa e txiga na un sidádi na kel sidádi e átxa ta djugádu e juga e juga dinheru kába e bendedu kabálu e bendi kabálu dinheru kába

e bai e bai e txiga na un kau e átxa e
S3SG ir.PFV S3SG ir.PFV S3SG chegar.PFV em um lugar S3SG achar.PFV S3SG
PRON V PRON V PRON V PREP INDF N PRON V PRON

txiga na un sidádi na kel sidádi e átxa ta djugádu
chegar.PFV em um cidade em aquele cidade S3SG achar.PFV IPFV jogar-PASS.PRES
V PREP INDF N PREP DEM.A N PRON V ASP V

e juga e juga dinheru kába e bendedu kabálu e
S3SG jogar.PFV S3SG jogar.PFV dinheiro acabar.PFV S3SG vender-PASS.PRES cavalo S3SG
PRON V PRON V N V PRON V N PRON

bendi kabálu dinheru kába

vender.PFV cavalo dinheiro acabar.PFV
V N N V

nton e á podu na kadea

nton e á podu na kadea
então S3SG ir.PFV pôr-PASS.PRES em cadeia
ADV.COORD PRON VM V PREP N

pása un tenpu kel o... i Mané fla ma ei ki ta bai

pása un tenpu kel o... i Mané fla ma ei ki ta bai
passar.PFV um tempo aquele Manoel dizer.PFV que ST3SG que IPFV ir
V INDF N DEM.A N V COMPL PRON REL.S.FOC ASP V

si mai fla a-bo Palu dja bai ka ben ka-u bai e fla nau N ta bai

si mai fla a-bo Palu dja bai ka ben ka-u bai e
POSS.3SG mãe dizer.PFV T2SG Paulo ir.PFV não vir.PFV não-S2SG ir.IMP S3SG
PRON N V PRON N ACT V NEG V NEG-PRON V PRON

fla nau N ta bai
dizer.PFV não S1SG IPFV ir
V NEG PRON ASP V

s-e fla si mai m-e ta bai si mai fla nton p-e bai p-e buska kabálu má gordu má mágru ki sta na txáda p-e pega p-e munta p-e bai

s-e fla si mai m-e ta bai si mai fla
quando-S3SG dizer.PFV POSS.3SG mãe que-S3SG IPFV ir POSS.3SG mãe dizer.PFV
SUB.PST-PRON V PRON N COMPL-PRON ASP V PRON N V

nton p-e bai p-e buska kabálu má gordu má mágru
então para-S3SG ir.PFV para-S3SG buscar.PFV cavalo mais gordo mais magro
ADV.COORD COMPL-PRON V COMPL-PRON V N ADV ADJ ADV ADJ

ki sta na txáda p-e pega p-e munta
que estar.PFV em achada para-S3SG pegar.PFV para-S3SG montar.PFV
REL.S V.FRT PREP N COMPL-PRON V COMPL-PRON V

p-e bai
para-S3SG ir.PFV
COMPL-PRON V

nton e bai e átxa (?) kel kabálu gor... e pega kel má gordu e ben

nton e bai e átxa (?) kel kabálu gor... e pega kel
então S3SG ir.PFV S3SG achar.PFV aquele cavalo S3SG pegar.PFV aquele
ADV.COORD PRON V PRON V DEM.A N PRON V DEM.A

má gordu e ben
mais gordo S3SG vir.PFV
ADV ADJ PRON V

kántu e ta da rinkáda si mai fla bu kre benson o dinheru e fla N kre dinheru e bai
 kántu e ta da rinkáda si mai fla bu kre benson
 quando S3SG IPFV dar arrancada POSS.3SG mãe dizer.PFV S2SG querer.PFV bênção
 SUB.PST PRON ASP V N PRON N V PRON V.FRT N

o dinheru e fla N kre dinheru e bai
 ou dinheiro S3SG dizer.PFV S1SG querer.PFV dinheiro S3SG ir.PFV
 COORD N PRON V PRON V.FRT N PRON V

e bai e bai e bai e txiga na kei sidádi e átxa gentis tudu na jogu
 e bai e bai e bai e txiga na kei sidádi e
 S3SG ir.PFV S3SG ir.PFV S3SG ir.PFV S3SG chegar.PFV em aquele cidade S3SG
 PRON V PRON V PRON V PRON V PREP DEM.A N PRON

átxa gentis tudu na jogu
 achar.PFV pessoa tudo em jogu
 V N ADV PREP N

e kánba tánbi e juga
 e kánba tánbi e juga
 S3SG entrar.PFV também S3SG jogar.PFV
 PRON V ADV PRON V

e juga dinheru kába
 e juga dinheru kába
 S3SG jogar.PFV dinheiro acabar.PFV
 PRON V N V

e juga i... e bendi kabálu dinheru kába
 e juga i... e bendi kabálu dinheru kába
 S3SG jogar.PFV S3SG vender.PFV cavalo dinheiro acabar.PFV
 PRON V PRON V N N V

nton es po-i na kadea
 nton es po-i na kadea
 então S3PL pôr-O3SG em cadeia
 ADV.COORD PRON V-PRON PREP N

pása Pedru fla ma ei ki ta bai
 pása Pedru fla ma ei ki ta bai
 passar.PFV Pedro dizer.PFV que ST3SG que IPFV ir
 V N V COMPL PRON REL.S.FOC ASP V

nton si mai fla nau ma ei gó p-e ka bai purké ma do dja bai ka ben ma e ka... e fla m-e ta bai
 nton si mai fla nau ma ei gó p-e ka
 então POSS.3SG mãe dizer.PFV não que ST3SG agora para-S3SG não
 ADV.COORD PRON N V NEG COMPL PRON ADV COMPL.REP-PRON NEG

bai purké ma do dja bai ka ben ma e ka... e fla
 ir.PFV porque que dois ir.PFV não vir.PFV que S3SG S3SG dizer.PFV

V COORD COMPL NUM ACT V NEG V COMPL.REP PRON PRON V

m-e ta bai
que-S3SG IPFV ir
COMPL-PRON ASP V

si mai fla-l p-e ka bai e fla m-e ta bai

si mai fla-l p-e ka bai e fla m-e ta
POSS.3SG mãe falar.PFV-O3SG para-S3SG não ir.PFV S3SG dizer.PFV que-S3SG IPFV
PRON N V-PRON COMPL-PRON NEG V PRON V COMPL-PRON ASP

bai
ir
V

nton e bai

nton e bai
então S3SG ir.PFV
ADV.COORD PRON V

e bai si mai fla-i bai u pega kabálu má mágru ki sta na txáda bu ben e pega si kabálu mágru e ben

e bai si mai fla-i bai u pega kabálu má mágru
S3SG ir.PFV POSS.3SG mãe falar.PFV-O3SG ir.IMP S2SG pegar.IMP cavalo mais magro
PRON V PRON N V-PRON V PRON V N ADV ADJ

ki sta na txáda bu ben e pega si kabálu mágru
que estar.PFV em achada S2SG vir.IMP S3SG pegar.PFV POSS.3SG cavalo magro
REL.S.FOC V.FRT PREP N PRON V PRON V PRON N ADJ

e ben
S3SG vir.PFV
PRON V

kántu e... e ká sela si kabálu e fla si mai si mai fla bu kre benson o u kre dinheru

kántu e... e ká sela si kabálu e fla si mai
quando S3SG acabar.PFV selar POSS.3SG cavalo S3SG dizer.PFV POSS.3SG mãe
SUB.PST PRON VM V PRON N PRON V PRON N

si mai fla bu kre benson o u kre dinheru
POSS.3SG mãe dizer.PFV S2SG querer.PFV bênção ou S2SG querer.PFV dinheiro
PRON N V PRON V.FRT N COORD PRON V.FRT N

e fla N kre benson N kre dinheru benson la na undi ki N roka ta diroka-m benson la na undi ki N koi... ki N roka ta diroka-m

e fla N kre benson N kre dinheru benson la na
S3SG dizer.PFV S1SG querer.PFV bênção S1SG querer.PFV dinheiro bênção lá em
PRON V PRON V.FRT N PRON V.FRT N N ADV PREP

undi ki N roka ta diroka-m benson la na undi ki
onde que S1SG enrascar.PFV IPFV desenrascar bênção la na onde que

REL.CC REL.CC PRON V ASP V N ADV PREP REL.CC REL.CC

N koi... ki N roka ta diroka-m
 S1SG que S1SG enrascar.PFV IPFV desenrascar-O1SG
 PRON SUB PRON V ASP V-PRON

benson i:... dinheru la na undi N fronta ta difronta-m

benson i:... dinheru la na undi N fronta ta difronta-m
 bênção dinheiro la na onde S1SG enrascar.PFV IPFV desenrascar
 N N ADV PREP REL.CC PRON V ASP V

si mai da-i benson da-i dinheru e bai

si mai da-i benson da-i dinheru e bai
 POSS.3SG mãe dar-O3SG bênção dar-O3SG dinheiro S3SG ir.PFV
 PRON N V-PRON N V-PRON N PRON V

kántu e ta bá riba txáda e átxa Lobu e átxa Xibinhu e átxa i... Furminga e átxa Farkan ku báka na txon

kántu e ta bá riba txáda e átxa Lobu e átxa Xibinhu
 quando S3SG IPFV ir em cima de achada S3SG achar.PFV Lobo S3SG achar.PFV Xibinhu
 SUB.PST PRON ASP V PREP N PRON V N PRON V N

e átxa i... Furminga e átxa Farkan ku báka na txon
 S3SG achar.PFV Formiga S3SG achar.PFV Falcão com vaca em chão
 PRON V N PRON V N PREP N PREP N

e txiga e pása

e txiga e pása
 S3SG chegar.PFV S3SG passar.PFV
 PRON V PRON V

e bá ti la nbes Lobu fla nha genti pa Kabésa Prétu pása lisisin pa nu ka fla-l p-e parti-nu p-e folá-nu kel báka li
 ki nos nunhun nu ka ta... p-e parti-nu ei ki nos nunhun nu ka ta fika mai

e bá ti la nbes Lobu fla nha genti pa Kabésa Prétu
 S3SG ir até lá então Lobo dizer.PFV POSS.1SG pessoa para Kabeça Preto
 PRON V PREP ADV ADV.COORD N V PRON N SUB.INDP N N

pása lisisin pa nu ka fla-l p-e parti-nu
 passar.PFV bem aqui para S1SG não falar.PFV-O3SG para-S3SG partir.PFV-O1PL
 V ADV SUB.INDP PRON NEG V-PRON COMPL-PRON V-PRON

p-e folá-nu kel báka li ki nos nunhun nu
 para-S3SG esfolar.PFV-O1PL aquele vaca aqui que T1PL nenhum S1SG
 COMPL.REP-PRON V-PRON DEM1.A N DEM2.P SUB.CC PRON ADJ.INDF PRON

ka ta... p-e parti-nu ei ki nos nunhun nu ka
 não para-S3SG partir.PFV-O1PL OT3SG que T1PL nenhum S1SG não
 NEG COMPL.REP-PRON V-PRON PRON SUB.CC PRON ADJ.INDF PRON NEG

ta fika mai

IPFV ficar mal

ASP V ADV

nbes Frakasi fla nton pa N txoma-i e fla txoma-i Frakasi subi na monti si fla argen bu ta txomádu
 nbes Frakasi fla nton pa N txoma-i e fla
 então Frakasi dizer.PFV então para S1SG chamar.PFV-O3SG S3SG dizer.PFV
 ADV.COORD N V ADV.COORD SUB.INDP PRON V-PRON PRON V

txoma-i Frakasi subi na monti si fla argen bu ta
 chamar.IMP-O3SG Frakasi subir.PFV em monte assim dizer.PFV alguém S2SG IPFV
 V-PRON N V PREP N ADV V PRON.INDF PRON ASP

txomádu
 chamar-PASS.PRES
 V

e ben
 e ben
 S3SG vir.PFV
 PRON V

kántu k-e ben e fla ia N ben

kántu k-e ben e fla ia N ben
 quando que-S3SG vir.PFV S3SG dizer.PFV S1SG vir.PFV
 SUB.PST SUB.PST.REP-PRON V PRON V ACT PRON V

e fla si Kabé Prétu a-bo u pása pa-u atxá-nu ku kel báka li a-nos nunhun nu ka sebe parti pa-u parti-nu el
 pa-u folá-nu el pa-u parti-nu el ki nos nunhun nu ka ta fika mai

e fla si Kabé Prétu a-bo u pása pa-u
 S3SG dizer.PFV assim Kabeça Preto T2SG S2SG passar.PFV para-S2SG
 PRON V ADV N ADJ PRON PRON V SUB.INDP-PRON

atxá-nu ku kel báka li a-nos nunhun nu ka sebe parti
 achar.PFV-O1SG com aquele vaca aqui T1PL nenhum S1SG não saber.PFV partir.PFV
 V-PRON PREP DEM1.A N DEM2.P PRON ADJ.INDF PRON NEG VM V

pa-u parti-nu el pa-u folá-nu el
 para-S2SG partir.PFV-O1PL OT3SG para-S2SG esfolar.PFV-O1PL OT3SG
 SUB.INDP-PRON V-PRON PRON SUB.INDP-PRON V-PRON PRON

pa-u parti-nu el ki nos nunhun nu ka ta fika mai
 para-S2SG partir.PFV-O1PL OT3SG que T1PL nenhum S1SG não IPFV ficar mal
 SUB.INDP-PRON V-PRON PRON SUB.CC PRON ADJ.INDF PRON NEG ASP V ADV

e... e mára si kabálu e tra si kazáku e po-l la e fola kel báka

e... e mára si kabálu e tra si kazáku e po-l
 S3SG amarrar.PFV POSS.3SG cavalo S3SG tirar.PFV POSS.3SG casaco S3SG pôr-O3SG
 PRON V PRON N PRON V PRON N PRON V-PRON

la e fola kel báka
 lá S3SG esfolar.PFV aquele vaca
 ADV PRON V DEM.A N

e ká fola e parti-r

e ká fola e parti-r
 S3SG acabar.PFV esfolar.PFV S3SG parti.PFV-O3SG
 PRON VM V PRON V-PRON

na metadi kaminhu ki ninhun ka fika mai e kába e da Furminginha kabésa e fla ók-u ká kumi u mora déntu d-ei

na metadi kaminhu ki ninhun ka fika mai e kába e
 em metade caminho que nenhum não ficar.PFV mal S3SG acabar.PFV S3SG
 PREP N N SUB.CC ADJ.INDF NEG V ADV PRON V PRON

da Furminginha kabésa e fla ók-u ká kumi u
 dar.PFV Formiga-DMN cabeça S3SG dizer.PFV quando-S2SG acabar.PFV comer.PFV S2SG
 V N N PRON V SUB.FUT-PRON VM V PRON

mora déntu d-ei
 morar.IMP dentro de-T3SG
 V PREP PREP-PRON

e bai

e bai
 S3SG ir.PFV
 PRON V

kántu e bai té nbes e fla nha genti pa Farkasinhú pása pa... pa omi parti-nu kusa ton bon si pa nu ka gardise-i

kántu e bai té nbes e fla nha genti pa
 quando S3SG ir.PFV até então S3SG dizer.PFV POSS.1SG pessoa para
 SUB.PST PRON V ADV ADV.COORD PRON V PRON N SUB.INDP

Farkasinhú pása pa... pa omi parti-nu kusa ton bon si pa
 Falcão-DMN passar.PFV para omi partir.PFV-O1PL coisa tão bom assim para
 N V SUB.INDP N V-PRON N ADV ADJ ADV SUB.INDP

nu ka gardise-i
 S1SG não agradecer.PFV-O3SG
 PRON NEG V-PRON

Flakasi fla pa N txoma-i e fla nhos txoma-i

Flakasi fla pa N txoma-i e fla nhos txoma-i
 Frakasi dizer.PFV para S1SG chamar.PFV-O3SG S3SG dizer.PFV S2PL chamar.IMP-O3SG
 N V SUB.INDP PRON V-PRON PRON V PRON V-PRON

Flakasi torna txoma-i

Flakasi torna txoma-i

Frakasi tornar.PFV chamar.PFV-O3SG
 N VM V-PRON

kántu ki e ben
 kántu ki e ben
 quando que S3SG vir.PFV
 SUB.PST SUB.PST PRON V

kántu ki Farkasinhú txoma-i e fla si a nha genti e kre p-es bá mata-m N ka fasi kusa suguru
 kántu ki Farkasinhú txoma-i e fla si a nha
 quando que Falcão-DMN chamar.PFV-O3SG S3SG dizer.PFV assim ah POSS.1SG
 SUB.PST SUB.PST N V-PRON PRON V ADV INTJ PRON

genti e kre p-es bá mata-m N ka fasi kusa suguru
 pessoa S3SG querer.PFV para-S3SG ir.PFV matar.PFV S1SG não fazer.PFV coisa seguro
 N PRON V.FRT COMPL-PRON VM V PRON NEG V N ADJ

kántu k-e ben Lobu fla i... bo pa-u parti-nu kusa ton suguru si pa nu kesi gardise-u
 kántu k-e ben Lobu fla i... bo pa-u parti-nu
 quando que-S3SG vir.PFV Lobo dizer.PFV T2SG para-S2SG partir.PFV-O1PL
 SUB.PST SUB.PST-PRON V N V PRON SUB.INDP-PRON V-PRON

kusa ton suguru si pa nu kesi gardise-u
 coisa tão seguro assim para S1SG esquecer.PFV agradecer.PFV
 N ADV ADJ ADV SUB.INDP PRON V V

kelóki bu bai si bu roka la undi bu roka u fla
 kelóki bu bai si bu roka la undi bu
 aquela hora que S2SG ir.PFV si S2SG enrascar.PFV em onde S2SG
 DEM.A-SUB.FUT PRON V SUB.COND PRON V PREP REL.CC PRON

roka u fla
 enrascar.PFV S2SG dizer.IMP
 V PRON V

ti Lobu di mundu bale-m N ta bale-u Xibinhú fla tánbi la na undi bu roka u fla Xibinhú bale-m N ta bale-u
 ti Lobu di mundu bale-m N ta bale-u Xibinhú fla tánbi la
 tio Lobo de mundo valer.IMP-O1SG S1SG IPFV valer-O2SG Xibinhú dizer.PFV também lá
 N N PREP N V-PRON PRON ASP V-PRON N V ADV ADV

na undi bu roka u fla Xibinhú bale-m N ta
 em onde S2SG enrascar.PFV S2SG dizer.IMP Xibinhú valer.IMP-O1SG S1SG IPFV
 PREP REL.CC PRON V PRON V N V-PRON PRON ASP

bale-u
 valer-O2SG
 V-PRON

i:...

i:...

Farkasinh u fla a-mi tánbi la na undi bu roka u fla Farkasinh u pe di monti bale-m N ta bale-u

Farkasinh u fla a-mi tánbi la na undi bu roka u fla
 Falcão-DMN dizer.PFV T1SG também la na onde S2SG enrascar.PFV S2SG dizer.IMP
 N V PRON ADV SUB SUB SUB PRON V PRON V

Farkasinh u pe di monti bale-m N ta bale-u

Falcão-DMN pé de monte valer.IMP-O1SG S1SG IPFV valer-O2SG
 N N PREP N V-PRON PRON ASP V-PRON

Furminginha fla a-mi tánbi la na u... la na undi bu roka u fla Furminginha pe di pédra bale-m N ta bale-u

Furminginha fla a-mi tánbi la na u... la na undi bu roka
 Formiga-DMN dizer.PFV T1SG também la na la na onde S2SG enrascar-se.PFV
 N V PRON ADV SUB SUB SUB SUB SUB PRON V-PRON

u fla Furminginha pe di pédra bale-m N ta bale-u
 S2SG dizer.IMP Formiga-DMN pé de pedra valer.IMP-O1SG S1SG IPFV valer-O2SG
 PRON V N N PREP N V-PRON PRON ASP V-PRON

e bai

e bai

S3SG ir.PFV

PRON V

e bai e txiga na kei sidádi e átxa ta jugádu e átxa un kadábra

e bai e txiga na kei sidádi e átxa ta jugádu
 S3SG ir.PFV S3SG chegar.PFV em aquele cidade S3SG achar.PFV IPFV jogar.PASS.PRES
 PRON V PRON V PREP DEM.A N PRON V ASP V

e átxa un kadábra

S3SG achar.PFV um cadáver

PRON V INDF N

kada pórt a ki bai ta dádu un posáda e fla ke-li é kusê

kada pórt a ki bai ta dádu un posáda e fla
 cada porta que ir.PFV IPFV dar-PASS.PRES um paulada S3SG dizer.PFV
 ADJ.INDF N REL.CC V ASP V INDF N PRON V

ke-li é kusê

isso aqui ser.PFV o que

DEM1.A-DEM2.P V PRON.INTR

fládu si i...

fládu si i...

falar.PASS.PRES assim

V ADV

a-li argen si móri ki ka ten ki bu debi algen k-u ka ten dinheru di pága ók-u móri tudu ken ki bu debi ta da-u un posáda

a-li argen si móri ki ka ten ki bu
 aqui alguém si morrer.PFV que não ter.PFV que S2SG
 ADV PRON.INDF SUB.COND V SUB.COND NEG V.FRT SUB.COND.REP PRON

debi algen k-u ka ten dinheru di pága
 dever.PFV alguém que-S2SG não ter.PFV dinheiro de pagar.PFV
 V PRON.INDF SUB.COND.REP-PRON NEG V.FRT N PREP V

ók-u móri tudu ken ki bu debi ta da-u un
 quando-S2SG morrer.PFV tudo quem que S2SG dever.PFV IPFV dar.O2SG um
 SUB.FUT-PRON V ADV PRON.INDF REL.O PRON V ASP V-PRON INDF

posáda

paulada

N

e pergunta tudu kel algen kántu k-e debi ta fla-l tántu ki debe-m e pága

e pergunta tudu kel algen kántu k-e debi ta
 S3SG perguntar.PFV tudo aquele alguém quanto que-S3SG dever.PFV IPFV
 PRON V ADV DEM.A PRON.INDF ADV.INTR PRON.INTR-PRON V ASP

fla-l tántu ki debe-m e pága
 falar-O3SG tanto que dever.PFV-O1SG S3SG pagar.PFV
 V-PRON PRON.INDF REL.O V-PRON PRON V

e pága e pága algen bá ntera kei... kei kadábra

e pága e pága algen bá ntera kei... kei kadábra
 S3SG pagar.PFV S3SG pagar.PFV alguém ir.PFV enterrar.PFV aquele cadáver
 PRON V PRON V PRON.INDF VM V DEM.A N

nton e bai

nton e bai
 então S3SG ir.PFV
 ADV.COORD PRON V

e á txiga na kása d-un mudjei ki mora djuntu ku kel omi

e á txiga na kása d-un mudjei ki mora djuntu ku
 S3SG ir.PFV chegar.PFV em casa de um mulher que morar.PFV junto com
 PRON VM V PREP N PREP-INDF N REL.S V ADV PREP

kel omi

aquele omi

DEM.A N

e bai e konta mudjer tudu kusê k-e bá fasi

e bai e konta mudjer tudu kusê k-e bá fasi
 S3SG ir.PFV S3SG contar.PFV mulher tudo o que que-S3SG ir.PFV fazer.PFV
 PRON V PRON V N ADV PRON.INTR REL.O-PRON VM V

mudjei fla-i ma kel omi ten tres mósa má ma kel mósa ma argen ka ta txiga la

mudjei fla-i ma kel omi ten tres mósa má ma kel mósa
mulher falar.PFV- que aquele omi ter.PFV três moça mas que aquele moça
O3SG
N V-PRON COMPL DEM.A N V.FRT NUM N COORD COMPL DEM.A N

ma argen ka ta txiga la
que alguém não IPFV chegar lá
COMPL.REP PRON.INDF NEG ASP V ADV

nton omi tudu dia ta á trabádju la mátu ta bá mátu ti noti ta txiga kása

nton omi tudu dia ta á trabádju la mátu ta bá mátu ti noti ta
então omi tudo dia IPFV ir trabalho em mato IPFV ir.PFV mato até noite IPFV
ADV.COORD N ADV N ASP V N PREP N ASP V N PREP N ASP

txiga kása
chegar casa
V N

e bai ku si maxin e mula mula mula maxin e mula maxin e bá kása mósa

e bai ku si maxin e mula mula mula maxin e
S3SG ir.PFV com POSS.3SG catana S3SG amolar.PFV amolar.PFV amolar.PFV catana S3SG
PRON V PREP PRON N PRON V V V N PRON

mula maxin e bá kása mósa
amolar.PFV catana S3SG ir.PFV casa moça
V N PRON V N N

e fla mósa a-nhori n-undi pai di nhori

e fla mósa a-nhori n-undi pai di nhori
S3SG dizer.PFV moça T2PL em onde pai de T2SG
PRON V N PRON PREP-ADV.INTR N PREP PRON

e fla mi nha pai ta bá trabádju tudu dia la mátu

e fla mi nha pai ta bá trabádju tudu dia la mátu
S3SG dizer.PFV T1SG POSS.1SG pai IPFV ir trabalho tudo dia em mato
PRON V PRON PRON N ASP V N ADV N PREP N

e... e fla ki óra e ta ben

e... e fla ki óra e ta ben
S3SG dizer.PFV que hora S3SG IPFV vir
PRON V PRON.INTR N PRON ASP V

e fla e ta ben so noti

e fla e ta ben so noti
S3SG dizer.PFV S3SG IPFV vir só noite
PRON V PRON ASP V ADV N

nbes e ben kása e fla mudjer ki e... k-e ospra na si kása moki mininu fla-i

nbes e ben kása e fla mudjer ki e... k-e ospra
então S3SG vir.PFV casa S3SG dizer.PFV mulher que-S3SG hospedar.PFV
ADV.COORD PRON V N PRON V N REL.O-PRON V

na si kása moki mininu fla-i
em POSS.3SG casa como que menino falar.PFV-O3SG
PREP PRON N CONJ N V-PRON

e torna manxi sedu e bai

e torna manxi sedu e bai
S3SG tornar.PFV amanhecer.PFV cedo S3SG ir.PFV
PRON VM V ADV PRON V

e fla nhori pai di nhori nhos ka fla pai di nhori d-undi ki si bida ta sta

e fla nhori pai di nhori nhos ka fla pai di nhori d-undi
S3SG dizer.PFV T2SG pai de T2SG S2PL não dizer.PFV pai de T2SG de onde
PRON V PRON N PREP PRON PRON NEG V N PREP PRON PREP-INTR

ki si bida ta sta
que POSS.3SG vida IPFV estar
PRON.INTR PRON N ASP V.FRT

nbes e... e ben

nbes e... e ben
então S3SG vir.PFV
ADV.COORD PRON V

e fla kelóki N ben oxi nhos pergunta-i undi ki si bida undi k-e ten si bida

e fla kelóki N ben oxi nhos pergunta-i undi
S3SG dizer.PFV aquela hora que S1SG vir.PFV hoje S2PL perguntar.IMP-O3SG onde
PRON V DEM.A-SUB.FUT PRON V ADV PRON V-PRON ADV.INTR

ki si bida undi k-e ten si bida
que POSS.3SG vida onde que-S3SG ter.PFV POSS.3SG vida
PRON.INTR PRON N ADV.INTR PRON.INTR-PRON V.FRT PRON N

kántu ki... mi... e ben noti mininu fla si

kántu ki... mi... e ben noti mininu fla si
quando S3SG vir.PFV noite menino dizer.PFV assim
SUB.PST PRON V N N V ADV

papai bo na ténpu ki nu sta li nun dia nu ka punta-u undi ki bu bida... sta

papai bo na ténpu ki nu sta li nun dia nu ka
papai T2SG em tempo que S1SG estar.PFV aqui nenhum dia S1SG não
N PRON PREP N REL.CC PRON V.FRT DEM2.P ADJ.INDF N PRON NEG

punta-u undi ki bu bida sta
perguntar.PFV-O2SG onde que S2SG vida estar.PFV
V-PRON ADV.INTR PRON.INTR PRON N V.FRT

e fla nha bida pakê e fla na pa nu sabi undi ki bu bida sta e fla mi nha bida sta lisin na boronsera
 e fla nha bida pakê e fla na pa nu sabi
 S3SG dizer.PFV POSS.1SG vida para que S3SG dizer.PFV não para S1SG saber.PFV
 PRON V PRON N ADV.INTR PRON V NEG SUB.INDP PRON V.FRT

undi ki bu bida sta e fla mi nha bida sta
 onde que S2SG vida estar.PFV S3SG dizer.PFV T1SG POSS.1SG vida estar.PFV
 ADV.INTR PRON.INTR PRON N V.FRT PRON V PRON PRON N V.FRT

lisin na boronsera
 aqui mesmo em lixeira
 ADV PREP N

nton es torna bai e torna bai m...

nton es torna bai e torna bai m...
 então S3PL tornar.PFV ir.PFV S3SG tornar.PFV ir.PFV
 ADV.COORD PRON VM V PRON VM V

omi manxi sedu bá punta-i mok-e fla nhor

omi manxi sedu bá punta-i mok-e fla nhor
 omi amanhecer.PFV cedo ir.PFV perguntar.PFV-O3SG como que-S3SG dizer.PFV S2PL
 N V ADV VM V-PRON CONJ-PRON V PRON

e fla ma si bida sta lisin na boronsera

e fla ma si bida sta lisin na boronsera
 S3SG dizer.PFV que POSS.3SG vida estar.PFV aqui mesmo em lixeira
 PRON V COMPL PRON N V.FRT ADV PREP N

nton e fla nhos bari tudu

nton e fla nhos bari tudu
 então S3SG dizer.PFV S2PL varrer.IMP tudo
 ADV.COORD PRON V PRON V ADV

nhos plânta árviri flor

nhos plânta árviri flor
 S2PL plantar.IMP árvore flor
 PRON V N N

k-e ta ben e ta átxa kóu linpu

k-e ta ben e ta átxa kóu linpu
 que-S3SG IPFV vir S3SG IPFV achar lugar limpo
 SUB.CC-PRON ASP V PRON ASP V N ADJ

kántu omi ben spánta ku kása

kántu omi ben spánta ku kása
 quando omi vir.PFV assustar.PFV com casa
 SUB.PST N V V PREP N

fla a-nhor ke-li é kusê

fla a-nhor ke-li é kusê

dizer.PFV T2PL isso aqui ser.PFV o que
 V PRON DEM1.A-DEM2.P V PRON.INTR

e fla e papai a-bo pa-u flá-nu ma u bida sta lisin na boronsera pa nu dexe dentu lixu
 e fla e papai a-bo pa-u flá-nu ma u bida
 S3SG dizer.PFV papai T2SG para-S2SG falar.PFV-O1PL que S2SG vida
 PRON V INTJ N PRON SUB.INDP-PRON V-PRON COMPL PRON N

sta lisin na boronsera pa nu dexe dentu lixu
 estar.PFV aqui mesmo em lixeira para S1SG deixar.PFV dentro lixo
 V.FRT ADV PREP N SUB.INDP PRON V PREP N

e fla nau mininus e ka si
 e fla nau mininus e ka si
 S3SG dizer.PFV não menino-PL S3SG não assim
 PRON V NEG N PRON NEG ADV

e fla mi nha bida sta la mátu dentu d-un porku mantês
 e fla mi nha bida sta la mátu dentu d-un porku
 S3SG dizer.PFV T1SG POSS.1SG vida estar.PFV em mato dentro de um porco
 PRON V PRON PRON N V.FRT PREP N PREP PREP-INDF N

mantês
 montês
 ADJ

dentu kel porku mantês ten un buséta dentu kel buséta ten un pasarinha kel pasarinha k-e nha bida
 dentu kel porku mantês ten un buséta dentu kel buséta ten un
 dentro aquele porco montês ter.PFV um bolseta dentro aquele bolseta ter.PFV um
 PREP DEM.A N ADJ V.FRT INDF N PREP DEM.A N V.FRT INDF

pasarinha kel pasarinha k-é nha bida
 pássaro aquele pássaro que-COP POSS.1SG vida
 N DEM.A N REL.S.FOC-V PRON N

e manxi sedu e torna bai
 e manxi sedu e torna bai
 S3SG amanhecer.PFV cedo S3SG tornar.PFV ir.PFV
 PRON V ADV PRON VM V

kántu e bai k-e bá purgunta-i e fla-i mok-e fla
 kántu e bai k-e bá purgunta-i e fla-i
 quando S3SG ir.PFV quando-S3SG ir.PFV perguntar.PFV-O3SG S3SG falar.PFV-O3SG
 SUB.PST PRON V SUB.PST.REP-PRON VM V-PRON PRON V-PRON

mok-e fla
 como que-S3SG dizer.PFV
 CONJ-PRON V

nton e bá mátu

nton e bá mátu
então S3SG ir.PFV mato
ADV.COORD PRON V N

sima e sai di lonji kel porku xinti-i
sima e sai di lonji kel porku xinti-i
quando S3SG sair.PFV de longe aquele porco sentir.PFV-O3SG
SUB.PST PRON V PREP ADV DEM.A N V-PRON

dja kei porku dja fára pa ei lansia n-ei
dja kei porku dja fára pa ei lansia n-ei
aquele porco farejar.PFV para OT3SG lançar-se.PFV em-T3SG
ACT DEM.A N ACT V PREP PRON V PREP-PRON

porku e briga ku porku da porku ku maxin da porku ku maxin e kánsa
porku e briga ku porku da porku ku maxin da porku ku maxin
porco S3SG brigar.PFV com porco dar.PFV porco com catana dar.PFV porco com catana
N PRON V PREP N V N PREP N V N PREP N

e kánsa
S3SG cansar.PFV
PRON V

e fla á ti Lobo di mundu bale-m Lobo parsi si dianti briga ku porku porku máta Lobo
e fla á ti Lobo di mundu bale-m Lobo parsi si
S3SG dizer.PFV ah tio Lobo de mundo valer.IMP-O1SG Lobo aparecer.PFV POSS.3SG
PRON V INTJ N N PREP N V-PRON N V PRON

dianti briga ku porku porku máta Lobo
frente brigar.PFV com porco porco matar.PFV Lobo
N V PREP N N V N

máta nhu Lobo
máta nhu Lobo
matar.PFV senhor Lobo
V ADJ.TRAT N

bri e fla a Xibinhu bale-m
bri e fla a Xibinhu bale-m
S3SG dizer.PFV ah Xibinho valer.IMP-O1SG
ONOM PRON V INTJ N V-PRON

Xibinhu parsi e briga briga briga e máta Xibinhu
Xibinhu parsi e briga briga briga e máta Xibinhu
Xibinho aparecer.PFV S3SG brigar.PFV brigar.PFV brigar.PFV S3SG matar.PFV Xibinho
N V PRON V V V PRON V N

di la e torna labánta e lansia na porku e torna kánsa
di la e torna labánta e lansia na porku e torna

de lá S3SG tornar.PFV levantar.PFV S3SG lançar-se.PFV em porco S3SG tornar.PFV
 PREP ADV PRON VM V PRON V PREP N PRON VM

kánsa
 cansar.PFV
 V

e fla á Furmiginha pe di pédra bale-m
 S3SG dizer.PFV ah formiga-DMN pé de pedra valer.IMP-O1SG
 PRON V INTJ N N PREP N V-PRON

Furmiginha ruma na porku na fusinhu na tudu kábu
 Furmiginha ruma na porku na fusinhu na tudu kábu
 formiga-DMN amontoar.PFV em porco em focinho em tudo lugar
 N V PREP N PREP N PREP ADV N

porku kánsa dja bira ta fusinha txon
 porku kánsa dja bira ta fusinha txon
 porco cansar.PFV virar.PFV IPFV cavar com o focinho chão
 N V ACT V ASP V N

fusinha txon deta
 fusinha txon deta
 cavar com o focinho.PFV chão deitar.PFV
 V N V

dja deta e ká da ku maxin e diskánsa
 dja deta e ká da ku maxin e diskánsa
 deitar.PFV S3SG acabar.PFV dar.PFV com catana S3SG descansar.PFV
 ACT V PRON VM V PREP N PRON V

e da-i ku maxin e ratxa-i e ká ratxa-i e átxa kei buséta mé
 e da-i ku maxin e ratxa-i e ká ratxa-i e átxa kei buséta mé
 S3SG dar.PFV-O3SG com catana S3SG rachar.PFV-O3SG S3SG acabar.PFV rachar.PFV-O3SG
 PRON V-PRON PREP N PRON V-PRON PRON VM V-PRON

e átxa kei buséta mé
 S3SG achar.PFV aquele bolseta mesmo
 PRON V DEM.A N ADV

déntu kei buséta e pega e abri e átxa kei pasarinha k-é bida d-omi
 déntu kei buséta e pega e abri e átxa kei pasarinha
 dentro aquele bolseta S3SG pegar.PFV S3SG abrir.PFV S3SG achar.PFV aquele pássaro
 PREP DEM.A N PRON V PRON V PRON V DEM.A N

k-é bida d-omi
 que-ser vida de-homem

REL.S-COP N PREP-N

sima e pega kel pasarinha si ki N... e á ta djo pasarinha pasarinha dádjí frati bua

sima	e	pega	kel	passarinha	si	ki	N...	e	á	ta	djo	passarinha
quando	S3SG	pegar.PFV	aquele	passaro	assim		S3SG	ir.PFV	IPFV	ver	passaro	
SUB.PST	PRON	V	DEM.A	N	ADV		PRON	V	ASP	V	N	

passarinha	dádjí	frati	bua
passaro	bater.PFV		voar.PFV
N	V	ONOM	V

kántu ki pasarinha bua e fla si á Frakasinhu pe di pédra bale-m

kántu	ki	passarinha	bua	e	fla	si	á	Frakasinhu	pe	di
quando	que	passaro	voar.PFV	S3SG	dizer.PFV	assim	ah	Frakasinhu	pé	de
SUB.PST	SUB.PST	N	V	PRON	V	ADV	INTJ	N	N	PREP

pédra bale-m

pedra	valer.IMP-O1SG
N	V-PRON

Frakasinhu dixi zis sápa pasarinha kabésa

Frakasinhu	dixi	zis	sápa	passarinha	kabésa
Frakasinhu	descer.PFV		cortar.PFV	passaro	cabeça
N	V	ONOM	V	N	N

dja kántu e en kása e átxa omi mórtu

dja	kántu	e	en	kása	e	átxa	omi	mórtu
já	quando	S3SG	vir.PFV	casa	S3SG	achar.PFV	omi	morto
ADV	SUB.PST	PRON	V	N	PRON	V	N	ADJ

omi mórtu dja e djuda gentis ntéra

omi	mórtu	dja	e	djuda	gentis	ntéra
omi	morto	S3SG	ajudar.PFV	pessoa	enterrar.PFV	
N	ADJ	ACT	PRON	V	N	V

e pánha kel más pikinóti k-é kodé ki ta kánta ta kusa e ben ku ei p-e ben trazi gentis

e	pánha	kel	más	pikinóti	k-é	kodé	ki	ta	kánta	ta
S3SG	apanhar.PFV	aquele	mais	pequeno	que-ser	caçula	que	IPFV	cantar	IPFV
PRON	V	DEM.A	ADV	ADJ	REL.S-COP	N	REL.S	ASP	V	ASP

kusa	e	ben	ku	ei	p-e	ben	trazi	gentis
funcionar	S3SG	vir.PFV	com	T3SG	para-S3SG	vir.PFV	trazer.PFV	pessoa
V	PRON	V	PREP	PRON	SUB.CC-PRON	VM	V	N

kántu k-e ben la na kei sidádi e purgunta pa s-irmuns

kántu	k-e	ben	la	na	kei	sidádi	e	purgunta	pa
quando	que-S3SG	vir.PFV	lá	em	aquele	cidade	S3SG	perguntar.PFV	para
SUB.PST	SUB.PST-PRON	V	ADV	PREP	DEM.A	N	PRON	V	PREP

s-irmuns

POSS.3SG-irmão.PL

PRON-N

e fládu na undi ki sta ma sta prézu

e	fládu	na	undi	ki	sta	ma	sta	prézu
S3SG	falar-PASS.PRES	em	onde	que	estar.PFV	que	estar.PFV	preso
PRON	V	PREP	N.ADV	REL.CC	V.FRT	COMPL	V.FRT	ADJ

e bá djobi

e	bá	djobi
S3SG	ir.PFV	ver.PFV
PRON	VM	V

e pága e tra e átxa ku kabelu ku bárba e pága gentis e tra-s kabelu e tra-i bárba e kunpra ropa e bisti-ris e ben

e	pága	e	tra	e	átxa	ku	kabelu	ku	bárba	e
S3SG	pagar.PFV	S3SG	tirar.PFV	S3SG	achar.PFV	com	cabelo	com	barba	S3SG
PRON	V	PRON	V	PRON	V	PREP	N	PREP	N	PRON

pága	gentis	e	tra-s	kabelu	e	tra-i	bárba	e	kunpra
pagar.PFV	pessoa	S3SG	tirar.PFV-O3PL	cabelo	S3SG	tirar.PFV-O3SG	barba	S3SG	comprar.PFV
V	N	PRON	V-PRON	N	PRON	V-PRON	N	PRON	V

ropa	e	bisti-ris	e	ben
roupa	S3SG	vestir.PFV-O3PL	S3SG	vir.PFV
N	PRON	V-PRON	PRON	V

ku kes si dos irmon ku ei fasi tres ku kei mininu k-e bá buska pa ramedí fasi kuantu

ku	kes	si	dos	irmon	ku	ei	fasi	tres	ku	kei	mininu
com	aquele.PL	POSS.3SG	dois	irmão	com	T3SG	fazer.PFV	três	com	aquele	menino
PREP	DEM.A	PRON	NUM	N	PREP	PRON	V	NUM	PREP	DEM.A	N

k-e	bá	buska	pa	ramedi	fasi	kuatu
que-S3SG	ir.PFV	buscar.PFV	para	remédio	fazer.PFV	quatro
REL.O-PRON	VM	V	PREP	N	V	NUM

e ben na un kóu u... i... n-un txáda sedi dja de-ri

e	ben	na	un	kóu	u... i...	n-un	txáda	sedi	dja	de-ri
S3SG	vir.PFV	em	um	lugar		em um	achada	sede		dar.PFV-O3PL
PRON	V	PREP	INDF	N		PREP-INDF	N	N	ACT	V-PRON

nton ke si e... kei dos ki bába dianti ki ka fasi náda fla ma sedi dja da-ris

nton	ke	si	e..	kei	dos	ki	bába	dianti	ki	ka	fasi
então	aquele	POSS.3SG		aquele	dois	que	ir.PS	adiant	que	não	fazer.PF
ADV.COOR	DEM.	PRON		DEM.	NU	REL.	V	ADV	REL.	NE	V
D	A			A	M	S			S	G	

náda	fla	ma	sedi	dja	da-ris
nada	dizer.PFV	que	sede		dar.PFV-O3PL

PRON.INDF V COMPL N ACT V-PRON

e fla ma lisin gó módi k-e ta da-res águ

e fla ma lisin gó módi k-e ta da-res águ

S3SG dizer.PFV que aqui mesmo agora como que-S3SG IPFV dar-O3PL água

PRON V COMPL ADV ADV ADV.INTR PRON.INTR-PRON ASP V-PRON N

nton e máta si kabálu e tra koru e fasi korêa e mára na ei e dixi e pánha águ

nton e máta si kabálu e tra koru e fasi korêa

então S3SG matar.PFV POSS.3SG u caval S3SG tirar.PFV cour S3SG fazer.PFV correi

ADV.COOR PRO V PRON N PRO V N PRO V N

e mára na ei e dixi e pánha águ

S3SG amarrar.PFV em T3SG S3SG descer.PFV S3SG apanhar.PFV água

PRON V PREP PRON PRON V PRON V N

e da Pedru bebi e da Palu bebi

e da Pedru bebi e da Palu bebi

S3SG dar.PFV Pedro beber.PFV S3SG dar.PFV Paulo beber.PFV

PRON V N V PRON V N V

e torna dixi e pánha águ e da i... Monê bebi e torna dixi e da mini... e pánha águ e da minina bebi

e torna dixi e pánha águ e da i... Monê bebi

S3SG tornar.PFV descer.PFV S3SG apanhar.PFV água S3SG dar.PFV Manoel beber.PFV

PRON VM V PRON V N PRON V N V

e torna dixi e da mini... e pánha águ e da

S3SG tornar.PFV descer.PFV S3SG dar.PFV S3SG apanhar.PFV água S3SG dar.PFV

PRON VM V PRON V PRON V N PRON V

minina bebi

menina beber.PFV

N V

na di tres k-e ta subi p-e en bebi p-e ben es pega kusa es sápa es dexa-i déntu funti

na di tres k-e ta subi p-e en bebi p-e

em de três que-S3SG IPFV subir para-S3SG vir.PFV beber.PFV para-S3SG

PREP PREP NUM REL.CC-PRON ASP V SUB.CC-PRON VM V SUB.CC-PRON

ben es pega kusa es sápa es dexa-i dentu funti

vir.PFV S3PL pegar.PFV coisa S3PL cortar.PFV S3PL deixar.PFV dentro fonte

V PRON V N PRON V PRON V PREP N

e pánha minina es ben ku ei ma-kin-dis es ki bá ku minina

e pánha minina es ben ku ei ma-kin-dis es ki bá

S3SG apanhar.PFV menina S3PL vir.PFV com T3SG como se S3PL que ir.PFV
 PRON V N PRON V PREP PRON ADV PRON REL.FOC V

ku minina
 com menina
 PREP N

nton minina dja sabi moki kusa bai minina xinta tristi ta txóra

nton minina dja sabi moki kusa bai minina xinta tristi ta
 então menina saber.PFV como que coisa ir.PFV menina sentar.PFV triste IPFV
 ADV.COORD N ACT V.FRT ADV.INTR N V N V ADJ ASP

txóra
 chorar
 V

di la si mai fla-s a-nhos nhos ben ku ramedí ku minina más e ka sata fasi náda ramedí ka ten

dí la si mai fla-s a-nhos nhos ben ku ramedí ku
 de lá POSS.3SG mãe falar.PFV-O3SG T2PL S2PL vir.PFV com remédio com
 PREP ADV PRON N V-PRON PRON PRON V PREP N PREP

minina más e ka sata fasi náda ramedí ka ten
 menina mas S3SG não PROG fazer nada remédio não ter.PFV
 N CONJ PRON NEG ASP V PRON.INDF N NEG V.FRT

nhos ka átxa

nhos ka átxa
 S2PL não achar.PFV
 PRON NEG V

nton si k-e sta si k-e sta bá un... un... un... ke... un di ke... ti kes dia e obi un pásu fla Pedru pa N tra-u di li

nton si k-e sta si k-e sta bá un... un...
 então assim que-S3SG estar.PFV assim que-S3SG estar.PFV ir.PFV
 ADV.COORD ADV REL.CC-PRON V.FRT ADV REL.CC-PRON V.FRT V

un... un... ke... un di ke... ti kes dia e obi un pásu fla
 um de até aquele.PL dia S3SG ouvir.PFV um pássaro dizer.PFV
 INDF PREP PREP DEM.A N PRON V INDF N V

Pedru pa N tra-u di li
 Pedro para S1SG tirar.PFV-O2SG de aqui
 N SUB.INDP PRON V-PRON PREP ADV

e fla si bu tra-m di li N ta kontenti

e fla si bu tra-m di li N ta kontenti
 S3SG dizer.PFV si S2SG tirar.PFV-O1SG de aqui S1SG IPFV alegrar-se
 PRON V SUB.COND PRON V-PRON PREP ADV PRON ASP V

má si bu ka tra-m di li N ka ku... N ka ta fika-u diskontenti tá purké a-mi nha dos irmon ki nu nasi na un mai
 ku
 pai dexa-m li

má si bu ka tra-m di li N ka ku... N ka ta
 mas si S2SG não tirar.PFV-01SG de aqui S1SG não S1SG não IPFV
 COORD SUB.COND PRON NEG V-PRON PREP ADV PRON NEG PRON NEG ASP

fika-u diskontenti tá purké a-mi nha dos irmon ki nu
 ficar-O2SG descontente também porque T1SG POSS.1SG dois irmão que S1SG
 V-PRON ADJ ADV COORD PRON PRON NUM N REL.S PRON

nasi na un mai ku pai dexa-m li
 nascer.PFV em um mãe e pai deixar.PFV-O1SG aqui
 V PREP INDF N COORD.SN N V-PRON ADV

si argen ka tra-m N ka ta átxa mai d-ei

si argen ka tra-m N ka ta átxa mai d-ei
 si alguém não tirar.PFV-O1SG S1SG não IPFV achar mal de-T3SG
 SUB.COND PRON.INDF NEG V-PRON PRON NEG ASP V ADV PREP-PRON

nton kei pásu dixi rábu

nton kei pásu dixi rábu
 então aquele pássaro descer.PFV rabo
 ADV.COORD DEM.A N V N

e fla-i pega na kei rábu li

e fla-i pega na kei rábu li
 S3SG falar.PFV-O3SG pegar.IMP em aquele rabo aqui
 PRON V-PRON V PREP DEM.A N ADV

e subi na kei rábu e sai riba

e subi na kei rábu e sai riba
 S3SG subir.PFV em aquele rabo S3SG sair.PFV acima
 PRON V PREP DEM.A N PRON V ADV

kántu k-e sai riba e fla-i bu sabi ken ki tra-u di li

kántu k-e sai riba e fla-i bu sabi ken
 quando que-S3SG sair.PFV acima S3SG falar.PFV-O3SG S2SG saber.PFV quem
 SUB.PST SUB.PST-PRON V ADV PRON V-PRON PRON V.FRT PRON.INTR

ki tra-u di li
 que tirar.PFV-O2SG de aqui
 PRON.INTR V-PRON PREP ADV

e fla nau

e fla nau
 S3SG dizer.PFV não
 PRON V NEG

nhos kála bóka

nhos kála bóka
 S2PL calar.IMP boca

PRON V N

e fla bu sabi ken ki tra-u di li Pedru

e	fla	bu	sabi	ken	ki	tra-u	di	li	Pedru
S3SG	dizer.PFV	S2SG	saber.PFV	quem	que	tirar.PFV-O2SG	de	aqui	Pedro
PRON	V	PRON	V.FRT	PRON.INTR	PRON.INTR	V-PRON	PREP	ADV	N

Pedru fla nau N ka sabi

Pedru	fla	nau	N	ka	sabi
Pedro	dizer.PFV	não	S1SG	não	saber.PFV
N	V	NEG	PRON	NEG	V.FRT

e fla-i kei kadábra ki bu átxa ta sotáda ki bu pága ki nterádu ki tra-u di li

e	fla-i	kei	kadábra	ki	bu	átxa	ta	sotáda	ki
S3SG	falar.PFV-O3SG	aquele	cadáver	que	S2SG	achar.PFV	IPFV	bater.PASS.PST	que
PRON	V-PRON	DEM.A	N	REL.O	PRON	V	ASP	V	REL.O

bu	pága	ki	nterádu	ki	tra-u	di	li
S2SG	pagar.PFV	que	enterrar.PASS	que	tirar.PFV-O2SG	de	aqui
PRON	V	REL.S	V	REL.S	V-PRON	PREP	ADV

e ben

e	ben
S3SG	vir.PFV
PRON	V

kántu k-e ben k-e sai la i... kel minina oia-i dj-e bira ta kánta ta ri sai kel águ

kántu	k-e	ben	k-e	sai	la	i...	kel	minina
quando	que-S3SG	vir.PFV	quando-S3SG	sair.PFV	lá		aquele	menina
SUB.PST	SUB.PST-PRON	V	SUB.PST.REP-PRON	V	ADV		DEM.A	N

oia-i	dj-e	bira	ta	kánta	ta	ri	sai	kel	águ
olhar.PFV-O3SG	ACT-S3SG	virar.PFV	IPFV	cantar	IPFV	rir	sair.PFV	aquele	água
V-PRON	ACT-PRON	V	ASP	V	ASP	V	V	DEM.A	N

mudjer pánha po maridu na pe seka séku

mudjer	pánha	po	maridu	na	pe	seka	séku
mulher	apanhar.PFV	pôr.PFV	marido	em	pé	secar	seco
N	V	V	N	PREP	N	V	ADJ

dj-e kába gó e bá konta gó kusê ki kes otu fase-i

dj-e	kába	gó	e	bá	konta	gó	kusê	ki	kes
ACT-S3SG	acabar.PFV	agora	S3SG	ir.PFV	contar.PFV	agora	o que	que	aquele.PL
ACT-PRON	V	ADV	PRON	VM	V	ADV	PRON.INTR	PRON.INTR	DEM.A

otu fase-i

outro	fazer.PFV-O3SG
PRON.INDF	V-PRON

nbes si pai fla-i kusê k-e kre p-e fasi ku kei dos irmon

nbes	si	pai	fla-i	kusê	k-e	kre
então	POSS.3SG	pai	falar.PFV-O3SG	o que	que-S3SG	querer.PFV
ADV.COORD	PRON	N	V-PRON	PRON.INTR	PRON.INTR-PRON	V.FRT

p-e	fasi	ku	kei	dos	irmon
para-S3SG	fazer.PFV	com	aquele	dois	irmão
COMPL-PRON	V	PREP	DEM.A	NUM	N

e fla ma náda e ka kre p-e fasi ma pagamentu mé m-ei ki ta da-ri

e	fla	ma	náda	e	ka	kre	p-e	fasi	ma
S3SG	dizer.PFV	que	nada	S3SG	não	querer.PFV	para-S3SG	fazer.PFV	que
PRON	V	COMPL	PRON.INDF	PRON	NEG	V.FRT	COMPL-PRON	V	COMPL

pagamentu	mé	m-ei	ki	ta	da-ri
pagamento	mesmo	que-T3SG	que	IPFV	dar-O3PL
N	ADV	COMPL.REP-PRON	REL.S.FOC	ASP	V-PRON

e torna da la fin di mundu

e	torna	da	la	fin	di	mundu
S3SG	tornar.PFV	dar.PFV	em	fim	de	mundu
PRON	VM	V	PREP	N	PREP	N

e á pánha ke dos mósas e ben ku ei e trazi káda kenha un

e	á	pánha	ke	dos	mósas	e	ben	ku	ei	e	trazi
S3SG	ir.PF	apanhar.PF	aquele	dois	moça.P	S3SG	vir.PF	com	T3SG	S3SG	trazer.PF
PRO	VM	V	DEM.A	NUM	N	PRO	V	PREP	PRO	PRO	V
N						N			N	N	

káda	kenha	un
cada	quem	um
ADJ.INDF	PRON.INDF	INDF

dj-e paga-s sapatinha rubera riba sapatinha rubera báxu ken ki sabi más konta midjór

dj-e	paga-s	sapatinha	rubera	riba	sapatinha	rubera	báxu	ken	ki
ACT-S3SG	pagar.PFV-O3PL	feijão	ribeira	acima	feijão	ribeira	baixo	quem	que
ACT-PRON	V-PRON	N	N	ADV	N	N	PREP	PRON.INDF	REL.S

sabi	más	konta	midjór
saber.PFV	mais	contar.PFV	melhor
V.FRT	ADV	V	ADV

APÊNDICE B – INTERLINEARIZAÇÃO DA NARRATIVA 4 (KEA_EV_NARR_04)

nton Lobu ku Xibinhu (e)s fasi un órta djuntádu

nton	Lobu	ku	Xibinhu	(e)s	fasi	un	órta	djuntádu
então	Lobo	e	Xibinho	S3PL	fazer.PFV	um	horta	junto
ADV.COORD	N	COORD.SN	N	PRON	V	INDF	N	ADJ

es fazi un órta djuntádu es poi batáta

es	fazi	un	órta	djuntádu	es	poi	batáta
S3PL	fazer.PFV	um	horta	junto	S3PL	pôr.PFV	batata
PRON	V	INDF	N	ADJ	PRON	V	N

nton Lobu komu é más sfalmádu

nton	Lobu	komu	é	más	sfalmádu
então	Lobo	como	ser.PFV	mais	esfomeado
ADV.COORD	N	SUB	V	ADV	ADJ

e bira e ta dexa Xibinhu ta sai

e	bira	e	ta	dexa	Xibinhu	ta	sai
S3SG	virar.PFV	S3SG	IPFV	deixar	Xibinho	IPFV	sair
PRON	V	PRON	ASP	V	N	ASP	V

e ta bá rinka batáta sukundidu

e	ta	bá	rinka	batáta	sukundidu
S3SG	IPFV	ir	arrancar.PFV	batata	escondido
PRON	ASP	VM	V	N	ADJ

nton kel dia Xibinhu fla si

nton	kel	dia	Xibinhu	fla	si
então	aquele	dia	Xibinho	dizer.PFV	assim
ADV.COORD	DEM.A	N	N	V	ADV

dja N odja ma nha tiu Lobu li sata ngana-m

dja	N	odja	ma	nha	tiu Lobu	li	sata	ngana-m	
	S1SG	olhar.PFV	que	POSS.1SG	tiu Lobu	aqui	PROG	enganar-O1SG	
ACT	PRON	V	COMPL	PRON	N	N	ADV	ASP	V-PRON

batáta e sata ká pánha moku

batáta	e	sata	ká	pánha	moku
batata	S3SG	PROG	acabar.PFV	apanhar.PFV	tudo
N	PRON	ASP	VM	V	ADV

a-mi na fin parse-m ma N áta fika so ku kórda

a-mi	na	fin	parse-m	ma	N	áta	fika	so	ku	kórda
T1SG	em	fim	parecer.PFV-O1SG	que	S1SG	PROG	ficar	só	com	corda
PRON	PREP	N	V-PRON	COMPL	PRON	ASP	V	ADV	PREP	N

nton Xibinhu volta fla si agóra dja N sabi ki mánha ki N ta fasi ku nha tiu Lobu

nton	Xibinhu	volta	fla	si	agó	dja	N	sabi	ki
------	---------	-------	-----	----	-----	-----	---	------	----

então Xibinho voltar.PFV dizer.PFV assim agora S1SG saber.PFV que
 ADV.COORD N V V ADV ADV ACT PRON V.FRT PRON.INTR

mánha ki N ta fasi ku nha tiu Lobu
 manha que S1SG IPFV fazer com POSS.1SG tio Lobo
 N REL.O PRON ASP V PREP PRON N N

pa N odja si N ta toma-l kel batáta la

pa N odja si N ta toma-l kel batáta la
 para S1SG olhar.PFV se S1SG IPFV tomar-O3SG aquele batata lá
 SUB PRON V COMPL PRON ASP V-PRON DEM.A N ADV

nton kel dia sedu di manhan

nton kel dia sedu di manhan
 então aquele dia cedo de manhã
 ADV.COORD DEM.A N ADV PREP ADV

parmanhan

parmanhan

de manhã

ADV

Xibinhu volta pása ku un buru di kórda di un... plánta k-é kriola

Xibinhu volta pása ku un buru di kórda di un plánta k-é
 Xibinho voltar.PFV passar.PFV com um burro de corda de um planta que-COP
 N V V PREP INDF N PREP N PREP INDF N REL.S-V

kriola

crioula

ADJ

Lobu oia Xibinhu ta pása e fla si Xibinhu

Lobu oia Xibinhu ta pása e fla si Xibinhu
 Lobo olhar.PFV Xibinho IPFV passar S3SG dizer.PFV assim Xibinho
 N V N ASP V PRON V ADV N

a-bo tudu kel kórda la k-u áta á ku-al é paké

a-bo tudu kel kórda la k-u áta bá ku-al é paké
 T2SG tudo aquele corda lá que-S2SG PROG ir com-T3SG ser.PFV para quê
 PRON ADV DEM.A N ADV REL.CC-PRON ASP V PREP-PRON V PRON.INTR

e fla mos

e fla mos
 S3SG dizer.PFV moço
 PRON V N

áta ben un txuba ku bentu ku temporal

áta ben un txuba ku bentu ku temporal
 PROG vir um chuva e vento e temporal
 ASP V INDF N COORD.SN N COORD.SN N

ki ta pánha tudu argen más bedju ta pánha ta leba... pa már

ki ta pánha tudu argen más bedju ta pánha ta leba... pa már
 que IPFV apanhar tudo alguém mais velho IPFV apanhar IPFV levar para mar
 REL.S ASP V ADV PRON.INDF ADV ADJ ASP V ASP V PREP N

dipo e fla Xibinhu é ka si

dipo e fla Xibinhu é ka si
 depois S3SG dizer.PFV Xibinho ser.PFV não assim
 ADV.COORD PRON V N V NEG ADV

Xibinhu fla-i é si nha tiu mi ke-li N áta á ku-al pa N bá mára nha mai ku nha pai pa bentu ka pánha

Xibinhu fla-l é si nha tiu mi ke-li N áta bá
 Xibinho falar.PFV-O3SG ser.PFV sim POSS.1SG tio T1SG isso aqui S1SG PROG ir
 N V-PRON V ADV PRON N PRON DEM1.A-DEM2.P PRON ASP V

ku-al pa N bá mára nha mai ku nha pai pa
 com-T3SG para S1SG ir.PFV amarrar.PFV POSS.1SG mãe e POSS.1SG pai para
 PREP-PRON SUB PRON VM V PRON N COORD.SN PRON N SUB

bentu ka pánha

vento não apanhar.PFV
 N NEG V

pa N ka fika sen es

pa N ka fika sen es
 para S1SG não ficar.PFV sem 3PL
 SUB PRON NEG V PREP PRON

dipo(s) e fla Xibinhu ben mara-m purmeru nton

dipo e fla Xibinhu ben mara-m purmeru nton
 depois S3SG dizer.PFV Xibinho vir.IMP amarrar.PFV-O1SG primeiro então
 ADV.COORD PRON V N V V-PRON NUM.ORD ADV

ben bu mara-m purmeru pamodi a-bo... mi é bu tiu

ben bu mara-m purmeru pamo a-bo... mi é bu tiu
 vir.IMP S2SG amarrar.IMP-O1SG primeiro porque T2SG T1SG ser.PFV POSS.2SG tio
 V PRON V-PRON NUM.ORD COORD PRON PRON V PRON N

pa bo-u dexa pa-u mára (b)u mai ku (b)u pai mi pa-u dexa-m pa N fika... pa bentu panha-m

pa bo-u dexa pa-u mára (b)u mai ku
 para T2SG-S2SG deixar.PFV para-S2SG amarrar.PFV POSS.2SG mãe e
 SUB.INDP PRON-PRON V SUB.INDP-PRON V PRON N COORD.SN

(b)u pai mi pa-u dexa-m pa N fika... pa
 POSS.2SG pai T1SG para-S2SG deixar.PFV-O1SG para S1SG ficar.PFV.hesitação para
 PRON N PRON SUB.INDP-PRON V-PRON SUB PRON V.HST SUB

bentu panha-m
 vento apanhar.PFV-O1SG
 N V-PRON

nau Lobu N ka ta mara-u N t-á mára nha mai ku nha pai purmeru dipo(s) N t-en mara-u Xibinhu mara-m
 purmeru mi é (b)u tiu

nau Lobu N ka ta mara-u N t-á mára nha
 não Lobo S1SG não IPFV amarrar.PFV-O2SG S1SG IPFV-ir amarrar.PFV POSS.1SG
 ADV.NEG N PRON NEG ASP V-PRON PRON ASP-VM V PRON

mai ku nha pai purmeru dipo N t-en mara-u
 mãe e POSS.1SG pai primeiro depois S1SG ASP-vir amarrar.PFV-O2SG
 N COORD.SN PRON N NUM.ORD ADV.COORD PRON VM V-PRON

Xibinhu mara-m purmeru mi é (b)u tiu
 Xibinho amarrar.IMP-O1SG primeiro T1SG ser.PFV POSS.2SG tio
 N V-PRON NUM.ORD PRON V PRON N

Xibinhu bai pega Lobu
 Xibinhu bai pega Lobu
 Xibinho ir.PFV pegar.PFV Lobo
 N V V N

po na kórda mára
 po na kórda mára
 pôr.PFV em corda amarrar.PFV
 V PREP N V

e fla Xibinhu mára rixu ki ka ta kapri ki xikré ben un munti bentu ka ta pánha

e fla Xibinhu mára rixu ki ka ta kapri ki xikré
 S3SG dizer.PFV Xibinho amarrar.IMP forte que não IPFV escapar que mesmo que
 PRON V N V ADV SUB.CC NEG ASP V SUB.CC SUB.CC

ben un munti bentu ka ta pánha
 vir.PFV um muito vento não IPFV apanhar
 V INDF ADJ.INDF N NEG ASP V

Xibinhu mara-l ben marádu

Xibinhu mara-l ben marádu
 Xibinho amarrar-O3SG bem amarrado
 N V-PRON ADV ADJ

dipos Xibinhu
 dipos Xibinhu
 depois Xibinho
 ADV N

pánha si buru bai t-á... di(s)fruta si batáta ta koba si batáta t-á ku-e ta txiga t-á guárda

pánha si buru bai t-á... di(s)fruta si batáta ta koba
 apanhar.PFV POSS.3SG burro ir.PFV IPFV-vir desfrutar.PFV POSS.3SG batata IPFV cavar
 V PRON N V ASP-VM V PRON N ASP V

si batáta t-á ku-e ta txiga t-á guárda
 POSS.3SG batata IPFV-ir com-T3SG IPFV chegar IPFV-ir guardar
 PRON N ASP-V PREP-PRON ASP V ASP-V.M V

bá un dia bá dos dia kel dia e volta e fla Xibinhu da-m un batáta

bá un dia bá dos dia kel dia e volta e fla Xibinhu
 ir.PFV um dia ir.PFV dois dia aquele dia S3SG voltar.PFV S3SG dizer.PFV Xibinho
 V INDF N V NUM N DEM.A N PRON V PRON V N

da-m un batáta
 dar.IMP-O1SG um batata
 V-PRON INDF N

Xibinhu fla-l si ku tudu kel dja-u kume

Xibinhu fla-l si ku tudu kel dja-u kume
 Xibinho falar.PFV-O3SG assim com tudo aquele já-S2SG comer.PFV
 N V-PRON ADV PREP ADV DEM.A ACT-PRON V

ke-li náda (b)u ka ten

ke-li náda (b)u ka ten
 isso aqui nada S2SG não ter.PFV
 DEM1.A-DEM2.P PRON.INDF PRON NEG V.FRT

e fika la Xibinhu koba si batáta tudu kántu k-e ká koba

e fika la Xibinhu koba si batáta tudu kántu k-e
 S3SG ficar.PFV lá Xibinho cavar.PFV POSS.3SG batata tudo quando que-S3SG
 PRON V ADV N V PRON N ADV SUB.PST SUB.PST-PRON

ká koba
 acabar.PFV cavar.PFV
 VM V

bá ko-l pa bá guárda

bá ko-l pa bá guárda
 ir.PFV com-T3SG para ir.PFV guardar
 V PREP-PRON SUB VM V

ii pása un makáku go só na kumi batáta pa riba di undi ki Lobu sta marádu

ii pása un makáku go só na kumi batáta pa riba di
 passar.PFV um macaco agora só PROG comer.PFV batata para em cima de de
 HST V INDF N ADV ADV ASP V N PREP PREP PREP

undi ki Lobu sta marádu
 onde que Lobo estar.PFV amarrado
 N.ADV REL.CC N V.FRT ADJ

dipo(s) Lobu volta fla si makáku larga-m

dipo Lobu volta fla si makáku larga-m
 depois Lobo voltar.PFV dizer.PFV assim macaco largar.IMP
 ADV.COORD N V V ADV N V

makáku fra-l si Lobu N ka ta larga-u pamodi a-bo é runhu só N larga-u bu ta nguli-m

makáku fra-l si Lobu N ka ta larga-u pamo a-bo é
 macaco dizer.PFV-O3SG assim Lobo S1SG não IPFV largar-O2SG porque T2SG ser.PFV
 N V-PRON ADV N PRON NEG ASP V-PRON COORD PRON V

runhu só N larga-u bu ta nguli-m
 mau só S1SG largar.PFV-O2SG S2SG IPFV engolir-O1SG
 ADJ ADV PRON V-PRON PRON ASP V-PRON

e fla N ka ta nguli-u nau a-mi dja N ten má(s) di seti dia morádu li ku fômi ku sedi

e fla N ka ta nguli-u nau a-mi dja N ten má(s)
 S3SG dizer.PFV S1SG não IPFV engolir-O2SG não T1SG S1SG ter.PFV mais
 PRON V PRON NEG ASP V-PRON ADV.NEG PRON ACT PRON V.FRT ADV

di seti dia morádu li ku fômi ku sedi
 de sete dia morado aqui com fome com sede
 PREP NUM N ADJ ADV PREP N PREP N

náda kumi N ka teni bu átxa ma u ta ben larga-m ma N ta nguli-u ? N ka ta nguli-u nau larga-m

náda kumi N ka teni bu átxa ma bu ta ben
 nada comer S1SG não ter.PFV S2SG achar.PFV que S2SG IPFV vir
 PRON.INDF V PRON NEG V.FRT PRON V COMPL PRON ASP VM

larga-m ma N ta nguli-u N ka ta nguli-u nau
 largar.PFV-O1SG que S1SG IPFV engolir-O2SG S1SG não IPFV engolir-O2SG não
 V-PRON COMPL PRON ASP V-PRON PRON NEG ASP V-PRON ADV.NEG

larga-m
 largar.IMP
 V

makáku bai komesa ta dismára Lobu

makáku bai komesa ta dismára Lobu
 macaco ir.PFV começar.PFV IPFV desatar Lobo
 N V V ASP V N

dismára Lobu dismára Lobu kántu ki dja sai un mo

dismára Lobu dismára Lobu kántu ki dja sai un mo
 desatar.PFV Lobo desatar.PFV Lobo quando que sair.PFV um mão
 V N V N SUB.PST SUB.PST ACT V INDF N

Lobu bota makáku mo txápu

Lobu bota makáku mo txápu

Lobo botar.PFV macaco mão
 N V N N ONOM

pega dentu mo fla si
 pega dentu mo fla si
 pegar.PFV dentro mão dizer.PFV assim
 V PREP N V ADV

i makáku fla-l si más bé Lobu
 i makáku fla-l si más bé Lobu
 macaco falar.PFV-O3SG assim mas Lobu
 HST N V-PRON ADV COORD INTJ N

a-bo pa-u fla-m pa N larga-u ma-u ten seti dia ku fomi ku sedi
 a-bo pa-u fla-m pa N larga-u ma-u ten
 T2SG para-S2SG dizer.PFV-O3SG para S1SG largar.PFV-O2SG que-S2SG ter.PFV
 PRON SUB.INDP-PRON V-PRON SUB.INDP PRON V-PRON COMPL-PRON V.FRT

seti dia ku fomi ku sedi
 sete dia com fome e sede
 NUM N PREP N COORD.SN N

ma náda (b)u ka kumi pa N larga-u pa u á (b)uska kumida pa u nguli-m ? e fla si
 ma náda (b)u ka kumi pa N larga-u pa bu
 que nada S2SG não comer.PFV para S1SG largar.PFV-O2SG para S2SG
 COMPL PRON.INDF PRON NEG V SUB.INDP PRON V-PRON SUB.INDP PRON

á (b)uska kumida pa bu nguli-m e fla si
 ir.PFV buscar.PFV comida para S2SG engolir-O1SG S3SG dizer.PFV assim
 VM V N SUB.INDP PRON V-PRON PRON V ADV

má makáku ki dia ki bu odja sántxu pegádu torna largádu ?

má makák u ki di a ki bu odja sántxu pegádu torna
 mas macaco que di a que S2SG olhar.PF V macac o pegar.PASS.PRE tornar.PF V
 COOR D N PRON.INT R N REL.C PRO N V N V VM

largádu
 largar.PASS.PRES
 V

a-bo N ta kume-u gosi li
 a-bo N ta kume-u gosi li
 T2SG S1SG IPFV comer-O2SG agora aqui
 PRON PRON ASP V-PRON ADV ADV

ku peli ku kabelu
 ku peli ku kabelu
 com pele com cabelo
 PREP N PREP N

ku orédja ku tudu
 ku orédja ku tudu
 com orelha com tudo
 PREP N PREP ADV

Xibinhu soma ...
 Xibinhu soma
 Xibinho aproximar.PFV
 N V

na un párti más pertu volta fla si
 na un párti más pertu volta fla si
 em um parte mais perto voltar.PFV dizer.PFV assim
 PREP INDF N ADV ADV V V ADV

ehee nha tiu
 ehee nha tiu
 POSS.1SG tio
 INTJ PRON N

oxi kau sta sábi
 oxi kóu sta sábi
 hoje lugar estar.PFV bom
 ADV N V.FRT ADJ

dipo(s) e fla si
 dipo e fla si
 depois S3SG dizer.PFV assim
 ADV.COORD PRON V ADV

ii ku tudu ke(i) fomi ki N teni li ke-li N ta nguli-i gosi
 ii ku tudu kel fomi ki N teni li ke-li N ta
 com tudo aquele fome que S1SG ter.PFV aqui isso aqui S1SG IPFV
 HST PREP ADV DEM.A N REL.O PRON V.FRT ADV DEM1.A-DEM2.P PRON ASP

nguli-i gosi
 engolir-O3SG agora
 V-PRON ADV

dipos Xibinhu fla-l si nha tiu
 dipos Xibinhu fla-l si nha tiu
 depois Xibinho falar.PFV-O3SG assim POSS.1SG tio
 ADV N V-PRON ADV PRON N

si bu kre sabi ma makáku é sábi

si bu kre sabi ma makáku é sábi
 si S2SG querer.PFV saber.PFV que macaco ser.PFV bom
 SUB.COND PRON V.FRT V.FRT COMPL N V ADJ

bu bota riba (b)u pega ku bóka
 bu bota riba (b)u pega ku bóka
 S2SG botar.IMP acima S2SG pegar.IMP com boca
 PRON V ADV PRON V PREP N

ta busu tudu kabelu
 ta busu tudu kabelu
 IPFV escoriar tudo cabelo
 ASP V ADV N

e pega makáku e bota makáku riba makáku bua kai la kóri bá si kaminhu
 e pega makáku e bota makáku riba makáku bua kai la
 S3SG pegar.PFV macaco S3SG botar.PFV macaco acima macaco voar.PFV cair.PFV lá
 PRON V N PRON V N ADV N V V ADV

kóri bá si kaminhu
 correr.PFV ir.PFV POSS.3SG caminho
 V V PRON N

e fla Xibinhu bo N ta mata-u gosi
 e fla Xibinhu bo N ta mata-u gosi
 S3SG dizer.PFV Xibinho T2SG S1SG IPFV matar-O2SG agora
 PRON V N PRON PRON ASP V-PRON ADV

pa de(s)di ki tenpu k-u tene-m marádu li mi ku fomi ku sedi gosi li ki Nho(r) Dê(s) dja da-m nha makáku pa N
 ben nguli

pa de(s)di ki tenpu k-u tene-m marádu li mi ku
 para desde que tempo que-S2SG ter.PFV-O1SG amarrado aqui T1SG com
 PREP PREP PRON.INTR N REL.CC-PRON V-PRON ADJ ADV PRON PREP

fomi ku sedi gosi li ki Nho(r) Dê(s) dja da-m nha makáku
 fome com sede agora aqui que Senhor Deus dar.PFV-O1SG POSS.1SG macaco
 N PREP N ADV ADV REL.CC ADJ.TRAT N ACT V-PRON PRON N

pa N ben nguli
 para S1SG vir.PFV engolir.PFV
 SUB PRON VM V

pa u (b)en pa u (b)en po-m pa N pe(r)de-i ?

pa bu (b)en pa bu (b)en po-m pa N pe(r)de-i
 para S2SG vir.PFV para S2SG vir.PFV pôr.PFV-O1SG para S1SG perder.PFV-O3SG
 SUB.INDP PRON V SUB.INDP PRON VM V-PRON SUB PRON V-PRON

N ta mata-u gosi

N ta mata-u gosi
 S1SG IPFV matar-O2SG agora
 PRON ASP V-PRON ADV

e kóri ku Xibinhu

e kóri ku Xibinhu
 S3SG correr.PFV com Xibinho
 PRON V PREP N

kóri ku Xibinhu kóri ku Xibinhu kóri ku Xibinhu Xibinhu kónba kutélu

kóri	ku	Xibinh u	kóri	ku	Xibinh u	kóri	ku	Xibinh u	Xibinh u	kónba
correr.PF V	com	Xibinh o	correr.PF V	com	Xibinh o	correr.PF V	com	Xibinh o	Xibinh o	entrar.PF V
V	PRE P	N	V	PRE P	N	V	PRE P	N	N	V

kutélu

crista de elevação de terreno

N

kontra ku un buru

kontra ku un buru
 encontrar.PFV com um burro
 V PREP INDF N

pega buru sápa buru rábu

pega buru sápa buru rábu
 pegar.PFV burro cortar.PFV burro rabo
 V N V N N

ntera na txon po pe riba d-el

ntera na txon po pe riba d-el
 enterrar.PFV em chão pôr.PFV pé em cima de de-T3SG
 V PREP N V N PREP PREP-PRON

pega ma áta puxa

pega ma áta puxa
 pegar.PFV como PROG puxar
 V SUB ASP V

pega ma áta puxa Lobu sai Xibinhu bo ke-li é kusé k-u sta n-ei ?

pega ma áta puxa Lobu sai Xibinhu bo ke-li é
 pegar.PFV como PROG puxar Lobo sair.PFV Xibinho T2SG isso aqui ser.PFV
 V SUB ASP V N V N PRON DEM1.A-DEM2.P V

kusé k-u sta n-ei

o que que-S2SG estar.PFV em-T3SG
 PRON.INTR PRON.INTR-PRON V.FRT PREP-PRON

e fla buru batáta ki N tinha li sin di ...

e fla buru batáta ki N tinha li sin di
 S3SG dizer.PFV burro batata que S1SG ter.PST aqui sim de
 PRON V N N REL.O PRON V ADV ADV PREP

pa N bá ku ei pa N bá guá(r)da pa nu kusia pa nu kumi

pa N bá ku el pa N bá guárda pa nu kusia
 para S1SG ir.PFV com OT3SG para S1SG ir.PFV guardar.PFV para S1SG cozinhar.PFV
 SUB PRON V PREP PRON SUB PRON VM V SUB PRON V

pa nu kumi

para S1SG comer.PFV
 SUB PRON V

buru dja kánba na txon ki pa má(s) N puxa ka ta sai djuda-m puxa Lobu

buru dja kánba na txon ki pa má(s) N puxa ka ta sai
 burro entrar.PFV em chão que para mais S1SG puxar.PFV não IPFV sair.PFV
 N ACT V PREP N SUB PREP ADV PRON V NEG ASP V

djuda-m puxa Lobu
 ajudar.IMP-O1SG puxar.PFV Lobo
 V-PRON V N

e fla ná kei nu ta puxa-i gosi

e fla ná kel nu ta puxa-i gosi
 S3SG dizer.PFV não aquele S1SG IPFV puxa-O13SG agora
 PRON V ADV.NEG DEM.A PRON ASP V-PRON ADV

e puxa e puxa pux... sima e ta puxa pa riba Xibinhu ta káika na txon sima e ta puxa... na fin Xibinhu tra pe Lobu

kai di kósta e fika so ku rábu na mo

e puxa e puxa sima e ta puxa pa riba Xibinhu ta
 S3SG puxar.PFV S3SG puxar.PFV quando S3SG IPFV puxar para acima Xibinho IPFV
 PRON V PRON V SUB.PST PRON ASP V PREP ADV N ASP

káika na txon sima e ta puxa... na fin Xibinh tra p Lob
 u e u
 acalca em chã quando S3SG IPF puxar.hesitaçã em fí Xibinh tirar.PF p Lob
 r o o V o V é o
 V PREP N SUB.PS PRO N ASP V.HST PREP N N V N N
 P T N

kai di kósta e fika so ku rábu na mo
 cair.PFV de costa S3SG ficar.PFV só com rabo em mão
 V PREP N PRON V ADV PREP N PREP N

dipos e volta e fla si

dipos e volta e fla si
 depois S3SG voltar.PFV S3SG dizer.PFV assim
 ADV PRON V PRON V ADV

N ka átxa árdú

N ka átxa árdú

S1SG não achar.PFV

PRON NEG V N

dja N nhemi rábu

dja N nhemi rábu

S1SG mastigar.PFV rabo

ACT PRON V N

okei

Eliane Cristina ARAÚJO VIEIRA SEMEDO

Une étude de l'intégration syntaxique des propositions dans la phrase complexe en capverdien (variété de Santiago)

[Frase complexa em cabo-verdiano (variedade de Santiago) : um estudo da integração entre cláusulas]

Résumé

Cette étude vise à analyser le degré d'intégration syntaxique des différentes propositions constituant les phrases complexes en capverdien santiagoais (République du Cap-Vert), en prenant en compte les divers facteurs linguistiques qui contribuent à cette intégration. Les données analysées dans ce travail font partie du corpus *Histoires traditionnelles du Cap-Vert* du laboratoire LLACAN (Langage, Langues et Cultures d'Afrique - UMR8135). L'échantillon sélectionnée pour cette étude est constitué de douze récits oraux traditionnels, collectés entre les années 2004 et 2015 dans douze localités distinctes de l'intérieur de l'île de Santiago et il a été traité au moyen du logiciel ELAN. A partir de l'analyse qualitative et quantitative des données, ce travail se propose d'essayer de comprendre comment s'établit le continuum d'intégration syntaxique entre les propositions en santiagoais. L'analyse des données se fonde sur les études typologiques translinguistiques de Cristofaro (2003) et d'Andrews (2007) pour la subordination, d'Haspelmath (2007) et de Mauri (1981) pour la coordination et d'Evans (2007) et de Cristofaro (2016) pour l'insubordination. Enfin, pour l'analyse du degré d'intégration des propositions, j'ai retenu les paramètres proposés par Lehmann (1988). Les résultats montrent que, en capverdien santiagoais, le continuum d'intégration s'établit comme suit : complétive > relative > adverbiale > insubordonnée > coordonnée.

Mots clés : Coordination. Corpus oral. Créole capverdien. Phrase complexe. Syntaxe. Subordination.

Abstract

The present research aims at analysing the various degrees of clause integration in complex sentences as attested in traditional Cape Verdean oral narratives, and at elucidating the linguistic factors that contribute to a lower or higher clause integration. The data analysed within the scope of this study come from the *Traditional Histories of Cape Verde* corpus administered by the research unit LLACAN (*Langage, Langues et Cultures d'Afrique* - UMR8135). The selected sample comprises twelve traditional oral narratives, collected between the years 2004 to 2015, in twelve different locations in the interior of the island of Santiago. These data were treated by means of the software ELAN, specially designed to process linguistic material. Based on a qualitative and quantitative analysis of the data, this research endeavours to answer the following key-question: How can we draw a continuum for clause integration in Santiago Cape Verdean? The data analysis is based on cross-linguistic typological studies such as Cristofaro (2003) and Andrews (2007) for subordination, Haspelmath (2007) and Mauri (1981) for coordination and Evans (2007) and Cristofaro (2016) for insubordination. For the analysis of clause integration, I have based myself on the parameters proposed by Lehmann (1988). The results show that, in Santiago Cape Verdean, the continuum of clause integration is established as follows: complement > relative > adverbial > insubordinate > coordinate.

Keywords: Coordination. Cape Verdean Creole. Complex sentence. Spoken corpus. Subordination. Syntax.